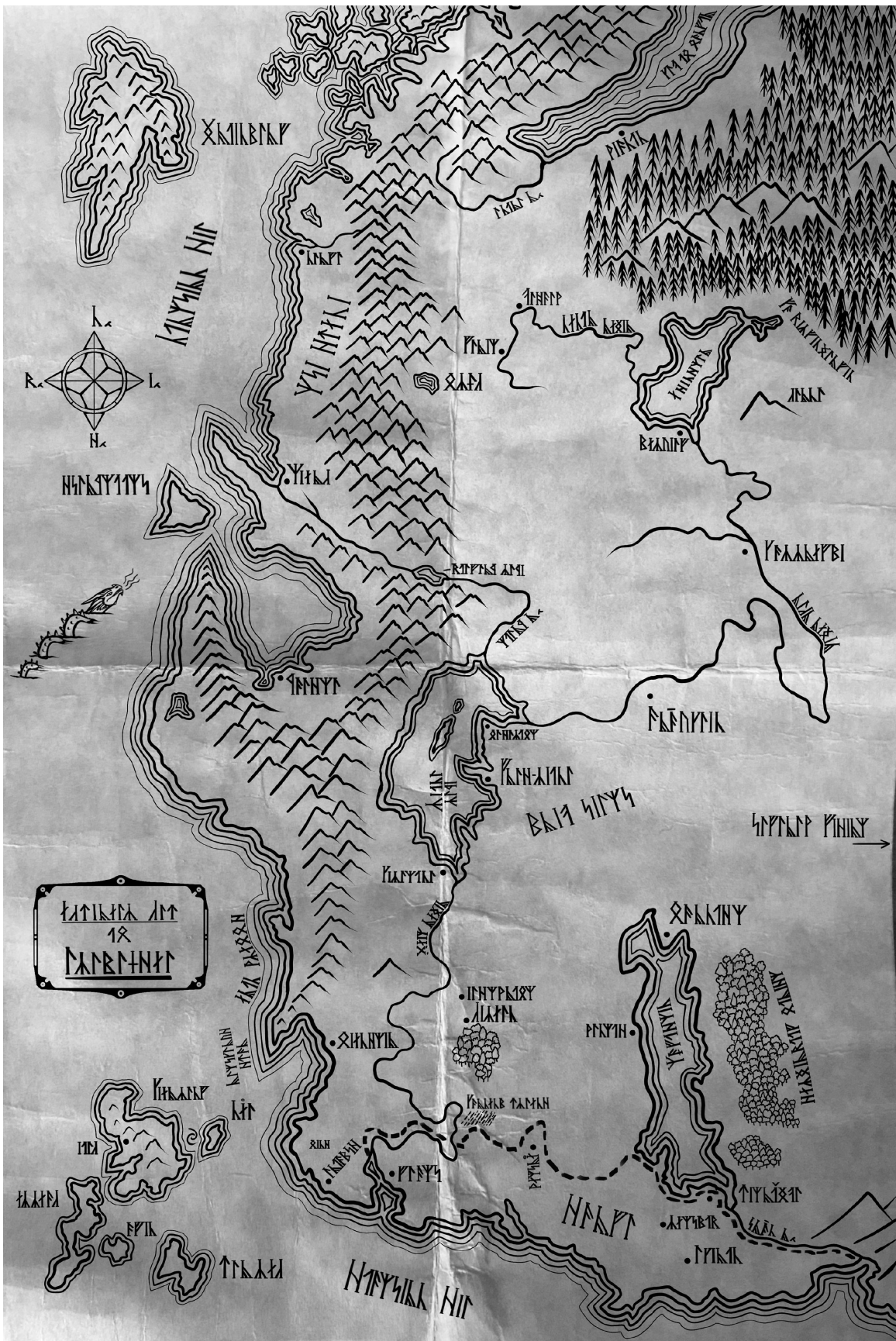


AUTOR BESTSELLER DOS LIVROS DA SAGA *ERAGON*

CHRISTOPHER
PAOLINI







MURTAGH



Um romance

Tradução de Ana Marta Ramos

CHRISTOPHER PAOLINI



Ficha Técnica

Título: Murtagh
Autor: Christopher Paolini
Editora: Rita Fazenda
Tradução: Ana Marta Santos
Revisão: Inês Guerreiro
ISBN: 9789892359540

©2023, Edições ASA II, S.A.
Uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

Texto © 2023 Christopher Paolini
Capa © 2023 John Jude Palencar

Mapas e olho do dragão © 2006, 2023 Christopher Paolini

©2023, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.leya.com

Índice

Ficha Técnica

Dedicatória

O mundo de Eragon

Premissa

PARTE I: Ceunon

Capítulo I: Maddentide

Capítulo II: O Fulsome Feast

Capítulo II: Garfo e lâmina

Capítulo IV: Conclave

Capítulo V: Voo de dragão

PARTE II: Gil'ead

Capítulo I: Território hostil

Capítulo II: Perguntas para uma gata

Capítulo II: Criaturas tumultares

Capítulo IV: Histórias de pesca

Capítulo V: Muckmaw

Capítulo VI: Trabalhar no duro

Capítulo VII: Em abono das mentiras

Capítulo VIII: Máscaras

Capítulo IX: Uniformes

Capítulo X: Lenta e furtivamente...

Capítulo XI: A porta de pedra

Capítulo XII: Caminhos para a escuridão

[Capítulo XIII: Confronto com uma gata](#)

[Capítulo XIV: Duelo de inteligências](#)

[Capítulo XV: A caixa emaranhada](#)

[Capítulo XVI Rescaldo](#)

[Capítulo XVII: Exílio](#)

PARTE III: Na Gorgoth

[Capítulo I: A aldeia](#)

[Capítulo II: Bachel](#)

[Capítulo III: A Torre de Flint](#)

[Capítulo IV: Sonhos e augúrios](#)

[Capítulo V: Recitações de Fé](#)

[Capítulo VI: A Corte dos Corvos](#)

[Capítulo VII: Presa e lâmina](#)

[Capítulo VIII: Misericórdia da Mãe](#)

[Capítulo IX: Ponto de rutura](#)

[Capítulo X: Reviravolta](#)

[Capítulo XI: Expectativa](#)

[Capítulo XII: O mau «dorme bem»](#)

[Capítulo XIII: Pesadelo](#)

[Capítulo XIV: Uvek](#)

[Capítulo XV: Obliteração](#)

[Capítulo XVI: Sonhar acordado](#)

[Capítulo XVII: Fragmentos](#)

[Capítulo XVIII: Infalível](#)

[Capítulo XIX: Escolhas](#)

[Capítulo XX: *Qazhqargla*](#)

[Capítulo XXI: Uma questão de Fé](#)

[Capítulo XXII: Fumo negro](#)

Capítulo XXIII: Fogo e vento

Capítulo XIV: Grieve

PARTE IV: Oth Orum

Capítulo I: Criaturas das trevas

Capítulo II: Liberdade da miséria

Capítulo III: Resistir

Capítulo IV: Islingr

PARTE V: Reunião

Capítulo I: Aceitação

APÊNDICE

Nomes e Línguas

Pronúncia

Glossário

A LÍNGUA ANTIGA

A LÍNGUA DRAUMAR

A LÍNGUA DOS ANÕES

URGALÊS

Runas humanas

Posfácio e Agradecimentos

Dedicatória

Este é, como sempre, para a minha família.

E também para aqueles que ficam do lado de fora, a olhar lá para dentro.



O MUNDO DE ERAGON



O mundo de Eragon

Premissa



Olhai a terra de Alagaësia, vasta e verdejante, plena de mistério. Aqui erguem-se montanhas que arranham as estrelas, florestas tão vastas quanto um oceano, e vários povos e lugares, desde intrépidos humanos a rústicos elfos e anões habitantes das profundezas. E, acima de tudo, dragões – geniais e belos, na sua longeva glória.

Durante o último século, o rei Galbatorix reinou com tirania sobre a maior parte das terras ocupadas por humanos e instilou terror nas restantes raças. Por sua ordem, os dragões foram atacados e largamente reduzidos até restarem apenas uns quantos.

Os bravos que se opuseram a Galbatorix fugiram para a região do interior, onde passaram a denominar-se Varden. Ali habitaram, sem grande esperança na vitória, até o dragão Saphira ter eclodido para Eragon.

Juntos – e sob a sábia liderança de Lady Nasuada –, marcharam contra o império de Galbatorix.

Agora o rei está morto e a guerra para destroná-lo chegou ao fim, tendo esta terra entrado num estado de renovação.

Ainda assim, agitam-se sombras nesta paz, e há murmúrios de acontecimentos estranhos nas proximidades de Alagaësia, sobre os quais um homem procura saber a verdade...

*Manter o equilíbrio em plena tempestade,
Rachar ou segurar-se ou despedaçar-se?
Uma dúvida que perturba
A mais aberta das mentes até.
Uma floresta de álamos-trémulos
Chega a ser tão alta e tão forte quanto o solitário
Carvalho. A honra exige, o dever compele,
E o amor persuade, mas o eu persevera.*

*Dilemas 14–20
Atten, o Vermelho*

CEUNON





CAPÍTULO I



Maddentide

— *Irás sozinho?*

Murtagh lançou a Thorn um olhar inquisidor. O dragão vermelho estava acorado ao lado dele no topo da montanha rochosa em que haviam aterrado. Ao crepúsculo evanescente, o cintilar das escamas do dragão atenuava-se, esbatido como pedaços de carvão num lume extinto, aguardando uma lufada de vento que lhes restituísse o brilho.

— Porquê? Tu irias comigo?

Um sorriso matreiro entreabre a mandíbula de Thorn, exibindo filas de dentes brancos e afiados, cada um tão cumprido quanto uma adaga.

— *Porque não? Eles já nos temem. Deixá-los gritar e fugir à nossa chegada.*

Os pensamentos do dragão ressoavam como um sino na mente de Murtagh. Abanou a cabeça enquanto desapertava a fivela que lhe prendia a espada, Zar'roc, à cintura.

— Tu gostarias que assim fosse, não gostarias?

A mandíbula de Thorn descaiu ainda mais, e o dragão passou a língua espinhosa pelos beiços.

— *Talvez.*

Murtagh conseguia visualizar Thorn a perseguir as presas por uma rua estreita, arranhando as laterais dos edifícios com os seus ombros blindados, partindo vigas e portadas e cornijas enquanto as pessoas fugiam à sua frente. Murtagh sabia como isso acabaria, com fogo e sangue e um círculo vazio de destruição.

— Acho que é melhor esperares aqui.

Thorn agitou as suas asas aveludadas e tossiu nas profundezas da garganta. — A sua forma de rir.

– *Então talvez devesse recorrer à magia para mudar a cor das minhas escamas, e podíamos fingir que éramos o Eragon e a Saphira. Não achas que seria um exercício divertido?*

Murtagh fungou enquanto pousava a Zar'roc numa leira de erva seca. Ficara surpreendido ao descobrir que Thorn tinha um sentido de humor mordaz. Não fora uma coisa imediatamente evidente no momento do seu vínculo, em parte devido à juventude de Thorn, em parte por causa de... circunstâncias concomitantes.

Por instantes, a disposição de Murtagh ensombrou-se.

– *Não? Pronto, se mudares de ideias...*

– Serás o primeiro a saber.

– *Hmm.* – Com a ponta do focinho, Thorn empurrou a espada. – *Quem me dera que levasses a tua presa. A tua garra. O teu fardo afiado.*

Murtagh sabia que Thorn estava nervoso. Ficava sempre nervoso quando Murtagh se ausentava, nem que fosse por pouco tempo.

– Não te preocupes. Fico bem.

Uma baforada de fumo pálido ergueu-se das narinas abertas do dragão.

– *Eu não confio naquele cobarde com boca de tubarão.*

– Eu não confio em ninguém. A não ser em ti.

– *E nela.*

Murtagh sentiu uma momentânea quebra de forças enquanto se dirigia a um dos alforges que pendiam de Thorn. Diante de si, relampejou uma imagem dos olhos amendoados de Nasuada. Das maçãs do rosto. Dos dentes. Partes e pedaços incapazes de compor o todo. A memória do aroma dela, acompanhada de desejo e mágoa, da dolorosa falta do que poderia ter sido e agora se perdera.

– Sim.

Não conseguiria mentir a Thorn, mesmo se o quisesse. Estavam demasiado vinculados um ao outro para tal.

O dragão teve a gentileza de conduzir a conversa de volta a terreno mais seguro.

– *Achas que Sarros terá farejado algo que mereça interesse?*

– Seria melhor que não.

Murtagh desaterrou um novelo de cordel castanho do alforge.

– *Mas se tiver? Voamos na direção da tempestade ou afastamo-nos dela?*

Um fino sorriso alongou os lábios de Murtagh.

– Depende da violência da tempestade.

– *Pode não ser evidente. O vento pode mentir.*

Murtagh mediu uma porção de cordel.

– Nesse caso, continuaremos a farejar até se tornar evidente.

– *Humm. Desde que possamos mudar de rumo, caso tal seja necessário.*

– Assim se espera.

Um dos olhos de Thorn, o mais próximo – um rubi encovado que cintila com uma tenaz luz interior –, permaneceu fixo em Murtagh enquanto este cortava o cordel e o usava para atar a guarda da Zar’roc ao cinto da bainha, de forma que a espada carmesim não pudesse escorregar livremente. Depois colocou a Zar’roc no alforge, onde ficaria segura e escondida, e voltou para a frente de Thorn.

– Regressarei antes da madrugada.

O dragão pestanejou e acocorou-se muito baixinho, como se se preparasse para receber um golpe. Amassou a terra com as suas garras curvas, como um grande gato a arranhar um tapete, fazendo saltar e estalar pedras entre os gadanhos com força explosiva. Do seu peito emanava um gemido baixo, quase um queixume.

Murtagh pousou uma mão na testa enrugada de Thorn e esforçou-se por lhe transmitir uma sensação de calma e confiança. Na paisagem mental profunda de Thorn ecoavam acordes sombrios de perturbação.

– Fico bem.

– *Se precisares de mim...*

– Irás ter comigo, eu sei.

Thorn curvou o pescoço, e as suas garras aquietaram-se. Murtagh sentiu uma forte resolução, ainda que frágil, vinda da mente do dragão.

Compreendiam-se um ao outro.

– Tem cautela. Mantém-te atento a quem te possa querer apanhar de surpresa.

Do centro do peito de Thorn emanou outro gemido vibrado desde os ossos.

Então, Murtagh pôs na cabeça o capuz do manto e começou a descer a encosta, escolhendo o caminho por entre pontas de pedras solitárias e arbustos espinhosos.

Olhou uma vez para trás e viu Thorn ainda acorado no topo da colina, vigiando-o com os olhos semicerrados.



Um homem com um dragão nunca está verdadeiramente sozinho.

Nisto pensava Murtagh enquanto seguia a boa velocidade em direção a oeste, a passo largo e descontraído. Independentemente de quantas léguas o separassem de Thorn, parte deles permaneceria sempre ligada. Podiam não conseguir ouvir os pensamentos um do outro – pelo menos a grandes distâncias – nem sentir as emoções um do outro, mas, ainda assim, o seu vínculo mantinha-se. Ligava-os um tipo de magia dos mais antigos, e não se libertariam daquele laço até à morte de um deles.

No entanto, não era apenas a magia que os vinculava. As experiências que Murtagh e Thorn tinham partilhado – as privações, os ataques mentais, a tortura – haviam sido tão intensas, de natureza tão única, que Murtagh não acreditava poder haver mais alguém capaz de compreender inteiramente o que eles tinham sofrido.

Havia nisso uma certa dose de conforto. Onde quer que fosse, e fizesse o que fizesse, Thorn estaria sempre ali para o apoiar. Melhor ainda, Thorn compreenderia. Desaprovaria ocasionalmente, talvez, mas, mesmo então, fá-lo-ia com empatia e compaixão. E o mesmo no sentido contrário, de si para com Thorn.

Havia também nisso uma sensação de confinamento. Nunca poderiam estar realmente sozinhos e afastados enquanto indivíduos. Mas Murtagh não se importava. Estava bem farto da solidão.

O terreno sob os seus pés inclinava-se no sentido descendente até que, após várias milhas, chegava à Baía de Fundor. Aí, à beira da água, situava-se a cidade de Ceunon: um aglomerado de edifícios de paredes toscas, ensombrecido, à exceção de ocasionais lamparinas ou velas – como pedras preciosas incrustadas na noite invasora. Ao longo dos molhes de pedra flutuavam filas de barcos de pesca com as velas recolhidas e, a par destes, três barcos de grande porte, com mastros altos e cascos amplos, embarcações capazes de sobreviver à passagem do extremo norte da península que separava a baía do mar aberto.

Do outro lado da baía erguiam-se as montanhas da Espinha, com o seu perfil acidentado e escarpado a espreitar por trás de uma cortina de nevoeiro obscurocedor, e a água salgada de permeio aparentava ser profunda, fria e hostil.

Havia nuvens cinzentas e baixas tanto sobre a terra como sobre a baía, e uma quietude abafada atenuava o som dos passos de Murtagh.

Um toque frio na sua mão obrigou-o a olhar para cima.

Espessos flocos de neve descendiam à deriva: a primeira neve do ano. Murtagh abriu a boca e apanhou um floco com a língua; derreteu-se como uma recordação agradável, fugaz e incorpórea.

Mesmo nesta localização tão a norte, era pouco razoável nevar tão cedo. A Maddentide ocorrera há dois dias, e isso marcava a primeira leva de berganões, os peixes prateados de escamas rijas que invadiam a baía todos os outonos. Os cardumes eram tão numerosos e densos que quase se podia caminhar sobre eles, e Murtagh ouvira dizer que, no pico da época, os peixes se atiravam para os conveses dos barcos, enlouquecidos pela intensidade da sua vontade de desovar.

Ele sentia que havia nisso uma lição a aprender.

A neve não costumava surgir senão um mês ou dois após a Maddentide. Esta chegada tão adiantada significava que se aproximava um inverno amargo e brutal.

Ainda assim, a lenta queda dos flocos agradava a Murtagh, e ele agradecia o arrefecimento do ar. Era a temperatura ideal para caminhar, correr ou lutar.

Havia poucas coisas piores que lutar pela vida num calor de fazer perder os sentidos.

A pulsação de Murtagh acelerou, e ele atirou o capuz para trás e começou a trotar com ligeireza, sentindo necessidade de avançar mais depressa.

Manteve um ritmo regular ao alcançar a planície em torno de Ceunon, passando riachos e vegetação rasteira, saltando cercas de pedra e atravessando campos de cevada e centeio prontos a colher. Ninguém assinalou a sua passagem, à exceção de um cão ao portão de uma quinta, que lhe lançou um uivo mecânico.

Igualmente para ti, pensou Murtagh.

A sua ligação a Thorn ia diminuindo à medida que ele corria, mas nunca desapareceu. As milhas não eram suficientes para desfazer o seu vínculo. Coisa que reconfortava Murtagh. Sentia-se tão nervoso quanto Thorn quando estavam afastados, embora procurasse esconder esse sentimento para não piorar a preocupação do dragão.

Murtagh teria preferido aterrar mais perto de Ceunon. Se precisasse de ajuda, cada segundo faria diferença. No entanto, o risco de alguém detetar Thorn era demasiado elevado. Era melhor preservar a distância e evitar um potencial confronto com as forças locais.

Murtagh rodou o pescoço. Andar a pé – os pulmões cheios de ar limpo e fresco, a pulsação a um ritmo rápido e sustentável – sabia-lhe bem depois de ter passado a maior parte do dia a montar Thorn. Doíam-lhe ligeiramente os joelhos e as ancas; não tinha as pernas arqueadas como tantos dos membros da cavalaria do exército de Galbatorix, mas, se continuasse a passar a maior parte do seu tempo no dorso de Thorn, ainda lhe poderia acontecer. Seria isso uma parte inevitável de ser Cavaleiro do Dragão?

Um sorriso enviesado animou-lhe a boca.

A ideia de afamados Cavaleiros do Dragão – especialmente os elfos – a caminhar com pernas tão curvadas quanto as de um lanceiro veterano de vinte anos de idade era divertida. Mas duvidava que tal tivesse ocorrido. O mais provável seria os Cavaleiros conhecerem uma forma de compensar o efeito de estar sobre a sela e, de qualquer forma, assim que um dragão atingia determinado tamanho, tornava-se impossível montá-lo como um cavalo. Shruikan – o dragão preto de Galbatorix, grande como uma montanha – fora um desses casos. Em vez de uma sela, o rei havia instalado uma espécie de pequena tenda na corcova dos enormes ombros de Shruikan.

Murtagh estremeceu e parou junto de uma árvore danificada por um relâmpago. Um arrepio percorreu-lhe subitamente os braços e as pernas.

Inspirou profundamente uma vez. E outra. Galbatorix tinha morrido. Shruikan tinha morrido. Já não tinham qualquer poder sobre ele nem sobre todas as outras pessoas ainda vivas.

– Estamos livres – murmurou.

Sentiu chegar-lhe de Thorn uma espécie de calor reconfortante, como um abraço distante.

Voltou a pôr o capuz sobre a cabeça e prosseguiu.



Quando Murtagh chegou à estrada costeira a sul de Ceunon, fez uma pausa atrás de uma sebe próxima e espreitou por cima desta. Para seu alívio, a estrada estava vazia.

Atravessou a sede e apressou-se a seguir para norte, em direção à vasta porção encovada da cidade. A fraca luz que havia penetrado as nuvens quase desaparecera, e ele queria estar em Ceunon antes que caísse a escuridão plena.

A estrada já bastante desgastada estava sulcada por profundos rastos de carroças, e os montículos de dejetos de vaca obrigavam-no a mudar de lado frequentemente. A neve amontoava-se no chão numa camada fina e macia que lhe recordava a renda decorativa que as senhoras usariam em importantes eventos na corte.

Abrandou ao aproximar-se da muralha exterior de Ceunon. As fortificações eram robustas e bem construídas, embora não tão altas como as de Teirm ou Dras-Leona. Os blocos de pedra preta de superfície tosca estavam aglomerados sem qualquer brecha entre eles, e a muralha tinha um talude adequadamente inclinado ao fundo, algo em que apagar reparou com aprovação.

Não que isso interessasse quando se defrontava um dragão ou um cavaleiro.

Havia dois sentinelas apoiados nas suas lanças, um de cada lado do portão sul de Ceunon. Murtagh olhou de relance para as ameias e os balestreiros mais acima. Não havia arqueiros posicionados no caminho de ronda. *Que desleixo.*

Os sentinelas endireitaram-se assim que ele se aproximou, e Murtagh abriu o manto para mostrar que vinha desarmado.

Ouviu-se um *clinc* quando os sentinelas cruzaram as suas lanças.

– Quem vem lá? – perguntou o homem à esquerda. O seu rosto lembrava uma couve de inverno, com um gordo nariz coberto por uma teia de derrames e um hematoma amarelado sob o olho direito.

– Apenas um viajante da Maddentide – disse Murtagh num tom amigável. – Venho comprar berganões fumados para o meu senhor.

O homem à direita olhou-o de cima a baixo com desconfiança. Parecia ser primo de Nariz Gordo.

– Isso dizes tu. De onde provéns, viajante? E que nome usarás?

– Tornac, filho de Tereth, e provenho de Ilirea.

A referência à capital acrescentou alguma rigidez às costas dos sentinelas. Entreolharam-se, e depois Nariz Gordo atirou uma cuspidela para o chão. A expetoração derreteu um bocadinho de neve.

– Isso é uma distância danada a pé sem bagagem nem cavalo por uns quantos arráteis de peixe.

– Seria, sim – concordou Murtagh –, mas o meu cavalo partiu uma perna ontem à noite. Enfiou-a num buraco de texugo, coitado.

– E deixaste lá a tua sela? – perguntou o homem da direita.

Murtagh encolheu os ombros.

– O meu senhor paga bem, mas não me paga para alombar com uma sela e sacos ao longo de meia Alagaësia, não sei se estão a perceber.

Os sentinelas sorriram, e Nariz Gordo disse:

– Sim, percebemos. Tens alojamento tratado? Moeda para uma cama?

– Moeda que chegue.

Nariz Gordo acenou com a cabeça.

– Muito bem. Não queremos cá desconhecidos a dormir nas nossas ruas. Se te apanharmos a usá-las para isso, corremos contigo. Se te encontrarmos a arranjar sarilhos, vais daqui para fora. Da meia-noite à quarta vigília, os portões estão fechados, e não são abertos para ninguém que não a rainha Nasuada em pessoa.

– Parece-me razoável – disse Murtagh.

Nariz Gordo resmoneou, e os sentinelas afastaram as suas lanças. Murtagh acenou-lhes respeitosamente com a cabeça e passou entre eles para entrar na cidade.



Murtagh coçava o queixo à medida que mergulhava em Ceunon.

Deixara crescer a barba no início do ano para ajudar a ocultar a sua identidade. Acreditava estar a resultar; até agora ninguém o abordara. No entanto, a barba fazia-lhe comichão, e ele não estava disposto a deixá-la crescer o suficiente para que os pelos ficassem mais moles e moldáveis. A falta de higiene incomodava-o.

Aparar a barba com a sua adaga revelara-se pouco prático e sentia-se relutante quanto a recorrer à magia, uma vez que moldar a barba com nada mais que uma palavra e um resultado imaginado era uma perspectiva incerta. Além disso, não confiava num feitiço para lhe remover os pelos, mas não a pele, e encontrava algum prazer de artesão em tratar da tarefa com as suas próprias mãos.

Havia comprado um par de tesouras de mola em ferro a um lateiro dos arredores de Narda. Funcionavam suficientemente bem, desde que ele as mantivesse afiadas, bem oleadas e livres de ferrugem. Ainda assim, considerava que a manutenção da barba dava quase tanto trabalho como fazer a barba regularmente.

Talvez se livrasse dela após deixar Ceunon.

A rua principal era constituída por uma faixa enlameada com o dobro da largura da estrada a sul. Os edifícios eram estruturas em formato ogival compostas por vigas de madeira intercaladas com tábuas sobrepostas. As vigas estavam cobertas de alcatrão negro, que as protegia do sal da baía, e muitas delas encontravam-se decoradas com entalhes de serpentes marinhas, pássaros e Svartlings. No cimo de cada telhado íngreme, construído com ripas, pousava um dolente cata-vento, e o ponto mais alto da maioria das casas encontrava-se adornado com uma cabeça de dragão talhada na madeira.

Murtagh obrigou-se a parar de se coçar.

Seria capaz de recitar toda a história da cidade, desde a sua fundação até ao presente. Sabia que aquela talha era ao estilo comumente chamado *kysk*, que fora inventado por algum artesão anónimo há mais de um século. Que a pedra preta das muralhas exteriores vinha de uma pedreira a menos de duas dúzias de milhas para nordeste. E que a boa gente de Ceunon tinha um medo profundo da floresta dos elfos, Du Weldenwarden, e dedicava-se escrupulosamente a evitar que as filas de árvores coníferas de agulhas negras invadissem os seus campos. Sabia tudo isso e muito mais.

Mas com que propósito? Recebera a melhor educação possível, e mais ainda. No entanto, a sua vida era agora feita de duras viagens, nas quais um ouvido apurado e rapidez de mãos significavam mais do que qualquer aprendizagem académica. Além disso, compreender o que *era* e o que se devia *fazer* eram duas coisas muito diferentes. Vira isso em Galbatorix. O

rei sabia mais do que a maioria – mais ainda do que alguns dos mais idosos elfos ou dragões –, mas, no final, o seu conhecimento não lhe trouxera qualquer sabedoria.

Havia poucas pessoas na rua. Já era tarde, e os dias seguintes à Maddentide eram plenos de festejos. A maior parte dos cidadãos encontrava-se dentro de portas, a celebrar mais uma pesca bem-sucedida de berganões.

Um trio de trabalhadores passou por ele a cambalear, tresandando a cerveja barata e entranhas de peixe. Murtagh manteve a sua rota, e eles contornaram-no. Assim que dobraram a esquina, a via principal caiu de novo no silêncio, e ele não voltou a ver ninguém até atravessar a praça do mercado da cidade e dois velozes mercadores saírem da porta de um armazém, discutindo vociferantemente. Uma figura baixa, de barba, seguiu-os até a praça, e a sua voz era a que bramava mais alto de todas.

Um anão! Murtagh baixou a cabeça. Desde a morte de Galbatorix e a queda do Império, há um ano, os anões haviam-se tornado cada vez mais frequentes em terras ocupadas por humanos. Eram, na sua maioria, vendedores, negociando pedras, metais e armas, mas ele também vira anões a trabalhar como guardas armados (apesar da sua pequenez, não se devia subestimar o seu valor em batalha). Murtagh não podia deixar de se perguntar quantos deles estariam a servir de olhos e ouvidos para o seu rei, Orik, sentado no seu trono de granito na cidade-montanha de Tronjheim.

A contraluz, o anão parecia estar a olhar para Murtagh, e este cambaleou ligeiramente – mais um bêbedo da Maddentide a caminho de casa.

O engodo resultou, e o anão voltou a sua atenção de novo para os mercadores desavindos.

Murtagh apressou-se. A proliferação de anões havia tornado as viagens ainda mais difíceis para ele e para Thorn. Murtagh não tinha nada contra os anões enquanto raça ou cultura – na verdade, gostava bastante de Orik, e os feitos arquitetónicos daquele povo eram assombrosos. No entanto, eles nutriam por ele um profundo e duradouro ódio, por ter matado o rei Hrothgar, o antecessor de Orik... e seu tio, também.

E os anões eram conhecidos pela tenacidade com que se agarravam aos seus ressentimentos. Longevos como eram, as suas rixas de sangue duravam mais ainda.

Poderia ele alguma vez compensar Orik, o seu clã, e os anões como um todo? Sendo possível, Murtagh teria ainda de pensar nos meios para o fazer.

Infelizmente, a sua situação com os anões não era única. Os elfos mantinham uma animosidade semelhante em relação a si e a Thorn, por causa do papel que eles haviam desempenhado na morte de Oromis e Glaedr. Murtagh não era capaz de os recrutar por isso. Oromis e Glaedr haviam sido os últimos cavaleiro e dragão sobreviventes desde antes da subida de Galbatorix ao poder, e os elfos consideravam-nos com uma reverência quase religiosa. O facto de ele e Thorn terem operado como instrumentos involuntários de Galbatorix nessa altura, controlados pela vontade impiedosa do rei, não alterava a realidade de terem sido eles a desferir os golpes fatais.

Murtagh não acreditava que os elfos andassem ativamente em busca de vingança, mas não gostaria de lhes ir parar às garras, a não ser que a sua atual rainha, Arya, estivesse por perto. E, mesmo assim, a perspectiva parecia angustiante.

O comum humano também não os apreciava lá muito, uma vez que era crença generalizada que eles haviam traído os Varden junto de Galbatorix durante a guerra. Os traidores granjeavam apenas desprezo de ambos os lados num conflito, e com razão – o próprio Murtagh não tinha qualquer simpatia por incumpridores de promessas com línguas de serpente, como o seu próprio pai –, mas isso não se tornava mais fácil ser falsamente rotulado como um deles.

Não há porto seguro para nós, pensou Murtagh. Um sorriso tenso, desprovido de humor, formou-se-lhe nos lábios. Assim fora durante toda a sua vida. Por que razão havia agora de ser diferente?

O fedor a peixe, algas e sal intensificou-se à medida que avançava paralelamente aos molhes e para lá das filas de cavaletes de secagem de peixe dispostos na lateral da rua.

Olhou para cima. Ainda faltavam três ou quatro horas para a meia-noite. Tempo suficiente para concluir o seu assunto e deixar Ceunon. Após tanto tempo passado ao ar livre, nas extensões selvagens da terra, a proximidade de edifícios parecia-lhe desconfortavelmente constrangedora. Nisso, estava a tornar-se cada vez mais como Thorn.

À sua frente ouvia-se música e vozes, e ele viu o estabelecimento que era o seu destino: o Fulsome Feast. O edifício baixo, de vigas escuras, tinha janelas de cristal instaladas na sua parede dianteira – um luxo raro nesta parte do mundo –, e espalhavam-se pétalas de luz amarela pelas pedras que pavimentavam a rua: um amigável convite para entrar, descansar, e divertir-se.

Sarros escolhera aquele lugar para o seu próximo encontro, e só por causa disso Murtagh já estava alerta. Ainda assim, o Fulsome Feast parecia suficientemente inócuo; apenas mais um estabelecimento desleixado, gerido com esforço, entre tantos outros. Tirando as janelas de cristal, poderia situar-se em qualquer vila ou aldeia costeira. No entanto, Murtagh aprendera há muito tempo que raramente se deve confiar nas aparências.

Preparou-se para seguir aquele ruído e empurrou a porta.

CAPÍTULO II



O Fulsome Feast

A estalagem estava quente, tinha uma atmosfera caseira e apresentava-se asseada e bem cuidada. Esteiras de juncos acabados de cortar cobriam o chão; as mesas estavam limpas, e os barris, garrafas e canecas atrás do bar polido encontravam-se dispostos em filas ordenadas. Um lume crepitante aquecia a ampla sala vindo de uma lareira de pedra preta sem fuligem, e, junto ao lume, estava um homem de barbicha e extravagantes mangas de duplo balão a dedilhar um alaúde.

O que quer que ele cantasse era difícil de perceber por entre o clamor das conversas na sala lotada. A Maddentide terminara, e a gente de Ceunon estava feliz por isso.

O estalajadeiro era um homem de baixa estatura e cabelo a escassear, com um avental sujo e a testa transpirada, que se afadigava de mesa em mesa, servindo bebidas e pratos de arenque fumado. Não berganões fumados, reparou Murtagh.

Já devem ter comido disso que chegue para um ano, pensou ele.

Sacudiu um resto de neve do seu manto e dirigiu-se à única mesa vazia junto à lareira. Assim que se sentou, o estalajadeiro apressou-se a chegar até ele e disse:

– Sigling Orefsson ao seu dispor, senhor...

– Tornac, filho de Tereth.

Sigling limpou as mãos ao avental.

– Uma honra, pois com certeza. E que lhe posso trazer?

– Qualquer coisa quente da sua cozinha. Tenho o estômago colado às costas. – Murtagh não perderia uma oportunidade de uma refeição quente, quando não era *ele* a ter de cozinhá-la.

– E p’ra beber?

– Uma caneca de cerveja. Não muito forte, se não se importar. – E depositou três moedas de cobre na mão do estalajadeiro.

Sigling já se encaminhava para as traseiras.

– Não tardará mais que duas sacudidelas da cauda de um cordeiro, senhor Tornac.

Senhor Tornac. Ouvir dizerem-lhe o nome tinha sempre um certo efeito sobre Murtagh. Esperava que o seu velho instrutor de esgrima não tivesse nada contra o facto de ele usar o seu nome, estando de momento tão manchada a reputação de Murtagh. Apenas tencionava honrar a memória de Tornac, tal como quando dera esse nome ao seu garanhão após a morte de Tornac durante a fuga deles de Urû’baen...

Olhou à sua volta ao redor da sala. Os estivadores, pescadores e outra gente de Ceunon formavam uma turba ruidosa. Muitos deles, pais ausentes acabados de regressar de uma semana embarcados no mar para celebrar a abundância da Maddentide. Pareciam amigáveis quanto baste. Todavia, Murtagh já tratara de descortinar o caminho mais curto para as entradas da frente e da retaguarda.

Não custa estar preparado.

Sarros não havia meio de aparecer, mas Murtagh não estava muito preocupado. Fora o comerciante a decidir o dia do seu encontro, e Murtagh sabia que Sarros mais depressa cortaria a própria mão do que perderia uma oportunidade de ganhar mais moeda de Murtagh.

Dois trabalhadores – pedreiros, a avaliar pelos aventais de couro e pelos robustos braços manchados com massa de alvenaria – esbarraram contra as cadeiras que se encontravam no lado oposto da mesa de Murtagh. Puxaram as cadeiras para fora, e ele disse:

– Lamento, mas estou à espera de um amigo.

E sorriu de uma forma que esperava que fosse inofensiva.

Um dos pedreiros parecia disposto a discutir, enquanto o outro dava mostras de ter visto algo no rosto de Murtagh de que não gostara. Puxou o braço do amigo.

– ‘Bora lá, Herk. Deixa-me pagar-te uma cerveja no bar.

– Ah, ‘tá bem. Certo. Larga-me.

Mas o amigo continuou a puxar-lhe o braço até o homem o seguir em direção ao bar.

Murtagh relaxou ligeiramente. Não tinha mesmo vontade nenhuma de se envolver numa rixa sem importância.

Então, um nome destacou-se do zunzum geral do estabelecimento:

– ... Eragon...

Murtagh ficou tenso e girou no seu assento à procura da fonte da palavra. Ali estava ela. O trovador de barbicha a dedilhar o seu alaúde. Ao início era difícil discernir a letra da sua canção, mas Murtagh observou os lábios do homem e concentrou-se. Pouco a pouco começou a compreendê-la.

E o trovador cantava:

... para a temida Urû'baen.

*Alegrai-vos! Alegrai-vos! O tão afamado Cavaleiro do Dragão voou
para combater,*

Para libertar a nossa terra do perigo e do medo.

Então, o poderoso Eragon defrontou o rei em sangrenta conquista,

Em grandioso e terrível duelo.

E com uma lâmina flamejante e luzes ofuscantes,

Chacinou tal tirano horrendo, tal praga longeva,

Galbatorix, a cruz de tanto dragões quanto Cavaleiros.

Murtagh cerrou os lábios e sentiu vontade de atirar uma bota ao homem. Não só eram aqueles versos mal escritos e mal cantados – bardo algum ousaria cantar tão desafinado na corte, com receio de ser açoitado –, como também estavam *errados*.

– Ele teria perdido, se não fosse eu – murmurou Murtagh, pensando em Eragon.

Ainda assim, exceto os presentes na sala do trono de Galbatorix no final, ninguém sabia e ninguém queria saber. Ele e Thorn haviam deixado a capital logo após a morte do rei, preferindo ambos afastar-se da civilização a ter de lidar com a hostilidade de um povo ignorante.

Fora a escolha certa. Murtagh ainda acreditava nisso. Mas significara que haviam perdido a oportunidade de se defenderem no tribunal da opinião pública. E se Eragon ou Nasuada ou Arya o tinham defendido, e a Thorn, explicando o papel que eles haviam desempenhado na morte de Galbatorix e Shruikan, o relato disso ainda não lhe chegara. Isso caía-lhe mal. Talvez

fosse preciso mais algum tempo para a verdade se espalhar entre a plebe. Ou talvez Eragon, Nasuada e Arya se sentissem satisfeitos por deixar que o mundo pensasse o pior dele, para o usarem como um conveniente bode expiatório, um monstro nas trevas, em que as pessoas focassem os seus receios, deixando-os aos três livres para governar como bem entendessem.

Essa ideia dava-lhe um nó no estômago.

Fosse como fosse, no entendimento da maioria das pessoas, Eragon era o maior herói que alguma vez vivera, e ninguém se podia atravessar no seu caminho.

Murtagh bufou baixinho. *Essa agora*. Mas não havia como combater uma canção ou uma história assim que se tornavam populares. Tantas vezes a verdade cedeu àquilo que parecia certo. Pelo menos, o trovador não se dera ao trabalho de descrever o suposto triunfo de Eragon sobre Murtagh e Thorn. Nesse caso, Murtagh acreditava que lhe atiraria mesmo a bota.

– Ora aqui tem, Senhor Tornac! – proclamou Sigling ao deslizar o prato e a caneca para baixo do nariz dele. – Qualquer coisa mais, grite por mim qu’eu volto num instantinho!

Antes de Murtagh lhe conseguir agradecer, já o estalajadeiro se apressara a ir atender outra mesa.

Murtagh pegou no garfo de ferro forjado pousado ao lado do prato e começou a comer. Carneiro e nabos assados com meio pão de centeio escuro a acompanhar. Comida humilde, mas sabia melhor do que qualquer coisa cozinhada por ele nos últimos três meses. E embora, tal como pedira, a cerveja fosse pouco mais forte que água, também isso estava bem assim. Queria manter-se alerta em Ceunon.

Enquanto comia, balouçava o prato sobre um joelho, recostando-se na cadeira e esticando as pernas como faria caso estivesse frente a uma fogueira, ao ar livre.

Era-lhe estranho estar ao pé de tanta gente. Habituar-se a estar a sós com Thorn durante o último ano. Ao som do vento e aos chamamentos dos pássaros. A caçar a sua comida e a ser também presa. A conversa com os sentinelas e com Sigling – e até com os pedreiros – parecera-lhe como se estivesse a tentar tocar um instrumento mal afinado.

Ensopou o molho do carneiro com um pedaço de pão de centeio e atirou-o para a boca.

A porta da estalagem abriu-se, e entrou, apressada, uma rapariga franzina de cabelo escuro. Estava muito bem penteada, com duas tranças enroladas, trazia um vestido bordado com motivos coloridos e parecia ter estado a chorar.

Murtagh observou a rapariga atravessar a enorme sala, leve como uma pena. Esgueirou-se para dentro do bar, e Sigling disse-lhe qualquer coisa. Ao vê-los um ao lado do outro, Murtagh percebeu uma semelhança familiar. A rapariga tinha a boca e o queixo do estalajadeiro.

A rapariga voltou a surgir do lado de cá do bar, transportando um prato carregado de pão, queijo e uma maçã. Ergueu o prato acima da cabeça e, com uma destreza bem treinada, serpenteou por entre as mesas cheias até chegar à frente da grandiosa lareira de pedra. Sem pedir, deixou-se cair sobre a cadeira à frente de Murtagh, na mesa dele.

Murtagh abriu a boca e voltou a fechá-la.

A rapariga não teria mais de dez anos e podia até ter apenas seis (nunca fora bom a calcular as idades das crianças).

Arrancou um pedaço do fundo do pão e mastigou-o com ferocidade determinada. Murtagh observava-a, curioso. Havia anos que não convivía com crianças, e deu por si inesperadamente fascinado. *Começamos todos assim, pensou. Tão novos, tão puros. Quando é que a coisa deu para o torto?*

A rapariga parecia estar prestes a chorar de novo. Deu uma dentada na maçã e emitiu um som de frustração quando o pedúnculo ficou preso na abertura entre os seus dentes da frente.

– Pareces aborrecida – disse Murtagh num tom suave.

A rapariga franziu o sobrolho. Arrancou o pedúnculo e arremessou-o para o lume.

– É tudo culpa da Hjordis! – Tinha o mesmo sotaque nortenho arreigado que o pai.

Murtagh lançou um olhar em seu redor. Ainda não via Sarros, por isso decidiu que era seguro conversar um pouco. Mas com cautela. As palavras podiam ser tão traiçoeiras quanto uma armadilha para ursos.

– Oh? – Pousou o garfo e girou sobre a cadeira para olhar melhor para ela. – E quem é essa Hjordis?

– É filha de Jarek. Ele é o pedreiro principal do conde – disse a rapariga, amuada.

Murtagh perguntou-se se o conde seria ainda Lorde Tarrant ou se os elfos teriam colocado outra pessoa no seu lugar quando haviam capturado a cidade. Conhecera Tarrant na corte há alguns anos: um homem alto e reservado que raramente proferia mais do que poucas palavras de cada vez. O conde parecera-lhe decente, mas qualquer pessoa caída nas boas graças de Galbatorix durante anos teria gelo no coração e sangue nas mãos.

– Compreendo. Isso torna-a importante?

A rapariga abanou a cabeça.

– Fá-la *achar* que é importante.

– Então, que fez ela para te aborrecer?

– Tudo!

A rapariga deu uma trincadela selvagem na maçã e mastigou com força e rapidez. Murtagh viu-a a estremecer ao morder o interior da bochecha. Um véu de lágrimas encheu-lhe os olhos, e ela engoliu.

Murtagh bebeu um gole de cerveja.

– Muito interessante. – Sacudiu um salpico de espuma do seu bigode. – Ora bem, essa história é algo que te apeteça contar? Talvez falar sobre isso te faça sentir melhor.

A rapariga olhou para ele com desconfiança nos seus olhos azul-pálidos. Por instantes, Murtagh pensou que ela se ia levantar e ir embora. Mas então:

– O papá não queria que eu te incomodasse.

– Eu tenho algum tempo livre. Estou só à espera de um certo associado meu que, infelizmente, tem tendência para se atrasar. Se desejares partilhar o teu infortúnio, então, por obséquio, considera-me o teu público devoto.

Ao falar, Murtagh a deu por si a recorrer a linguagem e fraseado que usaria na corte. Aquela formalidade parecia-lhe mais segura, e, além disso, divertia-o falar com a rapariga como se ela fosse uma nobre dama.

A rapariga levantou os pés das pernas da cadeira e balançou-os.

– Bem... Eu gostava de te contar, mas é impossível, a menos que sejamos amigos.

– Ai é? E como poderemos nós tornar-nos amigos?

– Tu ainda não me disseste como te chamas! Tonto!

Murtagh sorriu.

– É claro. Que tolíce a minha. Nesse caso, chamo-me Tornac. – E estendeu-lhe a mão.

– Essie, filha-de-Sigling.

A mão e os dedos dela pareceram-lhe espantosamente macios e pequenos contra os dele, quando deram um aperto de mãos. Murtagh sentiu necessidade de ser gentil, como se tocasse numa flor delicada.

– Muito prazer em conhecer-te, Essie. Ora então, o que te apoquenta?

Essie olhava fixamente para a maçã parcialmente comida que tinha na mão. Deu um suspiro e pousou-a de volta no prato.

– É tudo culpa da Hjordis.

– Assim o disseste.

– Ela é sempre má pr’a mim e deixa sempre que os amigos dela gozem comigo.

Murtagh adotou uma expressão solene.

– Isso não é nada bom.

A rapariga abanou a cabeça, os seus olhos brilhantes da afronta.

– Não! Quer dizer... Às vezes eles gozam comigo de qualquer maneira, mas, hum, a Hjordis... Quando ela está lá, as coisas pioram muito.

– Foi isso que aconteceu hoje?

– Sim. Mais ou menos.

Partiu um pedaço de queijo e mordiscou-o, parecendo perdida nos seus pensamentos. Murtagh aguardou pacientemente. Decidira que, tal como com os cavalos, a gentileza o levaria muito mais longe do que a força.

Finalmente, em voz baixa, Essie disse:

– Antes da colheita, a Hjordis começou a ser mais simpática comigo. Pensei... pensei que talvez as coisas fossem melhorar. Ela até me convidou p’ra ir a casa dela. – Lançou-lhe um olhar de relance, envergonhada. – É mesmo ao lado do castelo.

– Impressionante.

Murtagh começava a compreender. Os comerciantes mais ricos aconchegavam-se sempre junto aos nobres, como carraças em cães. A inveja era um traço humano universal (e as outras raças também não lhe eram imunes).

Essie anuiu com a cabeça.

– Ela deu-me uma das suas fitas, uma amarela, e disse qu’eu podia ir à festa dela da Maddentide.

– E foste?

Outro aceno com a cabeça.

– Foi... foi hoje.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas, e a rapariga pestanejava furiosamente.

Preocupado, Murtagh retirou um lenço muito gasto do interior do colete. Ele podia andar a viver como um animal em terra selvagem, mas ainda tinha *alguns* pergaminhos.

– Toma.

A rapariga hesitou. Mas depois as lágrimas transbordaram-lhe pelas faces abaixo, e ela agarrou no lenço e limpou os olhos.

– Obrigada, meu senhor.

Murtagh permitiu-se exibir mais um pequeno sorriso.

– Há muito tempo que ninguém me chamava *meu senhor*, mas não tens de quê. Presumo que a festa não correu bem?

Essie franziu o sobrolho e empurrou o lenço na direção dele, embora ainda parecesse estar à beira de chorar.

– A festa foi boa. O problema foi a Hjordis. Ela ficou má outra vez, depois, e... e... – Respirou fundo, como se procurasse coragem para continuar. – ... e disse que se eu não fizesse o que ela queria, ela dizia ao pai dela para não usar a nossa estalagem durante a celebração do solstício. – Espreitou para Murtagh, como se confirmasse se ele a estava a acompanhar. – Todos os pedreiros vêm aqui beber e... – deu um soluço – eles bebem muito, ou seja, gastam montes e montes de cobres.

A história dela trouxe a Murtagh memórias desconfortáveis dos maus-tratos que ele próprio sofrera às mãos de crianças mais velhas, nos seus anos de formação na corte de Galbatorix. Antes de ter aprendido a ser cauteloso, antes de Tornac lhe ter ensinado a proteger-se.

De semblante sério, pousou o prato na mesa e inclinou-se na direção de Essie.

– Que queria ela que fizesses?

Essie baixou o olhar e balançou os seus sapatos enlameados contra a cadeira. Quando voltou a falar, as palavras saíram-lhe aos tropeções, como uma multidão em debandada.

– Queria que eu empurrasse o Carth para a tina de água de um cavalo.

– O Carth é teu amigo?

A rapariga anuiu com a cabeça, tristíssima.

– Vive nas docas. O pai dele é pescador.

Murtagh sentiu um súbito e intenso desagrado em relação a Hjordis. Conhecera bastantes como ela na corte: pessoas horríveis, mesquinhas, dedicadas a melhorar a sua posição e a tornar infernal a vida de todos aqueles que ficavam abaixo delas.

– Então ele não seria convidado para uma festa como essa.

– Não, mas a Hjordis mandou a aia dela levá-lo lá casa e... – Essie fitava-o com uma expressão intensa no rosto. – Eu não tive hipótese! Se não o tivesse empurrado, depois ela ia dizer ao pai dela pr’a não vir ao Fulsome Feast.

– Compreendo – disse Murtagh, obrigando-se a utilizar um tom apaziguador, apesar da sua crescente sensação de ira e injustiça. Tratava-se de uma irritação que lhe era familiar. – Então, empurraste o teu amigo. Conseguieste pedir-lhe desculpa?

– Não – disse Essie, e o seu rosto enrugou-se. – Eu... fugi. Mas toda a gente viu. Ele não vai querer ser mais meu amigo. Ninguém vai. A Hjordis só quis m’enganar, e eu *odeio-a*. – Agarrou na maçã e deu mais uma dentada rápida. Os seus dentes de cima chocaram com os de baixo.

Murtagh começou a responder, mas Sigling aproximou-se, a caminho de entregar duas canecas a uma mesa junto à parede. Lançou a Essie um olhar reprovador.

– A minha filha não ‘tá a ser um empecilho ou ‘tá, senhor Tornac? Ela tem esta mania de incomodar os hóspedes quando eles ‘tão a tentar comer.

– De forma alguma – disse Murtagh a sorrir. – Andei na estrada durante demasiado tempo, sem ter mais companhia que o sol e a lua. Um pouco de conversa é exatamente aquilo de que preciso. Aliás... – levou a mão à bolsa sob o cinto e deu ao estalajadeiro duas moedas de prata. – Talvez possa garantir que as mesas próximas desta se mantenham vazias. Estou à espera de um associado meu, e temos alguns, hem, negócios a discutir.

As moedas desapareceram dentro do avental de Sigling, e este acenou com a cabeça.

– Com certeza, senhor Tornac.

Voltou a olhar de relance para Essie, com uma expressão preocupada, e depois prosseguiu.

Por seu lado, a rapariga parecia algo desconcertada.

– Ora bem – disse Murtagh, esticando as pernas em direção ao lume –, estavas a contar-me o teu infortúnio, Essie-filha-de-Sliging. Está completo o relato?

– Está, sim – disse ela em voz baixa.

Murtagh pegou no garfo que estava pousado no prato e começou a rodopiá-lo entre os dedos. A rapariga observava, como que em transe.

– As coisas não podem estar tão mal como pensas. Estou certo de que, se explicares ao teu amigo...

– Não – disse ela, firme. – Ele não vai perceber. Não vai voltar a confiar em mim. Vão odiar-me *pru* causa disto.

A voz de Murtagh afiou-se.

– Então, talvez não sejam verdadeiramente teus amigos.

A rapariga abanou a cabeça, e as tranças balouçaram.

– São, sim! Tu não percebes! – E levou o punho cerrado até ao braço da cadeira num pequeno gesto de impaciência. – O Carth é... Ele é mesmo simpático. Toda a gente gosta dele, e agora ninguém vai gostar de mim. Tu não sabes. Tu és todo crescido e... e velho.

Murtagh ergueu as sobrancelhas.

– És capaz de te surpreender com o que eu sei. Então, eles vão deixar de gostar de ti. Que vais tu fazer acerca disso?

– Vou fugir – deixou escapar a rapariga. Assim que percebeu o que tinha dito, lançou-lhe um olhar de pânico. – Não digas ao papá, por favor!

Murtagh bebeu outro gole de cerveja e cofiou a barba enquanto os pensamentos se lhe aceleravam. A conversa fora de divertida a tremendamente séria. Se ele dissesse a coisa errada, poderia levar Essie a deslizar por um caminho do qual se arrependeria – e ele sabia que *ele próprio* se arrependeria se não tentasse convencê-la a regressar ao caminho certo.

Tem cautela, agora, pensou.

– E para onde irias?

– Para sul – disse Essie com firmeza. Era evidente que já pensara no assunto. – Onde está calor. Amanhã parte uma caravana. O capataz vem aqui. É simpático. Posso sair sem ninguém perceber e ir com eles até Gil’ead.

Murtagh dedilha nos dentes do garfo.

– E depois?

A rapariga endireitou-se na cadeira.

– Quero visitar as montanhas Beor e ver os anões! Foram eles que fizeram as nossas janelas. Não são bonitas? – Apontou.

– São mesmo.

– Já alguma vez visitaste as montanhas Beor?

– Já, sim – disse Murtagh. – Uma vez, há muito tempo.

Essie olhou para ele com renovado interesse.

– A sério? São tão altas como toda a gente diz?

– Tão altas que os picos nem se conseguem ver.

Ela recostou-se na cadeira, inclinando a cabeça para trás, como se imaginasse a vista.

– Que maravilha.

Murtagh deixou escapar uma fungadela.

– Se excluirés seres atingida por flechas, então, sim... Tens noção, Essie-filha-de-Sliging, que fugir não vai resolver os problemas que tens aqui.

– Claro que não. – *Tonto*, dizia o rosto dela. – Mas, se eu me for embora, a Hjordis já não me poderá fazer mal.

A convicção absoluta espelhada no tom de voz dela fez Murtagh rir-se. Ocultou o seu divertimento bebendo longamente da caneca. Quando chegou ao fim, havia já recuperado a compostura.

– Ou, e isto é apenas uma sugestão, podias tentar resolver o problema em vez de fugir.

– Não pode ser resolvido – disse ela, teimosa.

– Então e os teus pais? Tenho a certeza de que sentiriam terrivelmente a tua falta. Queres mesmo fazê-los sofrer assim?

Essie cruzou os braços.

– Eles têm o meu irmão e a minha irmã. E o Olfa. Ele só tem dois anos.

– Fez beicinho. – Não sentiriam a minha falta.

– Duvido muitíssimo disso – disse Murtagh. – Além do mais, pensa no que fizeste com a Hjordis. Ajudaste a proteger o Fulsome Feast. Se os teus pais soubessem do sacrifício que fizeste, tenho a certeza de que ficariam muito orgulhosos.

– Nã – disse Essie. Não parecia convencida. – Não havia problema nenhum se não foss’eu. *Eu* é que sou o problema. Se eu me for embora, fica tudo bem. – E pegou no carço da maçã, atirando-o para a lareira.

Um remoinho de faúlhas subiu pela chaminé, e o assobio de água a ferver sobrepôs-se ao estalar dos toros.

A manga da rapariga subiu-lhe pelo braço, e Murtagh viu-lhe no pulso esquerdo uma cicatriz torcida, saliente e espessa como uma corda. Voltou a cobrir os dentes com os lábios e, num tom de voz excessivamente casual, perguntou:

– O que é isso?

– O quê? – retorquiu ela.

– Isso aí, no teu braço.

Essie olhou para baixo, e o rosto e as orelhas cobriram-se-lhe de rubor.

– Nada – balbuciou, puxando a manga para baixo.

– Posso? – perguntou Murtagh tão gentilmente quando conseguia e estendeu uma mão.

A rapariga hesitou, mas, por fim, anuiu com a cabeça, tímida, e deixou-o pegar-lhe no braço.

Virou a cabeça para o outro lado enquanto ele lhe afastava cuidadosamente o punho da camisa do pulso. A cicatriz rastejava-lhe pelo braço acima até ao cotovelo num longo e irado testemunho de dor. Tal visão acendeu um fogo frio nas veias de Murtagh, e ele sentiu uma guinada solidária na sua própria marca furiosa, nas suas costas.

Baixou a manga de Essie.

– Isto é... uma cicatriz muito impressionante. Devias estar orgulhosa.

Ela voltou a olhar para ele, com um olhar confundido.

– O quê? É feia, odeio-a.

Um sorriso ténue ergueu-se nos lábios de Murtagh.

– É que uma cicatriz significa que sobreviveste. Significa que és rija e difícil de matar. Significa teres *vivido*. Uma cicatriz é algo para admirar.

– Estás enganado – disse Essie. Apontou para um jarro com jacintos pintados pousado na cornija. Uma racha percorria-o desde a abertura à base.

– Só quer dizer que estamos partidos.

– Ah – disse Murtagh num tom suave. – Mas, por vezes, se trabalhares muito, podes consertar uma coisa partida de modo a ficar ainda mais forte do que era antes.

A rapariga cruzou os braços, enfiando a mão esquerda sob a axila.

– A Hjordis e os outros gozam sempre comigo *pru* causa disto – balbuciou. – Dizem que o meu braço é tão vermelho como um pargo e que nunca arranjarei um marido por causa dele.

– E que dizem os teus pais?

Essie fez uma careta.

– Que não importa. Mas não é verdade, pois não?

Murtagh inclinou a cabeça.

– Não. Creio que não é. No entanto, os teus pais estão a fazer o seu melhor para te proteger.

– Pois, mas não conseguem – disse e bufou.

Não, provavelmente não conseguem, pensou Murtagh, com a disposição a ensombrecer ainda mais.

A rapariga relanceou-o e pareceu encolher-se na cadeira.

– Tu tens alguma cicatriz? – perguntou, doce, insegura.

Um riso desprovido de humor escapou-se-lhe.

– Oh, sim. – Apontou para a pequena marca branca que tinha no queixo: um intervalo na sua farta barba. – Esta tem apenas alguns meses. Foi um amigo que ma fez acidentalmente enquanto brincávamos, o grande desajeitado.

A ponta de uma escama da pata esquerda dianteira de Thorn apanhara-lhe o queixo, rasgando a pele. Não fora um ferimento grave, mas doera muito e sangrara mais ainda.

Então, perguntou:

– Que aconteceu ao teu braço?

Essie pinçava com os dedos a berma da mesa.

– Foi um acidente – balbuciou. – Caiu-me um jarro de água quente em cima dele.

Os olhos de Murtagh semicerraram-se.

– *Caiu* em cima de ti, sem mais nem menos?

A rapariga confirmou com um aceno da cabeça.

– Hummm.

Murtagh fitou o lume, as fagulhas saltitantes e as brasas latejantes. Não acreditava na rapariga. Os acidentes eram relativamente frequentes, mas o comportamento dela indiciava algo pior.

Apertou os lábios, cerrou os dentes. Uma pulsação de alerta desceu pela raiz do molar de baixo, do lado direito. Era capaz de tolerar várias injustiças, mas uma mãe ou um pai fazerem mal a um filho não constava entre elas.

Olhou de soslaio para o bar. Talvez fosse preciso ter uma conversa com Sigling, instilar no homem o medo de um Cavaleiro do Dragão.

Essie mexeu-se na cadeira.

– De onde és?

– De muito, muito longe daqui.

– Para sul?

– Sim, para sul.

Baloçou de novo os pés contra a cadeira.

– Como é o sul?

Murtagh inspirou lentamente e inclinou a cabeça para trás, para olhar para o teto. Ainda lhe ardia um fogo nas veias.

– Depende de onde fores. Há lugares quentes e lugares frios, e sítios onde o vento nunca deixa de soprar. Florestas que parecem não ter fim. Grutas que se prolongam para as zonas mais profundas da terra e planícies repletas de imensas manadas de veados-vermelhos.

– Há lá monstros?

– Claro. – Voltou o olhar na direção dela. Há sempre monstros. Alguns deles até parecem seres humanos... Também eu fugi de casa, sabes.

– Fugiste?

Murtagh anuiu com a cabeça.

– Era mais velho do que tu, mas sim. Fugi, mas não consegui escapar àquilo de que fugia... Escuta-me, Essie. Sei que pensas que ir embora tornará tudo melhor, mas...

– Aqui estás tu, Tornac da Estrada – diz uma voz maliciosa e viperina que Murtagh reconheceu de imediato. *Sarros*.

O comerciante avançou por entre as mesas próximas. Magro e corcunda, trazia um manto remendado pendurado nos ombros e, por baixo, roupas esfarrapadas. Nos seus dedos brilhavam anéis. Cheirava a pelo molhado, e havia uma certa esquizez felina no seu andar.

Murtagh conteve um impropério. Entre tantos momentos para o homem aparecer...

– Sarros. Tenho estado à tua espera.

– As planícies orientais andam perigosas – disse Sarros. Puxou a cadeira vazia de baixo da mesa, arrastou-a até ficar exatamente entre Essie e Murtagh e sentou-se em frente a ambos.

A rapariga deslizou no assento para se afastar, desconfiada.

Murtagh deu uma olhadela em redor da sala. Avistou seis homens que haviam entrado enquanto ele estivera desatento. Eram sujeitos de aspeto rude, mas não como os pescadores locais; usavam peles e couro e tinham as capas enroladas de uma determinada forma sobre os troncos, o que indicava a Murtagh que ocultavam espadas presas nos cintos.

Os guardas de Sarros. Murtagh estava descontente por ter perdido o controlo do que o rodeava ao conversar com Essie. Sabia bem que não o devia fazer. Uma desatenção era uma boa maneira de acabar morto ou preso.

Junto ao bar, Sigling mantinha os recém-chegados debaixo de olho atento. O estalajadeiro pegou numa moca de madeira embrulhada em couro e pousou-a ao lado do pano da louça, como um aviso mudo.

Murtagh, apesar de ter reservas em relação ao carácter de Sigling, aprovava a sua cautela. O homem não era tolo, isso era certo.

Devolveu a atenção a Sarros quando o comerciante apontou o seu longo dedo a Essie.

– Temos negócios que discutir. Manda a cria embora.

Não, não me parece, decidiu Murtagh. Ainda não acabara de falar com a rapariga. Fosse como fosse, mantê-la por perto poderia civilizar Sarros. O homem era, no mínimo, inculto e, no máximo, abertamente ofensivo.

– Não tenho nada a esconder – disse. – Ela pode ficar. – Olhou para Essie. – Se estiveres interessada. Ficando, poderás aprender algo útil sobre o mundo.

Essie encolheu-se mais ainda na cadeira, mas não se foi embora.

Ouviu-se um longo silvo libertado entre os dentes de Sarros, enquanto este abanava a cabeça.

– Insensato, Errante. Com queiras. Não te contradirei, mesmo que dêes um passo em falso.

Murtagh endureceu o olhar.

– Pois não. Diz-me, o que descobriste? Já passaram três meses, e...

Sarros agitou a mão no ar.

– Sim, sim. Três meses. Eu disse-te: as planícies orientais são perigosas. Mas ouvi falar do que procuras. Mais do que ouvir falar, encontrei *isto*...

Retirou da bolsa de couro presa ao cinto um pedaço de *algo* preto, do tamanho de um punho, que pousou na mesa com um som retumbante.

Murtagh inclinou-se para a frente, assim como Essie.

Aquele algo era um pedaço de pedra, mas com um brilho profundo, como se tivesse enterrado lá dentro um carvão em brasa. Agarrado à pedra, um cheiro sulfuroso, tão pungente quanto um ovo podre.

Essie farejou e enrugou o nariz.

No peito de Murtagh formou-se uma espiral de tensão. Tinha esperança de estar errado. Desejava que os murmúrios e avisos não significassem nada... *Cautela com as profundezas, e não caminha onde o chão se torna negro e quebradiço e o ar cheira a enxofre, pois nesses lugares se esconde o mal*. Tal lhe dissera o longevo dragão Umaroth antes de ele e Thorn terem partido para o seu exílio autoimposto.

Murtagh rezara para que Umaroth estivesse equivocado, para que não houvesse nenhum perigo novo a crescer nas regiões desocupadas da terra.

Devia saber que não se questiona a sabedoria de um dragão tão velho como Umaroth.

Sem desviar o olhar da pedra, disse:

– O que é isto, exatamente?

Sarros encolheu os ombros.

– Tudo o que tenho são suspeitas de sombras, mas tu procuravas o invulgar, o deslocado, e isso aí não encaixa no quadro da normalidade.

– Havia mais ou...

Sarros anuiu com a cabeça.

– Assim me foi dito. Um campo inteiro coberto de pedras.

A mola em espiral apertou-se ainda mais no peito de Murtagh.

– Pretas e queimadas?

– Como que tostadas pelo fogo, mas sem sinal de chama ou fumo.

Essie perguntou:

– De onde vem a pedra?

Sarros sorriu, e a rapariga recuou, acanhada. Tal como era frequente entre os nómadas das planícies centrais de Alagaësia, os dentes de Sarros haviam sido limados de modo a ficarem pontiagudos.

Para Murtagh, aquela visão era desagradavelmente evocadora de outro homem, ainda menos agradável, com dentes semelhantes... *Durza*.

– Pois então – disse Sarros. – Esse é o cerne da questão, criazinha. É, sim, senhora.

Murtagh estendeu a mão para a pedra, e Sarros deixou cair outra sobre o calhau brilhante, enjaulando-o detrás dos dedos.

– Não – disse. – Moeda primeiro, Errante.

Murtagh puxou de uma pequena bolsa de couro do bolso interior do manto, a contragosto. A bolsa tilintou quando a pousou na mesa.

O sorriso pontiagudo de Sarros rasgou-se. Alargou os cordões da bolsa, fazendo ver o brilho de moedas de ouro lá dentro. Essie inspirou bruscamente. Murtagh duvidava de que ela alguma vez tivesse visto uma coroa inteira.

– Metade agora, disse. – E o resto quando me disseres onde encontraste isso. – Tocou na pedra com a ponta do dedo.

Sarros emitiu um som estranho, como que se engasgasse. Riso. Então, disse:

– Oh, não, Errante. Não mesmo. Acho que, em vez disso, devias dar-me o resto da moeda que aí tens, e talvez então te permita manter a cabeça sobre os ombros.

Ao longo da sala, os homens cobertos de peles enfiaram as mãos sob os mantos, e Murtagh viu os cabos de espadas meio escondidas.

Não ficou surpreendido, mas *ficou* desiludido. Estaria Sarros, de facto, a quebrar o acordo que haviam firmado por nada mais que ganância?

Que banal.

Essie detetou as espadas e ficou hirta. *Raios*. Antes de Murtagh conseguir intervir, a rapariga abriu a boca e estava prestes a dizer ou fazer algo bem alto quando Sarros sacou de uma faca de lâmina afiada e lha encostou ao pescoço.

– Aha! – disse. – Nem um pio, criazinha, ou abro-te o gargalo de fio a pavio.

CAPÍTULO III



Garfo e lâmina

A mola sob pressão no interior do peito de Murtagh parecia-lhe prestes a estoirar. Naquele instante, deixou de considerar Sarros uma pessoa. Ao invés disso, o homem tornou-se uma *coisa*, um *problema* a resolver, depressa e sem hesitar.

Essie ficou petrificada ao sentir o toque da faca do comerciante. Era a atitude mais inteligente a adotar.

Um laivo de preocupação distante chegou a Murtagh, vindo de Thorn, que se preparava para levantar voo e acorrer em seu auxílio. Murtagh respondeu-lhe com um ríspido *Não! Não venhas!* A última coisa de que precisava era que o dragão irrompesse por Ceunon adentro.

Dando o seu melhor para ocultar as emoções, Murtagh disse:

– Porquê esta reviravolta, Sarros? Estou a pagar-te um bom dinheiro.

– Sssim. É essa a questão. – Sarros inclinou-se para mais perto, com os lábios bem abertos. O seu hálito cheirava a carne podre. – Se estás disposto a pagar-me assim tanto por sugestões e rumores, então deves ter mais moeda que juízo. *Muito* mais moeda.

Estúpido, pensou Murtagh. Devia ter percebido que alardear tanto ouro poderia causar problemas. Um erro que não voltaria a cometer.

Em boa verdade, já gastara quase a totalidade da moeda que trouxera consigo quando ele e Thorn haviam fugido para o ermo. Fora ganancioso de informação, e agora essa gula estava a custar-lhe mais do que dinheiro.

Resmoneou uma única e pesada imprecação e depois disse:

– Tu não queres esta luta. Diz-me a localização, leva o ouro que te é devido e ninguém tem de se magoar.

– Que luta? – Sarros cacarejou de riso. – Não trazes espada. Nós somos sete, e tu és um. A moeda é nossa, quer tu queiras quer não. – O aço dentou ligeiramente o pescoço de Essie, e a rapariga retesou-se. – Vês? Facilito-te a

decisão, Errante. Passa para cá o resto do teu ouro, ou aqui a criazinha pagará com sangue.

Essie mantinha os olhos fixos em Murtagh. Ele sentia o medo desesperado dela e sabia que ela aguardava – esperançosa – pela sua ajuda. Parecia-lhe tão imensamente jovem, tão imensamente vulnerável, que cresceu nele uma afinidade assoberbante.

A determinação deu-lhe força.

Sorriu ligeiramente. Esperara ele visitar Ceunon sem acabar metido em algum tipo de sarilho? *Pronto*. Que assim fosse.

Então, Murtagh reuniu as suas reservas mentais, focou a vontade e despejou a sua arreigada intenção numa única sequência de palavras retiradas da língua antiga – a língua da verdade e do poder e da magia.

– *Thrífa sem knífr un huílds sem konr*.

O ar entre os dois homens pareceu estremecer. Apenas isso, nada mais.

Murtagh pestanejou, apanhado de surpresa. O feitiço falhara. Teria o comerciante feitiços de proteção? E fortes, pois o poder daquele feitiço teria perpassado qualquer sortilégio menor. Aquele desenvolvimento era inédito e inteiramente indesejado.

Sarros voltou a gargalhar.

– Insensato. Muito insensato. – Com a mão que tinha livre, puxou um amuleto em forma de caveira de pássaro para fora do justilho. – Vês isto, Errante? A feiticeira Bachel encantou um colar para cada um de nós. As tuas esquisitices não te ajudarão. Estamos protegidos contra todo o mal.

– Ah, estão? – disse Murtagh, absolutamente imóvel. O comerciante acabara de passar de um empecilho a um perigo genuíno. A moderação já não era uma opção desejável, se pretendia ganhar, e Murtagh há muito decidira estar disposto aos extremos mais radicais para evitar perder – de novo.

Então, proferiu a Palavra, e que palavra. Soava como um sino, e esse som continha todos os possíveis significados, pois tratava-se da palavra mais poderosa de todas: o nome da língua antiga. O Nome dos Nomes. O mais secreto de todos os feitiços, que só ele, Eragon e Arya conheciam. Com ele, conseguiria quebrar ou alterar qualquer feitiço. Com ele, conseguiria alterar o próprio significado da linguagem.

Imbuiu a palavra de três intenções: o desejo de remover as proteções de Sarros, a vontade de apreender e conservar a faca do homem e, por último, uma ordem para proibir as pessoas que tinham ouvido a Palavra de se recordarem dela.

Seguiu-se um silêncio profundo. Cada uma das pessoas naquela sala olhava para ele, muitos dos hóspedes com uma expressão aturdida, como se tivessem acabado de despertar de um sonho.

Essie fitava-o, de olhos esbugalhados, parecendo ter esquecido o medo.

Para espanto de Murtagh, Sarros não aparentava estar minimamente afetado. A preocupação gelou-o por dentro. A única forma de desafiar o Nome dos Nomes era com magia, sem a condução segura das palavras da língua antiga. Tratava-se da magia mais arriscada e indomável. Até o mais dotado dos feiticeiros hesitaria em tentar usá-la.

Murtagh subestimara Sarros e todos aqueles com quem o homem se relacionava. A situação tornara-se perigosamente imprevisível. E Murtagh não gostava de imprevisibilidade.

– Essie! – gritou Sigling, reparando, finalmente, no apuro da filha. Agarrou na moca e irrompeu do bar com mais vivacidade do que Murtagh julgara ser possível no estalajadeiro careca. – Larga-a já!

Antes de Sigling poder dar mais do que um passo, dois dos rufias cobertos de peles atacaram-no e atiraram-no ao chão. Ouviu-se um baque quando um deles atingiu a cabeça de Sigling com o punho de uma espada.

O homem gemeu e largou a moca.

Mais ninguém ousou mexer-se.

Já chega disto, pensou Murtagh.

– Papá! – gritou Essie, e estremeceu sob a faca de Sarros.

O comerciante voltou a rir, agora ainda mais alto.

– Os teus truques não te ajudarão, Errante. Não há encantamento mais forte que os de Bachel, nem magia tão profunda.

– Talvez tenhas razão. – A voz de Murtagh estava calma como um lago sem vento. Pegou no garfo e rodopiou-o entre os dedos. – Pois então. Parece que não tenho escolha.

– Nenhuma – disse Sarros, convencido.

Uma mulher robusta, de faces rosadas, com o cabelo preso num coque, mostrou-se à entrada da cozinha, limpando as mãos à saia.

– Mas o que vem a ser este... – começou a dizer, mas então viu Sarros de faca em punho e Sigling caído no chão, e o seu rosto empalideceu.

– Não levantes problemas, senão o teu homem acaba furado – disse um dos homens cobertos de peles, apontando a espada a Sigling.

Enquanto estavam todos distraídos com a esposa de Sigling, Murtagh falou sem voz, dizendo, «*Halfa utan thornessa fra jierada*». Uma ondulação vítrea, como que flamejante, percorreu o garfo de uma ponta à outra.

Os olhos de Essie abriram-se mais ainda, mas a rapariga não teve qualquer outra reação.

Sarros deu uma palmada na mesa.

– Chega de tagarelice. A moeda, já.

Murtagh inclinou ligeiramente a cabeça e voltou a levar a mão – esquerda – ao interior do manto. Manteve-se descontraído o máximo que pôde, até ao último instante.

Num único movimento, atirou o manto pelo ar enquanto atacava com o garfo. Apanhou a faca de Sarros entre os dentes do talher e usou o garfo para lançar a faca para o lado de lá da mesa.

Ting! A faca embateu na parede.

Sarros pestanejou e petrificou assim que Murtagh lhe encostou as pontas do garfo à papada carnuda. O homem com dentes de tubarão engoliu em seco, e uma camada lustrosa de suor brotou-lhe do rosto, mas mantinha a mão junto ao pescoço da rapariga, com os dedos bem abertos, como se lhe fosse arrancar a garganta.

– Por outro lado – disse Murtagh, saboreando a inversão –, nada no teu amuleto me impede de usar magia noutra coisa qualquer. Como este garfo, por exemplo. – Pressionou ainda mais os dentes contra a carne de Sarros. – Achas mesmo que preciso de uma espada para te derrotar, meu saco de imundície pustulenta?

Sarros ciciou. Depois empurrou Essie para o colo de Murtagh e atirou-se para trás, derrubando a cadeira.

Murtagh pôs-se em pé num salto, deixando cair a rapariga ao chão. Essie afastou-se dali, atabalhoadamente, de gatas, por baixo das mesas.

Os seis homens cobertos de peles desembainharam as espadas, e a ampla sala transformou-se num mar de corpos convulsos à medida que os pescadores, os trabalhadores e outros hóspedes se apressavam a tentar fugir

pela porta dianteira. O tocador de alaúde tropeçou e caiu, ouvindo-se gritos e estrondos e canecas a partirem-se.

Murtagh despiu o manto para se poder movimentar livremente. Desejou ter consigo a Zar'roc ou mesmo uma faca de caça para se defender. Mas não, fora demasiado confiante, achara-se demasiado esperto. Só lhe restava o garfo.

Os degoladores tentaram encurralá-lo contra a lareira, mas ele não esteve pelos ajustes. Deslizou entre as mesas, dando uma volta para obter um ângulo favorável.

Sarros retirara-se para um canto e gritava:

– Cortem-no ao meio! Matem-no! Rasguem-lhe a barriga e espalhem-lhe as entranhas!

Tratarei de ti pessoalmente, pensou Murtagh.

No fundo do salão, a rapariga conseguiu chegar à mãe. A mulher puxou Essie para trás das saias e agarrou numa cadeira, que segurou à frente de ambas como escudo.

O rufia mais próximo de Murtagh atacou-o, bramindo a sua espada. *Idiota trapalhão*. Murtagh esquivou-se com a ajuda do garfo e depois conseguiu baixar-lhe a guarda e enterrou-lhe o garfo no peito.

Os dentes perfuravam ossos e músculos tão eficazmente quanto Murtagh desejava. O homem lançou-se sobre ele, em convulsões, e soçobrou com um arfar húmido, engasgado em sangue, assim que o seu coração parou.

Uma onda crescente de fúria receosa emanou de Thorn, e Murtagh sentiu a determinação subida do dragão em juntar-se-lhe.

– *QUIETO!* – bramiu mentalmente antes de escudar os seus pensamentos contra possíveis intrusões.

Thorn cedeu, mas por pouco.

Avançaram mais três das espadas contratadas de Sarros. Os três homens rompiam e estocavam com as suas espadas, sem sequer esperarem pela vez uns dos outros.

Murtagh agarrou numa cadeira e, com uma só mão, esmagou-a contra o homem à sua esquerda. Usava o garfo, em simultâneo, para defletir os ataques dos outros dois brutamontes. Igualou cada um dos seus golpes, esgrimindo com facilidade enquanto eles procuravam quebrar-lhe a guarda. Nenhum deles era bem treinado; conseguia percebê-lo.

Os homens tinham, com as suas espadas, a vantagem de um maior alcance, mas Murtagh desviou-se das lâminas e alcançou a proximidade de que precisava para atacar. Mais depressa do que os olhos conseguiam captar, esfaqueou-os com o garfo: um, dois, três, quatro impactos fortes que atiraram os homens ao chão, onde ficaram em silêncio ou a gemer.

Murtagh sentia o sangue a esquentar, e um véu de suor cobria-lhe a testa, com a visão a emoldurar-se de carmesim. Mas a respiração mantinha-se regular. Ainda estava controlado, apesar da euforia de triunfo violento que fluía através dele.

Do outro lado da sala, Sigling segurou-se ao bar e içou-se até ficar de pé. Recuperara a moca, não que Murtagh achasse que aquele pau embrulhado em couro servisse de muito contra as espadas dos rufias.

A esposa do estalajadeiro disse:

– Essie, o Olfa está na cozinha. Quero que vás...

Antes de poder terminar, um dos guardas de Sarros correu até eles. Tinha uma maça na mão esquerda, que lançou à cadeira que a mulher segurava.

O impacto arrancou-lhe a cadeira das mãos, partindo-a.

A rapariga soltou um grito ao ver o homem coberto de peles voltar a empunhar a espada na outra mão...

Murtagh percebeu que não conseguiria atravessar a imensa sala a tempo de os salvar. Então, apostou na boa vontade do destino e atirou o garfo...

Baque.

O garfo embebeu-se na nuca do homem. Este caiu, desprovido de esqueleto, como uma saca de farinha.

Murtagh sentiu uma onda de alívio percorrê-lo, mas apenas durante um segundo. Sarros e o último companheiro que lhe restava tentaram flanqueá-lo. Murtagh pontapeou uma mesa na direção da barriga do homem de espada e – quando este cambaleou – saltou sobre ele e atirou-lhe a cabeça contra o chão.

Sarros praguejou e fugiu na direção da porta. Ao virar-se, lançou a Murtagh uma mão cheia de cristais cintilantes.

– *Sving!* – gritou Murtagh.

Os cristais guinaram em pleno ar e voaram para as chamas. Ouviu-se uma série de estalidos bem altos, e uma fonte de brasas carmesim borrifou a lareira de pedra.

Antes de Sarros alcançar a porta, Murtagh alcançou-o. Agarrou-lhe as costas do justilho e – com um urro e um agachamento – levantou-o acima da cabeça e atirou-o com força de volta às tábuas de madeira do chão.

O cotovelo de Sarros dobrou-se num ângulo pouco natural. O homem urrava de dor.

– Essie – disse a esposa do estalajadeiro. – Fica atrás de mim.

Murtagh assentou um pé sobre o peito de Sarros e depois, num urro, disse:

– Ora, então, meu canalha. Onde é que encontraste aquela pedra?

Sigling saiu do bar e titubeou pela sala até à esposa e à filha. Não disseram nada, mas a mulher pôs um braço à volta dele, e ele fez-lhe o mesmo.

Sarros deixou escapar um riso borbilhado. A voz dele tinha um certo tom descontrolado que lembrou Murtagh dos momentos mais insanos de Galbatorix. Sarros passou a língua pelos dentes afiados e disse:

– Não sabes o que procuras, Errante. Perdeste o tino e o faro. O adormecido desperta, e tu e eu... somos todos formigas à espera de serem esmagadas.

– A *pedra* – disse Murtagh através dos dentes cerrados. – Onde?

A voz de Sarros estava cada vez mais aguda, um guincho enlouquecido que feria o ar da noite.

– Não compreendes. Os Sonhadores! Os Sonhadores! Eles entram-te na cabeça e distorcem-te os pensamentos. Ahh! Distorcem-nos todos até se soltarem. – Começou a sacudir-se, batendo com os calcanhares no chão. Uma espuma amarela borbilhava-lhe nos cantos da boca. – Eles virão atrás de ti, Errante, e então verás. Eles... – A voz tornou-se-lhe um rouco coaxar, e então, com um esticão final, ficou imóvel.

Nas entranhas de Murtagh começou a serpentear um desassossego. O homem não devia ter morrido. Aquilo fora obra de magia ou veneno, e nenhuma dessas explicações era particularmente agradável. Com efeito, toda aquela situação deixava-lhe um gosto amargo na boca. Sentia que fora apanhado numa cilada invisível, e não sabia quem – ou o quê – a preparara.

Durante um instante, ninguém no salão se mexeu.

Murtagh conseguia sentir olhos postos nele enquanto arrancava o amuleto em forma de caveira de pássaro do pescoço de Sarros, recolhia a capa e caminhava de volta para a mesa junto à lareira. Guardou no bolso a

pedra com o brilho interior, agarrou na sua bolsa de moedas e fez uma pausa, pensativo.

Balouçando a bolsa na mão, dirigiu-se para onde Sigling e a esposa se mantinham a escudar Essie. A rapariga estava aterrorizada. Murtagh não lho censurava.

– Por favor... – disse Sigling.

– As minhas desculpas pelo transtorno – disse Murtagh. Consequia sentir em si o fedor do suor, e a sua camisa de linho estava salpicada de sangue. – Tome, isto deverá compensar pela desordem. – Estendeu a bolsa e, após momentânea hesitação, Sigling aceitou-a.

O estalajadeiro passou a língua pelos lábios.

– A guarda deve estar a chegar a qualquer instante. Se sair p'las traseiras... consegue chegar ao portão antes que o vejam.

Murtagh acenou-lhe com a cabeça. *Atencioso da parte dele.*

Então, ajoelhou-se e arrancou o garfo da cabeça do rufia estirado nas tábuas ao seu lado. A rapariga recuou, encolhendo-se, quando Murtagh olhou para ela.

– Por vezes – disse ele –, temos de nos erguer e lutar. Por vezes, fugir não é uma opção ao nosso dispor. Compreendes agora?

– Sim – murmurou Essie.

Murtagh desviou a atenção para os pais dela.

– Uma última pergunta. Vocês precisam do apoio da guilda dos pedreiros-livres para manter esta estalagem a funcionar?

O sobrolho de Sigling franziu-se numa expressão confusa.

– Não, se chegasse a tanto, não. Porquê?

– Era o que eu pensava – disse Murtagh.

Então, mostrou o garfo a Essie. Estava completamente limpo, sem uma única gota de sangue.

– Isto é para ti. Tem um feitiço embebido para que não se parta. Se a Hjordis te voltar a importunar, dá-lhe uma boa espetadela, e ela deixar-te-á em paz.

– Essie – disse a mãe da rapariga num tom de voz baixo, de aviso.

Mas Murtagh percebia que a rapariga já tomara a sua decisão. Acenou-lhe com a cabeça de uma maneira firme e aceitou o garfo.

– Obrigada – disse, solene.

– Todas as boas armas merecem um nome – disse Murtagh. – Especialmente as mágicas. O que chamarias a esta?

Essie pensou por um segundo e depois disse:

– Senhor Espetadela!

Murtagh não conseguiu evitar; um sorriso rasgado dividiu-lhe o rosto, e ele riu-se, um riso sonoro e sentido.

– Senhor Espetadela. Gosto. Muito adequado. Que o Senhor Espetadela te traga boa sorte.

E Essie sorriu também, ainda que algo insegura.

Então, a mãe da rapariga perguntou:

– Quem... quem é o senhor, na verdade?

– Apenas mais uma pessoa em busca de respostas – disse Murtagh.

Estava prestes a ir-se embora quando, agindo por súbito impulso, esticou o braço e pousou uma mão na da rapariga. Pronunciou as palavras de um feitiço de cura, e a rapariga retesou-se à medida que a magia fazia efeito, reconstruindo a pele cicatrizada do seu braço.

Os membros de Murtagh arrefeceram; era o feitiço a cobrar o seu preço em energia, drenando a força do corpo dele para operar a mudança que desejava.

– Largue-a! – disse Sigling e puxou Essie para a afastar dele, mas o feitiço já produzira efeito, e Murtagh passou por eles como um vento, com o manto a esvoaçar atrás de si.

Enquanto atravessava a cozinha, nas traseiras da estalagem, ouviu os sons de pura perplexidade de Sigling e da esposa, e depois começaram a chorar, eles e Essie, mas de alegria, não de desgosto.

Murtagh ainda não tinha terminado o que queria fazer ali. Enquanto os pais de Essie estavam distraídos, aproveitou para se esgueirar com a sua mente por entre o fluxo veloz dos pensamentos deles. Agiu com subtileza e nem precisou de procurar. Aquilo que buscava aflorou à superfície da consciência de cada um deles: o momento, três anos antes, em que Essie esbarrara contra o pai na cozinha quando este carregava o tacho de ferro com a pega estragada que ia cheio de água fervida para o banho. Essie andava a correr de um lado para o outro, sem olhar, sem prestar atenção, e fora parar aonde não contavam que ela estivesse. De Sigling, agora, captava

uma mistura de culpa e alívio. Da esposa, alívio e mágoa e o afrouxar de um ressentimento em relação ao marido por ter causado, ainda que inadvertidamente, o acidente.

Murtagh retirou-se. Os seus receios não tinham fundamento, e dava graças por isso. Essie e os irmãos estavam seguros com a família. Já não tinha mais nada que fazer ali.

Sentiu lágrimas nos olhos. Pelo menos pudera fazer algum bem naquele dia. Nenhuma criança deveria ter de crescer com uma cicatriz como a de Essie... ou como a sua. Por um breve instante, imaginou-se a alisar a pele das suas costas como alisara a do braço de Essie, mas enxotou a ideia. Algumas feridas eram demasiado profundas para sarar.

Ele era filho do seu pai, e nunca poderia fingir não o ser.



No beco à saída do Fulsome Feast, Murtagh ergueu a cabeça e inspirou profundamente o ar da noite. Ainda nevava, flocos suaves ziguezagueando num véu cadente, e a cidade inteira estava calma e silenciosa.

A sua pulsação começou a abrandar.

Quanto tempo havia passado desde a última vez que matara um homem? Mais de um ano. Uma parelha de bandidos saltara sobre ele certa noite, quando regressava ao acampamento – uns broncos insensatos e sem qualquer educação que não tinham a menor hipótese contra ele. Ele retaliara por reflexo e, quando se apercebeu do que estava a acontecer, os dois infelizes já estavam estirados no chão. Ainda ouvira os lamentos do mais novo ao morrer...

Murtagh fez uma careta pelos pensamentos que lhe ocorreram. Havia pessoas que viviam uma vida inteira sem matar. Perguntava-se como seria isso.

Uma gota de sangue – não seu – deslizou-lhe pelas costas da mão. Repugnado, raspou-a na parede. As farpas de madeira incomodavam-no menos que aquele sangue coalhado.

Ainda que Sarros não lhe tivesse fornecido uma localização específica, agora pelo menos sabia que o lugar acerca do qual Umaroth o advertira existia. Teria, de longe, preferido desiludir-se acerca disso. Fosse qual fosse

a verdade ocultada sob o campo de terra escurecida, duvidada que anunciasse coisa boa. A vida nunca era assim tão simples.

Um pensamento interrogativo alcançou-o vindo de fora de Ceunon; Thorn receava pela sua segurança.

– *Estou bem* – disse-lhe Murtagh. – *Houve só algum tumulto.*

– *Tenho de ir ter contigo?*

– *Não creio que seja necessário, mas mantém-te a postos, pelo, sim, pelo não.*

– *Sempre.*

A presença de Thorn reduziu-se a uma cautelosa vigilância, mas Murtagh ainda sentia o fio de ligação que os vinculava: uma proximidade reconfortante que se tornara a única realidade imutável das suas vidas.

Começou a dirigir-se para fora do beco. Estava na hora de partir. Não tardaria muito para a guarda da cidade chegar, investigando aquela perturbação, e ele já se demorara o bastante por ali.

Uma centelha de movimento por cima de si chamou-lhe a atenção.

Ao início, Murtagh não tinha a certeza do que via.

Velejando desde o fundo das nuvens iluminadas pelo fogo, um pequeno barco de erva, com não mais que um pé ou dois de comprimento. O casco e a vela eram feitos de folhas compridas entrelaçadas, e o mastro e as caranguejas de caules de plantas.

Não se via tripulação alguma – por mais pequena que fosse; o barco movia-se de moto próprio, guiado e sustido por uma força invisível. Circulou duas vezes à volta de Murtagh, e este viu um estandarte minúsculo hasteado sobre o igualmente minúsculo cesto da gávea.

Depois o barco virou para oeste e sumiu-se por entre o véu de neve descendente, sem deixar para trás qualquer rastro da sua existência.

Murtagh sorriu e abanou a cabeça. Desconhecia quem fizera o barco ou o que significava, mas o facto de uma coisa tão fantasiosa, tão única, poder existir encheu-o de uma alegria rara.

Recordou o que dissera à rapariga, Essie. Talvez ele pudesse seguir o seu próprio conselho. Talvez fosse chegada a hora de parar de fugir e regressar para junto dos seus velhos amigos.

O seu sorriso esmoreceu. Em todo o lado por onde andara durante o ano que passara desde a morte de Galbatorix, ouvira veneno nas vozes das pessoas quando pronunciavam o seu nome. Poucos havia, além de Nasuada,

que confiassem nele após os seus atos ao serviço do rei. Era uma verdade amarga e injusta, que as circunstâncias há muito o haviam obrigado a aceitar.

Por essa razão, escondera o rosto, mudara de nome e mantivera-se à beira das terras povoadas, sem nunca caminhar por onde o pudessem reconhecer. E, embora o tempo que passado sozinho tivesse feito bem tanto a si como a Thorn, não era maneira de viverem o resto das suas vidas.

Então, voltava a perguntar-se: seria chegada a hora de enfrentar o passado?

Não. A resposta ocorreu-lhe com uma imediatez decisiva. Não sabia ao certo se a convicção era sua ou de Thorn ou uma combinação de ambos. Mesmo que tentassem reingressar na sociedade civilizada, Murtagh não conseguia imaginar como poderiam ser alguma vez considerados mais que assassinos e traidores.

Além disso... Murtagh olhou para o objeto que segurava: o amuleto em forma de caveira de pássaro que tirara do pescoço de Sarros. Ao que parecia, uma caveira de corvo.

Quem seria a feiticeira Bachel? Murtagh nunca ouvira falar dela. Lançar feitiços sem palavras era uma coisa perigosa e incontrolável, e raro era o mágico suficientemente corajoso, insensato ou talentoso para o tentar. Mesmo com o treino adequado, ele não teria ousado tal coisa no Fulsome Feast, não com tantos inocentes por perto. E aqueles Sonhadores que Sarros referira? Seriam associados de Bachel? Sempre mais mistérios.

Não, antes de mais, Murtagh queria saber de onde proviera a pedra brilhante, além de descobrir a feiticeira Bachel e fazer-lhe algumas perguntas.

As respostas, suspeitava, seriam extraordinariamente interessantes.

Ouviu-se soar, algures em Ceunon, o som metálico de um sino de alarme, arrancando-o ao seu devaneio. Enfiou o amuleto para dentro do manto e dirigiu-se a passo veloz para os portões a sul, determinado a fugir da cidade antes que a guarda o descobrisse e ele tivesse de matar alguém de que depois se arrependesse.

CAPÍTULO IV



Conclave

Outra vez em fuga, pensou Murtagh enquanto transpunha, a correr, o portão aberto de Ceunon. Parecia que ele e Thorn estavam constantemente a ter de fugir de algum lugar. *Indesejados. É isso que somos.*

Ouviu tocar um trompete na cidade e baixou a cabeça, como que esperando ver aterrar à sua volta um molho de flechas iradas. Ouvia esses mesmos trompetes nos seus sonhos: clarins atemorizadores a anunciar a aproximação de caçadores sem rosto, perseguidores implacáveis.

Correu mais depressa.

A seguir aos estábulos que ficavam no exterior da muralha da cidade, deixou a estrada e começou a atravessar as fileiras de cevada, rumando a leste, em direção ao sítio onde Thorn o esperava.

A noite caía na escuridão total. Mesmo depois de os seus olhos se terem adaptado às trevas, mal conseguia ver onde pôr os pés. Contudo, manteve o ritmo o melhor que pôde, determinado a distanciar-se de Ceunon.

Tropeçou em vários montes de toupeira e quase torceu um tornozelo num buraco de texugo.

– Filho de um Urgal – resmoneou.

Quando chegou ao extremo do campo, fez uma pausa para olhar para trás. O portão da cidade fora encerrado, e via luzes a bambolearem-se ao longo da muralha exterior enquanto os soldados patrulhavam as ameias, mas nenhum sinal de alguém ter partido de Ceunon no seu encalço.

Começou a relaxar. Mas só um pouco.

Ao retomar a sua caminhada, arriscou convocar um pequeno luminomem com um «*Brisingr*» sussurrado.

O luminomem era uma pequena gota flamejante a tremular na noite, apenas com brilho suficiente para ele conseguir ver o caminho. Flutuava à sua frente, a vários pés de distância, e mantinha essa distância independentemente da velocidade a que Murtagh avançasse.

Brisingr. Eragon ensinara-lhe aquela palavra de poder, tal como muitas outras da língua antiga, durante as viagens que haviam feito juntos, quando ainda eram amigos e aliados. Apesar de toda a tensão daquele tempo – haviam andado sempre a fugir ao Império –, fora um dos períodos mais aprazíveis da vida de Murtagh, e ele recordava-o com um misto curioso de gratidão, remorso e ressentimento. As suas viagens juntos haviam constituído um breve e reluzente interlúdio de liberdade, balizado pela sua fuga inicial da tirania de Galbatorix, em Urû’baen, e pela sua subsequente recaptura pelos seguidores do rei nos arredores de Tronjheim. Após a qual Galbatorix o agrilhoara através da língua antiga e obrigara irmão a combater irmão.

Murtagh deu por si a cerrar os dentes. *Irmão.* Ainda lhe era estranho pensar em Eragon como tal. Meio-irmão, em boa verdade, pois, embora partilhassem a mãe, Murtagh era filho de Morzan, o mais importante dos Renegados – os treze Cavaleiros do Dragão que haviam traído a sua ordem para auxiliar Galbatorix na campanha contra os Cavaleiros, há mais de um século. *Eu sou o traidor filho de traidor*, pensou Murtagh, e aquela noção queimava-o como ácido pingando-lhe sobre o coração.

Eragon também era filho de um Cavaleiro, contudo, o pai dele, Brom, havia-se oposto veementemente a Galbatorix e a todos os servidores deste. Um facto com um desfecho que lhe era profundamente pessoal, já que fora Brom quem assassinara Morzan e o seu dragão quando Murtagh era ainda criança.

Recolheu os lábios. A história familiar deles era tão intrincada como um mato de silvado e igualmente dolorosa de atravessar. Desejava que a mãe ainda fosse viva para lhe poder fazer perguntas sobre tudo aquilo, mas ela morrera pouco tempo após dar à luz Eragon. E, embora Murtagh tivesse consciência de estar a ser irracional, não conseguia deixar de culpar Eragon pela perda: mais um motivo de ressentimento, entre tantos outros.

Inspirando com acentuada profundidade, Murtagh abriu os pulmões e alargou a passada. Era verdade que afastar-se do cerne dos acontecimentos em Alagaësia o ajudara a acalmar a mente, mas ainda se sentia torcido por

dentro, tanto ele como Thorn.

Poderia demorar anos até ambos desatarem os nós, isto se alguma vez o conseguissem.

Uma coruja piou numa árvore próxima, e algures na moita um animal desatou a correr. Um coelho, talvez. Talvez algo pior. Um Svartling, porventura. Dizia-se que as pequenas criaturas de pele escura seriam úteis nas tarefas domésticas se lhes fosse oferecido pão e leite, mas *também* se dizia que brindavam os viajantes com truques cruéis e amiúde perigosos.

Fosse qual fosse o som, Murtagh não estava interessado em conhecer o seu causador no meio de um campo coberto pela noite.

Abrandou ao começar a subir a colina onde haviam aterrado naquele dia, ziguezagueando por entre fragmentos afiados de pedras e matagais de moita.

Encontrou Thorn no cume, acorado, pronto para se lançar pelo ar. Os olhos do dragão brilhavam mais que o luminomem, e as suas escamas cintilavam e reluziam com renovado brilho. À volta dele, a terra estava marcada por sulcos profundos: tufos de erva arrancada, moita desenraizada, pedras partidas.

Thorn deu um sacão com a cauda ao ver Murtagh e estremeceu com um excesso de energia por queimar. Uma rosnadela enrugou-lhe os lábios.

Murtagh olhou para os sulcos mas não fez qualquer comentário.

– Estou bem – disse. – A sério. – Rodou num círculo, com os braços abertos. – Este sangue não é meu.

Thorn farejou-o e rugiu ligeiramente antes de voltar a aquietar-se na sua posição acorada. O seu focinho relaxou, mas Murtagh conseguia ainda sentir-lhe o medo, a frustração e ira.

– *Eu devia ter ido ajudar-te.*

– Está tudo bem. A sério.

Acariciou o pescoço de Thorn antes de continuar até aos alforjes, de onde retirou a Zar'roc, desembulhou a espada carmesim e – sentindo alívio – prendeu a arma à cintura.

– É melhor procurarmos outro sítio para passar a noite – disse, escalando as costas de Thorn até chegar à sela presa entre os volumosos espigões nos ombros do dragão. Uma vez instalado, apagou o luminomem.

– *Tu, sempre desestabilizar as cidades-formigueiro* – disse Thorn.

– Eu sei. É um mau hábito. Vamos.

Mais um rugido e, com uma grande rabanada de vento e o impulso dos seus possantes músculos, Thorn lançou-se no ar da noite, o baque das suas asas como uma martelada invisível.

Mais três movimentos levaram-nos até às nuvens. A humidade provocava em Murtagh uma sensação de frio nas bochechas, mas isso não lhe era desagradável após a corrida. Sabia a musgo e a erva acabada de cortar e a novos começos.



Thorn voou para leste durante o que pareceu um período interminável. Por fim, desceram para assentarem num monte com o cume plano e uma visão dominante da paisagem próxima.

No breu, Murtagh apenas conseguia ver a silhueta da imensa floresta Du Weldenvarden mais para sul – uma mancha preta que se espalhava ao longo do território, como um braço gigante a apontar de volta para Ceunon.

Sentiu o frio incisivo nas costas quando deixou cair o manto e despiu a camisa manchada de sangue, procurando evitar tocar nos pedaços de sangue coagulado.

– *Hvittra* – murmurou, direcionando a intenção para a peça de vestuário.

O tecido cintilou ligeiramente, e as manchas vermelhas esvaneceram-se.

Murtagh passou a mão sobre o linho. Parecia razoavelmente limpo, mas ele tencionava lavar a camisa antes de voltar a vesti-la.

Arrumou a camisa num alforje e tirou de lá a única peça de vestuário que lhe restava: uma grossa camisola de lã – tricotada, não feita num tear – tingida de castanho-escuro, com padrões vermelhos entrelaçados à volta dos pulsos e do pescoço. A lã picava, mas esta era a sua vestimenta preferida para voar, pois era muito mais quente do que o linho.

Com pressa para se cobrir, vestiu a camisola e voltou a envolver-se no manto.

Uma vez que uma fogueira poderia dar nas vistas, Thorn enrolou-se numa bola apertada, o nariz junto à cauda, e Murtagh rastejou para baixo da sua asa direita e estendeu a sua trouxa de dormir encostada às escamas bacias da barriga de Thorn.

– *Valeu a pena?* – perguntou Thorn.

– Acho que sim – disse Murtagh.

Desvelando a sua mente mais do que lhe parecia seguro fazer junto de estranhos – tinha sempre receio da possibilidade de um ataque ou de uma observação –, partilhou as suas recordações de Ceunon por completo.

– *Eles não eram grande coisa* – disse Thorn, fixando-se numa imagem dos guardas de Sarros.

– Pois não. Sorte a minha.

Um ténue rugido, e o dragão apertou ainda mais a asa em torno de Murtagh.

– *Agora vejo que se forma uma tempestade à nossa frente.*

– Mas quão grande, quão perigosa? Ainda não sabemos.

– *Mas existe.*

– Sim.

A sólida pálpebra de Thorn fechou-se e abriu-se com um ligeiro estalido.

– *Desejas voar para o coração da tempestade.*

– Talvez não para o coração da tempestade, mas na direção dela. Qual é a tua opinião?

O dragão tossiu com o seu peculiar riso.

– *Que devíamos levar a pedra para Tronjheim e pedir aos anões que a lapidassem numa coisa bonita para nós.*

Murtagh resfolegou.

– Com as nossas cabeças empaladas a assistir?

Um discreto odor a fumo de dragão tomou conta do espaço à volta deles quando uma faixa de chamas carmesins tremeluziu nas narinas de Thorn.

– *Não? Então, acho que devíamos dormir e falar sobre isto pela manhã.*

– Se calhar tens razão.

Nas costas de Murtagh, a barriga de Thorn entoou uma vibração abdominal, e ele cruzou os braços e encostou o queixo ao peito. Sob a asa estava tudo silencioso e parecia que ele e Thorn eram as únicas duas criaturas existentes.

Antes de o sono tomar conta de si, Murtagh fez como era seu hábito noturno e, numa voz silenciosa, proferiu as palavras da língua antiga que eram o seu verdadeiro nome. Ouvi-las nunca era fácil; conhecer o próprio nome verdadeiro era conhecer os próprios defeitos tão bem quanto as virtudes. Contudo, ele dizia o nome todos os dias para se assegurar de que ainda conhecia a sua própria natureza e de que ninguém além de Thorn

tinha qualquer poder sobre si. Pois um nome verdadeiro atribuía poder àqueles que o ouviam e, tal como um mágico pode controlar um objeto com as palavras certas, também eles poderiam controlar uma pessoa.

Como Murtagh e Thorn haviam aprendido, para seu desgosto e desespero, durante a sua subjugação em Urû'baen.

Também Thorn proferiu o seu verdadeiro nome, um cântico profundo que dava a Murtagh a sensação de ter a pele banhada em água morna. Então, as tensões daquele dia recuaram-lhes pelos membros abaixo, e caíram num sono profundo.



A manhã trouxe um nevoeiro gelado do oceano, assim como uma espessa película de geada. Soltaram-se cristais de gelo quando Murtagh rastejou de baixo da asa de Thorn e semicerrou os olhos na direção do pálido disco que era ainda o sol nascente, fino e rosado sobre a orla de Du Weldenvarden. Do topo das árvores soltavam-se serpentinas ascendentes de neblina, a floresta inteira a soltar vapor do calor acumulado durante o dia anterior.

Murtagh estremeceu e apertou mais o manto. O frio matinal nunca se tornava mais fácil de enfrentar.

Inspecionou os arredores e ficou satisfeito por não ver sinal de qualquer busca ou perseguição.

Confiante de que haviam escapado sem serem detetados, permitiu-se o luxo de uma pequena fogueira feita com restos de moita seca que ele recolhera no topo e na encosta do monte.

Thorn acendeu-lhe a fogueira, pegando fogo às hastes lenhosas com um único e minúsculo soprar de chama das narinas.

– Obrigado – disse Murtagh, com sinceridade.

Manusear sílex e lenha seca com os dedos meio dormentes nunca lhe parecera nada divertido, e preferia evitar o uso de magia para tarefas do dia a dia. A magia produzia um som próprio para aqueles com ouvidos capazes de a ouvir, e era impossível saber quem poderia estar à escuta.

O pequeno-almoço era pão ázimo e toucinho, com duas maçãs desidratadas e uma caneca de chá de sabugueiro para aquecê-lo por dentro. Thorn observou-o enquanto se deliciava, mas não comeu nada; o dragão

devorara vários veados nem há três dias e não sentiria necessidade de se alimentar de novo durante boa parte de uma semana.

Quando Murtagh terminou, a manhã aquecera o suficiente para derreter a geada e dissipar a bruma matinal.

Então, foi buscar o amuleto em forma de caveira de pássaro e a pedra parecida com carvão e pôs-os num pedaço de pano entre si e Thorn.

Thorn farejou os dois objetos, e a ponta da língua lampejou-lhe entre os dentes. Ao cheirar a pedra, as escamas por trás da cabeça e do pescoço espevitaram-se-lhe, como se fossem folhas de pinhas a abrir numa fogueira.

– O que foi? – disse Murtagh, inclinando-se para a frente. – Que se passa?

Um arrepio percorreu Thorn ao longo de todo o seu sinuoso comprimento, e ele encolheu-se de uma forma que Murtagh só o vira fazer diante de Shruikan.

– *O cheiro da pedra está errado.*

– Como assim?

– *Cheira a... sangue e ódio e ira.*

Murtagh coçou a bochecha. A barba estava outra vez a fazer-lhe comichão.

– Poderá ser magia?

Outro lampejo da língua de Thorn.

– *Talvez. Mas nesse caso também te devia afetar a ti.*

– A não ser que se destine apenas a dragões.

Murtagh pegou na pedra, baloiçando-a na mão. Por impulso, prolongou a sua mente até àquele bocado de rocha, pensando que pudesse ter alguma centelha de consciência secreta embebida. Mas não sentiu nada. Franziu o sobrolho e devolveu-a ao pano.

– Temos de descobrir de onde veio.

Thorn ciciou como uma cobra.

– *Não. Tu queres descobrir de onde veio. É diferente. Devíamos destruir a pedra ou então enterrá-la onde ninguém a encontre. O mal está aqui presente. Deixa, esquece, não vás atrás disto.*

– Sabes que não posso.

Um rugido troou na garganta de Thorn, e as suas escamas ondularam.

– *Podes, sim! Dá ouvidos a Umaroth. Ele avisou-nos por bom motivo.*

– E que motivo é esse?

– *Não importa!*

Thorn bufou fumo preto e levou uma pata de garras em riste na direção da pedra e do amuleto, como se os quisesse varrer para o lado.

– Não! – gritou Murtagh, pondo-se de pé num salto para bloquear Thorn. Fitaram-se um ao outro, sem nenhum dos dois ceder. O ar entre ambos parecia vibrar com a força do olhar cintilante do dragão.

– *Afasta-te.*

– Não.

– *Esta caçada não trará mais do que sofrimento.*

– Não acredito nisso.

Chamas serpenteantes dançaram na língua de Thorn, e o interior da sua boca brilhava como uma forja aberta.

– *Quando é que o destino alguma vez correspondeu ao que desejávamos? Esquece isto.*

– Não posso – disse Murtagh. Cobriu-o um desalento familiar. – Não consigo dormir sabendo que anda um lobo à espreita no escuro. Algo tão perigoso que Umaroth nem nos disse o seu nome.

– *Alguns segredos mais vale permanecerem enterrados.*

– Não! Não, não, não. Queres acordar um dia e descobrir que fomos superados, ultrapassados, ludibriados? Eu não quero. *Nunca mais.* – Interrompeu-se, de punhos cerrados, e as narinas alargavam-se à medida que ele estabilizava a respiração. Fitou Thorn com um olhar férreo. – *Nunca.*

O dragão libertou um longo silvo de serpente e disse:

– *O que nós temos não é suficiente? Temos toda a terra e todo o céu para viajar. Dormimos quando queremos, comemos como desejamos. Já pagámos o que tínhamos a pagar, derramámos o nosso sangue.*

– E ainda assim não estamos a salvo. – Fazendo um esforço deliberado, Murtagh baixou o tom de voz, embora as suas palavras permanecessem igualmente intensas. – Nunca estaremos, mas talvez possamos apanhar os nossos inimigos desprevenidos. Umaroth está a esconder-nos algo, e não descansarei enquanto não souber o que é.

Thorn lançou uma baforada de fumo preto que envolveu a pedra e o amuleto em forma de caveira de pássaro.

– *Se levasses essas duas coisas a Eragon ou a Arya...*

– Isto não tem nada que ver com eles! – Murtagh passou uma mão pelos cabelos. Estavam de novo a ficar compridos. – Eu quero respostas. E quero ser útil.

– *Seres tu mesmo já é utilidade que chegue. Não precisamos de provar o nosso valor a ninguém.*

Murtagh riu com amargura.

– Talvez assim seja para os dragões. Mas eu sempre tive de provar o meu valor, e sempre terei. Não há atalhos fáceis pela vida quando se nasce filho de Morzan.

Aproximou-se de Thorn e pousou-lhe as mãos nos dois lados do focinho coberto de escamas.

– Além disso, tu e eu somos Dragão e Cavaleiro. Não fizemos juramento algum aos Cavaleiros...

Thorn arqueou o pescoço numa curva orgulhosa, embora mantendo a cabeça nas mãos de Murtagh.

– *E eu não farei mais nenhum juramento de fidelidade. Palavras algumas me prenderão, nem algemas nem grilhões.*

– Não – concordou Murtagh. – Nem eu. Mas estamos em dívida para com os que vieram antes de nós. Usamos a capa deles, quer queiramos quer não, e não me agrada desonrar a sua memória ignorando este assunto.

Thorn fungou.

– *Ninguém saberia se escolhêssemos outro caminho.*

– *Nós saberíamos, e isso basta.* – Fez um gesto na direção da pedra e do amuleto em forma de caveira de pássaro. – Aquilo é trabalho para um Cavaleiro e um Dragão, tal como seria para os antigos.

O dragão virou então a cabeça para melhor ver Murtagh.

– *Então devemos andar a voar por aí, combatendo o mal e corrigindo os malefícios onde os encontrarmos? É assim que desejas passar os teus dias?*

Murtagh contraiu os lábios.

– Não completamente, mas talvez possamos fazer algum bem aqui e ali enquanto tratamos dos nossos próprios interesses.

– *Como fizeste com a rapariga.*

– Como fiz com a rapariga. – Pousou então uma mão na bochecha de Thorn e abriu o mais que pôde a sua mente ao olho interior do dragão. – *Olha* – disse e deixou Thorn sentir o seu coração por completo.

Por fim, Thorn emitiu um rugido suave e afastou a cabeça.

– *Compreendo.*

– Mas não concordas.

Uma curta extensão do final da cauda de Thorn embateu no chão. Uma vez. Duas. Três.

– *O que tu queres não é o que eu quero.* – Uma onda do seu hálito quente deslizou sobre Murtagh. – *Mas, onde fores, irei.*

Murtagh acenou com a cabeça, grato. O relacionamento entre eles não era tão fácil como o de Eragon e Saphira, e Murtagh não cria que alguma vez chegasse a sê-lo. Mas não fazia mal. Um espinho rombo não era sequer um espinho.

Além disso, Murtagh sabia não ser a pessoa de trato mais fácil, mesmo para um dragão.

Thorn terá sentido o seu estado de espírito, pois soltou um ligeiro som de divertimento e enrolou o pescoço e a cauda em torno das pernas de Murtagh.

– *E agora?*

Ajoelhando-se, Murtagh tocou na pedra e no amuleto.

– Temos de encontrar alguém que nos possa falar da feiticeira, Bachel, e desta pedra.

– *Umaroth?*

Murtagh abanou a cabeça.

– Demasiado longe, e ele apenas nos voltaria a advertir para nos afastarmos da pedra.

Thorn fechou a boca num gesto súbito e rápido, como uma armadilha de ferro.

– *Será? Continuo a achar que devias falar com Umaroth. Ele é mais doudo que a maioria.*

Era um argumento válido. Não só era Umaroth velho e, supunha Murtagh, erudito como ele e o seu falecido Cavaleiro, Vrael, haviam sido os últimos líderes da sua ordem. Só isso chegava para atribuir valor às palavras do dragão. Ainda assim, Murtagh continuava circunspecto.

– Eu respeito Umaroth – disse. – Mas não sei se confio nele.

– *Achas que mente?*

– Não. Acho que os seus objetivos e propósitos podem não ser os mesmos que os nossos. Não sabemos. Durante quanto tempo conversámos com ele à saída de Urû'baen? Apenas alguns minutos, se tanto.

Murtagh arrancou uma migalha de pão da barba. Incomodado, atirou-a para o chão.

– *Então pretendes descobrir a verdade sobre isto sozinho.*

– Sim.

Thorn inclinou a cabeça da direção do amuleto.

– *Sendo assim, quem procuraremos?*

– Não sei bem. Precisamos de alguém daqui, de Alagaësia, alguém conhecedor dos secretos meandros da terra.

Os olhos de Thorn semicerraram-se até parecerem cortes da espessura da lâmina de uma faca.

– *E que tal Yarek?*

A nuca de Murtagh eriçou-se, e pareceu-lhe que um punho lhe apertava o peito, dificultando-lhe a respiração. Yarek Lackhand, de lábios tensos e olhar duro, esperto como um elfo e cruel como um torturador – parecia a Murtagh que estava a vê-lo nos corredores empedrados da cidadela de Galbatorix, com roupas desgastadas e uma tampa de ferro no coto do pulso direito. Yarek fora o mestre espião de Galbatorix, e, por aquilo que Murtagh vira, exímio no cargo. Fora ele quem fizera os Gémeos raptarem Murtagh, levando-o dos Varden para que o rei pudesse o pudesse quebrar, subjugá-lo à sua vontade.

Thorn tocou no ombro de Murtagh com o focinho.

Murtagh deu-lhe uma palmadinha. Não fosse Yarek, não teria acabado vinculado a Thorn, e tinha de contar o facto como uma coisa boa. Contudo, o mestre espião fora a definição viva de implacável. E pontapeava cães, coisa que Murtagh desaprovava.

– Mesmo que ele ainda seja vivo...

– *Sabes que sim.*

Murtagh inclinou a cabeça.

– Provavelmente. Mas estou certo de que andará desaparecido em algum buraco, e, se eu começar a remexer, a fazer perguntas, darei nas vistas.

Thorn emitiu um som profundo de tosse. A sua forma de rir.

– Que foi?

– *Se não Yarek, porque não a fêmea, Ilenna?*

– Ilenna...

Murtagh lançou a Thorn um olhar de espanto. Entre todas as pessoas que haviam passado pela corte de Galbatorix, Ilenna havia sido uma das mais estranhas. Era a filha mais nova de uma família de mercadores assente nos arrabaldes de Gil'ead. As caravanas de carga do pai dela haviam ajudado a fornecer o exército do rei durante a guerra, e a família fizera fortuna com isso. Apesar de ter nascido numa posição social modesta, sempre que estava na corte, a rapariga procurava *assiduamente* a companhia dele, de tal sorte que Murtagh passara a evitá-la ativamente. Só isso já era bastante peculiar, mas o que lhe chamara a atenção fora quão particularmente bem informada ela estava. Como descobrira mais tarde, a família dela fizera mais do que fornecer mercadorias a Galbatorix. Também tinha servido a Yarek de respigadora e crivo de informações, tanto Ilenna quanto o pai ou os irmãos.

– Não temos como saber se ela tem algum conhecimento acerca de Bachel ou da pedra.

Thorn voltou a tossir e deu uma pancadinha no chão com a ponta de uma das suas garras afiadas.

– *É mais provável ela ter do que a maioria das pessoas. E, se não, sem dúvida indagaria alegremente para servir o grandioso Cavaleiro do Dragão Murtagh.*

A garganta de Murtagh ressoou, sem que este tenha achado graça.

– Mesmo que assim seja... Não. Não vamos lá. Encontraremos outra pessoa, noutro lugar.

– *Quem? Onde? Se queres localizar Bachel e a origem desta pedra, a resposta é Gil'ead. Se não, quanto tempo demorarás a apanhar-lhes o rastro?*

– Nunca se sabe – resmoneou Murtagh. – Podia acontecer. Talvez um dos latoeiros ou...

Uma nuvem de fumo acre cobriu-o quando Thorn bufou.

Murtagh interrompeu-se. O dragão tinha razão, ele estava a ser ridículo. Soturno, cruzou os braços e olhou para toda a paisagem estendida até ao horizonte.

Entre eles, o peso de memórias caladas.

– Gil'ead é perigosa.

– Mais perigosa que Ceunon? Mais bem guardada que Ilirea?

Murtagh mexeu os ombros como se sentisse comichão no meio das costas. Ainda não se habituara ao novo nome de Urû'baen. Sempre que o ouvia – *Ilirea* –, sentia-se como se sob os pés lhe falhasse um degrau de uma escada.

Por fim, respondeu, mas com a mente, não com a boca.

– *Não quero.*

Não havia dissimulação possível na comunicação mental nem obstáculos à compreensão. Era a forma de ligação mais vulnerável que dois seres podiam partilhar, e ele partilhava-a com Thorn.

O dragão emitiu uma apaziguadora nota nasal e baixou a cabeça até a pousar no chão, junto aos pés de Murtagh.

– *Então, esquece isto* – disse Thorn. – *Ou mantém-te firme. Que valor tem para ti esta busca?*

Murtagh expirou e descruzou os braços, obrigando-se a assumir uma postura direita. Pousou uma mão a meio da testa de Thorn. Sentia na sua palma o calor das escamas.

– Está bem. Vamos a Gil'ead à procura de Ilenna.



Antes de deixarem o monte, Murtagh afiou a adaga num pedaço de pedra de amolar dos anões que trazia consigo. Prendeu-a ao cinto da espada e fez depois um espelho a partir de água deitada num prato e imobilizada com a palavra *entha*.

Ao espreitar para a superfície cinzenta espelhada, pasmou ao ver-se tão esgalgado. Não andava a comer o suficiente. Estavam sempre em movimento, a caminhar, a voar, amiúde sob inclementes tempos atmosféricos. No melhor dos casos, as suas refeições eram intermitentes, e não fora só uma vez que passara um dia inteiro sem um único pedaço de comida.

Não pode ser, pensou. Quanto mais magro estivesse, menos reservas teria para feitiços, quando a necessidade se lhe apresentasse. Os mágicos com o poder mais desmedido eram sempre os mais pesados.

Esticou bem a pele sob a mandíbula, até ficar lisa e firme, ergueu a adaga e começou a escanhoar.

A adaga não era tão afiada quanto uma lâmina de barbeiro, mas cumpria a função. Logo após a primeira passagem, sentiu a pele mais fria e quase se arrependeu da decisão. Contudo, perseverou, e num instante chegou ao fim.

Apenas se cortou três vezes, o que, para ele, contava como um sucesso.

Depois, estudou o rosto no espelho improvisado. Sem barba parecia mais jovem, mas também mais esguio, mais agreste, como um lobo faminto.

Deitou fora a água com a palma da mão.

– *És outra vez tu* – disse Thorn.

Murtagh resmoneou. Talvez devesse ter esperado até depois de irem a Gil’ead para se barbear, mas não suportava ter pelos no queixo. Nem a comichão constante.

Secou o prato e enfiou-o nos alforges. Depois, vinculou-se à sela de Thorn e prendeu as pernas com correias para não cair.

– Voemos!

Thorn rugiu num tom bravio e satisfeito e lançou-se ao céu, com as asas a varrer o ar acima da sua cabeça.

O mundo bamboleava-se à volta de Murtagh, e este agarrou-se ao espigão do pescoço de Thorn que ficava à sua frente, semicerrando os olhos devido à rabanada de vento frio. Para o bem e para o mal, iam a caminho de Gil’ead.

CAPÍTULO V



Voo de dragão

O mapa que Murtagh tinha – comprado a um comerciante de peles perto de Teirm – não era suficientemente pormenorizado a ponto de lhe mostrar em que local exato de Alagaësia ele e Thorn se encontravam. Tal como a maioria dos mapas destinados a comerciantes, dedicava-se mais às rotas por terra e mar e não, por exemplo, à forma, localização e escala precisas da floresta Du Weldenwarden.

Sabia que a floresta se estendia para oeste numa extensa língua de árvores. Para sul ficava o Lago Isenstar e, a sul de Isenstar, a cidade de Gil’ead. O caminho mais curto para Gil’ead teria sido em linha reta através na zona arborizada, mas isso implicaria entrar no território dos elfos, que estes guardavam com extremo zelo. Além do mais, havia uma cordilheira de montanhas muito altas algures nessa área da floresta, e as montanhas dificultavam sempre o voo.

Assim sendo, em vez disso, Murtagh e Thorn decidiram contornar a floresta e ir descortinando o caminho para oeste e sul até avistarem Isenstar. Nessa altura ficariam a saber onde se encontravam e poderiam dirigir-se para Gil’ead.

Tal como já era habitual, Murtagh recorreu a um feitiço simples para ocultar Thorn dos olhos dos que estavam em terra, humanos e restantes. Mesmo sendo simples, o feitiço requeria energia, e ao final de cada dia Murtagh sentia-se letárgico, condição exacerbada pelo esforço de montar Thorn. O dragão batia as asas devagar quando comparado com um pássaro, mas ainda assim cada adejar era uma experiência acidentada que tornava a sua posição, sentado no dragão, tudo menos repousante. Murtagh não conseguia passar pelas brasas como teria feito a cavalo durante uma longa marcha.

Para deixar correr o tempo, pôs-se a pensar. Sobretudo em magia. Há muito percebera que a magia era a chave para dominar o mundo, para controlar as circunstâncias e para se proteger a si e àqueles de quem gostava, por poucos que fossem. Galbatorix não lhe ensinara encantamentos nos seus anos de formação na corte, pois o rei guardava tais conhecimentos com extremo zelo. Ainda que Eragon lhe tivesse ensinado as suas primeiras palavras de poder, na altura não conseguira dar-lhes uso, por mais assiduamente que houvesse tentado. Só vários meses mais tarde, depois de Thorn ter eclodido para Murtagh quando este estava aprisionado em Urû'baen, conseguira quebrar aquela barreira na sua mente, como que feita de vidro, e, através da força de vontade, executar o seu primeiro ato de magia.

Tratara-se de um feitiço simples, *lyftha*, com o qual fizera levitar uma coroa de ouro da palma da mão aberta de Galbatorix.

O rei fora mesquinho com a instrução posterior, ensinando a Murtagh o mínimo dos mínimos sobre aquela arte. Um escravo armado era um homem libertado, e Galbatorix deixara clara a sua firme intenção de manter um controlo apertado sobre Murtagh e Thorn, tanto quanto mantivera acorrentados os seus temíveis servidores, os Renegados.

Incluindo o meu pai.

Murtagh franziu o sobrolho e forçou os pensamentos a tomarem um rumo diferente.

Tornara-se cada vez mais obcecado com a compreensão do que era e não era possível fazer com a *gramarye*. Consequentemente, passava muito tempo a refletir nas complexidades da língua antiga, e no facto de esta *não ser*, em si mesma, magia, mas uma forma de manipular e constranger a sua intenção. Sem ela, qualquer pensamento involuntário durante o lançamento de um feitiço poderia causar um desfecho completamente diferente – e potencialmente devastador –, razão pela qual a magia sem palavras era tão perigosa. A língua antiga tinha as suas desvantagens, mas o Nome dos Nomes podia permitir a um feiticeiro capaz ultrapassar a maior parte delas.

Claro que também era possível *destruir* a língua antiga com o seu nome – indubitavelmente o motivo pelo qual a Palavra fora guardada no maior segredo ao longo das eras.

O estudo da língua antiga era trabalho para uma vida inteira. No entanto... a língua era em si mesma insuficiente para explicar a verdadeira natureza da magia, pois, no seu âmago, a magia era o ato de manipular energia. E era a energia que lhe interessava verdadeiramente. *O que era? De onde vinha? Como poderia ser recolhida e utilizada?*

Tratava-se de uma pergunta desconcertante.

Se fosse insensato a ponto de lançar um feitiço que excedesse a sua força física, o seu corpo arrefeceria cada vez mais, até à sua morte, e mais ainda. Isso deixava Murtagh a ponderar se a energia seria calor. Mas, nesse caso, como explicar que, se ele passasse o dia a rachar lenha, acabasse mais quente, não mais frio?

Suspirou e olhou para o escuro ápice do céu. Talvez os elfos conhecessem a verdade; haviam passado séculos a estudar os mistérios da magia. A magia corria-lhes no sangue, a eles e aos dragões.

Se ao menos pudesse perguntar-lhes.

Por vezes, desejava que ele e Thorn tivessem mantido o Eldunarí que o rei lhes dera. Nunca mais teriam de se preocupar com falta de energia, pois as estruturas cristalinas dos Eldunarís continham ainda mais força motriz do que a que um dragão continha no seu corpo normal de carne e osso.

Murtagh ainda estranhava que crescessem aquelas enormes pedras, uma espécie de gemas, dentro do peito dos dragões. Antes de Galbatorix lhe ter mostrado um Eldunarí, nem sequer suspeitara da sua existência, muito menos de que fosse possível um dragão transferir a sua mente para o seu Eldunarí e, dessa forma, continuar a viver depois de o seu corpo perecer.

Mais um mistério entre tantos relacionados com os dragões.

O Eldunarí que o rei mais frequentemente lhes cedera era um dragão macho chamado Yngmar. Tal como a maioria dos Eldunarís que Galbatorix adquirira, Yngmar era completamente insano, torturado até à incoerência pelo rei. Murtagh mal conseguira tirar o sentido a um único pensamento dele; tentar deixava-o, normalmente, com uma dor de cabeça lancinante.

Todavia, sentia por vezes saudades de Yngmar e dos outros Eldunarís. Sabia que Thorn sentia o mesmo. Os dragões de corpo morto haviam dado a Murtagh força e velocidade superiores às de um humano normal, suficientes para se equiparar a um elfo (uma dádiva nem sempre agradecida, pois as dores daí resultantes eram, por vezes, incapacitantes). Mas, mais importante ainda, ter os Eldunarís por perto proporcionara-lhes alguma companhia

durante o tempo que ele e Thorn haviam passado sob o cativeiro de Galbatorix. E também aprendera com eles. Os Eldunarís costumavam tagarelar na língua antiga, e ele conseguira aprender uma palavra aqui e outra ali, embora os significados exatos lhe escapassem na maior parte das vezes.

Deixara os Eldunarís com Nasuada, no exterior da cidadela, em Urû'baen, após o explosivo falecimento de Galbatorix. Fora uma decisão acertada; os dragões precisavam de cuidados, e Murtagh sentira não estar à altura, assim como Thorn. Tanto quanto Murtagh sabia, todos os Eldunarís existentes – incluindo Yngmar e Umaroth – estavam agora com Eragon, no extremo leste, passada a fronteira de Alagaësia, onde fora estabelecida uma nova base para dragões e Cavaleiros.

O que era como devia ser. Contudo, nos seus momentos mais sombrios, Murtagh dava por si a mastigar algum descontentamento por Eragon ter tanto quando a vida fora tão mais dura para si e para Thorn. Não era justo. Não que Murtagh acreditasse haver justiça alguma na vida. Ainda assim, o descontentamento mantinha-se, embora procurasse não o alimentar, focar-se em pensamentos mais úteis.

Nada de se pôr a recordar!

Murtagh enterrou as unhas nas palmas das mãos e passou alguns longos minutos a observar o lento desfile da paisagem lá em baixo. Filas de nuvens compridas e finas dispunham-se na diagonal sob Thorn, dividindo a terra em tiras discretas de um espetáculo verde-acastanhado.

– *Que achas tu que é a magia?* – perguntou a Thorn.

– *Potencial.*

Quando se fartou de pensar em magia, Murtagh entreteve-se a compor poemas à maneira da corte de Galbatorix: seguindo um formato intitulado Attenwrack, por causa do seu criador, Atten, *o Vermelho* – um conde de pouca importância do sul longínquo, perto da cidade de Aroughs.

Murtagh nunca fora dado a objetivos académicos. Em criança, desempenhara o seu papel de aluno obediente, mas tinha pouco interesse em Matemática, Lógica ou Astronomia. A História era um relato cuidadosamente medido, aprovado por Galbatorix; um círculo repetitivo de louvor próprio que o entediara logo na primeira lição. Aprendeu a escrever e praticou a leitura, mas os livros que lhe poderiam ter interessado estavam trancados no enorme cofre de Galbatorix, vedados a todos que não o rei.

Murtagh sempre se sentira mais atraído pela atividade física: treino de combate, dança, escalada, caça. Arejava-lhe as ideias, deixava-o com uma sensação de bem-estar e realização e, mais importante ainda, controlo.

Contudo, agora, no ermo vazio, sem nada senão o céu e a terra para admirar, e com um vasto e perigoso silêncio constantemente a tentá-lo à retrospeção, encontrara uma nova fonte de prazer em dispor palavras de acordo com os padrões de Attenwrack. Era uma experiência estranha, mas persistia, confuso e intrigado pela satisfação que o processo lhe dava.

Sendo demasiado difícil pousar a pena no pergaminho enquanto montava Thorn, pronunciava as palavras em voz alta e fazia os possíveis para as reter na mente.

Não era fácil. Por vezes esquecia-se do que havia composto, e isso era frustrante. Noutras vezes não lhe ocorria a palavra certa – mesmo sabendo que ela existia –, e também isso era frustrante. O mais difícil era encaixar as palavras numa forma agradável e, ao mesmo tempo, dizer o que pretendia dizer.

Falando lentamente para evitar enganos, recitou a sua mais recente estrofe:

*A águia adeja, a águia caça, rainha do ar.
Os pardais disparam, os pardais juntam-se em bandos, sem coroa
para usar.
Se alguma vez se confrontarem, os muitos contra a única.
Em combate igual, a águia vence.
Desigualada e agastada, a soberana falha.
Voa como te dizem ou voa só,
O fim de cada um de nós continua sendo o mesmo. O gélido
Abraço da morte acalmará a tua preocupação final.*

– *E os dragões comem todos* – disse Thorn.

Murtagh coçou-lhe o pescoço e fitou o horizonte, sombrio, pensativo. Desejava que Thorn *conseguisse* comer todo e qualquer ser vivo, caso a necessidade se lhes apresentasse. Mas nem isso salvaria nenhum dos dois do seu fim fatídico, pois a maldição de todas as coisas era morrer e cair no esquecimento. Os dragões também.



Nessa noite, assentaram arraiais num campo junto a um pequeno bosque de amieiros. Murtagh teria preferido a proteção das árvores – detestava dormir ao descoberto –, mas, tal como fazia sempre quanto a decidir onde parariam, deixou a decisão a cargo de Thorn.

Os amieiros rodeavam as margens de um pequeno riacho que corria vindo de Du Weldenvarden, a algumas léguas de distância. Enquanto aguardava que a fogueira pegasse completamente, Murtagh foi encher os odres.

A casca esbranquiçada dos amieiros quase parecia brilhar ao crepúsculo, e sob os seus ramos arqueados a atmosfera era fria, silenciosa e sagrada. As folhas começavam a tornar-se vermelhas e douradas, e o perfume do musgo húmido refrescava o ar.

Murtagh ajoelhou-se junto do riacho trinante. A água corria-lhe, fria, em volta dos pulsos, à medida que submergia os odres, um de cada vez. Depois de cheios, os odres ficaram pesados, maljeitosos e escorregadios. Murtagh começara por levar apenas dois na bagagem, mas descobriu entretanto que os voos o deixavam com uma sede incomensurável, e acabou por comprar mais três a um caçador de peles, na Espinha.

Ao levantar os odres, a alça de um deles partiu-se, e esse caiu ao chão.

– *Barzûl* – praguejou na língua dos anões.

Tentou apanhá-lo, mas escorregava-lhe sempre da mão, e os outros quatro desequilibravam-no.

Sem pensar, gritou:

– Thorn! Podes ajudar? Não consigo carregá-los todos!

Um som fungado chegou da orla do bosque. Murtagh olhou para trás e viu Thorn acorrido em frente às árvores, a farejar e a baloiçar a cabeça para a frente e para trás.

Havia espaço bastante entre os amieiros para o dragão lá caber – um trilho de animais conduzia ao riacho –, mas era mesmo à justa. O espaço era demasiado apertado para Thorn abrir as asas, levantar a cabeça ou dar meia-volta com facilidade.

Murtagh apercebeu-se de imediato do problema.

– Não tens de...

As palavras morreram-lhe nos lábios assim que Thorn deu um passo em frente. Depois outro. Murtagh começou a sentir a esperança brotar dentro de si.

Uma rajada de vento esquadrinhou os ramos por cima da cabeça de Thorn. A lenha estalou e gemeu num queixume desmedido, parecendo que o bosque ganhava vida com intenções hostis. Thorn encolheu-se, e os lábios enrolaram-se-lhe, revelando as presas. Sempre a rosnar, recuou para a orla dos amieiros e agachou-se.

A esperança de Murtagh foi desalojada por uma curiosa combinação de tristeza e ira. Cerrou os dentes e procurou agarrar melhor os odres.

Thorn esticou a perna dianteira esquerda sob as árvores, entendendo-a com as garras em riste.

– *Dá-mos cá. Eu levo-os daqui.*

– Não é preciso – disse Murtagh sem desviar os olhos dos odres. – Eu consigo. Vai. Já lá vou ter.

Thorn rugiu, mas o som tinha uma entoação queixosa. Passados alguns instantes, deu meia-volta e, estugando a passada, rastejou de volta para o acampamento.

A respiração de Murtagh prendia-se-lhe no peito. Ignorou-o e contorceu a mão direita até conseguir agarrar o gargalo do odre caído.

Depois, arrastou-se até sair do bosque.



A fogueira esmorecera, deixando uma cama de brasas.

Murtagh olhou para os rubis incandescentes e comparou-os, mentalmente, à pedra que Sarros encontrara.

Coçou o antebraço no sítio onde lhe doía. Estava mais cansado que de costume. A comoção em Ceunon e o voo posterior haviam-no esgotado.

Dos seus sacos retirou o embrulho de couro que continha as penas, o pergaminho e uma garrafa de tinta de bugalhos. Pegou no pergaminho meio coberto com a sua caligrafia vertical e escreveu cuidadosamente os versos que havia composto um pouco antes.

O resultado deixou-o insatisfeito, como se pudesse ter feito melhor.

Enquanto esperava pela secagem dos traços de tinta, usou um dedo para desenhar no chão um sulco estreito. Depois, a partir de um dos extremos desse, uma bifurcação para a esquerda e para a direita.

Inclinou a cabeça para um lado, estudando a vista.

Durante as horas passadas a pensar em magia, começara a considerar as possibilidades dos feitiços *se*. Tinham maior potencial do que o percebido por muitos, acreditava.

Tocou no ponto em que os sulcos bifurcavam e murmurou:

– *Ílf adurna fithren, sving raetha.*

Ou, numa tradução livre, «Se a água tocar, vira à direita». Depois, desarrolhou o odre ao seu lado e despejou uma medida de água no extremo oposto do sulco.

A água correu pelo trajeto até que o caminho se dividiu. Então, como que guiada por uma mão invisível, fluiu pelo ramo da direita da vala rasa que ele escavara. E Murtagh sentiu um ligeiro – mas proporcional – dispêndio de energia. Pôs termo ao encantamento.

Franziu o sobrolho enquanto arrolhava o odre.

Quantos *ses* conseguiria incluir num feitiço? E quão próximo teria de estar do ponto da ação? Seria capaz de vincular um feitiço condicional a um objeto, por exemplo, uma pedra preciosa, e deixá-lo desempenhar a sua função? Como uma armadilha para um inimigo ou um sinal de alarme na eventualidade de determinada coisa acontecer? As possibilidades eram copiosas. Poderia ele construir um edifício de *ses* que o protegesse, a si e a Thorn, de todas as ameaças imagináveis?

Tudo coisas a experimentar.

Do outro lado da fogueira extinta, Thorn mexeu-se e emitiu um som de gemido. Dormia, mas era um repouso desassossegado. Era-o sempre.

Murtagh observou-o, perturbado, e massajou o antebraço esquerdo, como que apagando a dor antiga. Suspirou e ergueu os olhos para o imenso arco de estrelas espalhado no céu noturno, desejando ter sabedoria para acalmar e reconfortar, para sarar mentes feridas.

Se aquele seu pensamento era uma oração, não sabia a quem rezava. Os deuses anões não eram seus, e as superstições da plebe não lhe diziam nada. Mas tinha esperança de que alguém ou algo pudesse talvez ouvir a sua súplica. E, se não – se, tal como ele suspeitava, não estivesse lá ninguém para responder –, então a tarefa de melhoramento cabia-lhe a si e apenas a

si. A perspectiva era extremamente assustadora, mas havia nela também algum consolo. O que quer que alcançasse – bom ou mau –, poderia reclamá-lo de pleno direito, sem ter de repartir créditos. Se era a sorte a ditar os acontecimentos na sua vida, era ele o dono das suas reações, e nenhum rei ou deus poderia quebrar esse seu direito.

Arrumou o pergaminho, as penas e a tinta, deitando-se depois no cobertor. Olhou para Thorn e decidiu deixá-lo dormir em vez de o acordar para o ritual de todas as noites. Thorn precisava de descanso após um longo dia a voar, e Murtagh conhecia muito bem o verdadeiro nome de Thorn. Era-lhe tão querido quanto o seu, e, como mostrara o incidente nos amieiros, proferi-lo mais uma vez não lhe ensinaria nada de novo.

Amanhã servirá, pensou Murtagh.

Demasiado baixo para se ouvir, proferiu o seu verdadeiro nome, e a nuca eriçou-se-lhe, com o coração a acelerar devido ao fluxo de autoconhecimento, severo e intransigente.

Então, tapou melhor os ombros com o cobertor e observou o pulsar das brasas enquanto aguardava pelo desacelerar do seu coração e pelo domínio do sono.



Murtagh sonhava, sonhos difíceis.

Deu por si a reviver a emboscada e captura de que fora vítima em Tronjheim. Com as mãos e os pés atados, os Gémeos a obrigaram-no a cavalgar ao longo de incontáveis milhas de túneis escuros e depois atravessando grande parte de Alagaësia até Urû'baen e Galbatorix. Nunca se sentira tão desamparado...

Depois, lutava com Eragon nas Planícies Flamejantes. Hordas de homens e anões digladiavam-se em redor deles, enquanto o rei anão tombava, morto, na sua armadura dourada, em pleno campo das chamas eternas. E o arrependimento misturava-se-lhe com a ira.

Quando a batalha se retirou da sua mente, a visão mudou:

Nasuada à sua frente. Nasuada como na primeira vez que a vira em Tronjheim: ainda jovem, ainda sem conhecer os rigores do comando, ainda antes de ser elevada à liderança dos Varden ou tornada rainha, mas, ainda assim, imponente e régia.

E ele, em contraste com ela, prisioneiro numa cela, sequestrado pelos Varden enquanto procuravam apurar as suas verdadeiras lealdades.

Admirou-a desde aquele momento, pois percebeu que a determinação dela estava à altura da sua. E ela foi gentil com ele quando não havia garantia alguma de gentileza; falou com ele sem preconceitos, com vontade sincera de compreender o que os levava, a ele e a Eragon, aos Varden. Tratou-o como a pessoa que ele era, não como a pessoa que outros acreditavam ser.

Depois, ela mudou: passou a envergar o vestido de muito mais tarde, quando, e sob as ordens de Galbatorix, Murtagh a raptara aos Varden. A expressão de desafio no rosto dela desfez-lhe o coração. Consequia ver o medo por trás, e a monstruosa injustiça daquela situação arrasou-o.

Surgiram no vestido manchas e lágrimas, e o cabelo dela ficou com um ar chamuscado, os olhos assombrados. Tinha os braços desfigurados por marcas de pressão. Mas nunca, durante as torturas que lhe infligiu Galbatorix, lhe desapareceu o ar de desafio. E ainda mostrava compreendê-lo.

De seguida, estavam já no exterior da cidadela de Urû'baen, no pátio coberto de escombros. O fumo escurecia-lhes a pele, caíam cinzas como neve. O rei estava morto. Nasuada olhava para Murtagh, já sem réstia de desafio, os seus olhos escuros arredondados e vulneráveis. E as únicas palavras que ele conseguiu proferir foram: «Peço desculpa.»

Não foi suficiente. Como poderia ser?



Quando Murtagh acordou, no topo dos amieiros discutiam estorninhos e pegas-rabudas. Tinha suor na testa, e também debaixo dos braços, a pulsação acelerada como um cavalo assustado.

Sentou-se e limpou a testa.

O sol ainda não nascera, e Thorn continuava a dormir.

Sentiu um vazio no coração. Durante um breve período, após a batalha por Tronjheim, fora um homem livre, e Nasuada ainda não se encontrava sob o fardo das responsabilidades de comando. A possibilidade de cortejá-la começara a formar-se quando o destino interveio. Se tivessem continuado sem interrupções...

Abanou a cabeça. Era inútil estar a considerar *se e poderia ter sido*. A realidade era a realidade, e cabia aos vivos lidar com ela o melhor que conseguissem.

Mas sabê-lo em nada aliviava a sua dor.

Ergueu-se com cuidado, para não fazer barulho, pegou na Zar'roc, que estava junto ao cobertor, e afastou-se do acampamento.

A erva coberta de geada estalava sob as botas, um som seco e estaladiço.

Deteve-se numa extensão de turfa. Peito erguido, ombros recuados, olhando em frente, para o futuro.

Inspirou o ar gelado e tirou a Zar'roc da bainha carmesim. À luz cinzenta da aurora, a lâmina da espada era um pedaço afiado de vidro vermelho iridescente – um espinho cintilante de sangue congelado, ansioso por golpear e esfaquear e matar. A espada de um Cavaleiro, forjada por um ferreiro elfo a partir do metal brilhante oriundo de um meteorito há mais de um século e imbuída de feitiços de força e entusiasmo e resistência. A melhor arma que um guerreiro poderia querer empunhar. E, no entanto, ele considerava-a com tanta aversão quanto apreciação. A espada de um Cavaleiro, sim, mas esse Cavaleiro fora Morzan. O seu pai. E Morzan usara a Zar'roc para muitos feitos negros e sanguinolentos... tal com Murtagh, depois dele.

Por alguma razão Morzan batizara a espada de *Sofrimento* na língua antiga, e, fiel ao seu nome, ela dispensara dor a muitos por toda aquela terra, incluindo o próprio Murtagh.

Por vezes perguntava-se se devia ter tirado a Zar'roc a Eragon.

Afugentou o pensamento. Ignorar o passado não teria mudado nada. Quer quisesse quer não, a sombra de Morzan cairia sempre sobre si, e, além do seu nome e da cicatriz nas suas costas, a Zar'roc era tudo o que possuía do pai. Era uma herança escassa e abominável, mas era apenas sua, e por essa razão agarrava-se a ela.

Segurou a bainha na outra mão enquanto deslizava pelos movimentos tão familiares. Marchar, golpear, desviar, virar. Bloquear, menear, estocar. Movia-se sem pensar, com a mente tão silenciosa e vazia como um lago sem vento num dia de céu limpo.

Atacar, defender, fintar. Pressionar, procurar a abertura, desferir o golpe, arriscar a estocada. Usava a bainha como adaga, bloqueando, defletindo, batendo no pulso, criando oportunidades para um golpe letal.

Sentiu a pele aquecer e a pulsação estabilizar. Começou a movimentar-se mais depressa, esforçando-se por manter o ritmo de batalha, cada momento uma chicotada tanto de ação em prol da vida como em prol da morte.

Os pulmões faltaram-lhe, antes mesmo dos braços. Incapaz de continuar, caiu de joelhos e segurou a bainha de encontro ao chão. Colocou a Zar'roc atravessada sobre as coxas.

Quando os primeiros raios de luz começaram a desenhar-se sobre a erva gelada, o rubi oval do punho da Zar'roc refletiu-os, projetando-os em disparos de vermelho incandescente.

Do lado de lá da fogueira extinta, Thorn observava-o. Quando Murtagh se aproximou. Fungou.

– *Cheiras a medo.*

Murtagh resmoneou.

– Eu sei, vou-me lavar.

Encolheu-se quando Thorn lhe lambeu o cotovelo. Depois obrigou-se a relaxar e deu uma palmadinha na cabeça do dragão.



Os dias prosseguiram, mantendo o mesmo padrão. Voavam, com cautela para evitar a deteção. Murtagh pensava e escrevia e pensava um pouco mais. No acampamento, registava o que valesse a pena guardar e, por vezes, lançava uns quantos feitiços. E todas as noites após a primeira proferiam juntos os seus verdadeiros nomes, numa confissão silenciosa.

De noite Murtagh sonhava, e nem ele nem Thorn falavam do que viam durante aquelas horas de breu.

Entretanto, Du Weldenvarden permanecia como um interminável mar de árvores do seu lado esquerdo. As profundezas escuras da floresta enchiam Murtagh de presságios; não lhe agradava a ideia de se perder por entre as fileiras cerradas de pinheiros. Contudo, ainda se perguntava como seria caminhar na floresta antiga. Nunca tivera oportunidade, nem ele nem Thorn, de visitar a casa ancestral dos primeiros Cavaleiros.

Aquele pensamento trouxe-lhe a Ilha Vroengard à memória, e estremeceu. *Esse*, sim, fora um sítio que ele e Thorn haviam deixado de bom grado. Toda a ilha tinha qualquer coisa de errado, tingida pelas mortes

de dragões, envenenada pela magia libertada durante a queda dos Cavaleiros.

Por vezes parecia a Murtagh que toda a Alagaësia era um cemitério, coberta que estava dos desgostos da história.

Durante a terceira noite, Thorn estava com vontade de brincar, por isso fizeram um treino de combate juntos, tanto quanto é possível entre um homem e um dragão. Murtagh corria e disparava e saltava em torno de Thorn, procurando tocar-lhe com a ponta da Zar'roc (embotada momentaneamente com magia). E Thorn, por sua vez, dava o seu melhor para manter Murtagh a distância, para o apanhar e prender ao chão.

Foi muito divertido, mesmo que Murtagh tenha chegado ao fim com cortes e nódoas negras. Também deixou as suas marcas, mas Thorn não se importava: os olhos do dragão cintilavam de deleite puro de cada vez que Murtagh lhe acertava ou o obrigava a desviar-se.

Depois de terminarem, Murtagh encostou-se à barriga ciciante de Thorn enquanto ambos recuperavam o fôlego.

– Estavas lento como uma tartaruga – disse, num tom brincalhão.

Thorn encostou-lhe o focinho ao braço que ficara com nódoas negras.

– *E tu estavas previsível como um boi.*

Murtagh sorriu.

– Talvez estivesse, mas ainda assim deixei-te marcado.

Recebeu em resposta um pequeno e bem-disposto rosnido.



Na manhã do quarto dia, surgiu uma folha prateada estendida ao longo do horizonte a sul.

– Isenstar! – disse Murtagh, e Thorn começou a desenhar uma curva delicada.

Aquele lago era um dos maiores de Alagaësia. Em circunstâncias normais, tê-lo-iam contornado, mantendo-se sempre sobre terra, para o caso de precisarem de pousar. Todavia, estariam mais resguardados de olhos curiosos sobre a água, por isso Thorn avançou a direito sobre a extensão ondulada.

Havia garças no Isenstar, e também gaivotas e garajaus, chegados para o interior para se banquetear com o peixe do lago. Uma formação de garças em V juntou-se a Thorn no céu; as aves não mostravam receio algum do dragão, tão maior e mais lento que elas.

Murtagh divertia-se a gritar às garças, que lhe respondiam com um gritolatido medonho, fazendo-o pensar no cruzamento entre um burro e um porco.

Thorn voou o dia inteiro, mantendo um ritmo regular com batimentos de asa lentos e poderosos. Ao meio-dia, a luz refletida de baixo era tão forte que Murtagh teve de desviar os olhos para não ficar encandeado. Mais tarde, a água adquiriu uma transparência espantosa; mesmo de lá de cima, conseguia ver peixes enormes e molhos de ervas dançantes.

Também lá havia barcos, pescadores a competir com as aves pela abundância do lago. E caçadores e comerciantes transportando mercadorias de norte ou de sul entre Gil'ead e Ceunon.

Mas o que mais chamou a atenção de Murtagh foi um estreito barco a remos de duas pessoas, com o casco branco e uma inequívoca forma elegante.

– Elfos – disse e apontou mentalmente.

Thorn desviou-se para oeste, afastando-se do barco a remos.

– Protege os teus pensamentos – disse Murtagh. – Se ainda não nos tiverem visto, talvez nos consigamos escapulir.

Thorn respondeu com um som nasal.

O barco a remos encolhia mais devagar do que Murtagh desejaria. Observou-o até se tornar uma pinta minúscula e indiscernível e só então se permitiu relaxar.

Entre todas as raças, os elfos eram os mais dotados no que dizia respeito a magia e a comunicação mental. Se os elfos tivessem decidido alongar o pensamento para testar o céu, bem... Permitiu-se esboçar um sorriso sardónico. O dia ter-se-ia tornado desagradavelmente interessante.

Coçou o pescoço de Thorn, à volta dos espigões.

– Muito bem.

– *Que olhar aguçado* – foi tudo o que o dragão respondeu.

O céu escurecera para um tom roxo e pairava sobre o lago um forro de nuvens douradas quando Gil'ead se deixou ver, na margem do lago à frente deles.

A cidade era muito como Murtagh a recordava. Baixa e tosca, com construções emparedadas por troncos de árvore e – ao centro – uma fortaleza espaiada. Seria ali que moraria Lorde Relgin, o atual governante da cidade, e Murtagh suspeitava que também lá encontraria Ilenna, granjeando boas graças e colecionando segredos. Presumindo que a família dela não fora exilada da corte devido à associação com o Império. Mas Murtagh duvidava que assim fosse. O negócio de transportes do pai dela era demasiado útil a quem detinha o poder, fosse Galbatorix, Nasuada ou Lorde Relgin.

Murtagh estava satisfeito por terem chegado, mas a visão de Gil'ead não lhe dava especial prazer. Na última vez que ele e Thorn ali haviam estado, tinham lutado ao serviço de Galbatorix numa desesperada e falhada tentativa de defender o lugar dos elfos. Fora uma batalha sanguinolenta e miserável. E a vez anterior a *essa* pouco melhor fora: uma emboscada, sendo ele depois obrigado a infiltrar-se na fortaleza para resgatar Eragon das garras do Espetro Durza.

Procurou e encontrou: o telhado sobre o salão de banquetes da fortaleza, reconstruído e coberto com telhas de madeira novas. A gente de Gil'ead andara ocupada desde o fim da guerra.

Mentalmente, Murtagh ouviu o estrondoso *crac* de quando Saphira arrancara o telhado original do salão de banquetes durante a sua fuga. Fez uma careta. Que noite terrível. E nem sequer fora a primeira noite dessa natureza para a sua família em Gil'ead.

– *Temos uma história infeliz aqui* – pensou. – *Melhor seria não acrescentar nada ao registo.*

– *Vê se não te metes em mais lutas* – disse Thorn.

– *Sabes que não posso prometer isso.*

Murtagh virou o olhar para oeste. Nessa direção, aninhada algures entre as colinas que rodeavam Gil'ead, ficava a clareira onde se tinha escondido com Saphira enquanto planeavam salvar Eragon...

– Por ali – disse, apontando.

O horizonte inclinou-se quando Thorn apontou para oeste, e Murtagh voltou a estudar o desenho da cidade enquanto ponderava na melhor forma de abordar Ilenna.

GIL'EAD



GIL'AD



CAPÍTULO I



Território hostil

As asas de Thorn libertaram uma saraivada de folhas quando ele descia por entre salgueiros e choupos até à clareira oculta. A abertura mal tinha tamanho suficiente para ele, e Murtagh já conseguia sentir o desconforto do dragão.

Enquanto as folhas assentavam, Thorn olhou em redor do espaço confinado. Rugiu, e um par de corvos disparou a crocitar do meio dos choupos.

– Está tudo bem – disse Murtagh num tom tranquilizador. – Temos de nos esconder, e este lugar é bom para isso. Se acontecer alguma coisa, podes levantar voo.

Thorn revirou os olhos, mas manteve-se quieto.

Depois de desapertar as correias que lhe prendiam as pernas, Murtagh escorregou até ao chão. Era esquisito estar de volta àquela clareira, como se o lugar proviesse de um sonho meio esquecido.

Sacudiu-se e perscrutou a área com a mente. Para seu alívio, as únicas criaturas que sentiu foram ratos e coelhos, duas doninhas e um pequeno grupo de veados a pastar numa colina próxima.

Satisfeito, disse:

– É seguro.

O dia já se aproximava do fim, por isso montaram acampamento e num instante dormiam a sono solto.



– *Conhece-te o Lorde Relgin quando baste para te reconhecer?*

Murtagh ergueu o olhar da malga. Uma fogueira teria sido um risco excessivo, tão próximo de Gil’ead, o que para ele significava um pequeno-almoço de papas de aveia frias e carne seca.

Thorn observava-o a partir do centro da clareira. Recusara-se a rastejar para baixo do pátio, onde Murtagh colocara a sua trouxas de dormir.

– Ele *sabe* quem eu sou, mas não creio que nos tenhamos conhecido. De qualquer modo, não deverei cruzar-me com ele.

– *E se te cruzares?*

– Minto. Se as mentiras não chegarem, fujo.

Thorn pestanejou.

Sobre a clareira, um pardal passou disparado, atrás dos insetos matinais.

Murtagh rapou o que restava das papas, levando-o à boca.

– Seja como for, estarei de volta pelo pôr do sol. Se não estiver... – A terra mole esguichava por entre as garras de Thorn enquanto este revolia o chão. – Se não estiver – repetiu Murtagh com delicada ênfase –, aviso-te.

– *Levas a Zar'roc contigo desta vez?*

Murtagh olhou para a espada encostada ao tronco em que ele se sentava. Queria levá-la. Entrar desarmado em Gil'ead não era perspectiva que lhe agradasse.

– Daria muito nas vistas. Levo antes a minha adaga.

Thorn soltou um silvo desaprovador.

– *Sempre o mesmo problema. Devias arranjar outra espada, uma que possas levar contigo onde quer que vás.*

– Isso não é má ideia – disse Murtagh enquanto limpava a boca. – Teria de encantá-la, claro, para não se partir.

– *Então, arranja-a.*

Murtagh olhou-o nos olhos.

– Está bem. Verei o que consigo encontrar amanhã. Gil'ead tem um grande mercado de armas. Ou tinha. Terei de ver se ainda existe.

– *Ainda bem.* – Thorn enterrou mais ainda as garras no chão.

– Mas até lá...

Murtagh pôs-se de pé num salto e caminhou por entre as árvores até encontrar um salgueiro jovem – da largura do seu pulso – que morrera por falta de luz, envolto em sombra pelos ramos das árvores já crescidas. Arrancou o salgueiro da terra argilosa e levou-o para o acampamento.

Lá, retirou-lhe a casca e cortou-o de forma a ficar cerca de dois pés mais alto do que ele.

– Pronto – disse, içando o bastão. – Não é a melhor madeira, mas por agora serve.

– *Consegues lutar com isso?* – perguntou Thorn.

– Melhor ainda, consigo andar com isto – disse Murtagh e apoiou-se no bastão como se tivesse um joelho magoado. – Se alguém olhar para mim, verá a minha perna, não o meu rosto.

Thorn farejou o bastão.

– *Uma garra feita de um pau rombo é melhor do que nenhuma garra feita de um pau rombo, acho. Ainda assim, tenta não pontapear nenhum ninho de vespas como fizeste em Ceunon.*

– Não o fiz de propósito.

– *Nunca fazes. Talvez a Ilenna te possa manter longe de sarilhos, humm?*

Murtagh ergueu uma sobrancelha.

– Se eu não te conhecesse, pensaria que queres que ela me apanhe.

A boca de Thorn abriu-se num sorriso aproximado.

– *Talvez devesse deixá-la apanhar-te. Poderia apaziguar o fogo nas tuas entranhas.*

Murtagh fungou.

– Sabes no que é que isso dá. Filhos.

– *Os filhotes não são uma coisa má.*

Murtagh fitou Thorn com um semblante sério.

– São se não conseguires cuidar deles como eles precisam. Nunca faria isso a um filho meu. Antes morrer.



Saindo da clareira, Murtagh avançou para leste e norte até intercetar a estrada principal a caminho de Gil’ead. Por ela marchavam soldados e seguiam camponeses conduzindo carroças e gado, além de carruagens fechadas e da caravana de um mercador carregada de mercadorias do sul.

Murtagh esgueirou-se para a estrada e posicionou-se atrás da caravana, sem se preocupar em evitar a nuvem de poeira levantada pelas mulas. Puxou o capuz para lhe cobrir o rosto, baixou a cabeça e começou a coxear.

Enquanto caminhava, ia treinando as suas mentiras. Sim, era Tornac, filho de Tereth, vindo de Ilirea para comprar espadas e lanças para os homens do seu senhor. O seu senhor? Um tal de Burdock Marriison, que servira distintamente como capitão no exército de Nasuada e recebera um

título como recompensa. Não, não trazia qualquer carta de recomendação. Para quê? Sim, tinha uma nota de crédito para fazer as compras. O seu cavalo? Nos estábulos da Estalagem Cattail, a sul de Gil'ead.

E assim por diante. A história não resistiria a uma inspeção minuciosa, mas Murtagh esperava que fosse suficiente para evitar sarilhos, se os sarilhos fossem ter consigo.

Nos campos que ladeavam a estrada, via vestígios da batalha por Gil'ead, fantasmas do banho de sangue passado. Fora ali, junto a uma sebe, que a cavalaria do Império se reunira, e ainda se via um círculo de chão sem erva onde os cavalos haviam espezinhado a terra até se tornar dura como tijolos cozidos no forno. Metade de uma carroça destrozada apodrecia junto à berma de uma vala próxima, com a madeira chamuscada por fogo de feitiço. Mais para leste os elfos haviam conseguido quebrar a linha de defesa do exército e começado a expulsá-los de Gil'ead.

Murtagh forçou-se a evitar olhar, mas não conseguia deixar de recordar. *Deve ter sido aterrador*, pensou. Ficarem apeados, com dragões à luta por cima das suas cabeças e fileiras de elfos a aproximarem-se... Mal conseguia imaginar pior situação.

À medida que se aproximava de Gil'ead, reparou numa coisa bizarra. Meia milha à sua frente havia um caminho estreito, com algum comprimento, que se dirigia para oeste até chegar a um grande carvalho no cume de um monte. Pelo menos um terço dos viajantes desviava-se da estrada e caminhava até ao carvalho, para o qual olhava durante bastante tempo antes de dar meia-volta e regressar à estrada.

Murtagh não conseguia perceber o sentido daquilo. Não havia bancas junto ao carvalho. Nem mercadores nem latoeiros com mercadoria para vender. Era apenas... uma árvore.

Parou à beira da estrada e esperou até um carro puxado por bois chegar junto a si. O homem que segurava as rédeas era escanzelado, de pele tisonada, e trazia no canto da boca o pedúnculo de uma folha verde. Ao seu lado estavam dois rapazes sentados que não podiam ter mais de dez ou doze anos.

— Perdão, vizinho — disse Murtagh com sotaque nortenho. — O que 'tará a acontecer ali junto àquela árvore?

O camponês olhou-o de lado e encolheu o caule entre os lábios.

— É ali que 'tá enterrado o dragão.

Murtagh sentiu abrir-se-lhe um buraco na barriga.

– Um dragão?

– Sim, senhor. E tam’ém um elfo, veja bem. – Os dois rapazes espreitaram Murtagh, curiosos, à roda do camponês, e os bois mugiram. – Os elfos queimaram o corpo do dragão e plantaram aquela árvore *pru* cima das cinzas.

Então a carroça prosseguiu, deixando Murtagh sozinho.

Com um andar pesado, recomeçou a caminhar. Não voltou a olhar para a árvore e tentou não pensar naquilo. Mas quando chegou ao cruzamento em que o caminho divergia da estrada, murmurou:

– As minhas desculpas.

Ainda conseguia ver o corpo agredido de Glaedr a cair lá do alto, um meteoro incandescente a mergulhar em direção ao lamaçal sangrento que cobria o mundo, com as asas a esvoaçar como bandeiras rasgadas pelo vento.

A mente de Thorn tocou na sua, e o dragão disse-lhe:

– *O destino deles não foi culpa nossa.*

Murtagh ficou tenso ao lembrar-se da sensação de Galbatorix a entrar e tomar o controlo da sua mente. O rei usara-o a ele para matar Oromis, e Thorn para matar Glaedr, embora Glaedr ainda vivesse no seu Eldunári.

– *Não, mas Galbatorix não o teria conseguido sem nós. Não naquela altura. Não naquele lugar.*

Sentiu que Thorn concordava com ele com relutância.

– *Gostava de ter conhecido Glaedr como amigo, não como inimigo.*

– *E eu o mesmo em relação a Oromis. É possível que ainda venhamos a ter uma hipótese com Glaedr, se ele alguma vez no-lo permitir.*

– *A memória dos dragões é tão grande e profunda como as raízes das montanhas. Ele não nos perdoará termos matado o seu Cavaleiro.*

– *Provavelmente não.*

Murtagh suspirou. Não conseguia evitar o ressentimento contra Eragon e Saphira por terem tido a oportunidade de ser ensinados por Oromis e Glaedr.

– *Se ao menos nós tivéssemos tido as mesmas oportunidades, o que nos teríamos tornado?*

Tal como a maioria das especulações, aquela linha de raciocínio era inútil, e ele sabia-o, mas o sentimento pesava-lhe na mesma.

– *Tornámo-nos fortes* – disse Thorn. – *Ninguém sobreviveu àquilo que nós sobrevivemos.*

O que era verdade. Contudo, apesar do que Murtagh havia dito a Essie, acreditava que certas feridas, certas cicatrizes, eram demasiado grandes para serem superadas e nada faziam para tornar uma pessoa mais forte. Pelo contrário. Um ferimento verdadeiramente grave apenas nos deixava enfraquecidos, imperfeitos, e a maioria deles não tinha conserto.

Guardou para si esse sentimento. Não queria que Thorn alguma vez achasse que ele via o dragão como estando irrevogavelmente lesado. Na verdade, Murtagh achava que o dragão tinha mais hipóteses de se recompor do que ele. Pelos padrões tanto de humanos como de dragões, Thorn era ainda pouco mais que um filhote de dragão, apesar de Galbatorix ter acelerado o crescimento do seu corpo. Ele era *jovem*, e, tal como a magia, a juventude significava potencial. Mas Thorn levaria tempo a sarar. Anos e anos, se não a totalidade das suas existências.

O padrão das nossas vidas é definido tão cedo, pensou. Se alguma vez viesse a ter filhos – e essa ideia enchia-o da mais profunda trepidação –, sabia que faria tudo ao seu alcance para garantir que os seus primeiros anos fossem repletos de amor e alegria.

Ainda que não tivessem mais nada, as crianças ficariam assim com aquelas primeiras memórias felizes para se aguentarem durante a escuridão. Que melhor presente poderiam receber de um progenitor?

Suave como uma sombra, sentiu, mais do que ouviu: «... *meu belo rapaz. Que rapaz tão forte. Deixas-me tão orgulhosa.*» A voz da mãe, uma recordação parcial, tal como lhe falara no corredor do castelo de Morzan.

Murtagh sentiu faltar-lhe a força nas pernas. Apoiou-se no seu bastão, agora a sério, e fixou o olhar na rede de fendas na terra nua enquanto aguardava que passasse aquele acesso de emoção. Seria desgosto, ira, desejo do que nunca tivera?... Não conseguia perceber.

Deixando os sentimentos de lado, prosseguiu em frente. Era tudo o que podia fazer.



Gil'ead não tinha uma muralha em seu redor como havia em Ceunon e Dras-Leona – em caso de ataque, o povo deveria abrigar-se no interior da fortaleza central –, mas ainda assim havia uma guarita na estrada principal.

Os guardas, constatou Murtagh com alívio, mantinham apenas uma vigilância geral e não faziam qualquer esforço para inspecionar quem entrava.

Baixou a cabeça e apressou-se a passar, procurando ocultar-se na caravana que seguira.

A cidade propriamente dita era um sítio barulhento, tumultuoso, rude e musculado. Sentia-se um forte cheiro a estrume no ar, e as pessoas gritavam de um lado para o outro das ruas e das varandas de suas casas. Havia menestréis nas praças e latoeiros nas ruas, e dezenas de edifícios em construção pela cidade – o que surpreendeu Murtagh; teriam de apressar-se a acabar os telhados antes da chegada do inverno.

Viu vários vestígios da guerra. Os edifícios da via principal tinham marcas chamuscadas nas vigas e hastes de flechas partidas neles espetadas, como espinhos numa roseira. Um bando desordeiro de anões discutia com um palafrenero junto à entrada da cidade, procurando chegar a acordo quanto aos termos da guarda dos seus póneis. Perto do centro de Gil'ead, Murtagh viu dois elfos – um macho e uma fêmea, ambos com cabelo preto como tinta – do lado de dentro do portão de uma ostentosa casa de paredes de pedra, conversando no jardim dianteiro enquanto esvoaçavam borboletas debruadas a roxo em roda das suas cabeças e dos seus ombros.

Murtagh reteve uma fungadela. *Tão típico deles. Acho que somos todos fiéis à nossa verdadeira natureza.*

Fez questão de se manter bem afastado da casa de pedra.

Após o sossego dos últimos quatro dias, os cheiros e os sons da cidade eram assondantes. Murtagh combatia o impulso de tapar os ouvidos – e o nariz – e deu por si a estremecer ao escutar ruídos inesperados.

Estás a transformar-te num animal selvagem, pensou. Assustadiço e indomado. Não sabia ao certo se isso seria mau.

Chegou ao mercado, que, de facto, exibia muitas armas. Deixou-as para depois, achando que uma espada daria muito mais nas vistas do que o seu bastão, e vagueou por entre outras bancas, inspecionando as mercadorias. Algumas perguntas discretas sobre as origens de um lenço de lã macio, de uma pipa de vinho do sul e de um conjunto de colares entalhados bastaram

para ficar a saber que a família de Ilenna ainda exercia o seu negócio. Uma inquirição posterior junto de um comerciante de tecidos revelou que, tal como ele suspeitava, Ilenna passava a maior parte do tempo na corte de Lorde Relgin, aconselhando o conde em representação do pai.

Satisfeito com as descobertas, Murtagh parou numa tenda cheia de gaiolas de vime que continham rolas, pombos e diversas aves canoras. O dono era um homem grosseiro, de bigode, que mais parecia um contramestre militar do que um mercador.

Após um breve regateio – mais por uma questão de aparências do que por necessidade –, Murtagh comprou o tentilhão mais vistoso e de canto mais doce. Cobrindo a gaiola com um pano para manter o pássaro em silêncio, apressou-se a percorrer as ruas movimentadas até à entrada da fortaleza.

Os portões principais estavam abertos, o gradeamento de ferros cruzados erguido bem alto, mas Murtagh não se lhes dirigiu. Os guardas posicionados de ambos os lados do portão *iriam* inspecionar qualquer pessoa que quisesse entrar.

Nunca fora esse o plano. Em vez disso, colocou-se atrás da esquina de uma casa próxima, onde os guardas não o conseguiam ver, mas de onde ele conseguia observar toda a gente que entrava e saía na fortaleza. Sabia que tinha um tempo limitado. Alguém repararia nele se continuasse ali parado, mas estava convencido de que não teria de esperar muito tempo.

Tinha razão.

Menos de meia hora após se ter ali instalado, saiu, apressado, pelo portão um pajem ruivo com mangas ornadas com borlas, que se dirigiu rapidamente para o mercado. Murtagh animou-se. *Perfeito.*

Esgueirou-se para uma ruela estreita a feder a excrementos e posicionou-se no lado da rua por onde esperava que o pajem regressasse.

Um puxão no seu manto sobressaltou-o. Olhou para baixo e encontrou dois rostos sujos olhando-o fixamente, crianças maltrapilhas com metade da sua altura, vestidas com andrajos que já tinham mais anos de vida que elas.

– Por favor, meu senhor – disseram em uníssono, estendendo as mãos em concha.

Murtagh não conseguia perceber se se tratava de rapazes ou raparigas. Decidiu que não importava. Também decidiu que não importava se eles estivessem a enganá-lo, se tivessem casa e família e comida e uma lareira

quente.

– Tomem. Comprem algo que comer – disse, pescando dois cobres da bolsa.

As crianças riram e abanaram a cabeça.

– Obrigado, meu senhor! Vermelho, vermelho, vermelho, e o dragão apanha-te! – Depois, lestos como ratitos, correram pela ruela e desapareceram entre os edifícios.

Murtagh inspecionou o cinto. A bolsa ainda estava no devido lugar, o que era uma vitória. Sorriu. Acontecesse o que fosse com Ilenna, já fizera *algum* bem naquele dia.

O seu sorriso esbateu-se quando detetou o pajem a regressar pela rua. O jovem mandriava, comendo uma empada, saboreando o sol e mirando as senhoras que andavam na rua. *Não estás com muito vontade de regressar para ao pé do teu senhor ou da tua senhora, hem?*

Quando o jovem passou pela ruela, Murtagh abriu o manto e, numa voz do passado, disse:

– Rapaz! Espera. Desejo falar-te.

O pajem estacou, e Murtagh viu o pânico desenhar-se-lhe nos olhos enquanto tentava perceber se estava ou não em apuros, e, caso estivesse, em que medida.

– S-s-sim, senhor?

O pajem fez uma ligeira vénia e depois olhou de soslaio para as roupas de Murtagh, sujas da viagem. Da sua empada meio comida escorreu-lhe um fio de molho até à mão.

Hesitar deitaria tudo a perder. Assumindo um ar altivo, Murtagh fez-lhe um gesto para se aproximar:

– Chega aqui, rapaz. És pajem na corte de Lorde Relgin, certo? Necessito de um estafeta para entregar uma mensagem minha.

O jovem olhou de relance para a fortaleza e rodou os pés, como se se preparasse para se virar e fugir.

– O meu senhor...

– Não me fales do teu senhor! Isto é da maior importância. – Tocou com um dedo no lado do nariz. – Da *maior* importância. – A expressão do pajem tornou-se interessada. A intriga produzia sempre aquele efeito. – Conheces a boa mulher Ilenna, que frequenta a corte de Lorde Relgin?

– *Sei quem é Ilenna, senhor.*

Murtagh fez um gesto como se não importasse.

– E sem dúvida que poderias obter a atenção dela, dada a tua posição, certo?

O peito do jovem inchou ligeiramente.

– Ora, sim, senhor. Creio que sim.

– Excelente. – Murtagh estendeu-lhe um quadrado de pergaminho dobrado, selado com uma pinga de sebo de vela derretido. – Assim sendo, encarrego-te de entregares esta mensagem à estimável Ilenna, bem como de lhe expressares o meu urgente desejo de trocar palavras com ela tão depressa quanto lhe seja conveniente. Juntamente com o meu pedido, ofereço este presente a Ilenna, em sinal do meu profundo respeito. – Fez um gesto na direção da gaiola aos seus pés.

O pajem olhou para a gaiola e para o pergaminho.

– Se eu a encontrar, senhor...

– Regressa então com furor, rapaz, e traz-me a resposta dela. É um caso urgente.

O rapaz aceitou, hesitante, o pergaminho, e Murtagh acrescentou, como se o tivesse esquecido até àquele preciso instante:

– Ah, sim, e pelo teu incómodo. – Entregou-lhe uma moeda manchada. – Uma prata agora, e uma coroa quando regressares.

O rosto do pajem animou-se.

– *Sim, senhor*, meu senhor!

Uma coroa era mais dinheiro do que o jovem veria, provavelmente, durante um ano inteiro. Um suborno dispendioso, mas valia a pena, apesar de deixar a bolsa de Murtagh tristemente desfalcada.

Se isto continua, sou capaz de ter de procurar um emprego remunerado, pensou, sardónico. *Talvez como mercenário ou cirurgião.*

Quando o jovem agarrou na gaiola, o tentilhão gorjeou num sonolento protesto.

– Estarei de volta o quanto antes, senhor.

Murtagh acenou com a cabeça, voltando a envolver-se no manto.

– Aguardarei até receber a resposta de Ilenna. Agora, vai! E que te guie um fado veloz.

O pajem deu meia-volta e seguiu em passo rápido em direção ao castelo, segurando a gaiola numa mão e, na outra, a sua empada meio comida.

Murtagh abanou a cabeça enquanto via o jovem partir. Os pajens eram um meio de comunicação essencial, mesmo que ineficaz, na corte de Galbatorix. Além disso, estavam mais a par do que se passava, habitualmente, do que o próprio espião mestre. Só esperava que a promessa de ouro mantivesse o jovem focado na tarefa.

Enquanto aguardava, Murtagh passou o tempo a observar a gente de Gil'ead. Soldados em cotas de malha enferrujadas com lanças pousadas sobre os ombros num ângulo inclinado. Oficiais que passavam levemente em cavalos bem cuidados com tranças nas crinas. Mercadores com chapéus emplumados e vestes de tecidos ricos. Nobres – ou aspirantes a nobres provindos das mais elevadas posições dos Varden – procurando evitar que a lama lhes salpicasse as elegantes vestes, amiúde com uma fila de servos a segui-los, carregando inúmeras compras. Muitas das personagens mais importantes utilizavam cadeiras cobertas levadas por carregadores que percorriam as ruas em passo acelerado, transmitindo a impressão de que quem lá ia dentro tinha assuntos da maior urgência a tratar.

Na realidade, Murtagh sabia que os carregadores não conseguiriam manter aquela velocidade, e muitas das viagens feitas pelos passageiros das cadeiras eram da espécie mais mundana. Mas, como sempre, havia que manter as aparências.

Lançou um olhar à orla enlameada do seu manto. Por mais que apreciasse a ordem e o asseio, não tinha saudades algumas daquele ímpeto interminável para ostentar ao mundo uma imagem perfeita. Agora que passara um tempo longe da corte, aquela pressão parecia-lhe uma forma de insanidade temporária.

No final da rua, do lado oposto ao da fortaleza, conseguia ver a praça principal. Soava entre os edifícios uma música animada e, por entre uma multidão de corpos em movimento, conseguiu entrever uma dança das colheitas: homens e mulheres a circundarem-se uns aos outros, braços dados, pés erguendo-se bem alto ao som do ritmo rápido.

Murtagh deu por si a bater o pé. Dançar era uma das coisas de que gostava na corte, embora tudo o que rodeia os bailes – as políticas e maquinações e vilanias em geral – fosse terrível. Mas os bailes em si mesmos, ah, esses haviam sido especialmente agradáveis. Ele dominava até as sequências de passos mais complicadas, e isso fora-lhe vantajoso no manejo da espada, pois dotara-o de uma grande estabilidade. Os

movimentos dos pés representavam tudo quer na dança quer na guerra, fosse a nível individual ou a nível dos exércitos e das nações. O movimento certo na altura certa fazia a diferença entre vitória e derrota, e o movimento certo nem sempre era o esperado.

Um rosto do outro lado da rua chamou a atenção de Murtagh. Um vislumbre de uma bochecha pálida, o contorno de um maxilar, a silhueta distinta de um nariz... Murtagh inteiriçou-se ao ver o perfil de um homem relativamente novo a caminhar entre um grupo de cinco guardas.

Não pode ser. Lyreth? O filho mais velho de Lorde Thaven, que servira como comandante na marinha de Galbatorix? Lyreth era quatro anos mais velho que Murtagh. Desde miúdo que sempre fora maior e mais forte que Murtagh e não se coibira de usar isso em seu benefício.

Agora que Murtagh pensava no assunto, não vira Lyreth em Urû'baen durante a sua última estada na capital. O filho de Thaven fora esperto a ponto de evitar aparecer na corte enquanto Murtagh lá estava como Cavaleiro.

Que faz ele aqui agora? Lyreth virou a cabeça para olhar para algo no outro lado da rua, e Murtagh recolheu-se mais um pouco na ruela. Lyreth era uma das pessoas que não teria dificuldade alguma em reconhecê-lo. *Não devia ter feito a barba.*

Mas nenhuma reação alterou o semblante de Lyreth, e ele prosseguiu no mesmo sentido, mantendo o ritmo rápido.

Murtagh expirou e recolheu-se na esquina do edifício. Provavelmente, Lyreth tinha ainda mais motivos que ele para não querer ser reconhecido em público. Todas as famílias nobres que haviam servido Galbatorix – famílias que tinham acumulado fortunas e poder durante o seu reinado de um século de duração – se viram destituídas das suas posições, e muitos dos seus membros foram executados ou exilados. Mas as lealdades tinham raízes profundas, e a riqueza comprava proteção, logo, tal como no caso de Yarek, Murtagh sabia que uns quantos, não poucos, seguidores de Galbatorix viviam num secretismo corporativista.

Não invejava Nasuada por ter de lidar com a sua influência erosiva.

Murtagh não sabia bem há quanto tempo estava naquela esquina, à espreita. Pelo sol, diria que passara cerca de uma hora. Sentiu uma ligeira comichão no centro da palma da mão direita – como se a mão tivesse ficado parcialmente dormente – e coçou-a distraidamente.

De subido, petrificou. Era na palma da mão direita que se encontrava o seu *gedwëy ignasia*: a mancha prateada, como uma cicatriz, que marcava o ponto em que ele tocara pela primeira vez em Thorn, quando este acabara de eclodir. E costumava sentir ali comichão ou picadas quando havia perigo por perto.

A sensação não era infalível, mas já lhe salvara a pele mais de uma vez.

De novo alerta, olhou em volta. *Ali*. Soldados a saírem da fortaleza e a juntarem-se perto da esquina de uma casa. Deixara-se distrair demasiado; não dera pelos primeiros.

E com os soldados... um homem numa túnica preta debruada a roxo, com o capuz para trás, revelando um cabelo tão claro que era quase branco. No peito da túnica estava bordado um símbolo dourado, um estandarte: na metade superior, uma coroa com raios a saírem-lhe das pontas. Depois, uma faixa a dividir o estandarte em dois e, por baixo desta, a figura de uma cocatriz com braçadeiras de ferro nos tornozelos cobertos de escamas.

Murtagh conhecia bem aquele símbolo. O brasão dos Du Vrangr Gata, a guilda de mágicos que servia Nasuada e que impunha as leis da soberana proibindo toda a magia sem autorização ou filiação, não apenas no seu reino mas também no reino de Surda, mais a sul. Todas as pessoas lançadoras de feitiços eram obrigadas a juntar-se à guilda, caso contrário seriam submetidas a drogas e feitiços que as impediriam de usar magia sem permissão.

Murtagh nunca concordara com tal cláusula, e nunca concordaria.

O que significava que o homem loiro era uma ameaça. Se lhe fosse possível, procuraria agrilhoar Murtagh de uma forma ou de outra, e mesmo um mágico fraco conseguia ser um oponente formidável em combates de um contra um, pois as lutas entre mágicos raramente se resolviam apenas com feitiços. A mestria mental tinha o seu peso, e, se conseguíssemos controlar a mente do inimigo, este ficaria à nossa mercê, independentemente da habilidade, da força ou dos feitiços de proteção que tivesse.

– Maldito – resmoneou, dirigindo-se ao pajem.

Não era a traição propriamente dita que o incomodava – Murtagh estava bem familiarizado com a traição –, era a inconsistência. Os pajens não deviam denunciar aqueles que se lhes dirigiam sem segredo! Senão, como funcionaria uma corte?

A mente de Murtagh foi tocada com a leveza de uma pena.

Encolheu-se, recuando para as profundezas de si mesmo e escudando a mente com uma muralha de determinação férrea.

– Não me apanharás – murmurou uma e outra vez, usando as palavras para focar os pensamentos. Quanto mais vazia estivesse a mente, menos haveria para o mágico encontrar.

O homem de túnica franziu o sobrolho e disse algo aos soldados. Apontou para o fundo da rua.

Murtagh mexeu-se. Estava na altura de sair dali, antes que os soldados o encurralassem.

Acabara de chegar ao extremo oposto da ruela quando um homem atarracado, com um justilho sem mangas, se pôs à sua frente. Os braços desnudos do homem eram tão densamente musculados como os de um ferreiro, e ele trazia numa das mãos uma maça.

Murtagh quase atacou o estranho, mas o homem deu um passo atrás, abriu os braços por completo e, numa voz baixa e mal-humorada, perguntou:

– É você o Tornac?

– Quem quer saber?

Não dissera nada ao pajem sobre um *Tornac*, embora tivesse usado esse nome no recado para Ilenna. Seria o homem servo dela? Se não...

O rosto do homem foi atravessado por um laivo de aborrecimento.

– Foi a felinumana Carabel que me enviou. Ela solicita a companhia desse Tornac.

Uma *felinumana*! Murtagh sentiu-se percorrido tanto por uma sensação de alarme como por outra de curiosidade. Olhou para trás. O mágico e os soldados aproximavam-se da entrada da ruela. Tinha de decidir.

– Sou eu – disse, seco.

– Por aqui, então. Rapidamente, se não se importa.

O homem de braços despidos subiu, afoito, a rua lateral, e Murtagh seguiu-o de perto, com o bastão atravessado na mão. Não havia agora motivo para subterfúgios.

Durante uns quantos minutos, os únicos sons eram os das suas respirações e das botas a embaterem suavemente no chão.

A mente de Murtagh rodopiava de perguntas. Como obtivera Carabel o seu recado? Entre todas as criaturas existentes em Alagaësia, os felinumanos eram os mais discretos. Mantinham-se sempre afastados dos restantes, embora, na parte final da guerra, tivessem unido forças aos Varden contra Galbatorix. Mas, em geral, não haviam escolhido lados como as outras raças.

Desde a queda do império, Murtagh ouvira contar que se sentava um felinumano numa almofada de veludo ao lado do trono de Nasuada. E o mesmo na corte do Rei Orrin, em Surda, e nas cortes de todas as grandes cidades. Murtagh deduzia que Carabel tivesse um papel semelhante em Gil'ead. Mas o que lhe queria ela a *si*?

Ela não pode saber quem eu sou, pensou. A não ser, claro, que fosse uma aliada de Ilenna. Ou talvez aquela convocatória não tivesse nada que ver consigo e tudo com intrigas em redor de Ilenna e da família dela. Descobriria muito em breve.

Murtagh sentiu um novo toque ao de leve na sua mente, quase impercetível de tão delicado, apenas de passagem, sem se deter.

Não és lá muito dotado, pois não?, pensou. Mas não se deu ao luxo de relaxar. Ainda não.

O homem conduziu-o até uma casa estreita junto à fortaleza. Atravessaram o portão do quintal e desceram umas escadas cobertas de musgo encostadas à muralha exterior da fortaleza. Ao fundo, no meio de uma alcova adornada com flores esculpidas, encontraram um poço. Para grande surpresa de Murtagh, o homem empurrou uma pétala e abriu-se uma pequena porta de pedra.

Foram varridos por uma corrente de ar frio.

A maioria dos castelos tinha buracos fechadura ou algo similar. Rotas de fuga para os nobres que lá viviam. Essas coisas comprometiam as fortificações, mas, quando se precisava delas, eram insubstituíveis.

– Faça favor, senhor – disse o homem, segurando a porta. Estendia-se sob a fortaleza um túnel baixo e escuro cujo longínquo término se ocultava na penumbra. – Carabel aguarda-o.

– E o que deseja ela de mim?

– Não me cabe dizer. Terá de lho perguntar diretamente.

Murtagh hesitou. Uma vez entrado na fortaleza, seria muito, mas muito mais difícil ir-se embora, mesmo com toda a sua destreza mágica. Era um risco. Dos grandes. Qual seria a probabilidade de estar a caminhar em direção a uma armadilha?

O homem mexia-se com impaciência.

Murtagh desejou poder dizer a Thorn o que se passava, mas não ousaria expor a sua consciência com o equivalente a um grito mental.

Deitou um olhar ao céu aberto e perguntou-se quando voltaria a vê-lo. Depois, apertou o manto contra o corpo e agachou-se para entrar.

A porta fechou-se atrás de si com um suave baque, e o som ecoou ao longo do túnel.

CAPÍTULO II



Perguntas para uma gata

O túnel cheirava a pedra molhada, a bolor e ao suor do homem que arrastava os pés ao seu lado. Estava escuro como breu.

Murtagh sentiu umas picadas desconfortáveis ao longo da coluna; não uma premonição, mas uma preocupação. Seria muito fácil o homem atingi-lo na cabeça com a maça. Demasiado fácil. Murtagh tinha feitiços de proteção para prevenir ataques, mas não havia como saber de que encantamentos dispunha o oponente, se é que de algum.

Já não tinha comichão na marca da palma da sua mão, o que o tranquilizava um pouco. Todavia, continuava tenso.

– Sempre em frente – disse o homem com rudeza. – A cerca de cem pés há uma curva à direita. Tenha cuidado, logo depois há escadas ascendentes.

– Compreendido.

Murtagh sentia-se tentado a convocar um luminomem, mas não ganharia nada em revelar que sabia usar magia.

Enquanto arrastava os pés no escuro, atormentava-o uma profusão de possibilidades. Mil destinos prováveis, e improváveis, cada um pior que o anterior. Era especulação infrutífera, por isso sacudiu aqueles pensamentos e, em vez disso, reviu mentalmente as respostas a todas as perguntas que conseguia imaginar.

Não deixaria que Carabel o desmascarasse, mesmo que ela fosse o feliniano mais esperto de todos.

Na escuridão subterrânea, os cem pés pareciam-lhe mil. Murtagh era capaz de jurar que tinham atravessado o terreiro da fortaleza e estavam agora sob as casas do lado de lá.

No preciso instante em que ele ia perguntar quanto faltava, a mão com que se apoiava na parede escorregou numa esquina. *Finalmente!* Expirou com alívio quando deu a curva. Mais um passo, e o seu pé esquerdo

embateu num degrau.

Usando o bastão para se equilibrar, começou a subir.

Um...

Dois...

Três...

Quatro...

Cin... Escorregou no quinto degrau; uma poça de água fez a bota perder a aderência. Segurou-se com o bastão e conseguiu, com o coração aos saltos.

Cinco...

Seis...

Sete. Um ténue fio de luz surgiu diante dele, alto e direito.

– Empurre com força – disse o homem. – Abrirá sem dificuldade.

Murtagh esticou a mão e empurrou. Abriu-se uma porta em arco, revelando um reduzido armazém. Havia uma pequena vela assente numa palmatória pendurada na parede e, após a profunda negritude do túnel, a chama bruxuleante quase o cegava. Estavam vários barris empilhados a um canto, e dos ganchos no teto pendiam presuntos secos e fileiras de linguças.

– Que porcaria – disse o homem. Murtagh virou-se e viu-o a fechar a porta; quando fechada, mal se percebia o seu contorno. O homem sacudia teias de aranha dos ombros enquanto fazia uma careta. – Há demasiadas aranhas aqui em baixo. Ora bem, ela querará vê-lo de imediato. Por aqui.

Murtagh seguiu o homem, que o guiava por várias passagens laterais da fortaleza – recolhendo-se atrás de esquinas sempre que ouviam vozes –, até chegarem a uma porta de madeira escura algures na ala oriental do complexo.

O homem de braços nus curvou-se naquilo que pareceu a Murtagh uma vénia algo zombeteira e abriu-lhe a porta.

Murtagh entrou.



Deu por si num escritório sumptuosamente provido. As paredes estavam cobertas de filas de estantes de livros polidas; o chão, de espessos tapetes feitos por anões, ricos em vermelhos, verdes e azuis; e um bonito mapa de

Alagaësia, profusamente anotado com milhares de nomes, encontrava-se emoldurado ao centro da parede, sobre uma lareira de pedra onde ardia animadamente uma pilha de troncos.

De frente para a porta, uma enorme secretária de madeira talhada. E sentada à secretária, apoiada numa almofada de veludo verde, estava a própria felinumania Carabel.

Assumia a sua forma humana, ou seja, a Murtagh parecia uma mulher esguia e grisalha com pouco mais de quatro pés de altura. Uma simples combinação larga deixava-lhe os finos braços a descoberto. Murtagh deduziu que a combinação lhe facilitava as mudanças de forma. Embora ela tivesse a mesma forma, de um modo geral, que um humano, era evidente que Carabel *não o era*. Tinha as maçãs do rosto demasiado largas, os olhos cor de esmeralda demasiado em bico, as pupilas demasiado fendidas, e pequenos tufo de pelo branco nas pontas das orelhas. Murtagh não sabia ao certo se os tufo se deviam a Carabel não se ter transformado por completo ou se eram uma característica normal da raça dela.

Até esse momento, nunca vira um felinumano, e sentiu-se inesperadamente hesitante.

Na secretária à frente de Carabel estavam três coisas: a gaiola do tentilhão que ele comprara, agora vazia, à exceção de umas poucas de penas amarelas; um prato com fatias de carnes frias; e o pergaminho que ele dera ao pajem, desdobrado, revelando as linhas de runas nele escritas.

A visão intrigava Murtagh. Se a felinumania interceptara a sua mensagem para Ilenna, queria isso dizer que agia na qualidade de mestre espiã de Lorde Relgin? E significaria isso que usara o mágico e os soldados como truque para o atirar para as suas garras? Ou seriam as coisas exatamente como pareciam ser, e ela tentara salvá-lo das forças de Relgin?

Murtagh obrigou-se a manter-se calmo mesmo apercebendo-se de que a sua compreensão daquela situação era calamitosamente insuficiente. *Terei de agir com muita cautela. Muita, muita cautela.*

Ouviu a porta fechar-se nas suas costas e apercebeu-se da presença do seu guia, assumindo a sua posição no canto traseiro, ainda de maça na mão.

Carabel inclinou a cabeça para o lado e observou Murtagh exatamente da mesma maneira que ele já vira os gatos vadios a observarem um pássaro ou um rato nas suas caçadas. Pressentiu que ela ficaria de bom grado em silêncio durante o resto do dia.

Ou até se entediar, e Murtagh não queria ter de lidar com uma felinumania entediada.

Fez um gesto na direção da gaiola de vime.

– Gostou do pássaro, deduzo.

Carabel ergueu uma sobrancelha perfeitamente desenhada.

– Era aceitável, homem da estrada.

A sua voz rica e ronronada ressumava autossatisfação confiante. Ainda assim, Murtagh detetou, implícita, uma nota de tensão. O olhar dela virou-se para o brutamontes ao fundo da sala.

– Houve problemas no caminho?

– Quase, senhora, mas nada digno de nota.

– Ótimo. – Sorriu, revelando as pequenas e afiadas presas. – Já conhece Bertolf, certo? É um ajudante extremamente útil. Traz-me carnes e acepipes e mistérios saborosos como a sua pessoa.

Não parecia a Murtagh que gostasse de ser referido como *saboroso*. Esboçou uma expressão de diversão culta, como teria feito na corte, e descreveu uma profunda vénia. Alguma teatralidade nunca ficava mal, especialmente com gatos.

– As minhas desculpas, Lady Carabel, mas o tentilhão destinava-se a outra pessoa. Ou talvez não o soubesse?

Com uma unha comprida com a ponta fina como uma agulha, Carabel picou o centro do quadrado de pergaminho.

– Oh, sim, eu sabia. Procurava falar com Ilenna-filha-de-Erith, certo?

– Certo.

Murtagh sentia-se satisfeito por ter ocultado a sua mensagem para Ilenna numa linguagem deliberadamente vaga, que, assim esperava, pouco diria a outros.

Carabel fez um gesto na direção da cadeira à frente da secretária.

– Sente-se, humano. Temos muito que conversar.

– Temos? – Mas Murtagh puxou o manto para um lado e sentou-se. Encostou o bastão ao joelho direito, onde poderia agarrá-lo num segundo. – Permite que lhe pergunte por que razão apreendeu a minha carta e o meu presente? Não quebrei qualquer lei nem causei qualquer problema.

– Essa é a pergunta errada. Deveria perguntar, em vez disso, *como* é que eu soube que devia apreender a sua carta e o seu presente. O senhor do pajem é o camareiro de Lorde Relgin, e o pajem contou-lhe do estranho

homem que lhe oferecera moeda para falar com Ilenna-filha-de-Erith. Decerto que o camareiro o recompensou muito acima do seu suborno.

Murtagh estremeceu. Devia ter interrogado mais aprofundadamente o pajem.

– E o camareiro veio ter consigo. Compreendo, mas...

– Não propriamente – disse Carabel. – O camareiro foi ter com Lorde Relgin, e Lorde Relgin enviou uns quantos dos seus homens para apreendê-lo a si, Ó Tornac. Muito invulgar. Este género de intrigas da corte costuma ficar muito abaixo do nível de Relgin.

Então os soldados iam *mesmo* atrás dele. A boca de Murtagh amargou. Parecia que não chegaria perto de Ilenna tão cedo. Afastou essa ideia. Não era esse o seu problema imediato.

– Admito que estou confuso, Lady Carabel. Foi Lorde Relgin que lhe contou tudo isto? E se foi, para quê trazer-me aqui à revelia dele? E por que razão haveria qualquer um de vocês, de berços superiores, estar preocupado com o que eu faço? Eu não sou ninguém de importante.

Carabel lambeu as pontas dos dentes. A sua língua era pequena e rosada.

– Isso não é exatamente verdade, pois não... Murtagh, filho de Morzan?



Um carvão estalou na lareira, assustadoramente alto.

Murtagh sentiu os olhos estreitarem-se-lhe. Agarrou no bastão, pronto para lutar.

– Como descobriu?

Um sorriso cruel encurvou os lábios escuros de Carabel. Incomodava-o pensar quão frequentemente aqueles lábios tocavam em carne crua e sangue.

– O nome *Tornac* não nos é desconhecido, a nós, felinumanos. Além disso, vem de si o cheiro a dragão.

A explicação dela em nada o tranquilizou.

– Muito bem. O que pretende?

As delicadas feições de Carabel foram enrugadas pelo franzir do sobrolho, e desceu-lhe sobre o rosto um semblante negro.

– Uma pergunta primeiro para si, humano. Que negócios teve com Ilenna-filha-de-Erith?

Teve. O uso do pretérito perfeito não agradou a Murtagh. Compôs uma expressão envergonhada.

– Na verdade, negócios nenhuns. É um assunto privado entre nós os dois. Estou certo de que compreende.

Carabel voltou a fazer uma pausa. *Ela está insegura*, apercebeu-se. *Porquê?* Decidiu tomar a iniciativa.

– Passa-se alguma coisa com Ilenna? Aconteceu-lhe alguma coisa?

Os tufos nas orelhas de Carabel ondularam quando ela abanou a cabeça.

– Nada de mal com Ilenna. O problema está... alhures. Pergunto-lhe de novo, Murtagh, filho de Morzan. Que negócios teve com ela?

– Estou a falar consigo ou com Lorde Relgin?

Carabel inspecionou as unhas da mão esquerda, erguendo-as contra a luz de modo que as pontas reluziram num tom vermelho-dourado por causa das chamas.

– Os felinumanos não respondem a ninguém a não ser a si mesmos. Fala comigo e apenas comigo.

– E com ele. – Murtagh espetou o polegar para trás, por cima do ombro.

Um ligeiro ronronar escapuliu-se de Carabel.

– Bertolf é de confiança.

– Talvez para si. – Murtagh ajustou a sua mão no bastão. – Por que razão deverei eu dizer-lhe, felinumana? Não há nada que possa fazer para evitar que eu me vá embora.

As pupilas divididas de Carabel contraíram-se. Se a sua cauda estivesse visível, ter-se-ia certamente crispado.

– Não, humano, mas sei que procura informação. Por que outra razão quereria falar com Ilenna? Sim, estou a par das *atividades* da família dela. São uns trapalhões. Nada como os gatos. Mas prometo-lhe o seguinte: não há forma alguma de chegar à fala com Ilenna ou o pai dela sem que Lorde Relgin descubra. Se não se importar de revelar a sua identidade, então, força. Pode ir agora mesmo. Mas eu acho que prefere permanecer escondido. Assim como o seu dragão.

Murtagh girou o bastão na mão. Onde quereria chegar a felinumana? Sentia-se como se travasse um duelo e estivesse dois passos atrás do seu oponente.

– Talvez tenha razão – disse. – Ainda não me deu um motivo para eu partilhar seja o que for consigo.

Os finos ombros de Carabel subiram e desceram.

– Se é segredos que procura, quem melhor do que uma gata para consultar? Pergunte-me a mim, Murtagh, filho de Morzan, e, se eu não souber, falarei com Ilenna em seu nome.

– Está a oferecer-se para me ajudar – disse Murtagh, desconfiado.

Carabel baixou as pálpebras até os olhos ficarem meio fechados e aconchegou-se a si mesma, como se se preparasse para enfrentar um vendaval inclemente.

– Estou, sim.

– Em troca de quê?

Ela pestanejou.

– Um pequeníssimo favor.

De súbito, tudo se tornou claro para Murtagh. Soltou um riso cínico.

– Claro. E que *pequeníssimo favor* é esse?

A felinmana ergueu o queixo pontiagudo, desafiadora.

– Uma tarefa que precisa de ser feita, e não há ninguém além de si em Gil’ead que a possa fazer.

– Duvido. – Franziu-lhe o sobrolho; ela tentava manipulá-lo. – Não sou o seu moço de recados, gata. Ninguém me dá ordens. Nem Carabel, nem Relgin, nem sequer Nasuada.

– Eu não ousaria dizer a um Cavaleiro do Dragão o que fazer. Isto é uma oferenda, não uma ordem.

Murtagh resmoneou e passou os dedos pelo cabelo.

– E que é isso que precisa de ser feito?

– Concordará?

– Depende da natureza da tarefa, e de eu obter ou não, de si, as respostas que busco.

Com um ar aparentemente desinteressado, Carabel lambeu uma mancha de sangue do dedo médio da mão esquerda.

– Isso não é justo, humano. E se eu tiver de consultar Ilenna? Deverei caçar para si por mais nada que não a bondade do meu coração enquanto aguardo pela sua anuência?

– Deverei eu ajudá-la por mais nada que a bondade do meu?

Carabel fletiu os dedos, como se distendesse e retraísse as garras.

– A confiança é uma espada com uma lâmina em lugar do punho. Corta a todos em igual medida.

– Isso está longe de ser um argumento convincente ou reconfortante.

– Para um humano.

– Humano, eu sou.

Ela olhou-o fixamente, sem expressão nem sinal de divertimento.

– Eu não falei a Lorde Relgin da sua presença aqui. Não será razão que baste para confiar em mim?

Apesar da pose aparentemente descontraída da felinumanas, Murtagh viu indícios de tensão percorrerem-lhe o corpo. *Tem de se passar algo de grave, ou ela não se daria a todo este trabalho.*

Com os dedos, ergueu o bastão no ar e deixou-o cair no chão, com uma pancada seca. Uma vez. Duas. Três vezes. Decidiu. A gata tinha razão: não conseguiria falar com Ilenna sem dar demasiado nas vistas. Independentemente do *favor* que Carabel tinha em mente, talvez ele conseguisse ficar a saber alguma coisa se lhe fizesse as perguntas a ela. Mesmo que ela não soubesse nada de útil, em si mesmo já seria uma informação útil. E, de qualquer forma, seria prudente alertar Carabel e, consequentemente, Lorde Relgin para os estranhos acontecimentos naquela terra.

– Não é, não – disse Murtagh –, mas cortemo-nos ambos na espada da confiança.

Retirou do interior do manto o amuleto em forma de caveira de pássaro e a pedra com o brilho interior e pousou-os na secretária.

Um cheiro sulfuroso começou a tingir o ar.

Carabel *ciciou* e recuou na almofada de veludo, com as costas arqueadas como se estivesse prestes a saltar pelo ar. Os seus cabelos cinzentos quase ficaram em pé.

– Onde encontrou essas *coisassss*?

Murtagh voltou a ter a desconcertante noção de que não estava a conversar com outro ser humano, mas com algo completamente diferente.

– Em Ceunon. Tirei-as a um comerciante de muito má reputação chamado Sarros.

Carabel esticou uma mão de garras em riste e tocou com a ponta do dedo indicador no amuleto. Recolheu a mão com violência, como se se tivesse queimado, e depois estremeceu e endireitou-se, voltando a assumir uma

postura digna. Era uma fachada falsa; Murtagh conseguia perceber que a felinumanas estava abalada, e isso também o perturbava a si. Os felinumanos podiam ser muitas coisas, mas não eram cobardes.

– Conte-me o relato completo, humano, e não deixe nada de fora.

Murtagh não fez o que ela lhe pediu. Não completamente. Não lhe apetecia partilhar alguns segredos, como o seu uso do Nome dos Nomes (mesmo que os felinumanos soubessem da existência do Nome, não via qualquer vantagem em relevar-se conhecedor da Palavra). Mas, excetuando essas coisas, disse a verdade.

Enquanto falava, apercebia-se de Bertolf à escuta atrás de si. Esperava que o homem fosse mais discreto do que o pajem.

Quando ele chegou ao fim, o único som na sala era o crepitar do lume.

Carabel alongou-se e estremeceu, e Murtagh reparou pela primeira vez que os pés dela estavam descalços.

– *Sssah*. Faz perguntas cujas respostas poderá não querer saber, humano.

– Então, sabe onde encontrar a feiticeira Bachel?

– *Sssim*.

– E conhece a origem da pedra? E também os Sonhadores que Sarros referiu?

Os lábios dela retraíram-se, deixando ver mais dos seus dentes pontiagudos.

– Sim e *ssssim*.

– E dir-me-á?

O olhar de Carabel desviou-se para o mapa sobre a lareira e depois regressou à pedra parecida com carvão.

– Se completar a tarefa que lhe apresentarei... sim.

– Que garantia tenho eu de que possui a informação que procuro? Diga-me primeiro.

As orelhas com tufos de pelo espalmaram-se-lhe contra os lados da cabeça.

– Depois, humano. Depois. Temos ambos de agarrar a espada.

Murtagh ainda não estava convencido.

– Talvez eu devesse falar primeiro com Ilenna. Certamente conseguirei arranjar forma de me aproximar dela sem ser visto.

Um desagradável chiado encheu o escritório quando Carabel raspou as unhas no tampo da secretária, deixando finas linhas na madeira.

– Ficaria desiludido, humano. Ela não tem qualquer conhecimento destas coisas. Juro.

– Mas a Carabel tem.

– *Sssim.*

Murtagh bateu com o bastão no chão.

– E como?

– Porque eu sou uma gata, humano. Ouço muitas coisas e sei mais ainda. Caço nas sombras e danço nos raios lunares, e, onde quer que caminhe, caminho sozinha.

Dislates e enigmas, mas que outra coisa seria de esperar?

– Qual é a tarefa?

Uma quietude tensa assentou em Carabel, e os seus olhos flamejaram com uma ira negra. Parecia pronta para lutar ou para disparar no encalço da presa.

– Durante os últimos seis meses, foram levadas três crias de Gil’ead. Entre elas, um jovem felinumano que foi mais tarde encontrado perdido junto à margem do lago sem se lembrar de como lá foi parar. As restantes nunca mais foram vistas. Mais recentemente, outra cria foi levada, nem há três dias.

Crescia em Murtagh uma ira solidária.

– Levada por quem?

– Homens. Humanos. Mas não sei dizer porquê.

– E quer que eu descubra os responsáveis?

– Não. Quero que encontre a cria que foi levada. *Todas* elas, se possível, mas receio que só esta possa ser salva. O nome dela é Silna. Seguimos-lhe o rasto pela cidade – é difícil enganar o nariz de um felinumano – e sabemos onde ela pode estar.

– Mas não conseguem chegar até ela.

A felinumana pestanejou. Tinha pestanas tão compridas e finas como as ervas sedosas do verão.

– Há um certo capitão da guarda da cidade. O Capitão Wren. Na caserna sob o seu comando há uma escada que conduz a uma sala subterrânea onde ele e os seus oficiais se encontram uma vez a cada sete dias. Passando essa sala, há outras câmaras, e no final dessas encontra-se uma porta que nunca é aberta. Suspeitamos que Silna possa ser encontrada aí dentro.

Murtagh franziu o sobrolho. *Um capitão da guarda da cidade...* As implicações não eram nada agradáveis.

– E acha que é esse capitão Wren o responsável pelo desaparecimento de Silna?

– Não sabemos.

– Plural?

As pontas das orelhas dela estremeceram.

– Há mais felinumanos em Alagaësia do que poderá imaginar, humano.

Murtagh deixou aquilo passar.

– Quem mais tem acesso a essas câmaras?

– Mais uma vez, não sabemos. Poderá existir uma entrada pelo outro lado, um qualquer túnel secreto que ainda não descobrimos.

O sobrolho dele franziu-se mais ainda.

– Falou nisto a Lorde Relgin? Presumo que não.

Carabel soltou uma expiração aguda.

– Nós somos felinumanos mas, no nosso íntimo, continuamos a ser gatos. Somos aqueles que atravessam as portas. Sempre. Mas não conseguimos atravessar aquela porta sob a caserna, o que significa que há ali magia em jogo, e não há ninguém ao serviço de Relgin capaz de lidar com tais coisas. É tarefa para um Cavaleiro. Além disso... há sempre a possibilidade de Wren ou alguém sob o seu comando ter recebido ordens superiores.

Quanto mais ela falava, mais perturbado Murtagh ficava. Girou o bastão na mão.

– E quanto aos Du Vrangr Gata? Seguramente poderiam ajudar.

Carabel soltou um som baixo, tossido e cuspidido.

– Não confiaria neles nem para apanharem um rato com três patas partidas. *Bah.*

– E precisa de alguém em quem confie.

Ela olhou-o nos olhos, fixamente.

– Sim.

Murtagh interrogou-se quanto aos elfos. O facto de Carabel não os ter referido era resposta suficiente, mas ele estava curioso quanto ao motivo. Os elfos e os felinumanos não pareciam ser completamente diferentes, e se

houvesse algum rancor entre eles – ou mesmo se apenas não gostassem uns dos outros –, interessava-lhe saber porquê. *Uma pergunta para outra altura.*

O seu pensamento regressou a Silna. Na sua mente, imaginou uma criança atirada, sozinha, para uma cela de pedra vazia. Conseguia imaginar demasiado bem o frio, a dor, a ira e o desespero que ela podia estar a sentir. Não partilhara ele desses mesmos tormentos quando os Gémeos o haviam depositado na masmorra sob a cidadela em Urû'baen? O pior de tudo fora a incerteza, não saber que novos ultrajes lhe poderia trazer aquele momento ou o seguinte. E essa não fora a sua única experiência numa situação tão desamparada e aflitiva. Ainda se lembrava, com dolorosa vivacidade, de quando, aos catorze anos, se escapulira de Urû'baen sem autorização nem companhia. Nessa noite, tentara voltar a entrar pelos portões principais, e os sentinelas apanharam-no. Por não o reconhecerem, atiraram-no para uma das celas sob a torre de vigia. Galbatorix ausentara-se da cidade naquela altura, tal como todo o seu séquito. Não ficara ninguém que Murtagh pudesse chamar para confirmar a sua identidade. Assim, lá ficara, a definhar, durante uma semana e três dias, convencido de que morreria naquele confinamento desprovido de luz solar e que ninguém saberia ou se importaria.

Galbatorix regressou, por fim, e de alguma forma chegou notícia à corte do apuro de Murtagh, pois o camareiro do rei veio tratar da sua libertação. Após a qual tratou de que Murtagh fosse severamente açoitado pelo incómodo causado.

Murtagh conteve um arrepio. Ainda conseguia sentir o cheiro a humidade da sua cela e o frio das pedras a entrar-lhe nos ossos. Contudo, apesar da sua familiaridade com as perturbadoras realidades do provável apuro de Silna – e da sua compaixão por ela –, ressentia-se por Carabel usar a cria para garantir a sua ajuda. Duplamente por saber que se odiaria se virasse as costas.

– Está bem – resmoneou por entre os dentes. – Eu trato disso. Mas não por si nem sequer por mim. Por Silna.

Carabel acenou com a cabeça.

– Seja o que for que encontre atrás daquela porta, a raça dos felinumanos ficar-lhe-á grata e considerá-lo-á um amigo, Murtagh, filho de Morzan.

Pare de me chamar isso!

– Onde fica a caserna?

O cabelo dela eriçou-se ligeiramente.

– Não é assim tão simples.

– Porque não? Entro e abro a porta e, se alguém se atrever a deter-me, eu...

– Não! – Enterrou as garras num dos braços da cadeira e, durante um breve instante, Murtagh achou que ela poderia saltar por cima da mesa. – Se causar alarme, Silna poderá desaparecer por artes mágicas antes que consiga chegar até ela. Ou pior, poderá ser morta. É demasiado arriscado. E não sabe que magias foram ativadas naquele sítio.

Depois de um momento, Murtagh inclinou a cabeça.

– Então, como poderei ganhar acesso sem atrair atenções indesejadas?

Carabel voltou a recostar-se na almofada e passou com as borlas nas orelhas.

– Deverá tornar-se membro da guarda da cidade e juntar-se à companhia do Capitão Wren.

Murtagh permitiu-se erguer uma sobrancelha.

– Ah, é só isso?... Bem, acho que consigo convencê-los a deixarem-me alistar-me, se for necessário.

– Infelizmente, isso não chegará. – O semblante de Carabel estava sombrio, mas ela parecia estar a ter um ligeiro prazer em confundi-lo. – O Capitão Wren já não aceita recrutas gerais na sua companhia. Com a permissão de Lorde Relgin, Wren seleciona os seus homens do resto da guarda, e é considerada a maior honra ser escolhido. Mas Wren só elege homens em cujo serviço confia.

– E isso não é nada suspeito.

Carabel agitou as orelhas.

– Mas não incomum em oficiais distintos.

– É verdade. Então como posso conquistar a confiança do Capitão Wren?

– Não é possível, não em tão pouco tempo. Em vez disso, terá de impressioná-lo.

Murtagh quase rugiu.

– E como deverei conseguir isso? Através de uma demonstração marcial?

Um sorriso furtivo encaracolou os finos lábios de Carabel.

– É muito simples, humano. Para o impressionar, terá de matar um peixe.

– Um peixe? *Um peixe?* Está a fazer-me de tolo?

– De forma alguma. Mas, infelizmente, para matar o peixe, precisará de um engodo especial.

– *Bah!* – Murtagh encostou-se na cadeira, sentindo repulsa nos lábios. Em que profundo buraco caíra? Se não tivesse dado já a sua palavra, e se não fosse pela cria desaparecida, ter-se-ia levantado e ido embora. – Chega destes enigmas, gata! Explique-se, e é bom que se explique bem.

– Claro, humano. É o seguinte. No Lago Isenstar vive um grande peixe astuto a que os homens deste lugar chamaram Muckmaw. É determinado, esfomeado e cruel, e ao longo dos anos afundou muitos barcos e comeu muitos pescadores. Há uma recompensa em Gil’ead para quem consiga despachar Muckmaw e apresentar a cabeça do peixe como prova do feito. Quatro moedas de ouro e a promessa de um lugar nas guardas, se tal for desejado. Não tenho dúvida alguma de que, se o Murtagh levar a cabeça de Muckmaw ao Capitão Wren, ele acolhê-lo-á entre os seus homens.

– Matar um peixe não é grande desafio.

– Fosse isso verdade. Muckmaw não é uma fera vulgar. – Carabel apontou para si mesma. – E uma felinmana sabe do que fala. Não será atraído por nenhum isco comum, nem nenhum tecido, nem nenhum fio colorido, só apenas algo com um significado especial.

– Ou posso encontrá-lo com a minha mente. – Murtagh lançou-lhe um sorriso perigoso. – Um feitiço rápido, e Muckmaw verá o seu fim.

A felinmana imitou-lhe o sorriso.

– E como escolherá os pensamentos de um único peixe no meio de todos os peixes do Lago Isenstar?... Não, precisa de um engodo a que não consiga resistir.

– Que tipo de engodo?

– Uma escama do dragão Glaedr, cujo corpo jaz queimado e sepultado no exterior desta cidade.

A reação imediata de Murtagh foi de ultraje.

– Deve estar a trocar de mim!

– Nunca troçaria de tal coisa – disse Carabel, quieta com uma estátua. – Não quando temos uma cria em perigo. Confie em mim, humano, só a escama de um dragão chegará para Muckmaw.

Murtagh voltou a ver Oromis e Glaedr caírem dos ares enquanto, no chão por baixo deles, fileiras de homens e de elfos se digladiavam. Esfregou os nós dos dedos de olhos fixos no chão.

– Isto não me agrada, gata.

Uma ínfima porção de solidariedade penetrou na voz de Carabel.

– É uma coisa difícil, esta que lhe peço, bem sei. Mas há também nisto honradez.

– Tenho dificuldade em ver *honradez* alguma em assaltar uma campá.

– Glaedr morreu às suas mãos. Agora, por desígnio do destino, poderá usar uma parte dele para ajudar a salvar uma inocente. Que poderia ser mais correto que isso?

A pergunta atingiu-o bem fundo. Obrigou as suas mãos a separarem-se.

– Os elfos terão lançado feitiços de proteção em torno do túmulo de Glaedr para evitar precisamente este tipo de profanação.

Carabel encolheu os ombros.

– Sim. Provavelmente. Foi por isso não o tentámos. E por isso temos de lho pedir a *si*, Cavaleiro.

– E se eu não tivesse vindo a Gil’ead?

Quando ela respondeu, ele não ouviu qualquer fingimento na sua voz, apenas emoção honesta, crua e vulnerável, lançada com determinação.

– Nesse caso, eu e todos os felinumanos de Gil’ead teríamos invadido a caserna e tentado derrubar a porta. – Olhou-o nos olhos. – Se isso significasse termos de lutar com uma companhia de guardas inteira, assim seria. Não abandonaríamos a nossa jovem.

– ... Não.

Murtagh franziu o sobrolho e olhou para o teto reforçado com madeira. *Não devia ter dado a minha palavra.* Outro pensamento seguiu este de perto: *Thorn não vai gostar disto.* Mas sabia que não podia ignorar o pedido de Carabel, mesmo que, naquele momento, detestasse a felinumana.

– Ir buscar a escama, apanhar o peixe, descobrir o que está por trás daquela porta. É isso?

Carabel anuiu com a cabeça.

– Exatamente. Mas terá de se apressar, humano. Ouvimos rumores de homens a movimentarem-se na noite, carruagens a postos, cavalos ferrados de fresco... Amanhã à noite, Silna poderá já não estar na cidade.

Murtagh praguejou silenciosamente. *Isto não vai ser fácil*. Então, a sua determinação fortaleceu-se, e ele inclinou-se para a frente como os cotovelos pousados nos joelhos. Se a criança felinmana estivesse em Gil'ead, encontrá-la-ia, nem que para isso tivesse de desmontar a cidade viga por viga.

– Então melhor será não perdermos tempo.

Um sorriso selvagem, cheio de dentes, espalhou-se pelo rosto de Carabel.

CAPÍTULO III



Criaturas tumultares

Quando Murtagh saiu do túnel secreto sob a Fortaleza de Gil'ead, já chegara o final da tarde. Sombras haviam enchido as ruas, e apenas os telhados recebiam ainda a luz morna e dourada.

A porta de pedra fechou-se nas suas costas com um som rangente quando Bertolf, o servente de braços desnudos, a puxou.

Cauteloso, Murtagh subiu as escadas que partiam da entrada oculta, como que à espera de ser atacado por um bando de soldados a qualquer instante. Chegado ao cimo, parou durante tempo suficiente para se assegurar de que ninguém o observava, e então esgueirou-se pelo jardim, saiu pelo portão e chegou à rua.

Tinha de se forçar a prestar atenção ao que o rodeava à medida que se apressava a regressar à entrada sul de Gil'ead, mas a sua mente regressava sempre ao encontro com Carabel. Deixou escapar um riso forçado. *Missões atribuídas por felinumanos*. Era o tipo de coisa que se ouvia em histórias em que o jovem e zeloso herói provava a sua valentia e ganhava a mão de uma princesa.

Só que Murtagh sabia que o mundo não funcionava dessa forma. O mais frequente era o herói acabar morto numa vala ou então obrigado a obedecer às ordens do rei que ele odiava...

Sentiu a disposição azedar ao chegar ao contorno de Gil'ead. Com passada larga, afastou-se rapidamente dos edifícios até se sentir a uma distância segura. Depois, saiu da estrada e subiu a um pequeno outeiro, focando a sua mente na direção da clareira onde se escondia Thorn.

Consegues ouvir-me?, perguntou.

A resposta de Thorn foi imediata: um misto de preocupação e mau humor.

– *Claro que sim.*

– *Estás em segurança?*

– *Quanto baste.*

– *Onde estás?*

Murtagh enviou uma imagem do seu entorno a Thorn. O dragão bufou, e Murtagh ouviu o som na sua mente.

– *Conseguiste falar com Ilenna?*

– *Não propriamente.*

Abrindo as suas memórias, Murtagh partilhou o que recordava da sua conversa com Carabel. Era mais rápido do que usar palavras para explicar todos os detalhes.

No final, Thorn fungou.

– *A gata deu-te bem a volta, parece-me.*

– *Eu sei* – concordou afavelmente. – *Não havia grande coisa que pudesse fazer.*

– *De qualquer modo, será bom ajudares o filhote de feliniano.*

– *Darei o meu melhor. Não te importas com a história da escama de Glaedr?*

– *Porque me importaria? A escama dele não é minha. Além disso, o corpo de Glaedr está morto. Por que haveria um dragão de se preocupar com o que lhe acontece depois de morrer?*

– *Muitas são as pessoas que se preocupam com isso.*

Thorn emitiu o equivalente mental a um encolher de ombros.

– *Se eu não estou cá para saber nem para sentir, que importância tem? Pensar de outra maneira é ter medo, e eu não tenho medo das larvas.*

– *Não. Há coisas bem piores que a morte.*

Murtagh quase conseguia sentir o olhar de Thorn fixo nele.

– *Tu és parte dragão. É o que me parece, por vezes.*

– *Claro. Estamos unidos, tu e eu, não estamos?* – Olhou para o céu, calculou quanto tempo faltava até cair a noite. – *Vou buscar a escama e depois talvez precise da tua ajuda com o peixe.*

Os pensamentos de Thorn foram coloridos com salpicos de entusiasmo nos tons do arco-íris.

– *Vamos caçar juntos?*

– *Sim.*

Os salpicos abrilhantaram-se, luzes cintilaram quando Thorn imaginou a conclusão bem-sucedida da caça, os seus dentes a enterrarem-se na carne do peixe.

– *Em breve* – prometeu Murtagh.



Com uma passada decidida, Murtagh rumou a oeste, em direção ao carvalho plantado no topo da elevação tumular onde estavam enterrados os restos mortais de Oromis e Glaedr. Ao aproximar-se, viu um aglomerado de pessoas em volta do carvalho, algumas de joelhos, outras em pé, e ouviu cânticos distantes.

Por entre as pessoas, viu o que lhe pareceu um elfo de túnica branca junto ao tronco torcido.

– *Barzûl* – praguejou Murtagh, virando para o lado. Não havia maneira de se ocultar com segurança, nem a si nem ao que ia fazer, dos olhos de elfos, a raça mais atenta e perspicaz de todas.

Detestava ter de adiar – cada hora que passava diminuía as probabilidades de conseguir resgatar Silna –, mas não havia remédio. Teria de esperar.

Frustrado, Murtagh estudou os campos em seu redor. Um pequeno renque de salgueiros junto a uma depressão em formato de malga, cheia de erva luxuriante, taboas e umas quantas macieiras-bravas carregadas com as suas frutas amargas.

Deitou um olhar à estrada para se certificar de que estava livre e depois avançou levemente até ao renque de salgueiros. Havia mosquitos e moscardos a esvoaçar junto às ervas, e as suas botas enterraram-se no terreno pantanoso, mas Murtagh estava disposto a aguentar aquele incómodo de modo a conseguir camuflar-se.

Um moscardo picou-lhe o pescoço, e ele afastou-o com uma palmada.

Enfiou-se entre os salgueiros numa posição angular que evitaria que caísse para o chão molhado. Depois tirou da bolsa que trazia presa ao cinto um pouco de maçã desidratada e um pedaço de toucinho e mastigou-os lentamente, saboreando cada dentada. Não voltaria a comer durante um bom tempo.

Também tinha sede, mas não queria beber qualquer água estagnada que encontrasse naquela depressão. Essa era uma boa maneira de acabar doente, agarrado à barriga, durante os próximos dias.

Deve haver uma forma de tornar a água segura com um feitiço. Lembrava-se de algo do género nas memórias de Yngmar, mas os pormenores eram vagos.

Ainda a pensar no assunto, cruzou os braços sobre o bastão, puxou o capuz para lhe cobrir o rosto e fechou os olhos.

O zunzum dos insetos atarefados depressa o embalou até adormecer.



Carne macia a roçar-lhe na pele, dentes a arranhá-lo, fluidos indesejados na sua mão, depois um relampejo amarelo de dor a ponto de o fazer ganir.

Murtagh acordou bruscamente, a gritar, com o olhar esgazeado. Agitava o bastão na esperança de atingir o que quer que o estivesse a magoar.

Um rosto ossudo e sofrido pendeu à sua frente. Pupilas laterais debruadas a dourado baço, cruéis, inumanas; uma profusão de cerdas pretas e brancas; lábios preênses à procura, como larvas cegas, de comida; dentes afastados e rombos, amarelados na base, a roer, a ranger e a estalar a escassas polegadas da bochecha dele; um hálito que mais parecia um charco pútrido.

Murtagh encolheu-se. Aquele rosto era o de uma fome aterrorizadora e indiferente, determinada a devorar o mundo.

Os dentes amarelos fecharam-se-lhe à volta da mão outra vez, duros e dolorosos. Repugnado, Murtagh reagiu sem pensar e gritou «*Thrysta!*» enquanto canalizava a sua força para o feitiço.

Um impacto sentido no corpo inteiro atirou-o contra o tronco de um salgueiro, ao mesmo tempo que a criatura à sua frente foi aos trambolhões pelo ar com um zurro ofendido.

O animal aterrou a vários passos de distância e pôs-se a custo de pé.

Uma cabra. Nada mais que uma cabra.

Murtagh pestanejou, ainda a sentir-se desorientado. Mexeu a boca, sentia a língua espessa e seca e olhou à volta. Não havia mais ninguém à vista. Ele e a cabra estavam sozinhos na depressão coberta pela sombra.

A cabra sacudiu-se e deitou a Murtagh um olhar furioso e desaprovador. Baixou a cabeça e raspou o chão pantanoso com um casco dianteiro, como se se preparasse para atacar.

– *Letta* – disse Murtagh com um tom decidido. A palavra não era verdadeiramente um feitiço, mas continha a autoridade da língua antiga, e a cabra – tal como todos os animais – compreendeu a intensão subjacente à ordem.

A cabra voltou a erguer o pescoço e abanou a cabeça como se uma vespa a tivesse picado no nariz, com o lábio superior enrolado num sinal inequívoco de ira. Depois lançou um «*Maaah*» num tom revoltado e foi-se embora a abanar a cauda.

Murtagh deixou-se cair contra o salgueiro. A imagem da cabra de boca aberta ainda o enchia de asco. Se não tivesse acordado, estava seguro de que a alimária teria continuado a comer e a comer e a comer até o devorar vivo.

Um novo sinal de alarme inundou-lhe a mente; o medo despertara Thorn da sua própria sesta. Durante alguns segundos reinou a confusão, com as emoções de ambos a sobreporem-se, e Murtagh procurou acalmar Thorn.

– *Era apenas uma cabra* – disse Murtagh enquanto se desembaraçava dos salgueiros. – *Apenas uma cabra.*

– *Assustaste-me* – disse Thorn. Não em tom de acusação, mais como um lamento.

– *Eu assustei-me a mim mesmo. Desculpa. Está tudo bem.*

– *Queres que coma a cabra?*

Por momentos, Murtagh pensou seriamente em aceitar.

– *Não, mas obrigado pela oferta.*

– *Tem cuidado. Mesmo os quatro-pernas-sem-presas podem ser perigosos.*

– *Eu sei. Terei cuidado.*

Com uma careta no rosto, Murtagh escovou as roupas com as mãos. Doíam-lhe as costas de ter sido atirado pelo feitiço contra o salgueiro. Repreendeu-se por não ter lançado um feitiço de proteção que o acordasse caso algo ou alguém se aproximasse... e por ter reagido tão exageradamente. Demasiados encontros perigosos haviam-no deixado mais assustadiço do que era ideal.

Contudo, a sua reação preservara-lhe a vida.

Esfregou a mão no sítio onde a cabra lhe mordera. Tinha a pele vermelha, com nódoas negras, mas não rasgada.

Os feitiços de proteção que ele *lançara* em seu redor tinham um raio limitado de ação. Demasiada proteção, e ele não conseguiria interagir com o mundo com normalidade – por exemplo, tocar numa aresta afiada ou num tacho demasiado quente –, e proteções poderosas a todo o instante deixá-lo iam exausto, uma vez que se alimentariam da força do seu corpo. O que significava que ele nunca lançara um feitiço específico para evitar que um animal lhe mordesse. Nem os dentes da cabra correspondiam a qualquer das condições que ele embebera nas suas proteções.

Terei de corrigir isso, pensou. Seria um trabalho de feitiçaria difícil, mas ele não estava para deixar que uma qualquer cabra danada o comesse.

O horizonte era uma linha enevoada a atravessar a meia cúpula dourada do sol poente. A terra estava riscada por sombras rosas, e os noitibós cruzavam velozmente os céus atrás dos insetos à medida que as primeiras estrelas surgiam no firmamento.

Em torno da base da elevação tumular de Glaedr baloiçavam e piscavam luzes cor de laranja. Murtagh praguejou. *Não terão mais nada que fazer?*, perguntou-se, olhando os enlutados a distância. Não davam quaisquer sinais de pretenderem partir em breve; pelo contrário, pareciam até ser agora mais numerosos. Teve a terrível suspeita de que alguns deles tencionavam fazer uma vigília junto ao túmulo durante toda a noite.

Com sorte, o elfo já teria partido. De qualquer modo, Murtagh não esperaria mais. O tempo era curto, e ele receava que apanhar Muckmaw fosse um processo mais elaborado do que aquilo que Carabel dera a entender. Se o peixe dormisse, como fazia a maioria dos animais, não se deixaria ver antes do dia seguinte.

– Vamos acabar com isto – murmurou Murtagh, avançando para o túmulo. Desejava ter levado consigo um odre. Tinha agora ainda mais sede.

A caminhada permitiu-lhe planear. Seguramente que os elfos haviam lançado feitiços sobre aquele lugar para evitar profanações dos restos mortais de Oromis e Glaedr. Essa era a primeira dificuldade. A segunda seria encontrar uma escama. Se o camponês com quem ele falara estivesse certo e os elfos tivessem queimado o corpo de Glaedr, não restariam muitas escamas, além de que o túmulo formava uma colina de dimensões

consideráveis, o que tornaria muito difícil localizar uma escama no meio de toda aquela terra, mesmo com a ajuda de magia. A terceira era a necessidade de o fazer sem dar nas vistas.

Pelo menos o crepúsculo ajudaria a ocultar as suas ações.

A quarta e última dificuldade era a própria relutância de Murtagh. Ele não queria visitar o túmulo, e não queria desenterrar nada do corpo de Glaedr, e preocupava-o que fosse preciso uma escama para atrair Muckmaw. Porque não outra coisa qualquer igualmente grande e brilhante? Se havia alguma qualidade das escamas dos dragões que ele desconhecia, era preocupante. Ou seria Muckmaw especificamente atraído por objetos arcanos? Então, também isso seria preocupante.

Abrandou ao chegar ao caminho que conduzia ao túmulo. A partir daí, caminhou a passo lento, apenas mais um peregrino estafado das viagens no final de um longo dia a andar.

O que não estava muito longe da verdade.

Contou doze pessoas em volta do túmulo: humanos apenas, cinco mulheres, sete homens. Eram pessoas da plebe, envergando trajes grosseiros, camisas, toucas e calças largas. Pareciam ser quase todos camponeses ou trabalhadores da cidade. Duas das mulheres cheiravam às docas de Gil'ead, e um dos homens, magro e de cabelo eriçado, envergava um avental de ferreiro em couro.

Alguns estavam de joelhos, outros de pé — de lanternas na mão —, e fluuava pelo ar da noite um baixo murmúrio de vozes tristes. Rezavam pelos mortos, percebeu Murtagh. Rezavam por eles ou suplicavam-lhes ou, simplesmente, recordavam-nos.

O caminho continuava a subir pela elevação tumular coberta de erva até ao carvalho na sua crista. Havia lajes de pedra dispostas na terra para facilitar a subida. Junto à árvore, outras duas pessoas ajoelhadas: mulheres com xales de renda preta. Delas ouvia-se um suave carpir.

Murtagh sentiu-se profundamente desconfortável. O mero facto de ali estar parecia-lhe uma intrusão e um insulto ao luto delas.

Quando contornou o túmulo e chegou ao lado ensombrecido, encontrou uma pedra vertical assente na base da elevação. Chegava-lhe à cintura, e havia outras duas a seguir, alinhadas com a primeira. As três pedras estavam cobertas de linhas de runas, bem como de padrões com nós decorativos.

Curioso, parou e leu.

Sentiu o sangue enregelar. A primeira pedra contava toda a triste história dos Cavaleiros do Dragão, desde a sua formação como forma de preservar a paz entre as diferentes raças de Alagaësia – o que haviam conseguido durante séculos – até à sua destruição às mãos de Galbatorix, então um jovem e inexperiente Cavaleiro que se virou contra a própria ordem após perder o seu dragão e enlouquecer de desgosto.

Murtagh sentiu câibras no estômago enquanto passava os olhos pelas linhas. Claro que os Renegados eram referidos, e Morzan em concreto.

A segunda pedra contava como Galbatorix criara o Império após a derrota dos Cavaleiros e, com os Renegados a seu lado, governara como soberano absoluto a maior parte da humanidade durante cem anos. *Galbatorix, o Imortal*, chamavam-lhe as runas, uma vez que, de facto, o rei envelhecera muito pouco durante aqueles cem anos, um resquício do seu vínculo enquanto Cavaleiro.

Murtagh perguntou-se quem teria gravado e colocado ali as pedras. Não os elfos, pois aquela não era a escrita deles, mas alguém que conhecia a história verdadeira da terra. A história que Galbatorix proibira o povo de partilhar.

A terceira e última pedra falava de Oromis e Glaedr. Professores entre os Cavaleiros. Os últimos sobreviventes de todas as ordens, escondidos durante o último século entre os elfos, em Du Weldenvarden. Mortos durante a rebelião dos Varden contra o Império, abatidos em Gil'ead pelo filho de Morzan. Abatidos pelo traidor, Murtagh.

Deixou-se ficar quieto durante algum tempo, sentindo-se como se lhe tivessem desferido um murro no peito. Então, um noitibó passou por perto com um suave adejar e um trinado, e Murtagh sobressaltou-se, como se despertasse de um devaneio.

Com passos lentos, Murtagh avançou para lá das pedras e apoiou-se no bastão. Olhou para o chão, de capuz sobre o rosto, e esforçou-se para se parecer com os outros enlutados. De certa forma, parecia-se de verdade.

Perdoem-me, pensou. No fundo da sua mente conseguia sentir Thorn a observá-lo, e os remorsos do dragão juntaram-se aos seus.

O chão sob as suas botas era macio, coberto de trevos ceifados. Fechou os olhos e abanou-se para a frente e para trás para corresponder ao carpir que vinha mais de cima.

Se tentasse usar magia para extrair diretamente uma escama do túmulo, certamente espolitaria quaisquer feitiços de proteção ali embebidos. A solução, como sempre, estava em conseguir obter o que pretendia de uma forma indireta, paralela. Era essa a maneira de derrotar proteções. Tal como Eragon fizera com Galbatorix...

Pensou naquilo durante alguns minutos. Por fim, foi a sua sede que lhe deu a resposta. Procurou falhas na sua lógica e, não encontrando nenhuma óbvia, reuniu as palavras de que precisava e murmurou:

– *Reisa adurna fra undir, un ilf fithren skul skulblaka flutningr skul eom edtha.*

E lançou um fino fio de energia ao chão sob o túmulo, à procura de toda a água que lá houvesse.

A ideia era relativamente simples. Em vez de lançar um feitiço diretamente ao túmulo, usaria magia para atrair água até à superfície e, se a água tocasse numa escama, transportaria a escama através da terra, até à sua mão. No entanto, confinaria a energia propulsora dirigida à água a uma área bastante profunda, para que nenhuma porção da força que ele despendia afetasse diretamente a escama ou qualquer outra coisa ali enterrada.

Se isso seria ou não suficiente para contornar as eventuais proteções que os elfos tivessem colocado na sepultura, não sabia, mas tinha uma boa probabilidade de sucesso. Assim o esperava, pelo menos.

Podemos ter de fazer uma retirada súbita, pensou.

Quando ali estava, concentrado no gotejar da sua energia para as profundezas da terra, ouviu passos restolhados por perto.

Olhou na direção do som. O ferreiro de cabelo eriçado, sabe-se lá por que raio, aproximava-se para se lhe juntar.

Pior ainda, o homem começou a falar.

– Nunca o vi aqui, forasteiro. Não é destas partes, pois não?

Murtagh viu-se em dificuldades para dividir a atenção entre o seu feitiço e o ferreiro. Esteve quase a interromper a magia, mas não o fez. Cada tentativa elevaria o risco de descoberta.

– Não – disse, mantendo o rosto baixado.

– Certo. Também me pareceu – disse o homem, satisfeito. Esfregou os braços ossudos por causa do frio crepuscular. – Iverston, é o meu nome. Iverston Varisson. Embora aqui toda a gente me chame Mallet, pru causa

de, bem, é uma história que pede um jarro de sidra, não sei se ‘tá a preceber. Se agora começasse, só me calava de madrugada.

Murtagh sabia o que era esperado de si.

– Tornac, filho de Tereth.

Mallet olhou-o com um ar algo preocupado.

– Não é nenhum elfo, pois não? Não... Vejo que não. Há qualquer coisa de élfico no seu rosto, no entanto, não me leve a mal.

Murtagh levava-o a mal, sim, mas calou-se. A elevação tumular era demasiado grande para ele elevar a água em toda a sua extensão só de uma vez; teria de começar num quarto da área e prosseguir devagar.

Mais uma pausa, e Mallet voltou a esfregar os braços enquanto olhava para as mulheres na crista da elevação. Fez um gesto na direção delas.

– Elas ‘tão sempre ali, sabia? Irmãs, da cidade. Perderam o pai na batalha. O irmão também, acho. Toda a gente aqui perdeu alguém. A maior parte, enfim. Há dois tipos que estão só enamorados pela ideia dos dragões. – Bateu na têmpora. – Deve d’aver alguma coisa avariada naquelas cabeças. Sem ofensa, se se aplicar a si.

– Não se aplica – disse Murtagh, mantendo a voz baixa.

Mallet acenou com a cabeça, em sinal de aprovação.

– ‘Inda bem! Não ‘tá certo adorar um dragão, se quiser saber o que eu acho... Eu não venho cá todas as noites. Só quando o trabalho na forja abranda. Já passaram umas semanas desde a minha última visita. Na época das colheitas há montes de forquilhas e ferraduras e foices e correntes a precisar de conserto, e há sempre pregos para fazer. Nunca há pregos que cheguem neste mundo, sabia?

Murtagh anuiu com a cabeça e emitiu um som de concordância. Ainda nada do seu feitiço, mas conseguia sentir a água fria a exsudar através da terra escura...

– Porque é que... – disse, e depois calou-se.

Mallet inclinou-se ligeiramente, como se tentasse espreitar para baixo do capuz de Murtagh.

– Porque é que eles vêm aqui carpir, se... se... – Não encontrava as palavras certas para fazer a pergunta de maneira diplomática.

Ficou aliviado quando Mallet a completou.

– Se foram o dragão e os elfos a matar aqueles de quem gostavam? – Encolheu os ombros escanzelados. – Não lhe sei dizer. Pode ser por odiarem o Império e a morte do dragão e do seu Cavaleiro os fazer sentirem-se mal. Mas também pode ser que o Cavaleiro os tenha ajudado durante a batalha. Eu sei que foi isso que aconteceu ali ao Neldrick. Uma data de soldados pegaram fogo à casa dele na quinta, a caminho de irem franquear os elfos. O dragão desceu e apagou o fogo com as asas, uma coisa assim como se fosse uma tempestade ou uma força da natureza, foi o que me disseram.

O ferreiro cruzou os braços e enterrou o queixo no peito.

– Eu? Não tenho uma história assim tão épica. Nada que os bardos cantassem, nada disso. O meu filho, está a ver, Ervos – demos-lhe o nome do pai da mãe dele –, o mais velho, o meu único rapaz, ele meteu na cabeça há uns verões que se ia juntar aos Varden. Sempre foi um casmurro, aquele rapaz. Eu pensava que ele se ia desenrascar bem na vida à conta disso, mas... E ele fugiu sem dizer nada, e até ao fim da guerra não recebemos notícias dele. Dois Varden vieram dizer-nos que ele tinha combatido nas Planícies Flamejantes. Nas Planícies Flamejantes! Imagine! – Mallet abanou a cabeça. – Nunca vi nada assim, digo-lhe já. Uma extensão ampla de terra que arde e arde para sempre. É de doidos... Bem, os homens que vieram ter connosco tinham os pés feridos e estavam exaustos de lutar. Depois daquilo, tinham estado em Feinster e Ilirea. Viram Roran Stronghammer combater, disseram eles. E, bem, disseram que Ervos estava com eles quando o Império os atacou, e, bem...

O peito de Mallet subiu e desceu várias vezes. Depois, o homem virou o olhar para as estrelas, e, embora Murtagh não quisesse ver, olhou para ele e apanhou o cintilar prateado das lágrimas nos olhos dele.

– Tem graça, sabe – disse o ferreiro. – Uma pessoa passa aquele tempo todo a alimentar e a vestir os filhos. A cuidar deles. A evitar que se matem com tudo e mais alguma coisa. Mas não podemos protegê-los deles mesmos. Ervos... Ele queria pertencer a algo maior que ele, acho eu. Queria uma causa p'acreditar, uma causa pru que lutar, e eu não tinha como lhe dar isso numa forja, tá a ver... Ele foi sempre um rapaz casmurro. – Abanou a cabeça. – Nunca cheguei a ver o corpo dele. Isso é o pior,

acardite. Não nos podemos despedir como deve ser sem um corpo. — Fez um gesto na direção do túmulo. — Por isso, isto terá de servir até apracer um corpo, se alguma vez apracer.

Murtagh tinha a boca e a garganta tão secas que era-lhe difícil falar. Pensou que sabia de que ataque falava Mallet: fora ele a liderá-lo.

— Lamento muito.

— O mundo é mesmo assim, e não há lamento que conserte isto, mas obrigado na mesma, forasteiro. — De olhos fixos nas estrelas, o homem de cabeça eriçado prosseguiu. — Se quiser, pode ajudar falar destas coisas. E se não estiver com disposição pra isso, ‘tá bem na mesma.

A privacidade ensombrecida do crepúsculo soltara a língua de Murtagh, fizera-o sentir que podia falar de coisas que normalmente eram demasiado dolorosas para enunciar. Mas sabia que era uma falsa sensação de anonimato, por isso escolheu cuidadosamente as palavras.

— Eu perdi... Eu perdi um amigo. Melhor, um pai. Morto pelos homens de Galbatorix.

— Ora, pois, isso é duro, ah, pois é.

— Não tão duro como o que outros passaram.

Mallet desviou os olhos do céu para Murtagh.

— Bem, daquilo q’eu sei, a dor não se mede, tá a ver. Toda a gente tem direito à sua dor. Seria estranho dizermos que certa dor era mais fácil de suportar que outras, sem nos podermos pôr na pele dos outros, não sei se me faço entender.

— Faz, sim.

Mallet fungou e anuiu com a cabeça e depois surpreendeu Murtagh dando-lhe uma pancadinha no ombro.

— ‘Cê parece-me um homem que precisa de espaço, por isso, vou deixá-lo em paz, mas se mudar de ideias eu volto num instantinho.

E o ferreiro afastou-se em redor da base da elevação tumular até se tornar apenas uma silhueta escura do lado oposto, deixando Murtagh sozinho na sombra.

Murtagh soltou um riso curto e atrofiado que quase parecia um choro. Soando ténue por causa da distância, Thorn disse, num tom cautelosamente neutro:

— *Que homem estranho.*

— *Nem por isso* — disse Murtagh.

Concentrou-se então no seu feitiço, conduzindo a água pelo subsolo com maior rapidez. Por enquanto não lhe parecia ter ativado nenhum feitiço de proteção.

Avançando um bocadinho de cada vez, com extremo cuidado, empurrou a água por entre pedras e seixos, encaminhou-a pelos espaços intersticiais, penetrando na lama e na argila e em camadas compactas de cinza – os restos mortais do grandioso dragão Glaedr. O dragão era enorme segundo a maioria dos padrões. Mais pequeno que Shruikán, mas, ainda assim, o seu tamanho era várias vezes o de Thorn ou Saphira. E a sua pira deixara um espesso estrato de músculos, órgãos, ossos e escamas incinerados.

Murtagh não sabia se restava alguma escama. Os fogos que os elfos acendiam com a sua magia atingiam temperaturas superiores às de uma forja.

Mas continuou à procura. Cada polegada de progresso parecia-lhe uma transgressão. Ele não enjoava com facilidade – o sangue não o deixava indisposto nem os derramamentos de sangue e vísceras em batalha –, mas ter consciência de que as gavinhas de água atravessavam o que outrora fora o interior de uma criatura como Thorn estava a deixar Murtagh cada vez mais nauseado.

Desejava fervorosamente terminar aquela tarefa e amaldiçoou a felinumania com a energia que podia dispensar.

Então, precisamente quando começava a desesperar... *Ali estava!* Uma alteração no fluxo da água ao encontrar um obstáculo perto do centro do túmulo. Uma escama, esperava ele. A água acariciou o objeto, formou uma bolsa em seu redor e, com a delicadeza do toque maternal, fê-lo avançar desde o ventre da terra.

Não era um processo propriamente simples. Havia pedras e ossos a bloquear o caminho, e, a cada poucas polegadas, um obstáculo obrigava a água a desviar-se. De cada vez que isso acontecia, ele esforçava-se por manter a escama na rota pretendida e conseguia-o. Isto é, até ao momento em que a escama esbarrou numa pedra enorme que desafiava todos os seus esforços para a contornar.

– *Barzûl* – praguejou.

Não estava a conseguir encontrar os contornos da pedra; a escama ficava sempre presa em arestas que ele não detetava.

Sem alternativa, aumentou o caudal de água e pressionou insistentemente até amolecer a terra sob a pedra, transformando-a numa poça de lama.

Aos seus pés surgiram uns quantos riachos muito finos, e o centro da elevação descaiu um pouco, como se se fosse desmoronar.

– *Aguenta* – murmurou, ordenando ao monte que se mantivesse de pé.

Debaixo do solo, sentiu a pedra afundar-se no atoleiro que ele criara. A escama deslizou para a frente com o impulso da pressão libertada, e ele reduziu rapidamente o caudal de água ao mínimo necessário para manter a escama em movimento.

Como uma nascente de montanha a formar-se, surgiu uma mancha de orvalho à superfície do monte coberto de ervas, e então o solo abriu-se. Do seu escuro interior emergiu uma escama dourada cintilante, tão luminosa quanto uma gema de topázio lapidada. Na escuridão, a escama parecia um pedaço de luz crepuscular em forma de escudo, uma poça de iluminação condensada, ainda impregnada de vida e movimento.

Fascinado, pôs termo ao feitiço e apanhou do chão a escama do tamanho da palma de uma mão.

No instante em que a sua mão tocou a escama, uma mente estranha tocou a sua, e sofreu um ataque mental de tal magnitude que cambaleou e teve de se agarrar ao bastão para se manter de pé.

Murtagh reagiu sem pensar, com velhos reflexos a assumirem o controlo. Recolheu-se para o interior de si mesmo, escudou a mente e focou-se na frase que usava para bloquear todos os outros pensamentos.

– Não me apanharás. Não me apanharás. Não me apanharás – murmurou repetidamente.

Apesar da sua rapidez, não fora suficientemente veloz. A outra mente afetava-o com uma força implacável. Fosse quem fosse, detinha uma disciplina mental inacreditável e, ao que parecia, o completo controlo sobre as próprias emoções, pois Murtagh não sentia mais do que uma intenção ferozmente controlada.

Tentou mexer-se, tentou largar a escama, mas a consciência invasora impedia-lhe os movimentos apenas com uma força arrebatadora.

Murtagh supôs que o seu atacante fosse um elfo; algum elfo em Gil'ead determinado a guardar o túmulo. Normalmente, uma projeção mental de tamanha intensidade requeria que o mágico estivesse relativamente

próximo. Pelo menos num raio de meia milha. Contudo, Murtagh imaginava que a escama estaria encantada de forma a agir como um espelho de catoptromancia ou uma lupa – um condutor – entre quem lhe tocasse e os protetores do túmulo.

Ainda assim, o tempo urgia. Não levaria muito tempo a um elfo para cavalgar de Gil’ead até ao túmulo. Minutos, se tanto.

Murtagh não conseguia perceber se Thorn estava a tentar ajudá-lo. Esperava que o dragão não abandonasse a clareira.

Por entre as palavras do seu cântico defensivo, voltou a tentar mexer a mão que tocava na escama. Nada.

– Não me apanharás. Não me apanharás.

Mesmo sendo a outra mente tão determinada e disciplinada, Murtagh sabia-se mais forte. No que ao poder de resolução dizia respeito, era capaz de se aguentar contra as maiores, mais velhas e mais sábias criaturas de Alagaësia. Galbatorix podia ter conseguido quebrar as defesas de Murtagh, mas nunca lhe quebrara a força de vontade – e isso ensinou Murtagh a acreditar que, independentemente da aflição em que se visse, a sua verdadeira natureza prevaleceria.

Então chegou-lhe um pensamento inquisitivo por parte da mente intrusiva, enunciado simultaneamente na língua humana e na língua antiga:

– *Quem és tu?*

A sensação de alarme ameaçou perturbar o foco de Murtagh. Não podia esperar mais. Se o seu atacante ficasse a saber o seu nome... Tinha de descobrir uma forma de perturbar a atenção do elfo e escapulir-se.

Com a mão livre, palpou o cinto até encontrar o punho da adaga. Desembainhou-a e – com uma determinação soturna – esfaqueou o seu antebraço direito.

Não com grande profundidade. Não a ponto de causar danos graves, mas o bastante para provocar dor, e era dor que ele queria.

O seu rosto contorceu-se de sofrimento, e a adaga caiu-lhe dos dedos. O inesperado pico de dor passou pela sua mente até à do elfo e, tal como Murtagh esperava, interrompeu o foco do seu atacante.

Libertado da influência imobilizadora, Murtagh largou a escama. Quando esta lhe caiu da mão, o contacto mental desapareceu e, com ele, uma opressora sensação de peso.

A suspensão seria efémera.

Usando a ponta do manto como luva protetora, voltou a pegar na escama. A camada de tecido era suficiente para evitar o espoletar de qualquer feitiço nela incorporado. Deitou a escama para dentro da bolsa presa ao cinto e depois virou-se para recuperar a adaga.

A poucos passos de distância, Mallet observava-o, um semblante de horror no seu rosto. O ferreiro apontou e disse, soltando perdigotos:

– Isso... Você... Você não é amigo coisa nenhuma. Ladrão de sepulturas! Profanador!

A voz dele troava no ar crepuscular, interrompendo os lamentos daqueles que se juntavam em redor do túmulo. Os homens e as mulheres viraram-se, as suas expressões alarmadas e hostis. Mallet continuava a gritar.

– Ele roubou uma escama do dragão! Eu vi! Gatuno! Ladrão de sepulturas!

O ferreiro lançou-se a Murtagh, procurando agarrá-lo com os seus braços compridos, em forma de ganchos.

Murtagh virou-se e fugiu. Fugiu como um ladrãozeco e detestou-se por isso mesmo a cada passo.

Não lhe devia ter dito que o meu nome era Tornac, pensou. Os elfos poderiam saber o suficiente para perceber quem ele era. E, se não eles, talvez o mágico dos Du Vrangr Gata.

Um espasmo de dor no antebraço fê-lo olhar para baixo enquanto continuava a atravessar a paisagem a correr. Um borrão de sangue encharcava-lhe a manga e todo o antebraço estava rijo, tenso, como que com uma câibra.

Apertou a ferida com a mão esquerda.

– *Waise heill* – atroou.

Cura-te. Tratava-se de um feitiço arriscado sem conhecer a natureza exata dos danos que tentava reparar, mas acreditava que não fossem *demasiados*, e descobriu que a sua suposição estava correta. Sentiu o braço arder e picar, e também uma ligeira tontura que o fez cambalear durante uns quantos passos. Mas a dor desapareceu e os músculos relaxaram e ele voltou a conseguir abrir e fechar a mão.

Perder a adaga feria-o tanto quanto o esfaqueamento. Tinha-a desde que Galbatorix o armara em Urû'baen, e fora-lhe muito útil nos anos passados desde então. Além disso, Murtagh dotara-a de uns quantos feitiços – para a

fortalecer, para manter o gume afiado e para ajudá-la a fender os feitiços de outros mágicos.

Terei de arranjar outra adaga e começar tudo de novo. Era uma questão prática, acima de tudo. Precisava de uma faca para muitas das tarefas nos seus acampamentos.

Atirou o capuz para trás, enrolou o manto no cotovelo esquerdo e concentrou-se na corrida. Nas suas costas, os gritos irados dos enlutados esvaneciam-se na noite.

Um mau começo, pensou Murtagh. Mas não podia parar. Silna ainda estava em perigo, e havia respostas a obter de Carabel.

Taciturno, acelerou o ritmo.

CAPÍTULO IV



Histórias de pesca

Murtagh correu até o ardor nos pulmões o obrigar a abrandar para um passo de caminhada acelerado. Depois voltou a correr, depois caminhou, depois correu. Dessa forma, chegou depressa à clareira onde Thorn o aguardava.

– *Sempre a espicaçar as pessoas, como um formigueiro.*

Thorn estava acorocado, tenso e pronto para levantar voo daquele anel de salgueiros e choupos.

– Eu sei – disse Murtagh, dobrado para a frente, com as mãos pousadas nos joelhos. – Parece que é um mau hábito.

– *Achas que os elfos nos encontrarão aqui?*

– Não sei – respondeu, endireitando-se. – Mas não me parece seguro ficar.

Caminhou até ao odre que deixara pendurado num ramo junto à sua cama, desenvolveu-o e bebeu o conteúdo. A água estava morna e algo choca, mas era uma recompensa bem-vinda após um dia de sede.

Thorn observava-o, sem pestanejar.

– *Deixa-me ver a escama.*

Murtagh limpou a boca. Atirou o odre vazio para cima dos cobertores, agarrou nas luvas e, cautelosamente, retirou a escama cintilante da bolsa.

Emitindo um som nasal entusiasmado, Thorn rastejou para a frente até quase tocar com o nariz na lâmina cor de topázio. O bafo quente do dragão criou gotículas de humidade na escama, que refletiam a sua luz interna numa demonstração deslumbrante.

A terminação romba da cauda de Thorn embateu no chão. Um corvo levantou voo do topo de um choupo, a crocitar.

Murtagh analisou a cicatriz branca e pregueada que assinalava o ponto de onde Glaedr arrancara numa dentada os últimos três pés da cauda de Thorn. A cauda tinha agora um comprimento normal – Galbatorix tratara disso –, mas a regeneração fora uma coisa forçada, imperfeita. O que se perdera não se podia substituir, por isso o rei lançara feitiços a Thorn para alongar os ossos e os músculos que lhe restavam. O dragão levava semanas a reaprender a equilibrar-se em voo.

Thorn expirou longamente.

– *Glaedr era um digno oponente.*

– Era, sim – disse Murtagh.

– *Morreu como todos os dragões deviam morrer: a lutar em pleno voo, no céu.*

– Ele não está completamente morto.

Thorn pestanejou.

– *Mas já não pode voar. Não se pode mexer. Só pode pensar. Mais depressa me despenharia contra a encosta de uma montanha do que viveria assim.*

– Eu sei – disse Murtagh delicadamente.

Tinham sido afortunados; Galbatorix não obrigara Thorn a expelir o seu Eldunarí quando Thorn era ainda muito jovem. Quando o Eldunarí de um dragão era removido, o corpo continuava a evoluir, mas o Eldunarí não, o que – no caso de Thorn – teria resultado num grave desacerto entre a maturidade da sua mente e a do seu corpo.

Depois de Murtagh embrulhar a escama em tecido e a guardar cuidadosamente num alforge, Thorn perguntou:

– *E agora?*

Murtagh inspecionou o céu. As estrelas já estavam completamente visíveis, e sobre o horizonte espreitavam os cornos de uma lua em quarto crescente. *Perfeito*. Suficientemente escuro para ajudar a ocultá-los de olhares alheios, mas não demasiado escuro que não vissem o que faziam.

– Agora – disse, enrolando os cobertores –, vamos à pesca.



Murtagh emitiu um som de frustração e deixou-se recostar na sela de Thorn.

Uma hora a voar à volta e sobre o Lago Isenstar revelara-se infrutífera. O lago era imenso e eles não faziam ideia de onde procurar Muckmaw. Além disso, era impossível ver qualquer coisa de útil nas águas escuras, mesmo com a ajuda da lua em quarto crescente, e Thorn não se atrevia a voar demasiado próximo da superfície, não fossem alguns pescadores noturnos avistá-los. Murtagh fizera uso da sua mente para procurar criaturas na água, mas daquela altitude e àquela velocidade era fácil deixar escapar os frios pensamentos de um peixe. Sobretudo se ele estivesse a dormir. De qualquer forma, não conhecia a sensação da consciência de Muckmaw.

Nisso, Carabel tinha razão.

Aterraram várias vezes em diferentes secções de costa isolada, e ele balançou a escama sobre a superfície inerte, na esperança de que atraísse a atenção do peixe, como Carabel declarara. Mas as águas permaneciam lisas e inalteradas, e os únicos sinais de vida animal eram os pios de mergulhões sonolentos.

Frustrados, voltaram a levantar voo.

– *Isto não vai resultar* – disse Murtagh mentalmente para que o som da sua voz não viajasse sobre as águas iluminadas pela lua. – *Podíamos passar dias a patrulhar Isenstar e acabar sem nada além de moscas nos dentes e elfos no nosso encaço.*

Thorn abanou a cabeça com irritação.

– *Está uma bela noite para caçar, mas apenas se soubermos onde caçar.*

– *Exato...*

Murtagh lançou um olhar a Gil'ead. Uma constelação dispersa de lanternas e tochas iluminava a cidade, formando uma imagem acolhedora no escuro. Se ele fosse pescador, teria considerado aquela imagem verdadeiramente acolhedora. Deu uma palmadinha no ombro de Thorn.

– *Dá meia-volta. Tenho uma ideia.*

– *Porque é que tenho um pressentimento de que a tua ideia será perigosa?*

– *Porque consegues ler-me os pensamentos, é por isso. E não será assim tão perigosa. Não se eu for esperto.*

– *Tenta não ser demasiado esperto. A esperteza falha mais frequentemente do que a simplicidade.*

– *Hum.*

Seguindo as orientações de Murtagh, Thorn aterrou numa pequena colina a meia milha do lado nordeste de Gil’ead. Com sorte, os elfos não iriam ali à sua procura. Em redor da colina, uma densa manta de retalhos de campos cultivados: trevos, trigo e espessas fileiras de tubérculos e raízes tuberosas.

Murtagh deslizou até ao chão e estudou o entorno durante um bocado. Havia uma quinta a norte, mais perto do que ele gostaria.

– Terás de ser cauteloso. Pode haver ali cães.

– *Eu sei esconder-me* – disse Thorn num tom ligeiramente ofendido.

Murtagh sorriu.

– Sim, sabes. Mas, escuta, se eu não estiver de volta dentro de poucas horas, vai-te embora. Não esperes pelo alvorecer. Os camponeses acordam cedo e, se te virem...

– *Não será problema maior do que outros que já enfrentámos.* – Thorn bufou, e do seu focinho saiu uma onda de fumo branco.

– Ainda assim, evitemo-lo.

Murtagh acorcorou-se, escavou uma mão cheia de terra de baixo das ervas e esfregou-a nas mãos e no rosto. Detestava sentir a sujidade, mas ajudaria a fazê-lo parecer mais velho e mais parecido com os membros da plebe.

Sentiu uma súbita impressão de familiaridade, como se já tivesse vivido aquele momento. De certa forma, já tinha. Antes de entrar em Gil’ead para ajudar a salvar Eragon, fizera exatamente o mesmo.

– Quanto mais as coisas mudam, mais ficam na mesma.

Thorn inclinou a cabeça para o lado.

– *E em que nos ajuda saber isso?*

– Não sei bem. Talvez aprendamos a reconhecer padrões e possamos evitar cometer os mesmos erros duas vezes. – Pôs-se de pé. – Regresso num instante.

E encaminhou-se de novo para Gil’ead numa passada lesta e constante.

Atrás de si, Thorn emitiu um rugido de preocupação.



Desta vez, Murtagh não entrou na cidade pela estrada principal. Em vez disso, seguiu até ao lago e continuou rente à água até chegar às docas lacustres de Gil’ead. A partir daí, bastou-lhe atravessar a margem, escalar a

doca coberta de esterco incrustado e esgueirar-se pelo sentinela entretido com o seu cachimbo.

As docas tinham um cheiro muito diferente das de Ceunon. Isenstar era um lago de água doce e a ausência de sal resultava num aroma mais limpo e fresco. Até o odor a peixe era mais suave, tolerável.

Murtagh avançou pela calada junto aos edifícios à beira do lago – passou as lotas e os armazéns e as mercearias – à procura do que ele sabia que tinha de existir ali. Mas todas as tabernas e estalagens estavam já fechadas, e eram cães, e não bêbedos, que deambulavam por entre a sujidade acumulada na rua, farejando e ladrando aleatoriamente uns aos outros.

Ouviu atrás de si o barulho ritmado de passos leves.

Virou-se rapidamente e deu com os mesmos dois garotos maltrapilhos que o haviam abordado no exterior da fortaleza de Gil’ead. Estenderam-lhe as mãos sujas, de rostos pálidos e olhos esbugalhados sob os cabelos desgrenhados.

– Por favor, meu senhor – disseram em tom de súplica.

Murtagh franziu o sobrolho, com os sentidos em alerta para a eventualidade de uma emboscada.

– Que andam aqui a fazer a esta hora da noite?

Os dois entreolharam-se com expressões astutas e endiabradas. Eram irmãos, parecia-lhe, com apenas um ou dois anos de diferença. O mais velho disse:

– Oh, nada de mais, senhor. Só andamos à procura de comida.

O mais baixo acrescentou:

– Isso mesmo, senhor. Comida para a nossa pobre mãe.

Os irmãos voltaram a trocar olhares muito satisfeitos. De seguida, ouviu-se de ambos:

– Por favor, meu senhor.

Sarilhos, é o que vocês são, pensou Murtagh. Espreitou para o fundo da rua escura. Surgiu um guarda por entre dois edifícios a alguma distância; a lanterna do homem lançou uma luz amarela de um lado ao outro da rua. Depois ele prosseguiu e uma esquina interrompeu o brilho.

Murtagh voltou a olhar para os dois incorrigíveis. Puxou por dois cobres. Os rapazes estenderam as mãos, e ele ergueu os cobres acima das cabeças deles.

– Aha. Calma. Primeiro, digam-me, há aqui alguma taberna ainda aberta a esta hora imprópria?

Os dois rapazes acenaram com a cabeça.

– Oh, sim! Várias.

– E onde poderei encontrar a mais próxima?

– Mesmo ali ao fundo, senhor! – respondeu o mais baixo, sem a menor hesitação, e apontou para os edifícios à beira do lago. – Depois dos estábulos, à esquerda. O Rusty Anchor. Não há como enganar.

Murtagh largou as moedas, e os rapazes apanharam-nas no ar, velozes como pássaros.

– Muito obrigado. Agora, os dois para a cama, e eu que não vos volte a apanhar por aqui.

– Sim, senhor! Obrigado, senhor! – disseram, curvando-se em vénias e rindo. E desataram a correr para o breu da cidade, o mais baixo seguindo o mais alto.

Murtagh abanou a cabeça e prosseguiu na direção que eles lhe haviam indicado.

O caminho era bem mais longo do que ele esperava. Estava quase a perder a fé nas instruções dos rapazes quando avistou uma velha taberna de aspeto maltratado, com luz nas janelas, no extremo ocidental de Gil’ead, onde os edifícios eram baixos e decrepitos.

Fiel ao nome, o Rusty Anchor tinha a âncora de um barco pendurada sobre a porta dianteira, ao lado de uma tabuleta com duas canecas de cerveja a fazerem um brinde.

– Quanto mais a coisas mudam...

Por força do hábito, Murtagh levou a mão ao cinto para verificar a posição da sua adaga. Mas claro que ela não estava lá, só a bainha vazia.

Ficou carrancudo. Era arriscado entrar desarmado num sítio daqueles. Era o tipo de estabelecimento de má fama onde os forasteiros frequentemente acordavam no dia seguinte com um galo na cabeça e a bolsa aliviada de moedas. Se tivessem a sorte de chegar a acordar. Mais de uma vez ouvira ele contar de filhos de nobres que tinham ido beber a estabelecimentos daqueles e haviam acabado roubados, sovados ou pior.

Claro que agora *ele* era o tipo de pessoa que os outros deviam temer. Não podia mentir a si mesmo: a ideia não lhe desagradava por completo. Depois dos últimos anos, Murtagh não se importava de provocar medo se

isso os mantivesse, a si e a Thorn, em segurança.

Parou por um instante para acalmar as ideias e encarnar a necessária personagem. Depois, avançou com uma passada forte e entrou na taberna.

Ao contrário do Fulsome Feast, o Rusty Anchor era um lugar escuro e desolador que cheirava a fumo, suor, urina rançosa e desesperança. O chão era uma confusão de tábuas enlameadas, e havia apenas umas quantas garrafas e malgas atrás do bar. O próprio taberneiro estava sentado a um canto, junto a um barril de cerveja de pressão, com a cabeça encostada à parede, a ressonar suficientemente alto para acordar um dragão (e Murtagh sabia exatamente quão alto isso era).

Os frequentadores do estabelecimento eram uma mistura de pescadores, trabalhadores e vários homens que Murtagh supôs serem mercenários ou – caso não conseguissem ser contratados – gatunos à procura da próxima vítima.

Conseguia senti-los a observá-lo enquanto atravessava a sala. O taberneiro acordou no preciso instante em que ele pousou cobres no balcão de madeira esfolada.

– Cerveja – disse Murtagh. – Da mais barata que tiver.

– Só temos da barata – disse o taberneiro, pondo-se vagarosamente de pé. Tinha uma pança protuberante que lhe distendia o avental, firme como um tambor. Fez desaparecer os cobres nas suas mãos sapudas e deu a Murtagh meio cobre de troco. Depois, pegou numa caneca que não parecia nada limpa e encheu-a a partir do barril.

Murtagh olhou para a cerveja. Não tinha gás nenhum. Decidiu não fazer caso disso e levou a caneca para uma mesa junto à pequena lareira de pedra. O lume estava praticamente extinto, não passava de uma cama de brasas desanimadas.

Quando Murtagh se instalou numa cadeira, um dos mercenários – um homem baixo com peito de pombo e um tique nervoso no olho esquerdo – aclarou a voz e perguntou:

– Você veio numa daquelas caravanas?

Murtagh anuiu com a cabeça.

– Deste Ilirea. Chegámos duas horas antes de anoitecer, mas levámos este tempo todo a descarregar tudo das carroças.

Um homem com uma barba ao estilo das dos anões e uma cicatriz na pálpebra esquerda disse:

– Que notícias traz da estrada?

A cerveja tinha tanto sabor como a água de demolhar centeio. Murtagh fez um esgar e voltou a pousá-la.

– Tudo bem na estrada. Muita poeira, lá isso é verdade. Chegámos sem sermos assaltados, por isso acho que os homens da rainha estão a conseguir manter a ordem.

O homem com o peito de pombo e o seu companheiro barbudo trocaram um olhar que pareceu de algum modo conspirativo. O peito de pombo disse:

– E você vinha a trabalhar como protetor dessa tal caravana?

Murtagh anuiu com a cabeça.

– Não tive de desembainhar a espada nem uma única vez. Não me posso queixar.

– Um dia de trabalho é sempre bom quando não temos de trabalhar – disse o homem barbudo.

– Essa é uma verdade pela qual vale a pena beber.

Murtagh ergueu a caneca e deu uma golada. Depois olhou para os pescadores, com as suas camisolas tricotadas com torcidos e os seus gorros de lã (que não tiravam nem dentro de portas).

– Ouvi dizer que se pesca bem no Lago Isenstar.

– Relativamente bem – disse o pescador mais próximo, mantendo os olhos na caneca.

– Um dos homens com quem vim de vigia não calava a boca com isso. Sempre a falar do pico do verão. Disso e das enguias. Sempre as enguias.

– Enguias é comida decente – concedeu o pescador. – Desde que não as deixem cozinhar de mais.

Murtagh anuiu com a cabeça, como que confirmando o que ouvira.

– Sendo assim, sou capaz de ir tentar a minha sorte com a linha e o anzol enquanto aqui estou. Eu até costumava ter jeito para pescar. – Voltou a erguer a caneca e depois abanou a cabeça e pousou-a. – Mas é que... É tolice, e tenho a certeza de que este meu colega de vigia estava a gozar comigo, mas, enfim, ele não se calava com o perigo que era deitar a linha à água por estas bandas. Por causa de um peixe qualquer chamado Muckmaw. Disse que era o maior peixe de todo o lago, e o mais feroz. Eu achei que aquilo era tudo conversa da treta. Tem de ser, não é?

Os pescadores ficaram tensos, e um deles fez um gesto de esconjuro, inclinou-se para a frente e cuspiu para o chão. O cuspo era verde-escuro devido às folhas de cardo que ele mascava.

– Coisa maldita.

Murtagh ergueu uma sobrancelha.

– Então há nisso alguma verdade?

– Talvez – disse o homem mais próximo de si, taciturno.

– Isso parece-me uma história digna de ser contada.

Ninguém se ofereceu. Os pescadores fitavam a lareira com um semblante sombrio, enquanto o peito de pombo e o barba de anão trocavam sorrisos maliciosos diante da ausência de resposta. O homem que tinha cuspidido arrastou a cadeira para trás.

– Horvath. Merrik. Vou-me embora. Anra está à minha espera.

Murtagh ergueu uma mão.

– Taberneiro. Uma rodada para todos. Pago eu.

O taberneiro forçou os olhos a abrirem-se e pestanejou, ensonado. Acenou com a cabeça e arrastou-se até ao barril.

Após uma breve hesitação, o pescador voltou a instalar-se na cadeira.

– Acho que ela pode esperar mais o tempo de uma caneca – resmoneou.

Mantiveram-se em silêncio enquanto o taberneiro enchia as canecas e as levava para as mesas. Quando Murtagh lhe entregou os seus últimos cobres, o peito de pombo ergueu a caneca num gesto de agradecimento.

– Obrigado, forasteiro – disse um dos pescadores. Tinha uma cicatriz no antebraço que fez Murtagh lembrar-se de Essie. – Muito gentil.

– Oreth, filho de Brock – disse Murtagh. Parecia-lhe sensato começar a usar outro nome que não *Tornac* em Gil’ead e arredores.

O mascador de cardo coçou a barba ruiva que lhe começava a despontar no queixo.

– Muckmaw, hem? Se quer mesmo saber a verdade sobre esse assunto, devia falar com o velho Haugin, mas ele já estará há muito a dormir, se é que eu o conheço.

– Ele dormirá durante todo o inverno – disse o pescador com a cicatriz.

– E não é que é mesmo? – disse o mascador de cardo, acenando com a cabeça. – Não podemos censurá-lo por isso, afinal ele já conta com setenta e sete invernos. Depois de tanto trabalhar, um homem tem direito a dormir.

Murtagh bebeu outro gole da cerveja sem gás.

– E o que me contaria ele acerca de Muckmaw? – perguntou, procurando acelerá-los.

O mascador de cardo e os seus companheiros trocaram uns quantos olhares carregados de significado.

– Ora bem, é uma história curiosa. Você poderá pensar que estou a contar patranhas se lhe disser a verdade, mas foi você que pediu, e, já que pagou a cerveja, terá a sua história, se não me levar a mal.

Murtagh sorriu.

– Claro que não.

– Então. Você tem de perceber o que é Muckmaw antes de eu começar.

– Diga.

O pescador com a cicatriz disparou:

– É um canalha maldoso, é o que é. Vê esta marca no meu braço? Foi onde ele me mordeu há quatro verões. Canalha. Quem me dera esventrá-lo e assá-lo para o jantar um dia destes.

– Quem nos dera a todos – disse o mascador de cardo. Os mercenários escutavam atentamente agora, com os olhos brilhantes à luz vermelha das brasas. – Sabe, Oreth, o maldito do peixe é quase tão comprido como um dos nossos barcos à vela. Uns bons dez passos da ponta ao rabo, acho, e cerca de três passos de largo.

Murtagh sentiu o sobrolho franzir-se à medida que escutava. *Que é que Carabel não me disse?*

– Isso... é um grande peixe.

Mesmo que eles estivessem a exagerar, Muckmaw era claramente enorme.

O mascador de cardo bufou.

– Bem pode dizê-lo. A maldita da coisa é quase uma pequena baleia. É um esturjão, está a ver, ou qualquer coisa parecida com um esturjão. Placas ósseas dos lados do tamanho de um broquel, espigões afiados ao longo das costas, bigodes enormes a saírem-lhe da boca. Foi a boca que lhe deu o nome. *Muckmaw*, «goela de esterco». Ele varre o fundo do lago de arrasto, engolindo tudo, alimentando-se daquilo. Sempre que emerge, escorre-lhe lodo e lama da boca, como fumo a sair de uma fornalha a carvão. Anda ali à espreita no Isenstar há sessenta anos. E é verdade: é *maldoso*. Emaranhá-nos as linhas e corta-nos as redes sempre que pode. Já o vimos engolir

garças de uma só vez, destruir cascos de barcos... Ainda no ano passado atirou com o desgraçado do velho Brennock para fora do esquife e espancou-o quase até à morte com a cauda.

– A cauda de Muckmaw, não de Brennock – esclareceu o pescador com a cicatriz.

Um latido de riso escapou-se do mascador de cardo.

– Ah. Brennock não saberia o que fazer com uma cauda, se a tivesse.

O sobrolho de Murtagh franziu-se mais ainda.

– Vá lá. Vocês estão a gozar comigo, não estão? Não estão à espera que acredite...

– Cada palavra é a mais pura das verdades, juro pela minha mãezinha que já lá está – disse o mascador de cardo.

Enquanto ele falava, Murtagh viu dois rapazes esgueirarem-se para o Rusty Anchor vindos da copa: os dois maltrapilhos de há pouco. Os irmãos chegaram-se à lareira e sentaram-se um junto ao outro, curvados numa acesa conversa. Vendo-os ali, na taberna, Murtagh reparou nas inegáveis semelhanças com o homem com peito de pombo. Fungou. *Devia ter adivinhado*. Perguntou-se que tipo de acordo teriam os irmãos e o pai com o taberneiro.

Afastando aquilo do pensamento, disse:

– Bem... Se é mesmo assim, porque é que ainda ninguém apanhou ou matou Muckmaw?

O mascador de cardo inclinou-se para a frente, com os cotovelos pousados na mesa, os olhos estranhamente brilhantes:

– O relato responderá, por isso ouça com atenção, e não se ponha a duvidar nem de uma palavra. Há sessenta anos, Haugin tinha mais ou menos dez anos. Segundo ele conta, ele e dois outros rapazes estavam a pescar na margem do lago, cerca de duas milhas a norte daqui. Era ele, Sharg Troutnose e Nolf the Short. Tanto Sharg como Nolf já estão debaixo de terra, mas eles contavam a mesma história quando ainda cá andavam.

Ajeitou o maço de folhas de cardo no interior da bochecha, encheu a boca de cerveja e engoliu de um trago.

– Ora bem...

O terceiro pescador, um homem magro, de rosto escanzelado, que estivera até então calado, disse:

– Conta-lhe aquilo do...

— Já vai. Já lá chego! — disse o mascador de cardo, visivelmente aborrecido. Rodou os ombros, fazendo uma pequena pausa antes de recomeçar. — *Ora bem*, os rapazes ‘tavam à pesca e tinham apanhado duas trutas, dois esturjões, e tinham-nos posto na margem. Só que, em vez de lhes darem uma pancada na cabeça para que parassem de se agitar, decidiram ficar sentados a ver quanto tempo os peixes demoravam a parar de se saracotear e qual deles duraria mais tempo. Não é certo, mas, bem, sabe como são os rapazes.

Murtagh sabia. Olhou para as profundezas da sua cerveja.

— Então, ali estão eles, sentados, a observar os peixes a ofegar em cima das pedras, e aparece um homem por trás deles. Sem cavalo, sem boi, vem simplesmente do ermo a caminhar. Haugin diz que era um homem com um aspeto estranho. Tinha o cabelo vermelho, não vermelho como a minha barba, mas vermelho a sério, como um rubi lapidado. E tinha os dentes afiados e pontiagudos como os dos gatos.

Um formigueiro gelado subiu pela nuca de Murtagh enquanto ele ouvia. *Durza*. Que andava o mago possuído por espíritos a fazer em Gil’ead há tantos anos? Certamente que a desempenhar alguma missão terrível e sanguinolenta a mando de Galbatorix — ou, pelo menos, assim presumia Murtagh. Grande parte da história de Durza continuava a ser para ele um mistério. Galbatorix mantivera a existência do Espectro oculta da corte, e Murtagh só tomara conhecimento da sua existência durante as viagens com Eragon. Mais tarde, depois de os Gémeos o terem arrastado de volta para a capital e de Thorn ter eclodido, Galbatorix contou a Murtagh alguns pormenores acerca do trabalho que Durza fazia para ele, mas apenas alguns.

Olhando para trás, Murtagh ficava estupefacto com a sua própria ignorância. E com a estupidez do seu excesso de confiança. Ele acreditara verdadeiramente que seria capaz de derrotar Durza em Gil’ead, sem magia e sem o incremento de força e velocidade decorrentes de se ser Cavaleiro do Dragão. *Que parvoíce. Durza ter-me ia matado antes de perceber quem eu era... Pelo menos, consegui espetar-lhe uma seta entre os olhos*. Embora nem isso tivesse sido suficiente para matar o Espectro. Apenas uma espada atravessada no coração o conseguiria, como Eragon demonstrara mais tarde, em Tronjheim.

O mascador de cardo continuava a falar.

– Assim que o viram, os miúdos levantaram-se de um salto, tentaram chegar aos peixes. Eles *sabiam* que o que estavam a fazer não era certo, ‘tá a ver. Mas o homem disse-lhes para esperarem e perguntou-lhes o que andavam a fazer. Então, eles descaíram-se, todos envergonhados. E Haugin diz que o homem sorriu, sentou-se ao lado deles com a mão no punho da espada e pediu-lhes para ficar também a ver, porque também *ele* ‘tava curioso. Só que não foi bem um pedido, ‘tá a compreender, foi mais uma ordem. Pelo menos, é assim que o Haugin conta. Então, sentam-se e esperam, e os peixes continuam a ofegar e a sacolejar até darem o último suspiro. Todos menos um.

– Deixe-me adivinhar – disse Murtagh. – Um esturjão.

Junto à lareira, os irmãos riam enquanto jogavam ao jogo das pedrinhas com seixos coloridos.

– Ou uma coisa parecida com um esturjão – disse o mascador de cardo. Acenou com a cabeça, com um ar sábio. – E é aqui que a coisa fica esquisita. O homem, ele pega no peixe e diz-lhe umas palavras, só que não as diz em nenhuma língua que faça sentido. O velho Haugin, ele jura pela falecida mãe, *jura*, que conseguia sentir as palavras nos ossos, e Sharg e Nolf contaram o mesmo.

– Magia – disse o pescador com a cicatriz.

– Sim, magia. Então o demónio de cabelo encarnado diz o que tinha a dizer e depois atira o peixe outra vez ao lago, e diz a Haugin e Sharg e Nolf, diz-lhes que, já que eles queriam saber qual dos peixes era o mais forte, era de elementar justiça recompensar o sobrevivente. E depois diz-lhes que, por eles se terem portado tão, tão mal, teriam o peixe a afligi-los e atormentá-los para o resto dos seus dias. Depois caminhou para o bosque e desde aquele dia que o peixe tem sido um terror para nós todos.

O pescador com a cicatriz espetou um dedo no ombro do mascador de cardo.

– Conta-lhe o resto.

– Já vai! Um relato tem de ser feito como deve ser... Ora bem, Muckmaw cresce e torna-se esta coisa temível, e, quando as gentes daqui se aperceberam, todos tentámos matá-lo, Oreth. Oh, se tentámos. Mas não havia meio. Os anzóis não se lhe prendiam à boca, ‘tá a ver, as lanças apenas deslizavam naquelas placas ósseas, e as flechas...

– As flechas ricocheteavam, simplesmente.

O mascador de cardo fez-lhe uma careta durante um instante.

– Sim. E o maldito do peixe é demasiado esperto para se deixar apanhar em redes ou diques. Antes da guerra, Lorde Ulreth anunciou uma recompensa por Muckmaw. Duas moedas de ouro. E o nosso atual governante, Lorde Relgin, aumentou a recompensa para quatro moedas de ouro, se é que consegue acreditar. Quatro! Isso e a oportunidade de entrar na guarda, se assim se desejar. – O mascador de cardo abanou a cabeça. – Nada disso servirá de nada, no entanto. Muckmaw é uma maldição no nosso lago, um castigo por maltratar aqueles peixes, e essa é que é essa.

Murtagh maldisse Carabel silenciosamente por não lhe ter contado nada daquilo. Apanhar e matar Muckmaw seria muito mais trabalhoso do que pensara.

– Porque é que não procuraram um lançador de feitiços que vos matasse o peixe? – perguntou.

O pescador com a cicatriz bufou.

– O quê? Aqueles Du Vrangr Gata? Esses não têm tempo para as nossas aflições. E Frithva, a bruxa verde do fundo da rua, não serviria de muito. Se precisar de remover uma verruga, ou se quiser uma compressa para um furúnculo, ela trata disso muito bem. Mas um peixe enfeitiçado, determinado a matar-nos? Não, senhor. Para isso, precisamos de um elfo ou de um Cavaleiro.

– E esses estão todos ocupados alhures – disse o mascador de cardos com tristeza.

– Alegra-te por isso – respondeu o seu amigo. – Esses só trazem desgraças.

O mascador de cardo encolheu os ombros e sorveu o que lhe restava de cerveja.

– E agora já sabe a verdade acerca de Muckmaw. Acredite no que quiser, Oreth, mas nós juramos que cada palavra é verdadeira. – Arrastou a cadeira para trás e pôs-se de pé. – Agora tenho de ir embora. Anra está à minha espera e não vai gostar nada deste tão grande atraso.

Murtagh ergueu uma mão num gesto casual e despreocupado.

– Os meus agradecimentos pela história. Tenho de admitir que parece inverosímil, mas ao andar na estrada já ouvi coisas mais estranhas. Se um homem quisesse evitar ser comido por Muckmaw, onde é que ele *não* deve ir pescar?

O pescador com a cicatriz fungou.

– Está-se mesmo a ver. O terreno de caça dele é o lago inteiro. Onde quer que vá, terá de ter cuidado para não acabar mastigado por ele.

O mascador de cardo disse:

– Não é bem assim, e tu sabes, Horvath. Há uma zona pantanosa logo a oeste daqui, junto à costa, perto de onde os elfos despacharam os últimos soldados de Galbatorix. Crescem lá taboas e elódeas, e há lá pedras suficientemente grandes para Muckmaw se esconder debaixo delas. Na maior parte das vezes, é por ali que ele anda de manhã e ao fim do dia.

– Muito grato – disse Murtagh.

O pescador anuiu com a cabeça.

– Você ainda é um homem novo. Não gostava nada de ver o velho Rove a tirar medidas para o seu caixão por você se ter embrulhado com Muckmaw, não sei se me entende.

Dito isto, foi-se embora.



Murtagh acabou de beber a sua cerveja. Seria estranho se não o fizesse. Enquanto estava sentado a beber e a pensar no que acabara de ouvir, o peito de pombo e o amigo barbudo aproximaram-se um do outro, conversando baixinho. Depois, os mercenários deslizaram das cadeiras e deixaram silenciosamente a taberna, com o cuidado de se manterem sempre nas costas de Murtagh.

Ele fingiu não reparar. E desejou que as suas suspeitas fossem infundadas.

Junto ao lume, os dois rapazes começavam a parecer sonolentos, embora continuassem a rir e a jogar. O mais alto ganhara os últimos três jogos das pedrinhas, e o mais baixo discutia a legitimidade do seu arrebatar de seixos.

Murtagh pousou a caneca e dirigiu-se à lareira. Os rapazes deitaram-lhe um olhar furtivo e fingiram ignorá-lo. Ele esticou as mãos, como se as aquecesse, e depois espreitou para verificar se o taberneiro havia voltado a adormecer.

O homem estava esparramado contra o barril, com a cabeça pendendo de um pescoço que parecia invertebrado.

Ótimo. Quando Murtagh se virou para sair dali, usou o manto como cobertura para surripiar um toro de madeira de pinho da cesta de lenha que estava ao lado da lareira. Com o toro encostado ao corpo, escondido, saiu da taberna.

O ar noturno era um alívio refrescante depois daquele interior abafado. Fez uma pausa e apreciou a vista das estrelas enquanto descongestionava os pulmões.

Mantinha-se firmemente agarrado ao toro de madeira escondido quando começou a descer em direção às docas penumbrosas. Com cautela, extrema cautela, permitiu à sua mente abrir-se, à procura do toque dos pensamentos de outrem.

Deu pelos dois homens no instante em que eles o atacaram: um vindo de frente e o outro de uma ruela à sua direita. O peito de pombo e o amigo barbudo, de tacos na mão.

Murtagh começou a coxear, confundindo o atacante, baixou-se e, posicionando-se na diagonal, atirou com um ombro ao peito e ao estômago do homem barbudo. O gatuno expirou com um *uof* enquanto era atirado contra a parede de um edifício próximo: uma mercearia com as montras estilhaçadas.

Sem esperar para ver o que acontecera ao homem, Murtagh virou-se e, com o toro de pinho, derrubou o taco do peito de pombo e atingiu-o na clavícula.

O homem magro estatelou-se no chão com um gorgolejo e o estrépito de dentes partidos.

O homem barbudo ainda se mexia; estava de gatas, a tentar pôr-se de pé.

Num rápido passo em frente, Murtagh atingiu-o na nuca. Uma pancada como as que se dá aos coelhos, mas não com tanta força que o matasse.

– Ahh! – gritou o homem barbudo e enrolou-se numa bola, cobrindo a parte de trás da cabeça e do pescoço com as mãos.

Murtagh fez uma pausa para averiguar se havia por ali mais inimigos. Não encontrando nenhum, olhou para os dois infelizes aspirantes a ladrões.

Arreganhou os dentes num rugido, o sangue a liquefazer-se-lhe nas veias. Deu umas quantas passadas vigorosas até ao peito de pombo e pontapeou-o no flanco. Outra vez. E outra vez. Um grito de raiva e frustração jorrou de dentro de si enquanto atirava com a perna.

Uma ou mais costelas partiram-se ao impacto da sua canela.

Ajoelhou-se e agarrou no homem pelos cabelos. Os olhos do peito de pombo reviraram-se, e afluíram-lhe bolhas vermelhas aos cantos da boca. Mexeu os lábios numa tentativa muda de suplicar por misericórdia.

– Trata de ser um pai melhor – retumbou Murtagh. – Ou para a próxima deixo-te num estado pior que este, seu imprestável monte de esterco.

O homem gemeu quando Murtagh lhe largou a cabeça.

Chamou-lhe a atenção uma bolsa no cinto do peito de pombo. Agarrou nela, tal como na adaga do homem. Não era uma adaga particularmente boa, mas a lâmina parecia suficientemente sólida, por isso Murtagh transferiu a arma para a sua bainha vazia.

– Pai!

O grito provocou em Murtagh um arrepio. Olhou para cima e viu os dois miúdos maltrapilhos à porta da taberna, com os rostos imundos cobertos de ira e medo.

– Deixa-o em paz – gritou o mais pequeno, atirando uma mão cheia de seixos. Muitos deles ricochetearam nos ombros de Murtagh.

Pôs-se de pé.

– O vosso pai precisa da vossa ajuda. Cuidem dele.

E depois afastou-se lestamente.

Já a meio das docas, com a taberna completamente fora de vista, Murtagh sentiu o estômago contraído e o coração acelerado e irregular. Quase cambaleou, até o estômago relaxar e a pulsação retomar o ritmo habitual. Praguejou.

Parte de si desejava ter matado o homem. As crianças ficariam melhor sem ele. Ou talvez não. Era impossível saber. Tudo o que podia dizer com certeza era que odiava aquele homem e a sua estupidez abrutalhada.

Rapidamente saiu da cidade e acelerou pela terra escura a caminho de onde Thorn o esperava. Assim que achou não ter de se preocupar com mentes à espreita, contactou Thorn e contou-lhe o que descobrira.

O primeiro comentário de Thorn foi:

– *Será que consegues ir a algum sítio sem te meteres em lutas?*

– *Não me parece. Mas a culpa não foi minha.*

– *Alguma vez é?*

– *Por vezes, sim. Bem, tratemos de encontrar Muckmaw para depois eu poder ir abrir a porta que está sempre fechada. Se alguém relevante der ouvidos aos rumores e coscuvilhices da cidade, poderão aperceber-se de*

algo de errado e vir à nossa procura.

– E quanto ao peixe?

Murtagh galgou uma vedação de ripas de madeira e continuou a atravessar um campo a caminho do esconderijo de Thorn.

– Consigo quebrar os feitiços de proteção que Durza lançou a Muckmaw. Isso não será problema. Aliás, tenho a certeza de que tu conseguirias arrancar-lhe as proteções à dentada. – A ideia pareceu agradar a Thorn. *– Só temos de encontrar o peixe.*

– Então, vamos à procura dele!

– Assim que eu chegar ao pé de ti...

Ao acabar de proferir estas palavras, Murtagh sentiu uma erupção de movimento e entusiasmo vinda de Thorn, quando ele levantou voo.

– Não, espera!

CAPÍTULO V



Muckmaw

O grito de Murtagh foi tardio. Viu à sua frente o ténue brilho da silhueta de Thorn a elevar-se da colina onde haviam aterrado, e ouviu o baque surdo das asas do dragão.

– Raios – resmoneou por entre os dentes cerrados. Inspeccionou rapidamente a extensão de terra à volta e depois correu para uma zona plana de milho já colhido a umas centenas de pés de distância.

Chegou mesmo quando Thorn descia do céu. A rabanada de vento causada pelas asas aveludadas do dragão desequilibrou Murtagh, obrigando-o a afastar as pernas e fazer força para se aguentar contra a pressão do ar.

– Tinhas *mesmo* de fazer isto?

Uma centelha divertida iluminou os olhos de Thorn.

– *Não, mas quis fazê-lo.*

– Ah. Vamos embora daqui antes de alguém reparar em nós.

Subiu pela lateral de Thorn sentindo nas mãos as escamas afiadas do dragão.

Agarrou-se firmemente ao espigão do pescoço do dragão que ficava em frente à sela – sem se preocupar em apertar as correias à volta das pernas – para a descolagem do dragão.

A lua em quarto crescente ia já bem alta no céu quando Thorn sobrevoou a margem sul do Lago Isenstar, à procura da área pantanosa referida pelos pescadores. Murtagh ponderou lançar o feitiço que usava habitualmente para ocultar Thorn das pessoas em terra, mas decidiu não o fazer. Não se via barco algum nas escuras águas lá em baixo, e ele queria poupar forças.

Enquanto voavam, pensava, e quanto mais pensava, mais inquieto se sentia.

– *O que se passa?* – perguntou Thorn.

– *Receio que Durza tenha feito alguma coisa irrazoavelmente astuta com Muckmaw.*

– *Como assim?*

– *Os feitiços consomem energia, certo? E essa energia tem de vir de algum lado. Durza não poderia alimentar os feitiços de proteção que lançou ao peixe não estando aqui. Por isso, a energia tem de vir de Muckmaw.*

– *Qual é o problema nisso?*

Murtagh encolheu os ombros, sentindo uma comichão no cimo das costas.

– *Talvez não haja problema algum. Só que, quando Muckmaw era pequeno, como poderia ele ter alimentado proteções com força capaz de defletir lanças e espadas e coisas que tais?*

Durante um instante, o único som foi o do varrimento das asas de Thorn.

– *Talvez ninguém tenha tentado matar o peixe enquanto ele era pequeno.*

– *Talvez.*

– *... Achas que Durza pode ter feito Muckmaw crescer com o mesmo feitiço que Galbatorix usou em mim?*

Um cansaço súbito abateu-se sobre Murtagh. Recordar o passado fazia-o sempre sentir-se velho e triste.

– *Não há como saber, mas não me surpreenderia.*

– *Hum.*

Voaram em silêncio até aparecer um ajuntamento de juncos de pontas brilhantes junto à margem: as terminações de taboas a refletirem o luar e as luz das estrelas.

Thorn desceu com as asas silenciadas e aterrou numa extensa laje de ardósia que se debruçava sobre a beira da água. Murtagh escorregou até à pedra e observou a água prateada. Noutras circunstâncias, teria considerado bela aquela vista, mas saber que uma criatura como Muckmaw andava ali por baixo atemorizava-o – a água como uma imensa e escura interrogação.

Murtagh estremeceu e esfregou as mãos. O ar saía-lhe da boca como uma pálida pluma.

Retirou dos alforges o arco que Galbatorix lhe dera. Prendeu uma das pontas do arco atrás do tornozelo direito e, com esforço, dobrou o arco até conseguir enfiar a outra ponta no nó terminal da corda.

Verificou o alinhamento da corda e, satisfeito, pôs a aljava ao ombro.

O arco era feito de teixo escuro imbuído de magia. A maior parte dos homens tê-lo-ia achado demasiado forte para disparar, talvez até mesmo alguns Urgais. As flechas de pontas brancas eram apropriadamente pesadas e feitas de carvalho maciço, pois qualquer material mais leve ou mais fraco estilhaçar-se-ia com a força libertada pela corda. E, tal como fizera com a adaga, Murtagh lançara feitiços às flechas, feitiços que tornavam mais fácil encontrá-las caso falhasse o alvo, que as ajudavam a rasgar o vento e que lhes permitiam penetrar mais profundamente no objetivo, fosse qual fosse a proteção deste, arcana ou outra.

Também retirou dos alforjes a escama dourada de Glaedr – ainda embrulhada no pano protetor – e uma meada de corda. Com dedos ágeis, atou um nó quadrado, deixando as pontas soltas e abertas, dispostas no chão como uma armadilha para ursos. Depois calçou as luvas e tirou a escama de dentro do pano.

Mesmo à luz marmórea da lua, a escama brilhava com uma chama interior, como se parte do fogo de Glaedr ainda bruxuleasse nas suas profundezas lapidadas.

Murtagh colocou-a no centro do nó quadrado e puxou as pontas com firmeza até fixar bem a escama.

Confiante de que estava ali bem segura, descalçou as luvas.

– Ora bem, vamos lá descobrir esse tal peixe – murmurou, caminhando até à beira da laje.

Girou a escama e deixou a corda enrolar-se-lhe um bom bocado na mão. Depois soltou a escama sobre a água. Aterrou com um chape que ecoou pela margem, libertando uma fonte de gotículas antes de se afundar, desaparecendo, como uma brasa a extinguir-se, nas profundezas o abismo.

– Talvez lhe devesse ter atado um pedaço de madeira para servir de flutuador.

– *Eu posso ir buscar um* – disse Thorn, acocorando-se.

– Vamos aguardar um pouco primeiro. Toma, segura nisto.

Thorn obedeceu levantando a sua pata dianteira esquerda, e Murtagh enrolou a ponta solta da corda à volta do dedo do meio do dragão. Thorn fechou, então, a pata num punho e segurou no que restava da meada.

– Dá-lhe um puxão de vez em quando.

Murtagh encaixou uma flecha na corda do arco. Sempre que pescara, ao longo das suas viagens, fizera-o com a ajuda de magia, e nunca pescara nada maior que uma truta, por isso perguntava-se qual seria a melhor forma de atrair a animália.

Fixou o olhar na massa de água do lago, como tinta e fez força com os seus pensamentos. Àquela distância de Gil'ead, não receava ser detetado por outro lançador de feitiços, por isso fez uso de toda a sua força mental.

Fechou os olhos para melhor se concentrar naquilo que sentia.

Atrás dos seus olhos reinava o breu. Mas depois olhou para o lado e surgiu Thorn como uma labareda de calor e vida, uma estrela radiante em pleno vazio.

Na zona do lago, encontrou diversas estrelas menores, minúsculos pontos de calor a marcar a localização de uma miríade de diferentes criaturas. Peixes a flutuar em fendas seguras e junto à base de elódeas, no seu descanso noturno. Enguias ocultas na lama do leito – cujas mentes, esbatidas e indistintas, se encontravam dominadas pelos mais básicos instintos: frio, fome, fadiga. Mais esbatidas ainda eram as centenas, se não milhares, de insetos a enxamear o lago, disparando para um lado e para o outro ou em repouso sob pedras e paus e dentro de conchas. E Murtagh teve a nítida impressão de que, se o seu olho interior fosse ainda mais aguçado, continuaria a ver demonstrações vitais de criaturas sucessivamente menores, até chegar à partícula de matéria mais ínfima.

Contudo, entre os muitos animais que sentiu, e até entre o dificilmente perceptível calor de elódeas e outras plantas lacustres, não estava nenhuma criatura suficientemente grande para ser Muckmaw. Nem de perto nem de longe.

Expirou com frustração e substituiu a visão mental pela física. As cristas das ondas baixas pareciam limalha de ferro espalhada sobre o lago.

– Nada – disse a Thorn. – Nem um vislumbre... Puxa a escama. Teremos de tentar noutro ponto do lado. – Virou-se para o dragão, desanimado. – Raios. Isto vai demorar dias, e nós não temos...

– *Olha!* – Thorn empurrou-o com o nariz, apontando para o lago.

Murtagh virou-se, erguendo o arco.

A cerca de cinquenta pés da margem, a água inchou, tornando-se mais fina e lisa ao subir, como uma onda a passar por um casco virado ao contrário. Uma massa imensa e bulbosa empurrava a água para cima, e, por

baixo desta, na sombra, Murtagh apercebeu-se de um par de olhos orlados de branco, do tamanho de punhos, a rolar nas suas órbitas.

Depois a onda decresceu, deixando apenas um rasto de pregas na superfície.

– Juro que não senti nada – disse Murtagh, acompanhando a direção das pregas.

– *É gigante!*

A descrição do mascador de cardo não se aproximara sequer de retratar convenientemente o tamanho do peixe. Muckmaw era maior do que um urso, maior ainda do que um dragão com três meses de idade (ignorando-se as asas).

Murtagh ordenou os seus recursos mentais e depois dirigiu os pensamentos incisivamente, procurando localizar e imobilizar o gigantesco animal como o elfo o imobilizara no túmulo.

– Ainda não sinto nada – sussurrou. – Thorn, consegues...

O animal soltou um ténue rugido.

– *É como garras sobre gelo. Não consigo ferrar.*

Murtagh praguejou impercetivelmente.

– Vou ter uma conversa com aquela felinumana – disse, varrendo com o olhar o lago agora completamente liso.

– *Durza deve ter ocultado a mente de Muckmaw* – disse Thorn.

– Um belo truque. Não faço ideia de como poderia eu fazer tal coisa... Tenta recolher a escama. Vejamos se isso atrai a atenção dele.

Thorn obedeceu com alguma dificuldade. Os dedos da sua pata dianteira eram demasiado grandes para trabalharem com agilidade, mas, ainda assim, conseguiu torcer e enrodilhar a corda em redor da pata de modo a encurtá-la jarda a jarda.

Uma nova ondulação, ampla e orgulhosa, surge na diagonal da corrente dominante, dirigindo-se para o sítio onde Murtagh achava que estaria a escama de Glaedr. *Ali*. Era muito otimista, sobretudo tratando-se de disparar para água, mas Murtagh decidiu arriscar. Num único gesto lento, afastou o arco ao mesmo tempo que puxava a corda até ao queixo e – sem hesitar – largou-a.

A seta zuniu enquanto voava e ele enviou-a juntamente com uma palavra mortífera proferida com intenção letal.

Quando a seta atingiu o lago, mesmo à frente da ondulação, fez disparar gotículas no ar.

E então...

... a ondulação abrandou e desapareceu, e Murtagh não sentiu qualquer energia ser-lhe retirada por causa do feitiço lançado.

Falhara.

Conteve um vitupério e puxou de outra flecha, que armou tão depressa quanto pôde.

– Aqui, peixinho, peixinho... – murmurou, varrendo o lago com o olhar.

Semicerrou os olhos. Teria visto uma movimentação à sua direita? A água estava demasiado escura para poder ter a certeza.

– *Brisingr* – murmurou e libertou a energia num gotejar minuciosamente medido de modo a criar um globo de fogo vermelho pouco intenso à sua frente. Pendia sobre a água como um sol diminuto, apenas com o brilho bastante para ele conseguir ver bem a elevação do lago.

Esperava que a luz tentasse o peixe a aproximar-se.

Thorn continuava a puxar a corda. A escama de Glaedr estava próxima deles. Murtagh conseguia entrever um brilho dourado sob as ondas, ascendendo na direção da superfície.

Abriu a boca para sugerir que Thorn tentasse agitar a linha.

Uma forma maciça subiu atrás da escama, escancarou-se um negrume em redor do resquício precioso de Glaedr, e uma goela horrendamente aberta fechou-se sobre ele, fazendo-o desaparecer.

Thorn deu um puxão à corda. A linha partiu-se com um estalido vibrado.

Murtagh apontou e disparou num único gesto e, com ele, soltou a palavra mortífera.

Uma fiada de bolhas brancas rastreou o percurso descendente da seta. Fora um bom disparo. A ponta da flecha acertou algures na cabeça de uma jarda de largura de Muckmaw. Murtagh viu, sentiu e ouviu o impacto.

A seta escorregou para o lado e desapareceu no breu do Isenstar. Mais uma vez, Murtagh não sentiu qualquer decréscimo de energia provocado pelo seu feitiço.

Então, Muckmaw afundou-se para fora da vista, como um barco com o casco furado descendo para o descanso final, e nem sinal dos seus olhos debruados num tom pálido. Nem da escama de Glaedr.

Murtagh baixou o arco. Não valia a pena armar outra seta. Praguejou.

Ao seu lado, Thorn sacudiu os resquícios lassos da corda da sua pata dianteira.

– *O peixe é formidável.*

– Se nos escapa, eu juro que dreno a porcaria deste...

Surgiu à direita uma formação de pregas em V, possivelmente a setenta pés da margem. As ondulações descreveram uma curva em torno da língua de ardósia.

Thorn mexeu-se ligeiramente, de olhar fixo naquela perturbação.

– *Ele não fugiu.*

– Não.

– *Está a brincar connosco.*

– Quão inteligente pode ele ser?

As pregas esvaneceram-se.

Os olhos cintilantes de Thorn viraram-se brevemente para Murtagh.

– *Suficientemente astuto para caçar um homem.*

Murtagh sentiu a preocupação congelar-se-lhe na nuca. Thorn tinha razão. A maioria dos animais – a maioria dos *peixes* – teria fugido após ser atacada. Mas, na verdade, Muckmaw não era como a maioria dos peixes. Esse era o problema.

Murtagh ergueu o queixo, resoluto. Peixe nenhum lhe levaria a melhor, fossem quais fossem os seus encantamentos. Enfiou o arco na aljava, juntamente com as flechas. Findara o tempo das armas físicas.

– Todos os feitiços de proteção têm um limite – disse. – Descubramos os limites deste. Precisaréi de alguma da tua força, no entanto.

A mandíbula de Thorn abriu-se, revelando os seus dentes curvos.

– *O que é meu é teu.*

Murtagh imitou-lhe o sorriso. Depois devolveu a atenção à água. O pescador com a cicatriz estava certo: matar Muckmaw era tarefa para um elfo ou Cavaleiro. Poucos além desses estariam à altura do desafio. E, ao livrarem-se do peixe, estariam igualmente a fazer bem à gente de Gil’ead, enquanto progrediriam nos seus próprios intentos. Era uma combinação gratificante.

Acocorado, Murtagh palpou o chão em seu redor até encontrar um pedaço de ardósia solta. Deu balanço ao braço e atirou a ardósia à água, a umas quantas jardas de distância. Longe quanto bastava para Muckmaw se

poder sentir seguro, mas suficientemente perto para Murtagh conseguir ver com clareza.

Surgiu uma fila de bolhas nacaradas ascendendo na direção da superfície. Murtagh petrificou, mantendo firme a ligação entre a sua mente e a de Thorn.

Formou-se outra onda na água, nem a trinta pés deles.

Murtagh focou o olhar num ponto logo abaixo da superfície, apontou e proferiu a Palavra, o Nome dos Nomes.

À Palavra acrescentou uma frase exprimindo a sua intenção de retirar as magias imbuídas em Muckmaw, de quebrar e pôr termo aos encantamentos que Durza havia lançado ao peixe há mais de meio século. Embora a Palavra lhe garantisse um controlo absoluto sobre a língua antiga, considerava útil – e frequentemente necessário – explicitar o resultado pretendido.

Lançou o feitiço e, tal como na maioria das vezes em que utilizou a Palavra, sentiu apenas um ligeiro decréscimo de energia. Mas bastava-lhe para saber que o feitiço surtira efeito. Alterar a magia existente por intermédio do Nome dos Nomes requeria pouco no que dizia respeito a força bruta. Tratava-se de uma arte subtil mais semelhante à tecelagem de uma tapeçaria do que ao estilhamento de uma peça de barro.

– Apanhei-te – murmurou. E depois: – *Kverst!*

A palavra cindiu a onda de água com a precisão de um corte de lâmina. Lá em baixo, Murtagh entreviu uma cordilheira de espinhas afiadas e, de ambos os lados desta, um dorso largo e corcovado, coberto por uma camada de escamas preto-azuladas cintilando sob a luz prateada. Mas o feitiço não logrou mais nada, e Muckmaw voltou a mergulhar para longe da vista.

– O quê?! – O espanto de Murtagh desfez-se em ultraje. Direccionou uma esfera de pensamento ao peixe... que apenas atingiu vazio e ausência. – Como?

O feitiço resultara. Ele sentira-o! Contudo, Muckmaw conseguira permanecer ileso.

Voltou a proferir a Palavra e voltou a procurar quebrar a magia imbuída em Muckmaw e voltou a sentir que tinha conseguido. Mas, quando enviou outro feitiço mortífero à água, este passou inofensivamente à roda do esturjão sobredimensionado.

Tentou mais duas vezes – sentindo-se cada vez mais frustrado – e deparou com o mesmo resultado.

– *Como é que isto foi feito?* – perguntou Thorn. – *Magia sem palavras?*

Murtagh abanou a cabeça.

– Não pode ser. O feitiço fez o que deveria fazer. Tenho a certeza disso. Isto é...

Contando com Sarros, esta era a segunda vez que o Nome dos Nomes lhe falhava. Não era, começava ele a perceber, a onnipoderosa arma que ele inicialmente julgara ser. E também começava a perceber que tinha uma compreensão da magia muito mais reduzida do que desejara.

Acocorou-se, mordendo o interior da bochecha, enquanto analisava o lago. Então riu-se, um riso súbito e delicado.

– Seu canalha esperto. – Olhou para Thorn. – Não sei se é esta a resposta, mas uma maneira de isto *poder* ter sido feito seria enunciando um feitiço de modo que, se alguma coisa mudar ou for removida, o feitiço se substitua a si mesmo. Se isto, então aquilo.

Não muito diferente dos feitiços que testara durante a sua viagem a Gil'ead.

– *Consegues usar o Nome dos Nomes para evitar que o feitiço regresse?*

– Talvez. Provavelmente. Mas terei de pensar um pouco.

– *Então, pensa.*

Começou a formar-se uma comichão na palma da mão direita de Murtagh.

– Não sei. Talvez seja mais rápido...

Sentiu o couro cabeludo eriçar-se e as narinas abrirem-se quando o medo o percorreu.

– *A minha mão!*

Virou-se subitamente para Thorn, dizendo:

– Temos de ir embora daqui. Leva-nos para...

OuvIU-se um chape à sua direita e...

... Murtagh virou-se e viu uma massa enorme e luzidia a precipitar-se sobre ele, vinda da água. Mal teve tempo de reconhecer a sua própria incredulidade antes de o peixe gigante esbarrar contra ele e caírem, ele e o peixe, ao lago.

CAPÍTULO VI



Trabalhar no duro

A água fria rodeou Murtagh num abraço letal. Não conseguia ver, não conseguia ouvir, não sabia para que lado era a superfície.

O impacto arrancara-lhe o arco da mão. O manto enroscilhava-se-lhe nos braços e nas pernas, impedindo-o de nadar.

Mesmo com o tumulto da água, conseguia ouvir Thorn rugir, e uma vaga de fogo vermelho de dragão iluminou as profundezas do lago acima dele, algures onde fosse *acima*.

Arrancou o alfinete que lhe prendia o manto junto ao pescoço e afastou o pesado tecido a pontapear e esbracejar. Em frente ao seu rosto flutuaram tiras de bolhas brancas, movendo-se na horizontal. Na direção da *superfície*!

Agitou os braços para se endireitar e nadou para cima. O seu luminóforo desaparecera, mas ele via a forma do seu arco, um crescente brilhante e incandescente, a flutuar na superfície agitada do lago.

Um instinto de aviso fê-lo olhar à sua volta.

Muckmaw erguia-se das lúgubres profundezas do lago, com lodo a escolher-lhe dos cantos da enorme boca em forma de pá: um monstro arcaico composto por escamas de pedra, espigões afiados e maldade rancorosa.

Murtagh ergueu a mão direita, a mão que contém a *gedwëy ignasia*, e preparou-se para lançar um feitiço *pensando* a palavra. Mesmo que não conseguisse afetar diretamente o peixe com magia, poderia sempre proteger-se ou atacar a besta com água ou chamas ou outros meios.

Antes de o conseguir, o monstro deslizou para a frente a uma velocidade estonteante, avançando mais depressa do que qualquer criatura que Murtagh alguma vez tivesse visto, incluindo Thorn.

O peixe abocanhou-lhe o braço direito e ele sentiu as placas ósseas no interior daquela goela a triturarem-lhe a pele. Depois, a criatura começou a agita-lo violentamente, arrastando-o pela água.

A cabeça de Murtagh era arremessada de um lado para o outro. Relampejavam-lhe estrelas amarelas diante dos olhos, e ele tinha de se esforçar para não libertar todo o ar dos pulmões.

Os seus feitiços de proteção evitavam que o peixe lhe arrancasse o braço. Mas não faziam muito mais. Não conseguiam. Não lhe ocorrera restringir os seus próprios movimentos.

Entreviu a cabeça e o pescoço de Thorn enfiados na água, como uma serpente gigante. E viu uma das patas dianteiras de Thorn a esticar-se para ele, de garras em riste.

Então, Muckmaw mergulhou mais, em espiral. Murtagh sentiu-se embater no fundo, e ao seu redor ergueu-se uma nuvem de lama impenetrável. Tentou focar-se o suficiente para lançar um feitiço, mas o peixe não lho permitia.

Muckmaw arrastou-o pelo leito gelado. As suas costas, o braço esquerdo e as pernas chocavam contra pedras, e o impacto deixava-lhe a pele dormente.

Murtagh sentia os pulmões arder, e os feitiços de proteção consumiam-lhe energia a um ritmo alarmante.

Palpou à procura da adaga que tirara ao peito de pombo. Os seus dedos tocaram no punho da arma, e depois esta caiu, libertada pelos abanões violentos de Murtagh.

Desesperado, Murtagh esbracejou, procurando agarrar algo – qualquer coisa – que pudesse usar como arma.

Uns quantos momentos aparentemente intermináveis de procura atabalhoada e...

... a sua mão fechou-se em redor de um objeto comprido e duro que parecia mais ser uma vareta de ferro do que um bocado de madeira.

Agarrou-o e arrancou-o da lama sugadora, espetando-o na direção da imensa cabeça de Muckmaw. *Kverst*, gritou mentalmente.

Com o choque o impacto, o seu braço parecia ser percorrido por um raio de eletricidade estática, e sentiu-se enfraquecer à medida que o feitiço lhe consumia a reserva de energia. Então, uma nova força abasteceu-o quando

Thorn se juntou ao seu esforço, alimentando-o enquanto as exigências de energia do feitiço aumentavam para lá do imaginável.

Surgiu um breve clarão de luz do ponto onde a vara pressionava Muckmaw sobre o olho, e depois Murtagh sentiu o objeto enterrar-se na carne e nos ossos do peixe, afundando-se-lhe na caixa craniana.

O peixe entrou em convulsões e libertou o braço de Murtagh. Antes de Murtagh conseguir nadar para fora do alcance de Muckmaw, este atingiu-o de lado com a enorme cauda e ficou tudo escuro.



Murtagh recuperou a consciência num sobressalto de pânico. Durante quanto tempo estivera inconsciente? Não poderia ter sido por mais de uns quantos segundos. Muckmaw ainda se contorcia e sacolejava a cerca de trinta pés dele.

Os pulmões e as veias de Murtagh estavam repletos de fogo. Acabaria por rebentar ou desmaiar se não recebesse ar, mas recusava-se a abrir a boca. Se inalasse água, não teria hipótese de alcançar a superfície.

Deu aos pés e às mãos para subir.

O interior do lago voltou a ser iluminado por uma vaga de fogo vermelho de dragão e, por um instante, Murtagh perdeu toda a noção de tempo e lugar. À sua volta pendiam grossas cordas de elódeas, como grandiosas trepadeiras flutuantes, abanando delicadamente na água azul-esverdeada. A partir do rastro escavado por Muckmaw no leito erguiam-se ondas de lama, formando uma teia de sombra cintilante e ondulante por todo o lado. E eis que, erguendo-se do atoleiro de lama e visco, como ramos de árvores descascados e descorados pelo sol, surge uma floresta de ossos: braços e pernas enganchados em formatos denunciadores do desespero. Em alguns pendiam braçadeiras e pulseiras e vestuário desfeito, bem como farrapos de tendões e de músculos atrofiados.

Centenas de mortos confiados à profundidade, consumidos pelos peixes e insetos e por lesões verdes, como eclosões de musgo. Espalhados no meio deles, escudos, espadas e lanças suficientes para um batalhão, com a madeira amolecida e degradada e o aço escurecido pela imparável ferrugem.

Murtagh fitou tudo aquilo, horrorizado. Logo o seu instinto o obrigou a regressar à realidade, e rasgou a água com as mãos e abriu e fechou as pernas como se fossem tesouras, até que...

O seu rosto aflorou à superfície. O ar atingiu-lhe o rosto, e ele arquejou, incapaz de encher e esvaziar os pulmões com a rapidez de que precisava. A visão emoldurou-se-lhe de vermelho e preto e ele voltou a afundar-se.

Então, sob as suas costas e braços, esgueirou-se um objeto rijo e pontiagudo, erguendo-o. Ele rebolou e agarrou-se à cabeça de Thorn com todas as suas forças.

– *Já te agarrei* – disse Thorn.

Murtagh arfava e tossia, incapaz de responder, mas agarrava-se cada vez mais a Thorn.

Estavam a mais de cem pés da margem; o dragão encontrava-se dentro de água, com a maior parte do seu volume oculto abaixo da superfície, apenas os espigões das costas e as pontas das asas dobradas à vista.

– *Não consegui chegar a ti mais depressa* – disse Thorn.

– Eu sei – disse Murtagh, ainda a tossir. – Não faz mal.

– *Ter-te-ia salvado e matado Murtagh fosse como fosse.*

Murtagh voltou a abraçar Thorn e depois virou-se para olhar de novo para o lago.

– Não tens de me convencer... Não pensei que fosse possível odiar Durza ainda mais do que odiava.

– *Que outros males terá ele deixado em Alagaësia?*

A pergunta deixou Murtagh calado por um instante.

– Quem me dera saber.

Uma perturbação turvadora na água, a vinte pés de distância, deixou-os ambos hirtos, e Murtagh começou a escalar as costas de Thorn.

Então, Muckmaw flutuou até à superfície e rodou, ficando de barriga para cima, completamente inerte.

Murtagh praguejou e afastou os cabelos molhados dos olhos. Ainda tinha o coração aos saltos e sentia-se pronto para voltar à luta.

– Espera. Tenho de ver uma coisa.

Afastou-se de Thorn com um empurrão e nadou até ao enorme cadáver de Muckmaw. Thorn seguiu-a a um ritmo mais lento, deslizando pela água com sinuosa facilidade.

Murtagh contornou Muckmaw até chegar ao pé da cabeça. Espetado no crânio do esturjão sobredimensionado estava – tal como pensava – um bocado de osso partido. Pelo aspeto, um osso humano da coxa.

A mente de Murtagh regressou à carnificina submersa por baixo deles, e sentiu nascer em si uma suspeita perturbadora. Tamanha quantidade de cadáveres tornava absurda a ideia de que pudessem ser vítimas de Muckmaw e de mais ninguém. Ninguém teria suportado a presença de tamanho monstro. A quantidade de chacina – mesmo que diluída ao longo dos últimos sessenta anos – teria afastado as pessoas daquele lago e espalhado a história de Muckmaw por toda a terra até outros mais intrépidos virem à caça do peixe assassino.

Olhou de relance para Thorn.

– Volto já. *Brisingr!*

Voltou a criar um luminomem incandescente à sua frente, sendo este azul e branco e mais brilhante que o anterior.

Depois inspirou bem fundo e voltou a mergulhar. A água borbulhava e evaporava-se à volta da bola de fogo, mas o globo de gás iridescente providenciava, mesmo assim, luz bastante para ele conseguir ver.

Nadou para baixo, para as profundezas gélidas, e mais para baixo ainda, até ver o campo de esqueletos encrostados. À luz bruxuleante do seu luminomem, os ossos pareciam mover-se e abanar com vida sobrenatural, como marionetas mal dirigidas e desesperadas para escapar ao grilho da decadência.

Bateu os pés até chegar ao esqueleto mais próximo e escavou a lama e o lodo que cobriam o torso. O esterco estava frio como se de desespero. Os seus dedos encontraram um pedaço desgastado de couro, e ele puxou-o até o libertar, erguendo-o. As suas suspeitas converterem-se em sólida certeza. Tal como receara, estava gravado em relevo no couro o brasão da infantaria de Galbatorix.

Murtagh deitou um último olhar ao cemitério de esqueletos subaquático onde jaziam tantos dos soldados do Império. Ver aquela desolação bizarra e grotesca fazia-lhe doer o coração.

Depois, deu um impulso com os pés e voltou a subir.

Emergiu com uma explosão de gotículas. Arfou e agarrou-se, grato, a Thorn, que se lhe juntou.

– *Que se passa?*

Murtagh praguejou e bateu várias vezes com a testa nas escamas rijas de Thorn. A água em seu redor era como um cobertor de gelo, pesado e constrangedor.

– Eles estão lá em baixo – murmurou. Manteve a testa encostada ao pescoço de Thorn. – Raios. Então todos lá em baixo.

O estado de alarme de Thorn aumentou.

– *Quem?*

Quando Murtagh partilhou com ele o que vira, o desgosto de Thorn juntou-se ao seu.

– Os elfos devem tê-los encurralado até à água. Não tinham a menor hipótese.

Na última vez que haviam visto os batalhões de Galbatorix, os quadrados formados pelos homens haviam sido amontoados nas planícies cobertas de fumo exteriores a Gil'ead, enquanto marchavam sobre eles fileiras de altos elfos com força inexorável.

Num tom de voz delicado, o dragão disse:

– *É triste, mas as mortes deles não são responsabilidade nossa.*

– São, sim. Se Galbatorix nos tivesse deixado ficar, poderíamos...

– *Os elfos ter-nos-iam matado. Mesmo com a força de Yngmar ao nosso dispor, não conseguiríamos suplantar o poderio combinado deles.*

– Devíamos ter tentado, pelo menos.

– *Gostarias de ver os elfos derrotados e Galbatorix triunfante?*

– Não! Mas devia haver forma de salvar os homens. De algum modo.

O pescoço do dragão vibrou com um rugido.

– *Não podes obrigar o mundo a ser como desejas.*

– Será que não? – Murtagh ergueu a cabeça para olhar para Thorn. – Quando se quer muito uma coisa...

– *Querer nem sempre é suficiente.* – Thorn passou o nariz no cocuruto de Murtagh, um toque apaziguador. – *Também têm de existir os meios. Sabe-lo perfeitamente.*

Murtagh deu um suspiro entrecortado. A visão desfocou-se-lhe. Pingava-lhe o cabelo, mas não sabia ao certo se eram lágrimas ou água do lago. Sendo o próprio Galbatorix a personificação do mal, Murtagh não conseguia deixar de ter pena dos homens comuns que haviam marchado sob o estandarte do Império, muitos deles alistados à força. Lutara ao lado deles. Partilhara refeições com eles. E sabia que se tratava de pessoas boas e

genuínas. Não tinham alternativa, eram obrigados a lutar, e, tanto em Gil'ead como em Ceunon, haviam sofrido um ataque vindo de fora das suas terras e de fora da sua raça.

Não era difícil perceber porque haviam dado a vida em defesa do Império. Noutras circunstâncias, Murtagh teria feito o mesmo.

– *Eles confiaram em nós para lutarmos por eles, e não os pudemos ajudar.*

Era uma conclusão profundamente deprimente.

Thorn respondeu com firmeza:

– *Não. Nós fizemos o que pudemos, e ninguém pode dizer o contrário. Não te atormentes com isto.*

Uma pequena onda atingiu Murtagh na boca. Cuspiu um dedal de água e abanou a cabeça.

– *Não foi uma luta justa.*

Ele vira a maneira como o poderio humano falhava contra a velocidade e a força dos elfos. Mesmo que estivessem equilibrados em número, os lançadores de feitiços teriam, sozinhos, devastado o exército de Galbatorix.

– *A magia desequilibra todas as coisas* – disse Thorn.

Murtagh pensou naquilo enquanto extinguia o luminomem e nadava de volta até ao corpo flutuante de Muckmaw.

– *Tens razão. Sempre assim foi. Galbatorix tinha a solução dele. Nasuada está a tentar a dela, através dos Du Vrangr Gata. Até a língua antiga foi uma tentativa de controlo.*

– *Seria tão inútil tentar controlar o vento ou a chuva como tentar controlar a magia.*

– *Então que esperança resta ao homem comum num mundo de mágicos?*

– *A mesma esperança que tem qualquer criatura quando atingida pelas tempestades do destino.*

Murtagh prendeu uma mão na guelra exposta de Muckmaw e tentou puxar o peixe para a margem. Mal se mexeu. Virou-se para Thorn, que deslizava na sua direção.

– Ajuda.



Com o auxílio de Thorn, levar Muckmaw até à margem foi – embora não fácil – um processo relativamente rápido. Uma vez lá chegados, Thorn rastejou para fora de água e depois esticou uma pata e arrastou o peixe até à margem.

Murtagh deixou-se cair ao lado do peixe e fitou as incessantes estrelas na sua lenta rotação. Continuavam a perpassar-lhe a mente imagens dos esqueletos submersos.

Thorn afastou o cadáver de Muckmaw com uma das pernas traseiras e enrolou-se em torno de Murtagh, cobrindo-o com uma asa aberta, assim formando uma bolsa segura e quente.

Murtagh fechou os olhos. Os feitiços de proteção haviam-no exaurido mais ainda que o esforço da luta, e doía-lhe o corpo de toda a pancada que levava. Sobretudo o antebraço esquerdo, onde latejava o osso sob a antiga ferida, como se estivesse magoado. Precisava de comida e de uma fogueira bem quente e de um longo sono.

Mas ainda não, pensou. Silna ainda tinha de ser salva, e preocupava-o que pudesse não ter tempo suficiente para se instalar na companhia do Capitão Wren antes de os guardas partirem com a cria. Assumindo que as suspeitas de Carabel eram corretas. Tranquilizou-se com o pensamento de que era pouco provável os captores de Silna partirem antes do amanhecer, embora não pudesse ter a certeza.

Um tremor perpassou Thorn; o dragão tremia, como se sentisse frio.

– Que se passa? – murmurou Murtagh, fazendo festas na barriga de Thorn.

O dragão rugiu levemente.

– Estás ferido.

– *Nada de grave. Estarei bem daqui a um dia ou dois.*

Thorn voltou a estremecer e a rugir.

– *Fui demasiado lento. Não te consegui agarrar a tempo.*

– *Isso não é...*

– *O peixe podia ter-te matado.*

– É preciso muito para me matar – disse Murtagh em voz alta. O som da sua voz costumava ter um efeito calmante em Thorn. – E a ti também.

Thorn não respondeu logo. Então, Murtagh ouviu, mais do que viu, os dentes do dragão cerrarem-se com um estalo.

– *Sim. Muito.*

– E nada até agora o conseguiu.

– *Espero que as coisas se mantenham assim.*

Voltou a dar palmadinhas a Thorn e depois, com um gemido, rebolou até se levantar. A asa de Thorn ergueu-se quando Murtagh se pôs de pé, voltando a revelar o céu noturno e o cadáver caído de Muckmaw.

Murtagh esfregou o braço e espremeu a água das mangas.

– Este dia é interminável.

– Já passa da meia-noite. Novo dia – disse Thorn.

– Não me parece nada.

Murtagh olhou para o lago. Viu, a alguma distância da laje, o seu arco à deriva. Ou o que dele restava. A corda partira-se, e a madeira estava toda torcida e carbonizada. Os feitiços vinculados ao arco podiam tê-lo protegido de muita coisa, mas o calor pleno do fogo de um dragão não era uma delas.

Suspirou. Numa noite perdera duas das suas três armas. Tudo o que lhe restava era a Zar’roc, que era formidável, mas não propriamente útil se precisasse de disparar a distância ou fatiar um naco de toucinho.

Por falar em fatiar... Aproximou-se de Thorn e desafivelou o alforge mais baixo. O conteúdo, para seu agrado, permanecia seco; uma consequência do feitiço que lançara após o dilúvio que os surpreendera no início do ano anterior.

Murtagh desembainhou a Zar’roc, empunhou a espada e caminhou até ao cadáver de Muckmaw. Ficou um bocado a olhar para a luzidia massa de carne, escolhendo o melhor sítio onde cortar. Quanto do peixe quereriam os guardas? Não havia no animal nenhuma distinção clara entre a cabeça e o pescoço.

– Precisamos de algo para embrulhar a cabeça – disse. – Não queria usar o meu cobertor, mas...

Thorn avançou e mergulhou a cabeça no lago. Com água a pingar-lhe do focinho, depositou aos pés de Murtagh o seu manto encharcado.

Murtagh pegou-lhe com uma mão. A lã feltrada tinha vários buracos e rasgões, pelos quais passava o luar. Voltou a suspirar.

– Espero que tenha tamanho suficiente.

A Zar’roc não era uma espada de duas mãos – por vezes, Murtagh sentia saudades das proporções da sua velha espada de uma mão e meia –, mas ainda assim ele pôs também a mão esquerda sobre o punho e ergueu a arma

acima da cabeça, como um carrasco prestes a desferir o golpe fatal. Inspirou e depois lançou a espada para baixo com um sonoro «Huh!»

A lâmina carmesim atravessou a pele blindada de Muckmaw e, sob esta, a carne escura, quase sem encontrar resistência. No entanto, o peixe era tão grande que Murtagh só conseguiu chegar a um terço da largura do pescoço com o primeiro golpe.

Voltou a erguer a Zar'roc, e de novo desferiu um corte descendente.

Precisou de quatro cortes para decapitar o peixe. Apartada do corpo, a cabeça de Muckmaw tinha quase de largura o que Murtagh tinha de altura; mal conseguiria pôr os braços à volta dela, caso o tentasse.

Os imensos olhos do peixe, como pequenos pratos, fitavam-no, pálidos e inexpressivos, destituídos de força motriz, mas ele sentiu, ainda assim, uma certa expressão acusadora.

– Todas as coisas têm um fim – murmurou, pousando uma mão na testa fria da besta.

– *A escama* – disse Thorn.

– Ah.

Murtagh voltou a pegar na Zar'roc e encostou-lhe a ponta à barriga de Muckmaw, logo abaixo das costelas do peixe. Com um som como que um murmúrio, abriu o esturjão gigante, e de lá de dentro caiu uma porção de intestinos cinzentos, como larvas, amontoando-se em redor das suas botas em grandes espirais escorregadias.

Murtagh fez um esgar e susteve a respiração enquanto palpou pelo intestino acima até encontrar o estômago. Mais um corte rápido, e o estômago abriu-se, revelando uma coleção horrenda de pequenos peixes, sapos, enguias meio digeridas e até alguns ramos. E, enterrada no meio do refugo fedorento, a escama dourada de Glaedr, brilhante como uma placa polida.

Murtagh encostou a Zar'roc à curva lateral do cadáver de Muckmaw e foi buscar um bocado de pano aos alforjes de Thorn, com o qual retirou a escama do monte de esterco, recuando imediatamente a seguir. Agoniado, curvou-se para a frente com vômitos, mas nada saiu além de bÍlis e repugância.

Cobriu a escama com uma mão-cheia de terra seca, sacudiu-a e guardou-a nos alforjes. Depois, voltou para ao pé da cabeça e do corpo de Muckmaw.

Tinha começado a embrulhar a cabeça no seu degradado manto quando um par de vozes ecoou pela água em movimento. Ergueu o olhar. Aproximava-se um pequeno barco *coracle* e, lá dentro, dois homens remavam. Pescadores noturnos atraídos pelo barulho e pela luz.

Murtagh sentiu-se varrido por uma onda de exaustão. Já não tinha energia para lidar com mais problemas. Contudo, endireitou os ombros e levou a mão esquerda atrás da protuberância do corpo de Muckmaw, pegando na Zar'roc com o cuidado de manter a espada escondida.

– Não faças nenhum movimento súbito... – disse, olhando para Thorn.

O dragão desaparecera. Murtagh petrificou, mas depois procurou-o mentalmente e percebeu que Thorn havia simplesmente descaído para as sombras atrás do lago e estava deitado entre as silvas que cresciam no cimo da ribanceira.

Para tão grande criatura, conseguia ser espantosamente silencioso.

Murtagh voltou a olhar para o barco.

– Oh, lá! – chamou um dos homens quando chegaram a cerca de cinquenta pés da margem.

Tinha a barba raiada de cinzento e ombros sólidos de anos a remar. O companheiro recolheu os remos, ergueu uma lanterna a óleo e abriu-a, libertando um feixe de luz amarela que iluminou Murtagh e o cadáver de Muckmaw ao lado deste.

Murtagh protegeu os olhos com a mão livre. Via que os homens o olhavam, boquiabertos. Nem imaginava o que lhes pareceria, coberto de lama, sangue e entranhas de peixe.

– Q-quem aí anda? – disse o barba cinzenta, gaguejando ligeiramente.

O outro homem acrescentou:

– Ouvimos uma barulheira capaz de acordar os mortos, mas...

Em voz baixa, para si mesmo, Murtagh disse:

– Mas mantiveram a distância até tudo ter acabado.

Depois, mais alto:

– Oh, lá! Muckmaw está morto. – Apontou para o cadáver. – A cabeça é minha, mas façam o que quiserem com o resto.

Os pescadores não se mexeram nem falaram enquanto Murtagh encostou a Zar'roc à barriga aberta de Murtagh – onde eles não a conseguiam ver – e acabou de enrolar o seu manto destroçado à volta da cabeça decapitada do

esturjão. O osso de coxa enterrado na testa do peixe saía por um dos buracos no tecido.

Endireitou-se e pôs a ponta do manto ao ombro.

– Quem... quem é você, forasteiro? – disse o barba cinzenta, a sua voz fraca no ar da noite.

– Apenas um viajante – disse Murtagh. Virou-lhes as costas, pegou na Zar’roc, garantindo que mantinha o corpo entre os pescadores e a espada preciosa, e depois enterrou os calcanhares no chão alagado.

Passo a passo, arrastou a gigante cabeça do peixe para o silveiral no alto da ribanceira. Ouviu os pescadores murmurar entre si nas suas costas, seguindo-se o chape na água quando arrancaram em direção à margem.

Do cimo da ribanceira, Murtagh lançou um feitiço rápido: o mesmo que costumava usar para ocultar Thorn quando voavam. Não era perfeito; qualquer pessoa que olhasse com atenção veria o ar ondulado, como se fosse vidro líquido, no sítio onde eles estavam, mas bastaria para escondê-los na escuridão noturna.

Assim que alcançou Thorn, largou a ponta do manto e subiu pelo lado do dragão até à sela.

– Vai, vai, vai – murmurou.

Thorn agarrou na cabeça de Muckmaw com as suas enormes presas e, silencioso como uma coruja à caça, deu um salto no campo iluminado pela lua e planou com as asas semiabertas. Aterrou com uma ligeira sacudidela e voltou a saltar, desta feita com as asas completamente estendidas. Mais dois altos, e já estavam suficientemente distantes do lago para que, muito provavelmente, não os ouvissem.

Uoosh! Thorn adejou uma vez, depois outra, e lá foram eles, em espiral, a caminho do céu estrelado.

CAPÍTULO VII



Em abono das mentiras

— **E**u queria comer o peixe — reclamou Thorn quando passaram por cima de Gil’ead.
— *Eu sei, mas não haveria maneira fácil de impedir aqueles homens de darem à língua sobre ti por toda a cidade de Gil’ead.*

— *Quem acreditaria neles?*

Murtagh não conseguiu conter as gargalhadas.

— *Bem notado. Ainda assim, quererias mesmo comer um peixe no qual Durza interferiu?*

Thorn bufou.

— *Não há magia que sobreviva ao estômago de um dragão.*

— *Talvez tenhas razão, mas é melhor não testarmos essa teoria.*

— *Não devias avisar aqueles homens?*

— Se forem insensatos a ponto de comerem Muckmaw e lhes nascerem antenas na cabeça ou algo assim, a culpa será inteiramente deles.

Nada disso parecia plausível a Murtagh.

— *Hum. Bem, terei de caçar em breve. A minha fome cresce.*

— *Depois de partirmos de Gil’ead, poderás comer todos os veados que quiseres.*

Aterraram a várias milhas da cidade, à beira de um pequeno riacho. Lá, Murtagh lavou a sujidade e o visco das mãos e do rosto. Sentia cada polegada do corpo repugnantemente imunda.

Descontente com o resultado, despiu-se e voltou a lavar-se, desta vez não deixando de fora nenhum bocadinho de pele.

De pé na ribanceira do riacho, tão despido como nascera, olhou para Gil’ead. Erguiam-se das luzes e lanternas e chaminés da cidade chicotes de fumo, espalhando-se à medida que subiam até se fundirem numa lente difusa de névoa empoeirada que pairava sobre o conjunto de edifícios. As

luzes de baixo pintavam a parte inferior da névoa de um tom laranja aguerrido, como se o céu fosse uma cama de brasas incandescentes a fumegar ao longo da noite.

Murtagh queria regressar com a cabeça de Muckmaw de imediato, mas sabia que, se fosse bater à porta da guarnição do Capitão Wren a meio da noite, tanto podiam expulsá-lo como acolhê-lo. Era um risco que não queria correr se perder pudesse custar a vida a Silna.

– Detesto esperar – disse. – Talvez pudesse...

– Não.

Thorn bateu com a cauda no chão e, algures, um corvo estremunhado proferiu um grasnido ofendido. Murtagh pestanejou, surpreendido, e virou-se para olhar Thorn nos olhos.

– *Dorme. Precisas de dormir. Dorme agora.*

– E se eles mudarem Silna de sítio? Podemos nunca...

– *Por hoje, não há mais caçadas. Se fores, vais cometer algum erro e sair magoado, mais ainda. O descanso ajudar-te-á a caçar melhor.*

Murtagh suspirou e deixou cair a cabeça para trás.

– Eu sei. Só detesto perder tempo.

A sua cabeça vibrou quando Thorn emitiu um som nasal.

– *Não é perder, se ajudar.*

No rosto de Murtagh desenhou-se um sorriso divertido.

– És mais sensato do que pareces, para um lagarto gigante.

Thorn deu-lhe um toque com o focinho.

– *E tu és tão teimoso quanto pareces.*

– Tens razão. Mas esta noite não serei. Esta noite ajoelho-me diante do teu sábio conselho.

Thorn fungou.

O frio noturno devolveu a atenção de Murtagh à tarefa em mãos. Submergiu as roupas no riacho e deixou-as lá de molho, com pedras por cima para as prenderem. Depois embrulhou-se no cobertor e sentou-se todo encostado à barriga quente de Thorn enquanto comia uma das poucas maçãs desidratadas que lhe restavam. Entre dentadas, batia os dentes.

Quando terminou, estava na hora de ele e Thorn proferirem os seus nomes verdadeiros, cumprindo o ritual noturno. Thorn nomeou-se primeiro e sem qualquer dificuldade, mas quando Murtagh tentou fazer o mesmo,

achou-se incapaz. Parecia-lhe que estava algo errado no seu nome como ele era, logo, não conseguia dizê-lo, pois dizê-lo seria uma falsidade na língua antiga.

Thorn aguardou pacientemente. Não era a primeira vez que aquilo acontecia. Ocasionalmente, um ou outro – ou ambos – mudava, e essa mudança refletia-se nos seus nomes. Se fosse uma diferença pequena, a nova compreensão era amiúde rápida a chegar. Contudo, no instante em que se alterava uma parte fundamental das suas identidades – como acontecera em Urû'baen, quando se haviam libertado de Galbatorix –, a compreensão podia ser esquiva e sofrida.

Cansado como estava, Murtagh sentia pouca capacidade para a introspecção. Contudo, persistiu. Era importante para ambos manterem um autoconhecimento pleno.

Assim sendo, pensou. Tinha uma suspeita quanto à causa desta dificuldade e, quando se percebeu relutante em seguir determinada linha de raciocínio, soube que estava no caminho certo. A mudança estava relacionada com a morte de Glaedr, e com a batalha por Gil'ead, e com todas as vidas lá perdidas. Em relação a essas vidas, sentia um remorso ainda maior, e, em relação a si mesmo, um maior desgosto e uma maior vergonha. Essa constatação fê-lo sentir-se diminuído e menos seguro em relação às suas escolhas passadas. Mesmo que ele e Thorn não pudessem ter controlado as suas ações na altura – mesmo que fossem fantoches ajuramentados de Galbatorix –, Murtagh concluiu que ainda se sentia responsável pelo que tinham feito. De certa forma, as *razões* não importavam. Os atos permaneciam, bem como as suas consequências, e era esta realidade que lhe feria o coração.

Aquelas emoções eram suficientes para modificar o tecido do seu carácter, por pouco que fosse, e, como consequência, modificar também o seu verdadeiro nome. Deu voz ao seu recente conhecimento, e o som era ainda mais cru e desconfortável do que antes.

Todavia, como sempre, Thorn ouviu e aceitou sem o julgar, e Murtagh estava-lhe profundamente grato por isso. Então, deitou-se ao lado de Thorn e repousaram juntos um ao lado do outro enquanto o frio da noite pesava em seu redor.

Dedos descarnados esticavam-se para ele através da água cintilante. Fecharam-se em torno dos seus tornozelos com um toque gélido. Ele lutou para se libertar, mas as suas forças haviam-no deixado, e os ossos que o prendiam eram duros como ferro.

Não conseguia respirar... não conseguia escapar...

Os esqueletos dos soldados caídos erguiam-se do leito rasgado do lago, um exército de acusadores, apontando para ele, a tentar chegar-lhe, desesperadamente a tentar roubar-lhe o calor, o fôlego, a vida – a querer despedaçá-lo e apreender o que eles haviam perdido e ele ainda detinha.

Murtagh acordou, sobressaltado, com o coração acelerado. Estava escuro como breu debaixo da asa de Thorn. Tinha a pele coberta de suor e sentia-se simultaneamente quente e gelado, sentindo a garganta arranhada e inchada. *Não, não, não*, pensou. Agora não era altura para adoecer... Claro que acontecera assim que começara a entrar nas cidades e a passar tempo com outras pessoas.

Thorn observava-o através de um olho semicerrado.

– Se nos mantivéssemos longe de outros, não terias de te preocupar com tais coisas.

– Ocorreu-me o mesmo – disse Murtagh. – Mas que tipo de vida seria essa?

– Uma vida pacífica.

– Hum.

Deixou-se ficar deitado, quieto, durante um bocado, tentando decidir se valeria a pena voltar a fechar os olhos. Parecia-lhe só ter dormido três ou quatro horas. Talvez menos.

Sentou-se e esfregou o rosto, sentindo cada galo e hematoma que ganhara no dia anterior.

– O sol ainda demorará algum tempo a mostrar-se – disse Thorn.

– Eu sei.

Murtagh rastejou de baixo da asa do dragão e olhou para leste. O horizonte aclarava-se com um ligeiríssimo indício de cinzento; o primeiro presságio do alvorecer distante.

Tentou calcular quanto tempo demoraria a levar a cabeça de Muckmaw para Gil’ead.

Segurando o cobertor à volta do corpo, galgou a cauda espinhosa de Thorn e – caminhando cuidadosamente por estar descalço – foi até ao riacho. A água corria sobre uma cama de gravilha, por entre salgueiros tombados e arbustos de roseiras-bravas, e o som da água a fluir delicadamente era como um murmúrio calmante.

Apesar de ser ainda tão cedo, as árvores, a erva e os arbustos estavam já molhados com o orvalho gélido. A respiração saía-lhe como nevoeiro à sua frente, e, naquele frio extremo, ele sentia a iminente chegada do inverno.

Murtagh arregaçou o cobertor pelas coxas acima e entrou no riacho. A água era como gelo líquido. Fez um esgar enquanto se baixava e puxava as roupas de baixo das pedras que as tinham mantido no sítio.

Ao voltar para a ribanceira, ouviu um gorjear agressivo vindo da outra margem do riacho. Lá, no meio dos salgueiros, uma grande lontra do rio, com uma espessa pelagem castanha, acenava-lhe com as patas e mostrava-lhe os dentes. A lontra voltou a gorjear e a guinchar – como se ofendida pela presença de Murtagh – e depois deslizou para a água e desceu o riacho a nadar.

Murtagh abanou a cabeça e arrastou-se, de pés dormentes, até Thorn.

– *Adurna thrysta* – murmurou e espremeu água das calças e da camisola de lã, salpicando as ervas abaixo.

Vestiu as roupas agora secas e repetiu o processo com as botas, que ainda estavam húmidas do seu inesperado mergulho do dia anterior.

Quando calçou as botas, fazendo força com os pés para entrarem, apercebeu-se de que o couro encolhera ligeiramente e repreendeu-se por não ter tratado delas mais cedo. Não era nada bom deixar as coisas escaparem-se-lhe ao controlo daquela forma. Se uma pessoa não cumpria tarefas mais pequenas, como confiar-lhe as responsabilidades mais importantes da vida?

Untou o exterior das botas com um pouco de banha de urso e depois foi aos alforges buscar os restos do pão ázimo que cozinhou na véspera. Gostaria de tomar um pequeno-almoço quente, mas não queria perder tempo, e, de qualquer modo, avistava-se ao longe, para norte, um par de quintas com os edifícios adjacentes. Se acendesse uma fogueira, corria o risco de atrair demasiada atenção, mesmo àquela hora desolada.

Murtagh não se importava de cozinhar, mas nunca gostara do tempo que aquilo levava. Recordou todas as suas refeições em pequeno, quando os criados lhe traziam tudo o que ele quisesse, ou então ele podia visitar as cozinhas e açambarcar um faisão estufado ou um assado de carne de vaca maturada, e ainda um jarro de leite fresco para ajudar a empurrar a comida.

O pão ázimo estava duro e seco. Mastigou-o como uma vaca a ruminar enquanto olhava para o chão. A cada dentada, sentia-se progressivamente pior. O simples facto de engolir magoava-lhe a garganta.

– *Devas ficar aqui* – disse Thorn. – *Se fores, ficarás ainda mais doente.*

Murtagh tossiu.

– Eu sei, mas não posso desistir de Silna. Não agora. Já perdemos demasiado tempo. Ela pode até já ter desaparecido.

– *E se assim for?*

– Teremos de localizá-la. Nem que eu tenha de arrancar a informação da mente de alguém. Além disso, se não ajudarmos Carabel, não faço ideia de como encontraremos Bachel. – Fez uma careta ao engolir e o pão ázimo lhe arranhar a garganta inflamada.

– *Porque não usas magia para te curares?*

– Porque não há nada *que* curar – disse Murtagh, empertigado. – Não tenho nada partido. Não estou a sangrar. O que é que vou consertar? Maus humores no meu sangue?

– *Porque não tentas?*

– Porque... porque se eu lançar um feitiço sem saber o que ele deverá fazer, ele pode consumir toda a minha energia e matar-me. Sabe-lo perfeitamente.

– Mas tu sabes o que estás a tentar fazer. Estás a tentar curar a febre. A tentar sentires-te melhor da garganta. É isso.

– Eu... – Murtagh olhou para Thorn uma expressão de desamparo. – Nunca ouviste dizer que não há cura para a constipação?

– *Não.* – Um sorriso matreiro rasgou a boca de Thorn. – *Tu és mágico e Cavaleiro. Dizes o Nome dos Nomes e moldas feitiços à tua vontade. O que é que tu não consegues fazer?*

– A tua confiança em mim é inspiradora – murmurou Murtagh. Não queria mesmo nada fazer experiências com magia, mas Thorn tinha razão. – Está bem. Vou tentar. A intenção *tem, de facto*, peso no que concerne ao lançamento de feitiços. Talvez isso resulte.

Reunindo forças, Murtagh focou-se em si mesmo, no seu corpo e no seu crescente desconforto. E disse:

– *Wáise heill.*

Um calor suave atravessou-lhe o corpo, e sentiu uma certa leveza, como se tivesse acabado de despir uma cota de malha de ferro depois de um longo dia de marcha. Sentiu uma pontada na garganta, e depois o calor desapareceu, deixando-o a sentir-se fresco, mas não enregelado.

A garganta estava, embora não completamente normal, muito melhor que antes, e a febre parecia ter sumido, tal como uma boa quantidade de nódoas negras e uma parte significativa das suas dores.

Murtagh rodou os ombros, surpreendido.

– Não sei se resultou completamente, mas... sinto-me, de facto, melhor.

– *Vês?* – disse Thorn.

– Sim, tinhas razão. – Com renovado vigor, Murtagh dedicou-se a roer o último pedaço de pão ázimo rijo. Engoliu com algum esforço. – Quero *tanto* um pão a sério.

Thorn fungou.

– *A carne é melhor. Porquê mastigar plantas queimadas?*

– Sabe bem, é por isso. Devias voltar a experimentar.

– *Não. Só sabe bem porque lhe pões gordura e sal.*

– Lá nisso tens razão. Pronto, a gordura e o sal sabem bem. Satisfeito?

Os olhos de Thorn reluziram.

– *Traz-me uma montanha de toucinho, e ficarei satisfeito.*

– Traria se fosse rei – murmurou Murtagh.

Os seus alforges estavam tristemente desfalcados, e ele já gastara quase toda a moeda de que dispunham. Sentindo uma desagradável picada, lembrou-se da bolsa que subtraíra ao peito de pombo. Tirou-a da bolsa que trazia à cintura e catalogou o seu conteúdo.

Não era grande coisa. O que ele já esperava. Se o homem estivesse abonado, não teria tentado assaltá-lo. Ainda assim, a bolsa continha uma mão-cheia de cobres e uma moeda de prata, o que chegaria bem para reabastecê-los.

Depois. Silna estava em primeiro lugar. Que tipo de Cavaleiro seria ele se a abandonasse?

Guardou as moedas na bolsa e, ao fazê-lo, apercebeu-se de que a bainha presa ao cinto estava – de novo – vazia. Com um certo desgosto, imaginou a sua adaga roubada jazendo na lama do fundo do lago.

– Raios. Não gosto de ir a lado nenhum desarmado.

Aproximou-se da cabeça de Muckmaw, pousada no chão, embrulhada no que restava do seu manto. O fedor espesso a peixe deu-lhe vômitos.

Murtagh esboçou um sorriso amarelo ao pegar na ponta do manto.

– E eu que acabei de me lavar – murmurou.

Tentou pendurar a cabeça no ombro, mas era demasiado pesada e maljeitosa. Praguejou. Se arrastasse a cabeça até Gil’ead, ficaria completamente exausto durante todo o resto do dia...

– *Reisa* – murmurou.

Sem fazer barulho, a cabeça de Muckmaw ergueu-se do chão, ficando a levitar a menos de uma polegada das ervas definhadas. Murtagh aguardou um pouco para ver quanto do seu esforço requeria aquele feitiço. Parecia-lhe o equivalente a carregar aos ombros um saco demasiado carregado: dava por ele, mas não a ponto de não o conseguir aguentar durante um bom bocado.

Resmoneou.

– Bom quanto baste.

Thorn agachou-se pronunciadamente, com uma tensão em redor dos olhos que Murtagh aprendera ser uma expressão de preocupação.

– *Como é que vais abrir a porta que está fechada?*

– Cautelosamente, creio. Depois da nossa pequena aventura com Muckmaw, tenho a desagradável suspeita de que há mais além do que Carabel disse. De tudo o que ela pediu, receio que isto seja o mais complicado.

– *Mais ainda do que Muckmaw?*

Murtagh abanou a cabeça.

– Muckmaw foi difícil, não complicado. Já isto... Terei de lidar com outras pessoas, e é difícil prever o que as pessoas farão.

Thorn ciciou.

– *Não gosto de ficar para trás. Quero ajudar.*

– Que queres que faça? Não há volta a dar, a não ser que queiras defrontar todos os soldados da cidade...

Uma pequena língua de chama vermelha projetou-se da boca entreaberta de Thorn.

— *Era capaz disso.*

Murtagh abraçou-o no pescoço.

— Tem cuidado. Serei tão rápido quanto conseguir. Se tudo correr bem, devemos conseguir escapar daqui sem darem por nós.

— *Ainda bem. E depois poderemos voltar a voar sem nos preocuparmos com os olhos bisbilhoteiros desta gente.*



O odre embatia no flanco de Murtagh enquanto este corria. Aprendera a lição com a véspera: não seria apanhado sem água uma segunda vez.

Carregava às costas a trouxa de dormir e, embrulhados no cobertor, alguns artigos básicos, como a caixa para fazer lume, um tacho, alguma comida e os outros essenciais que se espera tenha qualquer soldado em viagem.

Tudo parte do seu plano.

Atrás de si, a cabeça embrulhada de Muckmaw flutuava sobre o campo, suave como seda a deslizar sobre pele. A testa de Murtagh estava coberta por uma ligeira película de suor. Manter a cabeça a levitar tinha o seu preço, mas custava menos do que arrastá-la pelo matagal com a força dos braços.

Não era a primeira vez que desejava que as respostas que procurava de Carabel valessem o esforço. No entanto, sabia que teria tentado salvar Silna de qualquer forma.

O céu oriental alumiava-se à medida que corria. O cinzento tornou-se tons de rosa e amarelo, e as sombras azuis depositadas sobre a terra começavam a estreitar-se e a aquecer. O sol estaria mesmo a nascer quando ele chegasse à caserna do Capitão Wren, exatamente como desejava.

As ruas de Gil'ead encontravam-se ainda maioritariamente vazias quando ele chegou aos arredores da cidade, embora flutuasse por entre os edifícios o aroma a pão no forno, quente e tentador.

O seu estômago roncou.

Com um pensamento, Murtagh pôs termo ao feitiço que sustinha a cabeça de Muckmaw. A cabeça caiu ao chão com um chape molhado. O peso súbito fê-lo vacilar, e voltou a agarrar na ponta do manto enrodilhado.

Inclinando-se para a frente, Murtagh começou a arrastar.

Tal como anteriormente, evitava as estradas principais, seguindo por entre campos e edifícios dos arredores até conseguir esgueirar-se para o interior da cidade sem ser visto.

Um cão rafeiro com pelo avermelhado coberto de lama começou a segui-lo furtivamente, farejando o rastro de visco deixado pela cabeça de Muckmaw.

– Vai-te embora – disse Murtagh em voz baixa. – Xô. Desaparece.

O lábio do cão vadio tremeu, e as orelhas recuaram.

Para não correr o risco de o cão ladrar, Murtagh disse:

– *Eitha!*

O rafeiro emitiu um pequeno ganido e fugiu com o rabo entre as pernas escanzeladas.

Murtagh abanou a cabeça.

Apropriou-se de um pequeno carrinho de mão que encontrou no atulhado jardim traseiro de uma casa. Atirou para lá a cabeça de Muckmaw, certificou-se de que o monte de peixe estava bem coberto pelo seu casaco desfeito e depois empurrou o carrinho na direção da fortaleza.

Quando o sol se libertou do horizonte, desenharam-se, a partir de cada edifício, sombras compridas, como lanças apontando para oeste. Em segundos, o ar começou a aquecer, e um bando de pardais disparou pelo céu rosado, perseguindo os insetos vindos da beira do lago.

Quanto mais se aproximava da fortaleza, mais Murtagh afinava o seu estado de vigia; havia um número incomum de soldados em movimento pela cidade, e detetou vários elfos junto ao portão principal da fortificação.

A sua desventura junto ao túmulo de Oromis e Glaedr parecia ter deixado a guarnição inteira em alerta máximo.

Murtagh reparou num camareiro segurando as rédeas de uma égua branca junto ao jardim dianteiro de uma grande casa. Atravessou a rua e disse:

– Desculpe, patrão. Podia dizer-me ond'ê qu'eu posso encontrar as casernas da guarda da cidade?

O camareiro olhou para Murtagh e para o carrinho de mão com indisfarçado desdém. Tinha o cabelo apanhado num pequeno rabo de cavalo, e a camisa que vestia era de fino linho branqueado, e ele tinha a graça postural de um instrutor de dança. Fungou.

– Por aquela rua, à direita. Embora muito me surpreendesse que eles quisessem falar com alguém da sua laia.

Murtagh acenou com a cabeça.

– ‘Brigado, patrão.

Prosseguiu, sentindo os olhos do camareiro a perfurarem-lhe as costas até dobrar a esquina.

As casernas eram uma série de casas forradas com pedra encostadas à muralha exterior da fortaleza e protegidas por uma muralha mais pequena em redor do seu perímetro. A entrada era uma estreita guarita com uma porta de carvalho negro cravejada de pregos de ferro. Havia dois piqueiros de guarda junto à porta aberta.

Para lá dela, Murtagh conseguia ver homens a caminhar pelo terreiro pavimentado, a fazerem treinos de luta e de combate, e a disparar flechas para alvos de palha. Envergavam todos o uniforme regular: um tabardo vermelho com o emblema dos Varden bordado e, por baixo, um gibão de batalha acolchoado.

Murtagh ergueu o queixo e dotou a sua passada de alguma da firmeza controlada de um homem a marchar. *Vamos a isto*, pensou.

Os piqueiros cruzaram as armas quando ele empurrou o carrinho na direção da guarita. Reparou que os seus tabardos estavam limpos e em bom estado, o que dizia muito a favor do comando do Capitão Wren.

Os dois homens aparentavam estar mais entediados que preocupados ou incomodados com a sua presença. Um bom sinal do que aí vinha, esperava ele.

– Ora então – começou a dizer o homem à direita, e Murtagh arrancou o manto de cima da cabeça de Muckmaw.

Os olhos do homem esbugalharam-se. O guarda à direita assobiou. Parecia ser uns anos mais velho que o seu homólogo.

– Bem, a minha alma ‘tá parva! Isso é o que eu penso?

Murtagh largou o carrinho e endireitou-se.

– É, sim. O próprio Muckmaw.

Os guardas entreolharam-se. O homem mais velho empurrou o capacete para trás e debruçou-se sobre o carrinho para ver melhor.

– Filho de um Urgal. É ele, sim, senhor... E imagino que tenha sido você a apanhá-lo, é isso?

– Sim, senhor. E gostava de me alistar. Senhor.

Os piqueiros voltaram a entreolhar-se, desta vez com um ar mais sério. O mais velho coçou o queixo e disse:

– Não me chame *senhor*. Sou tão plebeu como a terra. Mas, ‘tá a ver, o problema é que o Capitão Wren não anda à procura de recrutas inexperientes. São as ordens em vigor. Melhor ir procurar outra companhia. Eles estão sempre desejosos de...

O homem mais novo puxou pelo braço do seu companheiro.

– Mas é Muckmaw, Sev. *Muckmaw!*

O piqueiro mais velho mordeu o lábio com uma expressão de dúvida no rosto.

– Não sei. As ordens do capitão foram claras como água. Se...

Murtagh empertigou-se e bateu os calcanhares.

– Não sou inexperiente. E gostava de servir o Capitão Wren.

O homem franziu o sobrolho, mas depois, para alívio de Murtagh, virou-se para o terreiro e ergueu uma mão.

– Ei! Gert! Chegue aqui!

Um dos militares interrompeu o seu treino de luta e dirigiu-se a eles. Gert tinha ombros possantes, mãos largas e o tipo de passada determinada que Murtagh vira em dúzias de mestres d’armas. Usava patilhas espessas e curtas, pintalgadas de branco, e parecia ter o sobrolho permanentemente franzido de exasperação pela estupidez das suas tropas.

Quando Gert alcançou a guarita, o piqueiro disse:

– Veja. Ele apanhou Muckmaw!

As sobranceiras despenteadas de Gert ergueram-se enquanto ele inspecionava a cabeça viscosa, de boca escancarada.

– Muckmaw, hã? – Cuspiu nas lajes do pavimento. – Já era altura de alguém dar cabo dele. Essa criatura infestou o lago durante um período demasiado longo para o que seria natural.

– E o nosso amigo quer alistar-se – disse o piqueiro mais velho. – Diz que tem *experiência*.

Gert voltou a franzir o sobrolho ao olhar para Murtagh.

– Ah, é? Já tiveste porte de armas?

– Já, sim.

– Usaste-as?

– Sim, senhor.

Gert soltou um som gutural e penteou as patilhas com uma mão pesada.

– É contra a política da companhia, mas qualquer homem capaz de matar uma criatura como Muckmaw é o tipo de homem que o Capitão quer nas suas fileiras. Mas antes de eu ir importunar o Capitão p’ra falar de ti terás de me provar o teu valor. Gert. O Capitão é um homem ocupado, ‘tás a ver. Não tem tempo para disparates.

Murtagh acenou com a cabeça.

– Claro. Eu compreendo.

– Hum. Muito bem. Traga esse resquício fedorento de peixe cá p’ra dentro, e veremos de que és capaz.

O mestre d’armas voltou vigorosamente para o terreiro e, após uma hesitação momentânea, Murtagh pegou no carrinho de mão e seguiu-o.

– Deixa-o aqui – disse Gert, apontando para um espaço logo à entrada da guarita.

Os outros guardas interromperam o que estavam a fazer e ficaram a observar Murtagh enquanto este depositava o carrinho no lugar indicado. Gert conduziu-o a um dos rinques de treino de terra batida e retirou duas lanças de pontas almofadadas de um suporte encostado à muralha interior do terreiro.

Atirou uma lança a Murtagh.

Murtagh apanhou-a só com uma mão e deixou descair a sua trouxa de dormir. Não treinara muito com lanças – aquela era a arma principal dos soldados rasos –, mas sabia o essencial. Esperava que fosse suficiente.

– Ora bem – rosnou Gert, assumindo uma posição de prontidão à frente de Murtagh, com a lança esticada. – Primeira posição. Mostra-me o que sabes.

Murtagh obedeceu. Enquanto Gert berrava ordens, ele espelhava-o. Estocar, apunhalar, bloquear, furar, desviar. Avançar, recuar. A cada movimento, sentia os hematomas causados por Muckmaw. Então, Gert aproximou-se mais e lutou lança contra lança durante uns quantos golpes. Murtagh tinha velocidade bastante para acreditar que não ficava completamente malvisto, embora Gert o tenha atingido uma vez na parte exterior do joelho esquerdo.

Por fim, Gert resmoneou.

– Não está mal. Mas também não está bem.

Estendeu uma mão e Murtagh deu-lhe a lança de treino.

– Sou melhor com a espada – disse Murtagh.

Gert ergueu as sobrancelhas desgrenhadas.

– Uh-huh.

Devolveu as lanças ao suporte e pegou num par de armas de treino de madeira feitas ao estilo de espadas de uma mão.

Os outros guardas começaram a urrar e a gritar:

– Dê-lhe, Gert!

– Ensine-lhe uma lição!

– Marque-o bem marcado!

– Corte-o todo! Deixe-o roxo!

Gert entregou uma espada de treino a Murtagh.

A espada de madeira era mais leve que a Zar'roc, e também mais curta, e o equilíbrio não era exatamente o mesmo de uma espada a sério, mas a forma era-lhe familiar, e, depois de lhe tomar o peso algumas vezes, Murtagh sentiu-se confiante de que a conseguiria usar com bons resultados.

– Nada de golpes na cabeça – avisou Gert, erguendo a sua espada de treino.

– Nada de golpes na cabeça – concordou Murtagh. Nenhum dos dois usava capacete. Girou a espada num rápido floreado.

Gert não lhe deu qualquer aviso. O homem atacou com uma velocidade surpreendente para o seu tamanho, conseguindo fintar a espada de treino de Murtagh e apontando-lhe ao fígado.

Murtagh sabia que, se a estocada o tivesse atingido, teria ido parar ao chão, enrolado, incapaz de se mexer. Mas não o atingiu. Ele desviou-se e aproveitou a abertura resultante para atingir Gert ao de leve na axila direita.

O homem recuou um passo, com uma expressão surpreendida no rosto. Recuperou depressa, mas, antes de conseguir lançar um segundo ataque, Murtagh simulou avançar sobre a anca esquerda de Gert.

Gert mexeu-se para bloquear, e Murtagh deu meia-volta à sua espada de treino – mudando de direção no ar – e acertou no braço de Gert, junto ao cotovelo.

Dos curiosos ouviu-se uma série de gritos.

Gert fez uma careta e abanou o braço, e Murtagh permitiu-se esboçar um sorriso intenso. O golpe não parecera grande coisa, mas ele sabia que doeria muito.

Então, Gert também simulou e tentou desferir um pequeno golpe nas costelas de Murtagh, embora fosse uma tentativa óbvia de atrair Murtagh para uma posição desvantajosa. O homem era hábil, mas não chegava perto do nível a que Murtagh estava habituado.

Permitiu que o golpe falhasse sem o bloquear nem se desviar e, quando Gert recuou na tentativa de recuperar a sua posição, atingiu a espada de treino de Gert de lado. Com força. Com mais força do que a maioria dos homens conseguiria.

A espada do homem voou alto, e Murtagh empunhou a sua espada de madeira, a uma velocidade impercetível aos olhos comuns, de modo que o fio rombo tocasse na lateral do pescoço de Gert.

Ficaram assim, Gert a respirar com força, o peito de Murtagh quase sem se mexer. *Terei ousado demasiado?* No entanto, sentia também uma enorme satisfação com o movimento bem executado, num duelo bem disputado e vencido.

Baixou a espada de treino, e os guardas que os observavam desataram a gritar e a urrar.

– Tive um bom professor – disse Murtagh.

Entregou a espada de treino, com o punho para a frente.

Gert abanou a cabeça com uma expressão irónica no rosto.

– Lá isso tiveste, rapaz.

Pegou na espada de treino e devolveu ambas ao suporte. Depois, olhou em volta, para os curiosos, e berrou:

– O que é que estão a fazer, seus inúteis imprestáveis? Quando vocês forem capazes de derrotar o velho Gert com a espada, *então, sim*, poderão desperdiçar o dia a olhar para o que não vos diz respeito. De volta ao trabalho ou ponho-vos a esfregar o chão desde a tarde de hoje até à manhã de amanhã.

Fez um gesto na direção de Murtagh.

– É melhor vires comigo. Afinal de contas, o Cap'tão tem de te conhecer.

CAPÍTULO VIII



Máscaras

Murtagh pegou na sua trouxa e juntou-se ao possante Gert, que se afastava do terreiro em direção a uma estrutura de pedra contígua a uma das casernas. Parecia-se mais com uma torre de vigia quadrangular do que com uma casa, mas Murtagh supunha que a torre contivesse os aposentos dos oficiais.

Enquanto caminhavam, Gert disse:

- Onde é que aprendeste a manejar uma espada daquela maneira, rapaz?
- Havia um homem na nossa aldeia que fora soldado durante algum tempo, quando era novo. Ensinou-me durante os meus anos de formação.

A garganta do guarda reboou, e Murtagh perguntou-se se ele acreditaria em si. A aptidão demonstrada por Murtagh dificilmente se equiparava à de um soldado raso. Mas Gert teve a boa educação de não fazer mais perguntas.

O interior da torre era frio e escuro, apenas iluminado por uma ocasional seteira ou tocha pendurada na parede (das quais poucas estavam acesas). As pedras cheiravam a humidade, e o odor lembrava-lhe o túnel esconderijo que usara quando se encontrara com Carabel: um aroma a musgo e bolor que evocava grutas profundas e estalactites a pingar e peixes cegos a embater com os narizes nas pedras frias.

Gert conduziu-o a direito até atravessarem o edifício e chegarem a uma porta fechada num canto. Bateu à porta e disse:

- Sou eu, Cap'tão. Dá-me licença?
 - Entra – respondeu um homem lá de dentro, com uma voz forte e nítida. Gert lançou a Murtagh um olhar severo.
 - Agora esperas aqui e não te mexes.
- Depois, empurrou a porta e entrou.

Murtagh olhou para o corredor de pedra de cima a baixo. Tinha um telhado abobadado, semelhante ao de alguns dos túneis dos anões em Tronjheim. Havia um banco de madeira baixo encostado a uma das paredes, mas decidiu que seria melhor ficar de pé. Ao lado do banco estava um vaso cheio de gerânios.

Perguntou-se quem cuidaria das flores.

Gert deixou-o à espera durante mais de dez minutos. Depois, as portas voltaram a abrir-se, e a cabeça do mestre d'armas espreitou para o exterior.

– O Cap'tão vai agora receber-te.

Murtagh pegou na sua trouxa e entrou.

O escritório do capitão era bastante modesto, na verdade. Murtagh já vira aposentos de oficiais de patente, de generais a capitães, muito mais ostentosos, com o intuito de exhibir as suas fortunas familiares ou de aumentar as suas hipóteses de progressão na hierarquia do poder da corte. O gosto de Wren era mais contido, ainda que algo peculiar.

As paredes eram da mesma pedra nua do exterior, mas estavam cobertas de estantes com rolos, sobre as quais pendiam mapas de Gil'ead, mapas do Império e mapas do novo rainhado de Nasuada, da Espinha e de Alagaësia como um todo. Uma ampla mesa dominava um dos lados da sala, e sobre ela estavam espalhados mais mapas – estes assinalados com pequenas bandeiras e soldados talhados –, assim como rolos e pilhas de pergaminho coberto de escrita.

O capitão estava sentado atrás da secretária, marcando runas numa meia folha de velino. Parecia estar a meio dos trintas, com um toque de cinzento nas têmporas e umas poucas de rugas finas em redor dos olhos pelos anos passados ao sol em exercícios militares. Esguio, focado, com um brilho inteligente e perspicaz no olhar, pareceu a Murtagh ser o tipo de homem capaz tanto de planear uma campanha militar como de executá-la, granjeando ao mesmo tempo o apreço dos militares.

Tinha o cabelo apumado, o tabardo e o gibão mais ainda. Até as unhas estavam limpas e aparadas. A única falha na aparência eram as mãos; tinha os nós dos dedos inchados e os dedos torcidos pela artrite de uma forma que Murtagh só vira até então em pessoas extremamente idosas.

Na parede por trás do capitão estava o pormenor mais notável da sala: duas filas de máscaras de madeira penduradas na pedra. Não se tratava de máscaras ornamentais usadas pela aristocracia em festas, com as quais

Murtagh estava bem familiarizado. Eram, sim, criações toscas e de aspeto bárbaro que evocavam os rostos de vários animais: o urso, o lobo, a raposa, o corvo, e por aí em diante, incluindo dois animais que não reconheceu. Quanto ao estilo e execução, não se pareciam com nenhuma tradição que ele conhecesse; se tivesse de adivinhar, diria que tinham sido feitas com as mais rudimentares ferramentas de pedra.

Ainda assim, as máscaras exerciam um certo fascínio; Murtagh sentia o olhar atraído para elas como uma magnetite para uma vara de ferro.

Wren pousou a pena e, com um ligeiro esgar, fletiu a mão. Olhou para Murtagh.

– Então, foste tu quem apanhou Muckmaw.

No fundo da sala, Gert saiu e fechou a porta.

Murtagh colocou-se em posição de sentido e anuiu com a cabeça.

– Sim, senhor.

– Como é que conseguiste, rapaz?

A corrida até Gil’ead dera a Murtagh mais do que tempo para pensar numa resposta. Como sempre, o melhor logro era o que mais se aproximava da verdade.

Adotou uma expressão algo desconcertada.

– Verdade seja dita, não estava a tentar apanhá-lo. Andava à pesca de enguias, e Muckmaw agarrou no meu isco e puxou-me para a água. Não me envergonho de dizer: pensei que haviam chegado os meus últimos momentos. Vi o peixe vir na minha direção e tentei usar a minha adaga, mas só consegui fazê-la cair da bainha.

Wren acenou com a cabeça, como se isso fosse expectável.

– E depois?

– Bem, ele atirou comigo para a lama, e tenho a certeza de que estava a preparar-se para me comer, mas eu estava determinado a tornar-lho muito difícil. Agarrei naquilo que julguei ser um pau e espetei-lho com força na cabeça. Imagine a minha surpresa quando o pau entrou mesmo, e isso o matou. Depois de sair da água, vi que não era um pau, mas um bocado de osso de alguma alma desafortunada. Pode vê-lo, se quiser, lá fora, no terreno.

– Então, a fraqueza dele era o osso – murmurou Wren. – Não admira que não tivesse sido descoberto até agora.

Fez um gesto na direção das roupas de Murtagh.

– Vejo que conseguiste secar-te desde a tua desventura.

Raios. Murtagh encolheu os ombros.

– Foi uma longa caminhada desde Gil’ead, a carregar a cabeça daquele monstro. É maior que a de um touro.

– Compreendo. – Wren tamborilou na mesa com as pontas dos dedos. – Como te chamas, rapaz?

Pela segunda vez em dois dias, Murtagh tinha de escolher um novo nome. E não só um nome, uma identidade.

– Task – disse. – Task Ivorsson.

Wren pegou na pena e tomou nota.

– Bem, Task, prestaste um enorme serviço à gente de Gil’ead, e mais do que mereces a tua recompensa.

Tirou de uma pequena caixa sobre a secretária quatro reluzentes moedas de ouro, colocando-as uma a uma na mão de Murtagh.

Murtagh ficou ligeiramente chocado ao ver o perfil de Nasuada gravado na face de cada moeda. Era a primeira vez que deparava com o novo dinheiro do reino, e permitiu-se um momento de inspeção, disfarçado de estupefação de um homem que nunca antes pegara em tanto ouro.

A parecença era admirável. Tão perfeita era a imagem que Murtagh teve a certeza do uso de magia na sua criação. A visão do perfil de Nasuada, que lhe era tão familiar – orgulhoso e perfeito em resplandecente relevo, com um modesto diadema na testa –, despertou-lhe no coração uma dor antiga, e ele tocou na imagem com dedos hesitantes.

Wren apercebeu-se.

– Presumo que ainda não tenhas visto a nossa nova rainha.

– Não, enquanto rainha, não.

Era uma resposta infelizmente ambígua, e Murtagh repreendeu-se mal a proferiu, mas, para seu alívio, o capitão não solicitou esclarecimentos.

– O tesouro de Sua Majestade emitiu estas perto do final do inverno – disse Wren. – Ao que sei, será em breve substituído todo o dinheiro em circulação.

Murtagh fechou a mão em redor da coroa. Fazia sentido. Nasuada não queria imagens de Galbatorix a circular pelo território durante o resto da sua governação. Enfiou as moedas na bolsa.

– Ora, então – disse Wren. – Pelo que percebi, pretendes alistar-te especificamente na minha companhia. Porquê?

Murtagh endireitou-se mais ainda.

– Toda a gente diz que é a melhor companhia da cidade, senhor. E eu gostava de voltar a ser útil, em vez de andar apenas a guardar caravanas.

– É louvável da tua parte. Gert parece ter ficado impressionado com a tua aptidão para a espada, e é preciso muito para arrancar um elogio àquele velho bode. Também me disse que tens alguma experiência. Então, diz-me, Task, onde é que serviste?

Era uma pergunta com muito significados, e ambos o sabiam. Murtagh reparou no cuidado do capitão em não lhe perguntar *a quem* servira.

– Na Batalha das Planícies Flamejantes – disse baixinho. – E também estava em Ilirea quando foi tomada.

Wren acenou com a cabeça, de olhos fixos no velino. Tal como Murtagh previra, não lhe fez mais perguntas. Muitos dos homens do exército de Galbatorix haviam sido recrutados obrigados a jurar lealdade ao rei na língua antiga. Depois da morte do rei, e de Eragon ter usado o Nome dos Nomes para quebrar esses juramentos, os muitos milhares de soldados ficaram livres para escolher o seu rumo. A maioria voltou para casa. Mas uma porção significativa optou por continuar a exercer a profissão de homens de armas, e o atual regime de Nasuada não estava ainda tão bem estabelecido que se pudesse dar ao luxo de dispensar tantos homens tão bem treinados. Além disso, havia pelos domínios de Nasuada muita gente que ainda nutria alguma simpatia pelo Império e que considerava os Varden com um rancor que não era desprezível. Era possível que fosse esse o caso do capitão.

De qualquer das formas, teria sido imprudente da parte de Wren pressioná-lo para obter mais pormenores acerca do anterior serviço de Murtagh. Com isso em mente, Murtagh evitara referir a sua presença na Batalha de Tronjheim, pois as únicas forças visivelmente humanas nela encontravam-se entre os Varden, enquanto nas Planícies Flamejantes e em Ilirea houvera humanos a combater em ambos os lados.

O Capitão Wren perguntou:

– Foste treinado em que categoria?

– Como soldado raso, mas tenho mais jeito com a espada do que com a lança ou o pique, e sou mais do que aceitável com o arco.

O capitão acenou com a cabeça, tomando nota.

– E porque queres voltar a servir, Task? Sim, pretendes ser útil. Mas porquê agora? Presumo que não marches sob um estandarte desde Ilirea.

– Pois não, senhor... Eu queria ver a minha família. Sou de uma aldeia chamada Cantos, no sul. Não sei se ouviu falar dela...

Wren abanou a cabeça.

– Não creio.

– Bem, não é um sítio grande, senhor. Melhor, não era. Não restava quase nada quando lá cheguei.

Cantos fora a aldeia que Galbatorix ordenara a Murtagh que incendiasse, arrasasse e erradicasse; ele fugira antes de lhe obedecer, mas sabia que o rei teria encontrado alguém que cometesse aquele crime de qualquer forma.

– Compreendo. Lamento sabê-lo, Task.

Murtagh encolheu os ombros.

– Foi uma guerra dura, senhor.

Ao dizê-lo, viu surgir uma centelha de uma emoção indefinível nos olhos de Wren.

– Lá isso foi, Task. Lá isso foi.

O capitão recostou-se na cadeira e lançou a Murtagh um olhar pensativo.

– Ainda te resta alguma coisa do teu antigo equipamento?

Murtagh apontou para a sua trouxa.

– Uma cota de malha fina, senhor, mas nada mais.

– Isso já é mais do que muitos têm, Task. Há alguns artigos necessários que terás de comprar, mas, com a recompensa que recebeste por causa de Muckmaw, tens fundos mais que suficientes. O resto do equipamento poderá ser-te providenciado, desde que...

Murtagh inclinou a cabeça para o lado.

– Desde que o quê, senhor?

Wren assentou os cotovelos na secretária e pousou uma das mãos retorcidas sobre a outra.

– Se queres seriamente ingressar na minha companhia, Task, terás de jurar fidelidade à rainha, a Lorde Relgin, e a esta unidade, comigo no seu comado. Compreendes?

Murtagh começou a sentir uma náusea formar-se-lhe no estômago, e a nuca arrefeceu-lhe. *Eu devia ter percebido.* Parte da sua reação terá transparecido, pois a expressão de Wren endureceu.

– Tem algum problema com isso, Task?

Voltou a pegar na pena.

– Depende, senhor. A rainha exige que juremos nesta língua ou... ou...

A expressão de Wren aligeirou.

– Ah, estou a perceber. Não, a rainha não acredita em lealdade imposta. Afinal de contas, a palavra de um homem devia ser um laço inquebrável, independentemente da língua que ele fale. A nossa honra e a nossa reputação têm mais valor que a maior das riquezas, estou certo de que concorda.

– Sim, senhor. – Murtagh não conseguiu deixar de pensar na sua própria *reputação* junto da plebe, e conteve um esgar.

A comissura de Wren entortou-se num sorriso parcial.

– Claro que a realidade nem sempre é tão pura ou reluzente quanto o ideal, mas devemos confiar na bondade do nosso próximo. E devemos permitir-lhe que cometa os erros que cometer, sem o encurralar por imposição mágica.

Onde é que pretendes chegar?, perguntou-se Murtagh. Parecia que Wren estava a criticar, ainda que indiretamente, os meios e métodos dos Du Vrangr Gata. Ou talvez estivesse a tentar sondar as simpatias de Murtagh. O que confirmava a sua impressão de o capitão ser um homem cauteloso e astuto.

– Assim sendo, senhor, ficarei feliz por jurar.

Não ficaria feliz, nem o estava, mas não conseguia ver modo de o evitar.

– Excelente – disse Wren, e começou a remexer nas folhas de pergaminho sobre a secretária. – O pagamento é feito no vigésimo primeiro dia de cada mês. Disso tratarás com Gert. As licenças sujeitam-se às nossas obrigações, mas normalmente terás cada quinto dia livre, e os dias de colheita e de celebrações da rainha são divididos pela companhia. *Alguém* tem de ficar de sentinela, mas terás licença garantida pelo menos em metade desses dias.

– Sim, senhor.

Murtagh voltou a sentir o olhar atraído para as máscaras na parede, como se os olhos vazios destas contivessem segredos que valia a pena conhecer. Havia qualquer coisa de estranho naquelas máscaras, mas ele não conseguia identificar exatamente o que era; olhar para elas era como olhar para objetos através de um espelho ligeiramente deformado.

Wren reparou no seu interesse.

– Ah. Achas a minha humilde coleção interessante?

– Nunca vi nada que se pareça com aquelas máscaras – confessou Murtagh.

O capitão parecia satisfeito.

– Pois não. Não são fáceis de encontrar em Alagaësia. Levei quase vinte anos a adquirir apenas esta quantidade. As máscaras são feitas pelos nómadas que frequentam as pradarias. Os artesãos nómadas produzem todo o tipo de objetos curiosos, que permanecem desconhecidos das outras pessoas, como nós.

Ocorreu a Murtagh que Durza – ou a pessoa que ele fora antes de se tornar Espectro – nascera entre as tribos das vastas planícies centrais de Alagaësia. *Talvez um dia eu e Thorn devêssemos visitar as tribos.*

– Parecem quase vivas, de uma forma bizarra – disse Murtagh.

Os olhos de Wren iluminaram-se.

– Oh, mais do que isso, Task. Olha.

Esticou um braço e arrancou uma das máscaras da parede: a que fora talhada de modo a parecer um urso. Wren colocou-a sobre o rosto e, de súbito, a sua aparência modificou-se e deformou-se: pareceu inchar – os ombros alargaram, tornando-se descaídos e pesados e hirsutos –, e a máscara movia-se juntamente com o seu rosto como se fosse feita de carne e osso e não de madeira, e uma assoberbante impressão de *presença* fez Murtagh recuar um passo. Era como se a essência de *urso* tivesse envolvido Wren, enterrando o homem sob um manto animalesco.

Então o capitão tirou a máscara, e a impressão desapareceu. Era de novo apenas um homem sentado à secretária, segurando uma máscara de madeira na mão contorcida.

– Isso... Que é isso, senhor? – disse Murtagh.

Wren riu-se e voltou a pendurar a máscara de urso.

– Um poderoso sortilégio, Task. Eu não sei por que razão eles as fazem, mas posso dizer-te que não são para caçar. Os animais reagem muito mal se veem uma pessoa usar uma das máscaras. Particularmente os cães e os cavalos. Enlouquecem de medo.

– Compreendo, senhor.

Wren voltou a procurar algo no conteúdo da sua secretária e, passado um pouco, revelou uma folha de pergaminho coberta de linhas de runas.

– Ah, aqui está. – Tocou uma sineta de latão e depois mergulhou a pena no tinteiro. – Vejamos. Task Ivorsson, certo?

– Sim, senhor.

O capitão já escrevia o nome no pergaminho. Era um formulário; Murtagh conseguia ler algumas das palavras invertidas, mas fingiu que não. Um soldado raso plebeu não saberia ler.

A porta do escritório abriu-se e entrou um jovem guarda. À primeira vista, fazia lembrar um cão amigável e demasiado ansioso: duplo queixo e faces coradas, uma massa desgrenhada de cabelo cor de palha e um sorriso solícito.

– Chamou-me, senhor?

– Sim, Esvar. Task vai juntar-se à nossa grupeta, preciso que seja testemunha.

Esvar fez continência e colocou-se em posição de sentido ao lado de Murtagh.

– Senhor, sim, senhor!

Wren brindou-o com um sorriso tolerante. Depois começou a ler alto o pergaminho. Era um contrato definindo as responsabilidades de Murtagh para com a companhia e as responsabilidades desta para com ele. Mal ouvia; conhecia bem os termos. O que o incomodava era a parte que se seguiria...

– ... e assina aqui – disse Wren, entregando-lhe a pena e apontando para um espaço em branco perto do fim do pergaminho.

Murtagh desenhou um X.

– Muito bem. Agora, Esvar.

Murtagh passou a pena ao jovem guarda, que também assinalou um X no contrato.

– Excelente – disse Wren, e recuperou a pena, assinando também o pergaminho. Só que ele usou runas; o capitão fora criado e educado entre nobres, deduzia Murtagh. Ou numa família de mercadores particularmente bem-sucedida.

Então Wren pousou o punho nodoso sobre o coração, e Murtagh imitou-o. E o capitão disse:

– Repete o que eu disser. Eu, Task Ivorsson, juro...

A voz de Murtagh entaramelou-se-lhe, e foi graças a um esforço consciente – e nada pequeno – que conseguiu obedecer.

– Eu, Task Ivorsson, juro...

– ... a minha lealdade à Rainha Nasuada...

– ... a minha lealdade à Rainha Nasuada...
– ... e a Lorde Relgin...
– ... e a Lorde Relgin...
– ... e aos guardas da cidade de Gil’ead, sob o comando do Capitão Wren.

– ... e aos guardas da cidade de Gil’ead, sob o comando do Capitão Wren.

- E juro obedecer a todas as leis e ordens...
- E juro obedecer a todas as leis e ordens...
- ... às quais estou sujeito enquanto membro desta força.
- ... às quais estou sujeito enquanto membro desta força.

O capitão sorriu, revelando os seus dentes fortes e alinhados, e estendeu-lhe a mão entortada.

– Bem-vindo à companhia, Task. És agora um de nós.

– Obrigado, senhor – disse Murtagh, forçando as palavras a passar pelo nó na garganta.

– Esvar vai instalar-te na caserna e depois tratará de te equipar devidamente.

Wren lançou ao guarda um olhar a fingir severidade.

– Trata de que ele fique equipado, Esvar.

– Sim, *senhor*!

– Ah, Task, e sabes se tens algum feitiço de proteção? Algum amuleto para evitar ataques de magia ou lanças no crânio? Esse tipo de coisa.

– Que eu saiba, não, senhor, mas também, como poderia sabê-lo?

Murtagh esperava que a resposta fosse suficientemente vaga para o poupar a sarilhos mais tarde.

Wren acenou com uma mão.

– Não importa. Amanhã trataremos de te proteger. Os meus homens não podem andar por aí vulneráveis à menor das magias.

Sobressaltado, Murtagh perguntou:

– Tem um lançador de feitiços nas suas fileiras, senhor?

– Nada disso – disse Wren. – Temos uma parceria com os Du Vrangr Gata. Os mágicos fornecem proteções para todos os que seguem o estandarte da rainha.

– Compreendo. Obrigado, senhor.

Wren acenou com uma mão.

– É tudo, Task. Destroçar.

CAPÍTULO IX



Uniformes

— **A**s mãos do capitão foram sempre...
— Tu *não* fazes perguntas acerca das mãos do capitão — disse Esva com firmeza. — A não ser que queiras que Gert te puxe a roupa ao pelo.

— É bom saber isso. Obrigado.

Esva respondeu-lhe com um aceno amigável da cabeça e apontou para a caserna ao fundo, quando saíram da torre de pedra.

— É pr'ali que vamos.

O terreiro ficara vazio durante a conversa de Murtagh com o Capitão Wren, e as sombras encolhiam sob o sol do meio-dia. Alguém retirara o carrinho de mão com a cabeça de Muckmaw.

Murtagh deitou os olhos ao céu azul profundo. Só haviam passado algumas horas, mas já tinha saudades de Thorn. Estavam demasiado afastados para poderem trocar pensamentos com facilidade, e ele não queria arriscar um grito mental quando havia pessoas em Gil'ead capazes de reparar nisso. *Espero que ele esteja em segurança.* Mal conseguia sentir a sua ligação a Thorn — só o suficiente para saber que Thorn estava vivo e não sofria.

Esva fez um gesto em direção ao terreiro e à alta muralha da fortaleza que rematava o complexo.

— Isto é tudo nosso. O Capitão Irven comanda a outra metade da guarda, nas instalações do lado de lá da fortaleza, mas isto aqui é o feudo do Capitão Wren.

— Os capitães dão-se bem?

— Nem por isso. Mas não faz mal. Lorde Relgin favorece o nosso capitão, por isso escolheste a companhia certa, Task.

— Estou mesmo contente por ser um de vocês.

Esvar riu-se.

– Ora, tu mataste Muckmaw! Ninguém no seu perfeito juízo te recusaria. Murtagh fez como se estivesse envergonhado.

– Tive sorte, mas, obrigado. E tu, fazes parte da guarda há muito tempo?

Esvar sorriu, orgulhoso.

– Dois meses, e adorei cada dia, mesmo o treino militar. Até a sentinela, embora seja bastante desagradável quando chove.

– De certeza.

– E de onde vens tu? O teu sotaque não é destas bandas.

– Do sul profundo – disse Murtagh enquanto entravam na caserna.

Era uma divisão comprida, de semicúpula, com filas de catres, cada um deles com uma arca de madeira aos pés. Estavam vários homens sentados nos catres, a jogar às runas, a dormir a sesta ou a olear as botas. Havia escudos pendurados nas paredes e um suporte de piques e lanças junto à porta. Ao fundo da caserna, tal como dissera Carabel, havia um arco de pedra e, a seguir, uma escadaria que descia para a escuridão.

É ali que tenho de ir. Mas seria difícil encontrar uma oportunidade. Ou a caserna teria de estar vazia ou teria de aguardar até os homens adormecerem.

Um nó de ansiedade apertava a barriga de Murtagh. Estaria Silna ainda no complexo no final do dia? Ele podia sempre tentar surpreender qualquer grupo que deixasse as instalações, mas não tinha meio de saber onde ficavam todas as entradas e saídas, e, de qualquer modo, um ataque direto impossibilitaria quaisquer subterfúgios futuros.

Sentia-se tentado a procurar mentalmente para ver se conseguia detetar a consciência de Silna por baixo deles, mas resistiu ao impulso. Estavam ali demasiadas pessoas, e qualquer uma delas poderia dar pelo toque dos seus pensamentos.

Esvar guiou-o pelo espaço, apresentando-o aos homens, que alternavam entre amistosos, arrogantes e notoriamente hostis. Mas todos queriam ouvir a história de como ele apanhara Muckmaw, e Murtagh deu por si a brindá-los com o mesmo relato que transmitira ao Capitão Wren. Os homens pareciam bem impressionados quanto bastava, mas a seguir fizeram vários comentários sobre o estado das suas roupas ou gozaram com ele por ser

comida de peixe. Ele aceitou os comentários com graciosidade, pois sabia quem era. Era natural, até certo ponto, que atazanassem um forasteiro. Até ele dar provas do seu valor, os homens não confiariam nele.

Claro que não ficaria ali tempo suficiente para dar provas. Por alguma razão, aquele pensamento deixou-lhe uma obscura sensação de desgosto.

A três quartos da divisão, Esva parou junto a um catre vazio:

– Podes abancar aqui, por agora. Se o Gert ou o capitão gostarem de ti, podes pedir p’ra mudar, mas se fosse a ti não me daria a esse trabalho. Não é melhor ficar demasiado perto da entrada; há sempre alguém a levantar-se a meio da noite para ir à latrina.

Isso poderia ser problemático, pensou Murtagh. Olhou à volta e deixou cair a trouxa no catre.

– Onde é que aquilo vai dar? – perguntou, apontando para o arco ao fundo.

– Lá abaixo, às catacumbas – disse Esva.

– Há aqui catacumbas? – perguntou Murtagh, simulando surpresa.

Esva acenou com a cabeça.

– Oh, sim. Usamo-las para todo o tipo de coisas. O capitão e os outros oficiais reúnem-se lá em baixo todas as semanas, e usamo-las para armazenar mantimentos e coisas assim.

– Compreendo.

Uma expressão queixosa formou-se no rosto de Esva.

– Não é lá muito agradável. As catacumbas são escuras e estão cheias de aranhas, e o capitão insiste para que mantenhamos os armazéns sob vigia. Diz que nenhuma força de combate está preparada se não souber que as suas armas e mantimentos estão seguros.

– O capitão parece ser um homem sensato.

Em privado, Murtagh amaldiçoou a natureza cautelosa de Wren. Isso não lhe facilitaria a tarefa de descobrir o que estava atrás da porta fechada.

– Lá isso é! – disse Esva. – E, falando de mantimentos, tenho de tratar do teu equipamento. Por aqui!

Murtagh teve esperança de que o jovem o levasse lá abaixo às catacumbas, mas, em vez disso, Esva voltou a sair da caserna e conduziu-o a um pequeno armazém encostado à muralha exterior da fortaleza.

Esva continuava a falar; parecia que nunca se calava.

– As catacumbas foram construídas há eras. Diz-se que foram os elfos os primeiros a extrair pedra daqui, mas nunca vi nenhum elfo a escavar o chão ou a cortar pedra. Mas Gil’ead tem uma longa história, tem, sim. Mesmo do outro lado da muralha foi onde mataram Morzan e o seu dragão, há quase vinte anos. – Olhou para Murtagh de olhos esbugalhados. – Foi antes do meu tempo, mas a minha mãe, ela conta que a cidade inteira abanou, e que houve fogo e relâmpagos como numa grande tempestade.

Murtagh sentiu um formigueiro frio a subir-lhe pelo braço. *Foi mesmo aqui, do lado de lá*, pensou, fitando a muralha. Fora ali que o seu pai morrera enquanto tentava localizar o ovo de dragão – de Saphira – que os Varden haviam roubado a Galbatorix.

Esvar pareceu encorajado pela expressão no rosto de Murtagh.

– É verdade! Um mágico veio à cidade e desafiou Morzan para um duelo. Ninguém sabe como se chamava; só que usava uma capa com capuz e trazia um bastão de feiticeiro, como naquelas histórias.

– Quem seria?

Mas Murtagh sabia: Brom. O velho homem perdera o seu dragão durante a queda dos Cavaleiros, mas continuara a ser um lançador de feitiços muito astuto. *Não o suficiente, porém, para se defender da adaga dos Ra’zac.*

Esvar encolheu os ombros.

– Provavelmente era um dos Varden. Ou talvez fosse um feiticeiro das planícies. O Capitão Wren diz que os nómadas conhecem vários tipos de magia.

O jovem de cabelo amarelado continuou a matraquear enquanto empurrava Murtagh para o armazém e reuniu para ele um conjunto de equipamento. Num instante, Murtagh tinha um conjunto novo de roupas, com um tabardo vermelho sobre a cota de malha de ferro e um manto de lã quente, abotoado no pescoço. Gostava bastante do uniforme. Era composto e limpo, e havia algo de atraente no facto de deixar de ser visto pelos outros como uma pessoa de fora e passar a ser apenas mais um dos guardas. Quantidade era segurança, afinal, e ele nunca se sentira integrado num grupo grande de semelhantes.

Contudo, sabia que a verdade era outra, e o seu desassossego permanecia.

A par das roupas, Esvar presenteou-o com uma lança, uma espada de uma mão – com cinto e bainha – e um escudo habilmente pintado.

– Terás de falar com Gert para te atribuírem um pique – disse Esvar. – Ele não deixa os novos recrutas terem um antes de os treinar. – Fez uma careta. – Eu também ainda não passei da lança.

Esvar mostrou a Murtagh o resto do complexo – onde ficava a latrina, a messe, a forja e o pequeno jardim onde cultivavam macieiras-bravas para fazer sidra – enquanto continuava a bombardeá-lo com perguntas. Murtagh mantinha as suas respostas tão curtas quanto possível, mas, quando lhe saiu que havia participado nas batalhas das Planícies Flamejantes e de Ilirea, Esvar ficou visivelmente entusiasmado, e as suas perguntas duplicaram.

Murtagh defendia-se o melhor possível quando chegaram à messe para a refeição do meio-dia da companhia. A comida não era nada de especial – meio pão escuro, castanho, uma malga de guisado e uma caneca de cerveja fraca –, mas Murtagh saboreou aquilo que agora sabia ser o luxo nada desprezível de ter alguém a cozinhar para si. Ainda assim, era um prazer desprovido de entusiasmo. Não conseguia esquecer o propósito por que ali estava: Silna. A frustração ardia-lhe por dentro e toldava-lhe o apetite. Não queria nada mais senão agir, mas, até chegar o momento certo, tudo o que podia fazer era morder o interior da bochecha e esperar.

Assim sendo, comeu e brincou às amabilidades.

Esvar estava sentado no outro lado de uma das duas compridas mesas de madeira que preenchiam a messe, ainda a falar.

– Então viste Eragon? E o dragão Saphira?

– Vi-os, sim – disse Murtagh.

– Estiveste perto deles? Chegaste a falar com eles?

Murtagh abanou a cabeça.

– Não. Só os vi de longe.

– Ah – disse Esvar, desiludido. – Mas mesmo assim, tiveste muita sorte em vê-los! Adorava ter essa oportunidade um dia. Dá para acreditar na bravura deles para terem enfrentado o rei e Shruikan? E ainda por cima mataram-nos!

Não sem a minha ajuda. Murtagh engoliu o seu desagrado e, num tom suave, disse:

– Tenho a certeza de que foram muito corajosos.

Esvar não deu mostras de reparar.

– Supostamente, Eragon é só um ano mais velho do que eu. Não é estranho?! Consegues imaginar como será ser um Cavaleiro do Dragão? Consegues imaginar como será ter um dragão?! Ora, eu não sei o que faria. Voava até ao topo do céu e combatia cada bandido e traidor que conseguisse encontrar.

Murtagh sorriu para dentro da caneca e depois estendeu-a a Esvar, num gesto de brinde.

– Sabes, acredito que sim.

Esvar inclinou-se para ele, com o rosto a brilhar, as bochechas avermelhadas da excitação.

– Combateste alguns Urgal nas Planícies Flamejantes ou eles já se tinham aliado aos Varden?

– Já se tinham aliado.

– Que pena. Sempre quis combater um Urgal. Mas de certeza que viste alguns de perto, não?

Sentado na outra mesa, Gert olhou para eles sobre a comida que estava ocupado a enfiar na boca às pazadas com a pressa bem treinada de um homem que fora soldado durante a maior parte da vida.

– Não incomodes Task com tantas perguntas. O homem já deve estar meio morto com isso.

Um rubor fez as pontas das orelhas de Esvar ficarem vermelho-vivas.

– Sim, senhor. Perdão, senhor.

E curvou-se sobre a sua própria comida.

Murtagh fez ao mestre d'armas um aceno agradecido, mas Gert desviou o olhar sem dar mostras de o ter visto.

No extremo das mesas, vários guardas conversavam entre si. Com Esvar silenciado, Murtagh aproveitou para bisbilhotar.

– ... como queiras, mas a rainha ainda é nova – disse um homem.

– Ah. Nunca é demasiado cedo – disse outro. – Enquanto ela não tiver um herdeiro, o reino não estará seguro. Mais valia casar com o Rei Orrin e...

– *Esse choramingas?* – interrompeu um terceiro guarda. – Lorde Risthart de Teirm seria *muito* melhor par para ela. Ou até o nosso Lorde Relgin. Pelo menos *ele*...

– A esposa do velho Relgin talvez tivesse algo a opor a isso – disse o primeiro homem, prosseguindo com uma sugestão bastante grosseira.

Todos os guardas se riram. Murtagh manteve os olhos na sua malga, com o punho cerrado em volta do cabo da colher. A ideia de Nasuada casar com qualquer daqueles homens ou, pior, com algum forasteiro sem rosto, enchia-o de uma fúria inexprimível.

Já passara mais de um ano, mas ainda conseguia ver a expressão no rosto de Nasuada quando a deixou nas ruínas da cidadela de Urû'baen, poucos minutos após a morte de Galbatorix...

Que difícil é a posição dela. Os homens tinham razão. Se Nasuada não produzisse um herdeiro já nos próximos anos, a coroa ficar-lhe-ia instável sobre a cabeça, e a continuidade da sua linhagem e a paz por que os Varden tão arduamente haviam lutado estariam em risco.

Murtagh não queria pensar em quem Nasuada poderia ter de escolher para seu consorte. As exigências do governo e da diplomacia não faziam concessões a sentimentos pessoais. Nasuada faria o que fosse melhor para o seu reino, e, quanto a ele... se conseguisse trabalhar nas sombras e ajudar a manter Alagaësia estável, talvez lhe conseguisse granjear mais algum tempo para consolidar a sua governação.

Obrigou-se a continuar a comer, mesmo se o apetite o tivesse abandonado.

Não tardou muito para Esvar começar outra vez a falar. Não fez tantas perguntas como antes, mas desatou a falar acerca dos guardas, do Capitão Wren e da sua própria experiência na companhia (os dois meses inteirinhos), bem como da sua vida em geral. Murtagh ouvia de bom grado; passara tanto tempo apenas com Thorn como companheiro de conversa que o mero som de outra voz humana era, por si só, gratificante. Mas também achou interessantes as coisas que Esvar considerava importantes.

Separavam-nos apenas uma mão-cheia de anos, e no entanto parecia a Murtagh que era décadas mais velho que o outro. A mente de Esvar estava repleta de sonhos de ousadia, aventura e honra. Praticamente idolatrava o Capitão Wren e outros que considerava exemplos de excelência de sucesso heroico, incluindo, claro, Eragon. E era dedicado à guarda com a convicção fervorosa da juventude ou dos recém-convertidos.

Durante o curso da conversa, surgiu que o pai de Esvar morrera numa tempestade no Lago Isenstar quando Esvar tinha apenas sete anos. Ao ouvi-lo, Murtagh sentiu um aperto solidário; compreendia a necessidade de Esvar encontrar orientação e um propósito. Era um desejo quase físico.

Esvar tivera uma motivação extra para se alistar na guarda, algo que Murtagh nunca tinha vivido: a necessidade de sustentar outros. Nas palavras do jovem:

– Assim consigo dar moeda à minha mãe, e ela já não precisa de passar tantas horas do dia no mercado. Consigo pôr pão e carne na mesa, e ambas as minhas irmãs podem comprar um vestido novo a cada ano.

– Isso deve deixar-te orgulhoso – disse Murtagh.

Esvar anuiu com a cabeça, mas tinha o semblante sério.

– Mas é uma responsabilidade enorme. Se alguma coisa me acontecesse no serviço... – Abanou a cabeça. – Não quero nem pensar nisso.

– Não – disse Murtagh.

Nenhum deles tinha qualquer defesa contra os acasos do destino. Nem os Cavaleiros do Dragão estavam a salvo da tragédia.

Quando acabaram de comer, Murtagh tentou voltar à caserna enquanto os homens ainda estavam na messe, mas Esvar impediu-o, dizendo:

– Para quê? Tens contigo tudo aquilo de que precisas, Task. E Gert vai querer-nos no terreiro.

Murtagh cerrou um punho ao mesmo tempo que forçava um sorriso.

– Claro. Tu primeiro.

Com Esvar, juntou-se aos guardas que não estavam de sentinela num exercício militar com lança e pique no terreiro. Era uma experiência estranha. Murtagh treinara sempre sozinho – ou apenas com um instrutor, como Tornac – e nunca combatera integrado numa formação coletiva, nem sequer em Farthen Dûr. Mover-se em sintonia com os outros homens, gritar quando eles gritavam, bater com os pés no chão quando eles estocavam e golpeavam, avançavam e recuavam... Havia qualquer coisa de confortável na experiência. Murtagh deu por si a relaxar, sentindo-se como se pudesse deter a correria dos seus pensamentos e simplesmente existir.

Apercebeu-se pela primeira vez de quão apazível era seguir em vez de liderar. Os guardas podiam confiar em Gert e no Capitão Wren para pensarem por eles. Pela sua parte, tudo o que tinham de fazer era obedecer. Coisa que, admitia, era por vezes mais fácil dizer que fazer. Ainda assim, o esforço dos exercícios militares ou das sentinelas era residual quando comparado com as responsabilidades do comando.

Quando o sol começou a descer para oeste, e as botas deles levantaram uma névoa de poeira dourada no terreiro, Murtagh sentiu um súbito e intenso desgosto por não poder ficar e ser como a maioria dos homens. Por ter de quebrar o juramento ao Capitão Wren e – uma vez mais – revelar-se mentiroso e traidor.

O prazer que Murtagh estava a sentir naquele momento desfez-se em cinzas, e a sua disposição permaneceu escura e sisuda durante o resto do exercício.

Mais tarde, enquanto ele e Esvar devolviam as armas aos suportes no terreiro, o guarda de cabelo amarelado disse:

– Deita-nos um bocado abaixo, mas mesmo assim sabe bem praticar, não achas?

Murtagh emitiu um som gutural.

Esvar interpretou-o mal.

– Ah, não te deixes ir abaixo. Daqui a uns dias já nem dás conta do peso da lança.

Murtagh tentou, uma vez mais, voltar à caserna, mas Gert depressa lhe lembrou das desvantagens de pertencer à companhia: a falta de liberdade pessoal. O mestre d'armas mandou-os recolher água para a copa, e depois havia que olear cotas de malha, limpar estrume dos estábulos e organizar víveres e armazenamentos.

Murtagh depressa percebeu que o Capitão Wren não acreditava em deixar os seus homens ociosos quando não estavam de sentinela.

A frustração de Murtagh continuava a crescer. Nos estábulos, viu indícios do que Carabel dissera: uma carroça pronta a partir, selas colocadas, arreios a serem reparados. Estava um ferreiro a tratar das ferraduras de vários cavalos, incluindo do cavalo de batalha preto do Capitão Wren, um magnífico e assustador animal chamado *Beralt*.

Quando Murtagh inquiriu sobre os preparativos, Esvar encolheu os ombros e disse:

– Não faço ideia. Assuntos do Capitão.

Murtagh encontrou algum consolo no facto de ainda estar para acontecer o que fosse que estivesse a ser planeado. Contudo, aquilo endureceu a sua opinião acerca de Wren e dos guardas. Se Carabel estivesse certa, pelo menos alguns deles estavam envolvidos numa vilania imperdoável.

Quando andavam a carregar lenha para os aposentos do capitão, assim como para a cozinha, Gert foi ter com eles.

– Recebemos notícias da fortaleza – disse. – Amanhã logo cedo, Lorde Relgin quer conhecer o tal que matou Muckmaw. É melhor certificares-te de que tens as botas lustradas e o cabelo penteado, Task. Não é boa ideia ofender sua senhoria.

– Sim, senhor.

Pareceu-lhe que se fechava uma porta de ferro na sua mente. Agora, não havia alternativa. Não poderia ficar com os guardas além daquela noite. Ser visto na corte de Relgin seria a maneira mais garantida de dar cabo do seu disfarce.

Assim que o sol se pusesse e os guardas adormecessem, tinha de tentar chegar a Silna. Era a sua única hipótese. *Não desistas*, pensou. *Estou a caminho.*



A noite caíra sobre Gil’ead, e as ruas estavam envoltas em sombras roxas. Começaram a surgir as luzes quentes de velas por trás de portadas fechadas, e passavam pela rua lanternas e tochas a baloiçar quando viajantes atrasados e beberrões adiantados se apressavam a chegar aos seus destinos.

A guarda da cidade fechava e trancava a guarita ao pôr do sol, por isso Murtagh sabia que só lhe restavam uns poucos de minutos. Caminhou com rapidez por entre os edifícios de madeira, com o nariz enrugado pelo desagrado com o fumo que assentara sobre a cidade, a par do frio do fim de dia.

Veria ele um rosto conhecido por entre o grupo de homens e mulheres à porta de um estabelecimento do outro lado da rua? Não... não, achava que não. Baixou a cabeça e acelerou, confiante de que as pessoas nada mais veriam além do tabardo da guarda da cidade ao olharem para ele.

No extremo oriental de Gil’ead, encontrou um choupo solitário junto a um campo de cevada. Depois de confirmar que não havia ninguém nas proximidades, sentou-se e fechou os olhos, concentrando-se no fio de pensamentos que o unia a Thorn.

Assim que as janelas entre as suas mentes se alargaram, o alívio do dragão atravessou o corpo de Murtagh numa sensação palpável. Ficaram durante um bocado apenas a saborear o abraço partilhado, e depois Murtagh disse:

– *Estás em segurança? Alguém te encontrou?*

– *Só uma lebre errante, que ficou bastante surpreendida.*

– *Imagino. Comeste-a?*

Murtagh conseguiu sentir Thorn fungar.

– *Com que propósito? Encontro bocados maiores de carne presos entre os dentes. E tu? Como está a correr?*

Murtagh não tentou esconder a sua irritação.

– *Eles mantiveram-me ocupadíssimo o dia inteiro. Ainda não tive mais do que cinco minutos para mim.*

– *Sentirão algo de errado?*

– *Não creio. É só a maneira de funcionar deles. Vou tentar chegar à porta assim que estiver toda a gente a dormir. Se tudo correr bem, conseguirei tirar de lá Silna sem ninguém ver, e depois levo-a a Carabel, e podemos livrar-nos desta cidade.*

Thorn detetou de imediato a sua disposição soturna.

– *Porque detestas tanto a cidade?*

As palavras eram insuficientes, por isso Murtagh partilhou as imagens e os sentimentos que lhe dominavam a mente – os comentários de Esvar sobre Eragon e Saphira; a sua reação contraditória a estar tão perto do sítio onde morreu o pai; o sentimento de unidade que experimentara ao mover-se com os outros homens no terreiro; o seu desagrado por quebrar mais um feitiço; e, em geral, o profundo e crescente desconforto que Murtagh sentia com aquela situação e o seu papel nela.

– *É por isto que prefiro evitar os da tua espécie* – disse Thorn. – *São demasiado difíceis, demasiado complicados. As coisas são mais simples quando nos restringimos ao céu.*

De seguida, partilhou também os comentários dos homens sobre Nasuada e a necessidade que ela tinha de um herdeiro. E não fez qualquer tentativa de ocultar a sua aflição acerca daquela ideia.

Thorn emitiu um som mental anasalado, e Murtagh viu na sua mente o dragão a enrolar a cauda à sua volta, como que para o proteger e reconfortar.

– Talvez devesse procurá-la, se é para ti tão importante quem ele escolhe para parceiro – disse Thorn.

– Não é assim tão simples.

– É tão simples quanto o tornares.

– Se eu fosse um dragão, talvez.

A resposta de Thorn coloriu-se de um ligeiro divertimento:

– Tu és o mais aproximado de um dragão sob forma humana que alguma vez conheci.

Vindo de Thorn, aquele elogio não era nada despiciendo, e Murtagh sabia-o.

– Se ao menos pudesse expirar fogo como tu.

– É para isso que serve a magia. – Então, Thorn mudou de assunto. – Quais achas que são as intenções do Capitão Wren?

Murtagh abriu os olhos e olhou para as primeiras estrelas a surgirem no céu em tons de laranja e rosa.

– Não sei. Política? Ambição pessoal? Ele parece inteligente e dedicado aos seus homens, mas tenho uma impressão...

– As máscaras de madeira.

– Sim. Uma pessoa com máscaras daquelas tem interesse em segredos, em esconder-se e em magia. É uma combinação perigosa.

Passou pela mente de Murtagh uma imagem das máscaras, quando Thorn lhe devolveu a sua memória.

– Que máscara escolherias?

Murtagh soltou uma curta gargalhada.

– Nenhuma. Já uso demasiadas.

– Não comigo.

– Não, não contigo.



Quando Murtagh se sentou no catre e começou a desapertar as botas, Esvar aproximou-se e, num tom de voz algo submisso, disse:

– Olha, ah, Task, desculpa se há bocado te incomodei.

– Tudo bem. Não te preocupes – disse Murtagh. Descalçou a bota direita.

– Bem, isso é gentil da tua parte. Só fiquei entusiasmado por termos uma pessoa nova nas fileiras, especialmente alguém que lutou com Eragon e Saphira.

– Volto a dizer que está tudo bem. – Descalçou a bota esquerda.

Esva mexeu-se desconfortavelmente.

– Bem... Sei que não é fácil instalamo-nos aqui. É uma grande oportunidade ingressar na guarda. Pelo menos, para mim foi. Mas... bem, queria que soubesses que és bem-vindo e que terei muito gosto em ficar de sentinela contigo sempre que calhar, mesmo que *‘teja a chover*.

As palavras atingiram Murtagh bem fundo. Olhou por um momento para a bota que tinha na mão e depois ergueu os olhos para Esva.

– Isso é muito gentil da tua parte, Esva.

Esva acenou com a cabeça, embaraçado, e estava prestes a ir embora quando Murtagh lhe perguntou:

– Vais ficar de sentinela esta noite?

– Eu? Não, não. Hoje posso dormir.

Ótimo. Murtagh observou Esva a regressar catre que lhe pertencia. Depois abanou a cabeça, desprende o seu manto novo e despiu o tabardo vermelho.

Tal como haviam feito os outros homens, Murtagh guardou as suas roupas e os seus pertences na arca ao fundo do catre. Para seu desagrado, as dobradiças da arca chiavam, um som irritante capaz de acordar quem o ouvisse.

Já era de noite, e Gert surgiu na entrada da caserna, olhando para eles com uma lanterna meio aberta na mão. Solto uma espécie de rugido satisfeito.

– Muito bem. Recolher. A primeira chamada será uma hora antes do alvorecer.

Depois fechou a lanterna e saiu pela porta dianteira.

O interior da caserna estava completamente escuro, mesmo depois de os olhos de Murtagh se terem adaptado à ausência de luz. O único laivo de iluminação era um fino feixe – fraco e indistinto – que escapava por uma fenda nas portadas viradas para a torre de pedra dos oficiais.

Murtagh deitou-se de costas com os olhos abertos, escutando as respirações dos outros homens. O teto curvo e preto era profundamente entediante, mas ele tinha receio de fechar os olhos, não fosse passar pelas

brasas e perder a sua oportunidade.

Era provável que não corresse esse risco – a ideia de se esgueirar para as catacumbas enchia-lhe as veias com demasiado fogo para que se pusesse a hipótese de adormecer –, mas era melhor ter cautela. Qualquer erro na caserna poderia ser fatal. Se não para si, então para os homens à sua volta, e Murtagh preferia evitar lutar com eles.

Desde que fizesse tudo bem, ninguém saberia o que ele fizera ou para onde fora. Tinha pena por Esva – o otimismo e o entusiasmo do jovem haviam sido um momento luminosamente positivo no seu dia, mas algumas coisas eram inevitáveis.

O tempo passava com uma lentidão furtiva. Murtagh tentou contar os batimentos do seu coração, mas isso apenas fazia os minutos parecerem ainda mais longos.

Estava determinado a esperar até passar, pelo menos, uma hora depois da meia-noite antes de arriscar ir até às catacumbas. Isso daria aos guardas tempo suficiente para adormecerem, e podia até chegar para o homem de vigia lá em baixo passar pelas brasas.

Pelo menos, Murtagh esperava que sim.

Mexeu-se no catre, desconfortável. Passara tanto tempo ao relento com Thorn que lhe parecia estranho voltar a deitar-se em qualquer tipo de cama, mesmo num catre sem acolchoamento. A lona cedia sob o seu peso, formando uma curva na coluna que lhe fazia doer a zona lombar. Tentou virar-se de lado, mas isso só lhe deixou um torcicolo doloroso.

Inspirou fundo e expirou lentamente. Esperavam-no umas quantas horas desafiantes.

Para se distrair, focou a mente na composição de outro poema, este não um Attenwreck, mas uma forma de sua própria criação. Em voz silenciosa, disse:

*Canta as mágoas suaves e tristes,
Chora Ó arauto alado de batalhas ganhas e perdidas.
Quem carpe os homens caídos, chacinados em combate,
Que lágrimas de consolo quando descem bandos de corvos?*

As palavras ecoavam-lhe na mente enquanto ele estava deitado no escuro.

– Perdão – murmurou.

Se a palavra se dirigia aos fantasmas do seu passado ou aos homens na caserna, ele não tinha a certeza, mas quando fechou os olhos a visão encheu-se-lhe de uma extensão de ossos afundados.

CAPÍTULO X



Lenta e furtivamente...

Algures na cidade adormecida, uma coruja-preta piou e depois voltou a piar.

Murtagh ergueu-se até ficar sentado no catre. Em toda a caserna, os guardas estavam deitados em silêncio, as suas respirações lentas, uniformes, ritmadas. Um ou dois dos homens risonavam, mas não tão alto que fizessem acordar os outros.

Com extremo cuidado, Murtagh abriu a mente e estendeu a sua consciência de modo a tocar nos pensamentos dos outros homens. Estavam, tal como ele esperava, todos profundamente adormecidos, perdidos na confusão dos seus sonhos.

Manteve um leve contacto com o conjunto das suas mentes enquanto escorregava para fora do catre e pousava uma mão na tampa da arca.

– *Maela* – murmurou. *Silêncio.*

Sustendo a respiração, levantou a tampa.

Rodou para cima e para trás quase sem um som.

Aliviado, puxou cautelosamente a trouxa e tudo o que ela continha para fora da arca, como as botas, o manto e a espada que lhe fora dada. Embrulhou o manto no cinto da espada para a fivela não fazer barulho e depois, lentamente, pôs-se de pé e caminhou, só de meias calçadas, até ao fundo da divisão.

Junto ao último catre da fila – que se encontrava vazio –, tropeçou.

Praguejou para dentro enquanto se reequilibrava, com o rosto congelado numa expressão de rosnido.

Noutra ponta da caserna, um dos guardas mexeu-se, e Murtagh sentiu uma pontada de consciência abafada vinda da mente do homem.

Murtagh deixou-se ficar baixado num meio agachamento, receoso de se mexer.

Após vários minutos, quando o homem parecia estar de novo ferrado no sono, Murtagh endireitou-se polegada a polegada e prosseguiu até ao arco escuro como breu que ficava nas traseiras da caserna.

Pousou uma mão na pedra fria e desceu vários degraus, tateando. Depois, sentou-se e calçou as botas, apertando-as bem, desembrulhou a espada, afivelou-a à cintura e prendeu o manto junto ao pescoço com o alfinete. O manto era um risco, poderia facilmente enrolar-se-lhe nas pernas numa altura inoportuna, mas também serviria para abafar o som dos seus movimentos. Por último, pendurou a trouxa de dormir a tiracolo. Não tencionava voltar à caserna – pelo menos, não para dormir –, e havia a possibilidade de ter de partir apressadamente, e não queria perder mais nenhum dos seus pertences. Quando se possuem apenas algumas coisas, elas tornam-se muito mais preciosas.

Levantou-se e retomou a descida tateante das escadas. Queria lançar um luminomem, mas seria demasiado arriscado, e, além disso...

... um brilho de um tom alaranjado suave apareceu diante dos seus olhos enquanto descia em espiral sob a superfície da terra, dourando a superfície da parede de pedra de tal forma que cada imperfeição côncava, convexa e lascada sobressaía em alto relevo.

Ao fundo das escadas encontrou outra passagem em arco, esta mais fácil de ver sob a luz bruxuleante.

Murtagh encostou-se à curva exterior da escada, deslizando para o arco, e espreitou pela moldura de pedra.

Um túnel comprido e escuro estendia-se para a esquerda e para a direita. Apesar do que lhe dissera Esvaer, não parecia obra de elfos, mas da normal habilidade artesanal de humanos. A passagem para a direita seguia sob a fortaleza, enquanto o ramo da esquerda apontava na direção da cidade.

Demasiados túneis, pensou. Teria sido útil conhecê-los quando tentara resgatar Eragon da fortaleza. Na altura não fazia a menor ideia de que a cidade assentava num labirinto de caminhos subterrâneos.

Era o lado esquerdo do túnel que mais lhe interessava. Nas paredes viam-se várias portas de madeira reforçadas com barras de ferro forjado. Pendiam das paredes, entre as portas, palmatórias que continham velas altas, duas das quais acesas, lançando sombras dançantes sobre as pedras.

Estava um guarda junto à porta do meio, apoiado no seu pique, com a cabeça descaída para a frente e os olhos meio fechados.

Murtagh fez uma pausa para pensar. Daquilo que dissera o Capitão Wren, sabia que os guardas tinham feitiços de proteção. E sabia que algumas dessas proteções se destinavam a guardá-los de ataques de magia. Mas aquilo que constituía exatamente um *ataque* era sujeito a interpretação.

Murtagh não queria magoar o homem. O guarda estava a cumprir o seu dever sem sinais evidentes de malícia. Mas Murtagh *tinha* de passar por ele.

Franziu o sobrolho. Se lançasse um feitiço ao guarda e isso espoletasse alguma das suas proteções, o homem daria seguramente conta. O dispêndio de energia alertá-lo-ia, se mais nada o fizesse. O que deixava a Murtagh apenas duas opções: ou dominava fisicamente o homem ou podia usar o Nome dos Nomes para lhe retirar as defesas e *então* incapacitá-lo com magia.

Apertou a mão em torno do punho da espada. O Nome dos Nomes era a escolha óbvia, mas detestava estar sempre a usá-lo. A Palavra era um segredo poderoso – um *dos* mais poderosos segredos – e, de cada vez que a pronunciava, corria o risco de a ensinar a algum ouvinte desconhecido, mesmo que juntasse à Palavra um feitiço para a ocultar das mentes de quem estivesse à escuta, como fizera no Fulsome Feast. Por mais bem construída que fosse uma peça de magia, havia sempre a possibilidade de não surtir o efeito pretendido.

Já era suficientemente negativo que ele, Eragon e Arya conhecessem a Palavra. Três eram demasiados para guardar um segredo, e cada pessoa adicional que aprendesse o nome era mais uma hipótese de alguém causar danos incomensuráveis.

Se Murtagh conhecesse melhor a língua antiga e os seus usos – se tivesse sido adequadamente treinado para ser Cavaleiro, como fora Eragon –, estaria mais confiante para ultrapassar as proteções do guarda sem o Nome dos Nomes. Mas, na realidade, sentia intensamente a desadequação da sua instrução, e isso deixava-o ressentido.

Os argumentos a favor e contra o uso da Palavra relampejavam na mente de Murtagh, mas ele sabia que já tinha tomado a sua decisão. *Tinha* de evitar fazer barulho, e uma vez que não mataria o guarda...

Mantendo a voz tão baixa quanto conseguia, proferiu o Nome dos Nomes e, com ele, disse:

– *Slytha. – Dorme.*

Ao mesmo tempo que falava, desatou a correr para o túnel, na direção do guarda.

O homem estremeceu e caiu para a frente, os braços e as pernas ficaram-lhe inertes, o pique escorregou-lhe dos dedos flácidos.

Murtagh apanhou o guarda antes de este cair de cabeça no chão, mas o pique estrepitou contra as pedras, e o capacete deslizou, saltitando no chão e produzindo ecos que ricocheteavam no túnel.

– Ah! – disse Murtagh.

Baixou o homem até ao chão e fugiu pelo túnel, para fora do alcance da luz das velas, até ficar na penumbra. Ali, aguardou, ofegante, esforçando a audição para ouvir de alguém da caserna vinha investigar.

Passou-se um longo bocado. Um sopro de vento fez-lhe cócegas na nuca, e detetou uma grande aranha castanha a rastejar pelo canto da parede, com um saco de ovos brancos preso às costas. Enrolou os lábios.

Afrouxou a mão que apertava o punho da espada. *Ainda dormem*. No entanto, não se sentia seguro. Bastava que um dos guardas acordasse para ir à latrina e a sua ausência podia ser descoberta.

Movendo-se silenciosamente, voltou para junto do guarda que pusera a dormir e encostou um dedo à barba que despontava no pescoço do homem. Tinha a pulsação forte e estável, e o peito continuava a mexer-se.

Convencido de que o homem dormia profundamente, Murtagh passou por cima do pique que estava no chão e foi até à porta do meio. Era aquela porta que o homem guardava, logo, Murtagh deduziu que seria aquela a que ele procurava.

Puxou o anel de ferro pregado à madeira. A porta não se mexeu. *Claro*. Em vez disso, empurrou. A porta continuou sem se mexer.

Os olhos de Murtagh estreitaram-se enquanto procurava por um buraco de fechadura nas tábuas de madeira. À fraca luz, levou alguns segundos a encontrá-lo: um pequeno buraco redondo num dos cantos da placa de ferro que sustinha o anel.

Ergueu um dedo e tocou no buraco da fechadura, pronto para usar magia, mas uma ideia deteve-o.

Ajoelhou-se junto ao guarda adormecido e procurou no seu cinto de couro. O homem cheirava a fumo, carneiro, folhas de cardo e muitas horas de exercícios militares ao sol. Murtagh enrugou o nariz. Não compreendia

por que razão a maioria das pessoas não se banhava regularmente. A água fria não era desculpa para andar a cheirar a oficina de curtumes.

Ouviu-se um tilintar de metal quando os seus dedos encontraram um objeto sólido pendurado no cinto do guarda. Espreitou; como esperava, uma chave.

Enfiou a chave na fechadura e rodou-a até ouvir um desagradavelmente sonoro *clanc*. Deitando um último olhar aos dois sentidos do túnel, empurrou e abriu a porta.

CAPÍTULO XI



A porta de pedra

Lá dentro, a câmara encontrava-se completamente às escuras. Nem os olhos de Murtagh – aguçados pelo seu vínculo a Thorn – conseguiam destringer um único pormenor.

Regressou ao túnel para ir buscar uma vela. Com a mão livre, agarrou no tornozelo do guarda e arrastou-o porta adentro, para...

... uma espécie de sala de estratégia militar. Uma mesa comprida de madeira ocupava o centro da câmara, e sobre ela estendia-se um mapa de Alagaësia, semelhante ao do escritório do Capitão Wren. Havia cadeiras sem espaldas à volta da mesa e uma estante de rolos de pergaminho encostada a uma parede lateral. Em redor da sala, vários candelabros altos de ferro, e o baixo teto abobadado coberto de tijolos apresentava manchas de fuligem.

Do lado oposto ao da porta por onde ele entrara, havia outra porta – mais pequena, mais escura, feita de madeira polida – que levava a níveis ainda mais profundos das catacumbas.

Murtagh deixou o guarda junto à mesa e voltou a sair para o túnel para ir buscar o pique e o capacete que haviam caído do soldado. Segurando ambos, fechou a porta depois de entrar, trancou-a e pousou então sobre a mesa o pique e o capacete.

Olhou a toda a volta, curioso. Parte de si queria ficar por ali, ver o que estava escrito nos pergaminhos, ver se conseguia descobrir quais os esquemas em que o Capitão Wren trabalhava. Mas tinha o tempo contado e nenhuma intenção de ser apanhado.

Foi ver do guarda mais uma vez. Ainda dormia. O feitiço que Murtagh lhe lançara era poderoso. Excetuando interferência exterior, o homem dormiria provavelmente durante meio dia ou mais.

Murtagh acendeu várias das velas finas nos candelabros antes de prosseguir até à porta seguinte.

Ergueu as sobrancelhas.

– Interessante.

Na madeira reluzente haviam sido gravadas linhas de runas, que tinham uma aparência antiga, gasta, arcaica mesmo. Murtagh tocou na superfície estriada; parecia mais densa que carvalho, dura como metal.

– Mógren – murmurou.

As árvores coníferas de agulhas pretas que cresciam nas Montanhas Beor, a terra dos anões. Era raro encontrar algo feito com aquela madeira na metade ocidental de Alagaësia. Olhou mais de perto. As runas tinham uma forma arcaica e – ao tentar lê-las – apercebeu-se de que eram, de facto, runas como as que usavam os anões, não os humanos.

Abanou a cabeça. Conseguia ler muitos tipos de escrita, mas não a dos anões. *Que estavam aqui a fazer anões, e há tanto tempo?*, perguntou-se. Ou teria a porta sido feita alhures e trazida para Gil’ead numa altura posterior?

Perguntas cujas respostas duvidava alguma vez vir a possuir. Talvez o Eldunarí lho pudesse ter dito.

Ao contrário da primeira porta, esta não tinha qualquer buraco de fechadura recortado na madeira de Mógren, mas havia, ao centro, uma estranha concavidade da largura da sua mão. Devido às sombras em movimento causadas pela luz das velas, demorou um minuto a perceber o que via: a forma inversa da máscara de urso do escritório do Capitão Wren. Era então uma fechadura, possivelmente mágica, mas não necessariamente.

– Em que é que *andas* metido? – murmurou.

Murtagh ponderou esgueirar-se de novo pela caserna e ir até ao escritório de Wren para recuperar a máscara, mas afastou a ideia por ser demasiado arriscada.

Não, do que ele precisava era... Olhou à volta da sala. Madeira. Precisava de madeira.

Aproximou-se da estante de rolos de pergaminho e, após examiná-la, retirou-lhe uma das prateleiras. Encostou um dos extremos da tábua à concavidade na porta e murmurou:

– *Thrysta*.

Em vez de libertar o poder numa única erupção, restringiu-o a um suave – mas inexorável – empurrão. A tábua entrou na concavidade, amarrotando-se como se tivesse sido esmagada por um pedregulho invisível, e a madeira encaixou-se nas linhas e nos contornos da impressão da máscara.

No rosto de Murtagh formou-se um sorriso pequeno e apertado enquanto este guiava o feitiço. *Só mais um bocadinho...*

A porta partiu-se com um sonoro *crac*, dividindo-se ao meio.

– Filho de um *Urgal* – disse Murtagh, de dentes cerrados. Pôs termo ao feitiço.

Agora não havia nada a fazer; os guardas ficariam mesmo a saber que alguém entrara ali à força. Literalmente.

Aborrecido consigo mesmo, Murtagh começou a arrancar bocados de madeira partida. Quando a abertura tinha já largura bastante, pegou numa vela e entrou.

Havia uma floração de luz por cima de si.

Fez uma careta e ergueu uma mão para proteger os olhos. Passado um segundo, já conseguia ver.

A luz provinha de um pedaço de quartzo branco incrustado no teto; emitia um brilho estável semelhante ao das lanternas sem chama dos anões que vira espalhadas pela cidade-montanha Tronjheim.

Aquela câmara era mais comprida e mais estreita do que a sala de estratégia militar. As paredes eram côncavas, suportadas por grossas costelas brancas. Costelas *verdadeiras*. Ossos de um dragão.

Nasceu em Murtagh a horrível suspeita de estar a olhar para as costelas do dragão de Morzan, enterradas sob a cidade por quem tivesse construído aquele espaço.

Havia prateleiras escoradas entre as costelas. Nessas prateleiras, e também numa mesa de tampo de pedra no centro da sala, encontravam-se dúzias de frascos em balão, alambiques, *gobelets*, queimadores, garrafas, barris e vários braseiros. *Alquimia*. Ou algo similar.

Murtagh percorreu lentamente a sala, detendo-se ocasionalmente para examinar isto e aquilo. Aquele sítio era uma verdadeira sala do tesouro para mágicos. Pegou num dos numerosos livros e abriu-o, dando por si a olhar para uma lista de palavras.

Palavras na língua antiga.

Palavras com definições.

O entusiasmo cresceu dentro dele ao perceber o que tinha nas mãos. *Um dicionário!*

Movia os lábios enquanto ia enunciando várias das entradas:

– *Flauga, flautia, flautr...*

De todos os objetos de valor naquela câmara, um compêndio da língua antiga era, de longe, o mais precioso.

O livro soltou uma pequena nuvem de pó quando Murtagh o fechou. Sem conseguir acreditar na sua sorte, Murtagh guardou-o cuidadosamente na bolsa presa ao cinto e prosseguiu.

Dois passos à frente, encontrou uma pequena caixa ornamentada cheia de gemas lapidadas. Pegou num diamante amarelo em forma de lágrima, quase do tamanho da sua unha do dedo polegar, e, seguindo um palpite, procurou tocar-lhe com a mente. Diante do seu olho interior começou a contorcer-se uma torrente de energia em forma de espiral, coagida pela substância da gema.

Recuou com a mente e compôs um sorriso divertido, baloiçando a gema na palma da mão. Depois de pensar durante um momento, enfiou o diamante na bainha do manto, onde ninguém, provavelmente, o encontraria. Ter equipamento extra era sempre uma boa ideia, fosse uma arma, uma armadura ou – neste caso – energia para alimentar os seus feitiços.

Quanto mais Murtagh olhava, mais perguntas tinha. A sala parecia dedicada ao estudo de todas as coisas mágicas. Havia numa prateleira uma fila de líquidos engarrafados identificados com palavras como *Saúde, Força, Fogo* e assim sucessivamente. Poções, deduziu, encantadas para obterem determinados efeitos.

Sentiu no seu interior agitar-se um profundo desassossego. Seria Wren o mágico que usava a sala? Ou haveria outro? Um qualquer lançador de feitiços desconhecido velado em Gil’ead enquanto se envolvia em estudos arcanos? E que necessidade discriminatória poderiam ter de crias felinumanas?

Tocou numa das costelas encostadas às paredes. Sentiu o osso frio e liso e foi atingido por uma picada dolorosa ao imaginar que poderia pertencer a Thorn. Mas não sabia quanto pesar sentia pelo dragão de Morzan. A criatura escolhera servir Galbatorix tanto quanto Morzan; a ambos eram imputáveis os seus pecados. *Tal como a todos nós*, pensou.

Apressou-se a percorrer o resto da sala. De certeza que já não podia estar longe de Silna, embora receasse o que poderia descobrir quando a encontrasse. Se é que ela ali estava.

Ao fundo encontrou mais uma porta, também esta diferente das duas anteriores. A estrutura em lanceta era feita de uma peça única de osso de dragão amarelado. Talvez uma espádua ou uma secção de um crânio enorme. Ao meio da porta pendia um círculo de ferro. Por cima deste encontrava-se um padrão decorativo de gemas embebidas, todas de cores diferentes: rubis e esmeraldas e diamantes coloridos. Turmalinas, safiras estrela e crisoberilos olho-de-gato.

Desconfiado, Murtagh tocou numa das pedras preciosas. Tal como suspeitava, continha uma quantidade notável de energia.

Baixou a mão. A porta estava armadilhada. Parecia-lhe óbvio. Se acionasse a armadilha, havia uma forte probabilidade de isso alertar o mágico que havia feito a porta. Pelo menos, seria assim que Murtagh o teria feito.

Haveria mesmo? E se o mágico estivesse no lado oposto de Alagaësia? Alertá-lo poderia requerer uma quantidade de energia proibitiva.

Murtagh coçou o queixo, refletindo. Podia acionar a armadilha e confiar nos seus feitiços de proteção para o escudarem, mas... isso não era, de todo, o caminho mais inteligente. A questão era: de que precisaria para ser mais esperto que o mágico que havia encantado a porta? Se o lançador de feitiços fosse suficientemente astuto, qualquer intervenção na porta ou no seu entorno faria disparar o alarme. Nem mesmo o Nome dos Nomes oferecia garantias de Murtagh conseguir subverter por completo o feitiço de outrem, como lhe ensinara a sua experiência com Muckmaw.

Raios. Não posso perder tempo.

Caminhou para a frente e para trás, a debater consigo mesmo. E se abrisse um túnel ao lado da porta? Isso custar-lhe-ia muita energia; estaria exausto quando chegasse à sala do lado de lá. E havia uma forte probabilidade de também as paredes que envolviam a sala do lado estarem encantadas com algum tipo de feitiço. Mais uma vez, era isso que *ele* faria.

Murtagh acocorou-se e pousou a cabeça nas mãos. Para subverter um feitiço de proteção, era necessário pensar de maneira lateral. O que era difícil – muito difícil –, mas, de certa forma, era esse o objetivo. A

dificuldade em imaginar uma nova abordagem protegia a pessoa ou coisa sob a proteção.

Imaginou inverter uma esfera sem a partir. Imaginou percorrer numa linha direita um ângulo reto. Pensou em todas as ações impossíveis que a sua mente conseguia conceber.

Um pequeno sorriso desenhou-se-lhe nos lábios. *Talvez...* Eragon derrotara Galbatorix não a tentar feri-lo, mas a tentar ajudá-lo a compreender as consequências das suas ações – uma abordagem que não ocorrera nem ao rei nem aos seus muitos inimigos ao longo dos anos. Era possível que uma abordagem indireta semelhante funcionasse com aquela porta.

As joias continham energia necessária para alimentar os encantamentos que estivessem embebidos na porta de osso. E, se essa energia fosse consumida, teria de ser substituída. Por isso, *devia* ser possível tanto acrescentar como retirar energia às gemas sem espoletar nenhuma armadilha adicional.

Mais uma vez, isso dependia de quão inteligente fora o misterioso mágico.

Decidiu arriscar. Qual era a coisa pior que podia acontecer? Soltou uma gargalhada soturna. A maioria das pessoas diria que era a morte, mas morrer não era, nem de longe, o destino que mais receava. Ele e Thorn já haviam passado pelo mais escuro dos vales; nada que os feitiços de proteção pudessem fazer se aproximaria das profundezas de dor, medo e aviltamento que já haviam sofrido.

Primeiro, precisava de um sítio para onde afunilar a energia; era demasiada para a conseguir conter no seu corpo. Pegaria fogo se o tentasse. Em condições normais, armazenaria a energia no rubi do punho da Zar'roc, mas sem a espada...

Tirou do seu manto o diamante amarelo em forma de lágrima. Parecia que a pedra ia revelar a sua utilidade mais cedo do que o esperado.

Segurando o diamante na mão esquerda, encostou a mão direita à porta. Sentia as facetas afiadas das joias na palma. Fechou os olhos, inspirou e, devagar, cautelosamente, começou a extrair energia das gemas para o interior do diamante amarelo.

Durante os primeiros segundos, o fluxo de energia manteve-se estável e inalterado. Mas depois Murtagh sentiu uma resistência crescente, e o diamante começou a aquecer-lhe na mão. O calor depressa ascendeu a um nível insuportável. A pele começou a arder-lhe.

Rapidamente percebeu que a pedra estava prestes a explodir.

Largou o diamante e, arfando, disse:

– *Brisingr!*

Um brilhante luminomem azul nasceu à sua direita: uma ardente bola de chamas levitando ao nível dos seus olhos, cujas chamas ondulantes faziam o ar cintilar e tremeluzir como cristal líquido.

Desviou a energia para o luminomem, que se tornava cada vez mais brilhante, até ser doloroso olhar para ele, e do nó de chamas do tamanho de um punho saíam ondas de calor. Murtagh baixou a cabeça e encolheu-se, mas manteve a mão sobre as gemas e continuou a extrair-lhes energia.

Abrandou o fluxo de energia quando o calor se tornou intolerável. Além desse ponto, as suas próprias proteções seriam espoletadas.

Passaram vários minutos em que o sol em miniatura flamejava, uma fornalha de bolso suspensa por forças invisíveis, alimentada pelo potencial armazenado no interior das joias.

Por fim, sentiu o fluxo diminuir, e a luz e o calor do luminomem reduziram-se. Espremeu as últimas gotículas de energia das gemas, esvaziou-as dos sedimentos finais e deixou-as como frágeis cálices prontos a serem de novo enchidos até cima.

Depois pôs termo ao feitiço, e envolveram-no asas de sombras quando o luminomem desapareceu.

Limpou o suor da testa. Tinha o coração a bater dolorosamente depressa e sentia-se a tremer. Sabia que o feitiço quase o matara. Se o diamante tivesse explodido, duvidava que as suas proteções tivessem sido suficientes para o resguardar.

Apanhou a gema do chão. Ainda estava desconfortavelmente quente. Murtagh nunca antes tivera dificuldade em armazenar energia numa pedra preciosa. Embora, agora que pensava nisso, sempre tivesse usado o rubi no punho da Zar'roc, e essa pedra era muito maior e de muito melhor qualidade, além de estar imbuída de encantamentos élficos. O diamante não

tinha nenhuma dessas vantagens. Provavelmente atingira o limite de armazenamento. Ou isso ou havia muito mais energia armazenada naquela porta do que ele se apercebera.

Voltou a guardar cuidadosamente o diamante na bainha do manto. Aquele era um assunto que precisava de mais atenção, quando ele tivesse tempo.

Endireitou os ombros. Agora, a parte mais perigosa...

Empurrou a porta.

Não se mexeu.

Puxou-a, e ainda assim... permanecia obstinadamente fechada.

Furioso, Murtagh disse:

— *Ládrin*. — *Abrir*.

Colocou a força total da sua intenção na palavra arcana.

Com um estalido, a porta deslizou para dentro sobre dobradiças ocultas. Murtagh aguardou um pouco para ver se ativara uma armadilha, mas não aconteceu nada, por isso voltou a pegar na vela e atravessou o limiar.



Acendeu-se outra luz num pedaço de quartzo incrustado no teto da terceira sala. Sob a luz suave e estática, Murtagh viu um jardim subterrâneo. À direita e à esquerda de um caminho estreito alinhavam-se canteiros de terra rodeados de tijolo, nos quais cresciam árvores, flores, trepadeiras, arbustos e todos os tipos de pequenas ervas lenhosas. O ar era morno e aromatizado com um perfume inebriante, e também húmido, como se uma barra de neblina tivesse pousado naquele chão. Por entre as folhas, soava o caloroso zumbir de abelhas.

Murtagh reconhecia algumas das plantas: plantas curativas, plantas venenosas, plantas para provocar visões e induzir o sono. Mas muitas eram-lhe estranhas. Havia um lírio cujas folhas e caule pareciam feitos de ouro vivo e cujas pétalas eram de um metal esbranquiçado. Uma árvore de ramos pendentes com bagas que cintilavam como cristais de berilo. Cogumelos com chapéus roxos e pedúnculos azulões.

E viu uma planta diferente de tudo o que já encontrara. Tinha um único caule encimado por uma taça carnuda com a forma de um jarro e talvez duas mãos de altura. E lá de dentro saíam pequenos tentáculos cor de

laranja que oscilavam lentamente no ar.

Enquanto observava a planta jarro, passou por ela um pequeno sapo a saltitar. Dois dos tentáculos estenderam-se, velozes como cobras, agarraram o sapo e puxaram-no para a boca da taça, segurando-o lá dentro.

O sapo emitiu o guincho mais baixo e mais inspirador de pena que Murtagh alguma vez ouvira. Depois não fez mais sons.

O seu rosto endureceu, e agarrou no punho da espada de uma mão, em parte decidido a cortar a planta tentaculada ao meio.

Passado um pouco, pensou melhor. Mas manteve a mão na espada enquanto prosseguia pelo caminho. *Que bruxaria é esta?*

Estava tão concentrado nas bizarras vistas que se esqueceu de prestar atenção ao caminho e prendeu um tornozelo na esquina de um tijolo saliente. Deu um passo cambaleado em frente. Quando recuperou, viu uma caixa de cristal pousada entre dois arbustos, quase escondida pelos ramos folhosos. E, dentro da caixa, um objeto oval, preto-azulado, com cerca de meio pé de largura e meio pé de altura. Um ovo. Um ovo de aspeto maléfico.

Olhou-o fixamente, desassossegado. *Que tipo de criatura eclodirá de tal coisa?* Não seria um dragão, isso parecia-lhe garantido, nem qualquer outra criatura sua conhecida. Pela primeira vez em todas as suas viagens, desejou ter consigo Eragon ou Arya. Fosse qual fosse o propósito das salas sob Gil'ead, haviam sido construídas e apetrechadas com séria intencionalidade, e tinha um pressentimento insidioso de que quem as usava era perigoso ao extremo.

Mais uma vez, perguntou-se porque teria aquela pessoa desconhecida um interesse tão pouco saudável nos felinumanos. Voltou o olhar para a porta ao fundo do jardim; a última porta que teria de abrir, ou assim esperava.

Com passos silenciosos, avançou até lá.

A porta não era feita de madeira nem de osso, mas de granito cinzento, sólido e tenaz como uma jura de vingança. A superfície tinha um aspeto seco e texturado, com veios de cobre baço a atravessá-la. Do lado esquerdo tinha uma maçaneta igualmente feita de granito.

Murtagh ficou quieto em frente à porta, desconfiado. Auscultou mentalmente e sentiu... nada. Nenhuma pedra preciosa, nenhuma energia armazenada, nenhuma consciência a observá-lo às escondidas, apenas pedra fria e inerte, com o peso de eras.

Empurrou os pensamentos para lá da porta até à câmara seguinte. Lá também não encontrou nada senão um vazio inexpressivo.

Sentiu a mente petrificar de preocupação e ira. Ter-lhe-ia Carabel contado a verdade sobre Silna? Subitamente, ficou com dúvidas. *E se tudo isto fosse um ardil para me trazer aqui?* Mas por que razão? Para recolher informações para Carabel? Para confrontar o lançador de feitiços que utilizava aquelas câmaras? Estaria Carabel ao serviço de Relgin?

Murtagh não estava porém disposto a desistir da ideia de Silna. Tinha de saber com toda a certeza se ela estava aprisionada sob a caserna. Se não estivesse... Carabel teria muito a pagar.

Agarrou na maçaneta.

O jardim permanecia como antes, com as abelhas a zumbir em fundo.

Puxou.

A porta abriu-se num silêncio perfeito.



A sala seguinte ao jardim era uma cela de pedra vazia. As paredes eram feitas de pedra rudemente extraída – também granito –, não tinha janelas, e havia apenas um suporte de ferro preso à parede ao lado da porta. Sobre o suporte estava um coto de vela.

No chão, amachucado, um cobertor azul-céu. E nada mais.

Aquela visão fez-lhe doer o coração. Por momentos, sentiu-se regressado a Urû'baen, às masmorras sob a cidadela – ele e Thorn –, a ouvir os gritos de outros prisioneiros enquanto o poder esmagador da mente do rei se abatia sobre si. As paredes pareciam aproximar-se e ele sentiu, subitamente, que estava a grande profundidade, sozinho e isolado, preso na escuridão de ar rarefeito.

Apanhou o cobertor do chão. Pouco maior era que um lenço e cheirava a... cheirava a medo. Silna, ou outra criança, estivera ali presa. Isso parecia-lhe garantido.

Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas que não caíram.

Pestanejou e olhou com mais atenção para a parede do fundo. Estaria alguma coisa na... *Sim*. Uma ténue linha de giz branco. Percorreu-a com o olhar e descobriu que a linha formava um arco desde o chão até à altura da sua cabeça.

Um arco ou uma passagem. A *ideia* de uma passagem. Um desejo de liberdade.

Tocou na parede do fundo. Era dura, sem qualquer indício de movimento, e, quando bateu na pedra, esta pareceu-lhe sólida.

Sentiu que lhe faltava a respiração e foi tomado bruscamente por um acesso opressivo; cerrou os punhos, os dentes, e rangeu-os.

Pagariam por aquilo. Pagariam todos pelo que haviam feito à cria felinmana, e ele ensinar-lhes-ia a temê-lo como haviam temido o seu pai. Mesmo que Silna ainda estivesse viva, mesmo que ainda conseguisse encontrá-la, descartaria o seu disfarce e lançaria a ruína sobre os seus captores.

– Malditos – murmurou e deu meia-volta para se ir embora.

Uma mancha desfocada de pelo malhado saltou na direção dele, vinda do canto da cela. Sentiu um peso acertar-lhe no pescoço e nos ombros, e ecoaram-lhe aos ouvidos sibilos e uivos enquanto uma chuva de garras brancas lhe arranhava o pescoço.

CAPÍTULO XII



Caminhos para a escuridão

Os feitiços de proteção de Murtagh defenderam-no da criatura que tentava matá-lo, mas a surpresa do ataque fê-lo desequilibrar-se para trás e embater na esquina da porta. O impacto levou-o a cair sobre um joelho.

Apesar das proteções, o instinto levou-o a manter os olhos completamente fechados. Palpou até as suas mãos se fecharem sobre uma pelugem quente e então arrancou do pescoço a criatura que pontapeava, arranhava e cuspia.

Só então conseguiu vê-la devidamente.

Silna!

A cria era uma gata com pelugem malhada com um par de grandes olhos verdes semicerrados de fúria, orelhas espalmadas com tufos de pelos, cauda eriçada e patas pesadas que arranhavam o ar. A felinumana tinha a dimensão aproximada de um gato doméstico, e a sua cabeça tinha a aparência sobredimensionada distintiva dos gatinhos bebés.

– Chh, chh – tentava Murtagh dizer de uma maneira calmante, mas a felinumana continuava a torcer-se e a morder numa tentativa desesperada de escapar.

Finalmente, ele disse:

– *Silna! Eka fricai. Eka fricai. – Eu sou amigo.*

A felinumana parou de arranhar e ficou a olhá-lo com um semblante fixo e hostil.

Murtagh hesitou e depois pousou-a cuidadosamente no chão e largou-a.

A faixa de pelo sobre a coluna de Silna permaneceu eriçada. Mas ela não fugiu. Parecia, constatava Murtagh com alívio, ilesa, embora dolorosamente magra.

Estendeu-lhe as mãos com as palmas viradas para cima.

– Consegues perceber o que eu digo? Carabel enviou-me à tua procura.
Os lábios de Silna recuaram, revelando os seus dentes brancos e afiados.
– Sou amigo – insistiu Murtagh.

Alcançou a mente da felinumana com os seus pensamentos. No instante em que lhe tocou na consciência, ela ciciou, e ele não sentiu nada senão medo da parte dela.

Retirou-se da mente da cria.

– Desculpa-me. Desculpa. Compreendes?

Os olhos fendidos da felinumana alternavam entre Murtagh e a porta aberta, e ele apercebeu-se de que ainda estava a bloquear o caminho. Não se mexeu.

– Posso ajudar-te a sair daqui, mas terás de confiar em mim.

Estendeu uma mão na direção dela, como faria a um cavalo arisco.

Silna emitiu um pequeno cicio mas não recuou.

É um começo.

– Consegues mudar de forma? – perguntou. – Se assim fosse, poderíamos falar. Se é que falas...

Murtagh perguntou-se com que idade ganhariam os felinumanos a capacidade de mudar de forma. Nasceriam já com ela?

Encostou-se a um dos lados da porta, abrindo espaço para Silna passar.

– Anda – disse num tom de voz adulator. – Vem comigo.

Os olhos da felinumana voltaram a mexer-se, e então ela disparou para a frente, ultrapassando-o antes de ele conseguir reagir.

– Raios!

Murtagh pôs-se de pé, vendo Silna avançar velozmente para o extremo oposto do jardim arcano.

Imediatamente antes de ela chegar à porta para a oficina de alquimia, ouviu-se uma voz vinda lá da frente. A voz de Esva:

– ... e eu era capaz de jurar que tinha ouvido alguma coisa, por isso fui ter diretamente consigo. Veja!

Silna deslizou até parar e voltou velozmente para trás.

Na oficina, Murtagh viu Esva, três outros guardas e o mágico de cabelo quase branco dos Du Vrangr Gata. Esva ficou boquiaberto ao ver Silna. Se era da surpresa por ela se ter escapulado ou por ver uma felinumana, não sabia.

Nem queria descobrir.

Abriu a boca para proferir a Palavra e quebrar quaisquer feitiços que protegessem os homens ou que fossem lançados a si ou a Silna. Mas antes de conseguir emitir qualquer som os homens avistaram-no, e espetou-se-lhe na mente uma lâmina de pensamento; o mágico atacava-o na sua mais profunda essência.

Fica!

Murtagh arremessou a palavra à consciência de Silna e depois recolheu-se em si mesmo, como se fosse uma tartaruga, escudando a sua mente com uma concentração cega.

– Não me apanharás. Não me apanharás.

Não ousava deixar que o mágico lhe visse os pensamentos e, por causa disso, não ousava afrouxar as defesas a ponto de poder proferir a Palavra e fazer a sua própria magia. Não enquanto não ganhasse o controlo da mente do inimigo.

A cria felinmana encolheu-se atrás da patinha traseira e ciciou.

Os três guardas atacaram: um na dianteira, os outros dois atrás desse.

Murtagh varreu o ar com o manto para lhes tapar o campo de visão – o que os fez estremecer – e aproveitou a ocultação momentânea para desembainhar a sua espada de uma mão.

A manobra de distração permitiu-lhe ser o primeiro a atacar. Golpeou o homem da frente na anca direita, e a ponta da lâmina foi desviada por uma barreira invisível a uma polegada de distância da pele do guarda.

Raios!

Foi então o guarda atacou Murtagh com a espada, obrigando-o a baixar-se. Técnica apurada não salvaria o dia. Tinha de descobrir uma forma de contornar as proteções do guarda.

Saltou-lhe à mente a sua desventura com Muckmaw.

Muito bem. Preparou-se e atirou com o ombro contra o peito do guarda, lançando-o para o outro lado da sala. As proteções do guarda impediram-no de ficar arranhado, ou pior, ao cair sobre dois arbustos, mas nada fizeram para evitar que a sua cabeça se virasse para o lado, embatendo na caixa de cristal que continha o ovo preto-azulado, atordoando o pobre homem.

A caixa cobriu-se de uma teia de fendas.

O soldado seguinte deu um berro e empunhou uma lança na direção do rosto de Murtagh. Este deixou que as suas proteções defletissem o golpe enquanto avançava velozmente e batia com as duas mãos – a direita ainda a

segurar na espada – nas laterais do capacete do guarda. O homem gritou, deixou cair a lança e soçobrou.

Tal como Murtagh suspeitava. Não tinha proteções contra o som.

O terceiro guarda investiu contra ele com um pique de ponta afiada. Murtagh desviou-se e bateu com o punho da sua espada no cimo do capacete do homem. O impacto deixou o guarda abalado, e Murtagh complementou-o com outra pancada em ambos os lados da cabeça do homem, atirando-o a cambalear para uma cama de lírios.

Durante todo esse tempo, Murtagh conseguia sentir o mágico tentar perfurar-lhe a mente. O pescoço do homem tinha cordas salientes por causa do esforço, os lábios estavam brancos de tão apertados contra os dentes visíveis, e as mãos trabalhavam febrilmente dentro das mangas da túnica.

Murtagh começou a dirigir-se para ele, mas Esva pôs-se à frente do mágico e ergueu a espada.

– Afasta-te – disse Murtagh por entre dentes cerrados.

Esva manteve-se na sua posição. Tinha o rosto vermelho de fúria, mas também de uma inocência magoada que se tornava insuportável para Murtagh.

– Tu *juraste* – disse Esva. – Tu *juraste*. Eu estava lá. E traíste-nos!

– Não te quero fazer mal – disse Murtagh. – Afasta-te.

Passou-lhe um zângão junto ao rosto. Tinha o corpo azul iridescente.

Esva abanou a cabeça, com um semblante de obstinada determinação, e deu meio passo em frente.

– Nunca! Tu atacaste a guarda. Antes morrer que deixar-te passar. *Traidor!*

Já lhe haviam chamado coisas piores. Deitou um olhar de relance aos homens deitados no chão a gemer; não constituiriam problema. Silna continuava agachada no chão junto a si, por enquanto a salvo.

– Mata-o – disse o mágico, a sua voz tensa.

– Tu não estás à minha altura – disse Murtagh. Soava mais calmo do que se sentia.

O lábio superior de Esva enrolou-se.

– Não interessa. É o meu *dever*.

E avançou, esticando o branco numa longa estocada apontada ao pescoço de Murtagh.

Murtagh desviou-se, aproximou-se mais e acertou com o punho da espada no capacete de Esvar. O homem mais novo caiu sobre um joelho, e Murtagh estava quase a passar por ele quando Esvar se atirou de ombros contra os joelhos de Murtagh.

Os seus joelhos foram empurrados para trás e das articulações irradiaram choques relampejantes de dor. Murtagh cambaleou para trás e viu, com algum espanto, Esvar pôr-se de pé e abanar a cabeça. Escorria-lhe da orelha esquerda um fio de sangue.

– A minha mãe sempre disse que eu tinha a cabeça rija – disse Esvar, soturno. Voltou a empunhar a espada. – Podes deixar-me surdo de tanta pancada, Task, mas terás de me matar para passares por mim.

A frustração de Murtagh ferveu até se tornar fúria, e lançou vários golpes aos ombros e às ancas de Esvar, na esperança de que, se algum deles lhe acertasse, o ferimento não fosse fatal nem incapacitante. Mas nenhum acertou. As proteções de Esvar continuavam a defendê-lo. O impacto da lâmina contra os feitiços espoletava faíscas da espada de Murtagh, e ele viu que a ponta estava partida.

Desejou ter a Zar'roc na mão. Mesmo que a espada encantada não conseguisse perfurar as proteções de Esvar, o seu aço reluzente não se partiria.

Esvar recuou diante dos golpes. Recuperou e respondeu com outra estocada, tentando atingir Murtagh no pescoço e na cintura.

– Porque. Não. *Desistes!* – gritou Murtagh, a sua ira crescendo como uma tempestade.

Desferiu uma série de golpes pesados em Esvar, conseguindo atravessar a posição de defesa do guarda e fazendo-o cair de joelhos. O ataque de Murtagh não tinha qualquer elegância, arte, graciosidade ou inteligência que lhe haviam sido ensinadas por Tornac, apenas força bruta. Ainda assim, as proteções de Esvar resistiam. A espada de Murtagh escorregava-lhe nas roupas e na pele como se fossem gelo oleado.

Murtagh percebia que as proteções estavam a desgastar Esvar, mas não mais depressa do que os golpes o cansavam a si.

Esvar reagiu com um ataque às cegas na direção das pernas de Murtagh. Murtagh deixou o golpe ricochetear-lhe da anca e martelou o ombro do guarda com cada fibra do seu ser, como se estivesse a tentar partir ao meio o próprio planeta.

Ting!

A sua espada estilhaçou-se, e metade voou em espiral pela sala, indo espetar-se numa porção de osso de dragão.

Murtagh esfaqueou-o com o caco de arestas como agulhas que ficara preso ao punho e...

... o bocado de metal dentado aterrou no peito de Esvar, entre o pescoço e o ombro, junto à clavícula.

Os olhos do guarda esbugalharam-se e ele caiu de rabo, atordado. Levou uma mão ao peito e moveu os lábios várias vezes, mas nenhuma palavra saiu.

Num ápice, a fúria de Murtagh tornou-se remorso, mágoa e repulsa por aquilo que fizera. Aquilo foi distração suficiente para o mágico mergulhar mais fundo na sua mente, puxando e rasgando numa tentativa de controlar os pensamentos de Murtagh.

– Ah, *nem* penses! – rugiu, dando por fim ao lançador de feitiços a sua atenção completa.

Atacou a consciência do homem de túnica, sem qualquer restrição, apenas à procura de assoberbar, esmagar e eliminar.

As defesas mentais do lançador de feitiços esmigalharam-se sob aquela chacina, e Murtagh recebeu um breve relampejo de imagens do homem – chamava-se Arven e estava extremamente assustado com, com... – e então o mágico revirou os olhos e caiu para o lado.

Murtagh agarrou-o e baixou-o até ao chão. Nunca antes vira alguém desmaiar durante uma batalha mental.

– Porquê? – perguntou Esvar numa voz cândida. Brilhavam-lhe lágrimas nos olhos. – Porque farias isto? Eu pensei... pensei que querias fazer parte da vigia. Porquê, porquê, porquê?

– Quem me dera poder – disse Murtagh. Fez um gesto na direção da silhueta agachada de Silna. – Mas há coisas mais importantes que juramentos.

Os olhos de Esvar mergulharam em confusão.

– Que tem um *gato* que ver com isto? Não percebo.

– Ainda bem que não percebes – disse Murtagh. Hesitou e depois agarrou com força no punho da espada espetada em Esvar. O jovem ficou tenso e ergueu uma mão como que para o deter. – Morde a manga. Isto vai doer.

Murtagh reuniu toda a sua intenção e disse:

– *Waise heill.*

Em simultâneo, arrancou a lâmina do peito de Esvar.

O jovem arqueou as costas, e as cordas dos músculos do pescoço ficaram salientes enquanto as suas mãos em forma de garra raspavam no chão. Formou-se uma poça de sangue em redor da lâmina partida enquanto esta deslizava para fora, e depois os músculos e a pele voltaram a unir-se, deixando no seu lugar a carne completamente ilesa.

Esvar caiu de costas, inerte, e Murtagh abanou-o com uma súbita exaustão.

– Porquê? – sussurrou Esvar. – Fizeste um juramento, Task.

Murtagh cerrou e descerrou os punhos.

– Desculpa. A vigia não é aquilo que tu julgas ser.

Quando se virou para ir embora, detetou algo em redor do pescoço de Arven. Seguindo um palpite súbito, Murtagh baixou-se, enfiou os dedos no interior do colarinho do mágico e puxou para fora...

Um amuleto em forma de caveira de pássaro, idêntico ao que Sarros usava em Ceunon.

Murtagh ficou a olhá-lo por instantes, e depois cobriu o amuleto com a mão e, com um puxão, arrancou-o do pescoço de Arven. Estava de costas para Silna e achava que ela não o vira fazê-lo. Preferia assim. Enfiou o amuleto na bolsa presa no cinto – juntamente com o outro de Ceunon – ao pôr-se de pé.

Voltou-se para Silna e disse:

– Anda.

A felinumana seguiu-o a trote enquanto ele caminhava a passo largo para fora do jardim e através das salas que se lhe seguiam.



Quando Murtagh entrou no túnel das catacumbas, ouviu vozes e estalidos de armaduras a ecoar pelas escadas que conduziam à caserna.

Porque demoraram tanto tempo?, perguntou-se.

Para a esquerda, o túnel seguia sob a fortaleza. Essa direção continha mais inimigos e uma fuga incerta.

Para direita, a passagem levá-lo-ia por baixo da zona principal de Gil'ead. Era a sua melhor hipótese de se escapulir sem mais uma luta.

Silna tentou passar-lhe à frente, mas ele agarrou-a em volta da barriga.

– Ah, ah. Não me parece – murmurou, levantando-a do chão.

Ela tentou saracotear-se para se libertar, mas ele apertou-a contra o flanco e virou à direita, correndo para o desconhecido. Para seu alívio, não o mordeu nem arranhou.

O som dos seus passos retumbantes ultrapassou-os no escuro.

O túnel descreveu uma curva. Assim que a escadaria já não era visível, Murtagh sussurrou:

– *Brisingr.*

Formou-se uma pequena chama vermelha acima da sua cabeça, permitindo-lhe ver o caminho.

Silna rosnou à luz, e as suas pupilas contraíram-se até ficarem finas como um fio.

– Silêncio.

Umas quantas centenas de pés mais à frente, chegou a um gradeamento de ferro que bloqueava o túnel. Agarrou nas grades e abanou-as. Choveram sobre si flocos de ferrugem, mas o metal aguentou-se.

– *Jierda!*

O metal partiu-se como madeira podre, e Murtagh empurrou as raspas contra a parede e avançou apressadamente.

Sentiu as botas chapinhar. Corria um fino riacho pelo meio do túnel, e as paredes pingavam de humidade. Uma ratazana do tamanho de um cão pequeno guinchou quando o viu a ele e à felinmana e escapou-se para dentro de um buraco na parede de pedra.

Atrás de si, Murtagh ouviu gritos e vitupérios e lanças a chocar contra escudos. Acelerou o ritmo o mais que conseguia sem escorregar na pedra molhada.

Silna contorceu-se no seu braço, e ele apertou-a um pouco mais.

O túnel dividia-se em quatro direções. Sem saber ao certo, optou pelo ramo mais à esquerda. Não muito longe dali, nova divisão, depois outra, e Murtagh apercebeu-se de que não fazia a menor ideia da direção em que seguia. No então, não desesperou. Tornac ensinara-lhe um truque para superar o labirinto de sebes na propriedade de Lorde Varis, que consistia em virar sempre na mesma direção – esquerda ou direita, não era relevante,

desde que se fosse consistente. Solucionar um labirinto dessa forma podia levar algum tempo, mas se existisse um caminho para o lado de lá, proceder assim levava sempre a descobri-lo.

Assim sendo, Murtagh virou à esquerda sempre que pôde. Por duas vezes, teve de voltar a cortar grades de ferro, mas, ao invés da primeira vez, demorou-se – durante uns preciosos segundos – a voltar a unir as grades, tanto para a inconveniência dos seus perseguidores como para ocultar o seu rastro. Só esperava que as catacumbas tivessem mais do que uma saída e que ele não chegasse à saída e encontrasse metade da guarnição da cidade à sua espera.

Mesmo com o luminomem, o breu era opressivo, e as paredes pareciam estar desconfortavelmente perto. Murtagh sentia-se como se não fosse mais que um inseto a rastejar pelas entranhas da terra. Detestava a escuridão e a humidade e as memórias de ter estado aprisionado em Urû'baen.

Tentou não recordar, mas pensar em Esva e na cela oculta atrás da porta de pedra não era de todo mais agradável. *Quebrador de juramentos, é isso que eu sou.* E sabia que assim era porque *quebrador de juramentos* integrava o seu nome verdadeiro.

A felinmana continuava a debater-se e a queixar-se, por isso, por fim, ele disse:

– *Está bem. Queres ir para o chão? Então, vá.*

E deixou-a pousar nas pedras molhadas.

Silna ciciou, o pelo ainda eriçado, e agachou-se a olhar para um lado e para o outro do túnel escuro, insegura.

Murtagh analisou-a. Os gatos não eram fiáveis como os cães, e os felinmanos eram ainda mais enigmáticos do que os gatos comuns, mas começava a perguntar-se que mais teria de fazer para merecer a confiança dela.

– Está tudo bem – disse num tom de voz suave. Quando isso não produziu resposta, fez um gesto nas várias direções. – Qual delas será, hum? Quanto a ti, não sei, mas eu gostava de escapar daqui com a minha pele intacta. Vem comigo e darei o meu melhor para te manter segura.

A ponta da cauda de Silna estremeceu.

Murtagh deu um passo em frente. Olhou para trás.

A felinmana não se mexeu.

Deu mais uns quantos passos. Silna continuava inamovível. Na penumbra, a sua pelugem malhada quase desaparecia, apenas mais uma sombra entre a escuridão abrangente.

Continuou a andar, e assim que o brilho do seu luminomem deixou de iluminar o sítio onde Silna ficara ouviu o ténue som de patinhas a seguirem-no.

Quando se virou para olhar para ela, Silna sentou-se imediatamente e começou a lamber uma pata, como se nada tivesse acontecido.

Murtagh fungou e continuou a caminhar. Sentiu-se confiante de que ela se manteria perto dele, mas, em nome da segurança, abriu a mente e libertou um pequeníssimo auscultador: apenas o suficiente para sentir a presença dela.

Mantendo-se assim, prosseguiram.

Caminharam os dois durante o que pareciam horas. Há muito que deviam ter deixado Gil'ead para trás, mas os túneis formavam um ninho emaranhado de aberturas intersetadas e sobrepostas. *Quem terá escavado estes túneis?*, perguntava-se Murtagh. Parecia-lhe por vezes que os túneis eram formações naturais; chegou mesmo a chocar com a cabeça contra uma estalactite num canto escuro. Aquele labirinto não fazia qualquer sentido. Fazia lembrar as linhas escavadas pelas baratas sob a casca das árvores.

Ainda assim, corriam, e Murtagh fazia os possíveis por evitar qualquer passagem que descesse mais profundamente para o interior da terra, mesmo que isso significasse ignorar outra curva à esquerda. Se fossem parar a um nível inferior, duvidava que alguma vez conseguissem encontrar a saída, a não ser através de um feitiço que os conduzisse de novo à superfície.

Parecia-lhe por vezes ouvir vozes atrás de si, à sua frente, vindas dos lados, mas eram sempre fantasmas. Os enunciadores nunca se materializavam, e ele começou a pensar que estava a imaginar coisas.

Ao longo de tudo aquilo, não ousou contactar Thorn. Se Arven ou qualquer outro mágico dos Du Vrangr Gata andassem à sua procura – ou mesmo algum elfo –, seguramente reparariam na sua mente a emitir.

Por isso, Murtagh confinou os seus pensamentos a si mesmo, e ele e Silna trotaram juntos em silêncio.

Finalmente!

À frente deles, o túnel iluminava-se num ténue brilho prateado, e Murtagh ouviu o borbulhar contínuo de água a correr.

– Mantém-te perto de mim – sussurrou a Silna.

Depois, apagou o luminomem, enrolou o manto à cintura para não se lhe enrodilhar nas pernas e arrancou em diante.

A passagem estreitou-se a ponto de ter de se baixar bastante, e a luz intensificou-se, até que...

Murtagh viu o fim do túnel. Um fim coberto por uma grade de ferro, que dava para um ribeiro com margens baixas e enlameadas. Sobre a grade e o ribeiro desenhava-se o arco de uma ponte de madeira. Da ponte ecoavam numerosos passos.

Aliviado, Murtagh baixou-se, encostado à parede de pedra encurvada. Depreendendo a partir das estrelas no céu e do luar na água, ele e Silna haviam passado a maior parte da noite nos túneis. Parecia ter sido mais tempo que isso.

Ainda se encontravam em Gil’ead; viam-se edifícios em ambos os lados da ponte, e ao longo das margens do ribeiro marchavam homens da guarda, gritando ordens uns aos outros. Parecia que todos os soldados da cidade haviam sido espicaçados, o que era expectável.

Silna esgueirou-se para o seu lado. Tinha as orelhas espetadas, rodando para localizar o som dos passos.

– Espera – sussurrou.

Tremeu-lhe uma orelha e, após um momento, a felinumania deitou-se de barriga no chão e enrolou a cauda à volta do corpo. Desde que lhe pegara ao colo, ela nunca se lhe chegara tão perto. Murtagh conseguia sentir o aroma almiscarado do pelo molhado, e os pelos ao longo da cauda dela faziam-lhe cócegas nas costas da mão esquerda.

Confiante de que ela não se preparava para lhe escapar, Murtagh arriscou o envio de um pensamento exploratório na direção de onde ele cria que Thorn se escondia.

Encontrou quase de imediato a mente do dragão, e estava mais próxima do que ele esperava; apenas a cerca de meia milha das muralhas da cidade, no meio de um tufo de roseiras silvestres.

Chegou-lhe de Thorn uma turbulenta onda de alegria, alívio e ira.

– *Ah, estás aí!* – rugiu o dragão.

– *Estou aqui.*
– *Pensei que teria de desmontar Gil’ead pedra por pedra para te encontrar.*
– *Foi por um triz – disse Murtagh.*
– *Como correu? Salvaste a...*
– *Sim. Mas não é seguro falarmos assim. E tu? Estás em algum tipo de perigo?*
– *Há soldados a fazerem buscas nos campos, mas nenhum deles me avistou nem me farejou.*

Apesar das suas palavras, Murtagh sentiu Thorn aninhar-se mais aprofundadamente nos arbustos de roseiras, bem como a dor de quando os espinhos se lhe espetavam nas delicadas asas.

– *Está bem. Fica onde estás, irei ter contigo assim que puder.*

Um som nasal profundo chegou-lhe da mente de Thorn.

– *Tem cuidado.*

– *Sempre.*

Separaram os seus pensamentos, e Murtagh enrolou o manto à volta dos braços e instalou-se numa posição mais confortável. Agora, tinha de arranjar maneira de levar Silna a Carabel. Havia demasiada gente na ponte e pelas ruas para correr o risco de sair dali, mas, se esperassem demasiado, o sol nasceria, e ele perderia a sua oportunidade, e *não* queria ter de esperar pela noite seguinte.

A dada altura, podia ocorrer a algum dos guardas inspecionar o gradeamento onde eles estavam escondidos.

Olhou para Silna. A gatinha pestanejou e olhou também para ele.

– *Porque é que eles te queriam? – perguntou. – Que é que te fizeram?*

O pelo da felinmana eriçou-se, e ela desviou o olhar.

Murtagh não sabia porque esperara alguma coisa de diferente.

Fechou os olhos por um segundo e depois mudou de ideias. Nada de descanso para si até Silna estar em segurança com os seus e ele ter há muito deixado Gil’ead. Além disso, provavelmente não conseguiria relaxar o bastante para adormecer.

Ainda conseguia ouvir Esva na sua mente a perguntar *porquê, porquê, porquê*. Murtagh encostou a base da mão à têmpora, tentando empurrar a voz para fora da sua cabeça. Não conseguiu, e preocupava-o não o conseguir durante dias a fio.

Para se distrair, tirou para fora o compêndio de que se apropriara – *que palavra elegante para «roubara»* –, pôs um ínfimo luminomem vermelho a arder por cima das páginas e começou a memorizar as palavras da língua antiga. Num instante descobriu dúzias cuja utilidade conseguia perspetivar. E a descoberta enchia-o de arreigada determinação. Só o compêndio já compensava todas as suas desventuras dos últimos dois dias. Com ele, poderia começar a colmatar as falhas da sua educação arcana, uma perspetiva que acolhia com grande agrado.

Silna farejou o canto do livro. Enrugou o nariz.

Murtagh voltou a sentir a dor espalhada pelo antebraço esquerdo enquanto lia e, por essa razão, demorou a reparar numa comichão nas costas do pulso e da mão. Por fim, tornou-se suficientemente intensa para olhar para baixo.

Uma grande aranha preta rastejara para cima dele. Obrigou-se a não reagir, embora isso requeresse toda a sua força de vontade. Se não se conseguisse controlar ficaria à mercê das circunstâncias, e recusava-se a aceitar tamanho desamparo.

Ainda assim, sentiu-se nauseado, e a repulsa dava-lhe vontade de sacudir dali a aranha.

Com passos minúsculos, a aranha atravessou a mão e passou para as páginas do livro. Os pezinhos da criatura produziam, com os seus ganchos, um ténue esgaravatar contra o papel.

Murtagh inclinou o livro contra a parede e deixou a aranha correr para a parede. A aranha parou a poucas polegadas de distância, um amontoado de pernas do tamanho de um punho. Silna olhou para ela, aparentemente sem interesse.

Murtagh esticou o braço, pousou o polegar sobre a aranha e pressionou com força. O abdómen rachou como uma uva madura e soltou icor amarelo.

As orelhas da felinumania recuaram. Silna esticou o pescoço e tocou na aranha morta com o nariz.

Murtagh retomou a leitura.

Enquanto percorria as colunas de runas, escutava a multidão. Quando as ruas se silenciaram por algum tempo e não ouvia outros sons senão o borbulhar da água e o esvoaçar dos noitibós a perseguirem as suas refeições matinais, extinguiu o luminomem e guardou o livro.

– Prepara-te – sussurrou para Silna e inclinou-se para a frente.

As barras de metal do gradeamento não eram muito diferentes das que ele encontrara pelo caminho.

– *Kverst* – disse em voz baixa e passou um pelo metal frio e corroído.

As barras afastaram-se a tilintar como sinetas, e Murtagh ergueu a grade do sítio onde estava e pousou-a num dos lados. Pôs-se de novo a escutar para perceber se havia gente ali parada ou de passagem – não ousava usar a mente para auscultar aquela zona – e depois içou-se do túnel e caiu uns quantos de pés até ao campo enlameado lá em baixo. Virou-se para trás e esticou o braço para Silna.

– Anda lá – sussurrou, abanando os dedos.

Por fim, a pequena felinmana caminhou até à entrada do túnel e permitiu-lhe que pegasse nela e a depositasse no chão, ao seu lado.

– Pior que um dragão – resmoneou.

Empurrou a grade até voltar a ficar na posição original e depois disse:

– *Thrysta*.

O feitiço forçou o metal a voltar à sua forma. Seria preciso um martelo e o cinzel para voltar a libertar o gradeamento.

Murtagh enrolou o manto vermelho da guarda em volta de um braço enquanto conduzia Silna para saírem de baixo da ponte. Olhou para as margens do ribeiro, em ambos os sentidos, e – achando-as vazias – subiu até à rua.

Virou-se para confirmar que Silna o seguia.

No instante em que a felinmana deixou o topo da ladeira, desatou a correr por entre os edifícios, acelerando mais que um humano conseguiria, com a cauda hirta a desenhar círculos atrás dela.

Murtagh praguejou e começou a correr atrás dela, mas Silna já tinha desaparecido na cidade, e ele via as pessoas a olharem-no do outro lado da rua. Arriscou uma abertura da mente, mas... era como se a felinmana tivesse deixado de existir. As únicas coisas que ele conseguia sentir eram humanos e cães e os pensamentos autoindulgentes de um gato vadio com as pontas das orelhas cortadas que estava sentado sobre uma vedação de tábuas.

Praguejou e voltou a praguejar.

Não havia nada a fazer. Silna desaparecera, e ele não estava nada confiante de conseguir voltar a encontrá-la, mesmo que procurasse durante dias. Só lhe restava a esperança de os guardas não a detetarem e de ela

conseguir regressar aos seus.

Praguejou uma vez mais. Tinha resgatado Silna. Mas será que Carabel lhe daria as respostas que procurava se ele não lhe conseguisse entregar a cria? Ruminou a pergunta durante algum tempo, o que lhe deixou um gosto desagradável na língua.

Se a felinmana se recusasse... Ele insistiria. Disso tinha a certeza. Uma promessa era uma promessa. Depois de tudo o que fizera por Carabel, tinha direito às suas respostas. E se, por insistir, acabasse por virar os felinmanos todos contra si – e contra Thorn –, bem, seria esse o preço que eles teriam de pagar.

Só havia uma forma de descobrir.

Cobriu a cabeça com o capuz e apressou-se a embrenhar-se em Gil'ead.

CAPÍTULO XIII



Confronto com uma gata

A alvorada mal começara, e tudo estava cinzento e silencioso, à exceção dos ocasionais passos de soldados e dos gritos da guarda.

Uma abordagem direta à fortaleza teria sido um suicídio, por isso Murtagh evitou o centro da cidade e manteve-se em ruelas e ruas laterais sempre que possível.

As poucas pessoas que encontrava lançavam-lhe olhares desconfiados, mas nada além do que requeria a situação. Gil'ead inteira estava tensa, alerta, como se a violência pudesse eclodir a qualquer instante. Sempre que erguia o olhar, fechavam-se portadas de janelas, aparentemente por si mesmas, e via guardas posicionados nas vias principais.

Enquanto atravessava a cidade, Murtagh não conseguia deixar de se preocupar com Silna. Mesmo tendo sido a felinumana difícil e arrogante, esperava que estivesse em segurança e que os guardas não a apanhassem. Era tão pequena e tão nova... *Devia ter sido mais eficiente a tomar conta dela*, pensou.

Ao aproximar-se da fortaleza, abrandou para um passo curto, não se querendo atirar de cabeça para uma situação perigosa.

Sem grande dificuldade, encontrou a casa para onde o levara Bertolf, o servente de Carabel. Perguntou-se se Carabel seria a proprietária daquele elegante edifício ou se tinha algum tipo de acordo com quem fosse o dono. Parecia arriscado andar a entrar e a sair de um túnel secreto numa propriedade sem saber quem o poderia estar a ver.

Com passo rápido, desceu os degraus de pedra até ao poço a cerca de dez pés de profundidade. Lá chegado, empurrou na mesma peça gravada que Bertolf empurrara, e a porta oculta abriu-se.

Murtagh não estava desejoso de voltar a entrar num túnel, mas pelo menos este ele já conhecia, e era muito, mas muito menor que o labirinto em que passara grande parte na noite a vaguear. Aquele pensamento lembrou-o do sono que tinha em falta, e conteve um forte bocejo. Duas noites difíceis seguidas tinham o seu preço.

Baixou-se e passou por baixo do lintel. Nas suas costas, a porta fechou-se com um baque numa determinação mortífera, e Murtagh foi engolido pela escuridão.

Algures à sua frente soaram os passos leves de um rato.

– Que bom – disse, avançando com uma mão encostada à parede para se equilibrar. – Já cá faltava.



Murtagh resmoneou quando, ao entrar no armazém no extremo do túnel, bateu com a canela na aresta de um degrau. Quando fechou a outra entrada do túnel, escutou com atenção para deter alguém que estivesse no corredor. Desta vez usou também a mente, enviando os pensamentos em busca criaturas nas proximidades. A única que encontrou foi um rato bastante assustado enfiado numa racha da parede do armazém.

Agora! Murtagh saiu do armazém e avançou velozmente pelas passagens por que Bertolf o conduzira durante a sua última visita. Estava grato por o caminho ser fácil de memorizar e por ser ainda tão cedo que a maioria dos habitantes da fortaleza estaria ainda a dormir. Muitos dos serventes andariam já de roda dos seus afazeres, mas ele não teria de se preocupar com o padeiro do castelo àquela distância da cozinha.

Ainda assim, estava satisfeito por chegar sem incidentes à porta de painéis do escritório da felinmana.

Não se deu ao trabalho de bater; levantou o fecho e empurrou. A porta não estava trancada nem tinha barra de proteção, deslizando para dentro quase sem um som.



Carabel encontrava-se sentada na almofada de veludo atrás da secretária. Assumia a forma de gata, com tufo de pelos nas orelhas e pelos eriçados em roda do pescoço e ao longo da coluna, toda ela de um branco que reluzia como cetim. Tinha cerca de três vezes o tamanho de um gato comum e músculos bem definidos sob a pele, numa indicação de força selvagem.

Ronronava e lambia, com a sua língua rosada, a cabeça desgrenhada de nada mais nada menos que Silna, enrolada ao seu lado, olhos fechados num aparente deleite.

Murtagh deteve-se à entrada do escritório, surpreendido e um pouco atordoado, mas – por vários motivos – aliviado por ver Silna em segurança. Então, avançou e fechou a porta.

– Deduzo que ela a tenha encontrado – disse.

Carabel olhou para ele e aprofundou ainda mais o seu ronronar. Ele sentiu o toque da mente dela, como se estivesse a tentar comunicar consigo através do pensamento, como Thorn.

Murtagh escudou a sua consciência da dela e abanou a cabeça.

– Oh, não. Assim, não. Falamos com palavras ou não falamos de todo.

As orelhas de felinumanas espalmaram-se contra o seu estreito crânio. Depois, a silhueta dela esbateu-se, como se fosse vista através de água ondulada, e após uns quantos segundos aparentava de novo ser um ser humano baixo e magro.

Só que não envergava quaisquer roupas.

Murtagh não se importou. Em circunstâncias diferentes, o corpo dela poderia distraí-lo, mas naquele momento não exercia qualquer efeito sobre ele. Manteve o olhar fixo na felinumana enquanto esta pegou na túnica que estava sobre a secretária e a vestiu.

– Que *inconveniente* – disse Carabel, mostrando as suas pequenas presas pontiagudas.

Silna miou em protesto por ter sido abandonada, e Carabel virou-se para trás e começou a passar delicadamente as unhas afiadas no cimo da cabeça de Silna. A gatinha aninhou-se junto a Carabel, e Murtagh poderia jurar ter visto um sorriso naqueles seus lábios minúsculos.

Murtagh colocou-se no centro do tapete nodoso, mesmo em frente à secretária. Tinha uma desconfortável suspeita a amargar-lhe a mente.

– Vocês são muito chegadas.

– Claro – disse Carabel, lançando um olhar ternurento a Silna. – Ela é minha filha.

– Sua *filha*.

– Uma de muitos, sim. A minha filha mais nova.

– Porque não me disse?

A felinumana olhou para ele com olhos solenes.

– Porque os nomes são algo poderoso. Se soubesse, tornava-se possível aos nossos inimigos descobrirem-no através de si, e então poderiam usar Silna para me atingirem a mim. – Inclinou a cabeça para o lado. – Murtagh, mais do que ninguém, deveria compreender o perigo de um nome, Murtagh, filho de Morzan.

– Não me chame isso.

– Mas é quem é, humano.

Murtagh obrigou-se a controlar o seu temperamento.

– Então eles não sabiam que Silna é sua?

Carabel abanou a cabeça.

– Não.

– Foi por acaso que a levaram?

– Tanto quanto sei.

Murtagh resmoneou e começou a andar de um lado para o outro sobre o tapete.

– Nesse caso, porque é que a raptaram? Perdão, porque é que a *gaptaram*? E às outras crias? Ela disse-lho?

Silna começou a ronronar – um ribombar suave e estável – enquanto Carabel lhe coçava a cabeça. Carabel disse:

– Apenas que esteve envolvido o mágico...

– Arven.

– Sim, era esse o seu nome. E também o Capitão Wren. Falaram de enviá-la algures mais para sul.

A irritação de Murtagh com a felinumana passou para segundo plano, e ele marchava de um lado ao outro do escritório, procurando deslindar a situação.

– Lorde Relgin terá de ser informado. – Parou e olhou incisivamente para Carabel. – Ou foi isto feito segundo ordens dele?

O semblante dela ficou rígido e sério.

– Não sei – disse num tom profundamente suave. – E prefiro não correr o risco de tentar adivinhar. Neste assunto, a segurança só será encontrada na certeza, e, para já, a certeza escapa-nos... Deduzo que não encontrou nenhuma das outras crias?

– Não havia sinal algum delas – disse, e o semblante da gata entristeceu.
– Silna sabe o que lhes aconteceu?

Carabel pousou um braço protetor em redor da filha. Uma visão que provocou uma picada em Murtagh. Apesar da sua irritação, compreendia porque tinha Carabel agido daquela forma. E invejava o cuidado que ela manifestava para com a filha. Compreenderia Silna a sorte que tinha?

– Infelizmente, não – respondeu Carabel. – Não viu nenhuma delas. Conte-me, se não se importa, como a salvou. Gostava de ouvir o relato completo, em detalhe.

– Deve-me respostas, gata – disse Murtagh, soturno.

– E respostas receberá. Mas, primeiro, isto, por favor.

Murtagh respirou fundo e fez o que pôde para pôr de lado a sua impaciência. Não podia recriminar a felinumanana por lho perguntar.

Assim sendo, descreveu o tempo passado no túmulo de Glaedr e a forma como extraiu a escama do dragão da sepultura de terra. E explicou os passos dados para encontrar o sítio onde Murtagh se alimentava e como lutara com o grande peixe e o derrotara.

A felinumanana escutava-o com toda a atenção e, no momento do relato da morte de Muckmaw, disse:

– Sss. Ótimo. Que as ratazanas lhe comam o rabo e que os ossos se lhe esfarelem até serem pó. – Ao lado dela, Silna estremeceu e olhou para a mãe. Carabel retomou as festinhas. – Ao longo dos anos, o peixe comeu muitos felinumanos, humano. É muito bom que esteja morto.

– E conseguiu que eu o matasse por si.

Carabel inclinou a cabeça para o lado.

– Teria conseguido acesso à guarda de outra forma?

– ... Não. Provavelmente não.

Com um ar convencido, a gata bebeu um gole de um cálice pousado na secretária.

– Vê? Isto estava certo. – Acenou elegantemente com a mão. – Pode continuar.

Murtagh cerrou os dentes, mas fez o que ela lhe disse e descreveu a forma como se imiscuía na companhia do Capitão Wren, e depois como chagara às catacumbas sob as casernas.

A felinumana afastou os dedos da mão livre e espetou-os no tampo da secretária.

– Sss. E o que viu depois, humano?

Murtagh fez um gesto na direção de Silna.

– Seguramente a sua filha poderá contar-lho.

– Os seus olhos são diferentes dos dela.

Murtagh emitiu um som gutural. Depois descreveu as duas câmaras que encontrara após a sala de estratégia militar: a oficina de magia e o jardim de plantas raras e desconhecidas. Quando mencionou o ovo bizarro no jardim, Carabel retesou-se, e o seu pelo espetado inchou, como se estivesse assustada.

– Que se passa? – perguntou Murtagh.

– Um erro ancestral que terá de ser corrigido – disse Carabel, inspecionando as pontas das unhas. – Garanto-lhe, Cavaleiro, que me encarregarei de que esse problema seja resolvido.

– E não me diz *em que consiste* o erro?

Os lábios da gata entreabriram-se num pequeno sorriso matreiro.

– Cada porção de informação tem o seu preço, humano. Quanto estaria disposto a pagar por tão belo pedaço?

– Pensava que já fizera por merecê-lo.

Carabel riu-se, a sua voz lembrando moedas de prata a cair.

– Não, não. Cada rato que deseja apanhar é diferente. Cada rato é novo. Este é um assunto à parte.

Murtagh decidiu que falar com a gata era como jogar um jogo de sorte cujas regras mudavam a cada mão. *Muito bem, se tenho de ser malicioso, serei malicioso.*

– Um segredo em troca de um segredo, então. Isso satisfá-la-á?

Carabel lambeu as presas enquanto ponderava.

– Trata-se de um bom segredo, humano?

– Tão bom como todos os que conheço.

– Humm. Uma alegação forte, essa. – Esgaravatou num arranhão da secretária. – Muito bem. Um segredo em troca de um segredo. O ovo pertence às criaturas conhecidas nesta língua como Ra'zac. – Acrescentou

um trinado ao *r* do início do nome, e aquele som provocou um arrepio pela coluna de Murtagh abaixo.

Praguejou explosivamente e andou em círculos antes de se voltar a virar de frente para a secretária.

– A *essas* criaturas pestilentas? Como?

A felinumana inclinou a cabeça para o lado.

– Certamente sabia que Galbatorix escondeu alguns dos ovos deles pelo território.

– Ele nunca falou nisso. – Murtagh fez uma careta, irritado consigo mesmo. – Mas eu devia ter suspeitado. Ele sempre foi desonesto. No entanto, que faz o ovo *aqui*?

No peito de Carabel retumbou um som meio ronronado, meio rugido.

– Essa é, de facto, a grande questão, humano.

– Se eu soubesse o que aquilo era...

Abanou a cabeça. Poderia ter derretido o ovo numa explosão de fogo capaz até de rivalizar com as chamas que Thorn produzia. Tal como dissera Carabel, os Ra'zac eram um erro. Eram caçadores de humanos; pesadelos noturnos que se alimentavam da carne de pessoas. Embora não fossem conhecidos por usar magia e não fossem criaturas inatamente mágicas, como os dragões, as mentes deles – como a de Muckmaw – eram indetetáveis, e até o mais poderoso dos mágicos podia cair nas garras dos seus engodos. Murtagh recordou o momento em que os vira agachados no acampamento onde tinham apanhado e aprisionado Eragon, Saphira e Brom: criaturas alquebradas de capuzes negros que lhes escondiam os bicos de abutres e os olhos redondos e salientes, desprovidos de pupilas e de esclera. Disparara contra eles com o arco e afastara-os. Embora não antes de conseguirem ferir Brom mortalmente...

Sacudiu a sombra do passado.

– Se eu tivesse sabido disto antecipadamente – disse Carabel –, ter-lho-ia dito. Agora, o seu segredo, por favor, humano.

OuvIU-se bater à porta com brusquidão.

Murtagh olhou para lá e então a porta do escritório abriu-se, revelando o rosto largo de Bertolf. O homem perscrutou Murtagh com desconfiança.

– Irá precisar de mim, senhora? Está quase na hora do pequeno-almoço, mas as cozinhas hoje estão atrasadas.

Carabel acenou com uma mão.

– Podes ir por agora, Bertolf. Se eu precisar de ti, toco a sineta.

– Sim, senhora.

O homem fez uma vénia e retirou-se.

A felinmana voltou a concentrar-se em Murtagh, com um semblante feroz e sério.

– Agora, o seu segredo.

Murtagh retirou do cinto o segundo amuleto em forma de caveira de pássaro e pousou-o na secretária. Silna ciciou, arqueou as costas e atirou o amuleto ao chão.

Murtagh baixou-se e apanhou-o. Movimentando-se lentamente, depositou-o no canto da secretária mais afastado de Silna.

A gatinha cuspiu para o amuleto e depois saltou para o chão e foi sentar-se, enrolada, na sólida lareira.

Com uma expressão de desagrado, Carabel prendeu o amuleto numa unha e ergueu-o para o examinar.

– Não consigo compreender – disse. – Já me tinha mostrado esta desagradável quinquilharia. Embora – enrugou o nariz – tenha agora um cheiro diferente.

– Tirei este amuleto ao lançador de feitiços – disse Murtagh.

E mostrou-lhe o amuleto original, que guardava na bolsa presa ao cinto.

As pontas das orelhas peludas de Carabel dobraram-se e tocaram-lhe nos lados da cabeça. Depois, rosnou, uma emanação profunda e gutural que lhe fez vibrar a parte da frente da túnica. Escutar um som tão primevo, tão animalesco, vindo de um ser com um aspeto tão humano, fez eriçarem-se os pelos da nuca de Murtagh.

– Arven. O tal Du Vrangr Gata – disse ela.

– Exato.

– Sss. A situação é pior do que eu receava, Cavaleiro.

Cavaleiro? Devia estar mesmo preocupada. Murtagh voltou a sentar-se e trocou com a felinmana um olhar longo e soturno. Pela primeira vez, sentiu que se compreendiam mutuamente.

– Acho – disse com cuidado deliberado – que melhor seria se me contasse exatamente o que sabe.

Carabel franziu o sobrolho enquanto olhou para o amuleto.

– Creio que tem razão. – Recostou-se na sua almofada. – Por onde começarei?



Um ténue estalido soou na cama de brasas da lareira, e Silna abanou as orelhas, aborrecida. Lá de fora, da muralha externa da fortaleza, chegavam vozes elevadas. Murtagh manteve o olhar fixo em Carabel.

– Comece pela bruxa Bachel – disse.

A felinumana ciciou.

– Sssim. Essa. Muito bem. Já há alguns anos que nos chegam rumores – não mais do que cochichos – de gente estranha a movimentar-se pelo território. Chamam-se a si mesmos *Sonhadores*, e os poucos a quem foram feitas perguntas alegaram servir essa *Bachel*. Quem ela é e o que quer permanece... incerto, mas sabe-se que é capaz de uma magia estranha. – A felinumana apontou para o amuleto. – Procurámos apurar este segredo, humano, pelos nossos próprios e cautelosos meios. Somos curiosos por natureza, e atraídos para perguntas sem resposta como traças para a chama. Cinco dos nossos aventuraram-se no ermo à procura de Bachel, e desses cinco nenhum regressou.

Murtagh escutava com um desassossego crescente.

– Para onde foram eles?

– Para aqui e acolá – disse Carabel com um sorriso desagradável. – Mas suspeito... Bem, ouvir-me-á. É importante que saiba que os *Sonhadores* se tornaram mais frequentes. Quando capturados e interrogados, suicidam-se sem hesitação, mas uma coisa é certa: a sua influência espalha-se por Alagaësia como raízes a esgaravatar o solo. Foram vistos a confraternizar com todas as raças, incluindo elfos e Urgais, e já farejámos a sua intromissão em muitos assuntos negros. Mas, mais uma vez, nada sabemos dos seus objetivos ou causas – só sabemos que as suas pegadas aparecem com cada vez maior frequência, e raramente alheias a sangue ou morte.

Da lareira ouviu-se outro estalido.

A felinumana prosseguiu.

– O amuleto que encontrou em Arven demonstra-o. Quanto a *onde* possa estar Bachel... De poucas em poucas semanas, saem barcos de Ceunon que navegam para norte na Baía de Fundor. Mesmo no inverno, quando o gelo orla a baía e as ondas se tornam maiores e mais perigosas, encontrará navios a empreender essa viagem. Nunca se ausentam por muito tempo. Algumas semanas, no máximo, e depois regressam com a tripulação de

rostos soturnos e bocas fechadas. Os passageiros desses navios variam. É frequente esconderem-lhes os rostos e as mentes, mas já lá vimos muitos mercadores notáveis e muitos descendentes de famílias com títulos aventurarem-se pela baía. Quando de novo se mostram em Ceunon, associam-se aos Sonhadores ou então agindo de formas que parecem servir em benefício destes.

Carabel afastou um pouco mais o amuleto e lambeu o dedo, como que para o limpar.

– No ano passado, falámos com um dos marinheiros que fizeram a viagem.

– E? – perguntou Murtagh. A sua voz troou na sala com um volume estranhamente alto.

A felinumanas ergueu o queixo.

– Ele falou-nos de uma aldeia encostada na Espinha. Uma aldeia onde o chão cheira a ovos podres e onde sai fumo de fumarolas enegrecidas. Disse-nos estas coisas... e depois morreu. Se está decidido a encontrar a bruxa Bachel, é lá que terá de procurar, Ó Murtagh, filho de Morzan.

Ovos podres. Enxofre. Exatamente aquilo para que Umaroth o alertara. Agradava-lhe a confirmação, ainda que o deixasse profundamente inquieto. Mas pedira respostas e agora estava a começar a tê-las.

– Então, a pedra que Sarros me trouxe vem do mesmo sítio onde está Bachel?

Carabel encolheu os ombros.

– Parece provável, mas não posso dar-lhe a certeza.

– E o que acha que querem esses Sonhadores das vossas crias felinumanas?

Os olhos da gata iluminaram-se com fogo vermelho, e ela mostrou as garras.

– Sss. Não sei. Talvez não queiram nada. Talvez isto seja obra apenas dos Du Vrangr Gata. Talvez seja uma vilania particular de Arven. Ou do Capitão Wren. Não sei, mas juro-lhe, Cavaleiro: não descansarei enquanto não descobrir a verdade e salvar ou vingar *todas* as nossas crianças perdidas.

– Ainda bem – disse Murtagh num tom monocórdico. Com sinceridade. O responsável merecia o pior castigo possível. Se fosse apenas Arven, então a justiça já fora feita, embora duvidasse disso.

Quanto mais Murtagh pensava naquela situação, pior se sentia. Se os Sonhadores se tivessem infiltrado nos Du Vrangr Gata – ou recrutado aí simpatizantes – sem levantar suspeitas, só isso já era suficientemente alarmante. Mas, se o que a gata dissera fosse verdade, operavam numa escala maior e com um objetivo mais lato em mente, e já haviam somado uma perigosamente vasta influência. Aperceber-se disso deixava-o arrepiado. Como poderiam ter permanecido tanto tempo sem serem detetados? Que poder detinham sobre os que alistavam?

Têm de ser detidos, pensou.

– Já informou Nasuada, Arya ou Eragon acerca disto?

– Ainda não.

– Porquê?

Carabel lançou-lhe um olhar fulminante.

– Cochichos e suspeitas não chegam para se reunir um exército, incitar uma rainha ou convocar o líder dos Cavaleiros. Temos de compreender bem a ameaça primeiro.

– Quer dizer que alguém tem de ir a essa aldeia.

– Ir. E voltar.

– Talvez. Mas eu diria que isto – tocou no amuleto com a ponta do dedo – é prova bastante de que a preocupação é legítima. Isto e os raptos das vossas crias.

A expressão de Carabel amargou.

– Mais uma vez, não sabemos se são os Sonhadores os responsáveis. No entanto, é infelizmente verdade que os felinumanos não são vistos como fiáveis por essa terra fora, nem mesmo entre os que serviram com os Varden. Temos o nosso próprio conselho, e onde vamos, vamos sozinhos. Isso não faz os outros afeiçoarem-se a nós. A nossa palavra é com frequência insuficiente para influenciar opiniões. Já o aprendemos.

– Bah. Desculpas. Nasuada tem de saber disto!

Carabel foi tomada por um semblante matreiro. Fungou e fez um gesto na direção do amuleto.

– Isso *seria* prova bastante se alguém como o Murtagh o levasse a Nasuada, juntamente com o relato do que já sabemos.

Murtagh olhou para a lareira, desconfortável.

– Sabe que não o posso fazer.

– Será que não? Diz-se que a rainha nutre por si um especial afeto, e...

A ira devolveu-lhe a atenção ao rosto risonho da felinmana.

– Diz-se? *Quem* é que o diz? Será melhor ter cautela com as palavras, gata.

Carabel encolheu os ombros, aparentemente insensível ao tom de voz de Murtagh.

– Diz quem tem ouvidos para ouvir e olhos para ver.

– Pois então, não sabem o que dizem, e agradeço que não insulte a rainha *nem* me insulte a mim com tais calúnias.

Após uma breve pausa, Carabel inclinou o rosto anguloso.

– Com certeza, Cavaleiro.

– Com certeza, Cavaleiro. Pois bem, comporei uma mensagem diretamente para Nasuada, mas não faço ideia de como ela reagirá. Seria melhor se lhe juntasse umas palavras suas em corroboração. Concorda?

Murtagh resmoneou:

– Sim, está bem.

Enquanto a gata reunia os seus instrumentos de escrita, Murtagh voltou a recostar-se na cadeira, pensativo. A insubordinação do Capitão Wren, o potencial comprometimento dos Du Vrangr Gata, as atividades dos Sonhadores e o maldito ovo Ra'zac – cada coisa, por si só, era assunto sério. Em conjunto, podiam representar uma ameaça à coroa de Nasuada.

E se... Por instantes, considerou seriamente a possibilidade de voar até Ilirea, mas depois afastou a ideia da cabeça. Por mais tentadora que fosse, levá-la a cabo seria um erro para todos os envolvidos, incluindo Nasuada. Os seus súbditos não aceitariam de bom grado que a rainha lidasse publicamente com Murtagh, o traidor.

Além disso, quem enviaria ela para investigar a aldeia? Quem *poderia* enviar? Os Du Vrangr Gata não eram de confiança, e, mesmo que fossem, nenhum dos seus lançadores de feitiços tinha a perícia ou a força suficientes para lidar com o género de magia sem palavras que ele encontrara. Poucos tinham. Eragon era um deles, mas estava ocupado a proteger os Eldunarís e os ovos de dragão, e não os deixaria de ânimo leve. Arya e os elfos mágicos mais dotados seriam, seguramente, capazes, mas Murtagh sabia que Nasuada teria relutância em pedir ajuda a mágicos – quanto mais a um Cavaleiro – que não fossem nem seus súbditos nem humanos.

Restava *ele*. Ele e Thorn.

A conclusão não desagradou a Murtagh, embora o desconhecido fosse, como sempre, perturbador. Era um tesouro raro ter uma causa clara e honrada. Em nome dessa causa, poderiam praticar o bem, e não só de uma forma geral mas em prol de Nasuada, especificamente. Nasuada, quem ele tanto magoara.

Despertou-se do seu devaneio quando Carabel lhe passou numa folha de pergaminho, em tinta e numa pena de ganso recém-cortada. Hesitou, sem saber bem como começar, pois sentia o peso das expectativas e das experiências passadas e dos sentimentos por declarar. Abanou-se e focou-se naquilo que tinha de ser dito. As vontades teriam de aguardar.

Durante uns quantos minutos, o som da pena a arranhar o pergaminho foi o único a ouvir-se, além do fogo. Terminou com:

Eu e Thorn partiremos diretamente em busca dessa aldeia. O que encontraremos, não posso sabê-lo, mas se for qualquer forma de perigo para ti, o teu reino ou Alagaësia como um todo, trataremos do assunto devidamente. Tens a minha palavra em relação a isso. Seja como for, conta com notícias nossas quando regressarmos.

Franziu o sobrolho ao ler as últimas linhas. Estava a assumir um compromisso por aquela causa em nome de ambos, ele e Thorn, sem perguntar a Thorn. Esperava que o dragão não se importasse.

Havia ainda outro problema. Nasuada não conhecia a sua caligrafia, logo poderia ela ter a certeza de que a carta era mesmo sua? Ele podia encantar o pergaminho, mas com que fim? Nasuada não confiaria num feitiço de fonte desconhecida. E Murtagh não possuía anel de sinete nem outro objeto que ela pudesse reconhecer. O que o deixava apenas com as suas palavras.

Voltou a mergulhar a pena no tinteiro. Depois, com um especial cuidado, escreveu:

Se duvidares da mão que escreve estas runas, se suspeitares dos meus motivos e te perguntares porquê, então só te posso responder dizendo: tu sabes porquê.

Murtagh

Aquela última frase era uma audácia. Ele sabia-o. Mas não lhe ocorriam outras palavras que o deixassem confiante de Nasuada acreditar que vinham de si. Dissera-lhe aquelas últimas três palavras – a ela, apenas – na tenebrosa escuridão do Salão da Profetisa. O mais próximo que alguma vez chegada de lhe confessar os seus sentimentos e, embora lhe parecesse uma imposição referi-los agora, quando a situação mudara tanto, não tinha alternativa.

Sentiu-se mais velho do que a idade que tinha enquanto passava com um mata-borrão na carta e limpava a pena. Dobrou a folha e depois derreteu umas gotas do lacre vermelho de Carabel na união do pergaminho.

– Aqui tem – disse ele, sentindo-se resolutos.

– O meu agradecimento – respondeu Carabel. – Estou em dívida para consigo, humano, tal como todos os felinumanos.

Murtagh inclinou a cabeça.

– Não é necessário agradecer.

No rosto de Carabel surgiu um pequeno sorriso.

– Talvez não seja, mas ainda assim é de bom-tom. Como pensa proceder, então?

Murtagh esfregou o cotovelo direito enquanto pensava; a articulação ainda lhe doía da pancada de Muckmaw lhe dera.

– Compreendo que isto é mais uma pergunta, gata, mas talvez me faça o obséquio de responder.

O semblante dela tornou-se mais malicioso.

– Talvez responda – disse ela.

– Como acha que eu deveria proceder?

A gata sacolejou-se na sua almofada, com as orelhas peludas a espetarem-se. A ponta da túnica escorregou-lhe, desnudando o ombro.

– *Sssah*. Muito bem, mas aviso-o, humano. Os conselhos servem tanto ou mais quem os dá que quem os recebe.

– Aceito correr esse risco.

– Então dir-lhe-ei o seguinte: é melhor abrir portas a esperar que elas sejam abertas. E é melhor saber quem está do outro lado de uma porta *antes* de a abrir.

Murtagh compreendeu. Levantou-se e brindou-a com uma pequena vénia e um ainda mais pequeno sorriso.

– Agradeço-lhe o seu conselho, felinumana Carabel.

A gata fungou e voltou a inspecionar as unhas.

– Não tem de quê, humano.

Lá fora, na muralha, soavam gritos: capitães a reunir as tropas. Aos ouvidos de Murtagh, parecia que toda a guarnição da cidade estava a ser reunida no terreiro.

Carabel também se apercebeu. Virou a cabeça, e a fina luz matinal que entrava pela seteira fez-lhe brilhar os tufo de pelo das orelhas.

– Creio que será melhor ir, humano, não vá Lorde Relgin lembrar-se de vir revistar os armazéns. Por vezes, ele consegue ser irritantemente imaginativo.

– Despeço-me então de si e vou-me embora, bela C...

Murtagh ouviu um som muito leve atrás de si, como de um pano a cair. Virou-se e deu com Silna de pé, sobre duas pernas, junto à lareira, um pequeno cobertor de lã embrulhado na sua delicada estrutura. Não chegava mais alto que o tição e a tenaz ali pendurados. Tinha a pele clara como neve, as veias azul-fumo sob a superfície, e havia nela uma translucência, como se não fosse completamente substancial. Pálpebras como conchas polidas, o pelo ainda malhado e em tufo desordenados, e em toda ela uma atenção selvagem, como se tivesse acabado de sair de uma clareira e entrar na mais cerrada e escura das florestas.

Caminhou até Murtagh e parou diante dele. Ele olhou para baixo, para os enormes olhos esmeralda da gatinha, límpidos e inocentes, e não soube o que dizer.

Ajoelhou-se à frente dela, como se ajoelharia diante de uma rainha.

Silna abraçou-lhe o pescoço com um só braço desnudo. Murtagh sentiu a pele fria dela contra a sua. Numa voz baixa, suave como penas, ela disse:

– Obrigada.

Depois, beijou-o na testa, e o toque dos lábios dela continuou a queimar muito depois de se terem afastado.

Murtagh ficou a pestanejar por causa de uma película de lágrimas nos olhos. Quando recuperou suficientemente o controlo para conseguir erguer o olhar, viu-a deitada em frente à lareira, de novo na sua forma felina, de olhos fechados, com a cauda enrolada à volta das patas e do focinho.

Quando se levantou, Murtagh sentiu as pernas instáveis. Olhou para Carabel, abriu a boca e depois voltou a fechá-la.

Pela primeira vez, a expressão no rosto de Carabel suavizou-se, e a voz dela estava enrouquecida de emoção.

– Fui sincera no que disse, Cavaleiro. Estou em dívida para consigo, eu e todos os felinumanos. Pode considerar-se amigo da nossa espécie. Se alguma vez precisar de ajuda, pode procurar-nos.

Murtagh acenou com a cabeça e engoliu em seco, com um nó na garganta.

– Fico feliz por ter podido ajudar. – Endireitou-se e fez-lhe uma graciosa vénia. – O meu agradecimento pelas suas respostas, Carabel. Que as suas garras se mantenham afiadas, Ó estimada gata.

Carabel mostrou os dentes num sorriso agradado.

– Tenha cuidado com o sítio onde põe os pés, Cavaleiro. Esta bruxa é como uma aranha oculta no centro de uma enorme teia, e a sua picada é venenosa.

– Nesse caso, ainda bem que não tenho medo de aranhas.



Murtagh endireitou-se à saída do túnel que seguia sob a parede exterior da fortaleza. Rodou o pescoço e verificou a posição do sol: ainda se encontrava baixo. Ainda *devia* conseguir deixar Gil’ead antes de a cidade estar, na sua maioria, desperta e ativa.

Esfregou a testa. Sentia-se como se tivesse sido marcado com um ferro quente. A memória dos olhos de Silna permanecera-lhe na mente, e parecia-lhe que ela o vira até ao âmago, cada defeito seu exposto perante o olhar cândido dela. Era uma intimidade que só estava habituado a partilhar com Thorn e que o deixava com uma desconfortável sensação de vulnerabilidade. No entanto, ser visto e aceite como era... Haveria maior graça que essa?

Perturbado, começou a afastar-se da fortaleza.

– *Vou a caminho* – disse, enviando o pensamento para onde Thorn aguardava.

Recebeu na volta um fraco sinal de mensagem entregue.

Enquanto caminhava silenciosamente por entre os edifícios, Murtagh continuava a ruminar tudo o que Carabel lhe dissera. Bachel, Wren, os Ra’zac... O mundo estava virado do avesso, e de formas que ele não

compreendia completamente. O que lhe petrificou o abdómen como se estivesse prestes a receber um golpe.

Os olhos de Silna voltaram a povoar-lhe o pensamento, calmos e límpidos e carregados de promessa. E sentiu de novo o beijo dela na sua testa.

Parou na berma da rua e sentiu arrepiar-se-lhe a pele do corpo inteiro. Tinha um turbilhão na cabeça à medida que ia tentando solucionar o enigma diante de si, tentando descobrir o caminho seguro num labirinto perigoso. Ter-se-ia enganado? Precisava de tratar de Bachel, sim, mas Nasuada corria perigo, e a carta dele estava longe de ser proteção à altura.

Abriu a bolsa presa ao cinto e procurou até os dedos encontrarem metal frio: as moedas que lhe dera o Capitão Wren. Tirou uma para fora e olhou para o rosto de Nasuada ali gravado.

Por mais perfeita que fosse a aparência, Murtagh não conseguia decifrar a expressão dela. Envergava uma máscara própria, a impassividade régia que a tradição – e a necessidade – impunham. Não encontrou qualquer encorajamento nas suas feições e, ainda assim, a sua familiaridade ajudou-o a acalmar a mente.

Decidiu.

Iriam a Ilirea. Apesar de tudo aquilo que ele pensara e dissera, essa era a coisa certa a fazer. Explicar-se-ia a Nasuada e encararia qualquer que fosse o tratamento que lhe dessem os seus súbditos. Por mais difícil que fosse, teria a satisfação de saber Nasuada em segurança. Só depois de isso acontecer ele e Thorn seguiriam no encalço de Bachel.

A decisão trouxe-lhe alívio. Murtagh acenou com a cabeça, guardou a moeda e estugou o passo, sentindo-se capaz de lidar com os desafios de um futuro incerto.

Concordaria Thorn consigo? Murtagh tinha a certeza de que sim, logo que ele partilhasse a sua mente com o dragão. A não ser, claro...

Um corpo colidiu com Murtagh. Ele afastou a pessoa, pronto para esmurrar e pontapear e lutar.

– Murtagh – exclamou uma voz baixa, num tom urgente.

Murtagh sentiu-se tomado pelo desalento quando viu o mesmo rosto desagradavelmente conhecido que detetara fora da cidadela nem há dois dias: o pálido Lyreth nas suas requintadas vestes. E, a rodeá-los, os guardas

de Lyreth: seis homens robustos com pescoços como touros, emanando um ligeiro odor a carne podre. Ex-soldados do Império, encantados para não sentir qualquer espécie de dor.

– Murtagh, és *mesmo* tu – disse Lyreth, a voz pouco mais que um sussurro.

Murtagh cerrou os dentes. O estado de alarme de Thorn era como uma pontada de ansiedade no fundo da sua mente. Ponderou fugir a sete pés, mas havia mais gente na rua, e divisava um esquadrão de soldados a duas casas de distância, caminhando na direção deles.

Lyreth aproximou-se, com os olhos a disparar em todas as direções, a esclera a refletir uma combinação de medo e preocupação.

– Bem me parecia ter-te visto há alguns dias, mas não tinha a certeza. Que estás tu aqui a *fazer*? Não sabes o que te fazem se te apanharem?

– Tenho de ir – disse Murtagh, começando a afastar-se.

Lyreth apanhou-o pela manga e agarrou-o com uma força surpreendente. O hálito dele cheirava a alfavaca e licor de pêssego, mas não bastava para ocultar o forte fedor a suor nervoso que lhe vinha das axilas.

– Não podes ficar aqui na rua. Andam mágicos Du Vrangr Gata por todo o lado, e há elfos na cidade. *Elfos*! Anda, anda, depressa. Ficarás seguro na minha casa. Mexe-te!

– *Murtagh* – rosnou Thorn.

– *Eu sei!*

Os guardas cerraram fileiras em torno de Murtagh, evitando que este se afastasse, enquanto Lyreth o puxava no sentido ascendente da rua. E Murtagh não teve alternativa senão acompanhar os seus inesperados e muito pouco desejados companheiros.

CAPÍTULO XIV



Duelo de inteligências

Murtagh memorizava cuidadosamente as ruas por onde passavam enquanto Lyreth o conduzia à pressa pela cidade. Se tivesse de fugir, queria saber exatamente onde estava.

Lyreth levou-o para uma pequena casa de pedra – uma das poucas construções exclusivamente de pedra de Gil’ead – encaixada na esquina de uma praça rodeada de habitações de madeira apinhadas, encostadas umas às outras. O chão da praça era de terra, e, ao centro, havia um bebedouro para cavalos. Era um lugar escuro, resguardado e um pouco decrépito, e a única outra criatura viva à vista era um galo sujo e molhado a bicar na lama à porta do que parecia ser a loja de um fabricante de velas.

Lyreth usou uma chave de ferro para destrancar a porta da frente da casa de pedra e depois fez sinal a Murtagh para que entrasse.

– Depressa, entra depressa.

Desconfiado – e algo curioso –, Murtagh entrou. Por mais perigosa que fosse aquela situação, o seu desejo de saber era mais forte que o seu sentido de autopreservação. *Como* sobreviveriam os antigos membros da nobreza de Galbatorix? Noutras circunstâncias, Murtagh sabia que seria *ele* a viver escondido como um coelho a tentar escapar a um falcão esfomeado.

O interior do edifício não correspondia à sua fachada decrépita. O chão em mosaicos estava coberto por luxuosos tapetes feitos por anões. Uma escadaria em mármore rodeada de corrimãos esculpidos conduzia a um segundo andar. Nas paredes estavam pendurados retratos com iluminação dramática – retratos demasiado pormenorizados, demasiado realistas para terem sido feitos sem a ajuda de magia. Um candelabro de ouro e prata pendia do teto forrado a madeira, com pedras preciosas lapidadas a balançar num arco-íris de lágrimas.

– Por aqui – disse Lyreth, guiando Murtagh da entrada para uma sala de jantar de dimensões modestas mas magnificamente decorada. Tapeçarias de seda representando batalhas entre dragões, elfos e humanos adornavam as paredes, e os castiçais sobre a comprida mesa eram feitos de ouro.

– Por favor, põe-te à vontade.

Lyreth fez um gesto na direção de uma cadeira com espalda de veludo numa das pontas da mesa.

Murtagh contou treze cadeiras à volta da mesa, incluindo a sua. Aquele número provocou-lhe um arrepio frio de discernimento.

Tirou a trouxa do ombro e pousou-a na mesa, ao seu alcance. Depois, arregaçou o manto e sentou-se.

– Que sítio é este? – perguntou. Suspeitava já saber a resposta.

– Um sítio seguro – disse Lyreth, sentando-se. Fez um sinal aos guardas, e dois deles posicionaram-se junto à entrada, enquanto os outros saíram em fila. – Formora mandou-o construir como um santuário de proteção contra Galbatorix, caso a necessidade alguma vez se apresentasse. E também – apontou para as cadeiras – como local em que os Renegados pudessem reunir-se em privado, longe dos olhos intronetados do rei.

Formora. Pertencera aos elfos, e fora um dos Renegados preferidos de Galbatorix. Todos os relatos a retratam como ardilosa, cruel e caprichosa até ao extremo, mesmo segundo os padrões dos seus companheiros traidores. Murtagh lembrava-se de Lorde Varis lhe dizer que, quando a provocavam, tinha o hábito de desfazer os inimigos com magia, bocado a bocado... enquanto os mantinha vivos durante o máximo tempo possível. E também que era perdida por frutas cristalizadas.

Olhou em volta da sala. Já ouvira falar de lugares assim. Esconderijos secretos onde os Renegados se podiam resguardar, se não do rei, pelo menos dos outros servidores do rei. Os seguidores de Galbatorix – voluntários ou não – não eram propriamente conhecidos pela sua natureza colaborativa, e o rei encorajava as suas traições e maquinacões sanguinolentas com, frequentemente, indisfarçado júbilo. As paredes da casa estariam enredadas em poderosas proteções, e mais ainda que proteções: armadilhas que em muito excederiam a força e a complexidade das que ele encontrara nas catacumbas. Todo o edifício devia estar eivado de gemas contendo energia.

– Terão eles alguma vez estado livres da vigilância de Galbatorix? – disse Murtagh.

Lyreth encolheu os ombros.

– Terá algum de nós?

Estalou os dedos, e um camareiro envergando um elegante casaco de lã entrou velozmente no salão, com os tacões das suas botas lustradas a marcar um tempo preciso no chão de madeira. O homem pousou uma bandeja de prata na mesa e dali retirou um decantador de cristal lapidado, uma garrafa de vinho, duas taças de ouro e uma travessa com camadas de acepipes variados: confeitaria, gelatina de frutas cristalizadas, miniaturas de tartes de bagas e o que parecia a Murtagh serem pastéis glaceados com mel.

Cresceu-lhe água na boca. Há quase dois anos que não saboreava nada que se assemelhasse a comida fina, e deu consigo sentir uma súbita nostalgia pelos sabores da sua infância.

O serviçal serviu o vinho e deu a Murtagh uma das taças, assim como a travessa de iguarias para que ele pudesse fazer a sua seleção.

Murtagh retirou um pouco da gelatina, uma tarde de bagas e dois pastéis glaceados com mel. O servente seguiu então para Lyreth, que escolheu apenas um bolo e nada mais.

– Podes ir – disse Lyreth, e o servente fez uma vénia e saiu da sala.

O pastel glaceado com mel ia a caminho da boca de Murtagh quando a ideia de venenos e feitiços lhe deteve a mão. Lyreth reparou e, sem cerimónia, disse:

– A comida é segura, se estás com dúvidas. O vinho também.

E lançou a Murtagh um sorriso oblíquo antes de beber um gole da sua taça.

Murtagh ponderou por momentos e depois atirou o pastel para dentro da boca. Derreteu-se-lhe numa delícia doce e amanteigada, e teve de se esforçar para disfarçar o seu prazer.

– A minha família adquiriu esta casa há alguns anos – disse Lyreth, mordiscando o bolo que tinha no prato. – Mantivemo-la como salvaguarda precisamente deste tipo de eventualidade.

– Hmm. – Murtagh provou o vinho; reconheceu o *vintage*. Um tinto das vinhas do sul, perto de Aroughs, engarrafado há cinquenta anos. Duvidava que ainda existissem mais do que poucas dúzias daquelas garrafas. – Sinto-me honrado – disse, erguendo a taça.

Lyreth encolheu os ombros.

– De que serve guardar vinhos nestes tempos difíceis? Amanhã poderemos já estar mortos.

– É como dizes.

Murtagh deu mais um gole cuidadosamente controlado enquanto analisava Lyreth. O homem aparentava ter estado sob um stress considerável (o que se compreendia); estava mais magro do que Murtagh se lembrava, e a pele tinha a palidez pouco saudável dos inválidos confinados à cama. Vê-lo tão em baixo era para Murtagh fonte de alguma satisfação, embora sentisse alguma empatia, ainda que involuntária, com Lyreth e as dificuldades que ele teria passado desde a queda de Galbatorix. Não podia ser fácil viver cada dia no receio de se ser descoberto.

– Cheiras a peixe – disse Lyreth abruptamente.

– É difícil encontrar onde tomar banho quando se anda na estrada.

– Foste tu o responsável pela morte de Muckmaw? Desde ontem que os meus guardas não são capazes de falar noutra coisa. Bem me pareceu que poderias ter sido tu.

Murtagh brincou com o pé da sua taça enquanto ponderava como responder. A conversa era um duelo por informação, ambos o sabiam, mas a verdade tácita era que Lyreth não tinha qualquer poder sobre si. Se Murtagh quisesse ir embora dali, ou atacá-lo, pouco havia que o outro homem pudesse fazer.

– Talvez tenha desempenhado um papel nesse assunto.

Lyreth emitiu um som indiferente.

– Bem, conseguiste agitar a plebe local, lá isso é verdade. Parecem achar que o próprio Eragon anda aqui pela terra, a curar-lhes as maleitas.

– Era bom, era.

Ao ouvi-lo, Lyreth fez um esgar e bebeu uma golada do seu vinho.

– Maldito Cavaleiro.

Murtagh conseguia sentir a preocupação permanente de Thorn.

– *Podes ficar em paz* – disse ao dragão. – *Conheço-o bem.*

E era verdade. Murtagh tivera muitas oportunidades de estudar Lyreth e o grupo de primogénitos com que ele se dava na corte. Para o final, haviam ficado arrogantes, cruéis, demasiado confiantes e, ainda assim, profundamente inseguros. A segurança era coisa que não existia junto de Galbatorix, e os pais deles eram todos nascidos de famílias poderosas e

influentes, ou então haviam adquirido poder e influência através do artil e da barbaridade. Nenhum dos casos favoreceu o cultivo da gentileza entre os seus descendentes. Murtagh fora sempre o pária da sua geração; o único filho conhecido de um Renegado; ostensivamente ignorado por Galbatorix durante a sua infância e, no entanto, favorito do rei; preparado para o poder mas destituído dele por Galbatorix controlar a herança do seu pai até Murtagh ser maior de idade. Acrescia a isso a desconfiança e inexperiência de Murtagh quando se tratava de navegar pelas correntes traiçoeiras do poder, pelo que se tornara tanto no objeto de receio como um alvo de troça e ridicularização que eles haviam maltratado sempre que podiam. Só quando Tornac o acolheu sob sua proteção Murtagh começou a aprender a defender-se, de várias maneiras.

Comeu uma colher cheia de gelatina. Não tinha boas recordações de Lyreth. Havia duas experiências fixadas na mente de Murtagh como sendo emblemáticas. A primeira fora quando Lyreth e uma série de outros rapazes haviam decidido ir roubar cerejas ao jardim privado de Lorde Barst, na cidadela de Urû'baen. Murtagh juntara-se-lhes, na esperança de que pudessem deixá-lo fazer parte do grupo. Mal começaram a colher as cerejas, um dos homens de Barst descobriu-os e deteve-os, apontando-lhes a lança. A todos, menos a Lyreth, conseguiu escapulir-se, regressando uns minutos mais tarde, conduzindo Lorde Barst e recitando em voz bem alta o mau comportamento dos outros rapazes.

Apesar da nobre linhagem deles, Barst castigou-os a todos com a vergasta. Mas poupou Lyreth, o que granjeou ao jovem um infundável ódio por parte dos outros, embora a maior parte deles fosse suficientemente esperta para ocultar os seus verdadeiros sentimentos, pois a família de Lyreth era demasiado abastada e bem posicionada para se lhe oporem abertamente.

O segundo incidente ocorrera no décimo quinto aniversário de Murtagh. Parecia que ninguém dera pela importância do dia, além de Tornac, mas de alguma forma a notícia ter-se-á espalhado pela corte, provavelmente através dos pajens. De outra forma, como explicar que, nesse dia específico, quando Murtagh subia as estreitas escadas em caracol que conduziam aos seus aposentos, um grupo de rapazes o tenha emboscado e sovado e deixado cheio de hematomas e a sangrar nos afiados degraus de pedra?

Os atacantes usavam máscaras festivas, de um tipo muito comum na corte, mas, independentemente disso, Murtagh conseguiu perceber quem eram. Enquanto os punhos e os pés lhe massacravam os flancos, ouvira uma voz gritar: «*É isso mesmo! Deem-lhe! Deitem-no abaixo!*» E reconheceu a voz como sendo de Lyreth.

Nenhum dos rapazes alguma vez admitiu o que havia feito. Continuaram a tratá-lo como sempre quando se cruzavam na cidadela, e o único vislumbre de admissão foram vários comentários maliciosos feitos quando o viram a coxear no dia seguinte:

– Ah! Que aconteceu? Foste pisado por um cavalo? Murtah Pernastortas! Ah!

Murtah nunca esqueceu aquilo. Nem perdoou.

Admirou a decoração da sala. Apesar dos ricos pormenores da casa, Murtagh pressentiu que Lyreth acharia aquele lugar desconfortavelmente confinado. Para alguém que tinha crescido na cidadela de Urû'baen, nas vastas propriedades de Lorde Thaven, viver numa casa tão pequena devia parecer como estar fechado dentro de um roupeiro.

Ele deve estar a dar em doido, aqui preso, pensou Murtagh.

– Como está o teu pai? – perguntou. O que não disse foi: *Thaven ainda vive?*

O semblante de Lyreth permaneceu intencionalmente inexpressivo.

– Tão bem como seria de esperar.

– Claro. Nestes tempos difíceis.

Isso ganhou-lhe um estremecimento de irritação de Lyreth. *Ótimo.* Quando mais conseguisse espicaçar o homem, mais provável seria Lyreth descair-se e dizer alguma coisa indevida.

– O Império não podia durar para sempre – disse Murtagh. – Em alguma altura Galbatorix seria derrotado. Era inevitável.

– Talvez – disse Lyreth com indisfarçado amargor. – Mas não tinha de acontecer durante as nossas vidas.

– Não, mas isso não nos compete a nós decidir, pois não?

Lyreth abriu a boca, fechou-a, e depois voltou a abri-la e disse:

– Estavas lá? No final? Quando... *ele morreu?*

– Estava, sim.

O olhar do homem saltou na direção de Murtagh, sob as pálpebras lívidas. Tinha os olhos azul-acinzentados, como cúmulos-nimbos distantes.

– Como é que aquilo foi feito? Já ouvi relatos contraditórios.

– Com gentileza.

– Estás a troçar de mim.

– De forma alguma.

A testa de Lyreth franziu-se ligeiramente.

– *Ele?* Gentileza? Isso é exa...

– Tu nunca foste lá muito inteligente – disse Murtagh num tom de voz indiferente. – Astuto, sim. Determinado, até. Mas nunca muito inteligente.

Lyreth inspirou pelas estreitas narinas.

– Guarda os teus segredos, então. Saberei a verdade de qualquer forma. Diz-me, pelo menos, por *gentileza*. Como é que tu e aquele teu dragão fugiram de Urû'baen? Tanto Eragon como Arya estavam lá, ao que sei. Seguramente tentaram deter-te.

– Esperas mesmo que to explique? – disse Murtagh. – Ajudaria saberes os feitiços que usei? Ou os perigos que enfrentámos? Alguma coisa dessas importa? Chega dizer que fugimos, e não sem correr grandes riscos.

A verdade, claro, não era de todo assim tão dramática. Ele e Thorn haviam simplesmente... ido embora. Tinham desempenhado o seu papel na derrota de Galbatorix – Eragon nunca teria conseguido fazer funcionar a magia no rei se Murtagh não tivesse usado o Nome dos Nomes para quebrar as proteções do rei – e, depois disso, nem Eragon nem Murtagh estavam capazes de continuar a lutar.

Não era a primeira vez que Murtagh pensava que, se tivesse estado no lugar de Eragon, não lhe teria ocorrido forçar-se a sentir *empatia* com Galbatorix. Não estava na sua natureza. Talvez fosse falha sua – Murtagh estava disposto a admiti-lo –, mas não sentia que a sua falta de caridade para com Galbatorix estivesse errada, considerando o que o rei lhes fizera, a si e a Thorn.

Levou a pequena tarte à boca e mastigou, apreciando os sabores das amoras e dos mirtilos combinados.

Lyreth mexeu-se no assento, como se houvesse espinhos a picá-lo por baixo.

– E desde então? Que tens andado a fazer, Murtagh? Chegaram-me aos ouvidos histórias loucas. Relatos de um dragão vermelho visto ali e acolá. Murmúrios de magia que só um Cavaleiro ou um elfo seria capaz de lançar.

Murtagh limpou os cantos da boca com o elegante guardanapo de linho que tinha no prato, escovando algumas migalhas da barba a despontar.

– Eu e Thorn temos andado a viajar pelo território, a ver o que há para ver. E tu e a tua família, Lyreth? Como é que se têm arranjado desde a queda de Galbatorix?

– Bastante bem – resmoneou Lyreth.

– Sem dúvida. Mas durante quanto tempo mais poderás viver escondido? Alguém acabará por perceber quem tu és. Mais valia entregares-te e submeteres-te à misericórdia da rainha. Ela *consegue* ser misericordiosa de vez em quando, pelo menos, assim mo dizem.

– Não me fales dessa fingidora vaidosa. Uma plebeia, sem uma gota de sangue nobre nas veias, oriunda de nenhuma das famílias adequadas nem das antigas linhagens dos Broddring.

– Quem conquista, reina – disse Murtagh calmamente. – Foi sempre assim. Esqueces a História se pensas que não.

– Eu não esqueço *nada*. – Nos olhos até então insípidos de Lyreth surgiu um relampejo febril. – Mas tens razão, Murtagh. A situação atual não pode continuar. A minha família não é a única escondida. Muitos dos mais poderosos nobres – homens e mulheres cujos nomes não reconhecerias – têm aguardado pacientemente, consolidando as suas posições para quando chegar a altura certa.

– Certa para quê?

Lyreth inclinou-se para a frente, subitamente animado.

– Que *fazes* tu aqui, Murtagh? Muckmaw morto, e Gil’ead inteira num rebuliço. O que é? Andas a reunir tropas? A matar possíveis substitutos de Nasuada? O quê?

– Tornaste-te óbvio, Lyreth – disse Murtagh num tom dolente. – Assim, não durarias uma semana na corte.

– Bah. – Lyreth acenou com a mão e voltou a afundar-se na cadeira. – Há acontecimentos a serem planeados, e é preciso ser-se direto. Se fores demasiado cauteloso, o prémio caberá a outro... Tu *podias* tomar o trono, Murtagh. Sabe-lo, não sabes? E todas as melhores famílias acorreriam ao teu estandarte, quero dizer, aqueles, como nós, que ainda têm uma certa posição. Hamlin e Tharos eram tolos. Não podiam esperar, não conseguiram reunir o exército de que precisavam, por isso as suas rebeliões falharam.

Hamlin acabou com a cabeça espetada num pique do lado de fora destas mesmas muralhas, e Tharos passará o resto da vida nas masmorras de Nasuada. A não ser que...

Murtagh inclinou a cabeça para o lado. Nada do que Murtagh dissera era particularmente surpreendente, embora as implicações não fossem nada agradáveis.

– Estás mesmo ansioso por voltar aos dias de Galbatorix, Lyreth? Gostarias de me ver transformado no teu superior, a governar perpetuamente, imortal e imutável? É mesmo esse o teu desejo?

– Seria melhor do que o que temos agora!

Queres dizer que te libertaria da clandestinidade e voltaria a colocar a tua família numa posição de poder.

No rosto de Lyreth desenhou-se uma expressão maliciosa.

– Além disso, pensa nas vantagens para ti, Murtagh. Sei que sofreste sob as restrições de Galbatorix. Mas, se a coroa fosse tua, poderias governar como melhor entendesses, com os nossos homens e o nosso ouro como baluarte. E isso seria também bom para os nossos. Nasuada não se consegue defender sozinha de Arya. Uma Cavaleira do Dragão como rainha dos elfos; onde é que já se viu tamanho disparate? Eragon é outra ameaça. Está a construir uma força de Cavaleiros lá para leste. Assim que crescerem e receberem o devido treino, quem lhes fará frente? Apenas tu, Murtagh. E sei que vocês os dois não se adoram.

A intimidade fingida fez Murtagh eriçar-se.

– Sei que é verdade. Vá lá, Murtagh. Que dizes? O Império inteiro poderia ser teu. E mais ainda. Galbatorix nunca devia ter permitido a existência de Surda. Tu podias dismantelá-los e unir esta terra de uma forma nunca antes conseguida. A humanidade inteira unida sob um único estandarte. Então, os elfos teriam motivos para nos temerem, assim como os anões.

O vinho e as iguarias já não estavam a cair tão bem a Murtagh. O futuro que Lyreth descrevera era mais tentador do que Murtagh gostaria de admitir. Se reclamasse o trono, poucos poderiam contestá-lo, a ele ou a Thorn, e nem Eragon nem Arya teriam vontade de voltar a mergulhar o território numa guerra. Tolerariam a sua existência e, com o tempo, talvez viessem a respeitar a sua autoridade. Com uma cajadada só, podia restaurar

a glória do nome da sua família e garantir para si mesmo poder suficiente que os manteria, a si e a Thorn, a salvo de praticamente todos os seus inimigos mais perigosos.

Contudo, para se elevar dessa forma, teria de depor Nasuada, e o destino dela só poderia ser o exílio, o cativeiro ou a morte. E isso ele não seria capaz de admitir. *Aí, seria verdadeiramente considerado um traidor*, pensou. Não apenas pela plebe, mas pela única pessoa, além de Thorn, que confiava completamente nele. Nasuada era a razão pela qual se conseguira libertar do seu grilhão e ajudara a destronar Galbatorix. Agira agora contra ela... Não. Seria impensável.

Abandonou aquela ideia sem qualquer desgosto.

Lyreth mexia os dedos com nervosismo, aparentemente sob grande tensão, enquanto esperava.

Em vez de lhe responder diretamente, Murtagh decidiu desequilibrá-lo, dar um passo para o lado quando o esperado seria um passo em frente. Retirou da bolsa presa ao cinto o amuleto em forma de caveira de pássaro que descobrira em Ceunon. Pousou-o em cima da mesa e fê-lo deslizar até à outra ponta.

– Alguma vez viste um destes?

Lyreth pegou no amuleto com o indicador e o polegar e segurou-o diante de si, a oscilar, como Carabel fizera. Não revelava qualquer reação além de uma relativa curiosidade, mas Murtagh perguntava-se se haveria, eventualmente, uma centelha de emoção nos olhos do homem. Por momentos, Murtagh ponderou tocar na mente de Lyreth, mas não havia maneira alguma de essa ação ser interpretada como outra coisa senão um ataque. De qualquer forma, tal como todos os filhos da nobreza, a educação de Lyreth incluía um treino extensivo de formas de proteger os seus pensamentos de coscuvilheiros ou intrusos. Murtagh não tinha qualquer garantia de sucesso se o tentasse, a não ser que estivesse disposto a desfazer a mente de Lyreth por completo.

Podia valer a pena, pensou. Lyreth e a sua família constituíam uma ameaça em nada despiciante a Nasuada e à estabilidade do seu reino. Se Murtagh pudesse fazer alguma coisa quanto a isso...

Passou a língua pelos lábios e sentiu os músculos retesarem-se, antecipando ação. Umas quantas palavras rápidas, um bombardeamento de violência mental, e assumiria o controlo absoluto sobre todas as pessoas

naquela casa.

De certeza que ele tem consciência disso. Este pensamento obrigou Murtagh a refletir. Por que razão *estava* Lyreth disposto a correr tão grande risco?

Lyreth largou o amuleto sobre a mesa.

– Que criação tão bárbara. Não me parece que já a tenha visto, e ainda bem... Mas ainda não me respondeste, Murtagh. Vá lá, como é que vai ser? A coroa, ou uma vida inteira a esconderes-te nas sombras até os mágicos de estimação da rainha te perseguirem como a um cão raivoso?

Murtagh sorriu ligeiramente enquanto agitava o vinho na taça, estudando os seus reflexos distorcidos.

– Nem uma coisa nem outra – disse, reunindo toda a sua força de vontade para preparar o ataque. Ergueu o olhar, encontrando os olhos cúmulos-nimbos de Lyreth. – Eu agora caminho sozinho, Lyreth. Eu e Thorn não respondemos a homem algum e não queremos ter obrigações para com ninguém, muito menos a tua família. Mas *ficarei* a saber a verdade acerca do que estás a planear.

O rosto de Lyreth permaneceu inalterado, como se Murtagh não tivesse feito mais que comentar o estado do tempo.

– Tu de facto nunca soubeste pôr-te no teu lugar – disse.

Murtagh sentiu nascer-lhe no centro da palma da mão uma forte comichão.

Abriu a boca...

O dedo de Lyreth premiu o rebordo da mesa.

Clanc! O chão caiu por baixo de Murtagh, a sala girou como um cata-vento, e o seu estômago bamboleou-se enquanto ele mergulhava numa escuridão cega.

CAPÍTULO XV



A caixa emaranhada

Um instante de vazio escuro e amorfo, um *clang* e... um tremendo impacto quando os calcanhares embateram em metal e os joelhos cederam.

Teria caído de costas. *Estava* a cair, mas depois foi como se um aríete o atirasse da frente para trás, e de um lado para o outro, o prendesse no lugar, o mantivesse de pé.

O impacto levou-lhe todo o ar dos pulmões, e Murtagh sentiu uma exaustão súbita causada pelos seus feitiços de proteção. Tentou inspirar, mas o peso esmagador que o premia de todos os lados tornava-o impossível.

Então, o ar à sua volta sumiu-se, e os últimos sedimentos de exalação que lhe restavam nos pulmões subiram-lhe à força pela garganta até lhe saírem pela boca e pelo nariz.

Tinha a boca escancarada como um peixe atordado.

Dentro do crânio ouvia um lamento altíssimo – que lhe humedecia os olhos e fazia vibrar os dentes –, tão barulhento e penetrante que lhe dificultava o próprio ato de pensar.



O tempo parecia abrandar para Murtagh.

Ardia-lhe nos pulmões um fogo terrível. Tinha as veias a latejar. A pele estava inchada como uma bexiga demasiado cheia. Havia estrelas carmesim a sarapintar-lhe os extremos da visão. E o guinchar omnipresente perturbava-lhe a capacidade de se concentrar.

Tinha uns segundos para agir, se tanto. Não conseguia falar, e era-lhe impossível reter a língua antiga na mente.

Então, fez a única coisa que podia fazer.

Lançou um feitiço sem palavras para guiar a magia. A intenção era a única coisa a constranger a explosão de energia, e essa intenção continha e corporizava um único sentimento: *Para!*

A energia para o feitiço gastou-se num ápice. O guinchar cessou e passou a reinar um abençoado silêncio. Mas não regressou ar algum; os pulmões continuavam vazios, e as veias persistiam em arder, estando ele prestes a desmaiar.

À sua volta apenas via breu, mas sabia onde estava: dentro de uma caixa emaranhada. Uma armadilha para mágicos, concebida para impedi-los de falar ou pensar, concebida para os sufocar até perderem os sentidos e ser mais fácil descartá-los.

Tentou reunir forças para um segundo feitiço. Se conseguisse partir as paredes da caixa emaranhada, entraria ar, ar precioso, e ele conseguiria respirar, teria uma oportunidade.

Mas não se conseguia concentrar o suficiente para voltar a produzir magia. A barreira de vidro na sua mente era demasiado forte para conseguir chegar ao fluxo de energia do lado de lá, e o túnel carmesim que lhe estreitava a visão estava quase completamente fechado.

É mesmo assim que vou morrer? ASSIM? Era um pensamento enfurecedor, mas, ao mesmo tempo, sentia a aceitação à medida que a consciência o abandonava...



Ouviu por cima de si um estrondo troado. Uma vibração semelhante a um tremor de terra abanou o metal sob os seus pés, e o tremor subiu-lhe pelas pernas e pelo peito e fê-lo bater os dentes, voltando a despertá-lo.

Partiu-se pedra, rasgou-se metal, e depois sentiu uma rabanada de vento frio aflorar-lhe as bochechas.

Os pulmões encheram-se-lhe de ar fresco, e ele arquejava como um homem a afogar-se.

Do cimo surgiu a clara luz do dia, dissipando a escuridão. Murtagh olhou para cima, a tossir, a pestanejar, com lágrimas a escorrerem-lhe dos cantos dos olhos.

Por entre as pétalas de ferro retorcido, viu Thorn inclinando-se na sua direção, as escamas do dragão cobertas de pó esbranquiçado, o maxilar comprido e pesado abrindo-se, mostrando filas de dentes ensanguentados.

Por trás do dragão, o céu estava azul-claro, desprovido de nuvens. Aquela extensão luminosa era apenas interrompida por vigas de teto partidas.

Thorn estendeu-lhe uma pata de garras em riste e pescou Murtagh do monte de entulho enlameado que o imobilizara. À medida que Thorn o içava de volta à sala de jantar, caíam pedrinhas como granizo.

O peito de Murtagh assobiava enquanto lutava por ar. A mente de Thorn encostava-se à dele, os pensamentos do dragão aguçados de ira, medo, preocupação e pânico pouco controlado. Ainda assim, a sua presença era reconfortante, e, apesar da situação em que se encontrava, Murtagh começou a achar que poderia, de facto, sobreviver.

Thorn abriu a mão e depositou Murtagh no chão coberto de destroços. Encostou o nariz às costelas de Murtagh.

– *Onde estás ferido? Diz-me. Diz-me! Tenta respirar!*

– Estou... – Murtagh arfou. – Estou a tentar.

Ainda lhe ardiam os pulmões enquanto se obrigava a pôr-se de joelhos, parte de si à espera de um ataque.

Não restava sinal de Lyreth na sala de jantar. A bela mesa de madeira ficara feita em pedaços sob o peso de Thorn, e as tapeçarias de seda pendiam em farrapos. Junto à porta que conduzia ao salão, jaziam três dos guardas de pescoço de touro, inertes e manchados de sangue, com os membros torcidos em ângulos pouco naturais.

Thorn voltou a tocar-lhe com o focinho. Os olhos do dragão estavam esbugalhados e tinham uma expressão selvagem, e ofegava, não apenas do esforço. Murtagh conseguia sentir no ar a agitação receosa de Thorn.

Olhando em volta, Murtagh apercebeu-se da exiguidade da casa. As asas de Thorn quase roçavam nas paredes, que pareciam inclinar-se perigosamente para dentro, e as vigas de madeira salientes sobre eles eram desconfortavelmente parecidas com ramos de árvores contra um céu morto.

Um renovado sentido de alarme pôr-se de pé num salto. Deu a Thorn uma fraca palmadinha no nariz e começou a aproximar-se do flanco do dragão, com a intenção de montá-lo.

Vindos do exterior, ouviram-se gritos e buzinas de metal e o tilintar de armas e armaduras de soldados a correrem lá para dentro.

Raios!

– Temos de sair d...

Uma parte do telhado ruiu, e as telhas de ardósia caíram sobre as costas de Thorn com um estardalhaço empoeirado e ensurdecedor.

Thorn rugiu, e Murtagh ouviu e sentiu em simultâneo o seu surto de pânico irracional.

– Não, espera! É só...

O dragão carmesim recuou e tentou abrir as asas, sendo bloqueado pelas paredes da casa. Aí, ficou mesmo enraivecido. Sacudiu-se como se fosse uma grande serpente, e o revestimento do edifício abanou e estremeceu, começando a cair vigas e desmoronando-se paredes, e uma espessa nuvem de poeira escureceu o ar.

Murtagh agachou-se e protegeu a cabeça enquanto a casa caía à volta deles. Tentou unir-se à mente de Thorn, mas o dragão já estava demasiado consumido pelo medo; Murtagh não conseguia estabelecer contacto com ele nem acalmá-lo ou incutir-lhe bom senso.

As suas proteções defletiram uma massa de troncos que o teria esmagado, e Murtagh arfou por causa da súbita perda de energia. *A Zar'roc*. Se ao menos conseguisse tocar na gema incrustada no punho da espada, conseguiria alimentar-se de energia por tempo suficiente para fugirem.

Seguiu-se um momento de silêncio provocado pelo choque. À sua frente, Murtagh viu montes de vigas e escombros polvilhados com uma camada de poeira cor de cinza com um dedo de espessura. A casa já não existia, e, para lá dos seus limites, movimentavam-se silhuetas sombrias de homens por trás de uma cortina de névoa obscurecedora.

BAQUE.

Um movimento das asas de Thorn ergueu espirais de pó girando no ar e desobstruiu a zona em redor de Murtagh, que ergueu a cabeça.

Um grupo de soldados em movimento cercava a praça, os seus rostos cobertos de medo, ódio e pó. Seguravam as lanças apontadas na direção de Thorn – como se as armas lhes valessem de alguma coisa contra um dragão – e amaldiçoavam-no a ele e a Thorn, e gritavam insultos e provocações. De entre os edifícios chegavam flechas disparadas por arcos, assobiando a sua canção letal.

– *Thrysta!* – gritou Murtagh, e as flechas estilhaçaram-se no ar, caindo, inofensivas, ao chão.

Thorn voltou a rugir, e os homens retraíram-se. Desesperado, Murtagh encostou a mente à de Thorn, mas era como bater com a cabeça numa parede de pedra lisa. O medo dominava os pensamentos do dragão, e nenhuma outra emoção tinha força suficiente para se intrometer ou suplantá-lo. Naquele momento, Thorn transformara-se numa fera irracional, e Murtagh não sabia como ajudá-lo.

Thorn contorceu e brandiu a cauda no ar, atingindo as casas próximas. O peso da sua cauda e a força que a movia desfizeram os edifícios, partindo as vigas de madeira como se fossem acendalhas de madeira seca e atirando para o chão portas e portadas e telhas e paredes inteiras.

Murtagh correu na direção de Thorn.

– Par...

O dragão virou-se e pousou uma pata em cima de Murtagh. O peso empurrou Murtagh contra o chão, e então as garras de Thorn curvaram-se em redor dele, e um puxão violento magoou-o no pescoço quando Thorn emitiu um urro do outro mundo e saltou para o ar.

Murtagh esforçava-se por se mexer, esforçava-se por ver, mas a jaula das garras de Thorn era inamovível, inquebrável.

Thorn rugiu mais uma vez. Lá em baixo, Murtagh vislumbrou os soldados a fugir pela cidade, e pareceu-lhe ver o rosto de Esvar por entre a turba, o semblante do jovem de cabelo amarelado carregado de medo e acusador. Mais perto da fortaleza, detetou duas figuras envergando as túnicas escuras dos Du Vrangr Gata, e também um trio de elfos junto à esquina de um edifício, o ar cintilante entre as suas mãos enquanto entoavam um cântico naquilo que ele sabia ser a língua antiga.

Não!

Mais setas voaram na direção deles, e do focinho de Thorn saiu disparado um enorme jato de chamas. Mesmo ocluso no interior da pata de Thorn, Murtagh conseguia sentir ondas de calor abrasador emanando da torrente flamejante.

As setas acenderam-se em tons de azul e branco e amarelo, desaparecendo como faúlhas numa fogueira.

Com mais um rugido, Thorn mergulhou os edifícios lá em baixo numa corrente de fogo líquido. Folhas de chamas amarelas inchavam nos telhados, e o troar do fogo silenciou o coro de gritos e berros.

Murtagh também gritava, mas Thorn não o ouvia.

Depois, voaram sobre toda a cidade, e Thorn, enquanto voava, deixava para trás um rastro de destruição incendiada. Um qualquer feitiço fez que o ar em volta deles ficasse frio e rarefeito, mas, fosse qual fosse o efeito pretendido com tal encantamento, depressa passou, e Thorn prosseguiu como antes.

Passaram por cima da fronteira de Gil'ead, e nessa altura Thorn subia em direção ao céu com uma velocidade desesperada, com os únicos sons audíveis provindos das rajadas de ar e dos batimentos fortes das suas asas.

CAPÍTULO XVI



Rescaldo

Thorn voou durante horas a fio.

Murtagh continuava a tentar falar com ele, mas a mente do dragão permanecia encerrada, escudada por um medo irracional. Incapaz de fazer algo mais, Murtagh empenhou-se em incutir em Thorn uma sensação de calma e segurança, apesar da sua própria perturbação. Queria enraivecer-se e praguejar e chorar, mas sabia que isso apenas pioraria o estado de Thorn, por isso, ignorou os seus sentimentos e focou-se em manter uma postura mental equilibrada. Thorn precisava de saber que não estava sozinho e que tanto ele como Murtagh estavam em segurança. Só então recuperaria o senso.

Cada bater de asas originava uma sacudidela dolorosa, fazendo as escamas dos dedos nodosos de Thorn enterrarem-se-lhe na pele. As correntes de ar frio eram barulhentas e distrativas, sugando-lhe o calor de braços e pernas. Depressa começou a tremer.

Tentou localizar a rota em que seguiam, mas só conseguia ver uma pequena parcela do chão. Percebia que se dirigiam para norte e este, mas não mais do que isso.

A imagem dos edifícios em chamas continuava a povoar-lhe a mente, e ele persistia a tentar expulsá-la por não querer que a sua angústia piorasse a de Thorn. Mas não conseguia evitar uma agonizante sensação de inevitabilidade em relação ao que eles haviam feito.



O sol estava mesmo por cima deles quando, finalmente, Thorn se inclinou para baixo e desceu até uma pequena colina no extremo das vastas planícies orientais.

Aterraram com um safanão, e Thorn abriu a pata. Murtagh caiu nas ervas secas com força bastante para lhe sair um *uf* com a expiração.

Lentamente, pôs-se de pé.

Thorn estava agachado ao seu lado, de ombros e asas encolhidos – como se se escudasse de um golpe –, olhos semicerrados, o corpo inteiro sacudido por tremores minúsculos.

Murtagh envolveu com os braços a cabeça de Thorn.

– Chhh. Está tudo bem – disse, em voz alta e mentalmente. – Estamos a salvo. Relaxa. – Repetiu as palavras até sentir que os tremores começavam a diminuir.

– *Não está tudo bem.* – Thorn pestanejou e agachou-se mais ainda. – *Nunca estará tudo bem.*

– Os elfos terão apagado os fogos. É bastante fácil com uma palavra ou duas.

Thorn pousou a cabeça no chão e expirou num longo suspiro. As escamas pareciam invulgarmente frias a Murtagh; normalmente o dragão tinha a temperatura mais elevada que um humano.

– *Quantos achas que matei?*

– ... Não sei. Talvez nenhum.

Mas ambos sabiam que era improvável.

– *Odeio esta minha fraqueza. Eu não devia ser assim. É descabido para um dragão, ainda por cima um dragão com cavaleiro.*

– Não, não, não – disse Murtagh. As palavras saíam-lhe aos atropelos. – A culpa disto não é tua. Nunca foi.

Thorn olhou para ele com olhos lastimosos.

– *Galbatorix morreu. As minhas ações são só minhas. O que ele me fez...*

– O que ele nos fez.

– *Não nos podem censurar por isso, mas a culpa não deixa de ser minha.*

Murtagh foi assaltado por uma estranha vontade de chorar. Recordou Thorn recém-eclodido, puro e inocente, isento de atos condenáveis, e, apesar de tudo o que eles tinham feito, ainda via em Thorn a mesma cria.

– Tu tens escolha – disse com uma intensa determinação. – Conseguirás vencer este teu medo. Nada neste mundo é mais poderoso que um dragão.

Thorn expirou, levantando poeira em redor dos pés.

– *Nada senão a mente do dragão.* – Murtagh não tinha resposta para aquilo, e a sua impotência transformou-se numa espiral de frustração. – *Mas tentarei como puder.*

– Eu sei que sim. Amanhã, vamos à procura de árvores e trabalharemos nisto juntos.

– *Juntos.*

Com a mão direita, Murtagh acariciou as escamas ao longo do maxilar de Thorn. Ainda as sentia frias.

– Obrigado por teres ido ter comigo. Teria morrido se não o tivesses feito.

– *Voei... muito depressa.*

Thorn voltou a estremecer, e as suas pálpebras fecharam-se um pouco mais, embora mantivesse os ombros e as asas encolhidos.

– Precisas de comer – disse Murtagh. – Fica aqui. Volto já.

– *Não. Não vás...*

Mas Murtagh já descia a colina a trote.



A aproximação de Thorn assustara toda a caça das redondezas, e Murtagh teve de alargar as buscas em termos de área e de tempo, mais do que desejava, até conseguir detetar um rebanho de veados a pastar nas margens de um riacho.

Parou a alguma distância. Duas fêmeas olharam na sua direção antes de se continuarem a alimentar. Pareciam-lhe completamente desprovidas de medo; ele estava demasiado longe para constituir ameaça e não vira nenhuma povoação naquela zona. Os animais não estavam habituados a serem caçados por humanos.

Perscrutou o chão à sua volta em busca de uma pedra, mas, ao contrário da terra nas imediações da Espinha, o solo das planícies era rico e escuro e não tinha pedras. O que ele encontrou, em vez disso, foi um pedaço de osso erodido pelo vento: um fragmento da coxa ou perna de um veado.

Serviria.

Concentrou-se no veado de maior porte, ergueu o osso sobre a sua palma da mão bem aberta e disse:

– *Thrysta!*

O osso voou mais depressa do que os seus olhos conseguiam acompanhar. Com um baque, acertou na fêmea, no meio dos olhos. O animal atirou a cabeça para trás e sucumbiu, com as pernas dianteiras a pontapear.

O resto do rebanho fugiu.

Murtagh caminhou até ao animal caído. Quando lá chegou, a fêmea já se imobilizara.

Olhou para o veado, ponderando no que fizera. Os olhos do animal ainda estavam abertos, e eram tão bonitos, redondos e vítreos e gentis.

– Lamento – murmurou.

Depois agarrou no veado pelas pernas, pô-lo sobre os ombros e começou a longa caminhada de regresso a Thorn.

Enquanto marchava pelas planícies cobertas de ervas, com o corpo quente do animal a pesar-lhe nos ombros, Murtagh voltou a ver a cela onde Galbatorix aprisionara Thorn. Tratava-se de uma câmara comprida mas estreita, com buracos mortíferos abertos no teto. Era demasiado grande e fria e desconfortável para uma cria recém-eclodida, mas, ainda assim, fora lá que Galbatorix pusera Thorn, ancorando-o ao chão com correntes de ferro. Pequenas inicialmente, para equivalerem ao tamanho de Thorn, mas cada vez maiores daí em diante, até chegarem a ser quase tão grossas como o torso de um homem, e demasiado pesadas, todas somadas, para serem levantadas nem que fosse por um dragão com muitas vezes a idade de Thorn. De cada vez que se mexia, as correntes faziam um ruído agreste e horrível. Tantas noites passara Murtagh deitado na sua cela, acordado, à escuta do inconfundível *clinc*.

Começou por lhe doer o coração devido ao isolamento de Thorn. Era cruel deixar uma criatura tão pequena num sítio tão hostil, e ele não conseguia reconfortar Thorn com os seus pensamentos, pois o rei e os seus serventes mantinham-nos sob permanente vigilância mental (e, frequentemente, agressão descarada). Mas o espaço não permaneceu demasiado grande por muito tempo. O crescimento de Thorn, incrementado através de magia, deixou rapidamente a cela apinhada, e as paredes impediam o dragão de abrir as asas, com os nós ossudos dos dedos que saíam das suas membranas de voo a raspar contra as pedras ásperas.

Nessa altura, Murtagh sofria mais com o confinamento de Thorn do que com o isolamento. Ouvia-o com frequência atirar-se contra as paredes e as correntes, numa vã tentativa de fuga, solavancos de pânico pontuados por rugidos e urros que se transformavam em gemidos doridos quando os guardas vinham e espetavam lanças em Thorn pelos buracos mortíferos, ou despejavam sobre ele baldes de água de lavagem, obrigando-o a lambar os restos das escamas.

Aquilo não era maneira de manter um dragão adulto, quanto mais uma cria. Uma criança, na verdade. Passar os primeiros meses da vida em tais condições...

Murtagh cerrou os dentes e acelerou o passo ao sentir uma raiva bem sua conhecida lampear dentro de si. Por vezes, fantasiava com a descoberta de um feitiço que lhe permitisse ressuscitar Galbatorix só para poder voltar a matá-lo. Mas não com compreensão. Com o gume afiado da sua espada, para que o homem sentisse a força total e pungente da fúria de Murtagh.

Mas não seria suficiente. Pois a vingança não repararia o que o rei destruíra.

À medida que Thorn crescia, foi ficando cada vez mais relutante em regressar à cela de cada vez que o rei se dignava libertá-lo. De tal forma que tinha surtos frenéticos, desenfreados, só de ver os guardas. Chicoteava com a cauda e batia e arranhava e tentava fugir de qualquer forma. A cena era de início inspiradora, mas depois dava pena, quando o rei, com algumas palavras, reduzia o dragão a um monte encolhido a choramingar de dor.

Contudo, o castigo não superava o medo que Thorn tinha de espaços exíguos, e, dia após dia, a sua aversão aprofundava-se cada vez mais, até se tornar uma reação instintiva.

Murtagh só se apercebeu da dimensão total do problema quando Galbatorix os colocou em Dras-Leona, durante a guerra, e Thorn assustou-se ao caminhar nas estreitas ruas da cidade. O dragão destruíra quatro casas e ferira vários soldados no seu súbito esforço por se libertar.

Murtagh tinha esperança de que as viagens deles o ajudassem, de que, evitando as cidades e vilas e mantendo-se em espaços abertos, o medo de Thorn diminuísse. E talvez isso ainda acontecesse, mas seria um processo lento. Se é que era possível.

Estremeceu e olhou para o céu em busca de força. Desejava que as coisas tivessem sido diferentes. Mas o passado não podia ser alterado, e as dores que haviam sofrido fariam parte deles para sempre.



Thorn levantou a cabeça quando Murtagh subiu lenta e penosamente a colina e deixou cair o veado no chão, à sua frente.

Thorn farejou a carcaça.

– *Obrigado.*

– Ora essa. Come.

Murtagh dirigiu-se aos alforjes e tirou de lá um odre. Bebeu e observou Thorn agarrar a fêmea, desfazê-la em pedaços e engolir diretamente cada um deles, sem mastigar.

Ir agora ter com Nasuada a Ilirea estava fora de questão. Custava-lhe muito admiti-lo, mas depois de arrasarem Gil'ead, não via como poderia Nasuada aceitá-los na sua corte. A opinião do povo obrigá-la-ia a lidar severamente com eles, e, embora Murtagh aceitasse qualquer castigo que ela considerasse apropriado, não sujeitaria Thorn a um confinamento. Ou pior.

Não. A sua carta teria de bastar, e Murtagh teria de acreditar na capacidade dela de navegar pelos perigos que a acossavam. Tranquilizou-se com a consciência de que Nasuada era mais astuta e capaz do que a maioria.

Ainda assim, era-lhe difícil aceitar a mudança que se dera na situação dele e de Thorn. Durante um esplendoroso momento, pensara que se estendia outro caminho diante deles. Mas agora compreendia que se tratara de um sonho impossível. Eles nunca conseguiriam recuperar a reputação e serem benquistos pela população do território. Essa hipótese estava-lhes vedada para sempre.

Pensaria Nasuada que se haviam virado contra ela? Detestava imaginá-la sentindo-se traída. Os relatos da fuga deles de Gil'ead confirmariam os piores aspetos das reputações que haviam construído. Só lhe restava desejar que a sua carta ajudasse Nasuada a compreender que havia mais em jogo do que parecia à primeira vista.

Bebeu outra vez.

Perguntou-se se não seria melhor levar Thorn mais para leste, para Monte Arngor, onde Eragon e Saphira haviam instalado o novo lar dos Cavaleiros de Dragões. Lá, Thorn poderia viver entre os seus iguais, longe de lugares onde pudesse causar mais danos. E poderia receber a tradicional instrução dos dragões da sua ordem, ministrada por elfos e Edunarís, que lhe fora recusada por Galbatorix.

Mas Murtagh não queria desistir. Havia que enfrentar Bachel. E não queria dar a Eragon a satisfação de reconhecer a sua autoridade. Mas, acima de tudo, não queria admitir ao mundo que ele e Thorn precisavam da ajuda de outrem. Era uma postura assente no mais puro e obstinado orgulho, mas Murtagh seria incapaz de revelar ao mundo a fraqueza de ambos. A fraqueza era perigosa; a fraqueza permite que os outros nos magoem e explorem. A fraqueza era o primeiro passo no caminho para a morte.

Thorn sentiu parte do que ele estava pensar, pois disse:

– *Irei onde quiseres ir. Desde que estejamos juntos, estarei satisfeito.*

Murtagh acenou-lhe com a cabeça e arrolhou o odre.

– Ainda bem, porque não podemos ficar aqui nem em parte nenhuma do reino de Nasuada.

– *Lamento.*

Murtagh evitou os olhos de Thorn e fez o melhor que pôde para lhe aplacar o desconforto.

– É o que é. – Substituiu o odre do saco. – Ainda assim, agora somos proscritos, ainda mais do que éramos antes. Exilados. Teremos de nos manter pelo ermo, guardar distância das zonas habitadas.

– *Podemos voar juntos daqui em diante? Só nós? Sem mais cidades formigueiro?*

– Sim, podemos voar juntos. E nada de cidades.

Thorn engoliu a cabeça do veado e lambeu os beiços até ficarem limpos. Depois de comer, parecia mais calmo, mais alerta.

– *E contigo? Conta-me o que aconteceu em Gil'ead. Como correram as coisas com Silna e Carabel? E como é que acabaste preso numa caixa emaranhada?*

– Fui descuidado – *disse Murtagh.*

Começou a tirar dos sacos as coisas de que precisava para o seu jantar. Teria de caçar também para si se quisesse ter algo que comer no dia seguinte.

Enquanto trabalhava, partilhou as suas memórias com Thorn, começando por explicar como fora admitido na companhia do Capitão Wren. Quando chegou à parte do jardim arcano e contou a Thorn a parte do ovo de Ra'zac, o dragão fungou com tanta força que chamuscou o chão com um dedo de fogo saído de cada narina.

– *Vermes! Esperava que nunca mais os víssemos.*

– Eu sei – disse Murtagh. Soprou as chamas recém-nascidas da fogueira que estava a acender. – Eragon fez um favor ao território quando nos livrou deles.

– *Os sacerdotes de Helgrind procurarão restaurar a anterior glória dos Ra'zac.*

Ao ouvi-lo, Murtagh deu uma breve gargalhada.

– Não estou a ver como conseguiriam tal coisa. Em breve haverá dragões por toda a Alagaësia. Nenhum Lethrblaka conseguiria sobreviver aqui.

Os Lethrblaka eram a forma adulta dos Ra'zac: medonhos monstros voadores mais parecidos com morcegos do que com dragões.

– *Um Ra'zac ainda seria capaz de muitas diabruras antes de atingir o crescimento máximo. Sobretudo se forçado a obedecer a um mágico.*

Por instantes, Murtagh ponderou regressar a Gil'ead com o objetivo específico de destruir o ovo de Ra'zac, mas logo se repreendeu pela estupidez de tal ideia. Além do perigo, o Capitão Wren e Arven teriam tratado de retirar tudo o que fosse valioso das catacumbas sob a caserna.

Deu uma palmada na bolsa presa ao cinto. Ainda lá tinha o compêndio, tal como – constatou quando palpou mais abaixo – ainda tinha o diamante amarelo na bainha do manto.

O fogo estava agora mais ateadado, e ele prosseguiu com as suas memórias. Rapidamente chegou ao confronto com Arven, Esva e os restantes guardas, e Thorn sentiu o remorso de Murtagh quanto ao desfecho da luta.

Aproximou-se, fazendo estalar ervas secas e caules de cardos murchos sob os pés, e encostou o nariz ao ombro de Murtagh.

– *Fizeste o que tinhas de fazer. Ninguém morreu. Atormentares-te não servirá de nada.*

– *Nada da vida é fácil* – disse Murtagh mentalmente, pois o som da sua voz parecia-lhe insuportavelmente duro.

– *Porque deveria ser? A vida é um combate do princípio ao fim.*

A boca de Murtagh foi atravessada por um sorriso soturno, e ele deu umas palmadinhas a Thorn.

– *E ganhar é melhor que perder.*

O fogo carmesim dos olhos de Thorn sumiu-se. Compreendiam-se um ao outro.

Murtagh retomou a revisão das suas memórias e, quando chegou ao fim, disse:

– Agora ainda quero mais encontrar essa feiticeira Bachel. E quero saber o que andam a tramar esses Sonhadores. – Esmagou mais dois nabos com a pedra que tinha na mão. Quem lhe dera ter arranjado uma faca para substituir a sua adaga antes de ter deixado Gil’ead. – Seja o que for que estejam a planear, é mais aterrorizante do que temia.

Thorn ciciou, e a sua língua espreitou pela boca coberta de escamas.

– *E continuas a não querer avisar Eragon ou Arya?*

Murtagh deitou os nabos esmagados no tacho pendurado sobre a fogueira. A ideia de implorar a Eragon que o ajudasse dava-lhe vontade de cuspir. Sobretudo por saber que Eragon o ajudaria. Isso era o pior.

– Se Nasuada os quiser pôr ao corrente, tem esse direito. No entanto, levaria muito tempo até qualquer um deles juntar-se a nós, e, de qualquer forma... Quero que sejamos nós a tratar disto. Se conseguirmos. Raios, nem sequer sabemos exatamente o que se passa! Enquanto não soubermos, a minha opinião é que mantenhamos o plano.

Sentiu anuência da parte de Thorn. Então, ouviu do peito do dragão o som baixo de tosse, enquanto a língua se lhe estendia para fora da boca.

– Que foi? – perguntou Murtagh.

O dragão mostrou as duas filas de dentes.

– *Ocorreu-me um pensamento. Carabel fez-te um favor maior do que te apercebeste.*

– Como assim?

– *Salvou-te de teres de interagir com Ilenna. Uma grande dádiva.*

Murtagh olhou-o fixamente durante um bocado, e depois desatou a rir. Com uma inclinação sarcástica da cabeça, disse:

– Talvez tenhas razão...

Depois, voltou a ficar soturno, de olhos fixos nas chamas tremeluzentes.

– *Que se passa?*

Murtagh encolheu os ombros, mantendo o olhar no lume.

– Quem me dera ter sabido disto antes para incluir algo sobre Lyreth e os seus pares na minha carta. De certeza que ela suspeita de estarem a trabalhar contra ela, mas estar avisado é estar armado.

– Não podes usar um feitiço para a avisar?

Murtagh esfregou a bota na terra, pensativo.

– Provavelmente não. Urû'b... *Ilirea* fica demasiado longe para magia, isto é, magia simples, e Nasuada terá certamente proteções contra tais intrusões. Podia contratar um mensageiro, mas não confiaria esta informação a um estranho.

Thorn tocou-lhede novo no ombro, e Murtagh forçou um pequeno sorriso. Coçou a bochecha do dragão, e ele bufou.

– Vamos para norte, então?

Murtagh anuiu com a cabeça.

– Vamos voltar à Baía de Fundor. Seguimos a Espinha ao longo da costa até encontrarmos a aldeia de que Carabel falou.

– *E depois?*

Murtagh acertou noutro nabo com a pedra.

– Depois veremos o que Bachel tem a dizer em sua defesa.



Apesar da sua extrema exaustão, Murtagh teve dificuldade em dormir nessa noite. A mente ruminava sem parar os acontecimentos dos últimos dias. Voltou a recordar, uma e outra vez, a sua fuga de Gil'ead, e perguntava-se o que poderia ter feito para evitar um desfecho tão desastroso. Continuavam a perturbá-lo imagens de Esvar e dos soldados afogados, e surgiram à sua frente os rostos dos dois irmãos do Rusty Anchor. Ardia-lhe o meio da testa, e lembrou-se também de Essie e da sala de pedra sob a caserna e do fedor a medo.

Quando o sono o tomou, por fim, sonhou com castelos vazios e portas trancadas e passos a perseguirem-no ao longo de corredores intermináveis. E ouviu a voz do pai ecoar por cima de si com uma obstinação medonha, seguida da recordação de um toque na sua face, suave e amoroso, e da sua mãe dizendo «*Belo rapaz. O meu belo rapaz.*»

Depois, a sua mente adormecida encheu-se de visões de batalha: Glaedr e Oromis sobre Gil'ead, espadas a chocar umas nas outras nas Planícies Flamejantes, soldados a morrer sob o seu comando, estandartes e galhardetes chicoteados pelo vento, o cheiro de sangue e de fogo, e água no seu nariz e na sua garganta, a sufocá-lo, enquanto se debatia com Muckmaw.

Obrigada, sussurrou Silna, mas ele não sentiu alívio algum, absolvição alguma, e os pesadelos arrastaram-no ainda mais para baixo, para baixo, para baixo até às celas sob Urû'baen, onde Galbatorix o vergara e quebrara, e, ao mesmo tempo, ouvia os rugidos e gritos de Thorn, o seu dragão, o seu belo dragão recém-eclodido, em sofrimento na câmara junto à sua.



A manhã chegou coberta de geada e Murtagh precisou de uma boa hora ou mais para aquecer o bastante para enfrentar o dia. Estava dorido, e também cansado, e as fibras do seu ser estavam desgastadas do uso.

Depois de uma caneca de chá de bagas de sabugueiro, praticou um pouco com a Zar'roc, e o exercício ajudou-o a arrumar as ideias e focar o pensamento. A si como também a Thorn. A maneira como se sentia um deles tinha um grande efeito no outro, e Murtagh estava determinado a fazer tudo ao seu alcance para escorar a coragem de Thorn.

Quando acabaram as práticas, ele e Thorn deixaram os pertences no acampamento e desceram o monte até um renque de bétulas alinhado com um minúsculo regato.

Murtagh entrou primeiro. Caminhou de costas para o renque de árvores, sentindo o caminho com os calcanhares para evitar tropeçar, e mantendo sempre os olhos em Thorn. Quando já tinha avançado uns bons trinta passos embrenhado nas árvores, estendeu as mãos.

— Vem até mim.

Ouviu-se um seco restolhar quando Thorn dobrou as asas. Abanou-se, e as escamas espevitaram-se-lhe em todo o seu cintilante comprimento. Depois, deu um passo hesitante, ficando com a cabeça sob as árvores sem folhas. Os ramos resmonearam sob a influência de uma brisa.

Thorn retesou-se e Murtagh voltou a dizer, em voz suave:

— Vem até mim. — Sorriu para ajudar Thorn. — Tu consegues.

O peso da pata dianteira de Thorn esmagou dúzias de folhas encarquilhadas pela geada quando ele deu mais um passo em frente. E outro.

– Isso mesmo – sussurrou Murtagh.

Se Thorn conseguisse vencer aquele medo uma vez que fosse, Murtagh sabia que ele conseguiria evoluir a partir desse triunfo e que o medo diminuiria a casa sucesso.

Quando os ombros corcovados de Thorn avançaram por entre os troncos esbranquiçados, o dragão retesou-se mais ainda. Descaiu, acorando-se muito, e enfiou as garras na argila, enquanto a ponta da sua causa silvava ao baloiçar no ar.

– Não pares.

Thorn recusava-se a olhar Murtagh nos olhos. Murtagh conseguia sentir a maré crescente de pânico que engolia a mente do dragão, e combatia-a com pensamentos apaziguadores, mas era como se tentar bater o mar real.

– Tenta! – ordenou Murtagh com um tom de voz subitamente severo. Onde o aliciamento não resultava, talvez funcionasse a ferocidade. – Agora! Não penses!

Thorn deixou escapar um rugido angustiado e bamboleou em frente, com as pernas rígidas, como faria um animal ferido, e, na pressa, a cabeça raspou-se-lhe num ramo baixo. Um medo cego varreu a mente de Thorn com tamanha forma que se precipitou até às têmporas de Murtagh. Este deu um grito e caiu sobre um joelho ao mesmo tempo que Thorn embatia nas árvores, serpenteando de volta para fora delas.

Thorn sentou-se no campo aberto, a tremer e a pestanejar. Tinha a boca aberta e ofegava como se tivesse acabado de correr desesperadamente. Depois, ergueu o focinho e soltou um uivo queixoso tão solitário e sinistro que Murtagh sentiu a coluna inteira arrepiar-se.

– *Não consigo* – disse Thorn. – *As minhas pernas encalham e não me consigo mexer. É como se ficasse preso por um feitiço, e sinto que estou prestes a morrer.*

Murtagh voltou a pôr-se de pé com esforço e caminhou a passo lento até Thorn.

– São apenas emoções. *Tu* não és as emoções. – Deu uma palmadinha na perna dianteira de Thorn. – Podes senti-las, deixá-las atravessarem-te, mas quem *tu* és não muda. Lembra-te disso. Lembra-te das partes do teu nome

verdadeiro que descrevem o melhor de ti e agarra-te a elas.

Thorn baixou a cabeça em resposta.

– *Difícil é fazê-lo.*

– É sempre. – Murtagh fez um gesto em direção às bétulas. – Outra vez.

Por trás do olhar de Thorn cintilaram medo e incerteza enquanto este olhava para Murtagh, mas depois o dragão endireitou-se, arqueou orgulhosamente o pescoço e soltou um bafo de fumo que espiralou à saída das narinas.

– Por ti.

Tal como fizera antes, Murtagh caminhou de costas para as árvores e, tal como fizera antes, Thorn tentou segui-lo. O dragão vermelho conseguiu obrigar-se a chegar alguns passos mais longe do que na primeira tentativa, mas depois faltou-lhe a coragem e teve de recuar. As suas memórias do aprisionamento eram tão vívidas que, por momentos, assoberbaram a mente de Murtagh, e as masmorras de Urû'baen surgiram-lhe diante dos olhos, tal como vistas por Thorn. Isso e a aversão visceral do dragão chegou para Murtagh também ter de sair do meio das árvores.

Precisaram de um bocado para se recompor. O coração de Murtagh estava desconfortavelmente acelerado.

Depois, tentaram uma vez mais, com um resultado semelhante.

– Chega – disse Murtagh, pousando uma mão no pescoço de Thorn.

O dragão estava encolhido em forma de nó apertado sobre as ervas secas, a arfar e a tremer como se ardesse em febre. Ainda era de manhã e já estavam os dois exaustos.

Permaneceram ambos num invulgar silêncio enquanto regressavam ao acampamento e se preparavam para partir.

Só quando Murtagh já tinha tudo arrumado e fazia uma última inspeção às correias da sela de Thorn é que o dragão falou.

– *Amanhã, encontrarei outro aglomerado de árvores.*

Murtagh aquietou-se, com uma fivela meio fechada na mão. Acabou de a apertar.

– Eu ajudar-te-ei.

E durante um instante silencioso, atravessou-os a sensação de uma determinação partilhada.

Antes de subir para a sela, Murtagh molhou um farrapo de tecido e limpou o suor da testa e de baixo dos braços. Preferia tomar um banho a sério, mas o regato ali próximo era demasiado pequeno para ele lá caber, e, além disso, o dia de voo apenas o deixaria suado outra vez.

Thorn esticou os dedos das asas e abanou-os, como que a libertar-se de energia nervosa.

– *Os ventos estão a mudar. Teremos de dançar por entre as nuvens.*

Murtagh subiu pelo lado de Thorn e sentou-se na sela. Ao cingir as correias à volta das pernas, deitou um último olhar à pacífica extensão de prado e acenou com a cabeça.

– Então, dancemos. Não, *cacemos*.

E Thorn rugiu em sinal de aprovação.

CAPÍTULO XVII



Exílio

Enquanto Thorn voava e a terra rolava por baixo deles, Murtagh deixou a mente vaguear. Tinha uma tendência natural para pensar – revolver incessantemente tudo o que fora, era e poderia ser –, mas combatia essa vontade por tantos dos seus pensamentos serem dolorosos. *Nada de recordar!* Em vez disso, encontrou consolo em existir sem refletir. Um prazer simples, talvez o mais simples de todos, e, no entanto, nem por isso pouco profundo.

Lá no alto, o ar era fio, e as suas pestanas ficavam coladas pelo gelo se ele pestanejasse mais lentamente que o normal. Murtagh recorreu a um feitiço para protegê-lo do vento à sua frente, de modo a desacelerar a perda de calor do seu corpo. Thorn não precisava de tal proteção; as suas escamas eram defesa suficiente.

Dos prados a nordeste de Gil’ead, Thorn voou outra vez sobre o Lago de Isenstar e começou a seguir o Rio Ninor para noroeste, em direção à Espinha.

Seguiam a bom ritmo, mas Murtagh receava que os acontecimentos os estivessem a ultrapassar, e também que os Du Vrangr Gata, ou até mesmo os elfos, andassem no encalço deles. A não ser que Carabel tivesse capacidades de que ele ainda nem suspeitava, a sua carta levaria alguns dias a chegar a Nasuada. Até lá, Nasuada, Arya e Eragon – tendo todos já recebido, indubitavelmente, notícias do confronto em Gil’ead – presumiriam o pior. Eragon e Arya poderiam ficar assustados a ponto de se lançarem eles mesmos em sua perseguição, percebia Murtagh tardiamente. Tinha esperança de que o contactassem, e de cada vez que sentia um toque na mente, combatia a tendência para estremecer.

Mas era sempre Thorn, e o dragão disse-lhe:

– *Estás tão assustadiço como um gato da montanha picado por demasiadas pulgas.*

– *Nem me fales de gatos.*

A paisagem lá em baixo era belíssima, e Murtagh deu por si a desejar que pudessem ignorar as preocupações de reis e rainhas e viver de acordo com as suas próprias vontades, tal como desejara Thorn. Quer isso significasse instalarem-se num sítio em concreto – com a magia como ferramenta, conseguiria erguer uma cabana ou um palácio, consoante lhe apetecesse – ou percorrerem os céus como albatrozes determinados a deambular durante todos os dias das suas vidas.

Mas sabia no seu íntimo que nenhuma dessas opções resultaria. *Ninguém vive verdadeiramente à parte. Estamos todos ligados.* E ignorar as responsabilidades deles, as responsabilidades *dele*, apenas conduziria a remorsos.

Nessa noite, assentaram acampamento junto a um choupal próximo das margens de um rio. Murtagh foi caçar com um seixo e um feitiço e depressa reuniu duas lebres e um pato grande, de patas azuis, que insensatamente nadava perto dele.

Antes de acender a fogueira e preparar o seu jantar, foi com Thorn até ao choupal, e Thorn voltou a tentar entrar para o meio das árvores.

Foi dessa vez mais bem-sucedido do que anteriormente, porque os choupos não eram muito grandes e Thorn tinha mais espaço à volta da cabeça e de lado. Mas, no final, o mesmo medo fê-lo petrificar e depois recuar, e Murtagh não considerou aquela tentativa como grande progresso.

O exercício acentuou-lhes ainda mais o cansaço de final de dia, e pouco falaram durante o resto da tarde.

Depois de comer, Murtagh apagou a fogueira e sentou-se com as costas junto a Thorn. Durante algum tempo, fixou o olhar numa das coroas que lhe dera Wren, de semblante sombrio. Depois, pegou no dicionário que roubara e começou a lê-lo em voz alta, enquanto o sol se punha e se erguiam nuvens de mosquitos sobre os cumes das árvores.

Na manhã do segundo dia, enquanto Murtagh esperava que o seu toucinho ficasse cozinhado, voltou ao compêndio. O livro preenchia-lhe completamente os pensamentos: as palavras que continha e o potencial nelas encerrado continuavam a encher-lhe a mente de ideias para feitiços.

Desta vez não retomou a leitura onde havia parado, para seguir por ordem. Folheou-o até, completamente por acaso, pousar os olhos na palavra *naina*.

Mexeu os lábios a ler a definição: «Tornar brilhante. Luz sem fogo. Ver também *lijothsa*.» Virou as páginas até encontrar a palavra *lijothsa* e leu: «Luz como a coisa em si mesma. Ver também *naina*.»

Franziu o sobrolho enquanto analisava a diferença. Depois, os seus pensamentos viraram-se para o quarto emitindo luz que vira nas catacumbas, e também para a dificuldade que ele tivera em iluminar o Lago Isenstar quando estava dentro de água. O fogo era uma fraca escolha para luz submersa; criava demasiadas bolhas e demasiado vapor.

Murtagh olhou de relance para cima. O céu matinal estava limpo e luminoso, repleto de uma aparentemente infindável radiância solar. *E se...* O feitiço que ele usava para ocultar Thorn dos observadores funcionava – tanto quanto Murtagh sabia – por espessar o ar sob o corpo do dragão, para que o ar dobrasse a luz à volta dele, de um modo semelhante ao que faria uma lente de vidro polido.

Talvez pudesse alterar o feitiço para juntar luz de uma área alargada em redor deles e depois concentrá-la num único ponto, para lhe servir de lanterna ou para armazená-la tendo em vista futuras necessidades.

Agindo por impulso, despejou um pouco de água no seu prato de latão amolgado e depois esvaziou a mente, escolheu as palavras necessárias da língua antiga – era um feitiço bizarro, mas ele achava que faria o que ele pretendia – e disse, com o propósito de focar a luz no prato:

– *Vindr thrystha un lijothsa athaerum.*

BUM!

Um raio tão luminoso quanto o sol explodiu à sua frente, ecoou pela planície o ribombar de trovões, e surgiu de rompante uma nuvem de cinza e vapor sobreaquecido. Murtagh sentiu o calor junto ao rosto quando caiu para trás, por causa da ativação dos seus feitiços de proteção.

Thorn soltou um rugido sobressaltado e virou-se para trás, abrindo as asas. Na boca bruxuleava-lhe uma língua de chama vermelha.

Com algum desalento, Murtagh viu destruída a fogueira do seu acampamento; em todas as direções, espalhavam-se pedaços de brasas incandescentes, e o chão ficara enegrecido. Subiam mechas de fumo encaracolado de vários tufos de erva seca. O tacho com o seu toucinho ficara dobrado ao meio, o toucinho propriamente dito perdera-se algures na terra.

Praguejando, Murtagh correu a pisar as brasas antes que atuassem um incêndio.

– *Que é que fizeste?* – perguntou Thorn, com as asas ainda ligeiramente erguidas.

– Não sei bem. Era apenas *luz*. – Então, explicou o que tentara alcançar. Abanou a cabeça. – Nunca mais usarei *aquele* feitiço, a não ser a distância.

– *A grande distância.*

– Concordo.

Continuaram a seguir o Rio Ninor até ele começar a curvar mais para oeste e sul que para norte, altura em que se afastaram do rio e prosseguiram pelas planícies sem rastros.

Não era a primeira vez que Murtagh se apercebia de quão vazia era Alagaësia. Apesar de todos os esforços de humanos, anões e elfos, restava ainda uma vastidão de terra por povoar, desenvolver e civilizar. Por um lado, preferia que assim fosse. Se o mundo inteiro estivesse apinhado, como Ilirea ou Dras-Leona, não restaria lugar algum para os que não pertencem.

No início da tarde, Murtagh compôs uma estrofe de que gostava particularmente:

*Sobre a torre um homem oco,
Concha de sombra, vazio por dentro,
Cingido por palavras, pela espada de um vilão.
Um nome de vergonha, um medo do destino.
Partir o cinto, mudar o rumo,
A concha permanece, uma sombra atormentadora.*

Ao fim da tarde, a Espinha começara a mostrar-se-lhes ao longe, um espinhaço acidentado de dentes roxos contra o céu avermelhado.

Naquela noite, o acampamento parecia tremendamente solitário. O terreno era plano, quase sem elevações ou vegetação, logo, sem esconderijos. Apesar da falta de proteção, partilhavam um certo alívio pela ausência de matagais, cavernas ou qualquer outro tipo de confinamento. Thorn ainda mais que Murtagh, mas ambos estavam agradados com a pausa, nem que fosse de apenas um dia, no medo nutrido por Thorn pelos espaços apertados.

Criaram o seu próprio abrigo sob a asa de Thorn, e Murtagh divertiu o dragão cantando-lhe canções da corte, e até dançou um passo ou dois para Thorn ver.

E assim foi o segundo dia.



No terceiro dia, os uivos sinistros de uma alcateia de lobos acordaram-nos antes do nascer do sol. Os lobos andavam pelas pradarias a algumas milhas de distância, para sul, e os seus latidos chegavam-lhes com surpreendente volume e clareza, transportados pelo imóvel ar da manhã. Mesmo de tão longe, Murtagh conseguia ver o aspeto dos animais; deviam ter o dobro do tamanho de um mastim, com pelagem cor de canela e caudas longas e espessas.

– *Achas que lhes responda?* – perguntou Thorn.

– Se quiseres – disse Murtagh, divertido.

Então, Thorn ergueu a cabeça e emitiu uma aceitável imitação de uivo de lobo, só que muito mais elevada e muito mais ameaçadora.

A alcateia ganiu com medo, e depois correu em silêncio.

Murtagh riu-se e deu uma palmadinha a Thorn.

– *Faz-lhes bem saber que não são os únicos caçadores que por aqui andam* – disse Thorn, satisfeito consigo mesmo.

Apesar de se fazer sentir um vento lateral irritante, chegaram à orla das planícies nessa manhã, e a terra erguia-se em colinas e depois das íngremes elevações da Espinha. Chegava até meio das montanhas uma cobertura de neve, e os pinheiros cintilavam como se tivessem diamantes incrustados.

Atravessada no seu caminho, encontraram uma faixa de água prateada, e Murtagh sabia tratar-se do Rio Anora, que corria para norte até à Baía de Fundor. Direccionou Thorn para que seguisse o rio a montante, para o

coração das montanhas.

Thorn obedeceu sem perguntas; o dragão estava tão curioso quanto Murtagh.

O Anora conduzia-os por um estreito desfiladeiro que bordejava um vale profundo. No cume da montanha, à esquerda do desfiladeiro, viram uma torre de vigia em ruínas, construída ao estilo dos elfos, sem caminho ou estrada que chegasse às suas paredes escuras, e Murtagh reconheceu-a e proferiu o seu nome na língua antiga: «*Ristvak'baen*», ou *Lugar da Mágoa*. Sentiu uma combinação de mágoa e aversão, pois fora ali, naquela torre, que Galbatorix matara Vrael, líder dos Cavaleiros, após a grande batalha na Ilha Vroengard. Mais do que qualquer outra coisa, fora esse acontecimento a marcar a queda dos Cavaleiros.

Galbatorix gabara-se mais do que uma vez dessa luta. Murtagh ainda o conseguia ver, esparramado na cadeira forrada com pelo da sua sala de jantar – as suas feições rígidas, estilo águia, iluminadas pela enorme lareira de banquete encastrada numa das paredes –, os olhos a reluzir de prazer repugnante enquanto relatava como vencera Vrael com um pontapé entre as pernas.

Sentiu então um ímpeto e, antes de o verbalizar, Thorn já lhe correspondia, inclinando-se para a esquerda e descendo em espiral sobre um terraço plano ao lado da torre em ruínas.

A presença daquele terraço era mesmo conveniente, pensou Murtagh. Então, sentiu-se tolo. A torre fora construída por e para Cavaleiros do Dragão. Claro que incluiria um sítio para os dragões aterrarem.

Thorn sentiu as garras arranharem a pedra ao aterrar em *Ristvak'baen*. Murtagh esperava que a estrutura ainda fosse sólida. Aguentara-se durante cem anos; com certeza que se aguentaria por mais uns minutos.

Desmontou e tanto ele como Thorn olharam para a torre a desmoronar-se. Um arco da altura de uma pessoa rasgava a parede exterior do edifício, conduzindo a um pequeno pátio.

Murtagh atravessou-o.

As pedras no pátio estavam manchadas por retalhos de musgo e líquenes, enquanto, entre as juntas, despontavam tufo de ervas mortas. Um zimbro raquítico crescia de uma racha na muralha, um pouco mais acima, o seu tronco uma torção ressequida de madeira gretada, e um vento desolado

agitava-lhe os ramos. Havia neve retida nos cantos do pátio, onde as sombras a escudavam da luz direta. Via-se apenas uma porta na lateral da torre, com as dobradiças distorcidas, partidas, negras de ferrugem.

No meio do pátio, havia um círculo de doze bocais de latão embutidos na pedra. Cada um deles tinha o tamanho de um punho, cegos e vazios como caveiras, verdejados por uma camada de verdete com a textura de cera. Murtagh não conseguia deduzir o que haviam contido aqueles bocais.

Atrás de si, Thorn hesitava, e depois, com um rugido suave, agachou-se no terraço e enfiou a cabeça e o pescoço no pátio. Tinha o corpo inteiro hirto de tensão – os lábios enrugados a revelarem os dentes –, mas não recuou. Murtagh considerou aquilo como um pequeno progresso.

Continuou a analisar o pátio. Não restava qualquer indício da luta entre Galbatorix e Vrael. Aquele sítio era frio e encontrava-se vazio, despojado de qualquer conforto, e o chocalhar dos ramos secos lembrava-lhe o chocalhar de ossos.

Thorn farejou o ar.

– *É estranho pensar em tudo o que resultou do encontro deles aqui.*

Murtagh sentiu uma onda de calor despejar-se-lhe pelos membros abaixo, como uma inundação de cera derretida. Cerrou os dentes, e também os punhos, e começaram-lhe a pingar lágrimas dos olhos que não pestanejavam. O surto de emoção foi tão repentino, tão forte e inesperado, que gritou com a surpresa. Depois voltou a gritar apenas por raiva pura e cega.

Thorn estremeceu, mas Murtagh não se importou com isso.

Uivou para o céu vazio. Uivou e gritou até ficar sem voz e sentir sangue a escorrer no fundo da garganta. As pedras do pavimento magoaram-lhe os joelhos ao deixar-se cair, ficando com a cabeça pendurada, como um cão açoitado.

Com uma luva calçada, bateu nas pedras do pátio com o punho cerrado. Sentiu dores agudas nos ossos do fundo da mão. Ecoavam pela torre profundos estrondos cavos, como se o seu punho fosse uma maça de ferro.

Um rugido rasgou-lhe a garganta, e bateu com a mão aberta nas pedras.

– *Jierda.*

Numa reação ensurdecadora, começaram a sair da sua mão teias de rachas que quebraram as pedras do pavimento de todo o pátio. Por entre as facetas expostas das pedras saíam fitas de poeira, e um dos bocais de latão

caiu do seu encaixe.

Esgotado, Murtagh soçobrou sobre as pedras rachadas e escondeu o rosto numa prega do manto.

O vento arranhava as paredes laterais da torre.

A mente de Thorn era uma presença reconfortante junto à sua, mas o dragão não disse nada, apenas observava e aguardava.

Passado um bom bocado, Murtagh ergueu a cabeça e empurrou-se para cima, ficando de joelhos. O manto caía em redor dele, formando poças de lâ escura, e as arestas afiadas das pedras rachadas feriam-lhe as canelas.

Limpou os olhos com as costas de uma mão enluvada.

– Isto tudo... – disse, com a voz áspera e crua a cortar o ar rarefeito. Tossiu. – ... Isto tudo porque os Cavaleiros não mataram Galbatorix quando surgiu a oportunidade. Se tivessem...

– *Tu não terias nascido.*

– E talvez outra pessoa tivesse tido mais sorte na vida.

Thorn rosnou e inclinou-se para a frente, mas estremeceu e voltou a acocorar-se.

– *Não digas isso. Nunca digas isso. Não querias ter sido vinculado a mim?*

A pergunta atravessou a introspeção soturna de Murtagh como uma lâmina a cortar seda.

– Claro que queria. Não era isso que eu queria dizer.

– *Então diz o que queres dizer. Eu escolhi eclodir para ti, Murtagh, não desejo outro.*

A profunda sinceridade do dragão devolveu a presença de espírito a Murtagh.

– *Desculpa. Tens razão. Falei sem pensar. Estava com pena de mim. É um hábito infeliz.*

– Muito.

– Porque é que tu *eclodiste* para mim?

Em todo o tempo que já haviam passado juntos, nunca ocorrera a Murtagh fazer-lhe aquela pergunta.

Thorn pestanejou.

– *Estava farto de esperar para emergir, e consegui perceber que eras uma boa combinação comigo. Isso e também que não tinhas nada da loucura de Galbatorix.*

– Lamento não te ter conseguido proteger melhor.
– *Agora estás outra vez com pena de ti. Fizeste-o tão bem quanto qualquer pessoa conseguiria, e melhor do que a maioria.*

– Mmh. – Murtagh levantou-se lentamente e deu uma festinha no focinho de Thorn.

Thorn emitiu um som anasalado e encostou-se à mão de Murtagh.

– *Sobrevivemos. É isso que conta.*

– Ainda assim, gostava de poder voar até ao passado e ajudar Vrael.

– *Nesse caso, toda a gente em todo o lado faria o mesmo com os seus próprios desgostos, e o mundo seria desfeito.*

– Talvez tenhas razão. – Olhou para as pedras rachadas com algum pesar. Esperava que a torre não caísse.

– Vou ver lá dentro. Não me demoro.

– *Fica atento a armadilhas.*

Thorn retirou a cabeça e o pescoço do pátio e virou-se para olhar para o vale.

Murtagh entrou cautelosamente pela porta na base da torre. À sua frente, um corredor alto e escuro, o chão de pedra encrostado de terra, e, nos cantos, emaranhados de ramos e ervas murchas.

Dali, avançou para o interior da torre – para a parte a que tinha acesso. Havia pedras caídas a bloquear várias entradas. As divisões eram secas, mortas, desertas. Restava lá alguma da mobília; cadeiras de madeira frágeis ao toque; um tição de ferro encostado à lareira da cozinha; os resquícios apodrecidos de uma cama estreita.

No chão daquilo que deduzia ter sido um armazém, encontrou uma taça de latão amolgada, decorada com um bordado fino que só podia ser trabalho de um artesão elfo. Murtagh sentiu o frio do metal nos seus dedos enluvados, quando pegou na taça. Rodou-a na mão, analisando-a, perguntando-se a quem teria pertencido e que coisas teria visto ao longo dos anos.

Agindo por impulso, manteve a taça na mão enquanto subiu a estreita escada de volta para o pátio.

A cauda de Thorn saracoteou-se de um lado para o outro quando Murtagh se lhe juntou no terraço plano.

– Uma relíquia de outra era – disse Murtagh, erguendo a taça para Thorn a farejar. – Acho que vou ficar com ela. Esta taça pode ser o primeiro tesouro da Casa Murtagh. Que te parece?

Thorn lançou-lhe um olhar dúbio.

– *Então e a Zar'roc?*

– Uma maldição, não um tesouro.

Murtagh balançou a taça na mão e depois dirigiu-se aos alforjes e começou a desafivelar um deles.

– *Talvez possas criar uma nova história para a espada* – disse Thorn.

Murtagh enfiou a taça debaixo da trouxa de dormir e fechou o alforje.

– Seria preciso era e meia para contrabalançar todos os maus atos feitos com a Zar'roc.

Deu a volta para chegar em frente a Thorn.

– *Nesse caso, terei de garantir que viverás durante muito, muito tempo* – disse Thorn, com um relampejo nos seus olhos de rubi.

– Tens a certeza? Isso parece uma tarefa monstruosa.

Thorn bufou, e o relampejo acendeu-se mais ainda.

– *A certeza absoluta.*

– Mmh – disse Thorn. Mas sentia-se sensibilizado. Virou-se e olhou para o vale. – Com que então, é daqui que eles vêm.

O Vale Palancar: terra de Eragon... e da mãe de ambos. O sítio para onde ela regressara para dar à luz Eragon, longe de Morzan e do Império.

– *Parece um bom lugar para caçar.*

A alguma distância de Ristvak'baen, via-se uma pequena povoação ao lado do Rio Anora. Therinsford, deduziu Murtagh, se a memória do que Eragon lhe contara acerca do vale estivesse correta.

Voltou a subir para Thorn e prendeu as pernas.

– Pronto.

– *Segura-te!*

Com um salto poderoso, Thorn lançou-se aos ares. Subiu a várias centenas de pés acima dos picos das montanhas, onde o ar era rarefeito e de onde era muito improvável que alguém lá em baixo conseguisse ouvir o bater das suas asas.

Murtagh observava o vale sem pestanejar, à medida que se abria diante deles. Tinha tanto de história familiar como de geografia. Se os acontecimentos se tivessem desenrolado de forma ligeiramente diferente, o

Vale Palancar teria sido o seu lar, como fora o de Eragon. Perguntou-se como teria sido crescer num sítio tão isolado.

Sentiu vontade de poder falar com a sua mãe, fazer-lhe perguntas sobre a infância dela e as razões para ter abandonado o Vale Palancar para seguir Morzan pelo mundo. E também sobre a razão, o *porquê*, de ter escolhido salvar Eragon de Morzan mas não ele, o seu filho mais velho. Teria sido uma questão de capacidade ou de oportunidade, ou uma preferência? A pergunta vinha a atormentá-lo desde o instante em que tomara conhecimento da sua ligação a Eragon. Como podia uma mãe sacrificar um filho por outro?

Como? Era verdade que Eragon corra perigo mortal. Não era filho de Morzan, e, caso Morzan tivesse descoberto a verdade... Murtagh estremeceu só de imaginar a ira do pai. Havia isso, claro. Ainda assim, Murtagh não podia deixar de se perguntar se fora mais uma escolha do que uma necessidade a privar a mãe de o levar com ela para o Vale Palancar.

Ver Eragon louvado como o herói da era ainda piorava mais aquele pensamento, pois fazia Murtagh recear que ela estivesse *certa* ao escolher Eragon, e que houvesse algo de irreparavelmente errado ou desadequado nele, alguma falha que a mãe deles lhe tivesse detetado.

Talvez fosse a cicatriz nas suas costas. Ele fora marcado pela escuridão de Morzan de uma forma que nunca acontecera a Eragon.

Delicadamente, Thorn disse:

– *Tu não conheces os motivos nem a situação. E, independentemente disso, eu escolhi-te a ti.*

Aquelas palavras suavizaram a disposição de Murtagh e dissiparam um pouco do seu azedume, apesar de que permanecia, como um veneno, no fundo da sua mente. Coçou as escamas ao longo da coluna de Thorn e inclinou-se para a frente para lhe dar um abraço rápido.

Depois endireitou-se na sela e empenhou-se em enterrar os seus pensamentos soturnos.

A meio do vale, Murtagh viu aquilo que procurava: os despojos queimados de uma quinta próxima do rio, a cerca de um dia de caminhada de Therinsford. Sentiu um arrepio na coluna, pois soube que estava a olhar para a casa em que Eragon vivera, e que os Ra'zac haviam incendiado depois de interrogarem – ou melhor, *torturarem* – o tio dele, Garrow.

– *Tanto por tão pouco* – disse Thorn.

– *É mesmo.*

Murtagh ficou surpreendido por encontrar a quinta ainda ao abandono. Pensava que Roran ou outro dos aldeões de Carvahall a tivesse reconstruído.

Erguendo o olhar, viu Carvahall, aninhada entre o rio e os sopés do extremo norte do Vale Palancar. A aldeia era diferente daquilo que Murtagh esperava. Uma forte paliçada de madeira rodeava um aglomerado de casinhas de colmo, rústicas e recentemente construídas por entre os contornos enegrecidos daquilo que Murtagh percebeu ser a aldeia original, antes de ter sido arrasada pelas forças de Galbatorix. O que o lembrava, desconfortavelmente, das suas ações e de Thorn em Gil'ead. O flanco ocidental de Carvahall encostava-se ao Anora, e sobre as águas rápidas estendia-se uma ponte robusta. Do lado de lá, um caminho largo e bastante marcado conduzia a um monte elevado com vista sobre o resto do vale. No seu cume, viam-se as fundações de pedra e as paredes parcialmente construídas do que parecia ser um pequeno castelo.

Mentalmente, Murtagh chamou a atenção de Thorn para o castelo inacabado.

– *Parece que o primo de Eragon tem estado ocupado. Aprendeu da maneira mais dura que a única forma de se ficar é salvo é protegendo-se com a força das armas.*

– *Roran é também teu primo.*

– *Mmm. Pergunto-me quão parecidos seremos.*

Thorn inclinou-se ligeiramente para baixo.

– *Queres aterrar?*

Murtagh quase disse que sim. Mas se aterrassem, haveria gritos e armas apontadas e uma vasta panóplia de emoções difíceis. Só de imaginar já ficava exausto. Mas a sua mente persistia na oportunidade que se lhe apresentava. Ele queria muito conversar com Roran e conhecer a família dele – tinha uma filha pequena, ou, pelo menos, fora isso que Murtagh ouvira dizer – pois eram os únicos parentes que lhe restavam, além de Eragon. No entanto, Murtagh não queria tentar fazê-lo sem ter a certeza que o encontro podia decorrer de forma calma e controlada, e não sabia se tal seria alguma vez possível.

– *Podias ir sozinho* – disse Thorn.

E Murtagh sabia quanto custava ao dragão sugerir tal coisa após os acontecimentos de Ceunon e Gil'ead.

Murtagh quase disse que *sim*. Mas, no fim, a sua desconfiança prevaleceu.

– *Não... Não, acho que não. Mas obrigado.*

Se não fosse por mais nada, não queria desperdiçar esse tempo. Visitar Carvahall levaria, pelo menos, um dia, provavelmente mais, e Murtagh ainda sentia uma impressão de urgência crescente em encontrar a feiticeira Bachel.

– Um dia destes – murmurou à medida de Carvahall e o castelo inacabado passavam sob eles.

Um dia destes, Roran e ele poriam as suas contas em dia. Embora nunca se tivessem conhecido, os laços de sangue nunca se podiam ignorar.

Murtagh deitou um último olhar à visão global do Vale Palancar, esforçando-se para memorizar cada pormenor do sítio onde crescera a sua mãe, assim como Eragon. No seu coração formou-se uma dor solitária, e depois ele virou as costas à vista e agarrou-se a Thorn com mais força.



O Vale Palancar foi o maior vale que eles encontraram. Daí em diante, as montanhas aproximavam-se cada vez mais umas das outras e só permitiam pequenas rombas e brechas entre as suas encostas florestadas: vales estreitos e profusamente sombreados cujo solo – durante os meses do inverno – o sol nunca alcançava.

Durante o voo, Murtagh tinha a sensação de estarem a deixar para trás os últimos vestígios de civilização. Por muito rudimentar e isolada que fosse Carvahall, partilhava pelo menos alguma ligação com o resto do reino de Nasuada. Agora, entravam em terras que não pertenciam a nenhum país nem a nenhuma raça.

Ao final da tarde, a Baía de Fundor mostrava-se-lhes à direita, encostada à Espinha. As montanhas mergulhavam na orla da baía, sem sequer uma risca de terra plana entre si, e o ar adquiria o sabor do sal, e os guinchos das gaivotas e dos garajaus acompanharam-nos ao longo da cordilheira escarpada.

– *Procura um desembarcadouro ou um quebra-mar. Qualquer tipo de construção* – disse Murtagh, embora soubesse que provavelmente ainda estavam a vários dias de distância da aldeia que procuravam.

Thorn tossiu, aquiescendo.

Pouco depois, espalhou-se um vento agreste vindo de norte, e o voo de Thorn abrandou até estarem quase tão parados quanto o chão lá em baixo.

– *Já chega* – disse Murtagh, e Thorn desceu até uma pequena ilha com não mais de uma centena de pés de largura muito perto da costa.

Ali assentaram acampamento, e o vento fustigava-os com uma força implacável enquanto as montanhas ficaram ocultas por enxurradas de neve.

De manhã, as nuvens tinham desaparecido.

– *Devíamos apressar-nos* – disse Thorn. – *O bom tempo não durará muito.*



À direita, as cristas espumosas das ondas; por baixo e do lado esquerdo, montanhas. À frente, uma amplitude abobadada de céu. A paisagem era bela e proibitiva na mesma medida, e Murtagh sentiu a solidão da sua localização com uma força física.

Mantinha um olho na baía, mas nenhum barco aparecia. Se estava alguém a viajar a caminho de Bachel, mantinha-se bem longe da costa ocidental da baía.

Nesse dia, viram vida selvagem em maior quantidade a rodear a baía. Grandes rebanhos de veados-vermelhos, sendo os animais muito maiores do que os que Murtagh caçara nas planícies perto de Gil'ead. Enormes ursos castanhos que se arrastavam, solitários, por entre a floresta. Alcateias de lobos cinzentos felpudos. Falcões a gritar e corvos a crocitar e águias-pesqueiras a planar sobre a zona menos funda da água, mergulhando ocasionalmente atrás dos berganões prateados que deslizavam nas águas cor de chumbo.

Mesmo lá no alto, Murtagh sentia necessidade de se manter alerta. As montanhas eram inóspitas e selvagens, e o mais pequeno erro poderia custar-lhes a vida, apesar de toda a força, de todos os feitiços e de toda a

experiência que detinham. Nem ele nem Thorn se esqueciam de que Jarnunvösk, o primeiro dragão de Galbatorix, morrera nas extensões geladas da Espinha.

– *Compreendo agora por que razão os Cavaleiros alertaram Galbatorix para não se aventurar tão longe* – disse Murtagh.

– *Ele e Jarnunvösk não estavam sozinhos, pois não?*

– *Não, estavam outros dois com eles. Ambos Cavaleiros, todos da mesma idade. Galbatorix era o líder. Sempre teve ânsia pelo poder, e foi sempre isso que o derrotou.*

O lento adejar de Thorn pontuava a conversa.

O dragão disse:

– *Alguma vez te disse Galbatorix a razão para terem voado para norte?*

Murtagh fungou.

– *Acho que foi pelo desafio. Para se mostrarem capazes, apesar da desaprovação dos mais velhos.*

Um manto de mágoa escureceu a mente de Thorn.

– *E pagaram o preço da sua insensatez.*

– *Pagámo-lo todos.*

– *Foram os Urgais que o atacaram no gelo, não foram?*

Murtagh coçou o queixo.

– *Foi o que ele disse. Mas deviam ser Urgais muito dotados e poderosos para conseguirem derrotar um dragão e dois cavaleiros. Na verdade, sempre tive as minhas dúvidas acerca disso, mas Galbatorix não gostava de responder a perguntas.* – Voltou a olhar para os picos escarpados. Por momentos, sentiu uma centelha de empatia dentro de si. – *Deve ter sido horrível percorrer tudo isto a pé, sozinho, e depois de perder o seu dragão.*

– *Teria enlouquecido qualquer um, humano ou dragão.*

Pouco antes do meio-dia, detetaram fios de fumo erguendo-se de um vale estreito mais para o interior da cordilheira. Thorn virou para investigar, e viram um pequeno ajuntamento de cabanas – que mais pareciam cascos de barcos virados ao contrário – numa pradaria junto a um riacho. Todas as cabanas exibiam estandartes compridos e multicoloridos.

– *Será aquilo...* – começou Murtagh a dizer.

Mas não eram os Sonhadores. Ao mesmo tempo que falara, emergiu uma figura de uma das cabanas. Uma figura impossivelmente alta com pele cinzenta e chifres encaracolados em redor da cabeça.

– *Urgais* – disse Murtagh com um rugido mental.

– *Ainda por cima, um Kull.*

Murtagh observava com um imenso interesse enquanto Thorn rodeava a aldeia. Via aquilo que achava ser uma mulher Urgal – nunca antes vira nenhuma – a lavar roupa no riacho, e crianças Urgais meio despidas – também nunca antes vistas por si – a correr pelo prado, disparando umas contra as outras com arcos e flechas almofadadas. Havia vários homens Urgal a rachar lenha; outros treinavam com bastões e esferas e tacos.

Tanto Galbatorix como os Varden haviam-se aliado aos Urgais durante a guerra, mas nunca durante o período que Murtagh passara com um e com os outros. Antes disso, a sua única interação com Urgais acontecera quando ele fora em patrulha com os homens de Lorde Varis. Um bando de Urgais andava a pilhar as terras na propriedade de Varis, e pensaram que uma demonstração de força os afugentaria. Caso isso falhasse, o seu objetivo era perseguir e matar os Urgais, e, concretamente, o seu cabecilha, que era – segundo relatos de sobreviventes – violento, implacável e dado a acessos de insanidade.

Murtagh tinha na altura dezassete anos e estava a começar a tornar-se forte. Tinha ânsia de mostrar o seu valor e de usar as aptidões que Tornac lhe ensinara. (Tornac teria discordado da expedição, mas, na altura, encontrava-se em Urû’baen.) Assim, Murtagh convenceu Varis a deixá-lo acompanhar os seus homens.

Os Urgais haviam-nos encurralado junto a um pequeno bosque de abetos mesmo à saída de uma das aldeias nas terras de Varis. A luta foi curta, barulhenta e confusa. Pelo meio, um Urgal conseguiu fazer Murtagh cair da sela. Mal acabara de se pôr de pé, já tinha o brutamontes em cima de si, a bramir um pesado cortador – mais parecido com uma maça afiada do que com uma espada.

O escudo de Murtagh partiu-se em dois, e ele percebeu que só lhe restavam uns segundos de vida. Todo o seu treino com a espada servia-lhe de pouco contra a força bruta e a violência do ataque do Urgal.

Mas então, outro Urgal afastou aquele que o atacava, e Murtagh deu por si cara a cara com o líder do bando. O cacique tinha um estandarte carmesim içado sobre o ombro, com um estranho selo bordado a preto.

O cabecilha exibira-lhe um sorriso horrível; tinha os dentes afiados e amarelados, e um hálito que cheirava a carne podre. Então, todos os outros Urgais deixaram as suas vítimas de lado e formaram um círculo à roda de Murtagh e do cacique, gritando e urrando e batendo no peito enquanto os dois se aproximavam um do outro.

Murtagh percebera o que era esperado de si. E tentou. Mas o cacique brandira um machado de cabo comprido, e Murtagh não soubera defender-se daquilo. O machado era como que uma combinação do pior de uma lança e de um pique, e num instante o Urgal desferiu um golpe no ombro esquerdo de Murtagh, partiu-lhe uma costela, e fez-lhe outro corte na coxa direita. Murtagh caiu então ao chão, e teria seguramente morrido se não fora Varis.

O duque chegou com outro grupo de soldados, mais numeroso. Conseguiram afugentar os Urgais, matando muitos deles, mas não, para desconsolo de Murtagh, o cabecilha.

E foi esse mesmo Urgal do estandarte carmesim a liderar os Kull que os haviam perseguido, a ele e a Thorn, pelas profundezas das Montanhas Beor...

Murtagh sacudiu-se e voltou a focar a atenção na aldeia lá em baixo. Fora firmado um tratado entre Urgais, humanos e elfos, e, de facto, Eragon chegara a incluir os Urgais no pacto que vinculava Cavaleiros e dragões (embora a ideia de um Cavaleiro Urgal ainda deixasse Murtagh inquieto). Mas saber se chegara àquela aldeia isolada a notícia de tal tratado era uma questão em aberto.

— *Como achas que reagiriam se nos mostrássemos?* — perguntou a Thorn.

Os pensamentos de dragão coloriram-se de divertimento.

— *Quereriam todos lutar contigo, para mostrarem o seu valor.*

— *Provavelmente.*

Por um lado, Murtagh sentia-se tentado. Não tinha qualquer estima pelos Urgais — ainda sofria de pesadelos com o cacique, e com lutas contra hordas de Urgais durante a Batalha de Farthen Dûr —, mas *tinha* curiosidade. Se os últimos anos lhe haviam ensinado algo, era a importância de saber e de compreender, tanto em relação a si mesmo quanto ao mundo que o rodeava. E não sentia que compreendesse os Urgais devidamente. Reconhecer a sua

curiosidade surpreendeu-o. Estava *mesmo* disposto a sentar-se e conversar com um Urgal, apesar das atrocidades que eles haviam cometido um pouco por todo o território. Afinal, também ele cometera a sua dose de violência.

Ao aperceber-se daquilo, os seus músculos libertaram-se de alguma tensão, e Murtagh aligeirou a força com que se agarrava à parte da frente da sela. Os Urgais eram bastante perigosos, era verdade, mas isso também ele e Thorn eram. O que não significava que não fossem merecedores de investigação.

Passou por si um fio de fumo acre, saído das narinas de Thorn. O dragão disse:

– *Eu assava-os no fogo e comia-os, caso nos atacassem.*

– *Comer um Urgal? A sério? Não me parece que saibam lá muito bem. Além disso, não são animais.*

Thorn fungou e virou de novo em direção à baía.

– *É carne. A carne é boa.*

Mais uma vez, Murtagh foi lembrado das diferenças entre si. Não fez qualquer esforço para ocultar a sua repulsa.

– *Comerias também um humano?*

Thorn respondeu com indiferença.

– *Se não gostasse do humano. Porque não?*

– *Porque isso é errado! Serias como um Ra'zac, então!*

Thorn emitiu um sibilo agudo.

– *Não me compares com essas imundas criaturas. Eu sou um dragão, não um necrófago.*

– Então, não te comportes como um deles. Promete-me que nunca comerás humanos, elfos ou Urgais. Por mim.

– *Umpf. Está bem.*

Não fora, de facto, à toa, refletiu Murtagh, que os elfos haviam forjado o laço inicial com os dragões. Franziu o sobrolho ao pensar em todos os ovos de dragão que Eragon levava para o Monte Arngor. Alguns deles estavam encantados de modo a que as crias no seu interior pudessem vincular-se a Cavaleiros, mas os restantes eram dragões selvagens, desvinculados e livres de agir como bem entendessem. Quão bem se integrariam esses dragões em Alagaësia quando tivessem idade suficiente para regressar?

Grande parte das responsabilidades dos Cavaleiros, antes da sua derrota, assentava na mediação das relações entre os dragões selvagens e as outras raças da terra. Murtagh pressentia que voltaria a ser assim, e que ele e Thorn talvez tivessem de ajudar nessa matéria. Arya e Eragon não conseguiriam fazer tudo sozinhos, e os mágicos Du Vrangr Gata não eram, de forma alguma, capazes de lidar com dragões pouco cooperantes. Não havia muitos capazes disso.



Conforme o dia avançava, ia-se formando uma espessa camada de nuvens, suficientemente baixa para oculta os picos das montanhas. Isso obrigava Thorn a voar mais perto do chão do que ele preferia, para não lhes passar despercebida a aldeia dos Sonhadores.

Antes de anoitecer, detetaram outras três povoações Urgais escondidas nas dobras das montanhas. Murtagh sempre pensara que os Urgais viviam em cavernas. Assim lho tinham dito quando era pequeno, e talvez nalguns sítios isso fosse verdade, mas não ali, não agora. Era estranho perceber que eles tinham povoações semelhantes às dos humanos.

– *Quantas serão?* – perguntou.

– *Suficientes para o exército que ele formou* – disse Thorn.

Murtagh anuiu com cabeça. Era verdade. A horda que atacara Tronjheim equivalia a qualquer exército do território. O que significava que... os Urgais eram mais numerosos do que era crença comum.

– *Têm-se dado bem desde a derrota dos Cavaleiros.*

– *Teremos nós de os escorraçar?*

– *Só se voltarem a revelar-se incomodativos. Eragon acredita poder mantê-los como aliados, mas...*

– *Não concordas?*

– *Não sei. Eragon costuma ter um bom instinto para este tipo de coisas, mas também é um pouco simplista no que concerne às realidades da guerra e da política. Pelo menos, era.*

Aterraram para passar a noite junto a um pequeno riacho nascido na montanha, que desaguava na Baía de Fundor. Quando Murtagh estava a montar o acampamento, um rugido desconhecido assustou-o.

Virou-se e deu de caras com um enorme urso castanho, de pé sobre as patas traseiras, a menos de vinte pés de distância. A fera era tão alta quanto um Kull e bem mais larga e musculada.

A pulsação de Murtagh acelerou por momentos, e depois ele recuperou o controlo. O urso não constituía ameaça. Uma única palavra bastaria para o matar, mas a ideia não lhe agradava; ele e Thorn é que eram os intrusos, não o urso.

Thorn enrolou a cabeça à volta de Murtagh, como uma serpente, e rosnou de volta, fazendo o urso parecer insignificante em comparação consigo.

O animal não pareceu assustado. Voltou a rugir, caiu sobre as quatro patas, e depois voltou a erguer-se, de patas e garras em riste.

– Que é que se passa contigo? – gritou Murtagh. – És estúpido? Não percebes que não consegues vencer?

O urso mostrou-se sobressaltado. Rosnou-lhe e depois olhou para Thorn e soltou um longo urro ultrajado. Seguindo um palpite, Murtagh perscrutou mentalmente a zona circundante, à procura de crias ou de outros ursos. Nada.

– Acho que ele só quer lutar.

Os olhos do dragão cintilaram.

– *Então, lutaremos.*

– Não, por favor. Agora não – disse Murtagh. – Foi um longo dia.

Thorn bufou, desiludido.

– *Está bem. Como queiras.*

Então, lançou um longo jato de fogo vermelho e cor de laranja por cima da cabeça do urso, chamuscando-lhe o pelo das pontas das orelhas.

O urso uivou, virou-se e trotou em direção à costa mais depressa do que algum homem conseguiria correr.

– Obrigado – disse Murtagh enquanto observava o animal a desaparecer.

– Aposto que ele nunca antes encontrara algo que não conseguisse intimidar.

– *Bem, agora já encontrou* – disse Thorn, num tom satisfeito.

Murtagh relanceou as montanhas cobertas de neve. Esperava que ninguém tivesse ouvido aquele alvoroço.

– Devíamos ser mais cautelosos daqui em diante – disse, voltando para ao pé da fogueira que estava a acender. – Nunca se sabe quem poderá estar à escuta. Especialmente aqui.



Nessa noite, tanto Murtagh como Thorn tiveram sonhos terríveis, e os seus pesadelos transbordavam da mente de um para a do outro, até ser impossível discernir de onde eram originários. Os Urgais apareciam em muitos desses sonhos: um enorme exército de Urgais a marchar pela Espinha, com um rei a liderá-los e as cabeças dos seus inimigos espetadas nas suas lanças. E uma batalha sangrenta por entre as árvores coníferas negras, com Urgais a urrar como ursos e humanos a berrar, e Murtagh e Thorn agachados junto às raízes desenterradas de uma árvore tombada, procurando esconderem-se. Choravam, choravam, choravam, e as suas lágrimas caíam sobre a terra a par de gotas de sangue negro...

Naquela noite, o sono não lhes deu descanso algum, e quando Murtagh e Thorn acordaram, ainda se sentiam exaustos.

– *Estes sonhos não foram normais* – disse Thorn.

– *Não. Há algo de estranho aqui, nesta terra... Creio que não estaremos longe.*

As palavras de Murtagh revelaram-se proféticas. A meio da tarde, quando Thorn circundava um pico especialmente alto, viram um rio de águas rápidas, saindo de uma fenda na Espinha e alimentando a Baía de Fundor. Sobre a fenda acumulava-se um cobertor de nuvens baixas, e o seu interior era profundo e escuro e profusamente arborizado. Contudo, as nuvens e as árvores nada faziam para ocultar o manto de fumo azulado constricto ao fundo do estreito vale.

E quando o vento soprou, transportou um laivo de um fedor sulfuroso que fez arder a garganta a Murtagh e subirem-lhe lágrimas aos olhos.

Endireitou-se na sela, sentindo um estranho entusiasmo.

Tinham chegado.

NAL GORGOth





CAPÍTULO I



A aldeia

De asas quietas, Thorn planou em direção à fenda. O teto macio de nuvens abafava o ar, e o silêncio ainda aumentava mais a expectativa de Murtagh enquanto ele se inclinava para diante na sela, olhando por cima do pescoço de Thorn para ver o que estava à sua frente.

As montanhas formavam paredes azul-esbranquiçadas em ambas as direções, quebradas por penhascos de granito cinzento proeminentes por entre as fileiras de árvores cobertas de neve. Abaixo, o rio fluía veloz e estreito ao longo do seu curso, a água tão transparente que Murtagh conseguia contar as rochas arredondadas sob a sua superfície ondulante.

À medida que se aproximavam do fundo do vale, o cheiro a ovos podres tornava-se mais forte e, para surpresa de Murtagh, o ar parecia estar também a ficar mais quente, como se o inverno ainda não tivesse pousado os seus gélidos dedos nos confins do norte.

Sob a cortina de fumaça estendida nas encostas amontoadas diante deles, viu uma coleção de estruturas de pedra aglomeradas. Eram cinzento-escuras, com telhados abobadados, diferentes do estilo de construção noutras partes de Alagaësia. Algumas pareciam-lhe ser habitações, mas também havia outros edifícios: uma torre estreita que não destoaria em Urû'baen e, situada na base da colina próxima, aquilo que parecia ser um palácio ou templo com um grande pátio e um telhado em formato pagode.

Viam-se figuras nas ruas, mas a distância e a fumaça obscureciam-nas.

A terra ao redor da aldeia estava carbonizada como a superfície de um tronco queimado, rachada e quebradiça, com gavinhas de fumaça subindo de bolsas ocas onde a superfície do solo se havia desmoronado. As poucas árvores sobre a terra queimada haviam morrido, os seus galhos nus e cinzentos, e a casca caída dos troncos em grandes lençóis.

A cautela refreou a expectativa de Murtagh. Apesar de todos os seus poderes, ele e Thorn estavam sozinhos. Uma situação não muito diferente da de Galbatorix e Jarnunvösk. Se as coisas corressem mal, não podiam esperar a chegada de quaisquer reforços. Lorde Varis não cavalgaria em seu socorro, Tornac não ampararia um golpe destinado ao pescoço de Murtagh, e Eragon e Arya estavam muito longe para os alcançarem a tempo.

Um rosnado curto roncou nos flancos de Thorn, entre os joelhos de Murtagh.

– *Galbatorix e Jarnunvösk eram impetuosos e tolos. Não repetiremos os erros deles.*

– Esperemos que não. Dá a volta por agora. Prefiro não me precipitar.

Thorn inclinou-se para o lado e – sem bater as asas nem balançar a cauda, o que poderia ter denunciado a sua presença – deslizou de volta para a boca da fenda. Havia um caminho ao longo do rio, e Murtagh pensou ter visto caniçadas e redes colocadas na água cristalina.

Por acordo tácito, Thorn aterrou ao lado de uma colina que ficava uma montanha acima da fenda, onde uma crista afiada os escondia do estreito vale.

Murtagh alargou as correias ao redor das pernas e deslizou para o chão. Esticou os braços e olhou para a Baía de Fundor antes de se voltar para Thorn.

– O que achas?

As escamas do pescoço de Thorn espevitaram-se.

– *Nenhuma aldeia tem meios para construir tais conchas.*

– As casas? Concorde. Não sem muita ajuda. Ou isso, ou usaram magia.

Coçou o queixo; a sua barba deveria aguentar-se mais um dia. Sem adaga nem faca de caça, fora forçado a usar um feitiço para se escanhoar, o que o deixou mais nervoso do que deixaria uma boa lâmina a sério.

Thorn aproximou-se e colocou a cabeça junto ao ombro de Murtagh.

– *Quanto tempo achas que vais demorar?*

– Eu não vou a lado nenhum. – Murtagh sorriu. – Desta vez, acho que devíamos fazer as coisas de forma diferente. Desta vez, a situação pede alguns trovões e relâmpagos.

A longa língua vermelha de Thorn serpenteou-lhe para fora da boca, passando-se-lhe nos lábios com um ar matreiro.

– *Isso parece-me muito agradável.*

– Também achei que te pareceria.

– *Tencionas matar Bachel?*

– Tenciono falar com ela. Se tivermos de lutar, lutaremos, mas... – As sobranceiras de Murtagh uniram-se quando este franziu a testa. – Precisamos de descobrir o que andam ela e os Sonhadores a tramar. Seja qual for o objetivo deles, perseguem-no com séria determinação.

– *E tu queres farejar quantos deles há no reino de Nasuada.*

– Isso também, embora duvide que Bachel no-lo diga. Pelo menos, não de boa vontade. – Coçou Thorn por cima do focinho. – De qualquer modo, temos de ter cuidado.

– *Os nossos feitiços de proteção devem escudar-nos da magia sem palavras deles, tal como de qualquer outra.*

Murtagh lançou ao dragão um olhar sombrio.

– Talvez. É difícil saber ao certo. Se as coisas correrem mal, talvez seja melhor fugirmos.

– *Seja para fugir ou para lutar, estarei pronto.*

– Então, vamos a isso.

Murtagh caminhou ao longo do corpo cintilante de Thorn até onde os alforjes estavam pendurados. Abriu-os e retirou de lá, por ordem: a Zar'roc, o capacete com elmo, as grevas e os avambrados, o escudo de pipa com aro de ferro – do qual ele raspava o emblema do Império –, a camisa interior acolchoada e a couraça. Quando não marchava para batalha aberta, preferia usar uma camisa de malha, pela mobilidade que proporcionava, mas não era mobilidade, nem sequer proteção, que ele pretendia. Era intimidação.

Assim, pela primeira vez desde que Galbatorix morrera e o Império caíra, Murtagh decidiu substituir os subterfúgios pelo espetáculo.

Enquanto vestia a armadura, o seu peso familiar assentou nele com um constrangimento frio e proibitivo. Peça por peça, dispôs-se – ou melhor, dispôs uma versão de si mesmo que esperara abandonar: Murtagh, filho de Morzan. Murtagh, o temido servo de Galbatorix.

Murtagh, o traidor.

Havia um círculo de ouro no elmo, que lembrava uma coroa menor. A ideia de humor de Galbatorix. Ele havia apresentado Murtagh como seu braço direito no Império. Um novo cavaleiro, descendente do Renegado, ajuramentado ao rei e dedicado à sua causa. Diante das multidões,

Galbatorix havia tratado sempre Murtagh como um seu filho, mas em privado, onde a verdade não se podia esconder, Murtagh não passara de um escravo.

Colocou o elmo sobre a cabeça e, em seguida, caminhou até um lago pantanoso rodeado de taboas e analisou o seu reflexo. Assemelhava-se a um príncipe enviado para a guerra. Com a dureza acrescida que a sua visão adquirira durante o ano anterior, olhou-se pensando que não gostaria de lutar contra si mesmo.

Assentiu com a cabeça.

– Isto serve. – Depois olhou para Thorn. – É pena que não tenhamos armadura para ti.

Thorn fungou.

– Não preciso disso. Ademais, teria de ser feita uma nova a cada meio ano.

Era verdade. Como todos os dragões, Thorn continuaria a crescer durante toda a sua vida. A taxa de crescimento desacelerava proporcionalmente à massa total, mas nunca parava completamente. Alguns dos dragões antigos, como o dragão selvagem Belgabad, haviam sido verdadeiramente enormes.

Murtagh prendeu a Zar'roc ao cinto, fechou os alforges e voltou a montar Thorn.

– *Letta* – disse, pondo termo ao feitiço que ocultava Thorn no ar. – Muito bem. Vamos lá conhecer essa bruxa Bachel.

Thorn emitiu um ribombo de anuência. Depois, o dragão ergueu as asas bem alto, como velas carmesins voltadas para o vento, e trouxe-as para baixo. Murtagh segurou o espigão à sua frente enquanto Thorn saltava para o céu, e passou por ele uma corrente de ar frio com uma promessa de enxofre.



– *Aterra aí em frente* – disse Murtagh a Thorn enquanto voavam para a fenda. – *Certifica-te de que tens bastante espaço. Se chegar a haver luta, não te quero preso ou encurralado.*

Por momentos, o forte entusiasmo de Thorn reduziu-se.

– *Não precisas de te preocupar. Não permitirei que Gil'ead repita.*

– *Eu sei.* – Murtagh deu uma palmadinha no pescoço do dragão. – *Mas, ainda assim, não corramos riscos.*

Thorn desceu do telhado de nuvens, redemoinhos de névoa rodopiando das pontas das suas asas semelhantes às de morcego. Contornou a aldeia – agora a sua forma era totalmente visível para os lá de baixo, e ecoaram brados e gritos entre os edifícios, e os sinos começaram a soar em alarme urgente – e então desceu novamente e perfurou o véu de fumaça.

Os olhos de Murtagh brilharam, e formou-se-lhe um sabor ácido no fundo da boca.

Com um rugido ameaçador, Thorn instalou-se na terra ressequida em frente à aldeia. O solo encrostado rachou sob os seus pés, e ele enterrou-se algumas polegadas no piso cinzento. A visão lembrou a Murtagh as Planícies Flamejantes, embora, após uma observação superficial, o fundo do vale não parecesse conter turfa ou carvão para alimentar um incêndio contínuo.

Os sinos continuaram a soar, e Murtagh viu homens e mulheres vestidos de cinzento correndo pelas ruas enquanto procuravam abrigo nos edifícios próximos. Não que isso proporcionasse grande proteção contra um dragão.

Murtagh desembainhou a Zar’roc e ergueu-a sobre a cabeça. A lâmina sangrenta cintilou sob a luz baça do inverno, numa combinação perfeita com as escamas de Thorn.

Erguendo a voz como se se dirigisse a uma assembleia de tropas, gritou:

– Ouçam-me! Chamo-me Murtagh, e vim falar com a bruxa Bachel! Mostre-se, Bachel, para que possamos conversar!

Os sinos pararam de tocar e um silêncio sinistro caiu sobre o vale e a aldeia. Por causa dele, Murtagh apercebeu-se de um leve assobio saído das aberturas que soltavam vapor perto dos pés de Thorn.

Um a um, vários indivíduos de túnica – homens e mulheres – emergiram dos edifícios e reuniram-se ao longo da estrada principal. Formavam uma coleção díspar: alguns eram pálidos nortenhos, outros tão castanhos quanto os Surdans, e alguns possuíam a mesma cor de pele profundamente negra de Nasuada. Espreitavam para Murtagh de baixo dos seus capuzes, com expressões iradas e preocupadas, mas não tão temerosas quanto ele esperava.

– *Era de esperar que tivessem mais medo de um dragão e do seu Cavaleiro* – disse a Thorn.

O dragão lambeu os dentes.

– *Posso corrigir esse erro.*

Murtagh ocultou um sorriso.

– *Talvez mais tarde.*

– Bachel! – gritou. – Mostre-se, Bachel!

O grupo de pessoas abriu-se quando um homem alto, de pera, avançou e, com um olhar frio, inspecionou Murtagh e Thorn. Tinha duas faixas brancas na barba, e o couro cabeludo formava um bico pronunciado à frente. As suas faces barbeadas eram encovadas e marcadas pela varíola. Murtagh viu-se incapaz de identificar a ascendência do homem. Tinha sobrancelhas espessas e maçãs do rosto salientes, e uma aparência feroz e inacabada, como se pertencesse a uma forma de ser humano anterior. A distingui-lo dos outros, o seu manto tinha riscas roxas costuradas à volta dos punhos.

Para surpresa de Murtagh, o homem curvou-se formalmente e disse:

– Bem-vindo, Dragão. Bem-vindo, Cavaleiro. – O seu sotaque lembrava mais a Murtagh a fala de um Urgal do que qualquer língua humana. – Venham. Por aqui. Bachel aguarda-vos.

E então o homem esquelético virou-se e caminhou de volta para a aldeia, dirigindo-se para a estrada principal. Como se obedecendo a um sinal invisível, o resto do grupo dispersou-se entre os prédios.

– Raios – murmurou Murtagh.

Ele não era nenhum cachorro para ser convocado à conveniência de Bachel, mas eram eles os intrusos. Ou, se quisesse ser benevolente, os convidados. Esperar que Bachel viesse ao encontro deles podia ser despropositado, dependendo dos costumes do seu povo.

E ele não estava preparado para ser irrazoável. Ainda não.

Contudo, detestava entrar na aldeia. Seria o lugar perfeito para uma emboscada, se os Sonhadores estivessem para aí virados. Havia também a questão de Thorn: os edifícios pareciam desconfortavelmente próximos para ele.

– *Eu fico bem* – disse Thorn. – *Não te preocupes comigo.*

– *Como posso não me preocupar? Talvez eu devesse ir sozinho.*

Thorn rosnou.

– *Não! Prefiro arrancar a minha cauda à dentada. Ficamos juntos.*

– *Tens a certeza? A certeza absoluta?*

– *Sim!*

– *Está bem. Mas se precisares de ir embora, vamos, aconteça o que acontecer. Não esperes até ser tarde demais.*

– *Prometo* – disse Thorn, e cantarolou o seu contentamento.

Murtagh bateu com a lâmina da Zar’roc contra a coxa enquanto estudava um pouco mais a aldeia. A bruxa que jogasse os seus joguinhos. Não importava, e ele recusava-se a esperar do lado de fora das portas dela, como um camponês suplicante em busca de um favor. Agora ela vê-los-ia entrar no seu domínio, orgulhosos e destemidos.

– *Sigamos então atrás dele.*

Thorn apertou as asas contra os flancos e avançou. Ao entrarem na aldeia, as suas garras embatiam sonoramente nas lajes cobertas de musgo que pavimentavam a estrada.

Como Murtagh reudara, o espaço entre os edifícios não era muito, o que deixou Thorn tenso. Murtagh conseguia sentir a apreensão do dragão como se fosse sua. Ainda assim, por enquanto, o dragão mantinha-se controlado.

Murtagh nunca vira edifícios como os daquela aldeia. A cantaria tinha características dos anões mas uma graça élfica, e havia runas estranhas – nem anãs nem élficas – embutidas nas molduras e nos lintéis das portas arqueadas. Esculturas de animais semelhantes a dragões adornavam as cornijas, e os seus rosnados petrificados davam a Murtagh a desconfortável sensação de estar a ser observado, como se toda a aldeia fosse uma criatura viva agachada rente ao chão, à espera da sua presa.

A característica mais incomum da aldeia eram os padrões em relevo que cobriam as paredes, os mosaicos e portadas – padrões cristalinos em espiral, ramificados, que pareciam repetir-se enquanto diminuía: variações sobre um tema comum. Os padrões eram perigosamente fascinantes; Murtagh sentiu como se pudesse olhar para eles durante todo o resto da sua vida e continuar a encontrar coisas novas para ver. Continham uma quantidade obsessiva e aparentemente impossível de detalhes, e quanto mais Murtagh olhava para eles, mais sua visão girava e balançava. As decorações lembravam-lhe as profundezas imaturas de um Eldunári... ou formas que só apareciam no mais profundo dos sonhos.

Com esforço, concentrou-se alhures.

O curioso artesanato da aldeia perturbava-o. Encontrar criações tão perfeitas num lugar tão isolado não tinha sentido. Era suposto haver uma longa linhagem de obras semelhantes noutros lugares, mas não havia. Não

em Alagaësia, pelo menos, e se a tradição vinha do outro lado do oceano, bem, isso ainda mais difícil seria de explicar.

Murtagh mexeu-se no seu assento, sentindo como se o chão se tivesse inclinado sob eles. Havia ali um mistério mais profundo do que ele previra.

– *Cuidado agora* – disse.

De Thorn chegou-lhe um conciso assentimento.

O homem de pera aguardava a meio da aldeia. Vendo-os, virou-se e continuou a caminhar em ritmo constante, braços longos balançando, mãos sobredimensionadas quase a chegarem-lhe aos joelhos. A cada passo, apoiava o pé inteiro, plano, nas lajes – um carimbo firme e inabalável, calcanhar e dedos dos pés assentando como um só – e depois erguia o pé de maneira semelhante. Carimbava, erguia. Carimbava, erguia.

A rua subia numa inclinação íngreme em direção ao lado mais distante da vila. Enquanto avançavam, Murtagh vigiava atentamente os telhados, os becos, as esquinas: qualquer lugar onde pudessem estar inimigos à espera. Mas ninguém mostrou o rosto e ele não quis correr o risco de abrir a mente para perscrutar a área. Essa era uma boa maneira de atrair um ataque mental.

Quanto mais Murtagh via daquela povoação, mais recolhia uma impressão de idade extrema. As esculturas estavam gastas, os degraus, ociosos; as paredes curvavam-se sob séculos de peso, e várias estruturas haviam desabado, tornando-se ruínas desmoronadas, cobertas de líquenes.

– *Não gosto deste sítio* – disse Thorn.

– *Pois.*

Murtagh agarrou melhor a espada e o escudo. Talvez devesse ter estabelecido contacto com Eragon antes de entrar na aldeia. Havia muitos segredos no mundo, e alguns deles eram mais antigos do que os próprios Cavaleiros. *Nasuada tem que ser informada disto*, pensou.

O homem conduziu-os para uma praça modesta em frente ao edifício que parecia um templo. Tinha uma fonte ao centro, mas estava seca, cheia de poeira e coberta de musgo, e o seu capitel ondulado tinha-se rachado e dividido ao meio, deixando uma ponta de pedra a apontar para o céu sombrio.

O templo – Murtagh decidira que o era – tinha um telhado de duas camadas, com o de cima a formar uma abóbada pagode, como se via nos restantes edifícios da aldeia. Uma fileira dupla de colunas guardava a

entrada ensombrecida, enquanto uma linha de esculturas de dragões assomava entre as janelas estreitas. E, enrolados em torno das colunas, dos pedestais e das estátuas cobertas de escamas, os mesmos padrões cristalinos vistos noutros lugares: uma membrana de veias erodidas, podres e rasgadas e esburacadas pelo tempo.

Mesmo quando novo, o templo teria possuído uma presença sombria e desagradável. No seu atual estado de decadência, o volume sombrio do edifício era ainda mais assustador; projetava uma força antiga e duradoura – ferrenha, obtusa e desprovida de perdão.

O homem de pera parou e posicionou-se ao lado de um dos pilares que emolduravam a entrada recuada. Uniu as pesadas mãos uma à outra, à sua frente.

Dentro do templo soou uma buzina, uma nota longa e vacilante com uma aura assombradora, e o som ecoou nas paredes dos edifícios e nos flancos das montanhas com um efeito pavoroso. A nuca de Murtagh eriçou-se, e ele levantou a Zar'roc para ficar a postos. *Lembra-te de quem és*, disse a si mesmo.

Ouviram-se passos a aproximarem-se, vindos de dentro do templo: botas a marchar em compasso certo. Na entrada ensombrecida surgiu uma fila dupla de catorze homens de armadura, com escudos e lanças erguidos. Os seus capacetes e couraças estavam amolgados e manchados, e tinham um formato desconhecido. Mas as lâminas das suas lanças encontravam-se afiadas e livres de ferrugem, e traziam espadas de uma mão à cintura.

A formação dividiu-se ao meio, e os guerreiros dispuseram-se nos dois lados da entrada. Demonstravam uma disciplina admirável, movendo-se com uma precisão alerta que dizia a Murtagh que não eram meros guardas cerimoniais, mas guerreiros com experiência real de combate.

Atrás deles vinham outras catorze figuras: estas envergavam túnicas brancas, com os capuzes puxados sobre os seus rostos, para que nada das suas feições se pudesse ver. Tratava-se de homens e mulheres, que seguravam numa estrutura de metal com varas de ferro das quais pendiam sinos de boca aberta. Sacudiam as estruturas a cada passo, e as línguas dos sinos abanavam num coro discordante.

Havia um ar de ritual antigo na procissão, como se tal coisa fosse feita há mil anos ou mais.

Os badaladores de sinos puseram-se atrás dos guerreiros, onde continuaram a sua cadência dissonante.

Por último, apareceram quatro homens de armaduras pretas que brilhavam como verniz. Sobre os ombros carregavam uma liteira coberta com diáfanos véus brancos.

Através dos véus, via-se parcialmente uma figura.

Sem palavras ou sinais, os quatro portadores da liteira pararam no extremo da praça e ficaram imóveis. Olhavam em frente, sem pestanejar e, aparentemente, sem se deixarem afetar pela visão de Thorn.

Os badaladores de sinos pararam de badalar.

Com um sussurro de tecido deslizante, os véus abriram-se.

Uma mulher ergueu-se, ficando de pé sobre a liteira. Era, tal como tudo na aldeia, peculiar. Tinha o cabelo preto e brilhante como obsidiana, penteado numa construção elaborada sobre a sua cabeça, as mechas presas e empilhadas num padrão desconcertante. Usava bandas de marfim esculpido sobre a tonalidade âmbar dos seus antebraços, e um vestido feito de correias unidas por nós. Os nós desenhavam as formas de runas desconhecidas, longas filas de runas, como se a mulher envergasse uma armadura feita de estacas de palavras. Uma pequena adaga pendia de um cinturão dourado à volta da sua cintura.

Era alta – mais alta do que a maioria dos homens –, com membros fortes, um rosto angular e uma boca vermelho-escura que lhe assentava torta no rosto. Os seus olhos amendoados estavam rodeados de fuligem, o que lhes dava o aspeto amachucado do fruto do abrunheiro. Não parecia nem jovem nem velha; havia uma ausência de idade nas suas feições que tornava impossível determinar-lhe os anos.

Tão impressionante era a mulher, que o primeiro pensamento de Murtagh ao vê-la foi: *Um duende!* Mas depois olhou com mais atenção e percebeu que não, que as suas feições não eram bem élficas. No entanto, também não eram inteiramente humanos. Uma profunda inquietação percorreu-o por dentro.

Então, a mulher sorriu para ele e para Thorn com tamanha cordialidade que o apanhou de surpresa.

– Bem-vindo a Nal Gorgoth, Ó Dragão Louvado – disse. Tinha uma voz baixa e melódica, que ecoava com o poder da convicção. – E bem-vindo sejas também tu, Cavaleiro. Tenho estado à tua espera, meu filho.

CAPÍTULO II



Bachel

Murtagh agarrou-se com força à borda da sela de Thorn, a sua mente um vórtice de confusão. A mulher diante de si não podia ser sua mãe. Todas as partes razoáveis do seu ser sabiam-no. Contudo... Sentia-se como se tivesse dado um passo em falso e o caminho à sua frente se eclipsasse.

– É a bruxa a quem chamam Bachel? – perguntou, tentando fingir confiança.

Com um movimento elegante, a mulher inclinou a cabeça.

– Sou, sim, meu filho.

Uma sensação de imposição começou a arrumar a cabeça de Murtagh.

– Porque me chama isso?

Bachel indicou o pátio e todos quantos nele se encontravam.

– Porque é meu filho, assim como todos os que seguem o Grande Sonho.

– Eu não sigo nada nem ninguém

Uma leve centelha de divertimento apareceu nos olhos encapuzados de Bachel.

– Duvido muito disso, Assassino do Rei.

Murtagh ficou ainda mais tenso.

– Ouviu falar de mim.

– De si e de Thorn. A notícia dos seus feitos viajou muito, Assassino do Rei, até mesmo até este nosso reduto sagrado.

Havia uma qualidade arcaica no seu discurso que lembrava a Murtagh a forma como falava o mais velho dos Eldunarís: um resquício de épocas passadas.

– E o que é isto? – Murtagh gesticulou com a Zar’roc em direção ao templo e à aldeia.

– Um lugar de muitos sonhos. – Bachel sorriu novamente, aparentemente sem dolo. – Veio a Nal Gorgoth, Assassino do Rei, como eu predisse. Há muito tempo que esperamos por si e por Thorn, e a vossa chegada é muito oportuna.

Mais uma vez, Murtagh sentiu-se perdido.

– Esperava por nós? Porquê?

O sorriso da bruxa alargou-se e ela estendeu os braços como se abraçasse toda a existência.

– Porque vocês serão os salvadores do mundo.



Reinava no pátio um silêncio profundo.

A confusão de Thorn igualava a de Murtagh. Mas antes de qualquer um deles poder exigir uma explicação, Bachel riu-se, um som baixo e gutural, e disse:

– Não acredita em mim. Vejo-o nos seus olhos. Não importa. Logo chegará a compreender a verdade das coisas. Respostas terá, tanto para as perguntas que anseia por fazer como para aquelas que ainda não concebeu. Mas não aqui, nem agora. Já há muitos anos que um Cavaleiro e um dragão não agradavam a nossa corte. Teremos uma festa para celebrar a vossa chegada, e serão ambos meus convidados de honra, o Cavaleiro e o brilhante Thorn!

Então, sentou-se e estalou os dedos, e os portadores da liteira marcharam para um estrado de pedra no lado norte do pátio. Os guerreiros seguiram-nos e posicionaram-se de um lado e do outro do estrado. Os portadores continuaram de pé, a liteira apoiada sobre os seus ombros, enquanto Bachel se inclinava contra o assento esculpido, semelhante a um trono.

– Grieve – disse ela –, trata da organização. Teremos comida, vinho e música. Que o Vale dos Sonhos toque de alegre folia, neste fatídico dia.

O homem de pera curvou-se numa vénia.

– O seu desejo é uma ordem, Oradora.

Ele bateu palmas, e os badaladores de sinos de túnicas brancas retiraram-se para o templo, enquanto uma correria de homens e mulheres emergia dos edifícios circundantes. Pareciam não precisar de instruções; quase sem nenhuma palavra proferida, os aldeães trouxeram pesadas mesas de

madeira, braseiras de cobre cheias de brasas ardentes, varas de ferro que sustinham velas finas de sebo gorduroso, e peles de veado e cabra para cobrir as lajes musgosas. Murtagh detetou gente de todos os tipos entre o povo: pareciam não compartilhar nenhuma origem comum. Nem eram todos humanos. Viu duas anãs, e o que achou que poderia ser um filhote de Urgal – embora Murtagh só tivesse obtido um breve vislumbre do seu rosto. As anãs não deram qualquer sinal de hostilidade, mas a presença delas aumentou a sua cautela.

Nal Gorgoth. Franziu o sobrolho. O nome parecia-lhe anão, pelo menos em parte. Aprendera durante sua estadia em Farthen Dûr que *gorth* significava *lugar* na língua dos anões. Estaria o nome da aldeia relacionado com essa palavra? Ou teria outra origem por completo? Também lhe lembrava Du Fells Nángoröth, que era o nome dado pelos elfos às montanhas no centro do deserto de Hadarac – onde em tempos viviam os dragões selvagens –, traduzido para Montanhas Malditas. Como *fells* significava montanhas, então *nángoröth* significaria *maldito*.

Os seus pensamentos foram interrompidos pelo regresso de vários dos badaladores de sinos carregando uma pesada cadeira esculpida que pousaram diante do estrado.

– Venha, sente-se comigo, Assassino do Rei – disse Bachel. – E o Dragão também. Juntem-se a mim.

Estendeu uma mão, e uma jovem mulher de túnica branca, com cabelos louros e uma expressão devota, apressou-se a colocar um cálice de pedra na mão de Bachel, enchendo-o com vinho de um jarro de barro.

– Obrigada, minha filha – murmurou Bachel.

A jovem fez uma vénia e retirou-se.

Murtagh debateu consigo mesmo durante um instante. Em seguida, passou a perna sobre a crista das costas de Thorn e deslizou para o chão, com a Zar’roc e o escudo ainda na mão.

– *Tens a certeza?* – perguntou Thorn.

– *Não, mas não vejo alternativa. Fica perto.*

– *Ela não pode acreditar no que disse.*

– *O quê? Sobre sermos os salvadores do mundo?*

– *Sim.*

Murtagh concordava. No entanto, a segurança direta com que Bachel falara deixara-o com uma dúvida persistente. Estava acostumado a mentiras de todos os tipos por ter vivido na corte, mas não sentira nenhuma falsidade no discurso ou no porte da bruxa. Ela parecia totalmente convencida da justeza das suas palavras, e isso, mais do que tudo, deixava-o inseguro.

Murtagh aproximou-se lentamente do estrado. Thorn seguiu-o a um passo de distância, com as garras embatendo contra as lajes. Os catorze guerreiros que rodeavam Bachel mexeram-se ligeiramente. Murtagh ignorou-os.

Com um gesto gracioso, Bachel estendeu a mão em direção à cadeira esculpida.

Murtagh detestava pôr-se em desvantagem, mas não quebraria completamente as regras da hospitalidade. Então, embainhou a Zar'roc – embora mantivesse uma mão no punho – antes de se baixar para se sentar na cadeira. As grevas e os avambrços tilintaram, e a ponta do escudo bateu no chão pavimentado do estrado. A armadura fazia-o sentir-se desajeitado e boçal; nunca a teria usado num evento importante na corte, mas havia um limite para a quantidade de segurança que estava disposto a sacrificar em nome das boas maneiras.

No instante em que se sentou, dois dos homens da aldeia vieram servi-lo. Colocaram uma pequena mesa diante dele e, sobre ela, depositaram pratos carregados de queijos, doces e mirtilos frescos, além de uma taça de vinho e uma tigela de água para lavar as mãos. Os mirtilos deixaram-no intrigado; não era época deles, o que significava magia ou alguma forma de preservação com a qual ele não estava familiarizado.

Um dos homens fez uma vénia e partiu, enquanto o outro permaneceu ali próximo, pronto para servi-lo consoante as suas necessidades.

Havia um certo conforto em voltar a ter um criado a servi-lo. Era um dos benefícios de viver em Urû'baen ao qual Murtagh não dera o total valor até partir de lá. Fazer tudo ele mesmo – especialmente cozinhar – levava muito mais tempo do que ele gostaria.

Um leve sorriso curvou os lábios de Bachel, e ela bebeu do seu cálice.

– Vejo que não está totalmente à vontade entre nós, mas não tem nada a temer de nós aqui em Nal Gorgoth, Assassino do Rei.

– Será?

Ela inclinou a cabeça.

– Pode pôr de lado as suas armas e armadura quando quiser. Nenhum mal lhe chegará.

– Minha Senhora... – Murtagh fez uma pausa enquanto procurava as palavras certas. – Quero acreditar em si, mas como posso fazê-lo sabendo tão pouco sobre si?

Para sua irritação, Bachel respondeu-lhe com uma pergunta.

– Diga-me, meu filho, como encontrou este vale? Poucos são os que sabem da existência de Nal Gorgoth, ou onde ela se encontra.

Murtagh rodou o pé da taça entre os dedos enquanto considerava a melhor forma de responder. Em seguida, provou o vinho. Para sua surpresa, reconheceu a casta como proveniente dos vinhedos de uma das Ilhas do Sul. *Como é que veio aqui parar?*

Então disse:

– Conheci vários homens que usavam amuletos de proteção que alegavam terem sido encantados por si. – Fitou Bachel. – Eles tentaram matar-me, mas não conseguiram, e depois contaram-me o que sabiam.

Uma ligeira linha formou-se entre as sobrancelhas de Bachel.

– Compreendo. Então conheceu alguns dos meus Observadores. As minhas desculpas pelo comportamento deles. Não o teriam atacado se soubessem quem era. Não sabiam, pois não?

Murtagh abanou a cabeça.

– Não.

– Isso é bom. No entanto, tenho de lhe perguntar: os meus Observadores. Os meus filhos. Matou-os?

– Só aqueles que tive de matar. Mas não mais que isso. – O olhar sombrio de Bachel permaneceu sobre ele, e Murtagh sentiu-se compelido a acrescentar: – Dou-lhe a minha palavra.

– Nesse caso, agradeço a sua misericórdia. Foram, por acaso, os Observadores quem encontrou em Ceunon?

– Alguns. Não todos. – Por momentos, Murtagh pensou ter visto um lampejo de preocupação na expressão de Bachel. Resolveu aproveitar a vantagem. – Tem muitos Observadores? – perguntou num tom desinteressado.

Bachel voltou a sua atenção para os preparativos diante deles.

– Mais do que acreditaria, Assassino do Rei.

Era exatamente o tipo de resposta que Murtagh temia.

– Para quê, pergunto?

– Tudo será revelado na generosidade do tempo, meu filho. Não se preocupe. Mas é preciso ter paciência. Os segredos do círculo sagrado não se partilham de ânimo leve.

Falou de forma tão graciosa e, ao mesmo tempo, dominadora, que Murtagh teve dificuldade em protestar. Parecia-lhe que incorreria num erro, apesar de tudo o que sabia sobre os Sonhadores e suas atividades. No entanto, a inquietação e o desejo de saber mais continuavam a roê-lo por dentro. *Salvadores do mundo... Mas como? De quê? Ou estará ela apenas a tentar desorientar-nos?*

Então Bachel voltou seu olhar encapuzado para Thorn.

– Ó Dragão Louvado, gostava de lhe fazer uma pergunta, embora possa achá-la impertinente. Mas é o seguinte: é maior do que parece adequado para a sua idade. A sua estatura nasce da natureza ou tem outra origem?

Thorn demorou a responder, mas quando o fez, disse a ambos, Bachel e Murtagh:

– *Eu cresci mais depressa do que a maioria dos filhotes de dragão, pois precisava de o fazer. E assim fiz.*

Não era a verdade completa, mas Murtagh sabia que Thorn detestava falar do que Galbatorix lhe fizera, e não iria partilhar esses pormenores dolorosos com uma estranha. Sobretudo, uma estranha tão potencialmente perigosa como Bachel.

A bruxa assentiu com a cabeça, como se entendesse.

– Claro. Tal é a natureza dos dragões.

E o que sabe deles?, perguntou-se Murtagh. Fez um gesto na direção das fileiras de estátuas cobertas de escamas ao longo do exterior do templo.

– É adoradora de dragões?

Thorn emitiu um fio de fumo.

– *Que excelente ideia. Todos deviam adorar a nossa espécie.*

Murtagh quase sorriu involuntariamente.

Ouviu-se uma nota fina e fria quando Bachel tocou na borda do seu cálice de pedra.

– Não dessa forma. Mas nós reverenciamo-los, pois nos lembramos do que tantos esqueceram. E consideramos uma coisa sagrada estar tão intimamente ligado a um dragão, assim como está, Assassino do Rei.

Antes de Murtagh poder indagar mais, a bruxa desviou o olhar, deixando claro que, por agora, o assunto estava encerrado.

A Thorn, e apenas a Thorn, Murtagh perguntou:

– *Como é a mente dela?*

Não queria correr o risco de tocar também a consciência de Bachel, enquanto não estivessem certos das suas intenções.

O dragão contorceu a ponta contundente da cauda.

– *Como nenhuma que eu já tenha sentido.*

– *Como assim?*

– *Os pensamentos dela são férreos e, no entanto, há neles uma certa estranheza. É difícil descrever. Vê.*

E chegou a Murtagh uma impressão vinda de Thorn, uma impressão de distância, desolação e distorção, como se o mundo fosse visto através de um pedaço de cristal polido que mudava a forma de cada perspectiva.

Intrigado, Murtagh olhou para Bachel e tentou fazer corresponder a aparência dela à estranheza da sua vida interior.

– *Ela não é o que parece* – disse.

– *Não* – concordou Thorn.

Por toda a praça, os aldeões continuavam a organizar a festa. Cabras e ovelhas foram massacradas, e ricos cortes de carne foram dispostos sobre fogueiras acesas em cima das lajes. Enquanto os aldeões trabalhavam, Murtagh notou que deitavam frequentemente olhares furtivos a Thorn. Era como se o dragão fosse uma magnetite com sangue nas veias que os atraía, e os seus corpos descreviam linhas de fluxo, como fazem as limalhas de ferro. Alguns deles foram corajosos o suficiente para lhe estenderem uma mão trêmula, embora nenhum se atrevesse a tocar-lhe de facto. Na opinião de Murtagh, aquele comportamento não revelava propriamente *reverência*, como Bachel havia dito, mas algo mais próximo da idolatria.

Bachel observava-o a observar, e parecia adivinhar-lhe os pensamentos, pois disse:

– Eles estão apaixonados pela beleza do seu dragão. Poucos há em Nal Gorgoth que se lembrem de tal visão.

Thorn cantarolou, satisfeito com o que ela havia dito.

– Mas há alguns que se lembram? – perguntou Murtagh.

– Há.

– E Bachel está entre eles?

Mais uma vez, um leve divertimento coloriu as feições angulares de Bachel.

– Meu filho, tem perguntas que nunca mais acabam. Mas é melhor comer e depois falar do que falar e depois comer.

– Claro. Perdoe-me. A sabedoria dos tempos flui da sua língua. – Murtagh pretendia responder com sarcasmo, mas, involuntariamente, a resposta soou sincera.

Vários homens começaram a tocar liras entre as colunas do templo. A música era em escala menor e tinha uma sensibilidade feroz e selvagem que aumentava a estranheza do cenário.

Bachel levantou um dedo.

– Alín, vem a mim.

A mesma jovem mulher de túnica branca que havia servido a bruxa anteriormente apressou-se e fez uma profunda vénia.

– Sim, Oradora? – Tinha uma voz aguda e doce.

– O que achas do nosso convidado, o grande dragão Thorn? – perguntou Bachel.

Os olhos de Alín ficaram redondos, e ela voltou a curvar-se.

– É muito esplêndido, Oradora. Somos afortunados por ter permitido que ele nos visitasse.

– *Permitido?* – disse Thorn a Murtagh, um tanto perplexo.

– *Uma coisa te digo, Bachel não parece preocupada com a nossa presença.*

– *Muito pouco parece preocupá-la.*

Bachel parecia satisfeita com a resposta de Alín.

– Sim, é mesmo. Aproveita a presença dele enquanto puderes, minha filha. Momentos como este são raros entre o longo curso anos. És abençoada por viveres nestes tão importantes tempos.

– Sim, Oradora.

As liras começaram a soar mais alto.

– Dança agora para nós, minha filha – disse Bachel. E bateu no ombro de um dos portadores da liteira. – E vocês também. Pousem-me e juntem-se a Alín. Partilhem connosco a vossa alegria.

Os homens envergando armaduras baixaram a liteira até ao estrado e desceram com Alín por entre as mesas montadas diante deles. Então, os cinco começaram a movimentar-se em sintonia com a música, os seus

corpos girando e balançando com graça sinuosa.

A armadura dos portadores, observou Murtagh, não fazia barulho, como se fosse feita de lã de feltro em vez de madeira ou metal ou qualquer que fosse aquele material lacado.

Algures entre as colunas, um tambor acelerou o ritmo, e depois também um trompete, e embora o rosto de Bachel permanecesse impassível, um fogo parecia iluminar-lhe os olhos, e ela tamborilava com o dedo médio da mão direita na cadeira, acompanhando o ritmo com precisão perfeita e inflexível.

Murtagh observava-a pelo canto do olho. Não conseguia decidir o que achava dela. Mesmo ali sentada, Bachel compunha uma figura imponente, alta e estatuária, como uma guerreira diante de um exército reunido, e não havia ninguém no pátio capaz de igualar a sua presença. Nisso, ela fê-lo lembrar-se, com uma inesperada força, de Nasuada.

Thorn tocou-lhe no cotovelo com o focinho, e Murtagh pestanejou e apertou a mão em roda do punho da Zar'roc.

Depois de um minuto, Bachel disse:

– Dança, Assassino do Rei?

Ele fez-lhe um aceno cortês.

– Muito bem, segundo me dizem.

– Então dance para mim, se quiser. Que meus filhos vejam os mais elevados estilos da terra.

– O seu pedido é razoável, Senhora, mas minha armadura é inadequada para tal desporto, e eu não a vou retirar.

Pensou que a sua recusa lhe desagradaria. Mas, em vez disso, ela limitou-se a pegar outra vez no cálice.

– Não importa. Dançará para mim noutra altura, Assassino do Rei.

– Será?

– Está previsto, predito e, portanto, destinado.

E voltou a observar Alín e os portadores.

Chegaram mais serviçais vestidos de cinzento com bandejas de comida: pão e leite e manteiga e carnes salgadas. Grieve juntou-se-lhes no estrado e, depois de uma profunda vénia a Bachel, disse:

– Dragão Thorn, temos cabras, ovelhas e vacas para si. Qual prefere?

– *Comi antes de partirmos para o norte. De momento, não tenho fome, mas agradeço-vos a vossa oferta.*

Grieve voltou a curvar-se.

– Claro. Como desejar. Se mudar de ideias, só terá de pedir, e os nossos rebanhos serão seus para escolher como lhe aprouver.

Os olhos de Thorn brilharam em resposta.

– *Isso é muito gentil da vossa parte.*

Os dançarinos continuaram sem trégua e, em pouco tempo, os aldeões trouxeram carnes cozinhadas para o estrado e a festa começou a sério.

Murtagh tinha fome, mas comeu apenas um pouco de cada prato, apenas o suficiente para ser educado, e bebeu com moderação. A bruxa, em comparação, era imoderada no consumo; ingeriu um fluxo constante de pratos, exibindo o tipo de apetite comum aos soldados após dias de marcha forçada. Tinha maneiras meticulosas, embora – também para sua surpresa – pusesse de lado o garfo e a faca e devorasse a comida usando nada mais que dedos e dentes. Era uma estranha mistura de refinamento e barbárie. Juntamente com a comida, bebia cálice após cálice de vinho. E, no entanto, permaneceu o tempo todo alerta e com os olhos brilhantes, e Murtagh não lhe detetou nenhum arrastar na fala.

– *Ou tem a constituição de um Kull, ou feitiços de proteção* – disse ele a Thorn.

– *Ou algum tipo de combinação de ambos.*

Quando Bachel estendeu o cálice pela sétima vez, Murtagh deu uma gargalhada incrédula e abanou a cabeça.

– Está divertido, meu filho? – perguntou Bachel.

– É só que... Bem, eu nunca vi homem ou anão capaz de aguentar tanta bebida como Bachel. Talvez um Urgal o consiga, ou um duende, mas nunca bebi com nenhuma destas raças.

Bachel assentiu com a cabeça, imperturbável.

– É porque minha mãe era na verdade, uma duende. É por isso que o meu sangue é quente e tenho a força e a rapidez que tenho. Não há ninguém como eu no mundo inteiro.

A mente de Murtagh acelerou. Em garoto, ele ouvira histórias de meios elfos, mas eram sempre contadas como algo saído dos mitos e das lendas. Nunca lhe ocorrera que tal coisa fosse possível... Embora, considerando-o agora, achasse que não era assim tão surpreendente. Elfos e humanos eram

mais aproximados do que, por exemplo, humanos e anões – os anões, como os Urgals, tinham sete dedos em cada pé –, e, após tempo suficiente vivendo na mesma terra, era inevitável que ocorresse alguma mistura.

– *Ela pode estar a mentir* – disse Thorn.

– *Mas, nesse caso, como explicá-la?*

O dragão não tinha resposta.

Murtagh olhou para Bachel.

– A sua mãe ainda...

– Morreu há muito tempo – disse a bruxa em tom suave. – Veio para aqui quando me carregava no ventre, e morreu. Era isso que queria saber, meu filho?

Murtagh humedeceu os lábios.

– E o seu pai? Era humano, deduzo?

Bachel acenou com a mão, num gesto lânguido.

– Um lenhador, segundo me disseram. Também morreu há muito tempo.

– Compreendo... As minhas condolências.

Bachel olhou para Murtagh com um olhar cintilante, como se lhe tivesse crescido um chifre na testa.

– Condolências, porquê? Eles não estão com dores. Dormem o longo sono e, se estivessem aqui, ficariam honrados em saber que eu, entre todas as pessoas, fui ungida Oradora. Que fui escolhida pelo destino para ler, interpretar e compartilhar a verdade dos tempos. Não chore por mim, Murtagh, filho de Morzan. Não tenho mágoas, apenas triunfo, glorioso e inevitável.

Em seguida, ergueu o cálice e voltou a observar aqueles que se moviam ao som da música.

Ao longe, um corvo proferiu o seu grito áspero.



A festa arrastou-se, prato após prato, e os músicos continuaram o tempo todo a tecer a sua melodia selvagem. Era uma celebração estranha. Nenhum dos aldeões falou com Murtagh ou Thorn, nem mesmo quando serviam Murtagh. Apenas Bachel conversava com eles, e ela parecia mais interessada em entregar-se à comida e à bebida do que em falar.

Murtagh não se importava. Os muitos meses que passara viajando sozinho com Thorn acostumaram-no a sentar-se, observar e pensar. E havia um certo prazer em ser servido, como fora na corte de Galbatorix; ouvia o apagar descuidado da autoridade endurecer-lhe a voz quando falava com o homem que o atendia.

Condizia com a sua armadura.

No entanto, Murtagh reconheceu os seus próprios sentimentos, e sabia que eram uma armadilha que poderia levá-lo à complacência. Assim, embora acolhesse o tratamento devido à sua posição, também fez um esforço para observar os aldeões e tentar deduzir algo acerca da natureza deles.

Um aspeto em particular chamou-lhe a atenção: quando Bachel emitia uma ordem, os aldeões corriam como ratos diante de um gato, quase desesperados para lhe agradar. E, no entanto, não pareciam ter medo. Ou, se tivessem, era um tipo estranho de medo. Via sobretudo deferência e respeito nas ações deles. Sentia que, se conseguisse entender os motivos, compreenderia o mistério no coração de Nal Gorgoth.

A sombra encheu o vale, e as estrelas eram faíscas frias no céu noturno quando Bachel finalmente afastou o prato, apertou os lábios e reclinou-se no trono. A sua pele brilhava por causa da gordura da comida, e todo o seu ser, rosto e corpo, parecia inchado pela grande quantidade de comida que ingerira.

– Uma festa muito abundante – disse Murtagh. – Os vossos cozinheiros deverão ser elogiados.

Bachel acenou com a cabeça, satisfeita.

– Agradeço-lhe as amáveis palavras. Uma festa como esta, e muito mais além disto, são as vossas justas recompensas. A sua e a de Thorn. Se estivesse ao meu alcance, eu decretaria mil dias de celebração em vossa honra. É apenas o que merecem.

Murtagh olhou-a, admirando-se com os elogios. Seria possível que os rumores sobre os Sonhadores, e a própria Bachel, fossem falsidades? Ou, de alguma forma, enganosos? Talvez Bachel não fosse como ele pensara. Afinal, se alguém o julgasse a ele com base em boatos, considerá-lo-ia um vilão apto a assustar até mesmo os corações mais corajosos.

Então:

– Minha Senhora, já comemos, e comemos bem. Podemos agora conversar?

– Claro, meu filho. De que deseja falar?

Tantas perguntas tinha Murtagh, que quase nem sabia por onde começar.

– Ouvi chamar Sonhadores ao vosso povo. Isso está correto?

Uma quietude tomou o rosto de Bachel e, com um só gole, esvaziou o cálice e pousou-o ao lado da liteira.

– Está, sim.

– E com que sonham?

– Com refazer a própria face da terra. – Bachel voltou-lhe os olhos escuros. – Como tem sido fadado desde o início dos tempos. E como o Murtagh e Thorn estão destinados a ajudar a concretizar.

A certeza com que ela falava arrepiou-o. Em parte porque lhe lembrava demasiado a convicção férrea de Galbatorix – uma convicção nascida dos próprios delírios do rei e do poder ilimitado. E em parte porque se perguntava se ela diria a verdade.

– Fala com grande confiança sobre as nossas ações futuras.

– Claro que sim. Porque eu sou vidente. Uma adivinha. Uma profeta, se quiser. O dom de predizer o que será é meu e, diante de mim, todos os caminhos são desnudados.

Escorria gelo pela coluna de Murtagh. A profecia era uma coisa real, mas rara, muito rara e, tanto quanto ele sabia, limitada ao futuro próximo. Se a bruxa conseguia ver mais do que isso, então ela poderia muito bem ser o mais poderoso ser de toda a Alagaësia.

– *Não acredito no destino* – disse-lhe Thorn. – *Construímos o nosso próprio caminho pelo mundo.*

– *Sim, mas se ela conseguir prever o que escolheremos fazer a seguir, como poderíamos contrariar isso? E o que previu ela exatamente como sendo o nosso futuro?*

Um desejo feroz de o saber ardeu dentro de Murtagh.

– É por isso que o seu povo lhe chama Oradora? – perguntou. – Porque lhes fala do futuro?

Bachel sorriu ligeiramente.

– Não, não é bem isso. Eu sou a voz escolhida do Sonhador dos Sonhos, de quem flui toda a sabedoria. Pelo Sonhador eu falo, e assim Oradora eu sou.

Quando ela não entrou em detalhes, ele perguntou:

– E quem é...

– Alguns segredos não devem ser partilhados com pessoas de fora. – Lançou-lhe um olhar longo, o seu olhar duro e avaliador. – Embora talvez seja uma rara exceção, meu filho.

Murtagh franziu a testa. O facto de as intrigas da corte o terem habituado aos discursos evasivos não significava que gostasse deles.

– Minha Senhora... Se é um oráculo, poderia demonstrar-nos os seus poderes, para nos podermos maravilhar com o seu dom?

Pela primeira vez, Bachel pareceu ofendida. Ela disse:

– As visões que tenho são-me concedidas para fins sagrados, e eu arriscaria a ira do Sonhador se fosse presunçosa a ponto de exigí-las apenas para satisfazer os meus próprios desejos egoístas. Seria uma profanação do meu papel como Oradora.

Quão conveniente, pensou Murtagh, mas antes de poder expressar a sua dúvida, a bruxa continuou:

– No entanto, uma coisa lhe direi, Cavaleiro, e falo a verdade, pois vi o que está por vir. Em breve, seguirá viagem, voando com Thorn, e ambos tingirão de vermelho lâmina e garras ao serviço desta causa. Isso vos prometo.

Thorn rosnou ligeiramente, e Murtagh sentiu a pele eriçar-se e picar-lhe.

– E que mais viu do nosso futuro? Por que nos chama salvadores da terra?

A boca de Bachel torceu-se ainda mais com um sorriso enigmático.

– Falaremos disso e de muito mais em breve. Também lho prometo. Mas é tarde, e deve estar cansado das suas viagens. Por enquanto, deverá descansar. O meu pessoal garantirá que serão bem cuidados. Se houver algo de que precise, terá apenas de pedir. Grieve!

O homem da pera cambaleou até eles.

– Oradora?

– Acompanhe o nosso convidado para as câmaras com vista para a Torre de Flint. Durma bem, Assassino do Rei, e que seus sonhos lhe tragam compreensão. Amanhã falaremos da nova era que está a amanhecer.

Então, Bachel deu ordem aos seus servos de armadura, que levantaram a liteira e a levaram do pátio de volta para o templo. Assim que ela partiu, os músicos pararam de tocar as liras, e os tambores também se calaram. De

subido, o crepitar dos fogos era o som mais alto na praça.

Grieve aproximou-se de Murtagh e curvou-se. Em tom condescendente, disse:

– Por aqui, Cavaleiro.

Com a mente cheia de pensamentos, Murtagh pôs-se de pé, hirto e inquieto. Não queria dormir dentro de casa, sozinho e isolado de Thorn, mas temia que fosse imprudente recusar a oferta de hospitalidade de Bachel.

– *Vai* – disse Thorn, sentindo-lhe a ponderação.

Murtagh pousou a mão no pescoço do dragão.

– *Eu esgueiro-me cá para fora assim que me deixarem a sós. E então talvez possamos dar uma vista de olhos por aí e ver o que conseguimos descobrir.*

Thorn produziu um som nasal concordante, mas Murtagh conseguia perceber que o dragão não estava inteiramente satisfeito com o plano. Falariam mais tarde, quando houvesse menos hipóteses de os seus pensamentos serem ouvidos.

– Pode avançar – disse Murtagh, gesticulando para Grieve.

O homem de pera virou-se e, com o seu passo pesado de pés chatos, conduziu Murtagh sob a arcada de colunas facetadas e através de uma pequena porta lateral ao longo da ala norte do templo. O corredor interior era fresco e escuro; nenhuma tocha ou lanterna estava acesa, mas Grieve movia-se com segurança, e Murtagh seguia o som dos passos dele enquanto sondava as mentes de qualquer pessoa que pudesse estar à espera para atacar.

Subiram um lance de escadas até um patamar onde as janelas estreitas do templo deixavam passar luar suficiente para se verem, ao longo da parede, entalhes planos de... De quê, Murtagh não sabia. Os seus olhos recusavam-se a fixar-se por entre a confusão de figuras que adornavam a pedra. Corpos, humanos ou animais, estruturas distorcidas, estranhos padrões de favos de mel que se fundiam uns nos outros... Parecia que a talha era uma tentativa de retratar fisicamente a loucura. As formas frenéticas e inacabadas lembravam-lhe as paisagens mentais distorcidas dos Eldunarís que Galbatorix escravizara, bem como a lógica desarticulada dos pesadelos. Da parede emanava malevolência em grandes ondas. A sensação era tão tangível que o fez recuar. A talha era uma exibição do grotesco – uma

zombaria da graciosidade e da arte e de todas as coisas belas. Sentiu uma forte vontade de destruir aquilo. Temia que, se olhasse para aqueles entalhes por muito tempo, o infetassem com qualquer insanidade que tivesse inspirado uma criação tão malformada.

– Quem fez isto? – perguntou. No ar noturno, a sua voz soou como um coaxar hostil.

Grieve não parou enquanto espreitava para o fundo do patamar.

– Foram os Primeiros que fizeram isto, quando descobriram o poço sagrado.

– Refere-se ao Povo Cinzento? – perguntou Murtagh.

A raça há muito extinta fora quem ligara a língua antiga à magia pela primeira vez. Conseguia facilmente imaginá-los a construir Nal Gorgoth, embora nunca tivesse ouvido relatos de terem estado em Alagaësia. Mas, na verdade, havia muito que ele não sabia, e muito ficara ocultado pelo passar dos anos.

Grieve bufou.

– Refiro-me aos Primeiros. Os primeiros dos Sonhadores a encontrar este lugar. Eram de muitas raças, mas todas elas de uma só mente.

– Compreendo. E o poço que mencionou? O que o torna sagrado?

– Isso não me cabe a mim dizer, Cavaleiro.

– O que lhe cabe a si dizer?

Com um passo de pernas hirtas, Grieve parou, ombros e pescoço curvados como os de um urso preparando-se para atacar.

– Não espere que eu o ajude, Cavaleiro. É um forasteiro, um não crente, e o seu tipo não é necessário nem desejado em Nal Gorgoth.

Virou-se para Murtagh. Os seus olhos, iluminados pelo luar, eram pedaços de gelo prateados, duros e carregados de ódio, e Murtagh – apesar de todos os seus feitiços de proteção e de toda a sua destreza com armas – sentiu-se ameaçado o bastante para levar a mão ao punho da Zar’roc.

– Mas – continuou Grieve –, em sua sabedoria, Bachel escolheu tolerar a sua presença. É um direito dela.

– Ela tolera a minha presença, é? – disse Murtagh, com a voz calma. – Que alternativa tem ela, servo?

A boca de Grieve abriu-se, mostrando as estacas amarelas que eram os seus dentes.

– Isso aprenderá, Cavaleiro, e desejará não ter aprendido. O seu poder não tem influência aqui. Se Bachel quiser, ela usará o Sopro em si, e então veremos quem é servo e quem é senhor.

– Acho que não gosto de si, Grieve.

– As palavras dos não crentes são como terra sob os meus pés.

– Fico feliz por chegarmos a um entendimento. Prossiga. Estou cansado e gostava de repousar nos meus aposentos.

A malícia nos olhos de Grieve intensificou-se, mas ele virou-se e continuou ao longo do patamar. Murtagh deixou o homem dar vários passos entre eles antes de avançar. Manteve a mão na Zar’roc e certificou-se de que a espada estava solta na bainha. *Ciúme ou superproteção?*, perguntou-se. Ou seria o fanatismo que alimentava a hostilidade do braço direito de Bachel?

No final de um corredor, chegaram a um conjunto de portas de madeira fechadas.

– Aqui – disse Grieve, e, sem outra palavra, partiu.

Murtagh esperou até ter a certeza de que estava sozinho e, em seguida, abriu as portas.

CAPÍTULO III



A Torre de Flint

Os aposentos de canto que Bachel lhe dera teriam sido más acomodações em Urû'baen. Mas, para os padrões de uma aldeia rústica e remota, eram sumptuosos. O interior do templo estava em melhor estado do que o exterior: as paredes de pedra não tinham musgo nem líquenes, o chão estava bem varrido e não se viam teias de aranha para se prenderem nos cabelos.

Havia uma lareira de pedra numa das paredes. De frente para ela estava uma cama de dossel, feita de madeira de nogueira preta, com cobertores que pareciam limpos e uma pele de ovelha colocada em cima que cheirava apenas levemente ao animal do qual havia sido cortada. Ao lado da cama, um castiçal de ferro com um vela fina apagada, juntamente com uma mesa de cabeceira vazia, e, alguns metros depois, um guarda-roupa simples. Uma pele de urso ainda com a cabeça ocupava o centro do chão.

Adjacente àquela divisão havia uma pequena casa de banho com um lavatório de pedra, um penico de porcelana e um balde de água doce para as abluções. Não havia entalhes nem estandartes nas paredes de nenhum dos espaços, mas o chão da casa de banho tinha um mosaico de lascas de vidro colorido, e continha os mesmos padrões ramificados que adornavam o resto da aldeia.

Várias janelas fechadas marcavam as paredes de ambos os lados do canto externo do quarto. Murtagh verificou se não havia ninguém escondido naquelas câmaras, e depois foi até às janelas e abriu as portadas.

As esculturas de dragão que forravam a parte superior do edifício sobressaíam dos lados de cada janela, as formas exageradas dos seus focinhos penduradas para baixo como mísulas sobredimensionadas.

Para leste, as janelas davam para o pátio do templo. Os aldeões já tinham – com rapidez e eficiência inesperadas – retirado mesas, braseiras, comida e peles do entorno da fonte destruída.

Thorn estava sentado nas lajes, de olhos abertos e alerta. O dragão viu Murtagh, e a língua escorregou-lhe para fora enquanto ele provava o ar.

– *Estás aí.*

– *Estou aqui.*

À entrada do pátio, Murtagh avistou um par de aldeões com ar entediado sentados ao lado de uma braseira incandescente. Os homens carregavam lanças e tinham espadas à cintura, mas Murtagh não acreditava que Bachel esperasse que os guardas o detivessem, a ele ou a Thorn, se eles escolhessem sair. O seu único propósito, decidiu, era vigiar e informar a bruxa sobre as atividades dos seus convidados.

Convidados. O lábio enrolou-se-lhe.

Os guardas olharam para ele e depois voltaram a conversar entre si.

– *Um momento* – disse Murtagh a Thorn, e foi para as janelas voltadas a norte.

Não muito longe do templo, viu a estrutura estreita a que Bachel chamara Torre de Sílex. Erguia-se alta e austera ao luar: uma lança de pedra tosca, cinzento-aveludada, com aberturas semelhantes a campanários sob o telhado abobadado. Da torre, pensou ter ouvido um leve murmúrio de pássaros adormecidos, mas o som podia muito bem ter sido um truque da sua imaginação.

Após a torre havia várias casas, e ele também conseguia descortinar – pouco visível ao luar – o canto de uns terrenos bem cuidados que se estendiam por trás da torre e do templo. Aquela presença intrigava-o. Um caminho atravessava a erva aparada e uma fileira dupla de arbustos baixos, conduzindo em direção às árvores próximas dos cumes...

Murtagh olhou para os guardas lá em baixo. A experiência ensinara-lhe a ser prudente, mas também lhe ensinara a importância da ação decisiva. Fosse qual fosse a verdade sobre os meios e motivos de Bachel, não se sentia confortável esperando que ela os revelasse. Queria descobrir por si mesmo que segredos se ocultavam no coração de Nal Gorgoth. Dessa forma, pelo menos, poderia determinar se Bachel lhes mentia.

Tudo isto justificava uma abordagem mais arrojada do que o normal.

Mas com cautela.

Murtagh coçou o queixo. Os guardas não pareciam usar amuletos como os que ele encontrara em Ceunon e Gil'ead. No entanto, Bachel podia tê-los presenteado com alguma forma de proteção. Não havia como o saber de antemão, e a natureza da sua magia sem palavras significava que o Nome dos Nomes não seria útil. E embora fosse possível que Bachel desconhecesse a magia mais formal, ele não conseguia ver como usar isso a seu favor. Ainda assim... Quaisquer que fossem os feitiços a proteger os guardas, não conseguiriam bloquear encantamentos destinados a ajudar em vez de prejudicar – assim sucedera com Galbatorix.

Decidiu arriscar. Como em toda a magia, a intenção importava, por isso concentrou-se no facto de ambos os homens parecerem cansados. Era tarde e já deviam estar na cama. Seria melhor que dormissem, para seu próprio bem.

Com isso firmemente presente, Murtagh lançou o mesmo feitiço que usara no guarda das catacumbas sob Gil'ead:

– *Slytha – Dorme.*

Libertou a energia para o feitiço gradualmente, de forma cuidadosamente controlada, ao longo de meio minuto ou mais. Era uma peça de magia suave, subtil o suficiente para que, se *chegasse* a ser detida por um feitiço de proteção, os guerreiros não dessem conta.

Os guardas descaíram, e um deles largou a lança, que embateu nas lajes com uma barulheira alarmante. Depois a aldeia voltou a ficar em silêncio.

Quando ninguém surgiu para averiguar, Murtagh permitiu-se uma gargalhada satisfeita. Por mais que odiasse admiti-lo, a maneira como Eragon usara magia em Galbatorix fora um golpe de inspiração. Ninguém parecia pensar em proteger-se contra o bem, apenas contra o mal.

Aquilo não duraria muito, claro. Com o correr dos anos, a palavra passaria de mágico em mágico e, eventualmente, nenhum feiticeiro capaz se deixaria vulnerável a ataques bem-intencionados. Uma contradição! Mas uma realidade, de qualquer forma. Independentemente disso, Murtagh não lamentaria a ignorância de Bachel. Enquanto a técnica continuasse a funcionar, ele usá-la-ia e ser-lhe-ia grato.

Claro que ainda não sabia ao certo se os guardas tinham proteções, mas teria ficado chocado se não tivessem.

– *Por quanto tempo dormirão?* – perguntou Thorn.

– *Pelo tempo que for necessário. Ajuda-me a descer daqui* – disse Murtagh, subindo pela janela para o telheiro abaixo.

Thorn fungou e levantou a cabeça. Murtagh avançou para cima dela, com cuidado para não enfiar um calcanhar nos olhos do dragão. Em seguida, Thorn baixou-o até às lajes, e Murtagh endireitou o cinto da espada e olhou à volta.

– Obrigado – murmurou, subitamente alegre, como uma raposa que invadiu um galinheiro enquanto os cães estavam fora.

– *Bachel é muito perigosa, parece-me* – disse Thorn.

– Concordo.

– *Talvez devêssemos ir embora. Já sabemos onde fica este sítio. Deixa Nasuada ou Arya ou mesmo Eragon lidarem com isto. A responsabilidade não é nossa.*

– Não queres descobrir a verdade por trás de Bachel e deste Sonhador de Sonhos? Sem falar nessa suposta profecia em relação a nós dois. Não estás curioso?

Thorn cheirou o ar noturno e demorou a responder.

– *Estou... mas também sou cauteloso. Sinto como se tivéssemos enfiado as patas numa toca escura. Não sabemos o que podemos encontrar. Podemos acabar mordidos.*

– E se acabarmos? – perguntou Murtagh, sério. – Não seria melhor saber se há aqui algo capaz de nos morder?

– *Estás mesmo a perguntar isso? O único mistério é: qual o tamanho da mordidela?*

Murtagh ergueu uma sobrancelha.

– Até agora, Bachel e seu povo não nos mostraram nada senão hospitalidade. Mesmo que Grieve seja um descontente grosseiro.

– *No entanto, não confias nos rostos que eles te mostram, caso contrário não estaríamos a ter este debate.*

– Não. Tens razão.

Thorn soltou um suspiro muito humano.

– *Não dormirás bem enquanto não fores farejar aqui à volta, não é?*

Murtagh sorriu.

– Conheces-me muito bem.

Passado um breve instante, o dragão baixou a cabeça, e o calor suave da sua respiração envolveu Murtagh.

– *Está bem. Mas se fores apanhado de novo, pego em ti e voamos daqui para fora, como fiz em Gil'ead.*

– Se tal acontecer, ficarei muito feliz por pegares em mim.

Fez festas atrás de um dos espigões do pescoço de Thorn, e os flancos do dragão vibraram com um baixo zumbido de satisfação.

– *Onde pretendes pesquisar?*

Murtagh olhou para o templo pagode. As montanhas erguiam-se bem altas atrás dele, os picos brancos como a mais fina pérola sob as estrelas cintilantes.

– *Ali, mas acho que seria muito arriscado. Há muitas pessoas no edifício.*

– *Então, onde?*

Murtagh apontou para a Torre de Flint.

– *Deve ser importante, para os Sonhadores lhe terem dado um nome. E quero ver os terrenos por trás do templo.*

Lançou um olhar crítico a Thorn.

– *Alguns dos aldeões ainda podem estar acordados, e tu já és demasiado grande para andares pela calada.*

Thorn fechou as mandíbulas com um clique suave, mas assertivo.

– *Então esperamos até que durmam. Onde tu fores, eu vou.*

Murtagh percebeu que não valia a pena contra-argumentar.

– *És teimoso que nem uma mula* – murmurou. – *Está bem. Mas terás de ficar para trás onde não couberes.*

O dragão assentiu com a cabeça.

– *Isso é aceitável.*

Então Murtagh aninhou-se contra o flanco de Thorn, e o dragão cobriu-o com uma asa para que ele ficasse escondido de alguém que por ali passasse. Sabendo que Thorn estava de vigia, Murtagh fechou os olhos e aproveitou a oportunidade para uma curta sesta. Conseguia dormir mesmo rodeado de inimigos – uma habilidade útil, embora um tanto lamentável, adquirida ao longo de anos de vida perigosa.



A ponta afiada do focinho de Thorn a pressionar-lhe-lhe as costelas acordou Murtagh. Abriu os olhos com relutância.

– *Estou acordado, estou acordado* – disse enquanto Thorn continuava a cutucá-lo.

O dragão bufou e tirou a cabeça de baixo da asa.

Murtagh bocejou. Com que estava a sonhar? A lembrança fazia-lhe como que uma comichão na fronteira da mente, e ele tinha uma sensação obscura de que o sonho fora importante...

– *Então?* – perguntou Thorn, arranhando levemente as lajes.

– *Dá-me um minuto. Deixa-me certificar-me de que ninguém está a ver.*

Cuidadosamente, cautelosamente, com uma lentidão quase paranoica, Murtagh estendeu a mente e verificou a área circundante. Sentia algumas pessoas por perto, mas dormiam profundamente, sonhando com o que fosse que os Sonhadores sonhavam.

– *Tudo desimpedido* – disse, rastejando de baixo da asa.

A lua estava diretamente por cima deles agora. A nuvem de fumaça havia-se dispersado e o ar adquirira a clareza perfeita encontrada apenas nas frias noites de inverno. E, no entanto, a aldeia retinha um calor fora de época, como se o verão ainda habitasse entre os edifícios de pedra, enquanto a geada e o gelo se acumulavam nas colinas e picos circundantes. Talvez, pensou Murtagh, o calor viesse do próprio chão. Isso explicaria porque eram pretos, carbonizados, os campos que ficavam à frente de Nal Gorgoth.

Farejou o ar. Já não sentia o aroma de enxofre. Teria ido juntamente com a fumaça, ou estaria ele apenas acostumado ao cheiro?

A segunda explicação incomodava-o mais do que queria admitir.

– Tem cuidado com a cauda – murmurou para Thorn. – Não entres por nenhum edifício adentro.

Thorn bufou, desdenhoso.

– *Eu sou mais cauteloso do que isso.*

– Mmm – disse Murtagh, não muito convencido.

A partir do pátio, calcorreou as ruas adjacentes antes de dobrar a esquina do templo em direção à Torre de Flint. Thorn seguiu-o, tão silencioso quanto um gato. Retraíra as pontas das garras para que não tocassem nas pedras e caminhava sobre as almofadas das patas com impressionante delicadeza. Mantinha a cauda levantada do chão, pendida atrás dele como uma grande cobra carmesim, sem cabeça, seguindo-o cegamente.

Ao lado do templo havia um poço coberto com um pequeno guincho para içar o balde. O poço era muito simples, desprovido até da mais básica decoração. Murtagh duvidava que fosse aquele o poço sagrado que Grieve referira.

Contudo, na eventualidade de estar enganado, apoiou-se na berma do poço e espreitou. As profundezas negras ecoaram os sons fracos das suas mãos contra as pedras encastradas. Nada nisso parecia incomum.

Se tivesse uma moeda, tê-la-ia atirado para dar sorte. Ele e Thorn precisavam de mais do que da sua quota-parte.

– Nada – disse ele a Thorn. – Farejas alguma coisa?

O dragão cheirou, e a língua saiu-lhe da boca.

– *Apenas água, madeira e suor.*

Murtagh seguiu em frente.

Uma parede de pedra sem argamassa circundava a Torre de Flint, e havia um pequeno portão de ferro forjado a impedir a passagem. As barras do portão traçavam o contorno da cabeça de um dragão vista de cima

– Eles parecem gostar mesmo de dragões – disse Murtagh enquanto destrancava o portão e o abria. As dobradiças chiaram alto o bastante para fazê-lo parar, mas ninguém estava ali perto para reparar no som.

– *Por que não haveriam de gostar?* – disse Thorn. – *Não há outra criatura ou ser que possa corresponder à beleza da nossa forma.*

– Talvez não, mas não precisas de te gabar disso.

– *Dizer a verdade nunca é gabarolice.*

Murtagh sorriu. Os dragões tinham muitas virtudes, mas a modéstia não era uma delas.

– Espera aqui. Não demoro.

Deixando Thorn junto ao pequeno portão, avançou até à porta da torre. Era de madeira, com uma pesada fechadura de ferro cravada nas tábuas.

Abriu-a com uma aplicação subtil da palavra *thrysta* e uma ligeira vaga de energia. *Clique*, fez a fechadura, e ele abriu a porta.

O cheiro acre de excrementos de pássaros atingiu-o, fazendo-o suster a respiração e lacrimejar. Semicerrou os olhos e avançou para o interior escuro.

A sua visão demorou um minuto a ajustar-se de modo a descortinar até mesmo formas básicas. Encontrava-se no fundo de um grande cilindro, que começava na base da torre e subia até o topo. Havia centenas de pequenas

capoeiras de madeira a cobrir as paredes, cada uma com um pedaço de ramo saliente na frente, coberto de casca de árvore, para servir como poleiro. De dentro das capoeiras, ouviu mil pequenos murmúrios – os sons dos pássaros adormecidos – e o sussurro sedoso de asas emplumadas a roçar e a ajustarem-se. O chão estava macio graças a uma espessa camada de excrementos, e havia caixotes e barris e outros objetos empilhados ao longo das paredes.

Murtagh fixou o olhar naquilo. A torre era um dos espaço mais curiosos que alguma vez vira, incluindo as catacumbas sob Gil’ead. Uma versão demente e sobredimensionada dos pombais que Yarek, o mestre espião, havia construído em Urû’baen para abrigar os seus pombos-correio. Mas que pássaros eram aqueles? Não eram pombos nem pombas, suspeitava.

Perscrutou o chão imundo à procura de penas que pudessem ajudar a identificar as aves. Em vez disso, pisou algo duro e sentiu-o quebrar sob o pé. Sustendo a respiração, inclinou-se para olhar.

Meio enterrado nos excrementos estava um crânio com bico. O crânio de um corvo. *Claro*. A torre tinha que ser onde os Sonhadores criavam os pássaros que Bachel usava para fazer os seus amuletos. Murtagh endireitou. O elevado número de corvos na torre fê-lo perguntar-se quantos amuletos havia Bachel encantado.

Como são eles alimentados?, perguntou-se. Não seria tarefa ligeira cuidar de tantas aves.

Esticando um braço para se equilibrar, Murtagh palpou o caminho ao redor da curva externa da câmara, com a intenção de completar um circuito e depois partir. Que procurava ele? Não sabia. Os corvos não eram usados para transportar mensagens. Não haveria ali nenhuma escrivanhinha com mensagens secretas escritas em folhas de pergaminho. Nenhum mapa nem objetos mágicos usados para encantar, supondo que ele estava correto acerca do feitiço de Bachel. Mas sentia-se na obrigação de ser minucioso.

A três quartos do percurso à roda da torre, pisou um pedaço particularmente escorregadio de excrementos, e o pé escorregou-lhe. Murtagh perdeu o equilíbrio e foi dar com uma mão ao chão. O seu joelho direito bateu contra o canto de um caixote, enviando-lhe um choque quente ao longo da perna, e a ponta da bainha da Zar’roc embateu num barril.

Um coro silencioso de inquietação atravessou torre enquanto os corvos se mexiam no sono, as suas mentes mortíferas fugazmente perturbadas.

Murtagh cerrou os dentes, susteve a respiração e não se mexeu. O joelho latejava-lhe. Chegou-lhe de Thorn um pico de alarme, e Murtagh rapidamente o tranquilizou:

– *Estou bem. Não te preocupes.*

Então, sussurrou:

– Maela.

Dizia-se que a língua antiga era a língua materna que todas as criaturas tinham falado no início dos tempos. Murtagh não sabia se acreditava completamente nisso – tinha as suas próprias ideias sobre como a língua poderia ter sido encantada para influenciar os seres vivos –, mas era verdade que os animais respondiam à língua antiga de maneiras que não respondiam a outras línguas.

Previsivelmente, os pássaros começaram a acalmar-se e, pouco depois, estavam outra vez em silêncio.

Murtagh fez uma careta quando começou a fazer força para se erguer e os excrementos lhe esguicharam entre os dedos. Proferiu um único vitupério, sem som, tão imundo quanto a situação em que se encontrava.

A base da mão afundou-se-lhe nos excrementos e tocou numa superfície dura e fria enterrada lá em baixo. Franziu a testa. Blhec.

Apesar da repulsa, escavou até conseguir agarrar o objeto. Parecia de metal: oval, com metade do tamanho da sua mão, gravado de um dos lados. Uma moeda? Mas não, era grande de mais para isso.

Agarrando o objeto com firmeza, levantou-se e percorreu cautelosamente o caminho de volta, saindo pela porta da torre.

Thorn enrugou o focinho e recuou vários passos quando Murtagh se aproximou.

– Cheira assim tão mal? – disse Murtagh, compungido, fechando o pequeno portão.

– *Se não tomares banho antes de amanhecer, todos no raio de uma légua saberão onde estiveste.*

– Ahã.

Murtagh virou-se para que a lua ficasse atrás de si e ergueu o objeto que tinha encontrado. Tal como suspeitava, tratava-se de uma peça plana de metal: aparentemente, era feita de electro (embora fosse difícil ter a certeza ao luar; podia também ser de ouro), com um gancho de ferro nas costas. Um fecho para um manto que seria preso ao ombro. Tinha excrementos

incrustados no desenho do rosto do fecho, e Murtagh passou a maior parte de um minuto a raspar o esterco com a unha do polegar até conseguir perceber o que era.

Um choque de reconhecimento atravessou-o, como um raio que atravessasse uma árvore fustigada pela seca.

– *Que foi?* – perguntou Thorn.

Murtagh partilhou com ele uma memória do salão de jantar privado de Galbatorix, com estandartes carmesins pendurados nas paredes, estandartes com os brasões dos Renegados bordados. Aquele que ficava mesmo ao centro, em frente ao lugar onde Murtagh frequentemente se havia sentado, tinha o mesmo desenho do fecho.

– É a marca de Saerlith.

Um choque semelhante perpassou Thorn.

– *Como chegou isso a este lugar?*

– Não sei.

Saerlith fora um nome menor entre os Renegados; pouco fizera para se distinguir dos seus companheiros traidores, embora comungasse da sua infâmia geral. Sobre ele, Murtagh sabia apenas que era humano e proviera de algures nos arredores da cidade de Teirm. Isso, e que o dragão dele tinha a infelicidade de possuir escamas roxo-acastanhadas. Tal como acontecera com os restantes dragões dos Renegados, o nome do dragão de Saerlith havia-se perdido, apagado pela vontade coletiva da sua espécie. Os dragões não perdoavam aqueles que consideravam traidores. Uma falha deles, talvez, mas, tratando-se dos Renegados, uma falha compreensível.

Murtagh tentou lembrar-se de como morrera Saerlith. Sabia, pelo menos, que tal não ocorrera em Nal Gorgoth. Os relatos eram variáveis, mas supostamente Galbatorix tinha despachado Saerlith para a costa sul de Alagaësia, onde o Cavaleiro e o dragão haviam sido emboscados e mortos. Por quem, Murtagh nunca soube, embora presumisse que os responsáveis tivessem sido os Varden ou seus aliados.

Independentemente disso, Saerlith perecera muito antes do tempo de Murtagh.

Thorn disse:

– *Se Saerlith e o seu dragão descobriram Nal Gorgoth...*

– Então talvez Galbatorix soubesse deste lugar. – Murtagh balançou o fecho na mão. – Ou talvez Saerlith estivesse de conluio com os Sonhadores em seu próprio benefício.

– *Galbatorix tê-lo-ia matado por isso.*

– Se disso tivesse conhecimento.

Murtagh guardou o fecho na bolsa presa ao cinto. Mais uma vez, a aldeia parecia-lhe uma coisa viva, esperando e observando com intenção desconhecida. Fez uma careta, ajoelhou-se e usou o chão para raspar mais esterco de corvo dos dedos.

– Não gosto disto – disse, voltando a erguer-se. – Não gosto nada disto. Há aqui mais em jogo do que Bachel está disposta a admitir.

Thorn acenou com a cabeça, apontando para a bolsa.

– Estranho povo que deixa obras dos Renegados espalhadas por aí.

– É descuido, é, sim. Ou arrogância. – Parou para pensar, e ficou com pele de galinha quando lhe ocorreu um pensamento inquietante. – E se... e se Galbatorix tiver encontrado Nal Gorgoth quando regressava pela Espinha, depois de os Urgais lhe terem matado o dragão? Ou então, e se foi para cá que ele e o meu pai fugiram depois de terem traído os Cavaleiros? Eu sempre ouvi dizer que Galbatorix se escondeu num lugar maligno, para onde os Cavaleiros não ousaram segui-lo. E se for Nal Gorgoth esse lugar? E se foi *aqui* que Galbatorix conheceu Durza e... aqui treinaram o meu pai?

Thorn sibilou como uma cobra. Murtagh partilhava com ele o sentimento.

– *Se os Cavaleiros sabiam de Nal Gorgoth, porque tolerariam eles a sua permanência?*

– Não sei. Talvez pensassem que estava abandonada. Talvez tenham incendiado o local e expulsado os habitantes originais. Não sabemos há quanto tempo cá estão Bachel e o seu povo. Os edifícios são os mais antigos que alguma vez vi. Sabe-se lá quem os fez.

O olhar de Thorn ganhou intencionalidade.

– *Umaroth sabia o bastante para nos alertar contra a nossa vinda aqui. E se os dragões de outrora e os seus Cavaleiros – a língua estremeceu-lhe por entre os dentes – tivessem medo disto?*

CAPÍTULO IV



Sonhos e augúrios

Murtagh e Thorn olharam um para o outro, pairando entre eles uma pergunta tácita. O que ou quem temeriam dragões e Cavaleiros?
– Se Galbatorix e Morzan vieram para cá – disse Murtagh –, talvez todos os Renegados o tenham feito.

Olhou para as silhuetas dos telhados escuros e para a ponta enluarada da Torre de Flint. A descoberta daquele fecho lançava uma nova luz sobre tudo o que Bachel dissera durante o banquete. E, no entanto, continuava sem certezas. Estaria a fazer suposições sem fundamento? O instinto dissera-lhe que havia algo de real nas alegações de Bachel sobre o destino e as profecias. Só não sabia o quê ou em que grau. Talvez o seu desejo de aprender mais sobre ela e a terra enegrecida fosse insensato.

Voltou-se para Thorn.

– Talvez tenhas razão. Talvez *devêssemos* ir embora daqui. Que dizes?

Thorn pestanejou, evidentemente surpreendido. Desde que estavam juntos, Murtagh nunca havia sugerido abandonar um objetivo que andassem a perseguir. Thorn enfiou as pontas das garras nas fendas entre as lajes.

– *Se este é o lugar que os Cavaleiros temiam...*

– Coisa que pode não ser.

As narinas de Thorn alargaram-se.

– *Se for, temos de sabê-lo, para bem dos filhotes no Monte Arngor. Qualquer coisa perigosa a ponto de ameaçar os Cavaleiros de antigamente poderia destruir a próxima geração de dragões. Mantém-te à caça, encontra o rastro. Há aqui segredos antigos, eu sinto-lhes o cheiro.*

– Muito bem. Mas temos de ser inteligentes a este respeito. Não serve de nada deixarmo-nos matar.

Com Thorn atrás de si, Murtagh dobrou o canto nordeste do templo. Lá atrás havia uma faixa de erva cortada que, apesar da época do ano, era macia sob seus pés. Um caminho levava através da relva a um pequeno bosque de pinheiros junto ao sopé das encostas.

Quando Murtagh se aproximava das árvores, sentiu o ar cada vez mais quente. Era também húmido, e o cheiro de enxofre voltou a erguer-se. O chão ao redor das árvores era preto, semelhante à área em frente à aldeia, e línguas de vapor saíam da terra. E, no entanto, não era estéril. O bosque parecia uma espécie de jardim. Sob o luar, viu arbustos e flores de mirtilo – as suas flores fechadas e caídas durante a noite – e uma vasta variedade de cogumelos dispostos em padrões agradáveis.

Pensou no jardim secreto das catacumbas de Gil’ead e cismou naquilo.

Thorn hesitou à entrada do bosque, mas o caminho era largo – os aldeões tinham aparado os níveis mais baixos dos ramos – e havia espaço para ele andar sem raspar nas árvores. Então, seguiu Murtagh, e Murtagh agradeceu a companhia.

– Lembra-me de apagar as tuas pegadas no regresso – murmurou.

Chegou-lhe de Thorn a sensação de aquiescência.

O coração do bosque era ainda mais escuro do o interior da Torre de Flint. Murtagh finalmente cedeu e sussurrou:

– Brisingr.

O luminomem que criou era uma mecha minúscula, não mais brilhante do que uma brasa a esvanecer-se. Mas suficiente para ver onde pousar os pés.

O caminho serpenteava entre as árvores, passando por canteiros de plantas bem cuidadas, com as ervas daninhas eliminadas – contendo, sobretudo, ervas e bagas – até chegar às encostas.

Lá, Murtagh viu uma escuridão ainda maior rasgar-se diante deles, como uma ferida aberta na lateral das colinas. No início, os seus olhos recusaram-se a compreender a ausência. Estava ele a olhar *para* alguma coisa? *Para dentro de* alguma coisa? Era aquilo uma sombra?

Incapaz de entender, aumentou o fluxo de energia enviado para o luminomem e permitiu-lhe que se iluminasse mais até...

Murtagh viu.

Uma boca aberta de pedra e terra escancarada diante deles. A caverna era suficientemente grande para que Thorn pudesse lá caber facilmente, e o interior era uma misteriosa profundidade negra, ondulando com sombras impenetráveis e povoada de sons sinistros: o estalar de uma pedra a cair, um forte fluxo de ar quente a entrar e a sair – como se as próprias montanhas respirassem, lenta e arduamente –, os guinchos agudos de morcegos esvoaçantes, e até, imaginou Murtagh, os gemidos baixos, quase inaudíveis, do enorme peso da terra à medida que ela se instalava e se deslocava, procurando constantemente colapsar ainda mais nas ruínas tombadas em que o tempo tornava todas as coisas.

Ao longo de ambos os lados da caverna escancarada havia cantaria semelhante à do resto da aldeia, e, encastrado na pedra, um par de anéis de ferro, cada um tão largo quanto Murtagh era alto. Os anéis eram tão robustos que seriam capazes de prender Thorn, e, sob a luz bruxuleante, surgiam escuros e enferrujados e com manchas pretas do que parecia ser sangue seco.

Um altar feito de basalto cortado ficava à esquerda da caverna, o que parecia estranho. Murtagh sentia que teria sido mais impressionante – e visualmente mais agradável – centrar o altar na abertura. Comparado com o altar da catedral de Dras-Leona, este parecia tosco, inacabado, mesmo. Ainda assim, tinha uma presença bárbara que fazia Murtagh pensar em ritos antigos e sacrifícios realizados para apaziguar um deus cruel.

O fedor de enxofre estava mais forte do que nunca. Uma onda espessa saiu da caverna, quente e desagradável, e o cheiro de ovos podres provocou a Murtagh um vômito. Cobriu o nariz e a boca com a manga.

Thorn provou o ar e, em seguida, enrugou o focinho e assobiou.

Disse:

– *Sinto o cheiro de carne velha e água corrente e... – As suas escamas eriçaram-se. – E o fedor dos homens. Estão...*

Ouviram-se passos vindos da caverna, fracos mas a aproximarem-se, enquanto duas ou mais pessoas saíam das profundezas negras.

– *Voltar!* – disse Murtagh, alarmado.

Apagou o luminomem e recuou o mais rápida e silenciosamente que conseguia.

– *As nossas pegadas!* – disse Thorn enquanto fazia o mesmo.

O som dos passos ia ficando mais alto.

Murtagh sussurrou apressadamente:

– Vindr!

Uma pequena corrente de vento alisou o caminho enquanto corriam pelo bosque.

Olhando por cima do ombro, Murtagh pensou ter vislumbrado um grupo de figuras de túnica por entre as árvores. A pulsação acelerou-se-lhe. Teriam avistado Thorn? Estava escuro, e o bosque era denso, por isso talvez não.

Os dois guardas ainda estavam mergulhados no seu sono encantado quando ele e Thorn correram para o pátio.

– Para cima, para cima! – disse Murtagh.

Thorn agachou-se e Murtagh subiu-lhe para o pescoço.

Agarrou-se com força, e o dragão ergueu-o o bastante para ele passar para o telheiro do templo e daí para seus aposentos.

Depois, Thorn enroscou-se no lado oposto do pátio.

Mesmo a tempo. Espreitando pela janela virada a norte, Murtagh viu quatro homens, encapuzados e sombrios, passarem pelo templo e dispersarem-se pelas ruas da aldeia.

Expirou. Depois, voltou para a janela do pátio e olhou de novo para Thorn.

– *Bachel tem muito a explicar* – disse. – *E eu quero saber que tem de tão importante essa caverna para os Sonhadores.*

Thorn bufou.

– *Seja o que for, acho que os fumos que vêm lá de baixo lhes apodrecem as mentes.*

Murtagh coçou o antebraço, perturbado.

– *Podes ter razão. De qualquer forma, gostava de saber a verdade.*

Embora, neste caso, ele se perguntasse se a verdade poderia ser tão perigosa quanto o desconhecimento.

Ele e Thorn renunciaram à partilha dos seus verdadeiros nomes. Havia um risco muito elevado de serem ouvidos em Nal Gorgoth, mesmo que se limitassem à privacidade das suas mentes.

– *Mantém-te atentamente de vigia esta noite* – disse Murtagh.

– *Assim farei. Se houver qualquer coisa de errado, por mínima que seja, acordo-te.*

– *Obrigado.*

Então Murtagh pôs termo ao feitiço que estava a usar para manter os guardas adormecidos. Os dois homens bufaram e agitaram-se, mas não abriram os olhos; estavam genuinamente cansados, e ele pensou que provavelmente dormiriam de seguida até de manhã.

Por fim, Murtagh fechou as persianas do seu quarto, enclausurando-se na imponente escuridão.



Murtagh acendeu a vela próxima da cama e depois foi para a casa de banho e fez o seu melhor para se limpar do estrume de corvo. Mesmo com a ajuda de alguma magia, não foi totalmente bem-sucedido. Esperava não cheirar a ponto de despertar as suspeitas de Bachel ou Grieve.

Sentou-se à beira da cama, de tronco nu. O colchão estava recheado de lã, não de palha. Um luxo inesperado. Pegou no fecho de Saerlith, que também lavara, e estudou-o à luz bruxuleante da vela.

Caso os Sonhadores *tivessem* sido aliados de Saerlith ou de outro Renegado, significaria tal parceria tão pouco para eles a ponto de os aldeões deixarem o fecho de Saerlith caído como lixo na Torre de Flint? Ou tê-lo-iam deixado cair, ficando esquecido, em resultado de algum acidente?

Perguntas. Tantas perguntas.

No fundo da mente, Murtagh sentiu os pensamentos de Thorn ficarem estranhos e desconexos quando o dragão passou para um sono conturbado. Como sempre, Murtagh desejava poder acalmar Thorn, mas temia acordá-lo, por isso deixou-se ficar, e os sonhos do dragão contribuíam para piorar o seu próprio desassossego.

Inclinou-se para trás com um suspiro.

Um dia, dois no máximo. Era o que ele permitiria. Se, até então, ele e Thorn não encontrassem respostas para as muitas perguntas que Bachel e Nal Gorgoth haviam levantado, seria hora de aplicar a força – por palavras ou por ação – e soltar a informação.

Murtagh estremeceu e pegou na camisa.

Os aposentos estavam frios, e arrefeceriam mais ainda. Pensou em acender uma fogueira, mas estava cansado e não queria lidar com o controle das chamas durante a noite. Então, humedeceu os dedos, apertando-os em

volta do pavio da vela para a apagar, e enfiou-se debaixo da pele de ovelha e dos cobertores.

Depois de alguns minutos, virou a pele de ovelha lanzuda do avesso. Assim, sim. Em seguida, puxou os cobertores até ao pescoço e fechou os olhos enquanto o calor se acumulava em torno de seu corpo.

Levou algum tempo a acalmar os pensamentos o bastante para dormir. *Queria* descansar; suspeitava que o dia seguinte seria desafiador, e era importante estar o mais alerta possível no caso de a passagem deles por Nal Gorgoth se tornar violenta. Mas não conseguia parar de pensar na Torre de Flint, no fecho de Saerlith e na caverna atrás do templo, ali instalada como um grande sapo glutão.



A escuridão rodopiante engoliu-o, e ao centro, no fundo de um buraco impossivelmente profundo, no coração do vazio que girava no sentido contrário ao dos ponteiros relógio, jazia um horror sem forma – antigo e maligno e do qual emanava uma fome constante e impiedosa: nunca saciada, omnívora, com um particular regozijo no sofrimento das criaturas presas entre o seu ranger de dentes.

A sua mente fugiu do horror, mas aquela era uma maré mortífera, mais poderosa do que o furacão Olho de Javali, entre as Ilhas do Sul de Uden e Parlim, e quanto mais ele tentava, mais devagar se mexia...

O medo tomou-o. Um medo gélido e áspero que lhe congelou as veias, lhe acorrentou braços e pernas, e lhe transformou o estômago em ácido. Sentiu palpitações no coração, que, por momentos, lhe pareceu parar, e, nas garras do seu terror, gritou por socorro como quando era criança:

– Mãe!

Então, a mente de Thorn tocou na sua, e o imenso terror diminuiu, e Murtagh passou a sentir-se perdido na vasta paisagem dos pensamentos de Thorn.

Eles voavam, cada vez mais alto, até o solo lhes desaparecer da vista, e acima deles o mesmo que abaixo: uma esfera perfeita de céu, sem lugar para pousar e apenas nuvens para os ocultar. Um bando de águias gritou, garras estendidas para arrancar olhos, e depois elas desapareceram, e era impossível dizer para que lado ficava acima ou abaixo.

Passou-se um bocado intemporal, e então ergueu-se sobre eles um bando de dragões: dragões de todas as formas e cores, com escamas a cintilar, asas a bater até todo o ar vibrar como um tambor. Por um instante, esperança e companheirismo, mas apenas um instante. Os dragões voltaram-se contra eles e atacaram-nos e rasgaram a carne de Thorn até as suas asas ficarem esfrangalhadas, e ele mergulhou da esfera pálida do céu para as profundezas aquecidas da terra, onde o solo pesava e pressionava, e o único consolo era a dor e o ódio e o gotejar constante do seu próprio sangue quente.

Nasuada surgiu à frente dele. Tinha o vestido rasgado e manchado, e ele viu-lhe nos antebraços os cortes e hematomas que Galbatorix o forçara a infligir-lhe, e, com eles, os rastros sangrentos por onde as larvas carnívoras lhe haviam mastigado a pele, e a sua culpa não tinha fim.

– Porquê? – disse ela. – Porquê, porquê, porquê? Diz-me... porquê?

Uma disjunção e, em seguida, um campo de batalha estendia-se diante deles, desde os seus pés até ao horizonte manchado de fumaça. Humanos, Urgais e elfos lutavam aos milhares: um mar de corpos amontoados com a intenção de infligirem dor uns aos outros.

A Zar'roc estava na mão direita de Murtagh, e seu escudo na outra, e Thorn estava ao seu lado. Rugiram juntos e caminharam para um conflito enlouquecido. E Murtagh balançou a espada com abandono, e sentiu o choque familiar do impacto quando a lâmina cortou carne e osso e os seus inimigos caíram diante de si. Uma parede de chamas ondulantes disparou à sua frente quando Thorn pulverizou os guerreiros reunidos com fogo líquido. O cheiro de cabelo queimado e pele chamuscada encheu o ar, e os combatentes gritaram enquanto eram cozinhados dentro das armaduras.

Murtagh continuou em frente, a Zar'roc mais leve do que nunca na sua mão. E matou, e matou, e a cada morte sentia um poder crescente.

Uma nuvem de corvos rondava o campo de batalha e, ao longe, escondida pela fumaça, mas com a sua presença sentida, Bachel observava. E Murtagh sabia que ela assistia com aprovação.

CAPÍTULO V



Recitações de Fé

O som dos sinos acordou Murtagh, um *clang* alto e metálico que ecoou nas montanhas e pôs os corvos da Torre de Flint a grasnar.

Pestanejou, instantaneamente alerta, e alcançou a Zar'roc. A sensação familiar do punho envolto em arame reconfortava-o.

Uma luz cinzenta invadia o quarto. Parecia que a manhã já ia avançada, mas, por causa das altas montanhas, o sol ainda não se via.

Murtagh procurou a mente de Thorn... e encontrou o dragão já acordado no pátio abaixo.

Compartilharam um momento de proximidade, e Thorn disse:

– *Sonhaste como eu.*

Não era uma pergunta, mas Murtagh respondeu mesmo assim.

– *Sim. Eu... eu nunca tinha tido uma experiência assim.*

Sentiu Thorn a mexer-se no mesmo sítio.

– *As visões eram como aquelas que Ele nos mostrou, durante os tempos negros.*

Murtagh reprimiu um arrepio. De todas as muitas torturas que Galbatorix lhes infligira, Murtagh detestara essas mais do que todas as outras. O rei, por capricho, inundava-lhes as mentes com falsas imagens que serviam para lhes confundir os sentidos e dificultar a resistência à vontade dele.

– *Sim* – disse. – *Mas também diferentes. Eram mais reais do que a realidade.*

Sentou-se e passou as pernas sobre a borda da cama. Olhou para a parede por um momento e, em seguida, esfregou o rosto numa tentativa fútil de dissipar as lembranças da noite.

– *Umaroth tinha razão. Este não é um bom lugar* – disse Thorn. – *Não devemos demorar-nos por cá mais do que o necessário.*

– Talvez não, mas quero ouvir o que Bachel tem a dizer em sua defesa hoje. Ela deve-nos uma explicação. Várias explicações.

Murtagh foi à casa de banho e salpicou o rosto com a última réstia de água no jarro. Seriam os maus humores que impregnavam Nal Gorgoth suficientes para explicar os seus sonhos? Ou haveria outra força em ação? Ao contrário das coerções de Galbatorix, Murtagh não sentiu nenhuma mente tocar nas deles durante a noite. Os sonhos pareciam ter surgido inadvertidamente das cavernas mais profundas das suas consciências.

Thorn bufou.

– *Aqueles sonhos não eram meus.*

– *Não.*

Murtagh sabia bem com que Thorn sonhava: voos e lutas e o tempo que haviam passado presos em Urû'baen.

Embora fazê-lo o deixasse nervoso, Murtagh usou a palavra *kverst* para remover a barba despontante no seu rosto. Caiu-lhe da pele como um derramamento de pó negro. Passou a mão pelo queixo, satisfeito. Ele não queria aparecer de outra forma que não perfeitamente apresentável diante de Bachel.

Em seguida, secou o rosto, pôs a Zar'roc no cinto e guardou também lá o fecho de Saerlith.

Quando se começou a dirigir para a porta, soou uma batida, e uma mulher disse:

– Posso entrar, Assassino do Rei?

Murtagh ressentiu-se com o título. Embora os Sonhadores parecessem usá-lo como um sinal de respeito, não lhe caía bem.

– Pode.

A porta abriu-se, revelando Alín, a jovem que o tinha servido e a Bachel durante a festa. Tal como então, envergava um manto branco, ao contrário do resto dos aldeões. Uma bandeja com comida repousava-lhe nas mãos.

Ela curvou-se ligeiramente – o que Murtagh achou estranho; as criadas em Urû'baen faziam sempre uma vénia completa – e levou a bandeja para a mesa de cabeceira.

– Pequeno-almoço, meu Senhor.

Ser tratado por *meu Senhor* novamente trazia a Murtagh um sentimento incómodo. Era-lhe devido, claro, mas apenas por causa da traição do pai. Tecnicamente, ele já não tinha direito a nenhum título além do de

Cavaleiro... e Assassino do Rei. E traidor.

Fingiu um sorriso relaxado enquanto caminhava para inspecionar o conteúdo da bandeja. Meio pão de centeio denso, três berganões fumados e uma caneca de vinho diluído. Uma refeição padrão, no que dizia respeito a esse tipo de coisa, mas ele não confiava naquela comida. A festa da noite anterior fora um evento espontâneo, e ele havia assistido à preparação da refeição. No entanto, o pequeno-almoço poderia facilmente ter sido adulterado. Não valia a pena arriscar. Ainda tinha um pouco de lebre assada nos seus alforges, e isso sustentá-lo-ia por algum tempo.

– Lamento não ter muito apetite – disse em tom delicado.

A mulher parecia desconfortável na presença dele. Ficou mais tensa quando ele se aproximou e, em seguida, baixou a cabeça e torceu as pontas da fita azul amarrada em volta da cintura.

– Claro, meu Senhor. Vou retirar a bandeja.

Quando se esticou para lhe pegar, Murtagh perguntou-lhe:

– Chama-se Alín, certo?

Suavemente:

– Sim.

Ele assentiu com a cabeça.

– Teria a gentileza de me guiar de volta ao pátio, Alín? Não creio que me lembre do caminho. – Uma mentira, mas queria a oportunidade de questioná-la.

Ela curvou-se novamente e, submissa, disse:

– Sim, senhor. Siga-me, senhor.

Com passos rápidos, Alín levou-o para fora da sala. Murtagh seguiu-a, mas a um ritmo mais lento – o suficiente para ela ser forçada a reduzir a sua passada para metade.

– Diga-me, Alín – disse Murtagh –, pois eu desejo muito saber: há quanto tempo Bachel governa em Nal Gorgoth?

Ela deitou-lhe um olhar rápido e tímido sob as pestanas claras.

– Muito tempo, meu Senhor. Muito mais tempo do que os invernos que eu tenho.

Murtagh deixou as sobrancelhas subirem. Se Alín dizia a verdade, então Bachel *era mesmo* meia elfo, pois essa era a única explicação óbvia para a bruxa não ter nenhum sinal evidente da sua idade.

– Diria que ela tem sido uma governante justa, Alín?

– Claro, Assassino do Rei – respondeu em tom de reprovação. – Bachel é a Oradora. Como poderia ela ser outra coisa *que não* justa?

– De facto, como? Imagino que ser capaz de prever o futuro possa ajudar a evitar tal passo em falso. Diria que ela é competente na profecia?

A mulher assentiu rapidamente com a cabeça.

– Ah, sim, meu Senhor. É seu dever guiar-nos, e temos a sorte de ela ter sido abençoada com extrema habilidade em augúrio.

– Compreendo.

Murtagh fez uma pausa diante do painel de talha em pedra ao longo do patamar. À luz da manhã, não parecia menos perturbador do que na véspera.

Alín também parou. Não tinha alternativa.

– Veste-se de branco, não de cinzento – observou Murtagh.

A mulher cruzou as mãos à sua frente e as mangas compridas cobriram-nas.

– Eu sou um dos escolhidos do templo. Estas vestes representam a nossa pureza. Enquanto eu servir no templo, por vontade de Bachel, nenhum homem me pode tocar, sob pena de perder as mãos com que pecar.

Alín ergueu o olhar para encontrar o dele, e Murtagh viu um desafio nos olhos dela, como se o incitasse a quebrar a proibição.

– E, da mesma forma, não pode tocar num homem.

– Não, meu Senhor.

Murtagh anuiu com a cabeça. Depois, mais delicadamente, disse:

– Qual é o propósito de Nal Gorgoth, Alín? O que é que Bachel procura realizar?

No instante em que as palavras lhe saíram da boca, soube que havia exagerado. As costas de Alín endireitaram-se, os seus ombros puxaram-se para trás, e uma faísca de fogo desafiador animou-lhe o semblante.

– O senhor não seria capaz de compreender, se eu lhe dissesse, forasteiro. Tal compreensão só pode vir da própria Bachel, pois ela é a...

– Oradora. Sim, já mo disse. – Mesmo sendo, provavelmente, infrutífero, ele decidiu seguir em frente. – Mas eu pergunto, por quem fala Bachel, Alín? Quem é o Sonhador dos Sonhos?

A cor sumiu-se das faces de Alín.

– Por favor, meu Senhor. Não devia perguntar-me tal coisa.

– Mas pergunto.

Ela abanou a cabeça.

– Não lho posso dizer. Peço-lhe...

– Não pode ou não quer?

Ela voltou a abanar a cabeça, todo o ar desafiador desapareceu, e virou-lhe as costas.

– Não compreende. Não consegue compreender. Por favor, meu Senhor, por aqui.

Pensativo, Murtagh seguiu-a através do patamar – para longe das talhas enlouquecedoras –, pelas escadas e pelos corredores que levavam ao pátio.

Quando chegaram à porta para o exterior, Alín surpreendeu-o ao parar com a mão na moldura da porta. Em voz baixa, disse:

– Como é, Assassino do Rei?

– A que se refere?

Ela olhou de volta para ele, com o rosto perdido nas sombras do corredor escuro.

– Lá fora... mais além. Como é o resto de Alagaësia?

– Onde foi o mais longe que já estive de Nal Gorgoth?

Um laivo de tristeza defensiva coloriu-lhe a voz.

– Nunca saí deste vale, Assassino do Rei.

Não era uma resposta inesperada para uma pessoa da posição dela, mas Murtagh tinha dificuldade em imaginar como seria ter-se uma perspectiva tão limitada. Ter uma noção de espaço tão exígua só poderia levar a uma mente igualmente exígua.

Pensou por um momento na melhor forma de responder. Depois:

– Alagaësia é muito mais ampla e selvagem do que se pode imaginar. Há montanhas tão altas que os seus picos saem do alcance da vista. Vastos desertos onde os dragões costumavam viver. Florestas tão antigas que não resta memória do seu nascimento. E também há cidades: grandes e pequenas, e povos de todos os tipos. Humanos e elfos e anões e Urgais. Até mesmo felinumanos. E muito, muito mais.

Uma pitada de melancolia parecia ter surgido na expressão de Alín, mas era difícil ter a certeza naquele corredor escuro.

– E com que sonham todas essas pessoas?

Murtagh observou-a para ver o efeito das suas palavras.

– Cada pessoa sonha os seus próprios sonhos. Alguns são assustadores ou desagradáveis. Alguns são bonitos e esperançosos. Alguns são tolos ou absurdos. Diferem de pessoa para pessoa.

– Até os seus?
– Porque não os meus?
– Por ser um Cavaleiro – disse ela, parecendo confusa.
Murtagh sentiu-se igualmente confuso.
– Que é que ser Cavaleiro tem que ver com o que eu sonho?
Alín franziu a testa.
– Certamente deve saber, meu Senhor. Está vinculado a um dragão, e os dragões são o sangue e os ossos da terra. Eles são a fonte de tudo o que foi, é e será. Eu pensei que, por causa do seu vínculo com Thorn...
– Pensou o quê? – perguntou Murtagh gentilmente.
– Que teria os mesmos sonhos que nós em Nal Gorgoth.
– E toda a gente aqui sonha o mesmo, Alín?
Alín voltou-se para a porta.
– É a única coisa que não suporto. A terrível mesmice, noite após noite. Os sonhos raramente mudam.
Então, abriu a porta e saiu antes de Murtagh poder fazer outra pergunta.



Thorn deu as boas-vindas a Murtagh encostando-lhe o focinho, quando se reuniram no pátio. Ele coçou-lhe o focinho em resposta.

Depois, apercebeu-se de Alín estar de pé atrás dele, com as mãos entrelaçadas e o olhar fixo nas lajes, todo o corpo hirto como se estivesse aterrorizada. Mas quando relanceou Thorn, os seus olhos brilharam, e ele percebeu que ela estava impressionada com a presença de Thorn.

– Alguma vez tinha visto um dragão? – perguntou-lhe.
Ela abanou a cabeça, mantendo o olhar direcionado para baixo.
– Não, meu Senhor. Ele é magnífico.
– *Gosto dela* – disse Thorn.
– *Claro. Importas-te que eu...*
– *Podes.*

Com um pequeno sorriso, Murtagh disse:

– Se quiser, pode aproximar-se.
Alín arfou e olhou para cima com indisfarçável alegria.
– Ah! Sim, por favor. Quero dizer, obrigada, meu Senhor.
Com passos cautelosos, aproximou-se de Thorn.

Guinchou quando Thorn arqueou o pescoço e se aproximou dela, um sopro de fumaça saindo-lhe das narinas.

Murtagh sorriu.

– *És tão teatral quanto um trovador.*

Thorn ignorou-o e baixou a cabeça até estar ao nível dos olhos de Alín. Ela permanecia muito quieta, mas sua expressão era expansiva e brilhante, e tremiam-lhe as pontas dos dedos.

– Ele não a magoará – disse Murtagh.

Alín riu-se com uma energia febril.

– Não importaria se o fizesse. Eu ficaria honrada. Não é todos os dias que encontramos um deus vivo.

Murtagh sentiu as sobrancelhas subir. Deitou uma olhadela a Thorn.

– Ouviste? *Um deus vivo*, diz ela.

O dragão surpreendeu-o então, pois Murtagh sentiu Thorn estender a mente até entrar em contacto com Alín e, por uma fração de segundo, os três uniram-se. Murtagh teve uma breve impressão do eu interior de Alín: uma sensação de calor e admiração e um brilho avassalador.

Então, Thorn retirou a conexão e Alín gritou e caiu de joelhos.

Murtagh foi ter com ela, querendo ajudar. Em cima do momento, lembrou-se de não lhe tocar e parou com as mãos pairando em ambos os lados dos ombros dela. Recuou um passo.

– Está bem?

Passou um bom bocado até ela se mexer e olhar para cima, de lágrimas no rosto.

– Nunca pensei ser tão abençoada – sussurrou. Voltou-se para Thorn e baixou a cabeça. – Obrigada. Obrigada. Mil agradecimentos a ambos.

Murtagh não sabia como responder. Observou-a enquanto ela se recompunha e se sentava.

– Bachel vai mandar chamá-lo em breve – disse ela, com a voz tão fina e pálida quanto um céu de inverno. – Esteja pronto para ir ao seu encontro. Ela não suporta atrasos.

– Não, imagino que não – disse Murtagh.

Alín lançou a Thorn um último olhar – a sua expressão, de súbito, perturbada – e depois correu para o templo.

Sem ela, o pátio parecia frio e vazio.

Murtagh voltou-se para Thorn. Franziu a testa.

– Porquê?

Com um raspar de escamas contra pedra, Thorn enrolou o pescoço em torno de Murtagh e prendeu-o numa grande bobina. Parecia apropriado.

– Por ela ter dito que tu és magnífico?

Thorn tossiu.

– *Não. Porque lhe disseram muito, mas ela pouco viu. Eu fui assim em tempos. É bom saber a verdade das coisas.*

Ao ouvi-lo, a postura de Murtagh suavizou.

– Suponho que tens razão. – Thorn emitiu um som anasalado e Murtagh coçou-lhe o focinho novamente. – Bem, desde que ela não tenha visto nada sobre a noite passada, não há qualquer mal feito.

– *E talvez haja algum bem.*

– Talvez.

Então, Thorn desenrolou o pescoço e Murtagh foi buscar a coxa de lebre assada dos alforges de Thorn. Comeu depressa, sem saber quanto tempo demoraria Bachel a convocá-los.

Ouviam-se vozes vindas do interior das ruas que conduziam para fora pátio: cânticos rítmicos que pareciam mais cerimoniais do que musicais.

Curioso, Murtagh limpou os dedos e vagueou pela rua mais próxima, com Thorn atrás de si.

Não precisou de chegar muito longe até ver um grupo de cerca de vinte Sonhadores reunidos em torno de uma alcova embutida na parede externa de uma casa. Na alcova havia um pequeno altar – não muito diferente do que ele encontrara na noite anterior – com frutas e cortes de carne empilhados ao centro.

Outro Sonhador vestido de branco, um homem, estava de frente para o resto dos aldeões, e era para ele que o povo dirigia as suas vozes. O canto era tão rápido, tão experiente, que a princípio Murtagh não conseguia distinguir uma palavra da outra, mas, à medida que os ouvia, começou a decifrar frases repetidas, como «Com as mãos, assim servimos», «Tal como é sonhado, assim será» e «Dada a nossa recompensa terrena, louvado seja».

Entre as frases repetidas, percebeu que os moradores descreviam os seus sonhos daquela noite: algo relacionado com sangue, fogo e erros antigos. Os pormenores escapavam-lhe, mas apanhou palavras aqui e ali, como

peixes prateados a cintilar num riacho. Alguns lembravam-lhe as visões que ele e Thorn haviam partilhado, mas apenas parcialmente; o resto parecia diferir radicalmente do que eles tinham visto.

Era evidente que os moradores estavam bem habituados aos seus sonhos, como Alín afirmara. O canto era rotativo, ritualístico, quase inconsciente, com uma qualidade indutora de transe, como se a batida das vozes lhes entorpecesse as mentes. Os olhos dos aldeães vidrados enquanto balançavam ao ritmo das suas palavras.

Ao observá-los, sentiu-se impressionado com a coesão do grupo. Os aldeães mais pareciam uma única entidade com muitos rostos do que um conjunto de indivíduos. A causa que os unia – fosse ela qual fosse – era tão forte que apagava as suas diferenças. O resultado era intimidante.

Mesmo com Thorn ao seu lado, formou-se dentro de Murtagh um vazio de inveja. Tinha saudades dos momentos, por mais raros que houvessem sido, em que se sentira unido num propósito comum com os soldados do exército de Galbatorix. A camaradagem trouxera por acréscimo uma certa confiança – uma fortificação do seu eu, mesmo quando a sua definição de eu se expandira para incluir os seus irmãos de armas. Recuperara, muito fugazmente, aquela sensação quando treinara com os guardas em Gil’ead. E, recuando mais no tempo, partilhara um sentimento semelhante durante as suas viagens com Eragon.

Mas esses dias tinham passado há muito tempo.

Thorn tocou-lhe no cotovelo e Murtagh sorriu tristemente.

O cântico continuou com numerosas repetições de «Tal como é sonhado, assim será», e as repetições eram tão perfeitamente uniformes, tão perfeitamente combinadas em entonação e recitação sem sentido, que, de repente, aquela monotonia lhe pareceu repulsiva. Parecia-lhe que observava um grupo de sonâmbulos que se moviam sem pensar, os seus olhos cegos, sem pestanejar, fixos num ponto vago ao longe, enquanto as suas bocas se abriam e fechavam com precisão sincronizada. A inveja evaporou-se, como névoa diante do fogo do dragão, quando ele percebeu outra coisa sobre os Sonhadores: não eram nem um grupo conspiratório, nem uma organização política, nem mesmo marcial. Na verdade, eram um culto, dedicado aos seus sonhos e ao seu Orador acima de tudo.

Os cânticos pararam.

Por momentos, o silêncio reinou na rua. Então, o acólito do templo disse:

– Digam agora que diferenças viram, se viram algumas.

E um homem com uma marca de nascença no nariz tão escura quanto um respingo de vinho disse:

– Eu vi um bando de dragões, só que havia um dragão carmesim no meio deles. Antes, não havia.

O acólito anuiu com a cabeça, com uma expressão sábia.

– Os ouvidos de Bachel ouviram-te. Que mais?

Uma rapariga – com não mais que dez anos, de tranças como ouro fiado – disse:

– Um obelisco de pedra com uma ponta preta e talha dourada. A escultura brilhou, e ouvi uma voz dizer palavras que não compreendi.

O acólito voltou a anuir com a cabeça.

– Apresentar-te-ás a Bachel na audiência da manhã, e ela te dirá o significado da tua visão.

– Tal como se sonha, assim será.

Murtagh continuou a ouvir os cultistas confessarem os seus sonhos. Perguntava-se quantos deles diriam a verdade e quantos inventariam pormenores por uma oportunidade de impressionar os seus vizinhos ou de agradar a Bachel. Mas talvez fosse indelicado da sua parte. Os aldeões pareciam inteiramente sinceros e convencidos das suas experiências.

Claro, pensou. Tentou imaginar como seria crescer em Nal Gorgoth, ser constantemente questionado sobre os sonhos, e se os sonhos fossem parecidos com o que ele e Thorn haviam experimentado na noite anterior... Estremeceu.

Em seguida, uma mulher emergiu de dentro do grupo. De meia-idade, com cabelos soltos em meadas emaranhadas, e um semblante recolhido e sofrido, como se tivesse passado a noite inteira em branco, preocupada. Esfregava as mãos, dedos contorcidos como raízes.

– Ouçam-me! – gritou.

O acólito vestido de branco olhou-a com uma expressão semelhante a repulsa.

– Fala e sê ouvida, Ó Dethra.

A mulher pranteou e abanou a cabeça antes de continuar.

– Não sonhei como era certo e adequado. A minha mente permaneceu vazia a noite toda até pouco antes de acordar. Então, uma imagem encheu a minha mente, e eu vi a montanha branca com...

Os rostos dos que ouviam endureceram, e Murtagh não via caridade alguma nas suas expressões.

– Basta! – gritou o acólito. – Não envenenes as nossas mentes com as tuas falsas visões. És impura, Dethra.

– Sou impura! – gritou a mulher, com lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto.

– És indigna!

– Sou indigna! Prendam-me! Concedam-me a expiação!

Com uma carranca trovejante, o acólito apontou para ela.

– Dethra! Não recuperarás o favor aos olhos de Bachel enquanto não expurgares essa heresia do teu ser. Vai ao templo e confina-te na Sala Azurite até ao momento que Bachel achar adequado para te levar ao reino do Sonhador.

A mulher gritou de terror e caiu ao chão, onde se sacudia e algaraviava sem sentido.

O acólito vestido de branco avançou. Agarrou em Dethra pelo braço e arrastou-a em direção ao templo.

A multidão abriu-se diante deles, homens e mulheres assistindo num silêncio empedernido. Na frente do grupo, a menina de cabelos dourados mordida o polegar, os olhos redondos e solenes.

Num tom discreto, Murtagh disse a Thorn:

– Aquela mulher tem mais medo do confinamento ou da expiação?

– *Ou de Bachel?*

Era um pensamento inquietante. Com Thorn imediatamente atrás de si, Murtagh seguiu o acólito até ao templo e viu o homem arrastar Dethra para dentro do edifício.

CAPÍTULO VI



A Corte dos Corvos

— **E**stá aí, Cavaleiro – disse Grieve com forte desaprovação enquanto caminhava com um ritmo apressado em direção a Murtagh e Thorn. Curvou-se tão ligeiramente, que mais foi um aceno com a cabeça. – Dragão Thorn. Bachel vai conceder-vos audiência agora. Aos dois.

Murtagh gesticulou para o templo.

– Quer dizer que devemos entrar ali?

– Claro que sim. Bachel espera-vos no salão de visitas.

Murtagh levantou as sobancelhas.

– Infelizmente, bom Grieve, lamento informá-lo de que as portas do vosso templo são muito pequenas para Thorn. A não ser que queira que ele as destrua.

O lampejo de irritação que atravessou o rosto de Grieve foi satisfatório para Murtagh.

– Não quero, não – disse ele com firmeza. – Dragão Thorn, existe um átrio nas traseiras que será suficiente, se voar até lá. Dali terá acesso ao salão de visitas.

Murtagh hesitou, olhando para Thorn.

– *Queres tentar?*

O dragão rosnou e disse, tanto a Murtagh como a Grieve:

– *Irei até o átrio, mas não mais longe que isso. Se Bachel me quiser falar, então que vá ter comigo.*

A careta de Grieve aprofundou-se.

– Corre o risco de ofender a Oradora, Dragão Thorn.

Thorn fungou.

– *Assim seja.*

Com um batimento de asas, o dragão saltou para o ar. O seu corpo ocultou o céu por momentos, e depois já estava por cima templo, e lá se susteve, como um imenso morcego carmesim, antes de dobrar as asas e cair para fora da vista por trás do topo do edifício.

Em tom ameno, Murtagh disse:

– Ninguém pode dizer a um dragão o que fazer, nem mesmo um Cavaleiro.

Um grunhido de Grieve, e virou-se e caminhou com seu passo arrastado em direção à entrada ensombrecida do templo.

Atento e curioso, Murtagh seguiu-o, de mãos no punho da espada.

Entre os pilares facetados, via-se um par aberto de portas de carvalho enegrecido. A madeira fora cinzelada com runas e incrustada com fios de ouro que traçavam o mesmo padrão ramificado esculpido na face do templo. O ar era notoriamente mais quente no interior, carregado com o cheiro de enxofre. Murtagh sentiu a humidade acumular-se-lhe na pele, pequenas gotículas de orvalho sulfuroso.

Avançavam por uma curta passagem iluminada por candelários de petróleo. Então, o caminho abriu-se sobre o átrio. Era um espaço grande, quadrangular, com quatro tanques elevados – cobertos de juncos e musgo flutuante – aos cantos, enquanto no centro estava uma escultura gigante, quase tão alta quanto a linha do telhado circundante. A estátua era feita de pedra preta, toda ela ângulos e fragmentos e bordas desunidas, mas quando tomada como um todo, havia uma forma por entre caos. Murtagh sentia que deveria reconhecê-la, mas a verdade escapava-lhe, como um nome ou um rosto que não conseguisse identificar.

Thorn tinha pousado ao lado da estátua e olhava para ela como se quisesse derrubá-la com um golpe da cauda.

– O que é aquilo? – perguntou Murtagh.

Grieve continuou a arrastar-se e não se virou para olhar.

– Uma representação do sonho.

Uma inquietude fez Murtagh apertar mais o manto.

– *O que achas?* – perguntou a Thorn.

– *Uma abominação.*

– *É um pesadelo, lá isso é de certeza.*

Enquanto Murtagh continuava a seguir Grieve, Thorn disse:

– *Se eles tiverem a insensatez de te atacar, rasgarei o edifício de cima a baixo.*

Murtagh sorriu, reconfortado.

– *Ótimo.*

Do outro lado do átrio, outra passagem seguia para sul. Terminava numa abertura em formato lanceta com altura suficiente para Thorn passar. As portas de carvalho escuro reforçadas com ferro encontravam-se abertas e, passando-se por elas, um amplo espaço ecoava.

A câmara parecia, em parte, sala do trono, e, em parte, santuário interior. Ao meio estava pousado um braseiro de cobre martelado, com dez pés de diâmetro, carregado com uma cama de brasas fumegantes. Dele emanavam fumaça e incenso – enriquecidos com o cheiro de sálvia, pinheiro e cedro – que espessavam o ar, embora não conseguissem atenuar a nota subjacente do enxofre, que parecia mais forte, mais concentrada ali dentro do templo. Por baixo do braseiro, um pesado tubo de ferro fundido unia o fundo da panela de metal ao chão.

Um pavilhão de telhado aberto, feito de pedra angular, circundava o braseiro. Das colunas do pavilhão vertical, estendiam-se cabeças de dragão esculpidas, pendendo sobre as brasas, semelhantes às gárgulas na catedral de Dras-Leona.

O teto estava oculto na sombra. O chão reluzia com as lascas perladas de um vasto mosaico multicolorido que rodopiava em formas que os olhos de Murtagh achavam difíceis de seguir. Havia estandartes vermelhos, cor de sangue, pendurados nas paredes, com as bainhas esfarrapadas, corroídos por traças e bolor.

Em frente à entrada, do outro lado do braseiro e do pavilhão, havia uma longa galeria dupla com cadeiras de pedra colocadas entre as colunas esculpidas, vazias, salvo a poeira e as memórias. A galeria terminava num amplo altar de pedra cinzenta, atrás do qual subiam vários degraus até uma cadeira de pedra de encosto alto, fria e cinzenta e esculpida com padrões arcanos.

E recostada naquele aquele trono implacável estava Bachel, em toda a sua glória gritante e imperiosa. Um único feixe de luz iluminava-a de cima – o feixe filtrado através de uma janela inteligentemente escondida – e rodeava-a como que de uma aura santificadora. Desta vez, usava na cabeça um elaborado ornamento de jade e couro preto e polido, com um brilho

oleado. O seu vestido era vermelho e, novamente, costurado a partir de correias com nós. Rubis e esmeraldas brilhavam dos anéis nos seus polegares.

Bachel bebericava de uma taça de quartzo esculpido, os seus olhos âmbar líquido ao brilho do braseiro.

Apresentava, em todos os aspetos, uma figura imponente, e formou-se dentro de Murtagh uma profunda inquietação. Parecia-lhe que se aproximava de uma fonte de poder secreto; quase conseguia saborear a energia emanada de Bachel, como se ela fosse a personificação física de alguma força imensa. Até Galbatorix, pensou, teria hesitado diante da bruxa.

Três acólitos estavam dispostos diante de Bachel e do altar, ajoelhados sobre o mosaico, capuzes puxados sobre os rostos, mãos unidas em oração. Um único aldeão vestido de cinzento – um anão aparentemente de meia idade – estava no meio deles, e dizia:

– ... doze e mais doze, e o cisne negro irrompeu em fogo sobre o campo de batalha, e...

Bachel ergueu um dedo, interrompendo-o.

– Tiveste mais uma visão de vitória, Genvek.

O anão puxou a barba trançada.

– Há mais, Oradora. Depois do cisne, eu vi...

– Poderás contar-mo mais tarde, meu filho – disse Bachel quando Grieve chegou junto do altar, com Murtagh atrás dele.

A bruxa, reparou Murtagh, não parecia nada desgastada após a sua indulgência na festa. Bachel sorriu, e os seus dentes brilharam translúcidos como búzios polidos sob a luz branca vinda de cima.

– Esta corte tem um convidado que precisa de ser recebido. Sai por agora.

Genvek, o anão, pareceu desiludido, mas puxou a barba novamente, curvou-se e partiu com um olhar negro direcionado para Murtagh.

– Venha agora, Assassino do Rei – disse Bachel, com a voz orgulhosa e forte. – Aproxime-se para que eu possa vê-lo com mais clareza.

Murtagh obedeceu. Avançou por entre os acólitos e ficou à frente deles, embora detestasse ter alguém nas suas costas.

O sorriso de Bachel ampliou-se enquanto ela o estudava. Depois, gesticulou para o templo de uma maneira muito elegante, as pedras preciosas nos seus dedos traçando constelações no ar.

– Bem-vindo à Corte dos Corvos, Murtagh Filhodemorzan. Já se passou mais de meio século desde a última vez que aqui esteve um Cavaleiro.

E seria ele Saerlith ou outro dos Renegados? Ou o próprio Galbatorix?, perguntou-se Murtagh.

Antes de ele poder responder a Bachel, ela disse:

– E bem-vindo seja também, Dragão Thorn.

Murtagh virou-se para ver que Thorn tinha enfiado a cabeça na entrada do salão de visitas. O dragão não ousou mais do que isso, mas Murtagh estava, de qualquer forma, grato por tê-lo por perto.

Sentindo-se um pouco mais confiante, disse:

– Devo admitir, não vejo corvos, Senhora.

A bruxa riu-se, e sua voz rouca ecoou no teto sombreado.

– Olhe com mais atenção, Assassino do Rei. Há muita coisa que não vê.

Murtagh detestava que lhe dissessem que não compreendia alguma coisa. E detestava-o particularmente quando era verdade.

Forçando um semblante educadamente inexpressivo, virou o olhar para cima enquanto também se estendia para fora com a sua consciência. Dezenas de mentes minúsculas apareceram imediatamente acima dele, como anéis de velas em torno de um espaço ritualístico. Corvos. Um bando inteiro deles empoleirava-se ao longo da parte inferior do teto, em cornijas e esculturas e vigas de pedra. Agora que sabia o que ouvir, ouvia os ruídos dos seus cliques e cochichos e movimentos sobre as garras percutivas. E, no entanto, nenhum deles grasnou, e não via excrementos no mosaico por baixo.

Levantou uma sobrancelha.

– O chão está muito limpo.

O sorriso de Bachel tornou-se misterioso.

– Os corvos são meus parentes. Eu falo com eles, e eles respondem. Eu dou-lhes ordens, e eles obedecem, assim como todos os meus filhos.

Depois ergueu a mão e disse:

– *Venham.*

E ele ouviu magia na palavra: uma compulsão que quase o fez avançar antes de se controlar.

Com um suave vendaval de asas batidas, os corvos desceram numa nuvem negra e assentaram nas costas e braços do trono de Bachel, e no patamar que a rodeava. Como um só corpo, o terrível bando fixou os seus olhos fantasmagóricos em Murtagh – íris brancas nítidas, estáticas, por entre a penumbra da câmara.

Bachel riu-se e cacarejou carinhosamente para os pássaros. Um deles saltou para perto dela, e ela coçou-o na cabeça e sob o bico, enquanto o pássaro fechava os olhos em aparente júbilo.

– Sabe, Assassino do Rei – disse ela. – Oradora eu sou, mas também sou a Rainha dos Corvos.

Havia uma certa irrealidade na imagem do seu domínio, sentada no meio da multidão murmurante, uma qualidade semelhante a um espectro que fazia Murtagh sentir-se como se o mundo se tivesse inclinado e ele já não estivesse num lugar onde dominassem as regras familiares da natureza, mas sim um tipo de raciocínio mais antigo e selvagem.

Ouviu Thorn soltar um silvo baixo à entrada da câmara.

Murtagh fez uma pequena vénia.

– A extensão do seu poder é verdadeiramente impressionante, Lady Bachel. Parece que até mesmo o corvo comum reconhece a sua autoridade.

– Os corvos estão longe de serem comuns – disse Bachel. Arrulhou ao pássaro que coçava. – Sabia, meu filho, que os Urgais acreditam que os corvos carregam as almas dos mortos para as suas vidas após a morte?

– Não sabia, não.

Ela assentiu com a cabeça.

– A visão do corvo enche um Urgal de imenso pavor, mas um Urgal também fará grandes esforços para ajudar um corvo necessitado ou para evitar ferir um deles, pois acredita que, se irritar os corvos, os pássaros se recusarão a levá-lo para os campos dos seus antepassados, quando ele morrer.

– E em que acredita a minha Senhora?

Bachel ergueu uma sobrancelha. Depois, disse:

– Ide. – A sua voz soou com força. Os pássaros descolaram numa enxurrada para as sombras superiores. – Acredito que os corvos são famintos e não têm escrúpulos quanto à forma como saciam o apetite, e é por isso que os encontrará sempre reunidos no campo de batalha para se banquetear com os caídos.

O lábio de Murtagh enrolou-se de repulsa.

– Um acerto de contas sombrio e um hábito desagradável, minha Senhora.

A bruxa bebeu da sua taça, despreocupada.

– Não pode recriminá-los pela sua natureza.

– Nem tenho de elogiá-los por tal.

Bachel inclinou a cabeça.

– É verdade. – Então, os olhos estreitaram-se-lhe, e o âmbar neles escureceu. – Diga-me, meu filho, descansaram bem esta noite?

– Muito bem.

O seu olhar ficou ainda mais afiado.

– E sonharam? Devem ter sonhado. Todas as criaturas neste vale sonham, até os corvos.

– *Ela pergunta com muita avidez* – disse Thorn.

– É verdade.

Murtagh brincava com o rubi incrustado no punho da Zar'roc enquanto ponderava. Não queria contar nada de muito pessoal a Bachel, mas estava curioso para saber como ela interpretaria as visões deles. Qualquer coisa que ela dissesse poderia revelar mais sobre os Sonhadores do que ele lhe revelaria sobre si mesmo.

Então, contou-lhe, deixando de fora apenas um detalhe: a aparição de Nasuada no seu sonho. Isso era muito pessoal, e Murtagh não tinha a intenção de dissecar o seu significado com uma estranha.

– E Thorn? – perguntou Bachel. – O que viu?

Thorn rosnou suavemente.

– *Eu vi praticamente o mesmo.*

Então a bruxa inclinou o rosto para apanhar o feixe de luz que se interrompeu sobre a sua testa, e soltou um longo suspiro.

– Ah, que belas visões, Assassino do Rei. Consigo sentir-lhes a promessa, como o toque quente dos primeiros raios do amanhecer.

– Dificilmente lhes chamaria belas.

Ela baixou o olhar para ele.

– Isso porque a sua visão está ofuscada, meu filho, limitada pelos seus sentidos e pelos limites da sua mente. Tal como acontece com todos nós, até mesmo consigo, Thorn.

– Mas Bachel consegue ver a verdade? – perguntou Murtagh, não escondendo sua incredulidade.

Um abanão da cabeça fez-lhe balançar o ornamento.

– Não. Não reivindico tal sabedoria. Sou apenas um canal para a compreensão. Uma intérprete, se quiserem.

– Então, interprete.

Os cantos da boca de Bachel curvaram-se.

– Muito bem, Assassino do Rei. Fá-lo-ei.

Fechou os olhos, e os acólitos curvaram-se de forma rítmica e começaram a cantar numa língua desconhecida, e Grieve baixou a cabeça até apenas se ver o bico que o seu couro cabeludo formava à frente. Acenderam-se faúlhas no braseiro quando Bachel proferiu várias palavras na língua estranha, em voz baixa, palavras que permaneceram no ar por mais tempo do que seria normal. Por momentos, a câmara pareceu escurecer como se uma sombra os pressionasse de fora.

Uma corrente fria infiltrou-se no ar aquecido.

Murtagh manteve-se imóvel, mas todos os pelos do seu corpo se eriçaram. Sentia-se como se estivesse num campo aberto durante uma forte tempestade, sob a ameaça de trovões.

– *Quão teatral* – comentou com Thorn.

No entanto, não podia negar o efeito que a cerimónia tinha sobre si.

Quando Bachel falou, a sua voz tinha um timbre estranho e oco:

– Contemplai... tal como foi, assim será. Vede agora o centro de todas as coisas, o rei no seu trono, a cobra no seu covil. Vede agora tristezas passadas – injustiças não vingadas – e triunfos futuros. A espada purificadora, o filho libertado do pai. Vede agora e sabeis que é verdade. Tal como se sonha, assim será.

No âmagio de Murtagh enrolava-se um pavor gélido, e todo o seu corpo se retesou com a palavra *pai*, a resposta tão instintiva quanto a dor.

Bachel descaiu ligeiramente. Depois abriu os olhos e, cansada, gesticulou para os acólitos. Deixaram de se curvar e de cantar, e a câmara voltou a silenciar-se.

Murtagh esforçou-se para permanecer impassível, embora os seus músculos estivessem tão tensos quanto correntes de barcos ancorados.

A bruxa endireitou-se no trono.

– Aí tem, Assassino do Rei. Disse a minha parte.

– A Oradora falou – murmurou Grieve.

– E, no entanto – disse Murtagh – não compreendo mais do que quando começou.

Bachel respondeu:

– Isso porque eu ainda não expliquei a explicação. Não fique tão vinculado à convenção, meu belo príncipezinho. Deverá aprender a ver com mais do que a sua visão mortal.

A carranca de Murtagh aprofundou-se.

– O que pretende, Bachel? Por que razão semeou servos por toda a Alagaësia? Com que fim? E porque diz que Thorn e eu seremos os salvadores da terra? Como? E de quê?

– Reconhece a forma deste santuário, meu filho? – perguntou Bachel, indicando a câmara sobre eles.

Apanhado desprevenido, Murtagh atabalhoou-se a responder.

– Não.

– Deveria. Há um irmão dele sob Urû’baen: o Salão da Profetisa. Julgo saber que lhe é bem conhecido.

Por momentos, Murtagh sentiu-se fraco e quase se sentou. Estremeceu ligeiramente.

Olhou à volta. A bruxa tinha razão. Se ignorasse a galeria, os pilares e o pavilhão aberto, a disposição geral do espaço era semelhante, se não idêntica, ao Salão da Profetisa. E o altar cinzento, aquela odiosa laje de pedra, em nada diferia daquele onde Galbatorix mantivera Nasuada acorrentada.

Bachel inclinou-se para a frente, como um falcão.

– Os vapores sagrados que emanam aqui do solo também emanaram das rochas e pedras sob Urû’baen. Nesse tempo, também um Orador habitou aquele salão e respirou-os e distribuiu a sabedoria do sonho aos suficientemente sábios para a consultarem.

Saberia Galbatorix a verdade acerca da Profetisa? Ele alegara ignorância quanto à origem dela, mas se houve coisa que Murtagh aprendeu com os anos, foi que o rei mentia, e sabia mentir bem.

– *Talvez Bachel também minta* – disse Thorn.

Com alguma dificuldade, Murtagh encontrou a sua voz.

– Reivindica o mesmo manto que a Profetisa?

– Somos da mesma linhagem de crenças e observância, se não de sangue.

Murtagh tornou a olhar para Thorn, sentindo-se perdido. Tudo o que ouvira sobre a Profetisa de outrora falava da sua estranha clarividência, e havia muitas histórias de pessoas que tinham ignorado os seus conselhos – ou procurado contrariá-los –, para seu inevitável desgosto.

Murtagh nunca fora capaz de acreditar que o futuro estava definido. Tal como Thorn, detestava a ideia de qualquer força impessoal ditar a forma da sua vida. Era um conceito que extirpava toda a motivação e responsabilidade das suas escolhas. Contudo... se Bachel fosse realmente um oráculo, então ele precisava saber o que ela previra para si e para Thorn, nem que fosse para poderem posicionar-se contra isso.

A bruxa parecia ler-lhe os pensamentos, embora ele não sentisse nenhum toque na mente.

– Digo-lhe isto, para começar, meu filho: foi o destino que o trouxe até aqui. Não poderia ter resistido ao impulso de encontrar Nal Gorgoth – e a mim –, tal como uma traça não pode resistir à atração de uma chama noturna. Os fios do destino podem ser dedilhados por quem sabe como. Dedilhados e arrancados. Nal Gorgoth e lugares que tais resistiram por mais tempo do que poderá imaginar. Nenhum dragão, Cavaleiro, elfo ou qualquer outra criatura em toda a história da terra conseguiu esvaziar os nossos redutos ou abafar a nossa fé.

– Nem mesmo Galbatorix? – disse Murtagh numa voz monocórdica.

O sorriso de Bachel ampliou-se, mostrando mais dentes do que era normal num ser humano.

– Nem mesmo o temido assassino de dragões, Cavaleiro. Ele tentou, uma vez, e depressa percebeu a magnitude do seu erro.

O medo e a frustração venceram o autocontrolo de Murtagh.

– Quem é, Bachel? – gritou, permitindo que algum do seu poder entrasse na sua voz.

Podia usar palavras para controlar e comandar tão facilmente quanto Bachel – e além disso tinha um dragão a apoiá-lo.

A sua voz ecoou nas paredes da câmara, e Grieve e os acólitos vestidos de branco ficaram hirtos.

– Oradora! – disse Grieve, a palavra vinda de entre dentes cerrados.

Bachel parecia não ter sido afetada. Acenou com a mão para Grieve.

– Paz, meu filho. Estás tão nervoso como um coelho na primavera. O nosso hóspede não nos quer mal. – Os músculos ao longo da mandíbula de Grieve contraíram-se, mas ele manteve-se em silêncio.

Murtagh não estava para fazer o mesmo.

– Mas a minha paciência esmorece. Prometeu-me respostas, Bachel, mas até agora, tudo o que tenho são mais perguntas.

As unhas dela tamborilaram no braço do trono.

– Duvida da minha palavra?

– Não, minha Senhora, apenas do momento do seu cumprimento.

Bachel olhou-o com um olhar encapuzado, a cabeça e os ombros rodeados do halo do brilho claro vindo de cima.

– Caminhem ambos entre nós por um dia e uma noite, o Cavaleiro e Thorn. Vejam o que somos e como vivemos, antes de tentarem julgar-nos. Sonhem mais uma vez em Nal Gorgoth e deixem as vossas mentes vaguear ampla e profundamente.

Estava a ser evasiva. Isso era óbvio, mas, ao mesmo tempo, a oferta era tentadora. Havia tanto sobre Bachel e os Sonhadores que era difícil de explicar, e Murtagh sentia que era de uma importância desesperada ter uma ideia melhor do que eles eram e do que queriam. Especialmente, se Bachel tivesse os mesmos poderes de profecia que a Profetisa. Tinham de aprender mais. Por si. Por Thorn. E por Nasuada.

– *Que dizes?* – perguntou a Thorn.

– *Um dia a mais não é um preço exorbitante.*

Erguendo o queixo, Murtagh disse:

– Se o fizermos, renuncia aos seus enigmas em prol de um discurso mais simples?

A bruxa fez um gesto gracioso com a mão, como se o convidasse a curvar-se.

– Se ficarem, e se esforçar para ver, mas verdadeiramente, então, sim, Assassino do Rei, eu explicarei a minha profecia e muito mais. Desnudarei os fios do destino, e compreenderão tanto o papel que desempenharam como o papel que ainda desempenharão. Uma grande tempestade está a caminho, Assassino do Rei, que abalará os próprios alicerces de Alagaësia, e todos temos de escolher onde depositar a nossa lealdade.

– Já houve uma tempestade a devastar esta terra. Outro poderia destruí-la.

O fogo substituiu o mel nos olhos de Bachel.

– Então, destruída será, e um mundo novo e melhor ressurgirá das cinzas! – À velocidade do mercúrio líquido, a sua expressão suavizou-se. – Mas não hoje, Assassino do Rei. – Levantou-se, então, e desceu do trono, e os acólitos separaram-se diante dela. – Venha agora. Se quiser ficar connosco, Assassino do Rei, eu organizei um entretenimento extremamente divertido.

Desconfiado, Murtagh perguntou:

– E qual será, minha Senhora?

Bachel passou por ele, a cauda do vestido a arrastar pelo chão.

– O desporto dos reis, meu belo príncipezinho. Uma caça ao javali!

CAPÍTULO VII



Presas e lâmina

Uma caça ao javali teria entusiasmado e assustado Murtagh quando era mais novo. Os javalis eram animais perigosos, e ele sabia de pelo menos quatro condes que haviam sido mutilados ou mortos por um porco selvagem. O perigo fazia parte da atração; era uma oportunidade de demonstrar coragem, aprimorar habilidades marciais e – para muitos homens – ganhar o favor das mulheres na corte. A primeira vez que Murtagh caçara javalis fora com um grupo de nobres liderado por Lorde Barst. Havia sido... uma experiência pouco ou nada agradável. Ele perdera a sua oportunidade junto de um javali e acabara com lama espalhada por si da cabeça aos pés. Lyreth e os seus companheiros troçaram incansavelmente dele na viagem de regresso. Teve melhor sorte em expedições subsequentes, mas todas ficaram tingidas pelas suas lembranças daquela humilhação inicial.

Agora, porém, Murtagh não encontrava emoção na perspectiva de uma caçada. Os seus feitiços de proteção haviam removido qualquer possível perigo, e, com isso, qualquer sensação de desafio ou realização, deixando apenas o abate por causa da carne. Era um pensamento amargo. Havia uma diferença significativa entre um caçador e um açougueiro, e ele não tinha desejo de ser açougueiro.

Juntamente com Bachel e a sua comitiva, deixou o templo e voltou para o pátio da frente.

O edifício largou poeira tremente quando Thorn pousou ao lado deles.

Bachel estendeu os braços de forma acolhedora e disse:

– Uma caçada, nobre dragão! Junte-se a nós neste nosso empreendimento, e poderá matar a sua sede de sangue e a sua fome de carne.

Thorn bufou e olhou para Murtagh.

– *Ela gosta de fazer muito barulho, como uma pega-rabuda pela manhã.*

– *Queres vir?*

O dragão lambeu os beiços.

– *Não te vou deixar ir sozinho com ela. Além disso, ela não está errada: eu tenho fome.*

– Reúnam-se, meus filhos fiéis! – gritou Bachel. – Tragam-nos cavalos, água, vinho e todas as coisas necessárias para uma caçada. Rapidamente!

Dezenas de cultistas vestidos de cinzento e acólitos do templo vestidos de branco correram pelo pátio para obedecer às ordens. Alín aproximou-se carregando dois suportes de lanças de lâmina larga e de punho curto, dos quais entregou um a Bachel e o outro a Murtagh.

Bachel testou as pontas das suas lanças com o polegar e, em seguida, apontou uma lança a Murtagh, como um dedo acusatório.

– Há uma condição para a caça, Assassino do Rei.

Claro.

– E que condição será, minha Senhora?

– Nenhum feitiço deve ser usado na matança dos javalis. São bestas sagradas, tocadas pelo poder deste lugar, e seria desrespeitoso, além de blasfemo, fazer o contrário.

Murtagh também testou as pontas das suas lanças. Estavam aceitavelmente afiadas, mas o metal parecia ser bastante pobre em ferro; as lanças dobrar-se-iam ao primeiro golpe duro, e as pontas não ficariam afiadas por mais do que alguns golpes. Usá-las seria um desafio, assim como renunciar à magia.

Gostou da ideia.

– Isso parece-me extremamente razoável. Respeitarei o vosso costume.

Bachel inclinou a cabeça.

– O Sonhador verá com bons olhos os seus esforços, meu filho.

Murtagh gesticulou então para as lanças dela.

– Também tenciona caçar, minha Senhora?

Um brilho surgiu nos olhos de Bachel, e ela empunhou uma das lanças com surpreendente facilidade.

– Acha que sou incapaz?

Murtagh não achava, mas também ainda não a conhecia bem.

Com uma voz suave, disse:

– Caçar javali exige grande força. Nunca vi uma mulher tentá-lo.

A gargalhada de Bachel ecoou nas montanhas, e grasnaram corvos da Torre de Flint em resposta.

– Uma mulher humana, quer dizer. Ainda bem, portanto, que eu não sou totalmente humana. O sangue dos elfos corre nas minhas veias. Embora possa não ser tão grosso como o da minha mãe, ainda é mais espesso do que o das mulheres da sua espécie.

– Então, estou ansioso para ver sua destreza no campo de ação.

– E eu a sua, meu filho.



Enquanto os cultistas se apressavam a organizar a festa de caça, vários dos servos de Bachel trouxeram biombos e ergueram-nos em redor dela, enquanto Alín e outras duas mulheres a auxiliavam. Quando as telas foram removidas, Murtagh viu Bachel já não de vestido de vermelho, mas agora vestida como um homem, com avambrços de couro nos antebraços, botas de equitação bordadas que lhe chegavam até ao meio da coxa, e um elmo com pala dividido por linhas de rebites brilhantes. O elmo tinha uma meia máscara para proteger os olhos e o nariz, e um avental de pescoço de fina malha de ferro, debruado com anéis de latão ou bronze. Era um belo visual, pensou Murtagh, para a guerra ou para o desporto.

De entre os edificios de pedra chegaram homens conduzindo uma série de cavalos – animais baixos e robustos, pouco maiores do que pôneis. Tinham a pelagem mais desgrenhada do que qualquer cavalo que Murtagh já vira, como se embrulhados em cobertores para os aquecerem nos longos invernos do norte.

Os cultistas deram-lhe para montar uma égua cuja pelagem era baia escura. O animal estava a léguas dos cavalos de batalha com que ele treinara, mas parecia ter estabilidade suficiente. Ele só esperava que a coragem da égua se aguentasse durante a caçada.

Antes de montar, deixou escorregar o manto das costas e enfiou-o num dos alforges de Thorn. Só o atrapalharia quando andasse a pé.

Quando montou a égua, a desaprovação de Thorn inundou-o.

– *Não me parece bem ver-te a montar um desses veados sem chifres.*

– *Cavalos. Chamam-se cavalos, e tu sabes.*

– *Mas soa mais insultuoso chamar-lhes veados sem chifres.*

Murtagh olhou para cima. Se Thorn fosse humano, juraria que o dragão estava sorrir.

– *Estás a gostar disto, não estás?*

Thorn tossiu no peito.

– *Não é todos os dias que vejo um Cavaleiro montar um cavalo.*

Enquanto o grupo de caçadores se preparava para partir, uma constatação chegou a Murtagh:

– *Cães... Eles não têm cães.*

Agora que pensava nisso, a aldeia estava surpreendentemente tranquila. Não havia cães a ganir, nem rafeiros a ladrar nas ruas ou a chafurdar por comida. Era uma coisa estranha. Em todos os seus anos e todas as suas viagens, Murtagh nunca vira uma povoação humana sem cães.

– *Os cães são assim tão importantes?* – perguntou Thorn.

– *São. Para o homem comum, ter um cão é a coisa mais próxima do vínculo que tu e eu compartilhamos.*

– *Queres comparar dragões com cães?*

– *Não, não. Não por si só, apenas para dizer que a ligação que um ser humano é capaz de criar com um cão pode – em parte – assemelhar-se à ligação que nós temos.*

Thorn parecia não estar convencido.

– *Mmm. Já tiveste algum cão?*

– *Sabes que não tive... Os outros rapazes teriam ferido ou matado qualquer cão que eu tivesse.*

O lábio de Thorn enrugou-se ligeiramente, não o suficiente para que os outros notassem, mas Murtagh viu.

– *Não teriam ousado tal coisa se eu lá estivesse.*

Murtagh riu-se.

– *Não. Não teriam.*

Conduziu a égua para se aproximar de Bachel.

– *Reparo que não têm cães.*

O desdém aguçou as feições angulares da bruxa.

– *E por um bom motivo. São criaturas blasfemas.*

– *Os cães?*

– *Eles recusam-se a aceitar a perceção que se pode receber através do poder deste lugar. Nenhum cão permanece em Nal Gorgoth, e tem sido sempre assim. Os corvos são mais sábios. Entendem a promessa do sonho.*

– Mas como é que vai fazer a batida aos javalis?

O seu olhar encapuzado tornou-se misterioso.

– Verá, Assassino do Rei. Não precisaremos da assistência a que está acostumado.

Enquanto o grupo organizava as suas provisões, Murtagh avistou Alín observando de entre os pilares ensombrecidos do templo, uma figura furtiva meia escondida atrás da pedra esculpida.

Quando todos os membros do grupo estavam já montados, Bachel ergueu uma lança sobre a cabeça e gritou:

– Comigo!

E esporeou o seu garanhão desgrenhado para que avançasse, afastando-se do templo e entrando na aldeia.

Murtagh sentiu-se tentado a brandir a Zar’roc, como se reunisse tropas, mas em vez disso esporeou a sua égua e seguiu a um ritmo calmo. Os cultistas arrancaram atrás dele, e Thorn em último lugar, a sua passada pesada a sacudindo a poeira das telhas dos edifícios.

Dezenas de aldeães reuniram-se ao longo das ruas para os verem partir. Murtagh detetou um número surpreendente de crianças entre eles.

– *Parece que devia haver aqui mais gente, dado o número de crianças que têm* – disse ele a Thorn. – *É estranho.*

O dragão respondeu:

– *Talvez eles enviem os filhotes para outro lugar quando crescem.*

Uma vez chegados à entrada de Nal Gorgoth, Bachel puxou as rédeas ao garanhão e apontou para o lado sul do vale.

– Vê aquela pequena lacuna entre as montanhas, Assassino do Rei? Onde as árvores seguem um riacho vindo das alturas? É esse o nosso destino.

– Encontraremos lá javalis, minha Senhora?

– Em quantidade bastante para alimentar um bando de dragões!

Então, esporeou o cavalo de novo, curvando-se para se lhe aproximar do pescoço enquanto ele avançava, resfolegando, sobressaltado, sobre a terra enegrecida.

Grieve franziu o rosto e chicoteou o flanco da sua égua enquanto a seguia.

– Mantenham-se a par da Oradora, raios! – gritou ele para os guerreiros que compunham o seu grupo.

Com um clamor de cascos percutivos e os gritos dos homens entusiasmados, o grupo dirigiu-se para sul, em direção à estreita cunha de espaço que separava uma montanha da outra.

– *Será uma surpresa se não assustarmos todos os javalis com este tumulto* – disse Murtagh.

Thorn surpreendeu-o então ao levantar voo; as suas asas lançaram uma sombra carmesim sobre o grupo enquanto ele o sobrevoava.

– *Vou bater o terreno e ver onde podem estar as nossas presas, antes que vocês as expulsem dos seus locais de alimentação e pontos de água.*

Murtagh observou com algum pesar como Thorn se erguia com uma facilidade invejável acima do sopé. Queria estar montado em Thorn em vez de na égua baia escura; detestava ser deixado para trás entre estranhos.

Acima de tudo, detestava o quão familiar lhe era aquela sensação.

O ar ia ficando mais quente à medida que se aproximavam da fresta de um vale lateral, e cada vez mais mechas de fumo se erguiam da terra encrostada, como enguias de jardim. Foi, por vezes, atingido no rosto por farrapos de fumo rasgadas pelo vento, e o fedor avassalador de enxofre causou-lhe vômitos. A terra tinha uma aparência carbonizada e estéril, como se tivesse sido arrasada pelo fogo num passado recente.

Bachel abrandara o garanhão para um ritmo mais comedido, por isso Murtagh subiu para o seu lado.

– Eu nunca vi um lugar como este, a não ser as Planícies Flamejantes, no sul. E essas não cheiram a enxofre.

A bruxa anuiu com a cabeça.

– Há muitos lugares assim, Assassino do Rei, espalhados por Alagaësia, embora não se encontrem facilmente. Há outro, não muito longe daqui, para sul: os túmulos de Anghelm, onde Kulkarvek, o Terrível, está oficialmente enterrado.

Murtagh teve dificuldade em esconder a sua reação. Kulkarvek fora o único Urgal conhecido por ter unido a sua raça conflituosa sob um único estandarte, um feito ocorrido muito antes da queda dos Cavaleiros, se os relatos fossem fieis. O seu túmulo era um dos outros locais – a par das ruínas de El-harím e da Ilha de Vroengard – que Umaroth havia dito a Thorn e Murtagh para evitarem.

Mas o que mais o incomodou foi a implicação de que havia muitos desses lugares em Alagaësia: lugares onde o chão estava carbonizado e o ar cheirava a enxofre.

– *Por que razão não são mais conhecidos?* – perguntou a Thorn. – *Mesmo que estejam em sítios remotos e isolados, certamente que os Cavaleiros ou outros teriam reparado em qualquer local que cheirasse assim. Seria difícil de esconder, especialmente do ar.*

– *Uma espécie de véu encantado, talvez? Um feitiço que esconde o óbvio da vista?*

– *As proteções deviam bloquear esse tipo de coisa.*

– *Depende do feitiço. Tu sabes. Pode ser um encantamento de um tipo que ninguém conhece agora. Ou algo parecido com o Banimento dos Nomes.*

Murtagh olhou para Thorn.

– *Magia de dragão?... Sentes alguma coisa dessas aqui?*

– *Não sei o que sinto, apenas que a terra parece viva, apesar da carbonização.*

O mundo estreitou-se à volta deles quando o grupo de caçadores entrou no vale lateral e as montanhas se aproximaram, até os sopés estavam a apenas algumas centenas de pés de distância e densas fileiras de árvores lhes bloquearem a visão. Ainda bem, pensava Murtagh, que Thorn estava no ar e não ali, em sítios tão exíguos.

Bachel conduziu-os por um caminho bastante trilhado que serpenteava entre os pinheiros altos.

Passada a brecha, o vale alargou-se de novo, e Murtagh contemplou o que, noutro lugar da Espinha, teria sido um vasto campo alpino onde veados e ursos e outros animais selvagens se reuniriam. Aqui, não. Aqui a terra ainda era queimada e enegrecida, e as árvores, mortas e esqueléticas – despidas de tudo, exceto de alguns molhos de agulhas quebradiças. Nada disso causou uma impressão tão forte em Murtagh quanto o abundante número de cogumelos que cresciam do chão.

Eram de todos os tipos. De chapéu castanho, de chapéu branco, redondos como bolas, em formato pagode como o templo em Nal Gorgoth, largos como escudos ou tão altos e estreitos como uma lança; a profusão de formas era avassaladora. Havia cogumelos dourados, e cogumelos vermelhos como joaninhas, e enormes fungos lenhosos que subiam mais alto do que um

homem montado a cavalo. Um cheiro rico e salgado perfumava a área – como um corte de carne bem cozinhada –, e finos véus de esporos castanhos flutuavam para cima ao longo de correntes de ar ascendente, misturando-se com as mechas de vapor oriundas do chão.

No meio do campo e da floresta de cogumelos, Murtagh avistou formas escuras que se moviam através das sombras: javalis monstruosos, com cristas nas costas e cobertos de crespas cerdas negras.

– Eles comem os cogumelos e atingem um tamanho excepcional por causa disso –, explicou Bachel, trazendo o seu cavalo ao lado do dele. – Dá à carne um sabor diferente de qualquer outro.

Murtagh abanou a cabeça, ainda contemplando a visão.

– Nunca vi nem ouvi falar de cogumelos como estes.

– O solo daqui é-lhes tão conveniente quanto é hostil ao crescimento de plantas verdes.

– *De cima, parece que o chão está coberto de gordura derretida* – disse Thorn, sobrevoando a extremidade mais distante da fenda estreita que divide a Espinha, a algumas milhas de distância.

– *Que agradável* – respondeu Murtagh.

Bachel continuou:

– Como pode ver, não precisamos de batedores. Somos os nossos próprios batedores. Pressionaremos em direção à entrada do vale, e os javalis reunir-se-ão diante de nós. Se o seu dragão...

– Ele só é meu na mesma medida em que eu sou dele.

As pálpebras de Bachel desceram-lhe com o que parecia divertimento.

– Claro, Assassino do Rei. Se Thorn quiser caçar lá na outra ponta, isso poderá ajudar-nos a encurralar os javalis entre as nossas lanças e os seus dentes e garras.

– *É um bom plano* – disse Thorn, e Murtagh quase podia ouvi-lo fechar as mandíbulas num estalido assertivo. – *Fá-lo-ei.*

O dragão dobrou as asas carmesins e mergulhou em direção ao extremo do vale, um veloz meteoro em chamas.

As fileiras de cogumelos escondiam a descida de Thorn.

Em seguida, Bachel ergueu a lança.

– Desmontar!

O grupo de caçadores obedeceu, assim como Murtagh, grato por se livrar temporariamente da égua baia escura.

Alguns segundos depois, um baque silencioso rolou pelo vale: o som do impacto de Thorn chegando com o atraso da distância.

Havia, Murtagh viu, numerosos trilhos de caça recortando a campo de enormes cogumelos – caminhos batidos pela passagem de incontáveis cascos afiados.

Tal como os cultistas, Murtagh espetou uma estaca no chão e amarrou a sua égua, seguindo depois a pé pelo trilho mais próximo. O solo, embora enegrecido, era ali mais macio do que junto a Nal Gorgoth, como se toda a subsuperfície estivesse crivada de fungos.

Murtagh fez uma careta ao pisar uma protuberância de cogumelos castanhos, que se dissolveu num líquido escorregadio e com mau cheiro, da cor de excrementos.

– Dispersem-se – ordenou Bachel.

Os seus guerreiros responderam rapidamente, formando uma linha arqueada para cada lado dela. Grieve manteve-se perto dela, o que ela parecia esperar.

Murtagh afastou-se do grupo em direção ao lado oriental do vale. Queria espaço para manobrar; caçar com estranhos era sempre uma proposta perigosa, e era-o duplamente ali. Além disso, ele sabia, de caçadas de javalis passadas, que ter espaço para correr era muitas vezes a diferença entre o sucesso e a lesão ou morte.

– Para onde vai, Assassino do Rei? – gritou Bachel num tom alegre.

– Eu caçaria melhor sozinho, Lady Bachel! – respondeu Murtagh em tom semelhante.

Ela exibiu-lhe um sorriso selvagem. Os cogumelos pareciam arcaicos – predecessores primitivos de plantas mais finamente acabadas –, como se tivessem resistido desde um tempo anterior à história escrita, e Bachel parecia fazer parte desse antigo remanescente.

– Não se esqueça de controlar a língua, Assassino do Rei. Deverá matar sem magia.

– Assim farei – murmurou.

Por mais pobre que fosse o metal usado para fazer as lanças que lhe haviam dado, Murtagh sabia que conseguiria desferir pelo menos um golpe fatal com cada uma delas.

Passo a passo cuidadosamente medidos, avançaram pelo vale acima. À frente deles, soava um rugido ocasional quando Thorn perseguia um ou outro javali. Não demorou muito para que o dragão tocasse na sua mente novamente, e Murtagh encontrou-a cheia de sangue, entusiasmo e o pico de emoção da caçada.

– *A bruxa estava certa* – disse Thorn. – *A carne é boa.*

Murtagh riu baixinho.

– *Essa deve a única recomendação de que um açougueiro ou cozinheiro precisam. Um dragão disse: «A carne é boa».*

Thorn rugiu de divertimento.

A cada passo, sob as botas de Murtagh esmagavam-se e esguichavam e estalavam cogumelos. Os moles corpos fúngicos dificultavam a manutenção de um passo firme. Encontrava-se agora fora de qualquer trilho, o que não era ideal para encontrar caça, mas permitia-lhe manter a sua distância do grupo de Bachel, algumas centenas de metros à sua direita.

Os sentidos aguçaram-se-lhe quando se aproximou da berma de um denso bosque de... Não sabia o que lhes chamar. Cogumelos? Tinham troncos retorcidos tão largos quanto o peito de um cavalo e agarravam-se-lhes pedaços de membranas semelhantes a teias de aranha. *Por favor, nada de aranhas gigantes*, pensou Murtagh. Preferia enfrentar uma horda de Urgais desarmado.

O ar ali era pesado e húmido, e cheirava a carne e a calor, como se se encostasse a uma enorme axila suada. Fez uma careta e avançou com cautela, olhos a disparar de sombra em sombra enquanto procurava por qualquer javali.

– *Seria usar magia se eu procurasse as feras com a mente?*

Aquele pensamento não era dirigido a Thorn, mas o dragão respondeu de qualquer maneira:

– *É para ti importante agradares a Bachel?*

– *É-me importante cumprir a minha palavra.*

Murtagh decidiu confiar apenas nos seus olhos e ouvidos por ora. O desafio era assim mais interessante.

Ouviu um coro de guinchos e grunhidos do outro lado do campo à sua direita. Agachou-se quando avistou um grupo de cerca de sete porcos – javalis e javalinas – correndo de baixo dos cogumelos semelhantes a árvores e atacando Bachel e sua fileira de guerreiros.

Bachel baixou-se, apoiando-se num joelho, plantando a base da lança na sola do pé mais recuado, e apontando a ponta da lâmina em direção às feras que se aproximavam. Os seus guerreiros fizeram o mesmo, e ela soltou um grito penetrante que chamou a atenção do javali dominante, atraindo-o na direção dela como metal na direção de magnetite.

Murtagh observava, momentaneamente sem fôlego, os animais reduzirem a distância entre eles e os cultistas, embatendo em todos os cogumelos pelo caminho.

Alguns dos porcos contornaram os cultistas que os aguardavam. Mas três deles – incluindo o dominante – atacaram diretamente os caçadores, empalando-se nas armas. Um dos guerreiros caiu, berrando enquanto o porco o espezinhava, gotas de sangue jorrando do peito gordo do animal.

Bachel apanhou a sua presa na ponta da lança. O impacto atirou-a várias polegadas para trás. Então, ela espetou os calcanhares no chão, empurrou com força e forçou a lança através do peito do javali indignado. Com um grito de júbilo, levantou-se e ergueu o javali na lança e, em seguida, atirou o animal moribundo ao chão. Um feito de uma força espantosa. Mesmo com as capacidades instensificadas de um Cavaleiro, Murtagh sabia que teria sido incapaz de realizar tal ato sem a ajuda de magia.

Bachel fincou um pé nas costas do javali caído, estendeu os braços e lançou a cabeça para trás, enchendo o vale com a sua ululação triunfante.

Aquela visão e aquele som lançaram sobre Murtagh uma emoção selvagem. A bruxa era como um animal, pura e feroz e aterrorizante. Naquele momento, parecia mais um dragão do que um ser humano ou um elfo.

– Um para mim, Assassino do Rei! – gritou Bachel sem olhar para ele.

Atrás dela, o guerreiro espezinhado jazia gemendo no chão, com o peito ferido a chiar. O javali do homem estava deitado de lado, a poucos passos de distância, com uma grande ferida no peito, a espernear e estremecer enquanto se esvaía em sangue.

Então, pareceu ouvirem-se mais mil guinchos: um ataque atormentador aos seus ouvidos quando, da massa de enormes cogumelos à frente de Bachel e dos seus guerreiros, saíram dezenas e depois centenas de porcos selvagens. Mais longe, Murtagh ouviu Thorn aproximar-se, sem fazer qualquer tentativa de disfarçar as suas passadas pesadas.

Distraído, Murtagh espreitou entre os troncos dos cogumelos num esforço para ver melhor. Vislumbrou Bachel empunhando de novo a sua lança e os guerreiros a aproximarem-se para a protegerem lateralmente.

Ouviu-se outro guincho grunhido, surpreendentemente perto.

Murtagh caiu de joelhos quando uma sombra eriçada atacou na sua direção, vinda da floresta de fungos. As presas sobressaíam, brancas e nítidas, na fraca luz, tal como uma boca avermelhada escancarada e pequenos olhos pretos, como contas. O javali emitia um latido tossido que Murtagh ouvira nuns quantos pesadelos, e depois atirou-se a ele.

O javali atingiu-o com uma força chocante. O animal era mais denso do que qualquer humano, e várias vezes mais forte. Murtagh sentiu a sua lança afundar-se no peito profundo da besta e, de seguida, sentiu também a vibração ao longo da arma quando a lâmina de ferro atingiu uma costela e se partiu ao meio.

O javali guinchou e torceu-se para o lado, aterrando sobre Murtagh. Ambos caíram no chão enegrecido, num emaranhado de braços e pernas a agitarem-se.

Murtagh sentiu golpes fortes e afiados ao longo das costelas e da nuca, e embora os seus feitiços de proteção se tenham ativado, aquilo ainda doía.

Gritou e tentou levantar-se, mas o javali estava deitado em cima dele, aos pontapés e encontrões, e Murtagh não conseguia encontrar um bom ângulo para se impelir para cima.

Então, mais javalis passaram por eles a correr – uma torrente de bestas assustadas e enlouquecidas pelo sangue –, e o peso deles arrastou-o para a lama escorregadia e viscosa dos cogumelos esmagados. Um fedor espesso e podre entupiu-lhe as narinas, impossibilitando a respiração. Dezenas de cascos afiados enterraram-se-lhe nas costas, tão mortíferos como qualquer adaga, e as suas proteções extraíram-lhe ainda mais força.

Os gritos e grunhidos eram ensurdecadores. Um túnel carmesim fechou-se em torno da sua visão, escurecendo o mundo.

Murtagh tateou para encontrar a Zar'roc. Os dedos alcançaram o punho, mas não teria espaço para desembainhar a espada enquanto estivesse deitado de barriga.

Saltou-lhe à mente uma palavra da língua antiga. Uma única declaração e poderia afastar os javalis ou então matá-los a todos. Mas nesse caso falharia no desafio de Bachel, e o fracasso seria mais doloroso do que os

golpes que o fustigavam.

Conseguiu respirar rápida e superficialmente. Não era suficiente.

Raios. Estava a ficar sem tempo. Se...

Gritou de dor quando um javali lhe pisou o cotovelo direito. As suas proteções impediram que a articulação se quebrasse, mas a pressão empurrou-lhe o braço para o solo macio, e o ângulo fez algo no seu cotovelo distender-se ou estalar.

Em seguida, um casco preto desceu-lhe pelo lado da cabeça, raspando-lhe o crânio, e o impacto atirou-lhe o pescoço para o lado.

A vista encheu-se-lhe de estrelas e o mundo ficou escuro e nebuloso, e todos os sons se esvaneceram, distanciando-se, tornando-se difíceis de ouvir e de compreender.

CAPÍTULO VIII



Misericórdia da Mãe

Um sol negro bordejado por uma chama negra contra um céu escuro. As estrelas estavam esmaecidas, escorridas; o ar, frio e seco; e um vento amargo soprava do norte.

O mundo estava morto. O chão encontrava-se completamente rachado e carbonizado como nas imediações de Nal Gorgoth. Havia árvores nuas nos flancos de montanhas descaídas, a nitidez dos seus picos derrotada pela passagem de incontáveis eras.

Não se via pássaros nem animais; sabia que, se vagueasse até os confins da terra, não encontraria nada além de ossos e cinzas.

A existência era um túmulo onde os pecados do passado estavam enterrados.

Mas, não... Não por completo.

À sua frente, perto do horizonte cinzento-escuro, erguia-se uma enorme parte do chão, como se o próprio mundo se despedaçasse, mas a enormidade destacada moveu-se e deslocou-se como só uma criatura viva poderia fazer. Sobre aquela silhueta reluziam manchas vermelhas, tal brasas vistas através de vidros fumados.

O pavor consumiu-o. Um pavor total, destruidor do pensamento, que lhe amoleceu braços e pernas e lhe afrouxou a mente com o medo incessante. Tudo se perdera, e, diante dele, o instrumento da destruição.

A besta ergueu-se desenfreada contra o sol negro – um dragão sem asas, com um tamanho apocalíptico, uma presença aterrorizante. Destruidor de esperança, comedor de luz, língua-de-cobra e garras-de-gancho.

E a besta virou-se, e o seu olho flamejante fixou-se nele, e ele encolheu-se diante de tal, sentindo o toque frio da morte tomar-lhe o coração, sentindo a rendição impotente e inevitável diante do que não podia ser mudado, do que não podia ser interrompido.

A boca do dragão abriu-se, e uma chama tremeluzente iluminou-lhe a goela, e...



– Acorda! Acorda, Assassino do Rei!

Os olhos de Murtagh abriram-se e ele endireitou-se com um sacão, soltando um grito de pânico, enquanto lhe corria fogo nas veias e o coração se convulsionava como um coelho moribundo.

Bachel estava sobre ele, manchada de sangue, de adaga de lâmina preta numa mão, lança na outra. Grieve e seus guerreiros rodeavam-nos, e meia dúzia de porcos mortos jaziam ali perto, no chão revolvido: um campo de batalha em miniatura, mas nem por isso menos tenso ou mortífero.

Antes de Murtagh se conseguir recompor a ponto de compreender o que sucedera, menos ainda a ponto de falar, Thorn avançou, arrasador, pela floresta de cogumelos, rugindo. Parou diretamente sobre Murtagh e virou-se e rosnou em busca de inimigos. O sol estava atrás de Thorn, e as escamas cintilavam, vermelhas e brilhantes.

Aquela perspectiva fez Murtagh encolher-se ao recordar a sua visão de desolação. O medo mortífero voltou a dominá-lo.

Thorn estendeu-lhe uma pata, como se quisesse pegar nele e levantar voo, e Murtagh ergueu uma mão.

– Não – disse, num som rouco. – Eu estou bem.

Não estava, e Thorn sabia-o.

O dragão perguntou-lhe:

– *Estás ferido?*

Murtagh pôs-se de pé, instável. Inspecionou-se. Nenhum daquele sangue parecia ser seu, mas sentia latejar o cotovelo direito, que começava a inchar. Inclinou-se e estendeu o braço; ainda se mexia como devia. Portanto, nada rompido. Lançou um rápido feitiço de cura – com o cuidado de proferir as palavras sem som – e só então se deu conta de quão profundamente exausto o haviam deixado os seus feitiços de proteção. Tinha mãos e pés frios, e uma fome roía-lhe a barriga.

– *Nada de muito grave. Viste o que eu vi?... O dragão?*

– Não – disse Thorn, desnudando ainda mais os dentes. – *Tinhas a mente fechada para mim.*

Murtagh estava tão abalado que não parou para sopesar a sensatez do seu ato quando começou a partilhar com Thorn a sua memória em todo o imediatismo indutor de terror. Um silvo profundo veio de Thorn, e ele enterrou as garras no chão. Murtagh sentiu o seu próprio medo refletido nos pensamentos de Thorn.

– *Foi apenas um sonho* – Murtagh disse apressadamente.

– *Um sonho maléfico, porém. Talvez fosse mais do que apenas um sonho.*

– *Uma premonição? Elas não podem chegar assim tão longe no futuro.*

Thorn tremeu e baixou a cabeça até nivelar os seus olhos com os de Murtagh.

– *Isso é sabido com certeza? Quem provou isso?*

– *Eu...*

– Meu filho, está ferido? – perguntou Bachel. Apontou com a adaga para o sangue no peito de Murtagh. Ele tinha o justilho rasgado, e sentia o ar frio na pele. – Está coberto de sangue.

A ponta da adaga estava desconfortavelmente próxima. Murtagh recuou meio passo. Levou a mão ao punho da Zar'roc.

– Não, ferido, não. Obrigado por... ajudar.

A bruxa assentiu, satisfeita. Limpou a adaga ao avambrão de couro e embainhou-a.

– É melhor caçar em grupo do que caçar a sós.

– Talvez tenha razão. – Murtagh tremia e esfregava os braços, tentando restituir calor aos seus membros. – Quando eu estava caído, vi... Tive uma visão. Maléfica.

A expressão de Bachel tornou-se intensa, e ela avançou e pousou a mão livre no ombro de Murtagh. Surpreendido, ele resistiu à vontade de lhe sacudir de lá. O punho da bruxa era como ferro aquecido.

– Uma visão – disse ela, com a voz baixa e vigorosa. – Descreva-me, meu filho. Depressa, antes que a sua memória desapareça. É importante.

Irritado, mas também curioso, Murtagh obedeceu, falando em frases rápidas e curtas, desejoso de deitar fora as palavras e poder deixar de pensar no sol negro e no dragão impossivelmente grande...

Grieve e os guerreiros ouviam com muita atenção, e murmuravam com o que parecia ser admiração ou reverência enquanto ele descrevia o dragão.

– Ah – disse Bachel. – É realmente afortunado. – Largou-o e gesticulou com a mão acima da cabeça, indicando tanto o pequeno vale lateral quanto a fenda que continha Nal Gorgoth. – Todos os que aqui vêm sonham, mas poucos são os que recebem augúrios tão claros, e os que o fazem tornam-se muitas vezes eles próprios oradores.

– Houve muitos oradores? – perguntou Murtagh.

– Minha Senhora – disse Grieve com voz tensa. – Não está certo que um estranho se una...

– Tss, tss – disse Bachel. – O nosso convidado não é uma pessoa comum. Não é mesmo.

Uma careta de desaprovação instalou-se no rosto engelhado de Grieve, e ele puxou o punho do seu manto salpicado de sangue de uma maneira nervosa e irritada, como se o que ele quisesse mesmo fazer fosse envolver os dedos grossos em torno do pescoço de Murtagh.

Em voz projetada, a bruxa disse:

– Houve muitos Oradores – alguns falsos, outros verdadeiros – ao longo dos tempos. Somos Du Eld Draumar, e vivemos nestes lugares de poder desde antes de os elfos serem elfos. Éramos conhecidos pelo próprio Povo Cinzento... Conhecidos e temidos.

Murtagh traduziu mentalmente. *Du Eld Draumar* era uma maneira elaborada de dizer *Os Velhos Sonhadores*, mas por ter sido proferido na língua antiga, o nome tinha mais verdade do que teria em qualquer outra língua.

– Acredito em si – disse ele, e estava a ser sincero.

Embora duvidasse que Bachel lhe desse uma resposta direta, perguntou:

– O que, em sua opinião, significa a visão, Ó Oradora?

– É um presente. As exalações desta terra mostraram-lhe uma visão do mistério sagrado que está no coração do nosso credo. O que viu, Assassino do Rei, é uma parte do que ainda pode ser.

– Como um aviso?

Ela surpreendeu-o pegando-lhe na mão e encostando-lha ao peito, sobre o coração. Tinha os dedos pegajosos de sangue. E respondeu-lhe em voz baixa e séria, sem nenhum indício de nada que não total sinceridade.

– Como uma promessa.

Depois, largou-o.

Murtagh foi tomado pelo toque quente e frio do medo nascido nos sonhos. Encolheu-se e descobriu que tinha perdido a vontade de fazer mais perguntas.

– *Ela mente* – disse Thorn.

– *Se mente, acredita na mentira.*

Murtagh olhou para os guerreiros e contou-os. Faltavam outros dois. Por entre os cogumelos que Thorn derrubara, conseguia ver-se o campo aberto. Ao centro, vários porcos sem vida, bem como os três guerreiros derrubados. Um dos homens ainda se mexia, embora debilmente. Sangue salpicado, humano e animal, manchava os chapéus dos cogumelos com anéis avermelhados.

– As feras saíram-nos caras – disse Murtagh.

Bachel acenou com a cabeça com seriedade, embora não parecesse nem triste nem perturbada, mas bastante orgulhosa.

– Os meus homens serviram bem hoje, Assassino do Rei, e aqueles que caíram, caíram ao serviço da nossa fé. O seu sacrifício não passará despercebido nem deixará de ser recompensado.

Os guerreiros baixaram a cabeça e, em uníssono, disseram:

– Tal como se sonha, assim será.

Nessa altura, Murtagh pensou que Bachel iria tratar dos feridos, ou pelo menos mandar alguns homens fazê-lo. Em vez disso, gesticulou para o javali que ele havia matado.

– Apanhou um belo animal, Assassino do Rei. Eu não esperava nada menos que isso.

Na morte, o javali parecia menor, embora ainda imponente; devia igualar o peso de vários homens grandes. A sua lança estava espetada no meio do peito do animal, com o punho partido.

Com uma vénia e de mão estendida, como se convidasse para uma dança na corte, Murtagh disse:

– E sem a ajuda do mais pequeno encantamento ou feitiço, minha Senhora.

– Assim vi – respondeu Bachel. – Mas se não fosse a nossa ajuda, teria sobrevivido? Será que tal vitória conta como uma vitória, na verdade?

Murtagh ergueu uma sobrancelha. Não lhe apetecia propalar palavras, mas não podia permitir que o desafio dela ficasse sem resposta.

– Eu matei o javali, minha Senhora, e morto ele estaria, independentemente do *que* me acontecesse. Como era esse o meu objetivo, sim, eu consideraria isto uma vitória.

Um pequeno sorriso tocou os lábios de Bachel.

– Um justo argumento, meu filho.

No campo aberto, o ferido soltou um gemido agonizante. O som chamou-lhe a atenção e ela virou as costas a Murtagh.

– Venha – disse, e caminhou em direção ao campo.

A ordem irritou Murtagh, mas seguiu-a na mesma.

– *Devo oferecer-me para curá-lo?* – perguntou a Thorn.

– *Espera para ver que magia a bruxa é capaz de produzir. Se ela não conseguir curar o homem, então oferece-te para ajudar.*

– *Boa ideia.*

Acelerando o ritmo, Murtagh aproximou-se de Bachel e gesticulou para os javalis mortos à sua frente.

– Fez uma caçada heroica, Senhora Bachel.

Ela pareceu quase não reagir aos elogios, como se fosse apenas o que lhe era devido.

– Foi semelhante a todas as minhas caçadas, Cavaleiro.

Disso, Murtagh estava certo.

À medida que se aproximavam da balbúrdia de sangue e cogumelos esmagados no centro do campo, tornou-se evidente que os dois guerreiros imóveis no chão já estavam mortos.

Bachel ajoelhou-se ao lado do homem que ainda respirava. O justilho fazia-lhe uma cova na falha do peito onde tinha as costelas partidas. Tinha baba ensanguentada no queixo, e a sua respiração era entrecortada e superficial. Um pulmão perfurado, deduziu Murtagh, se não pior.

Com uma mão gentil, Bachel acariciou a testa do homem. Ele abriu os olhos e olhou para ela, e no seu olhar Murtagh viu devoção total.

– Chh – disse Bachel, com a voz calma e vasta como um oceano sem vento. – Podes sentir-te satisfeito, Rauden. Serviste bem.

O homem anuiu com a cabeça. Lágrimas encheram-lhe os olhos e, com uma enorme profundidade de sentimento, sussurrou:

– Mehtra.

O afeto suavizou o rosto de Bachel, e ela inclinou-se para perto dele.

– Sehtra.

Então, com um movimento suave e rápido, puxou da adaga de lâmina preta, colocou-a sob o queixo do homem e enfiou-lha na cabeça. Ele convulsionou-se e ficou inerte.

– Sangue de sombra! – praguejou Murtagh, avançando. Ao redor deles, os guerreiros ergueram as lanças. – Eu podia tê-lo curado!

Bachel retirou a adaga e limpou-a na camisa do homem.

– Ele estava para lá da cura, meu filho.

– Não para mim! Devia ter-me deixado tentar!

Bachel levantou-se e virou-se para enfrentar Murtagh. Tinha um semblante feroz e terrível, mas também sofrido.

– Não pense em questionar-me, Cavaleiro! Não conhece os nossos modos! Procuramos servir o Sonhador como podemos, cada um de nós, e quando chega a nossa hora, ansiamos por voltar Àquele que nos sonha. É o nosso maior desejo.

– Sim, mas...

– O assunto está encerrado, Murtagh, filho de Morzan. Basta!

As feições de Murtagh enrugaram-se de desaprovação e ele cerrou os dentes. Como num passe de mágica, Bachel parecia transformar-se diante dele; via agora a crueldade nas suas feições e a teimosia da certeza ilusória. E espantava-se com a sua própria credulidade. Então, instalou-se-lhe nas entranhas um frio ao tomar consciência do perigo potencial da situação, e toda a emoção o abandonou, deixando-o uma concha oca. Adotou o mesmo semblante inexpressivo e sem compromisso que tão bem o servira na corte.

– Claro, minha Senhora. As minhas desculpas.

Bachel inclinou a cabeça e, em seguida, voltou-se para o homem morto e pousou-lhe a mão na testa. Murmurou algo e fechou os olhos vazios e invisuais do homem.

A bruxa ficou em silêncio por um momento, as suas feições inescrutáveis. Depois:

– Grieve, cuide que, tal como as nossas baixas, a nossa caça seja recolhida. Levem-na para Nal Gorgoth, para que possamos banquetear-nos com o nosso triunfo.

– Oradora.

Bachel acenou com a cabeça e partiu dos corpos e dos cogumelos destruídos em direção aos cavalos.

Murtagh observou-a. Depois olhou para Grieve, que estava a orientar os guerreiros para esventrarem e carregarem os javalis.

– O que significa *mehtra*?

Grieve lançou-lhe um olhar sorumbático e inclinou-se para ajudar outro homem com um javali.

– Significa *mãe*, Forasteiro. Pois Bachel é como nossa mãe em todas as coisas, e nós confiamos nela como tal.

– E *sehtra*?

– Filho.

Atordado, Murtagh caminhou até Thorn.

– *Ela é tão implacável quanto Galbatorix.*

O dragão concordou.

– E, no entanto, o seu povo estima-a.

– *Rauden chamou-lhe mãe mesmo sabendo que ela estava prestes a matá-lo. Galbatorix nunca inspirou tal amor. Só medo.*

Por momentos, Murtagh ponderou seguir Bachel e cavalgar de volta sobre a égua baia escura. Mas não queria estar perto dela. Não por ora.

Virou-se para Thorn.

– Chega de cavalos.

E pegou o estribo pendurado do lado esquerdo de Thorn.

O dragão agachou-se mais para Murtagh conseguir pegar no laço de couro cozido e içar-se para as costas de Thorn.

– *Ótimo.*

– Podes trazer o meu javali? Prefiro não esperar por B...

O nome ainda lhe estava na boca quando Thorn se endireitou na sua altura máxima, sobressaltando os guerreiros, que saltaram para longe. Leve como um gato, caminhou até onde Murtagh fizera a sua caçada.

Com um pé, apanhou a carcaça sangrenta do porco.

Em seguida, saltou para o céu e voou para longe do campo de carnificina.

CAPÍTULO IX



Ponto de rutura

— Desculpa por te ter assustado. O javali apanhou-me de surpresa.

Um sopro profundo emanou de Thorn enquanto ele subia pelo flanco de uma montanha, voltando para Nal Gorgoth.

— *Devias ter mais cuidado.*

— *Devia... Talvez precise de refazer os meus feitiços de proteção. Acho que fui muito negligente com o que eles permitem.*

Thorn executou uma viragem lenta sobre Nal Gorgoth. Vendo de novo a aldeia de cima, Murtagh notou que os edifícios estavam dispostos em círculos cruzados, como anéis numa poça de chuva.

Thorn perguntou-lhe:

— *Ainda pretendes passar cá a noite?*

— *Não sei.*

Uma imagem do sol negro sobre uma terra estéril perpassou a mente de Murtagh, e ele voltou a sentir o toque amargo de um vento de norte. Abraçou-se e, pela primeira vez, ponderou se queria mesmo ouvir as respostas de Bachel.

— *Há aqui algo de muito errado.*

— *Muito, muito errado.*

Ao aterrarem no pátio, Alín aproximou-se, vinda do interior do templo, carregando um cântaro de água com um pano e uma bacia. Era uma visão bem-vinda. Murtagh sentia a imundície na sua pele, sangue e terra e o sumo seco de cogumelos esmagados, tudo misturado.

A acompanhar Alín vinha a cozinheira do templo — uma mulher rude e robusta, com um avental manchado e antebraços tão grossos quanto os de um padeiro — e meia dúzia dos seus ajudantes. Juntos, cozinheira e

ajudantes enfrentaram a inspeção próxima de Thorn para irem buscar o javali de Murtagh e levarem-no para ser esquartejado.

Murtagh ficou satisfeito por se separar do animal. Já tinha dose suficiente de caçar javalis.

Alín depositou o cântaro, o pano e a bacia nas lajes, curvou-se e recuou para uma distância segura.

– Os meus agradecimentos – disse Murtagh.

Ela desviou os olhos enquanto ele despiu o justilho rasgado e manchado de sangue e a camisola de lã interior. Praguejou. Ambas as peças de vestuário estavam desfeitas. Teria de vestir a sua camisa de linho até poder adquirir substitutos.

– Como correu a caçada, meu Senhor? – perguntou Alín com uma voz suave.

Murtagh molhou o pano e esfregou o sangue na pele. Agarrava-se-lhe com teimosa persistência.

– Se a sua única medida de sucesso for o número de animais mortos, correu muito bem. Se não for, eu diria que correu mal. Muito mal. As feras levaram três dos vossos homens.

Alín baixou a cabeça.

– Lamento ouvi-lo.

Murtagh grunhiu.

– Lamenta? Bachel enfiou uma adaga num dos homens. Rauden era o seu nome. É assim que as coisas são feitas entre a vossa gente?

Olhos azul-pálidos dela encontraram o olhar dele e ali se fixaram.

– Rauden estava ferido?

Relutantemente, Murtagh disse:

– Estava. Mas eu poderia tê-lo ajudado. Ou Bachel.

A determinação e a convicção de Alín nunca pareceram vacilar.

– Talvez isso seja verdade, meu Senhor, mas confio no discernimento da nossa Oradora. Ela sabe o que é melhor para nós, e se era hora de Rauden deixar esta vida e voltar ao sonho maior, então ainda bem que Bachel lá estava para lhe facilitar a jornada. Nenhum de nós poderia pedir mais.

– Porque ela é a vossa *mehtra*.

Um lampejo de desaprovação atravessou o rosto de Alín.

– Não lho chamamos assim tão levemente, Assassino do Rei.

– Não sei porque lhe chamam isso. Ela não parece muito maternal.

Alín levantou o queixo.

– Compreenda, meu Senhor, que Bachel é a Oradora. As suas preocupações transcendem as dos comuns mortais. Não pode esperar conhecê-la ou compreendê-la. Se o que ela fez lhe parece errado, a culpa não é dela. Não lhe é possível fazer nada de errado.

Murtagh ruminou naquilo. Havia uma possibilidade, uma possibilidade muito, muito reduzida, de Alín ter razão. Se Bachel pudesse ver o futuro, então cada escolha que ela fazia podia ser a correta. E, no entanto, seguramente que matar Rauden não poderia ser justificado.

Enrolou o lábio.

– Assim diz todo aquele que deseja manter o poder e não ser desafiado.

– Está a ser injusto, meu Senhor. Nenhum rei ou rainha jamais teve tanto direito a governar como Bachel, nem tanta responsabilidade.

Descartando o pano, Murtagh inclinou-se e derramou o conteúdo do cântaro sobre cabeça e ombros. A água estava chocantemente fria, ainda mais no calor fora de época que permeava Nal Gorgoth, e ainda assim foi um alívio e um prazer sentir-se pelo menos parcialmente limpo.

– Não me diga.

Alín assentiu, séria.

– Os seus fardos são imensos, meu Senhor. A vida de qualquer homem – de qualquer um de nós aqui em Nal Gorgoth – é como um grão de pó quando pesada contra a importância dos deveres da Oradora.

Murtagh não tinha vontade de forçar a questão. Sacudiu o cabelo para o secar e virou-se para retirar a camisa de linho dos alforjes.

Ao fazê-lo, ouviu Alín soltar um pequeno suspiro, e soube que ela reparara na cicatriz nas suas costas. Uma curiosidade obscura levou-o a olhar para ela, esperando ver pena ou repulsa a distorcerem-lhe o rosto.

Não viu nenhuma das duas. Ela tinha o rosto suave, denunciando o que ele apenas podia chamar de compaixão. Compreensão, mesmo. A raiva que se acumulava dentro dele esvaiu-se, deixando-o oco e desprevenido.

– Oh – disse ela. – Em que batalha foi ferido? Foi Eragon que...

– Não.

– Então foi Galbatorix ou...

– Foi o meu pai.

Alín arregalou muito os olhos, e então Murtagh viu-lhe piedade no olhar, e não o suportou, por isso afastou-se e ocupou-se indo buscar a camisa de linho. Alín ficou o tempo todo em silêncio.

Thorn deu a Murtagh um encosto reconfortante no ombro, e Murtagh fez-lhe uma festa sem olhar para ele. Então Thorn começou a lambe as escamas ao longo das patas dianteiras, e as garras também, limpando-as da terra e do sangue de javali que as escureciam. A língua farpada emitia um som raspado a cada lambidela.

– Ah! Aguarde, por favor! Eu posso ajudar – disse Alín. Descreveu uma curta vénia e correu de volta para o templo.

Thorn fez uma pausa e ficou a observar com curiosidade.

– O que achas... – Murtagh interrompeu-se ao vê-la regressar com outra bacia, esta cheia de água, e vários outros panos envoltos no interior dos cotovelos.

Alín pousou a bacia sobre as pedras, à frente das patas dianteiras de Thorn, e curvou-se novamente.

– Por favor, Dragão, permite-me que o lave?

Murtagh sentiu Thorn ponderar, e então Thorn abriu a mente para ela e disse:

– *Permito, sim.*

A reverberação das suas palavras fez Alín pestanejar e recuar, mas depois acenou com a cabeça e molhou um pano e, com tanto cuidado como se limpasse as joias da coroa de um rei, frágeis devido à idade, começou a limpar o sangue e a terra das escamas de Thorn.

Murtagh assistia, sem saber o que fazer, mas tocado pela consideração dela. Em todo o seu tempo com Thorn, nunca se preocupara em ajudar a limpar o dragão. Thorn era minucioso nos seus cuidados pessoais, e Murtagh não via razão para oferecer ajuda.

Disse:

– Então os seus votos permitem-lhe tocar em Thorn, mas não em mim? Ele é tanto um *ele* como eu.

Alín franziu os lábios enquanto trabalhava o pano sob a ponta de uma escama.

– Sabe bem, meu Senhor, que Thorn não é humano, nem elfo, nem anão, nem Urgal. Com ele é diferente. Além disso, a minha fé nunca me proibiria o toque de um dragão. Isso seria... Ora, isso seria como trancar uma pessoa

no subsolo e recusar-se-lhe que sentisse o toque do sol no rosto.

– São os dragões assim tão essenciais para si e para os outros Draumar?

– São. Mais do que é possível explicar a um forasteiro.

– Mmh. – Murtagh olhou para o vale lateral. Bachel e a sua comitiva ainda não haviam chegado a Nal Gorgoth. – Tive uma visão durante a caçada.

O rosto de Alín sobressaltou-se, mas ela escondeu-o rapidamente.

– Temos muitas visões em Nal Gorgoth, meu Senhor.

– Sim, mas esta foi diferente, creio.

Murtagh descreveu-a enquanto ela continuava a trabalhar nos pés e pernas de Thorn. A acólita parecia cada vez mais desconfortável, até que – quando ele mencionou o dragão –disse:

– Pare! Não diga mais, meu Senhor. Isso é para a Oradora ouvir e interpretar, não eu.

– No entanto, eu gostaria de saber a sua opinião – disse Murtagh, e prosseguiu com seu relato.

Alín soltou um grito, largou o pano e tapou as orelhas.

– Isso... Não, não! Não consigo ouvir mais! – E, com as mãos ainda sobre a cabeça, saiu do pátio a correr.

Murtagh ficou a vê-la ir, frustrado. Fosse qual fosse a forma como ele tentava reunir informações sobre os Draumar, todos os caminhos pareciam levar de volta a Bachel.

Ao seu lado, Thorn levantou um pé e inspecionou as escamas agora brilhantes. Lambeu uma mancha de terra remanescente.

– *Alín não é uma má pessoa.*

– *Não, mas a sua lealdade está firmemente fixada em Bachel.*

Então Murtagh pegou nas duas últimas maçãs desidratadas dos alforges, sentou-se na perna dianteira direita de Thorn e começou a comer enquanto esperavam. A sua mente era uma balbúrdia de indecisão. Não deixava de ver relampejos do javali a espezinhá-lo, e também de Bachel a enfiar a adaga em Rauden, e do sol negro suspenso num céu morto... E perguntava-se repetidamente: O que poderia ser tão importante pelo qual o povo de Nal Gorgoth estivesse disposto a morrer sem hesitação?

Tinha de voltar a falar com Bachel. Tinha de tentar descobrir porque agira ela como agira. Se houvesse uma explicação razoável, talvez então... Mas não. Como poderia haver?

– Que achas tu de tudo isto? – perguntou a Thorn.

Antes de o dragão poder responder, Bachel e o que restava do grupo de caçadores entraram no pátio. Os cavalos de montanha desgrenhados estavam cobertos de suor e fumegantes. Arrastavam atrás de si liteiras improvisadas de ramos amarrados, sobre as quais repousavam os cadáveres dos javalis e dos guerreiros.

Murtagh levantou-se e avançou para Bachel, determinado a obrigá-la a ir além das evasivas.

Não havia dado mais de uns poucos passos quando um gemido comovente encheu o pátio e uma mulher descalça veio a correr de entre as casas. Tinha o cabelo solto, a esvoaçar em liberdade atrás dela, como um galhardete de fogo. Foi direta às liteiras e caiu sobre o corpo de Rauden, sempre a chorar, gritos profundos e agonizantes que doía ouvir.

Murtagh deteve-se. Uma multidão de moradores reuniu-se em redor do pátio, observando.

Bachel dirigiu-se à mulher e pousou-lhe a mão na cabeça.

– Minha filha – disse ela em tom de tristeza.

Então, falou com a mulher com um tom de voz destinado apenas a ela.

A mulher enlutada acenou com a cabeça e, embora as suas lágrimas não cessassem, Murtagh ouviu-a dizer:

– Obrigada, Mehtra.

E o que o surpreendeu foi ela parecer sincera.

Então, Bachel voltou a sua atenção para os aldeães reunidos.

– Meus filhos! Os nossos mortos precisam de ser enterrados, para que durmam e sonhem em paz. Venham comigo, para tratarmos disso, e tratar corretamente, e depois podermos celebrar as suas vidas com esta recompensa que o Sonhador nos deu. Venham! Façamos...

Interrompeu-a um chocalhar de ferro e um berrar de ordens severas vindo das ruas da aldeia.

– Avancem! Em frente!

Bachel não parecia surpreendida.

– Abram caminho! – ordenou, e o povo assim fez.

Murtagh e Thorn viraram-se para olhar.

Que será agora?, perguntou-se Murtagh.

Quatro guerreiros carregando lanças levaram uma fila de prisioneiros algemados para o pátio. Murtagh contou rapidamente: havia vinte e um homens e mulheres acorrentados, desgrehados, de cara suja, inexpressivos e apáticos como se já tivessem perdido toda a esperança de liberdade. Tratava-se de uma mistura de jovens e velhos, embora nenhum fosse criança. Pelas suas roupas, Murtagh adivinhou que os prisioneiros eram plebeus de algum lugar próximo de Ceunon. Tirados de um navio, talvez, ou capturados num ataque na Baía de Fundor.

Thorn ciciou e desnudou ligeiramente os dentes.

– *Eu sei* – disse Murtagh.

Com o seu passo pesado e arrastado, Grieve foi ter com os guerreiros de guarda aos presos. Falou com eles e depois regressou para o lado da sua senhora.

– Os seus mais recentes escravos, Oradora.

– Escravos? – disse Murtagh em voz alta, não fazendo nenhuma tentativa de esconder a indignação.

Não gostava de servidão, escravidão ou qualquer tipo de submissão forçada. Uma das primeiras mudanças que Nasuada fizera ao assumir o trono em Ilirea fora proibir tais práticas em todo o seu reino, uma mudança que Murtagh aprovara completamente. Embora ele sentisse que ela tirara algum valor ao decreto, exigindo que os mágicos se juntassem a Du Vrangr Gata ou então se vissem privados das suas capacidades através de ervas e poções.

Bachel deitou aos prisioneiros um olhar apreciador.

– Escravos que em breve se juntarão a nós na nossa elevada e terrível causa.

– Espera que essas pobres pessoas lhe jurem lealdade? – disse Murtagh.

Bachel arqueou uma sobrancelha. Envergando aquelas roupas salpicadas de sangue, ela tinha um aspeto fantástico, como se fosse um espírito da floresta que houvesse ganhado vida, e tão perigosa quanto qualquer animal selvagem.

– Todos os que servem a nossa causa aqui em Nal Gorgoth servem-na de bom grado, meu filho. Também lá chegará

– É... difícil acreditar nisso.

– E, no entanto, assim é, meu filho. É preciso ter fé.

– Como posso eu ter fé se nem sei qual é a sua causa?

Inescrutável como sempre, Bachel afastou-se.

– Em breve tudo será revelado, Assassino do Rei, mas eu advirto-o, poderá achar a compreensão mais difícil do que a ignorância.

Aos guerreiros que guardavam os prisioneiros, disse:

– Levem-nos. Conceder-lhes-ei audiência mais tarde.

E então voltou para junto dos seus guerreiros caídos e caminhou ao lado deles enquanto os cultistas carregavam os corpos para o templo. Com eles seguia a viúva de Rauden, agarrada ao peito.

Murtagh viu-os partir, sentindo-se impotente. Não podia intrometer-se num cortejo fúnebre. Então, ficou ao lado de Thorn e torceu o punho da Zar’roc até a pele da sua palma da mão quase se rasgar.



Murtagh sabia que poderia ter aprendido mais sobre os Draumar com os ritos envolvidos no enterro dos seus homens, mas, por ora, não se sentia capaz de suportar Bachel ou o resto dos aldeões. Em vez disso, disse a Thorn:

– *Preciso me mexer.*

Deixaram o pátio, e Murtagh deambulou com passos rápidos por Nal Gorgoth. A aldeia encontrava-se estranhamente vazia; todos os cultistas estavam no templo, e os únicos sons de vida vinham dos corvos na Torre de Flint e do gado criado na periferia da aldeia. Quanto aos prisioneiros – os escravos –, os guerreiros haviam-nos levado para longe do templo e da vista. Murtagh quase usou a mente para os procurar, mas depois decidiu esperar.

Haveria tempo suficiente para isso mais tarde.

Thorn seguia-o, com o cuidado de não raspar as escamas nos edifícios e destruir as talhas envelhecidas ou atirar ao chão alguma das esculturas semelhantes a dragões.

Murtagh parou e estudou as esculturas. Era inegável que se assemelhavam a dragões, mas era igualmente certo que as criaturas retratadas diferiam deles de maneiras subtis, fazendo-as parecer de uma raça diferente. Os espinhos ao longo das cabeças eram mais curtos do que os de Thorn ou Shruikan ou Saphira, e as próprias cabeças eram mais longas, ossudas e finas na zona da testa. Talvez as diferenças fossem

resultado de escolhas criativas por parte dos artesãos, mas Murtagh duvidava disso; as esculturas eram demasiado minuciosas – demasiado analisadas – para que tais liberdades ou imprecisões fizessem sentido.

– *Parecem-se mais com Fanghur* – disse, nomeando as serpentes do vento, as pequenas criaturas semelhantes a dragões que se sabia viverem nas Montanhas Beor.

– *Os pequenos vermes nunca voaram tão para o norte* – disse Thorn. – *Pelo menos, se confiarmos nas memórias de Yngmar.*

– *Poderemos confiar? O mundo é velho; nem mesmo os dragões sabem tudo o que aconteceu de relevante.*

– *De facto, é estranho* – disse Thorn, erguendo a cabeça acima dos telhados para farejar o ar.

Murtagh seguiu em frente.

Quanto mais tempo andava, mais agitado ficava. Entre a pancada que levara durante a caçada e a visão subsequente, não estava de forma alguma preparado para a morte de Rauden.

– *Não interessa o que diga Bachel, ou Alín, ou qualquer outra pessoa, aquilo foi errado.*

Bufou. Eragon dissera-lhe o mesmo depois de Murtagh ter matado Torkenbrand, o indefeso dono de escravos. Mas isso fora diferente. Torkenbrand era uma ameaça. Rauden não era ameaça alguma. Certamente, não para Bachel.

A lembrança do escravizador voltou-lhe o pensamento para os prisioneiros dos cultistas. Os seus *escravos*.

Uma certeza arreigada começou a formar-se dentro de Murtagh.

Parou novamente e olhou para Thorn. O dragão baixou a cabeça até se olharem nos olhos. Murtagh sentia a mesma certeza arreigada dentro de Thorn.

– *Eu não quero saber do futuro que Bachel vê para nós* – disse Murtagh.

– *Nem eu.*

– *Só quero saber o que ela e os Draumar estão a tentar fazer. Não pode ser coisa boa.*

O hálito quente de Thorn cobriu-o, uma sensação reconfortante.

– *Queres insistir com Bachel?*

Murtagh anuiu com a cabeça.

– *Quando comermos esta noite. Ou ela nos responde, e responde bem, ou...*

– *Nós lutamos?*

– *Se for esse o caso. Só que...* – Murtagh estremeceu. – *As crianças. Temos de proteger as crianças.*

Thorn lambeu os dentes.

– *É difícil lutar num ninho sem partir ovos.*

– *Então teremos que encontrar uma maneira de esvaziar o ninho primeiro. Este vale é suficientemente grande. Há muito espaço para fugirem e se esconderem.*

– *E se os filhotes se recusarem a fugir?* – Thorn inclinou a cabeça. – *Podem fincar o pé e querer lutar, como os mais crescidos, e depois?*

Murtagh abanou a cabeça.

– *Não sei. Faremos o nosso melhor.* – Pousou as mãos nos lados da cabeça de Thorn. – *Estamos decididos?*

– *Estamos.*

Contudo, a dúvida roía Murtagh. Confrontar a bruxa parecia uma perspectiva cada vez mais arriscada, mesmo que ele não conseguisse explicar razoavelmente porquê. Mas estava determinado, assim como Thorn. Não havia como recuar agora.

CAPÍTULO X



Reviravolta

Quando Murtagh e Thorn voltaram para trás pela aldeia, depararam com um velho desdentado sentado junto a um poço. O homem estava vestido com farrapos, olhos azuis brancos de cegueira e uma muleta grosseira cortada de um galho bifurcado. Balançava o corpo sobre as estreitas ancas e olhava sem visão para as montanhas, enquanto sorria, mostrando as gengivas.

Quando Murtagh passou por ele, o homem inclinou a cabeça e disse:

– Aha! O príncipe sem coroa, a caminho de uma terra estrangeira. Filho da tristeza, bastardo do destino, canta a traição lamentável. Dragão vermelho, dragão negro, dragão branco... Sol branco, sol negro, sol morto.

Murtagh parou e agachou-se ao lado do homem:

– O que sabe sobre um sol negro?

O homem virou o rosto para Murtagh. A sua pele estava tão profundamente enrugada que pendia em dobras, como couro solto, sobre seus ossos. Cacarejou:

– Sonhei, eu sonhei. Ahahaha. Sol comido, terra comida, o sangue velho vingado e o novo escravizado. Sonhou, príncipezinho? Viu? O quê? A Oradora comeu-lhe a língua? Ahahaha.

– Ninguém me comeu a língua – disse Murtagh, soturno.

O homem ignorou-o e virou-se para Thorn.

– Costas orgulhosas, pescoço curvado, escolher, escolher, escolher, mas não pode acordar da vida, oh, não. Sirva o Senhor ou durma para sempre. Que mentiras imortais podem em eras surgir, ahahaha!

E o homem não disse mais nada que se assemelhasse a um discurso coerente.

Frustrado, Murtagh levantou-se e continuou a regressar pela aldeia.

– *Isto não tem sentido* – disse a Thorn. – *Estão todos loucos. Devia chamar-se aldeia dos enigmas.*

– *Talvez tenha sido isso que apanhou Galbatorix e os Renegados.*

– *O quê? Charadas intermináveis?*

– *Ocorre-te melhor armadilha para uma mente arguta?*

Não lhe ocorria.

– *Pergunto-me se aquele tontinho de barba cinzenta é aquilo em que todos se transformam se permanecerem tempo suficiente neste vale amaldiçoado.*

Ao regressar ao pátio do templo, Murtagh e Thorn encontraram os cultistas a preparar mais uma festa. Mesas, cadeiras e peles voltaram a ser colocadas ao redor da extinta fonte, com braseiras de carvões incandescentes entre si, e fogueiras carregadas de carnes no espeto.

A comida estava longe de estar pronta, por isso Murtagh retirou-se para os seus aposentos por um bocado. Tentou dormir uma sesta, mas sua mente estava muito agitada para dormir. Em vez disso, deitado na cama de olhos fechados, arriscou estender os seus pensamentos e perscrutar levemente a aldeia e a área seguinte, procurando perceber se havia um grande número de pessoas escondido nas proximidades. Encontrou algumas faíscas brilhantes de consciência onde não esperava – uma sob o templo, e várias agrupadas no topo da sua torre mais alta –, mas nenhuma grande horda escondida, nenhum exército esperando para correr para sul e invadir Alagaësia.

Deveria ter sido um alívio, mas ele continuava tenso.

Por fim, levantou-se, voltou ao pátio e foi sentar-se com Thorn. Ali, pelo menos, sentia-se um pouco mais à vontade.

Quando o sol iniciou a sua descida, Grieve emergiu do templo e começou a supervisionar os procedimentos. Depois veio também Bachel.

Já sem o seu traje de caça, a bruxa envergava um vestido de lã fina tingido de um roxo tão escuro que era quase preto, e um adorno enfeitava-lhe a testa, este de ouro e prata, cravejado de rubis polidos. Um pesado manto de lã, vermelho como as folhas do outono, enrolava-se-lhe nos ombros.

Ela cumprimentou Murtagh e Thorn e prosseguiu para o seu estrado.

Lá, um grupo de acólitos vestidos de branco reuniu-se num círculo à roda dela, e começaram todos a balançar-se enquanto cantavam e trauteavam. Murtagh não via Alín entre eles.

Bachel ficava com a cabeça e os ombros acima dos acólitos, a sua altura aumentada pela plataforma que tinha debaixo de si. Balançava-se ao mesmo ritmo dos acólitos, olhos meio fechados, braços erguidos em direção ao céu como se implorasse favor a um deus invisível.

– *Um povo estranho* – comentou Thorn.

Murtagh resmoneou.

Depois de alguns minutos, Alín apressou-se a chegar até eles. Evitou o olhar de Murtagh e disse:

– Como posso servi-lo e a Thorn, meu Senhor? Posso trazer algo para beber?

Murtagh descartou a sugestão com um aceno.

– O que está ela a fazer? – perguntou, apontando para Bachel.

– Está a rezar por um clima quente durante o inverno, meu Senhor. E está a invocar sonhos para libertar as mentes dos escravos que os nossos guerreiros nos trouxeram.

Algo no fraseado de Alín incomodou Murtagh, mas não sabia ao certo porquê.

– E *a quem* reza Bachel?

Alín recuou.

– Trar-lhe-ei vinho e queijo, meu Senhor, para o compor até à festa.

– Espere, não foi isso...

Mas a jovem já partira, veloz, com a cabeça baixa e o capuz posto.

Murtagh soltou um suave rosnido e recostou-se em Thorn.

– *Que têm os sonhos que ver com convencer os reclusos a juntarem-se à causa dela?* – disse. – *Se os sonhos forem parecidos com os que nós tivemos, eles só vão querer ir embora.*

Um pequeno sopro de fumaça subiu das narinas de Thorn.

– *Talvez sonhem de forma diferente da nossa. A bruxa disse que nem todos aqui têm aquelas visões.*

– Mmm.

Murtagh não estava convencido.

Bachel continuou a balançar e cantar com seus seguidores até Grieve tocar um gongo de latão, quando ela bateu palmas e gritou:

– Vamos comer! Assassino do Rei, junte-se a mim.

Em seguida, voltou a afundar-se na sua liteira sobre o estrado.

Ele foi-se juntar a ela, relutantemente.



Murtagh aguardou pacientemente durante toda a festa, esperando o momento certo para confrontar a bruxa. Mesmo sentindo fome, comeu pouco, preferindo não carregar o estômago antes do que estava por vir. Era uma pena; as poucas dentadas que deu no javali que havia matado estavam deliciosas. Sobre isso, Bachel dissera a verdade. A carne alimentada com cogumelos era espantosamente saborosa, melhor do que qualquer outra que ele alguma vez provara, mesmo na corte de Galbatorix. Era húmida, salgada e doce, e tinha um sabor intenso a frutos secos. Quaisquer que fossem as suas outras falhas, os cultistas sabiam cozinhar carne de porco na perfeição.

Enquanto comiam, fez uma série de perguntas a Bachel, perguntas casuais às quais ela se esquivava. Mais valia tentar extrair informações de uma pedra. De certa forma, ficou grato por isso. A recusa da bruxa confirmava que ele e Thorn estavam a fazer a coisa certa ao escolherem confrontá-la.

Murtagh manteve o seu temperamento sob rédea curta, mas sentia-o efervescer enquanto se preparava para a ação. Nunca fora de ficar de braços cruzados, e as restrições e imposições sempre o haviam irritado. As evasivas de Bachel eram ambas essas coisas e mais ainda: ela estava a desrespeitá-lo à frente do seu povo.

Enquanto os aldeões serviam o último prato da refeição – uma gelatina moldada, recheada de frutos secos e bagas –, Murtagh lançou a Thorn um olhar discreto e disse:

– *Isto já durou que chegue. Fica a postos para lutar ou voar. Se as coisas correrem mal, não deixes Bachel fugir.*

Uma escura determinação coloriu os pensamentos de Thorn.

– *Eu estou pronto.*

E descontraiu as asas, preparando-se. Ninguém além de Alín, que estava atrás de Bachel, pareceu dar conta.

Murtagh esperava que a acólita não interferisse se as palavras se transformassem em violência. Concentrou-se e, então, disse:

– Bachel, Thorn e eu decidimos: não queremos mais esperar pela noite. A nossa paciência chegou ao fim. Teremos as nossas respostas. Agora. O que é que os Draumar procuram realizar? Qual é o futuro que previu e a quem serve? Quem é o Sonhador dos Sonhos?

Os aldeões que tocavam lira nem vacilaram, mas ele apercebeu-se de uma súbita tensão em todo o pátio, e do peso de muitos olhos.

A bruxa fez uma pausa com o copo a meio caminho da sua boca em viés. Depois, bebeu um gole e pousou o copo com extrema minúcia. Quando falou, a sua voz cortou como uma espada:

– É muito presunçoso, meu filho.

– Muito. E já não tenho estômago para estes infinitos mistérios. A senhora é a Oradora. Fale claramente comigo, então.

Ela acenou com a mão.

– Este não é o momento de nos debruçarmos sobre assuntos tão cansativos. Isso arruinaria o nosso prazer desta noite.

– Então, que seja arruinado! – A voz dele soou tão alto que os músicos tropeçaram nas suas cordas antes de recuperarem o ritmo. – Eu *insisto*.

A raiva ruborizou o rosto de Bachel. Atrás dela, Alín observava, de olhos arregalados e apavorada. Com uma voz assustadora, a bruxa disse:

– Insiste! – Tirou o manto e pôs-se de pé, e os músicos finalmente ficaram em silêncio. – Não tem o direito de insistir aqui, Ó meu filho rebelde. As tradições de hospitalidade protegem-no, mas nem um convidado me pode insultar impunemente.

– Convidados ou não, teremos nossas respostas – disse Murtagh.

Atrás dele, Thorn rosnou ligeiramente e ergueu-se, ficando agachado. O Draumar mais próximo dele afastou-se atabalhoadamente, espalhando bandejas, pratos e comida pelo pátio e derramando gotas escuras de vinho que se espalhavam como sangue a alastrar. Thorn disse:

– *Diria não a um dragão, bruxa?*

Num instante, a raiva de Bachel transformou-se em desprezo igualmente frio.

– Vocês não compreenderiam as minhas respostas. Nenhum dos dois é capaz disso. Ainda não. Não enquanto forem forasteiros.

– Bah! Outro retórico nada. – Da bolsa no seu cinto, Murtagh retirou o fecho de Saerlith e lançou-o sobre o estrado entre ele e Bachel. O metal tilintou quando atingiu a pedra. – A quem serve, bruxa? Foi um instrumento dos Renegados? De Galbatorix? Ou eram eles seus inimigos?

A expressão de Bachel escureceu ao contemplar o fecho.

– Tem-se intrometido onde não deveria, Forasteiro.

– E continua a não responder. A quem serve? O que pretende?

– A quem eu sirvo? – A voz da bruxa ganhou poder, aprofundando-se de tal modo que as suas palavras ecoaram nas paredes e colinas. – Eu sirvo um poder maior do que poderá imaginar, Cavaleiro. Eu sirvo o Sonhador de Sonhos, e não serei interrogada por pessoas como Murtagh! Curve-se diante do meu poder e mostre a sua contrição!

Aquelas palavras finais chegaram como um golpe poderoso, e o ar sacudiu poeira solta e lascas de pedra que caíram do telhado do templo. Uma nuvem de escuridão formou-se em torno da silhueta de Bachel enquanto ela levantava os braços e gritava com um som sem palavras para o céu sombrio.

Um ataque que Murtagh esperava. Mas nenhum ataque se consumou. Em vez disso, ouviu o grito dela percorrer todo o vale, como uma investida de cavalaria, circundando e repetindo-se, e depois o ar ficou parado, e os Draumar prostraram-se em tristes súplicas. Um instante depois, o pátio agitou-se debaixo deles, e todo o vale parecia sacudir-se e gemer, e até as montanhas tremeram. Os picos de granito soltaram longos deslizamentos de neve encrostada, e ondas devoradoras de branco desceram pelas encostas arborizadas, e o bando de corvos de Bachel crocitava os seus alarmes mortíferos de dentro da Torre de Flint. Corujas e águias ergueram-se, grasnando, das copas das árvores, e animais de todos os tipos espalharam-se pelo vale.

Thorn rosnou quando o chão se mexeu. Ergueu-se no ar, e a batida das suas asas só aumentou a confusão. A rajada de vento foi tão forte que obrigou Murtagh a cerrar os olhos até mal conseguir ver.

Então, o chão do vale voltou a aquietar-se. Os gritos dos animais esvaneceram-se, sendo o último a ouvir-se o agudo regougar de uma raposa.

Thorn desceu e instalou-se ao lado de Murtagh. As escamas do dragão estavam levantadas, como o eriçar de um gato assustado.

Momentos depois, ouviram baques e pancadas secas oriundos do topo das montanhas, como golpes de martelos de gigantes.

Bachel baixou os braços. Olhou para ele e para Thorn com uma expressão distante, como se fossem de pouca importância. Quando falou, tinha a voz oca e desprovida de emoção.

– Não teste a minha paciência novamente, Murtagh, filho de Morzan. Partilharei a verdade convosco quando o considerar adequado. Até lá, desfrute da minha hospitalidade e não seja impertinente.

Então, curvou-se e pegou o fecho de Saerlith, fechando a mão à sua volta. Até então, Murtagh não sentira nenhuma magia, nenhuma força ou ímpeto irradiando da bruxa, mas agora sentia, e um clarão de luz dourada irradiou entre os dedos dela. Bachel abriu a mão para revelar o fecho esmagado, tornado um tosco globo.

Lançou o globo para a braseira que estava ao lado do estrado, sentou-se na sua liteira e voltou a pegar no copo.

– Vamos, meu filho – disse. – Sente-se, esqueçamos este desagrado e aproveitemos o resto da noite.

Havia, Murtagh tinha-o aprendido, momentos em que o mais sensato era fazer tempo em vez de mergulhar de cabeça na batalha.

Este, decidiu, era um deles.

Afrouxou a mão sobre o punho da Zar’roc e voltou, cautelosamente, a sentar-se na sua cadeira. Tinha os braços húmidos de suor, e mal conseguia ouvir por causa do barulho do sangue desenfreado nos seus ouvidos.

Em seguida, Bachel bateu palmas e disse:

– Músicos, outra vez.

E os músicos voltaram a dedilhar as suas liras e a cantar na sua língua oculta, e, por todo o pátio, os Draumar levantaram-se e começaram a recolher o conteúdo disperso da festa. Atrás do estrado, Alín permanecia encolhida. As mãos tremiam-lhe, agarradas à parte da frente do seu manto branco.

Thorn instalou-se junto às costas de Murtagh, e ele estava muito agradado com a companhia. A preocupação do dragão espelhava a sua.

– *Devíamos ir embora daqui* – disse Thorn.

– *Concordo.*

– *Então, por que esperamos? Alguns segundos, e posso pôr-nos no ar.*

– *E a bruxa consegue lançar a sua magia tão depressa quanto consegue pensar.* – Um cultista ofereceu a Murtagh uma seleção de doces, e Murtagh simulou um sorriso e recusou. – *Queres lutar contra ela agora?*

– ... *Não.*

Um momento de compreensão ensombrecida perpassou entre eles. A bruxa era mais capaz do que qualquer um deles esperava, e Murtagh não queria testar a sua magia contra a dela, por medo de lhe ficar muito aquém.

– *O que ela fez não deveria ser possível. Ninguém tem força suficiente para mover tanta terra e rocha ao mesmo tempo. Nem mesmo Shruikan.*

– *Se todos os Eldunarís trabalhassem juntos, consegui-lo-iam.*
– *Talvez. Mas eu já procurei com a mente. Tu também. Não há Eldunarís aqui.*

Sentiu a respiração quente de Thorn na sua nuca.

– *Ela pode ter usado uma reserva de energia escondida em pedras preciosas.*

– *Mas porquê desperdiçá-lo numa manifestação destas? Tanta energia seria um tesouro incalculável. Levaria anos e anos para ser adquirida.* – Murtagh resistiu ao impulso de agarrar de novo na Zar’roc. Queria ter a espada na mão, desembainhada, e um escudo no braço. E, no entanto, sabia que nada disso o protegeria contra o poder de Bachel. – *Não, ela deve ter uma fonte de energia que se renova, e não pode estar muito longe.*

Ergueu o olhar quando Alín se aproximou com um cântaro de vinho e lhe ofereceu uma taça de pedra. Aceitou, e ela encheu-lhe a taça, embora se recusasse a olhar para ele. Depois, curvou-se e disse:

– Meu Senhor.

E foi-se embora.

Ainda inquieto, Murtagh bebeu mais do que era seu hábito. O vinho pouco fez para lhe acalmar os nervos. Tomou outro gole, e ocorreu-lhe um pensamento que o fez baixar o copo e olhar para as brasas da braseira próxima, enquanto sopesava as implicações.

– Acho que sei porque continua Bachel a empatar-nos. Ela quer que voltemos a dormir. A sonhar. É disso que está à espera. Já o disse, não foi? Por essa razão nos pediu para cá passarmos a noite. Deve acreditar que os sonhos daqui irão de alguma forma convencer-nos a juntarmo-nos à causa deles. O mesmo sucede com os seus prisioneiros.

Um rosnado suave soou atrás dele.

– *Então, não podemos dormir.*

– *Não nos atreveremos a dormir.* – Murtagh girou a taça entre os dedos.

– *Se perdêssemos o controlo, temo pensar no que poderia acontecer.*

– *Seria bom ter ajuda se quisermos lutar contra Bachel.*

Aquele pensamento custava a Murtagh, mas não via alternativa.

– *Concordo. Assim que sairmos daqui, enviarei uma mensagem a Eragon e Saphira, e a Arya e Fírnen.*

Um laivo de entusiasmo ardente coloriu a mente de Thorn.

– *E então, a mais recente geração de dragões e cavaleiros poderá passar a voar junta.*

– *Mmm. Antes de deixarmos Nal Gorgoth, porém, quero descobrir o que há naquela caverna.*

A resposta inicial de Thorn foi de cautela.

– *Porquê?*

– *Porque talvez esteja lá em baixo a fonte do poder de Bachel.*

– *E se a encontrares...*

– *Talvez possamos nós usá-la. Ou poderei destruí-la. De qualquer forma, saber o que é dar-nos-ia mais hipóteses de derrotar Bachel. Vamos aguardar que todos adormeçam, eu vou investigar a caverna e depois vamos embora. Quando a bruxa acordar, já estaremos longe.*

– *Ótimo* – disse Thorn.

Então Bachel propôs um brinde, e Murtagh sorriu e ergueu a sua taça em resposta. Ao mesmo tempo, a sua mente redemoinhava com especulações obscuras.

CAPÍTULO XI



Expectativa

Quando a festa terminou, já a noite caíra. Como parecia ser seu hábito, Bachel comera todos os pratos colocados diante dela, e mais ainda. Também bebera um pequeno barril de vinho tinto doce e agora estava sentada no trono, inchada de saciedade. Olhar para ela plantou na mente de Murtagh a imagem de um grande sapo, alimentado em excesso, agradoado com a sua própria gula.

A um sinal de Grieve, os portadores da bruxa levantaram a liteira e levaram-na para os recessos escuros do templo. Então, a música cessou, e os cultistas começaram a retirar as mesas e limpar os despojos da festa, e Alín foi ter com Murtagh e ofereceu-se para o conduzir aos seus aposentos.

Depois de se despedir temporariamente de Thorn, este aceitou.

O manto branco de Alín quase parecia brilhar enquanto ela o guiava pelos corredores penumbrosos do templo.

– Bachel alguma vez fez algo assim? – Murtagh sabia que não precisava de especificar.

Uma hesitação momentânea – um estremecimento quase impercetível – revelou-se na passada de Alín.

– Uma vez, há muito tempo, meu Senhor. Uma mulher chegou a Nal Gorgoth. Uluthrek era o seu nome, o que era estranho, pois ela era humana. Bachel foi lidar com ela fora da aldeia. Ninguém ouviu o que disseram, mas, no final, o Vale dos Sonhos tremeu como hoje.

– Bachel foi ao encontro *dela*? – Murtagh tinha dificuldade em imaginá-lo.

– Sim, meu Senhor.

– Sabe porquê?

– Não, meu Senhor.

Quando chegaram às portas dos seus aposentos, Murtagh disse:

– Alín, está vinculada por juramentos. Compreendo isso. Mas preciso de saber: qual é a fonte do poder de Bachel? Diga-me pelo menos isso.

– Ela é a Oradora, meu Senhor. Todos os que servem como Oradores têm esse poder.

– Sim, mas porquê? De onde vem?

Uma pitada de exasperação animou as feições de Alín.

– Essa é uma pergunta tola. Vem do Sonhador dos Sonhos, como tudo na vida. – Curvou-se, e depois disse: – Os seus aposentos, meu Senhor. – E virou-se para se ir embora.

– Espere!

Sem pensar, Murtagh estendeu a mão para a deter. Mas Alín viu, e encolheu-se para se afastar da mão dele como se esta fosse um ferro em brasa, e as suas costas embateram numa coluna embutida na parede.

Soltou um grito angustiado e arqueou o peito, perdendo toda a compostura.

Murtagh recolheu a mão quando percebeu que quase lhe tocara. Em seguida, os olhos estreitaram-se-lhe ao ver a diligência com que Alín se endireitava, rosto pálido como neve recém-caída.

– Ela mandou chicoteá-la, Alín – disse. Não era uma pergunta. Reconheceu a forma como Alín se movia; ele movia-se da mesma forma sempre que Galbatorix o mandava para o poste.

– Eu não devia ter falado consigo como falei – disse Alín em voz baixa.

– Depois da caçada? – Murtagh esforçou-se para deixar a raiva de fora do tom de voz.

Ela assentiu com a cabeça.

– Foi errado ser tão familiar consigo. *Eu* errei.

Cobriu o rosto com as mãos e, antes de Murtagh lhe conseguir responder, correu para longe, os seus sapatos de couro percutindo pelo corredor de pedra.



Uma espessa camada de nuvens formou-se sobre as montanhas, deixando a noite desprovida de estrelas e de lua. A escuridão convinha a Murtagh; tornar-lhe-ia muito mais fácil esgueirar-se.

Ainda assim, era difícil avaliar a passagem do tempo sem uma visão do céu, e ele não tinha certeza de quanto tempo aguardar antes de deixar os aposentos. Acendeu uma pequena fogueira na lareira do quarto e ficou a ver as chamas consumirem a madeira.

A sua mente recusava-se a descansar. As imagens do sol negro e do dragão gigante não deixavam de se intrometer, e ele deu por si a planear e planear de novo o que poderia acontecer se ele e Thorn tivessem de lutar contra Bachel e o resto dos Draumar.

Acontecesse o que acontecesse, queria proteger as crianças. Mas seria difícil, muito difícil, dadas as capacidades da bruxa.

Retirou uma das coroas de ouro da bolsa presa ao cinto e segurou-a diante do fogo. O metal brilhava com um polimento quase espelhado e liso. Tinha um feitiço embebido, deduziu, para preservar a moeda do desgaste.

O perfil esculpido de Nasuada permanecia misterioso como sempre. Passou-lhe o polegar pela face e depois parou, sentindo-se como se tivesse tomado uma liberdade injustificada.

Ela estava em perigo – tinha certeza disso –, e o perigo provinha em grande parte de Bachel. E ele estava determinado a ajudar a protegê-la.

– Se ao menos... – murmurou, interrompendo-se.

Haveria frase mais inútil do que aquela? Se ao menos ele não tivesse convencido Galbatorix a mandar raptar Nasuada. Mas, se não o tivesse feito, o rei tê-la-ia matado. Tal como tantas vezes ocorrera na vida de Murtagh, fora forçado a escolher entre dois males, e, embora tivesse tentado escolher o menor dos dois, continuava a ser um mal.

Melancólico, guardou a moeda e olhou para as profundezas do fogo.

Quem lhe dera ter-se lembrado de ir buscar o compêndio aos alforges de Thorn e trazê-lo consigo. A leitura teria sido uma distração bem-vinda. Em vez disso, decidiu compor outro poema.

As palavras chegavam-lhe aos solavancos, pouco graciosas, e os versos pareciam-lhe incompletos e desagradáveis ao ouvido. Ainda assim, continuou a tentar esculpi-los para os suavizar e, no final, recitou para si mesmo:

Frágil é a flor que cresce na escuridão.

Preciosa é a flor que floresce à noite.

*Seus jardineiros ausentes, cegos ou indiferentes.
Mas pétalas dobradas e partidas continuam dotadas de beleza
Própria. Cautela com os sítios por onde caminhas, para não
Pisares os tesouros espalhados diante de teus pés.*

Quando o fogo já ardia há, parecia-lhe, uma hora, Murtagh esmagou as brasas com o tacão da bota, foi até às janelas viradas a leste e olhou para os homens que estavam de guarda no pátio.

Praguejou. Em vez de dois guerreiros, estavam lá agora sete, todos eles acordados. E, sobre os seus peitos cobertos com uma cota de malha, discerniu a forma bem sua conhecida do amuleto encantado dos cultistas em forma de caveira de pássaro. Bachel estava a enviar-lhe uma mensagem. Sabia que ele se havia esgueirado do quarto na noite anterior, e agora tomava precauções para impedi-lo de voltar a fazê-lo. Sete homens ou dois – os números exatos não importavam. O que importava eram os amuletos, que poderiam bloquear o feitiço que ele usara na véspera.

Só havia uma maneira de descobrir.

– *Slytha* – murmurou.

Murtagh sentiu uma ligeiríssima diminuição da sua força, mas os homens pareciam totalmente inalterados.

– Raios – disse ele entre dentes cerrados.

Thorn, enroscado sobre as lajes, olhou para ele.

– *Queres que elimine os homens?*

A ideia era tentadora.

– *Ainda não. Deixa-me refletir um pouco.*

Um sopro de fumo cinzento subiu das narinas de Thorn. Os guerreiros lançaram-lhe olhares nervosos.

Murtagh saiu da janela e passeou pela sala enquanto sopesava opções. Foi a sua lembrança da caixa emaranhada que lhe deu o primeiro indício de uma solução. A caixa fora projetada para capturar e aprisionar feiticeiros que também estavam protegidos contra a magia. Fazia-o alterando as coisas em redor do prisioneiro, mas não o próprio prisioneiro.

– *Teremos de ser rápidos* – disse Murtagh, voltando à janela.

– *Eles não vão escapar* – respondeu Thorn.

Murtagh flexionou as mãos, preparando-se. Então, convocou a sua força de vontade e sussurrou:

– *Thrysta vindr.*

O feitiço era bastante simples, mas era a intenção que importava.

No início, os sete guerreiros não notaram que nada de estranho. Depois, um deles fez uma cara esquisita e um movimento em pânico em direção ao homem à sua frente. O companheiro franziu a testa.

Murtagh já estava em movimento. Saltou pela janela, deslizou pelo telheiro – sem se preocupar em diminuir a velocidade – e caiu no pátio.

A sua súbita aparição assustou os homens, levando-os a agarrar as lanças e apontá-las a Murtagh. Contudo, quando tentaram gritar e fazer soar o alarme, nenhum som lhes saiu da boca, pois, como Murtagh calculara, o feitiço endurecera o ar sobre os seus rostos para que não pudessem inspirar nem expirar.

Os olhos dos homens encheram-se de raiva, indignação e terror, e os seus rostos ficaram roxos por o sangue se lhes congestionar sob a pele. Mas eram corajosos. Murtagh admitia-o. Cinco dos homens atacaram-no, enquanto outro se virou para correr para a parte principal da aldeia e mais um correu em direção à entrada do templo.

Thorn estendeu um pé e atirou ao chão o guerreiro que se dirigia à aldeia. Ele não se levantou.

Murtagh saiu disparado para o outro lado e embateu com o ombro no homem que corria para o templo. O guerreiro tropeçou e caiu.

Os outros cinco homens fecharam-se sobre Murtagh. Um golpe desajeitado de uma lança ativou-lhe as proteções, e depois ele conseguiu recuar e colocar a fonte destruída entre si e os seus perseguidores.

Os guerreiros tentaram segui-lo. Mas faltava-lhes o ar. Um após o outro, soçobraram, rostos manchados e descoloridos, veias salientes ao longo dos pescoços.

Depois, tudo ficou silencioso, à exceção dos barulho dos pés deles a tamborilarem nas lajes.

Murtagh correu para Thorn e verificou se as correias da sela estavam seguras. Ele nunca retirara o arnês do dragão durante todo o tempo em que haviam estado em Nal Gorgoth, nem Thorn lho pedira.

– Agora não há remédio –, disse Murtagh em voz baixa.

– *Devemos sair antes que alguém perceba.*

– Primeiro a caverna. – Thorn bufou em desaprovação, e Murtagh lançou-lhe um olhar. – É a nossa única oportunidade de descobrir o que lá se encontra.

O dragão rosnou no fundo do peito.

– *Muito bem, mas ficarei feliz por deixar este lugar.*

– Seremos dois.

O último dos guerreiros ficou inerte e sem vida quando Murtagh apertou o cinto da espada e foi buscar o manto aos alforjes. Ponderou vestir a cota de malha. A armadura teria sido um conforto, ainda que reduzido, mas, mesmo com uma ligeira camada de ferrugem a abafar os anéis de ferro, temia que a cota fizesse muito barulho.

Com Thorn a seguiu-o furtivamente – ou tão furtivamente quanto conseguia um dragão do seu tamanho –, Murtagh deslizou pela esquina nordeste do templo e atravessou a faixa de erva aparada até ao bosque de pinheiros. À entrada do bosque, Murtagh parou para procurar com os pensamentos. Não encontrando ninguém à sua frente, sussurrou:

– *Brisingr.*

Um ténue luminomem vermelho acendeu-se no ar por cima deles.

O fogo arcano iluminava o caminho enquanto prosseguiram pelo trilho que serpenteava entre os pinheiros ensombrecidos. As trevas e as sombras pressionavam-nos de todos os lados, como se o único pedaço de realidade que existisse fosse o pequeno círculo de terra tingido de vermelho.

Thorn tremia de desconforto e mantinha a cabeça e a cauda baixas para evitar os ramos.

Sob os pinheiros, o ar estava carregado do cheiro de ervas e cogumelos, bem como do aroma sempre presente de enxofre. Murtagh sentiu-se como se estivessem no armazém de um curandeiro e interrogou-se sobre a utilidade daquelas plantas.

Na caverna escancarada situada na base do sopé, Murtagh viu uma mancha de sangue fresco no topo do altar, à esquerda da abertura. Sob o brilho rubi do luminomem, a marca parecia preta, como tinta, e a visão encheu Murtagh de uma apreensão do mal.

Soltou a Zar’roc na bainha e continuou em frente.

Depois de ter avançado vinte pés no interior da caverna, ouviu os passos de Thorn vacilarem nas suas costas. Olhou para trás e viu o dragão pregado ao chão, asas apertadas contra o corpo, o lábio superior enrugado num

rosnido assustado.

Murtagh olhou para o teto arqueado de pedra, bem alto.

– Até aqui? – perguntou em voz baixa. Pensara que ali havia espaço suficiente para Thorn não se sentir ameaçado.

O dragão rosnou igualmente baixo.

– *Peço desculpa.*

– As tuas asas nem sequer tocam nas paredes. Se precisares de lutar, consegues; e, se tivermos de fugir, há espaço para dares a v...

– *Não, eu...* – Thorn esticou uma pata para a frente e, em seguida, estremeceu violentamente e puxou-a para trás. Pestanejou, e uma película brilhante cobriu-lhe os olhos, reluzindo com o reflexo do luminomem. – *Eu quero, mas não consigo.*

Murtagh voltou para trás e colocou os braços em volta do pescoço de Thorn. Por um momento, ficaram assim, e o calor das escamas de Thorn aqueceu o peito de Murtagh através da sua fina camisa de linho.

– Está tudo bem – murmurou. – Fica aqui. Eu despacho-me, e depois podemos ir embora.

Thorn emitiu um som nasal, parecendo envergonhado.

– *Gostava de não ser tão defeituoso.*

Uma onda de tristeza, compaixão e arrependimento dominou Murtagh. Abrindo mais ainda a sua mente, disse:

– *As minhas mágoas são diferentes das tuas, mas sou tão defeituoso quanto tu, se não mais. Tu sabes.*

– *Sei.*

– *Ninguém é perfeito. Ninguém atravessa a vida inteiro e ileso. Portanto, não te culpes pelo que está fora do teu controlo. Estamos aqui e temo-nos um ao outro. É isso que é importante.*

Outro arrepio percorreu o corpo inteiro de Thorn.

– *Eu tento seguir-te. Se...*

– *Não, não. Fica aqui. Tentaremos noutro sítio, quando não estivermos preocupados com a possibilidade de sermos esfaqueados pelas costas. Fica aqui, voltarei num instante.*

– *Prometes?*

– *Prometo.* Wiol ono.

CAPÍTULO XII



O mau «dorme bem»

Murtagh avançou sozinho para a escuridão expectante. Apesar das garantias dadas a Thorn, sentia-se vulnerável e receoso. As câmaras enterradas por baixo dele estavam repletas de desconhecido, imprevisto e escuridão. Como poderia preparar-se para enfrentar aquilo que ainda não nomeara?

Manteve a Zar'roc solta na bainha enquanto descia as escadas de pedra cortada que levavam à caverna. O teto permanecia alto, perdido numa cúpula de sombra que a fraca iluminação do luminomem não conseguia penetrar. Podia ter aumentado o fluxo de energia para o luminomem – avivando-o até ficar tão brilhante como um sol em miniatura –, mas isso daria muito nas vistas. Além disso, ouvia os guinchos dos morcegos empoleirados muito lá no alto; mais luz arriscaria despertá-los, e isso, *sim*, denunciaria a sua posição aos cultistas.

Os seus passos pareciam-lhe curiosamente barulhentos enquanto continuava a descer as escadas, cada arrastar e raspar granuloso ecoando nas paredes invisíveis e acelerando-lhe a pulsação. Os degraus corriam para frente e para trás, em ziguezague, e estavam gastos ao meio, encovados da passagem de incontáveis pés ao longo dos séculos. Murtagh sentia uma sensação não apenas de idade mas de antiguidade. Quem quer que tivesse construído as escadas fizera-o muito antes de Alagaësia ser habitada. Que dissera Bachel? Que os cultistas viviam em Nal Gorgoth desde antes de os elfos serem elfos... Começava a achar que ela dissera a verdade.

A caverna mantinha altura e largura suficientes para um dragão do tamanho de Thorn – ou maior –, enquanto continuava a aprofundar-se cada vez mais na terra sonora. O ar estava mais quente agora, e mais húmido também, e o cheiro de enxofre ainda mais forte.

Murtagh enxugou as palmas das mãos nas calças. Não queria que a mão lhe escorregasse no punho da Zar'roc.

A boca da caverna desapareceu atrás dele, e Murtagh viu-se de súbito sozinho num mundo de trevas. Estendeu os seus pensamentos – percorrendo uma distância maior do que ele se apercebera – e tocou a mente de Thorn.

– *Tudo bem?* – perguntou.

– *Os corvos estão agitados, mas a aldeia ainda dorme.*

Murtagh acelerou o ritmo.

– *Vou tentar não demorar muito mais, mas esta caverna... parece sem fundo.*

– *Não te preocupes. Estou de guarda à entrada.*

– *Eu sei.*

Apesar do calor, Murtagh estremeceu. Sentiu eriçarem-se-lhe os pelos da nuca e apercebeu-se de uma presença desconcertante, como se mil olhos invisíveis o cercassem na pressão do escuro. A sua coragem vacilou, e estava prestes a aumentar a intensidade do luminomem quando...

Um brilho esverdeado apareceu diante dele, tão fraco que mal era perceptível. No início, pensou que os olhos lhe estavam a pregar partidas, mas, depois de mais alguns passos, percebeu que não, havia realmente luz à sua frente.

Extinguiu a luz do luminomem, e as sombras substituíram-na de imediato. A luminescência verde doentia guiava-o e, a cada passo, inchava de força até que ele viu: as escadas de pedra cortada terminavam num chão rochoso de caverna que se estendia em direções desconhecidas. As rochas com afloramentos de carvão encontravam-se manchadas por membranas de lodo virescente, das quais emanava a luz baixa e sem chama. Espreitando por entre as rochas, surgiam numerosos cogumelos, sendo a variedade mais comum um pequeno, de chapéu roxo, com brânquias pendentes semelhantes à carne interior de uma ostra. Por toda a parte, subiam do chão da caverna mechas de vapor de enxofre, como se a própria terra respirasse e transpirasse.

Um caminho sinuoso de lajes semelhantes às do pátio do templo estendia-se a partir do fundo das escadas e desaparecia nas sombras que retiniam.

Murtagh praguejou para si mesmo, baixinho, quando chegou ao fundo. Nunca vira um lugar assim – nem mesmo nas Montanhas Beor, entre os túneis e cavernas que os anões construíam e mantinham. Se o espaço se formara naturalmente ou não, não o saberia dizer. Não se via nenhuma estalactite ou estalagmite, e as rochas viscosas encontravam-se partidas em pedaços muito semelhantes às pedras das pedreiras.

Empurrou o manto para trás dos ombros. *Devia tê-lo deixado com Thorn.* O calor estava a tornar-se insuportável.

Tentou estimar quão fundo estaria. Tinham de ser várias centenas de pés, se não mais. Cinzelar todos aqueles degraus teria sido uma empreitada monumental, mesmo com magia, e se tivesse sido feito manualmente... *O que será assim tão importante aqui em baixo?*

Começou a percorrer o caminho.

O desagradável brilho do lodo, o cheiro de enxofre e a sua desconfiança subjacente combinaram-se para lhe darem a volta ao estômago, como tivesse comido um ovo de pato mal cozido. Engoliu a saliva que lhe enchia a boca e tentou ignorar a sensação, embora o seu corpo lhe dissesse para fugir para o céu aberto e o ar fresco.

O seu pé direito embateu com força em algo.

Uma rocha do tamanho de um punho rebolou. Saiu do caminho e recuperou-a. A rocha reluzia e brilhava como se queimasse por dentro. Era um par perfeito para a pedra que tirara a Sarros em Ceunon, há meio ano já, ao que parecia.

Com o coração acelerado, enfiou a pedra na bolsa do cinto.

A cerca de cem pés das escadas, uma enorme parede curva emergiu diante dele, tosca e rachada. Três túneis perfuravam a parede, e Thorn caberia em cada um deles, com as asas bem dobradas e a barriga encostada ao chão, como uma grande serpente brilhante. O túnel do meio era bordejado com pedra trabalhada: um anel de blocos retangulares esculpidos com linhas angulosas e as mesmas runas desconhecidas que havia na aldeia. No centro de cada bloco fora colocada uma opala polida que refletia o brilho do lodo, produzindo um efeito de olho-de-gato.

Os túneis à esquerda e à direita eram simples, inacabados: tubos de pedra toscos que se enfiavam nas raízes das montanhas. Não pareciam cinzelados nem martelados e, no entanto, também não se afiguravam inteiramente

naturais. Lembravam bastante a Murtagh os túneis pelos quais este havia fugido durante a fuga das câmaras secretas do Capitão Wren sob Gil'ead – só que estes eram muito maiores.

Sons fracos emanavam das profundezas dos túneis. Sussurros. Gemidos. Gritos suaves ecoando, que tinham algo que lembrava pios, que lembrava pássaros. No início, pensou que estava ouvir vozes e chamamentos de animais, mas passado um pouco convenceu-se de que era o próprio ar a passar pelas veias da terra que originava os sons misteriosos.

Optou por entrar no túnel central. Os artesãos desconhecidos que tinham trabalhado nas cavernas haviam dado atenção especial àquele, por isso devia ser importante, ou conduzir a algo importante.

Proseguiu em frente. Ainda mais fundo no ventre da terra. Mais fundo no negro desconhecido, procurando, procurando, sempre procurando uma costa mais distante, cada sentido afiado e raspado como uma navalha, a pele toda arrepiada, suor frio escorrendo-lhe pela nuca e acumulando-se junto ao cinto.

As paredes do túnel estavam revestidas com azulejos em forma de diamante de pedra tosca, lapidados como escamas de um dragão. Sentia-se a caminhar pelo interior de uma gigante pele descartada.

Não foi muito longe. Um minuto de caminhada, não mais, e a escuridão invadiu tudo novamente, pois os azulejos não tinham lodo.

Então, viu uma divisão diante dele, quente de luz. Uma divisão clara. Uma divisão branca, cor de osso, revestida de mármore fino, cujos veios tinham entalhes de ouro martelado. Havia incensários de latão pendurados em correntes que desciam de cabeças de dragão esculpidas, projetadas das paredes curvas revestidas de colunas. Ardiam pequenas chamas em nichos na parede, mas os fogos não consumiam mechas nem combustível; pareciam brotar diretamente do mármore.

Várias portas abertas, de tamanho humano, levavam a ainda mais túneis. Mas foi o que estava no centro da sala que captou a atenção de Murtagh, pois era grande e estranho: um anel de mármore tosco, com várias mãos de altura, e uma tampa de metal cinzento por cima, como um poço coberto.

À medida que se aproximava, viu uma vidraça de cristal transparente emoldurada no metal e, através do cristal... um vazio vaporoso afundando-se ainda mais na terra.

Franziu a testa. Seria este o poço sagrado que Grieve havia mencionado? Seria isto – ou o seu conteúdo – a fonte do poder de Bachel? O poço em si não parecia grande coisa. E, no entanto, o ar parecia reverberar como uma corda dedilhada. Era verdade que nem todas as magias eram feitas por humanos, elfos, anões ou qualquer outra raça autoconsciente e pensante. Havia magias naturais também, como os cristais flutuantes de Eoam, mas que tendiam a ser selvagens e imprevisíveis.

Se o poço fosse um lugar desses, isso poderia explicar a destreza de Bachel com magia. E, se assim fosse, não era o tipo de coisa sobre a qual os Draumar deveriam ter o domínio. Não que ele quisesse que os Du Vrangr Gata assumissem o controlo de um local tão importante. Era exatamente para isso que os Cavaleiros haviam sido criados: para supervisionar e mediar o que pudesse desestabilizar a terra.

Inclinou-se sobre a tampa martelada e semicerrou os olhos enquanto tentava espreitar através das cobras de vapor que rodopiavam lá em baixo. Havia um indício de uma forma sob a névoa: um contorno vago que quase conseguia descortinar.

Abrindo a mente, enviou um cauteloso pensamento perscrutador para a neblina. Não sabia o que esperava encontrar, mas suspeitava de que havia *algo* de interesse escondido no fundo do poço...

Os gemidos e murmúrios que ecoavam pelos túneis pareceram ficar mais altos, e a visão de Murtagh cintilou como se emoldurada por criaturas sombrias em movimento. Quando pestanejou, relampejaram-lhe imagens no interior das pálpebras – depressa de mais para as conseguir registar –, e uma vontade poderosa de dormir instalou-se-lhe sobre os ombros, empurrando-o para baixo. Combateu-a, alarmado. Fosse qual fosse a origem daquele impulso, tinha certeza de que era aquela a fonte dos pesadelos que atormentavam a aldeia, como um miasma maligno que escoava do chão e infetava as suas mentes adormecidas.

O vapor abaixo abriu algumas nêsgas, e vagamente, no escuro, viu diferentes níveis de túneis e câmaras, perfurados pelo eixo mergulhando para baixo. E no fundo distante, obscurecido por manchas à deriva, um brilho pulsante que...

– Não devia estar aqui, meu filho.

Murtagh girou para ver Bachel e Grieve de pé na entrada. O cabelo da bruxa estava solto, caindo-lhe numa tempestuosa desordem em torno do rosto e sobre os ombros, até ao meio das costas, escuro e lustroso. As mangas do seu vestido estavam puxadas para cima para expor os antebraços, encontrando-se descalça, e a fuligem ao redor dos seus olhos estava manchada, como se tivesse sido interrompida enquanto a retirava. Numa das mãos, carregava uma lança alta, cujo punho era feito de um material esverdeado, com uma lâmina longa e farpada de um formato estranho. Um ténue brilho cercava o topo da arma.

Murtagh sentiu chumbo frio pesar-lhe nas entranhas, impedindo-o de se mexer. Reconheceu a lança. Era uma Dauthdaert – uma Lança da Morte –, feita pelos elfos com apenas um propósito em mente: matar dragões. Os elfos haviam forjado as doze Dauthdaert durante a sua guerra com os dragões, antes da formação dos Cavaleiros, e tinham encantado as armas de modo a conseguirem perfurar escamas e contornar até a magia selvagem de um dragão.

Além disso, Murtagh conhecia esta Dauthdaert específica. Era a mesma lança que Arya usara para matar Shruikan. Niernen era o seu nome, e era amaldiçoada, odiada e cobiçada por todas as pessoas de ambição sangrenta. Pensava que a Dauthdaert se perdera na destruição subsequente à morte de Galbatorix. O facto de ter sobrevivido era surpreendente. O facto de alguém a ter tirado de Ilirea e a ter trazido a Bachel era profundamente alarmante.

Em contraste com a aparência arcana da lança, Grieve carregava uma arma mais mundana: um bastão de madeira maciça com barras de ferro em torno da cabeça.

Thorn! Como é que Bachel e Grieve haviam passado por ele? Murtagh queria estender a sua mente para o dragão, mas não ousou baixar as suas defesas mentais com a bruxa e o seu companheiro ali tão perto. Ainda assim, não sentiu dor ou alarme através da constante conexão de fundo que ele e Thorn compartilhavam, e isso era um conforto. *Mais tûneis*, pensou. Tinha de haver uma passagem unindo o templo às cavernas subterrâneas.

A mão de Murtagh apertou-se em torno do punho da Zar'roc. Em qualquer outra circunstância, tê-la-ia desembainhado, mas queria – não, precisava de – uma melhor compreensão do poder de Bachel antes de lutar contra ela, sobretudo estando sozinho, sem Thorn.

– Vi a caverna e fiquei curioso.

– Este não é um lugar para forasteiros.

Bachel assumia uma postura equilibrada, mas não excessivamente rígida, a maneira perfeita de se preparar para uma ação violenta. Os olhos brilhavam-lhe com uma promessa sombria, e segurava na Dauthdaert com uma facilidade que convenceu Murtagh de estar muito habituada a usá-la.

– E que lugar é este, minha Senhora?

Bachel e Grieve começaram a caminhar com passos cautelosos ao redor do poço de pedra tapado. Murtagh espelhou o movimento deles, mantendo o poço entre si e eles.

Foi Grieve quem respondeu, carrancudo sob as sobrancelhas fartas e grosseiras.

– É o Poço dos Sonhos, Cavaleiro, e ninguém se pode aproximar dele sem a permissão de Bachel. É o coração de todas as coisas, a fonte da profecia e do poder, e aqueles que o profanam têm de morrer.

Com o polegar da mão esquerda, Murtagh puxou a Zar’roc uma ou duas polegadas para fora da bainha para que deslizasse livremente, sem se prender a nada.

– E eu profanei-o, Bachel?

A princípio, pensou que a bruxa responderia com raiva. Mas então ela riu-se com indolência e deu mais um passo mais para perto. Grieve separou-se dela e deu a volta pelo outro lado do poço, encurralando Murtagh.

Murtagh recuou um passo para não ser flanqueado. Uma das portas abertas estava nas suas costas; tinha espaço para fugir.

– Profanar? – disse Bachel, quase ronronando. – Não, meu filho, acho que não. Desde que se ajoelhe agora e me jure fidelidade. Pois como pode o servo estar errado, se age de acordo com a vontade da sua senhora? Ajoelhe-se agora, Murtagh, filho de Morzan, e a sua vida será poupada.

A Zar’roc cantou enquanto ele a desembainhava, o peso familiar como um conforto na sua mão. Ele sorriu com um sorriso enviesado.

– Sabe que não o farei. Não me deu razões válidas para isso. Mesmo que tivesse dado, eu e Thorn nunca mais nos ajoelharemos por medo ou desespero. Se dobrarmos os joelhos, será por amor, dever e respeito, ou nem por isso.

A expressão de Bachel tornou-se altiva.

– Não compreenderia se eu lhe dissesse, Assassino do Rei. Diria que sim, mas não sentiria a verdade, e o seu coração estaria vazio. Esperava poupá-lo a isso. Esperava que sonhasse como todos nós sonhamos aqui em Nal Gorgoth e que acabasse por compreender a verdade como todos nós fizemos. Ter-se-ia dedicado à nossa causa, de livre e espontânea vontade.

– Foi assim com Saerlith? – perguntou Murtagh. – Ele seguiu-a livremente? – Enquanto falava, arriscou enviar uma única lâmina de pensamento para a superfície.

– *Thorn!*

Um grito de socorro ao único ser com que podia contar.

Mas tudo o que recebeu em troca foi medo. Medo de espaços fechados, medo de ficar preso, medo de se perder. A boca de Murtagh azedou. Não poderia contar com reforços.

Os lábios de Bachel torceram-se para um lado.

– Saerlith era um peão e nada mais. Serviu os nossos objetivos, assim como Galbatorix e Morzan.

A menção ao pai parecia uma tentativa óbvia de espicaçá-lo. Optou por ignorar o isco.

– De alguma forma, duvido disso. Galbatorix não serviu nada nem ninguém.

As suas palavras pareceram ferir o orgulho da bruxa.

– O seu medo leva-o a sobrestimar o rei. Como acha que ele acabou por perder o próprio dragão?

Murtagh sentiu o seu orgulho igualmente atingido.

– Galbatorix? Foi aventurar-se no norte, e um grupo de Urgais...

– Não! – gritou Bachel, e cortou o ar com um braço, a mão plana e estreita como uma lâmina. Depois, num tom mais comedido: – É verdade que foram Urgais que mataram Jarnunvösk nos confins gelados do extremo norte, mas engana-se quanto à *razão* pela qual Galbatorix e o seu infeliz grupo se aventurou para norte. Ele mentiu-lhe, Forasteiro. O que ele lhe disse, e tudo o mais que ouviu dos Cavaleiros de outrora sobre essa expedição, tudo mentira!

Mantém-na a falar. Murtagh continuou a contornar o poço, tentando manter a mesma distância entre ele, a bruxa e Grieve.

– Então qual é a verdade, Bachel? Ou só vai responder com mais enigmas?

Bachel assumiu um comportamento frio e cruel.

– A verdade é esta: os Cavaleiros temiam-nos a nós, Du Eld Draumar. E temiam-me a mim. E, em segredo, enviaram Galbatorix e os seus companheiros para nos procurarem, para que os Cavaleiros pudessem mais tarde destruir-nos.

Quantos anos tinha a bruxa?

– Se eles a temiam – disse Murtagh – por que razão enviariam Cavaleiros que nem sequer haviam sido completamente treinados ou testados? Nenhum deles tinha sequer uma pontuação de anos. Seguramente não espera que acredite em tal história.

– O objetivo do grupo de Galbatorix era encontrar-nos. Não era atacar – disse Bachel. – De facto, eles nem sabiam a verdade sobre quem procuravam, pois os vossos anciãos procuravam mantê-los desconhecedores dos Draumar.

Os passos de Murtagh diminuíram à medida que lhe passavam dezenas de possibilidades pela mente. Nada do que a bruxa dizia era impossível, e, se ela estivesse certa, as implicações eram terríveis, pois significavam que os Draumar eram perigosos o suficiente para ameaçar mesmo os Cavaleiros.

– Mas eles foram atacados.

Bachel acenou brevemente com a cabeça.

– Galbatorix regressou a deambular pela Espinha, sozinho e meio louco. Assim nos encontrou, e assim o acolhemos. No início, ele desconfiou de nós, tal como vocês, e culpou-nos pela morte de Jarnunvösk, mas ministrei-lhe as atenções necessárias, e, com o tempo, ele compreendeu que eram os Cavaleiros os culpados pela sua perda.

– Virou-o contra eles – disse Murtagh numa expiração. – E depois enviou-o de volta para confrontá-los.

Mais uma vez, Bachel assentiu.

– Foi um teste. Se os Cavaleiros fossem tão gentis e compassivos como afirmavam, teriam pena de Galbatorix e dar-lhe-iam outro dragão. Mas não tiveram, e não deram, e assim Galbatorix soube a verdade acerca deles.

O medo esvaziou Murtagh. Era-lhe difícil imaginar Galbatorix como qualquer coisa menos do que a pessoa mais poderosa da terra, elfos incluídos. Se Bachel tivesse feito o que afirmava – fosse pela força das suas palavras ou pela força da sua magia ou por uma combinação de ambas –, então, em certa medida, superara o próprio o rei.

Em voz baixa, disse:

– Quer dizer que Galbatorix e os Renegados foram seus escravos?

– Em parte. Foram instrumentos úteis para um fim necessário.

Ele inclinou a cabeça.

– Que era?

– A erradicação dos Cavaleiros.

– Porque queria tal coisa? Não são os dragões sagrados para o seu povo?

Um aceno desdenhoso da mão de Bachel.

– Os vermes menores não importam. O seu sangue está manchado pelos erros dos antepassados, e só quando os Cavaleiros e os seus dragões foram varridos do mundo é que uma nova era pôde começar.

Grieve aproximou-se um pouco de mais para o gosto de Murtagh, e ele recuou alguns passos.

– E Durza? – perguntou. – Sempre ouvi dizer que Galbatorix o conheceu na Espinha, depois da morte de Jarnunvösk.

– Isso é verdade – disse Bachel, inclinando a cabeça. – O Espectro partilhou os nossos sonhos, e foi por causa deles que as suas ambições se tornaram maiores e mais amplas do que é habitual na sua espécie.

– Ele viveu aqui?

– Durante muitos anos, mesmo quando Galbatorix e o seu pai viveram aqui depois de fugirem de Ilirea com o filhote Shruikan. – O brilho da Dauthdaert iluminou o lado do rosto de Bachel com uma sombra macabra. – O seu rei e o seu pai sabiam a verdade das coisas, Murtagh, filho de Morzan. Sempre esteve destinado a seguir as pegadas deles. Não há outro caminho para si.

A mente de Murtagh estava turbulenta enquanto ele analisava as revelações da bruxa. E, no entanto, permanecia convencido de uma verdade: Galbatorix nunca se teria ajoelhado diante de outro. Não depois de se virar contra os Cavaleiros. Se tivesse sido aliado dos Draumar, teria sido apenas por uma questão de conveniência. O rei não era nenhum fanático, nenhum crente verdadeiro. Na primeira oportunidade, ter-se-ia voltado contra os Draumar e tentado destruí-los. Murtagh recordou o que Bachel dissera antes da caçada ao javali: que Galbatorix uma vez tentara purgar as povoações deles. Tentara e não conseguira.

Com a luz impiedosa da percepção, ele percebeu: *De alguma forma, os Draumar aguentaram-se contra o rei. De alguma forma, ela aguentou-se. Bachel era um perigo até para Galbatorix. Mas porquê, porquê, porquê, porquê?*

– Eu não sou o meu pai – disse ele com voz firme. – Nem sou o homem que já fui. É a bruxa que está enganada. Não me curvarei perante si.

– Que infelicidade – disse Bachel. Mas parecia totalmente despreocupada.

Murtagh ergueu a Zar’roc e girou o punho na mão, como se não tivesse uma única preocupação na vida.

– Não me consegue superar, Bachel. Nenhum de vocês consegue.

A bruxa riu, uma gargalhada selvagem e desenfreada que arrepiou a coluna de Murtagh. Ela não tinha mais medo dele do que ele de um ladrão comum, e sentiu a palma da mão ficar escorregadia sobre o punho da Zar’roc por causa do suor. *Devia ter usado luvas*, pensou. Sem tirar o olhar de Bachel ou Grieve, soltou o manto e girou em torno do antebraço esquerdo, ouvindo a voz de Tornac na sua cabeça: «Uma peça de vestuário improvisada pode servir para distrair, prender e, na ausência de um escudo, proteger.»

– Talvez eu não possa superá-lo, Assassino do Rei – disse Bachel, – embora fosse um concurso interessante. No entanto, não sou eu quem deve superar. Sou apenas um instrumento de um poder superior, e nem Murtagh, nem eu, nem o mais sábio dos elfos, nem o mais forte dos dragões ainda vivos podem prevalecer contra aquele a quem eu sirvo.

Bachel tocou na vidraça de cristal da tampa martelada, o painel abriu-se, aparentemente por vontade própria, e uma nuvem sufocante de vapor com uma luminosidade verde entrou na sala.

Murtagh não sabia o perigo que o vapor representava, mas sabia o suficiente para ter medo. Tinha meio segundo para inalar, e então a nuvem envolveu-o, escurecendo a sala e irritando-lhe os olhos.

Um toque de pânico aumentou-lhe a pulsação. Não tinha feitiços de proteção para filtrar o ar. Um descuido. Virou-se para fugir, e a ponta brilhante da Dauthdaert passou-lhe junto à orelha.

Murtagh estremeceu e usou a Zar’roc para arremessar a lança para longe. Em seguida, mergulhou em direção a Bachel, mas a distância estava errada: ela estava fora de alcance, a rir no meio da névoa de enxofre.

Grieve atirou-se-lhe vindo do lado, balançando o seu bastão coberto de ferro com eficiência implacável. Apanhou Murtagh numa posição estranha, e o bastão embateu contra o braço direito do Cavaleiro. As suas proteções defletiram-no, e o bastão deslizou por entre redemoinhos de vapor.

Ao mesmo tempo, pensamentos cruéis assaltavam a mente de Murtagh: Bachel e Grieve tentando rebater as defesas e assumir o controlo da sua consciência. Os ataques mentais eram tão fortes quanto quaisquer outros que ele já havia defrontado, incluindo o de Galbatorix. Mas Murtagh não era fraco e mantinha-se firme dentro do seu ser interior, seguro de quem era e do que era.

Bachel esfaqueou-o várias vezes com a Niernen, rápida como um elfo. A Dauthdaert deslizava como uma língua mortífera através do vapor. Era tão afiada que separava a nuvem como gaze cortada.

Passaram-se apenas segundos, mas os pulmões de Murtagh já estavam em chamas. Sentia-se como se fosse explodir. Precisava de ar, precisava de respirar...

Lançou um contra-ataque às mentes de Bachel e Grieve, uma tentativa desesperada de dominá-los com a força pura da consciência. À distância, sentiu Thorn adicionar força à sua, e essa percepção deu-lhe coragem.

Em seguida, Murtagh recuou, e o seu calcanhar prendeu-se na ponta de uma laje do chão.

Sentiu o estômago contorcer-se ao cair. Girou, com a intenção de se agarrar por um braço, mas...

... demasiado devagar. Aterrou de lado, e o impacto expulsou o ar dos seus pulmões. Inalou involuntariamente, e fumos amargos e sulfurosos encheram-lhe o nariz, a boca e a garganta.

Tossindo, arrastou-se para trás, mantendo a Zar'roc acima da cabeça para afastar os golpes. Bachel e Grieve avançavam sobre ele, formas negras nas nuvens coaguladas, os seus contornos vergando e partindo-se, e ele sentia-se como se estivesse outra vez a cair e o seu corpo carecesse de substância. Ouviu-se então uma corrente de ar horrível, como vento numa planície desolada no fim de todas as coisas.

Tentou levantar-se, tentou gritar, tentou concentrar a vontade numa palavra ou feitiço, mas o mundo estava a dissolver-se em seu redor, e os seus pensamentos estavam tão dispersos quanto sementes diante daquele

terrível vento uivante. Voltou a ver o sol negro e o dragão a erguer-se, e um pressentimento inexorável de desgraça esmagou qualquer esperança que ainda tivesse.

O rosto de Bachel materializou-se diante dele, pinceladas de vapor a distorcerem-lhe as feições angulares. Os olhos dela brilhavam de êxtase febril, e os lábios eram vermelho-rubis, como se pintados de sangue. Ela disse:

– Não consegue ganhar, Assassino do Rei. Eu sirvo o poder do sonho e Aquele cuja mente evoca o sonho. *Durma*.

Murtagh lutou com todas as suas forças, mas a negritude desceu, e Bachel, a câmara e tudo o que ele conhecia desapareceram.

CAPÍTULO XIII



Pesadelo

Sol negro, dragão negro e uma eternidade de desespero. Caía em direção ao fundo de um vazio incompreensivelmente grande, e ali estava adormecida uma mente de tamanho impossível, cujos pensamentos se moviam tão lentamente quanto as correntes no interior de um mar coberto de gelo, sendo igualmente negros, frios e hostis. Sentiu uma presença que o fez estremecer e encolher-se até à insignificância, e todo o esforço humano parecia não ter mais importância do que os feitos de uma colônia de formigas.

Procurou Thorn, mas o vínculo que partilhavam não mais se deixava encontrar. Estava completamente sozinho, sem apoio, recursos ou esperança de resgate.

Depois, girava no espaço, e toda a malevolência o comprimia com uma força esmagadora. Viu dragões rasgarem-lhe a carne, e os corpos dos seus inimigos estendidos sobre a terra mortificada, queimados com chamas, carbonizados com fuligem. Viu a escuridão sob as montanhas e sentiu a frieza da terra firme contra os seus flancos. Vermes alimentavam-se dos seus membros putrefactos enquanto o cheiro da morte o envolvia no seu abraço sepulcral.

O vazio alastrava cada vez mais. Por entre o desespero e os horrores estridentes, uma aurora sangrenta espalhou-se sobre uma terra de bronze, e ele viu-se triunfante: uma coroa de ouro na cabeça, a Zar'roc na mão, Thorn ao seu lado e Bachel também... e um mundo aos seus pés, curvando-se a ele como se havia curvado perante seu pai e Galbatorix.

Uma visão. Uma premonição. Uma promessa terrível.

Depois, estava na sua cela sob a cidadela, em Urû'baen. Paredes de pedra molhadas pela humidade infiltrada, mofo preto desenhando mapas estriados na argamassa em ruínas, terra misturada com excrementos e

urina e migalhas caídas de crostas de pão com uma semana. Os carcereiros batiam nas grades das celas e troçavam dos prisioneiros – deles, nenhuma pena, nenhuma ajuda ou bondade. E quando os carcereiros partiram, os terrores saíram rastejando de fendas dentro das paredes: aranhas de corpo gordo, claras e pesadas, com pernas peludas e longos pelos. Arrastavam as suas barrigas inchadas sobre ele, picavam-no e picavam-no, e parecia-lhe que conseguia sentir cada toque nervoso dos seus pés com garras. Os sons das aranhas em movimento mantinham-no acordado de noite, nunca conseguindo dormir de verdade.

Um ovo vermelho à sua frente, da altura do seu joelho, atravessado por branco. Atrás de si, a sombra invisível DELE. O ovo estalou, e ele assistia, sem fôlego, vendo um pedaço da casca soltar-se, e viu o filhote mais delicado, bonito e indefeso: vermelho e esquelético e faminto, faminto, faminto. Estendeu a mão, e focinho e mão tocaram-se, e o contacto foi eletrizante...

Deu puxões nas algemas, gritando, soluçando, enquanto sentia o tormento do filhote do outro lado da parede. ELE inclinou-se sobre Murtagh – barba curta como um punhal preto, boca fina distorcida em prazer furioso – e disse:

– Jura em meu nome, Murtagh. Jura em meu nome, ou vou mandá-los tirar todas as escamas do seu corpo. Jura-me fidelidade como o teu pai fez antes de ti.

Murtagh abanou-se, tremeu e enfureceu-se, mas não se conseguiu deter. A dor do filhote – a dor de uma criatura tão perfeita e inocente, uma dor que ele sentia como se cada pontada de sofrimento fosse sua – era de mais. Sozinho, poderia tê-lo suportado. Mas aquilo, não.

– Juro – soluçou. – Juro-lhe fidelidade.

O sorriso malvado alargou-se.

– Na língua antiga agora. Usa as palavras que te dei.

Então ele jurou como instruído, e as palavras eram cinzas na sua boca.

Mais tarde vieram mais juramentos. E mais tarde ainda ELE proferiu os seus nomes verdadeiros, e então Murtagh e Thorn estavam perdidos, perdidos, perdidos...

A consciência voltou, nebulosa como uma nuvem.

Murtagh pestanejou, incerto de si mesmo, do sítio onde estava e de como havia chegado lá. Sentia-se recheado de lã: grosso, lento e pesado.

Sentou-se, perplexo.

Uma passadeira de mármore debaixo de si. Paredes curvas de túnel à sua volta. E diante de si... uma mulher de cabelos soltos, uma lança brilhante numa mão e a luz do triunfo no rosto de olhos de falcão. Era feroz, bonita e terrível. Nenhuma misericórdia ou conforto se encontrava nas suas feições, apenas paixão ardente que varreria qualquer coisa que barrasse o seu caminho.

Bachel. Lembrar-se do nome foi uma luta; dizê-lo, impossível.

A mulher inclinou-se para ele.

– Levante-se, Assassino do Rei – ordenou, e a sua voz retumbava de poder.

As suas palavras eram irresistíveis. Num deslumbramento, pôs-se de pé, ainda incapaz de formar um som coerente.

Ela juntou os lábios e soprou. O vapor espalhou-se sobre si e, com ele, um odor pesado e podre. Por alguma razão, já não o considerava ofensivo. Pelo contrário, era inebriante, como se nunca fosse possível respirar o suficiente. Cada inspiração era uma emoção que lhe fazia girar a cabeça e o impedia de se concentrar em qualquer coisa por mais de um instante.

– Caminhe comigo, meu filho – disse Bachel. As palavras dela ecoavam-lhe na mente, suaves como uma canção, mas fortes como ferro.

Ela afastou-se através do vapor, e ele seguiu-a, mudo e selvagem.

Um homem acompanhou-os com um passo arrastado, pernas compridas. Murtagh estudou-lhe o rosto rochoso, tentando e não conseguindo identificá-lo. O homem carregava uma espada vermelha numa mão e um bastão com cobertura de ferro na outra, com um manto solto dobrado sobre o interior do cotovelo.

Entraram numa câmara revestida de mármore, percorreram um túnel de azulejos e atravessaram uma caverna iluminada por lodo, com o chão rachado. Quando chegaram à base de um conjunto de escadas cortadas na pedra, a mente de Murtagh começou a aguçar-se, embora continuasse profundamente confuso.

– Onde... onde estamos...

Bachel virou-se e soprou-lhe novamente, uma suave lufada de ar quente. Com ele, uma baforada de vapor de um frasco de cristal que ela segurava na palma da mão. Ainda não tinha dado por aquilo.

Ao toque do vapor, todos os pensamentos o abandonaram.

– Feche a boca, Assassino do Rei – disse Bachel. – É indecoroso da sua parte estar boquiaberto como um peixe em estado de choque.

Fez o que lhe disseram.

– Ótimo. Agora, venha comigo, Assassino do Rei. Venha.

Subiram as escadas, e o brilho do lodo desapareceu atrás deles. Em seu lugar, surgiram luzes de tochas por cima e à frente, com as chamas – que ainda não eram visíveis – a lançar uma multidão de sombras sobre as paredes e boca da caverna.

O último degrau passou por baixo dos pés de Murtagh, e então ele estava de novo à superfície. Bachel conduziu-o em direção a um grande dragão vermelho agachado no caminho escuro diante deles.

O dragão rosnou, e a sua cauda contorceu-se. Então algo na presença do dragão ressoou na mente de Murtagh, mas não conseguia entender o que era. As palavras e impressões impostas à sua consciência eram uma tempestade sem sentido, cheia de pedaços aleatórios de destroços atirados pelo vento.

Um rugido irrompeu do dragão, forte o suficiente para que Murtagh sentisse a vibração contra a face.

– Silêncio agora – disse Bachel. Ergueu o frasco e soprou através da boca de cristal, e uma nuvem de vapor fluiu e cercou a cabeça do dragão.

A criatura brilhante debateu-se e estremeceu, e então os seus olhos de gato reviraram-se, e o seu enorme volume ficou frouxo e imóvel.

Um alarme sem forma encheu Murtagh, mas ele não podia fazer nada.

Depois de longos minutos... o dragão mexeu-se novamente.

Bachel foi até ele e pousou-lhe a mão no focinho.

– Desperta, Ó escravo do sonho.

As pálpebras do dragão abriram-se com um clique, e ele arqueou o pescoço e balançou a cabeça, como se enxotasse um enxame de moscas. A criatura olhou para Murtagh, e Murtagh para ela, e nenhum deles falou, ambos igualmente confusos.

Um conjunto de sete corvos desceu do céu enegrecido. Circundaram a cabeça de Bachel numa coroa mortífera e depois acomodaram-se sobre os seus ombros e braços. Ela sorriu para eles com carinho e acariciou-lhes as penas com a parte de trás do indicador, enquanto os pássaros espiavam Murtagh e o dragão com olhos claros, brilhantes e desconfiados.

Com os pássaros como companheiros, Bachel avançou da caverna para o bosque.

– Venham – disse ela, e Murtagh e o dragão seguiram-na.

Não tinham alternativa.

As árvores coníferas de agulhas negras pareciam sentinelas silenciosas vigiando a estranha e titubeante procissão que passava sob os ramos arqueados. Murtagh olhou para as copas das árvores e para a escuridão aveludada do céu nublado e tentou perceber porque parecia o mundo tão desarticulado.

Com passos lentos, atravessaram o campo de erva aparada e depois voltaram para o pátio diante do templo. Fileiras de pessoas vestidas de cinzento erguiam-se como estátuas encapuzadas no pátio. Cada uma segurava uma tocha acesa, e os seus rostos estavam virados para baixo, de modo que apenas os topos dos capuzes eram visíveis.

Bachel levou Murtagh e o dragão para o centro da congregação muda, e um quarteto de guerreiros reuniu-se perto dela, lanças prontas.

Ela apontou para o dragão com um dedo do qual saía uma garra.

– Guardem-no – disse ela, com a voz soando clara no ar noturno. E atirou o frasco aos pés do dragão, partindo-o com um tilintar agudo. Uma nuvem de vapor expandiu-se para cima e agregou-se em torno da cabeça do dragão, mexendo-se como se fosse uma coisa viva.

Então Bachel acenou para Murtagh.

– Vem comigo, Assassino do Rei – disse e caminhou em direção à entrada do templo, os sete corvos ainda cavalcando sobre os seus braços e ombros.

Ele queria objetar, mas não conseguia formar as palavras, e nenhum som lhe saía da garganta.

A bruxa alta levou-o para as profundezas do templo, através de corredores frios desprovidos de luz, passando por janelas fechadas e passagens sem porta que olhavam como órbitas destituídas de olhos.

Depois, desceram novamente, por uma escadaria em caracol, até chegarem a uma série de celas com barras de ferro. Grieve abriu uma porta e empurrou Murtagh lá para dentro.

– Agora, Ó Cavaleiro, beba isto – disse Bachel.

E entregou a Murtagh outro frasco, este mais pequeno, mais delicado. No seu interior havia um líquido perlado que brilhava com uma luminescência não natural.

Murtagh olhou, mudo, para o frasco, incapaz de entender o que era esperado de si. O chão e o teto pareciam girar; oscilou e quase caiu.

Bachel pousou um dedo na parte de trás da mão dele e empurrou-lha em direção à boca. A pele dela estava fria.

– Beba – disse ela, e a sua voz era um vento roçando galhos despidos de folhas, agulhas ou cascas.

Ele bebeu. O líquido queimou-o como aguardente.

Então, Grieve tirou-lhe o frasco da mão e fechou a porta de ferro.

– Dê-lhe o manto, para que ele permaneça quente – disse Bachel. – Afinal, ele é meu filho, e gostaria que fosse tratado como tal.

A peça de vestuário pousou sobre ele, uma pesada pétala de lã feltrada. Afastou aquilo do rosto. As fibras esfregaram-se-lhe a pele; conseguia sentir cada uma delas, individualmente, e sobrecarregavam-no com um influxo de sensações.

Bachel inclinou-se para ele do lado de fora das barras de ferro.

– Durma, Assassino do Rei. Durma... e sonhe... Sonhe... Sonhe.

A voz dela esbateu-se ao longe, e a sombra engoliu-lhe o rosto quando Murtagh caiu para trás – caiu, caiu, caiu, e todo o universo girou em torno dele, e ele gritou. Mas ninguém respondeu.



Estava de pé na varanda real com vista para a arena, Galbatorix atrás dele, a assomar, invisível, pois Murtagh mantinha o olhar fixo naquele espaço com chão de areia – o mesmo arena onde ele havia matado pela primeira vez.

– Observa agora – disse o rei, e a sua voz continha uma autoridade trovejante.

Murtagh agarrou-se à grade do camarote até as unhas ficarem brancas. Queria gritar e vociferar – queria galgar a grade e saltar lá para baixo – mas isso só pioraria a situação.

Thorn estava no centro da arena. Tinha apenas quatro dias de idade: ainda fraco, ainda incapaz de voar, embora levantasse e baixasse constantemente as suas enormes asas em vãs tentativas de descolar. Girava em círculos, com um chilrear preocupado, sem saber para onde ir ou o que fazer. Viu Murtagh no camarote e soltou um comovente queixume, e Murtagh sabia que os seus próprios sentimentos estavam a afetar o filhote de dragão. Então, endureceu o coração e, apesar da angústia que isso lhe causou, fechou a mente a Thorn.

– Ele é demasiado jovem – disse entre dentes cerrados.

– Nenhuma criatura é demasiado jovem – respondeu o rei. – Para sobreviver, tem de aprender a lutar e a alimentar-se. Não há outra forma.

Os portões de ferro de ambos os lados da arena foram içados e, a partir de cada abertura, um par de lobos cinzentos lançou-se no espaço aberto. Rosnaram e arreganharam os dentes ao verem Thorn, e o pelo ao longo da coluna eriçou-se-lhes.

Thorn encolheu-se, mas não havia para onde correr ou onde se esconder.

– Por favor – disse Murtagh, rangendo os dentes.

– Não. – Sentiu a respiração quente do rei na orelha.

Os lobos circundaram Thorn. O dragão era mais comprido do que eles, mas os lobos superavam o filhote num número significativo.

Depois de algumas falsas partidas, os lobos começaram a avançar e a beliscar as asas e a cauda de Thorn.

O dragão contorcia-se para enfrentar cada nova ameaça, mas não tinha velocidade suficiente, e os lobos moviam-se em conjunto, numa compreensão silenciosa. Em segundos, gotas de sangue fumegante escorriam das asas de Thorn, e ele tinha a pata dianteira esquerda no ar, incapaz de exercer peso sobre ela.

Cada gota de sangue percutia como um tambor de desgraça.

Murtagh sentiu-se prestes a explodir. Derrubou a barreira mental que havia erguido e atirou os seus pensamentos em direção à pequena, mas vigorosa, consciência do dragão.

Thorn encolheu-se, distraído, e os lobos aproximaram-se dele.

– Salta! – gritou Murtagh mentalmente, incluindo uma imagem do que queria dizer.

Thorn hesitou, ainda inseguro, e um dos lobos mordeu-lhe a cauda. Com um grito, Thorn girou para enfrentar o atacante.

Foi um erro. Os outros lobos correram na sua direção, mandíbulas abertas, presas espumadas prontas para se fecharem sobre as pernas magras e asas delicadas de Thorn.

Murtagh forçou a vontade sobre a mente ainda não formada do dragão e voltou a gritar:

– Salta!

Para seu alívio, Thorn saltou e usou as asas para ganhar alguns metros adicionais de altura antes de cair do outro lado da arena. As paredes eram demasiado altas para Thorn as ultrapassar, o que significava que tinha de lutar.

Os lobos correram atrás de Thorn, e Murtagh deu mais instruções ao dragão. Thorn era, como toda a sua espécie, um combatente inato e demorou apenas alguns segundos até começar a perceber e a reagir.

Thorn surgiu nas costas do lobo mais próximo e afundou os dentes no pescoço da besta. Com um movimento seco e rancoroso, arrancou um pedaço de pele e músculo – libertando um jorro de sangue – e, em seguida, saltou sobre um segundo lobo.

O lobo torceu-se quase ao meio, agarrando o dragão, mas Thorn cravou as garras e mordeu a cabeça do lobo até que as pernas da criatura se dobraram e ela se estatelou no chão.

A queda derrubou Thorn para o lado e, antes de Murtagh conseguir fazer alguma coisa para o ajudar, os outros dois lobos avançaram e começaram a atacar Thorn selvaticamente.

– Não!

Por alguns segundos, o dragão ficou quase invisível, perdido sob um nó contorcido de pelo cinzento, pernas e caudas. Rugidos, rosnidos e latidos de dor encheram o espaço, espalhando-se esguichos de sangue pela areia batida. Murtagh sentiu dores agudas em Thorn e temeu que tudo estivesse perdido. Não conseguia perceber. Porque permitiria Galbatorix que o seu mais recente troféu morresse?

– Como pôde permitir isto? – disse, mal conseguindo formar as palavras.

– Observa.

Os lobos afastaram-se. Um deles arrastou-se para longe, as patas traseiras inertes e inúteis, o pelo emaranhado de saliva e espuma e sangue. O outro rebolou para o lado e esperneou, impotente, a barriga rasgada e uma pilha de intestinos cinzentos a escorrer para fora. O espernear abrandou.

Entre os lobos estava Thorn. O pequeno dragão estava ferido e rasgado – tinha as asas desfiadas em vários lugares –, mas ardia-lhe um fogo nos olhos cintilantes e escorria-lhe sangue das presas afiadas e das grandes garras das patas traseiras.

Com um pequeno rugido, correu atrás do lobo com as patas traseiras paralisadas. Abocanhou-lhe a parte de trás do pescoço, estacando, e o animal estremeceu e ficou inerte, morto.

Então Thorn agachou-se e começou a rasgar o cadáver, voraz na sua fome.

– Vês? – disse o rei. – Ele é um dragão, e os dragões servem para matar. É o que eles são. É o que tu és. Se aprenderes isto agora, os próximos dias serão muito mais fáceis para ti, Ó filho de Morzan. Agora vai ter com o teu dragão e trata dele como desejares.

– Hei de matá-lo por isto.

Uma gargalhada profunda atrás dele.

– Não. Sonharás com isso, farás planos para tal, desejarás a minha morte do fundo do coração, mas no final verás a justeza dos meus modos e perceberás que não há oposição ao meu poder. Tu és meu, Murtagh, tal como Thorn, e servir-me-ás como o teu pai fez antes de ti.

Murtagh não teve resposta. Foi tratar dos ferimentos de Thorn.

Essa não foi a única vez que visitaram a arena. Sempre que Thorn ficava com fome, Galbatorix obrigava-o a lutar por comida, e Murtagh não tinha alternativa senão assistir, impotente, ao jovem dragão a matar e voltar a matar. Mesmo quando Thorn já se tornara maior do que o maior dos ursos, o rei ainda insistia em fazê-lo enfrentar as presas em conflitos letais.

Murtagh divisou as areias do poço encharcadas de sangue e, do lado de fora da cidadela, parecia ver o céu ficar vermelho. Ao seu redor, ouviu os sons dos prisioneiros guinchando e queixando-se do seu tormento. Virou-se então e correu e correu e correu por um labirinto de túneis rochosos, mas

estava sempre a ser conduzido de volta ao chão sepulcral da arena, e de cada vez via Thorn sentado, debruçado sobre as suas vítimas, sozinho, assustado, coberto de sangue, a comer desesperadamente.

Assim como Thorn, também Murtagh teve as suas provações. E eram igualmente longas, sangrentas e inescapáveis.

E, subjacente a tudo – sob as imagens avassaladoras e emoções trazidas do passado indesejado –, jazia o imenso vazio, e no seu seio... um núcleo de insanidade girando lentamente em torno de um propósito desconhecido, mas implacável.

E Murtagh chorou e gritou de medo.

CAPÍTULO XIV



Uvek

Murtagh acordou.

Não houve um lento regresso à realidade. Nenhum aumento gradual da luz, nenhuma consciência progressiva dos sentidos. Num momento, nada. No seguinte...

Por baixo de si, um chão de pedra cinzenta, a polegadas do seu nariz. A pedra estava rachada, e pequenas filigranas de musgo haviam-se infiltrado nas fendas: um traço de verde numa superfície despida e inóspita. O cheiro de musgo e pedra combinados lembrava um riacho de alta montanha ou então uma caverna profunda, preenchida por um lago desprovido de luz solar.

Tinha o corpo frio. Estava deitado de bruços no chão duro. O joelho esquerdo latejava-lhe, e o braço direito estava dormente por ter ficado dobrado por baixo do tronco.

Quanto à sua mente... Tinha os pensamentos mais claros, mais focados do que antes, embora ainda se sentisse estranhamente confuso, e havia um sabor adocicado na parte de trás da garganta que sentia dever reconhecer...

Lembrou-se das cavernas sob a aldeia e do lodo brilhante e de encontrar o poço gradeado onde Bachel e Grieve o haviam confrontado.

Sentiu-se subitamente alarmado. *Thorn!*

Com o braço esquerdo, empurrou-se para cima. Ficou com a cabeça a andar à roda, e segurou-se contra o chão, fechando os olhos até recuperar o equilíbrio e a dormência do braço direito desaparecer. Então, olhou em volta.

Estava numa cela escura, não muito diferente daquela em que estivera confinado sob Urû'baen. Um estreito catre de madeira encostado a uma parede e, ao seu lado, um balde para as suas necessidades. Tinha o manto debaixo de si, enrodilhado e enrugado. Não havia janelas, apenas três

paredes de pedra despidas e barras de ferro no lugar da quarta. (Reparou particularmente nas barras; representavam uma quantidade incomum de metal para uma aldeia tão pequena.)

A única luz vinha de uma fraca lâmpada de óleo perto do final do corredor em frente à cela.

Do outro lado do corredor havia mais três celas, perdidas em sombras escuras.

Murtagh tentou alcançar Thorn com a mente, mas não encontrava nenhures o fio de conexão. Além disso – e igualmente preocupante –, Murtagh não conseguia sentir uma única mente nas proximidades. Ou a aldeia estava deserta ou, de alguma forma, as suas linhas de pensamento estavam a ser bloqueadas... E *que* sabor era aquele que se lhe colava à língua e à garganta? Sentia-se perto de o identificar.

Nos ossos de Murtagh instalou-se um medo gélido. Mais uma vez, ele e Thorn viam-se superados, tal como sucedera com Galbatorix. E, mais uma vez, viam-se aprisionados contra a sua vontade, pois ele não podia imaginar que Thorn estivesse livre para lutar, ou o dragão já o teria resgatado.

Mesmo nos seus piores pesadelos, Murtagh nunca imaginara que se voltariam a encontrar numa situação semelhante. *Tolo*, pensou, e amaldiçoou-se. Tivera excesso de confiança, e agora tanto ele quanto Thorn estavam a pagar por isso.

Haveria tempo suficiente para recriminações mais tarde. Por agora, tinha de se concentrar na fuga.

Murtagh cerrou as mãos várias vezes em preparação. Então, agarrou-se ao ferro frio, reuniu a sua força de vontade e sussurrou:

– *Kverst*.

Não aconteceu nada. Ele não parecia conseguir quebrar a barreira na sua mente – a fina vidraça que uma consciência tinha de partir para manipular energia diretamente. Voltou a tentar, mas não encontrou nenhuma alavanca para a sua força de vontade. A barreira continuava a escapar-lhe, e os seus pensamentos permaneciam demasiado desfocados para a atravessarem.

Sentiu o medo aprofundar-se até se assemelhar mais a desespero. Percebeu então o que estava a saborear: a droga chamada *vorgethan*, ou algum composto que a incluísse. Galbatorix dera-lha em Urû'baen até o

obrigar à fidelidade, Durza usara-a em Eragon, em Gil'ead, e os Du Vrangr Gata ordenavam agora o seu consumo aos magos que se recusassem a juntar-se-lhes ou a jurar lealdade à sua organização.

Pois a *vorgethan* tinha dois efeitos muito específicos: abrandava os movimentos do corpo e tornava quase impossível lançar feitiços.

Murtagh abanou a cabeça, consternado e furioso consigo mesmo. *Como pude ser tão estúpido?* Escapar seria muito mais difícil agora. Se pudesse entrar em contacto com Thorn... mas Thorn estava provavelmente acorrentado, e, além disso, a *vorgethan* tornava difícil tocar as mentes dos outros.

– As tuas palavras encantadas não funcionarão, humano.

A voz era profunda como pedras a rolar e selvagem como um vento de norte. Vinha da cela oposta à sua, e o som fez Murtagh tropeçar para trás, com as mãos levantadas como se quisesse defender-se do ataque.

Uma silhueta mexeu-se nas sombras: uma massa de ombros pesados com uma cabeça muito maior do que seria expectável...

Da escuridão incolor emergiu um rosto esmurrado e com cicatrizes tão grandes quanto o peito de Murtagh. Pele cinzenta, olhos amarelos, dentes pontiagudos e enormes chifres de carneiro que desciam em curvas irregulares em torno de maçãs do rosto largas...

Um Urgal!

Murtagh sentiu o pescoço eriçar-se enquanto o Urgal o estudava do outro lado do corredor, os olhos amarelos da criatura ferozes como os de um gato selvagem. O Urgal envergava um justilho de couro grosseiramente costurado, guarnecido com pele de urso. Tinha os braços maciçamente musculados e, na pele, cicatrizes e tatuagens com padrões semelhantes aos que Murtagh vira nos estandartes das aldeias Urgais que ele e Thorn haviam sobrevoado. Uma tanga de couro completava o traje do Urgal. Não trazia calçado, e Murtagh podia ver as unhas amarelas em forma de garra dos seus pés de sete dedos.

– Ela usou a Respiração em ti – disse o Urgal. A boca e queixo projetavam-se-lhe do rosto o bastante para formarem um ligeiro focinho, e a sua mandíbula pesada triturava as palavras de uma maneira que Murtagh achava difícil de perceber. Mas *conseguia* perceber. – Foi assim que ela te capturou, humano.

– A Res... Como sabes a nossa língua, Urgal? – Murtagh tinha dificuldade em juntar palavras em frases coerentes. A sua mente ainda estava estranha, os pensamentos continuavam a deslizar em direções diferentes, e o seu corpo parecia-lhe leve e desequilibrado, sem substância.

Os olhos do Urgal afastaram-se, como se estivesse a olhar para algo ao longe.

– Sei muitas coisas. Como te chamas, sem chifres?

Murtagh sabia o suficiente acerca dos Urgais para perceber que a criatura tinha acabado de insultá-lo, e muito. Se ele fosse um Urgal, talvez tivesse ficado incomodado, mas não era, e não ficou.

Pensou brevemente em mentir, mas a mentira estava além das suas capacidades presentes. Mesmo assim, foi cauteloso.

– Os nomes são coisas poderosas. Seria uma tolice... tolice partilhá-los descuidadamente.

O Urgal voltou a focar-se nele. A criatura emitiu um «Hummm» do fundo da garganta e coçou o matagal de cerdas negras que lhe cobria o peito.

– Dizes a verdade, mas alguns nomes são mais perigosos do que outros. Não tens um nome comum, para falares com forasteiros?

– ... Tenho.

– *Hrmm*. Falo a Língua do Vento e sou Escalador de Picos. Sento-me em silêncio e ouço pássaros, ursos e palavras de árvores. Nenhuma tribo me reivindica, e eu também não reivindico nenhuma. O meu nome comum é Uvek.

– Uvek... O meu nome comum é Murtagh.

Um clarão de fogo iluminou os olhos profundos do Urgal.

– Ora então. És tu quem compartilha pensamentos com o verme Thorn. As notícias sobre ti chegaram mesmo às zonas mais remotas de Alagaësia. Ouvi dizer que combateste Urgralgra nas montanhas anãs, e que depois combateste Urgralgra em nome do assassino de dragões Galbatorix. Verdade?

Parecia surreal a Murtagh que estivesse a conversar com um Urgal – e que Uvek lhe fizesse as mesmas perguntas que ele ouvia dos humanos no reino de Nasuada.

– É verdade – disse, exausto. – Galbatorix capturou-nos e obrigou-nos a lutar contra os Varden. Caso contrário, suponho que teria combatido ao lado da tua espécie quando se juntaram ao Varden.

– *Hrmm*. Odeias Urgralgra?

– Não – disse Murtagh, aproximando-se novamente das barras de ferro. Inclinou-se contra elas, acolhendo o apoio. – Mas também não tenho amor pela tua espécie. Um dos teus cabecilhas quase me matou quando eu era mais novo.

Uvek desnudou os seus grandes dentes no que Murtagh percebeu ser uma aproximação de sorriso. Se não fosse pela sua experiência com Thorn, a expressão teria sido aterrorizante e difícil, talvez impossível de interpretar.

– Dizes a verdade. Gosto disso, humano. E estás aqui, logo o cabecilha não muito mau. Tu vivo, ele morto?

– Ele está morto.

– Então, tudo bem. O que mais importa?

Murtagh resmoneou. Agarrou nas barras e sacudiu-as; elas não cederam. As extremidades assentavam em cavidades profundas perfuradas na pedra, e suspeitava que alguma forma de magia as fortificasse, pois não continham ferrugem ou qualquer descoloração.

Tonnng. Uvek estalou um dedo contra as barras, e o metal tocou como um sino.

– Não consigo partir este ferro, homem-Murtagh. Tu também não.

– Não... Disseste que ela... Bachel... usou a Respiração em mim?

A cabeça pesada de Uvek moveu-se para cima e para baixo num aceno.

– É o que ela lhe chamar.

– O que é? A respiração de quê?

Um encolher de ombros desta vez.

– Ela não me dizer, por isso não te posso dizer.

Murtagh franziu a testa enquanto tentava pensar.

– Palavras encantadas... Como sabes que não consigo usar magia?

– Porque – disse Uvek, curvando-se para a frente, um olhar sombrio no seu rosto bestial – eu também não consigo. Eles dão-nos veneno que rouba as nossas forças, torna-nos fracos e indefesos. Então fico aqui como uma *chukka* à espera da faca.

Murtagh teve dificuldade em compreender esta nova informação.

– Tu... tu és feiticeiro?

– Não. Sou xamã. Há diferença. Mas conheço encantamentos e algumas palavras de poder. – Uvek puxou a ponta de um chifre, pensativo. – Eles dão-te mais veneno, acho. Ou a mesma quantidade, mas és menor, afetar mais.

Seguiu-se um minuto de silêncio enquanto Murtagh estudou Uvek novamente, reavaliando-o. Ele sabia que os Urgais tinham os seus próprios mágicos, mas nunca conhecera nenhum; a aliança entre Galbatorix e aquela espécie já havia sido quebrada quando os Gémeos o arrastaram de volta para Urû'baen.

Sentiu os joelhos subitamente fracos e baixou-se até ao chão, usando as barras de ferro como apoio. Estendeu a mão para trás, puxou o manto e colocou-o sobre os ombros.

– Tem de haver uma maneira de escapar – murmurou.

Uvek riu, um som desagradável.

– Sou mais forte do que tu e tenho cabeça mais limpa, mas não consigo descobrir fuga. A bruxa é inteligente, e forte também.

Murtagh pestanejou. Não conseguia aclarar os olhos; tudo lhe parecia ligeiramente desfocado.

– Se eu conseguisse ao menos falar com Thorn...

– Se os desejos fossem reais, o mundo acabaria.

– O... o mundo pode estar a acabar de qualquer maneira.

– *Hrrmm*. Isso depende do que bruxa querer fazer.

– Como é que tu... Como é que foste...

A luz da lâmpada pareceu falhar, e as sombras estreitaram-lhe a visão, e tudo ficou escuro e cinzento.

– Humano?... Humano?... Abrir olhos, homem-Murtagh...



Desta vez, os sonhos foram mais fragmentados. Lampejos rápidos de imagens, cada uma das quais carregava uma carga de emoção forte o suficiente para derrubar um homem. Murtagh viu-se chicoteado das alturas do deleite frenético para as profundezas da morbidez sinistra, e vice-versa. Por vezes, tinha a impressão de sentir Thorn, e os seus sonhos pareciam

entrelaçar-se, e então as correntes rodopiantes de imaginações febris separavam-nos violentamente: estranhas marés que levavam a estranhas margens.

Durante todo esse tempo, Murtagh tentou manter a consciência de si, mas foi-lhe difícil, pois não sabia o que era real, e não tinha magnetite para definir o seu rumo. A experiência foi cansativa e aterrorizante em igual medida, ainda mais porque sentia um abismo aberto subjacente a todas as visões – e, dentro desse abismo, uma presença à espreita, tão imensa e malévola que ele se encolhia com medo de enlouquecer.

Desesperado, gritou na língua antiga, tentando acalmar as águas tempestuosas da sua mente. Mas, embora conseguisse proferir as palavras de poder, não podia dar-lhes a força necessária para operar uma mudança nos recortes dentados de imagens desconexas.

Desamparado, não teve alternativa senão cavalgar os altos e baixos das ondas tempestuosas e ter esperança – esperança – de que elas diminuíssem depressa.



Um chape de água fria despertou Murtagh do seu torpor.

Balbuciou e inalou um respingo de gotículas. Começou a tossir.

Um par de cultistas vestidos de branco de pé ao seu lado. Um segurava um balde vazio, o outro, uma tigela e uma colher de madeira.

– O qu...

Os homens prenderam-no contra o chão duro, segurando-lhe braços e pernas. Ele esperneou, mas não tinha forças. Contiveram-no tão facilmente como uma criança.

Um deles retirou um pequeno frasco de cristal de dentro da sua túnica. Murtagh reconheceu-o como contendo o mesmo vapor encantado que Bachel usara nele. *Não!*

Debateu-se mais ainda quando o cultista destapou o frasco e lhe soprou o conteúdo sobre o rosto. O vapor encheu as narinas de Murtagh, e, em segundos, a sua vontade de resistir esvaiu-se, as pernas e os braços ficaram-lhe inertes, ele a olhar fixamente para o teto, sem pestanejar.

– Põe-no direito, para eu poder alimentá-lo – disse o outro cultista.

Murtagh sentiu-se ser puxado até ficar sentado. Em seguida, o homem que o segurava agarrou-lhe a mandíbula e forçou a boca a abrir-se, enquanto o companheiro lhe enfiava uma colherada de papa. Murtagh teve um vômito. Uma grande porção entornou-se-lhe na camisa.

O cultista franziu a testa e, depois da colher seguinte, tapou o nariz de Murtagh e pôs-lhe a palma da mão sobre a boca.

Enquanto a papa lhe escorria pela garganta, Murtagh reconheceu o sabor intenso de aguardente.

Quando a tigela estava vazia, os cultistas deixaram-no cair de lado e saíram da cela. A porta fechou com um *clang* oco.

Ouviu passos desaparecerem na distância.

Do outro lado do corredor, a voz de Uvek soou:

– Homem-Murtagh? Consegues falar?

Murtagh fez um som incoerente e tentou rolar para o lado. O movimento quase o fez vomitar. Antes de conseguir progredir mais, outros passos ecoaram pela masmorra, desta vez aproximando-se.

Os cultistas vestidos de branco voltaram de mãos vazias. Abriram a cela e, apesar dos protestos murmurados de Murtagh, agarraram-no pelos braços e arrastaram-no dali para fora.

CAPÍTULO XV



Obliteração

A partir do corredor, dobraram duas esquinas e foram dar a uma porta de madeira. A porta abriu-se para uma sala de pedra com uma braseira repleta de carvões incandescentes e uma mesa feita de madeira natural equipada com grilhões de ferro.

A visão atingiu-o com uma força chocante. Era horrivelmente semelhante ao Salão da Profetisa, tal como ele o vira quando Galbatorix o forçara a lá torturar Nasuada. Cada pedaço de Murtagh repugnava-se com o que estava à sua frente. Ele rejeitou, repudiou e renunciou tanto ao passado quanto ao futuro, e, por um segundo, o fogo escaldante do reconhecimento queimou os efeitos da *vorgethan*.

Não! Firmou os calcanhares no chão e torceu-se nas mãos dos seus captores, numa vã tentativa de se libertar. Desesperado, inclinou-se e mordeu a mão de um homem. O cultista gritou quando o sangue quente pulsou na boca de Murtagh.

Os homens atiraram-no contra a mesa, e brilharam-lhe estrelas nos olhos quando embateu com a cabeça na madeira. Continuou a debater-se mesmo quando eles forçaram os grilhões à volta dos seus pulsos e tornozelos.

– Não – resmungou, quase sem se ouvir.

Os cultistas ignoraram-no. Retiraram para os cantos da sala e puseram-se em sentido, o homem mordido embalando a mão enquanto o sangue escorria das marcas de dentes que Murtagh lhe deixara na carne.

Mais uma vez, Murtagh tentou usar magia. Mais uma vez, falhou.

A porta abriu-se, e – com uma rajada de ar como que de uma batida de asas gigantes – Bachel entrou. A bruxa usava um longo manto preto de colarinho alto, com costuras douradas ao longo dos punhos. Na testa, um adorno a condizer, sólido e achatado, feito de fios entrelaçados enfeitados com pérolas e caveiras de corvos polidas. O fundo escuro do adorno

emoldurava-lhe o rosto angular, como num retrato cuidadosamente pintado. Mas, ao contrário da maioria dos retratos, uma máscara cobria-lhe a metade superior do rosto, parecendo fundir-se-lhe na pele e conferir à bruxa um aspeto estranho e draconiano, como se a forma de um dragão fosse de alguma forma imposta sobre o seu corpo, à laia de encantamento ou ilusão.

Era mais do que um simples truque; Murtagh conseguia *sentir* uma presença adicional na sala, uma força sufocante e desumana da qual Bachel era apenas o recipiente.

O efeito da máscara era o mesmo de... de... Custava-lhe lembrar-se. Então, conseguiu: o Capitão Wren. O mesmo efeito das máscaras que o capitão guardava no seu escritório. E parecia a Murtagh que teriam todas vindo do mesmo lugar. Talvez Wren tivesse dado a máscara aos Draumar. Ou talvez eles tenham dado as máscaras ao capitão.

Fosse como fosse, Bachel assumira uma aparência aterrorizante e desmedida, e cada som e movimento que ela fazia adquiria uma realidade aumentada, como se estivesse diante de um deus feito carne.

Por mais desorientadora e intimidante que fosse a experiência, não era o pior. Não para ele. Pois a máscara lembrava-o, acima de tudo, de quando Galbatorix lhe ordenara que usasse uma meia máscara enquanto interrogava Nasuada. Por que razão, exatamente, Murtagh nunca soubera, mas suspeitava que o rei quisesse forçar o distanciamento entre si e Nasuada, para que ela não se reconfortasse em qualquer olhar ou expressão dele, e ele pudesse mais facilmente assumir o papel de torturador.

Murtagh odiara aquela maldita coisa.

– Bem-vindo, Assassino do Rei. – As palavras da bruxa ressoavam como se proviessem dos picos das montanhas: um som sobrenatural que em nada se assemelhava à voz de um humano ou elfo.

Avançou para a mesa, e Murtagh viu que ela usava joias nas mãos: em cada dedo, uma garra de ónix fixada num encaixe de ouro esculpido. As garras eram afiadas, e ele ficou hirto ao senti-la passar-lhas sobre a curva do ombro. Mesmo através da camisa, arranharam-no.

Com um esforço de vontade, obrigou-se a dizer:

– O que... quer, bruxa?

– Quero-o a si. – Ela sorriu, e, sob a máscara, os seus dentes mostravam uma fome selvagem.

– Nunca.

– Curvar-se-á a mim, Assassino do Rei, e servir-me-á a mim e àquele que por minha vez sirvo. – Os olhos brilhavam-lhe com uma luz melada. – E será ricamente recompensado por ajudar a forjar o nosso temível futuro. Não mais um príncipezinho, mas um rei apto a governar o mundo.

Estar tão perto daquele seu porte superdimensionado, semelhante a um dragão, era esmagador, e Murtagh sentiu-se enfraquecer diante de tal força, enfraquecer e diminuir.

– Não – disse ele, mas a palavra parecia lamentavelmente fraca.

– Um rei – sussurrou Bachel, inclinando-se para que Murtagh pudesse sentir a respiração dela na orelha. – Um rei como o mundo precisa, e eu, sua sacerdotisa. E traremos vingança há muito adiada a esta terra corrompida.

Murtagh abanou a cabeça, tentando bloquear a sua voz insidiosa. Estava a preparar-se um desafio, sabia-o, que iria testá-lo ao máximo.

– ... Porquê?

A bruxa endireitou-se, tão alta e distante quanto uma estátua de rosto cruel.

– Somos os devotos de Azlagûr, o Devorador. Azlagûr, o Primogénito. Azlagûr, o Sonhador. Aquele que dorme e cuja mente adormecida tece a urdidura e a trama do mundo acordado. Mas o adormecido está a ficar inquieto, Assassino do Rei, e nós somos os Seus olhos, ouvidos e mãos. Com os nossos atos, prepararemos o mundo para a Sua temível chegada. Aqueles que servem Azlagûr, aqueles que bem Lhe agradam – aqueles que Ele elevará acima de todos os outros e a quem concederá poder. Poder como não existe no mundo desde os tempos antigos, quando a magia era selvagem e desvinculada e o Povo Cinzento era ainda primitivo, abrindo caminho para sair da lama.

Inclinou-se de novo para ele, a expressão terrível, e Murtagh pensou ver chamas saltitarem-lhe nos olhos e sangue escorrer-lhe das garras de ónix.

– Junte-se a mim, Assassino do Rei. Junte-se a mim por sua própria iniciativa. Tudo o que deseja será seu, se tiver fé.

– Nunca – disse, arfando. O ar parecia aquecido, e ele tinha dificuldade em respirar. Sentia-se como se estivesse a sufocar.

– Assim seja. Tê-lo-ei de qualquer maneira, pois eu *sou* o avatar de Azlagûr, e *Ele* não pode ser recusado.

E Bachel passou as garras no peito dele. Faíscas voaram das pontas de ónix afiadas ao atingirem os feitiços de proteção, e Murtagh começou a enfraquecer à medida que os feitiços consumiam a sua força na tentativa de o protegerem.

A expressão de Bachel endureceu, e o seu rosto encantado era temível. Com um movimento deliberado, colocou as garras em círculo sobre o coração dele e pressionou para baixo com cada vez mais força. As pontas das garras começaram a brilhar, vermelhas, e Murtagh ficou tonto e sem fôlego.

As proteções dele poderiam escudá-lo para sempre... se tivesse energia para alimentá-las. Mas não tinha. Sustentar os feitiços parecia-se com tentar segurar um pedregulho nas suas mãos estendidas; o peso era avassalador e, em pouco tempo – para não o matarem –, as proteções falharam, e as garras de Bachel afundaram-se-lhe no peito.

Murtagh retesou-se e gritou.

– ... como? – conseguiu dizer, ofegante.

– O poder de Azlagûr é maior do que pode imaginar, Assassino do Rei. Ele *não* será recusado.

E a mente da bruxa atacou a de Murtagh com uma torrente de pensamentos negros, rápidos e vorazes.

Ele não tinha a resistência necessária para mantê-la afastada. Não naquele momento. Então, tentou uma abordagem diferente, mais perigosa, mas não menos eficaz. Vergou como um juncos ao vento e permitiu que a consciência de Bachel fluísse em torno da sua. Sempre que ela tentava captar um dos seus pensamentos, ele deslizava para um lado e voltava a atenção para alhures. A sua distração tornou-se uma defesa, e, com isso, frustrou Bachel repetidamente.

A bruxa não desistiu. Tinha recursos que ele não tinha, e sempre que um pensamento ou lembrança lhe passava pela mente, aprendia um pouco mais sobre ele.

– Ahhh!

As garras cortaram-lhe riscas ensanguentadas no peito, e Murtagh arqueou as costas. Deu puxões nos grilhões de ferro, procurando parti-los, mas eram demasiado grossos e estavam muito bem presos.

A dor concentrou-lhe a mente, e a bruxa usou isso para fixar a consciência no mesmo lugar, segurá-la e encurralá-la enquanto procurava subjugar-lo à sua vontade. Mas, mesmo drogado, Murtagh conhecia aquele jogo. Jogara-o com Galbatorix mais vezes do que queria recordar e sabia como dobrar-se e torcer-se e escapar ao alcance dela.

Nasuada também jogara aquele jogo com *ele* durante o seu tempo no Salão da Profetisa. E ela – feroz, orgulhosa, forte – nunca havia quebrado. Esse pensamento deu-lhe uma pequena dose de esperança.

Ainda assim, escapar da pressão mental da bruxa era um trabalho exaustivo, semelhante em esforço a um combate físico e agravado em dificuldade pelas dores que Bachel lhe infligia.

– Não tenho qualquer desejo de desfigurá-lo, Assassino do Rei – disse ela e sacudiu uma gota de sangue das suas garras de ónix. A gota cintilou à luz do braseiro enquanto caía, um globo polido perfeito, do mais profundo vermelhão. – Mas é preciso muito pouco para causar sofrimentos que enlouqueçam um elfo, até.

Pressionou a ponta de uma garra contra um dos arranhões no peito dele, a qual encontrou um nervo, e um fogo eletrizante disparou-lhe pelo tronco e pescoço.

Esforçou-se por manter o rosto imóvel. Quanto mais caretas fazia, pior a dor lhe parecia. Quando, depois de uma eternidade de sofrimento, Bachel levantou a garra, ele arfou.

– Quer... que eu... enlouqueça?

– Se louco é o que posso ter, então louco o terei. É uma ferramenta útil de qualquer maneira, Assassino do Rei, mas a minha preferência seria tê-lo como é, inteiro e bonito e apto para lutar contra um exército. – Riu-se, e o som era desconcertante, emanando da sombra draconiana que a envolvia. – Mas acho que seria mais divertido louco. A escolha é sua, Assassino do Rei. Junte-se aos Draumar. Junte-se a *mim* e sirva o nosso temido mestre Azlagûr, como os que vieram antes de nós.

– ... Nunca.

– *Tss, tss, tss*. Tão repetitivo. Tão entediante. Terá de pensar em respostas mais criativas, meu filho rebelde. Não me obrigue a castigá-lo, ainda que o castigue para o seu próprio bem.

Ergueu de novo a mão com garras, e ele obrigou-se a dizer, tão depressa quanto conseguiu:

– Azlagûr... fala consigo?

Um sorriso secreto formou-se no rosto de Bachel, e as suas garras detiveram-se no ar.

– De certa forma. Ele fala com todos nós, Assassino do Rei, mesmo consigo, se tiver ouvidos e olhos para entender. Quando sonha, são os sonhos de Azlagûr, e por eles entendemos a Sua vontade. Como Sua sacerdotisa, como Sua Oradora, Ele envia-me sonhos mais particularmente, e eu partilho-os com o meu povo e interpreto-lhes os sonhos que eles têm. É assim que recebemos a sabedoria de Azlagûr.

– Com que fim?

– Executarmos a destruição desta era e o início de outra. Refazermos o mundo através do fogo e do sangue e concretizarmos profecias e planos que atravessam milénios. Não percebeu, Assassino do Rei? Somos os instrumentos do Destino. Fomos escolhidos para estabelecer o padrão da história e, por isso, teremos recompensa além da imaginação mortal.

Então, as garras de Bachel desceram novamente, e Murtagh deu novamente voz à sua dor.

No fundo da sua mente, sentiu um sofrimento correspondente em Thorn, e o sentimento aumentou-lhe o tormento, pois não podia ajudar aquele que mais importava para si.

CAPÍTULO XVI



Sonhar acordado

A bruxa atormentou-o durante horas. Sempre a pedir-lhe que quebrasse ou vergasse.

Ele recusou-se sempre.

Mas deu-lhe tudo o que resto que ela lhe exigiu. Quando lhe ordenou que concordasse, ele concordou. Quando lhe disse para virar a cabeça ou dizer que a causa dos Varden fora um erro e um equívoco, ele obedeceu. Um truque que aprendera em Urû'baen. Se concordasse, isso trar-lhe-ia um ligeiro alívio, físico e mental. Se fosse cooperante, isso apaziguaria Bachel até certo ponto. Mas na questão central nunca cedeu e, tanto quanto pôde, evitou e dissimulou e tentou, como conseguiu, frustrar os esforços da bruxa.

Se não tivesse sido drogado, tentaria apoderar-se da mente de Bachel e torná-la sua serva. Na situação em que se encontrava, só lhe restava aguentar.

A bruxa não estava interessada apenas na sua adesão. Questionou-o sobre Eragon e Saphira, Arya e Fírnen, e especificamente sobre o estado do reino de Nasuada, incluindo a dispersão dos magos Du Vrangr Gata, os postos dos exércitos do reino e muitas outras informações essenciais. Murtagh não tinha conhecimento especial acerca de muito do que ela lhe perguntava, embora Bachel nem sempre acreditasse nele e o pressionasse duramente em todos os pontos.

As perguntas dela ensinaram-lhe duas coisas. Primeiro, que Bachel parecia pensar que um ataque em grande escala ao reino de Nasuada não era apenas desejável mas uma possibilidade real. *Com que exército?* E, segundo, que Bachel e os Draumar estavam muito mais bem informados do que os seus números ou localização pareciam indicar. *Quantos simpatizantes teriam?*

Tais pensamentos coerentes surgiam-lhe apenas nas breves pausas entre as atenções de Bachel. Na maioria das vezes, Murtagh flutuava numa névoa de dor, incapaz de entender coisa alguma além da sua necessidade de escapar às garras da bruxa.

E... estava assustado.

O medo não fazia dele cobarde, mas, quanto mais via a visão distorcida de Bachel, e quanto mais lhe sentia as garras de ponta vermelha, e quanto mais a consciência intrusa dela puxava pelas partes mais íntimas do seu eu, mais crescia o seu terror.

Muitas coisas difíceis fizera Murtagh na vida, muitas coisas vergonhosas e sangrentas, algumas delas a isso obrigado, outras nascidas da sua própria fraqueza, mas aquele era o maior desafio que alguma vez enfrentara. Porque, ao contrário do que sucedera com Galbatorix, ele não podia permitir-se ceder — não o *faria*. Sabia que tormentos havia naquele caminho, e eram piores do que qualquer dor física.

Ou assim dizia a si mesmo. No entanto, por causa disso, não havia fim à vista, e isso tornava difícil sustentar a esperança.

Tentava não pensar, fazer apenas o que tinha de ser feito, na expectativa infundada, talvez vã, de que, em algum momento, Bachel se cansaria dele e direcionaria a sua crueldade para outro lugar.

O rosto de Nasuada enchia-lhe muitas vezes a mente, a expressão dela por vezes suave de simpatia, outras vezes contorcida de dor e medo, e Murtagh via-se forçado a recordar o que lhe fizera no Salão da Profetisa. O sofrimento que ele lhe infligira então não era menor do que aquele que agora suportava, e esse conhecimento dava-lhe a volta ao estômago. Houve uma parte dele que acolheu a tortura como penitência pelos seus crimes. Mas, por maior que fosse o seu sofrimento, os erros do passado continuavam a ser uma prova dos seus fracassos.

Bachel deu conta, pois, enquanto ele lutava com as suas memórias, ela aproximou o rosto junto do dele e estudou-o com fria diversão.

— Que pensaria a sua rainha de si agora? — murmurou. — Teria ela pena de si? Não, acho que ficaria repugnada com a sua fraqueza, meu príncipezinho indefeso. É uma fraqueza fatal, da qual nunca recuperará, a menos que jure fidelidade a mim e a Azlagûr.

— ... não.

As garras desceram, e ele gritou novamente.

Depois de um tempo sem fim, a bruxa ficou entediada com ele. Tirou outro frasco de cristal do corpete, destapou-o e soprou-lhe uma nova nuvem de vapor sobre o rosto.

Murtagh prendeu a respiração, mas, tal como sucedera a Thorn, a nuvem agarrou-se a ele, e quando finalmente os seus pulmões cederam, o fedor pútrido de enxofre obstruiu-lhe nariz e boca, e a sala inclinou-se debaixo dele, e tudo o que era sólido pareceu insubstancial.

Exceto Bachel. Ela retinha a sua substância. O rosto dela tornou-se impossivelmente grande quando se inclinou sobre ele e disse:

– Tentaremos novamente amanhã, Assassino do Rei. Deixe que esse conhecimento lhe preencha os pensamentos. Enquanto isso, que a Respiração de Azlagûr lhe traga sabedoria através do sonho e que sonhando encontre o seu caminho.

O rosto dela recuou.

– Leva-o ao poço antes de o devolveres à cela. O cheiro dele é ofensivo.

– Assim farei, Oradora – respondeu um homem fora do alcance da visão de Murtagh.

Então, a bruxa saiu da sala, e mãos invisíveis removeram os grilhões dos pulsos e tornozelos de Murtagh. Arrastaram-no pelo edifício e, durante algum tempo, Murtagh só teve consciência do batimento das pernas no chão de pedra, da tensão nos braços e ombros e do balançar da cabeça, que o deixava enjoado.

Pingava-lhe sangue do corpo. Menos do que receara, mas nenhuma perda de sangue era bem-vinda.

Água gelada derramada sobre a nuca. O choque clareou-lhe um pouco a mente. Arfou e olhou em volta; estava sentado junto ao poço que ficava do lado de fora do templo, e os dois cultistas deitavam-lhe baldes de água. Em seguida, arrastaram-no para o pátio do templo.

Thorn estava lá. Pesadas correntes de ferro amarravam o dragão às lajes, enquanto o seu focinho se encontrava envolto em grossas correias de couro, e tinha as asas presas ao corpo por várias voltas de corda. Sangue semelhante ao alcatrão riscava-lhe as membranas enrugadas.

O coração de Murtagh deu um salto. Sentia que havia palavras que precisavam de ser ditas e ações que precisavam de ser feitas, mas não conseguia mexer braços nem pernas.

Olhou para Thorn, e Thorn para ele – os olhos rubi do dragão entorpecidos, derrotados, obscurecidos por drogas ou magia ou alguma combinação das duas. Havia uma tristeza no seu semblante que atingiu Murtagh no âmago, mesmo nos extremos da sua própria angústia, e ele lutou para se soltar dos seus captores, mas não conseguiu fazer mais do que sacudir-se debilmente.

– Nada disso agora – disse um dos cultistas.

Do outro lado do pátio, surgiu Alín – vestida de branco e de rosto pálido – entre as colunas do templo. Parecia afetada por vê-los assim, a ele e a Thorn, embora Murtagh não conseguisse entender porquê. Por momentos, pensou que ela estava prestes a falar, mas depois os seus captores viraram-se e arrastaram-no em direção à pequena porta lateral do templo, e o momento passou.



Murtagh aterrou de lado com um impacto doloroso, e a porta da cela fechou-se nas suas costas com um *clang*.

Deitou-se sobre o manto amarrotado durante um bom bocado, tentando reunir os pedaços de si mesmo para dar sentido ao mundo.

Apesar dos seus esforços, os olhos fecharam-se-lhe...

Estava sentado num trono... NO trono: a mesma monstruosidade negra e dourada da corte de Galbatorix. Thorn estava à sua esquerda, e no chão de mármore polido diante deles ajoelhava-se Eragon, cabeça inclinada, logo rosto escondido, o cabelo a mesma desordem de madeixas castanhas desgrenhadas de que Murtagh se lembrava. Havia marcas vermelhas vivas em torno dos pulsos de Eragon, e – com a certeza encontrada apenas em sonhos – Murtagh soube que quebrara Eragon e que Eragon estava sob as suas ordens, tal como Murtagh estivera sob as de Galbatorix.

Depois de Eragon estavam as formas ajoelhadas de Arya, do rei anão Orík e de... Nasuada. Tal como Eragon, tinham os rostos virados para o chão. Todos menos Nasuada. Ela olhava-o com uma expressão de temerosa devoção, e ele sabia que também ela estava às suas ordens e que, mais do que os outros, era escrava da sua palavra.

Mais afastadas, fileiras intermináveis de soldados: humanos nas suas cotas de malha e jaquetões acolchoados; elfos vestidos com cores de bosque, com arcos elegantes na mão e espadas longas e graciosas nos quadris; anões com martelos e piques, e batalhões de lançadores montados em Feldûnosta, as cabras de porte altivo das montanhas Beor; e também Urgais, com suas armas rudimentares, Urgais de altura humana e outros chegando aos dez, doze pés – os Kull, enormes, musculosos, aterrorizantes.

E ele sabia que cada soldado lhe devia lealdade e que poderia mandá-los para o campo de batalha e que morreriam por si até ao último deles.

Murtagh sentia o poder como seu e acolhia com agrado a sensação de controlo. Com isso, poderia fazer o que era certo – o que era necessário – e, mais importante, conseguiria manter-se a si e a Thorn seguros. Ninguém poderia comandá-los ou escravizá-los se eles governassem a terra. Quão simples. Quão direto. Porque nunca havia pensado nisso antes? Já não teria de se debater com a questão de se manter afastado dos feitos de Alagaësia. Ao assumir o seu legítimo lugar no trono, contornaria o problema, e todos no reino poderiam tornar-se parte de si, em vez de ser Murtagh parte deles.

Sorriu ao contemplar o seu domínio. Pela primeira vez na vida, sentia-se como se tivesse encontrado o seu lugar.

Ao fundo da sala de audiência impossivelmente ampla, uma janela de trifólio permitia uma visão para o oeste e, emoldurado nela, um sol negro descia...



– Homem-Murtagh... Consegues ouvir-me?... Acorda, humano... Humano?

O arco escuro do teto de pedra foi a primeira coisa que Murtagh viu. Pestanejou e mexeu-se. Sentia cada músculo do corpo dorido e tenso; puxara os grilhões com todas as forças, e agora pagava o preço disso. Amanhã seria pior.

Quando rolou até ficar de joelhos, sentiu o sangue seco estalar-lhe no peito. Ainda tinha a mente turva, a inteligência entorpecida, a visão difusa.

Do outro lado do corredor, viu Uvek agachado junto à porta da cela, com as pontas dos chifres a tocarem nas barras. Era difícil dizer ao certo, mas Murtagh achava que o Urgal parecia, se não preocupado, pelo menos compadecido com um colega prisioneiro.

– Consegues falar, homem-Murtagh?

Murtagh demorou mais tempo do que gostaria a produzir um som:

– Eu...

Passos ecoaram pelas paredes, aproximando-se. O pavor encheu Murtagh, e este recuou, afastando-se da porta da sua cela. Do lado oposto, Uvek recolheu-se silenciosamente até ficar escondido na sombra.

Então Murtagh viu Alín percorrer o corredor. Parou diante da cela dele e olhou-o, as faces tão pálidas quanto o manto. Uniu as sobrancelhas, apertou os lábios e estremeceu ligeiramente, como se atormentada por uma paixão poderosa.

Ajoelhou-se e colocou um prato de madeira na cela dele, juntamente com um pequeno cântaro do que cheirava a vinho diluído. O prato continha pão e queijo duro e várias tiras de berganão fumado.

Voltou a pôr-se de pé. Alisou a frente da túnica, e Murtagh notou que as mãos lhe tremiam. Então, virou-se e foi-se embora a correr, e a sua túnica tremulou como um estandarte ao vento.

– Tens amiga, homem-Murtagh. – A voz ruidosa de Uvek precedeu o Urgal a emergir das sombras.

– ... Talvez.

A fome súbita – voraz, ardente, insuportável – fez Murtagh correr para a frente para rasgar o pão e o queijo. As suas mãos não estavam mais firmes do que as de Alín. Amiga ou não, o sabor inconfundível da aguardente manchava a comida que ela trouxera – a temida droga *vorgethan*. Por momentos, pensou em renunciar os alimentos, mas estava desesperadamente fraco. Se não comesse, sabia que a sua força de vontade o abandonaria por completo. Para sobreviver, tinha de se obrigar a ingerir o mesmo veneno que o mantinha preso.

– A bruxa tratou-te mal – disse Uvek.

Não era uma pergunta. Olhando para ele novamente, Murtagh viu uma bondade na expressão do Urgal que nunca antes encontrara entre a raça de Uvek. Uma imagem chegou a Murtagh, tão brilhante e forte que ele sentiu-se a olhar para outro tempo e lugar – uma imagem de Uvek sentado no

cume de uma alta montanha, perto de um pinheiro agitado e soprado pelo vento... debruçado sobre uma única flor azul, pálida e delicada, uma expressão pensativa no rosto.

Murtagh abanou a cabeça. A Respiração e a *vorgethan* estavam a tornar a realidade tão fina quanto uma cortina puída, como se ele pudesse espiar através de um buraco desfiado e ver o que de outra forma estaria escondido.

– O que quer ela de ti, homem-Murtagh?

– Ela... – Tossiu. Flocos de sangue seco caíram no chão. – Ela quer que eu lhe jure fidelidade e me junte aos Draumar.

Uvek inclinou a cabeça. A ponta de um chifre bateu nas barras da sua cela.

– Quer mesma coisa de mim.

– Mas ela não te tortura.

– Não desde que te capturar. Penso que ela te achar mais interessante.

– Sorte a minha. – Murtagh bebeu profundamente do vinho diluído e, em seguida, começou a comer o berganão fumado. Enquanto mastigava, estudava Uvek. – Porque quer Bachel a tua fidelidade?

– Os Draumar buscam fidelidade de todos os que encontram.

Murtagh abanou a cabeça novamente. Estava com dificuldade em convocar as palavras de que precisava.

– Sim, mas... Não. Porquê... porquê *a tua*?

– Porque fui um que eles conseguiram encontrar.

Ainda não era aquilo que Murtagh queria saber, mas expressar-se era-lhe muito difícil; então, resmoneou e concentrou-se em comer.

Quando a comida acabou, inclinou-se para trás e descansou a cabeça contra a pedra fria da cela, fechando os olhos enquanto tentava fortalecer o cordão umbilical fino e quase indetetável que o unia a Thorn. Uvek ficou sempre a observá-lo, mas Murtagh não se importou. Havia muito ferro a separá-lo do Urgal, e, além disso, ele não se sentia ameaçado por Uvek... embora tivesse a certeza de que este era capaz de grande violência quando a ocasião o exigia.

Murtagh teve pouco sucesso com Thorn. Apenas conseguia discernir emoções indistintas, nenhuma delas agradável. Ainda se afigurava impossível trocar pensamentos e palavras completos. De qualquer forma, a mente de Murtagh continuava a vaguear, e ele dava por si a perder e a

recuperar de novo os sentidos, como se o mundo estivesse dividido em pequenas secções de consciência, breves lampejos de lucidez e o resto loucura ou, pior, inexistência.

No entanto, ao mesmo tempo, a sua mente voltava sempre a Nasuada e à horrível intimidade do tempo que passaram juntos no Salão da Profetisa. A sua vergonha crescia, e também crescia o seu respeito por ela. Que ela tivesse resistido a Galbatorix e se tivesse aguentado durante tanto tempo parecia agora milagroso a Murtagh. Não sabia como o conseguira. Nem como recuperara. Receava não ser tão forte.

Estava quase a dormir – ou perdido num estado de fuga que se assemelhava ao sono – quando Uvek disse:

– Homem-Murtagh, porque vieste mais o dragão-Thorn para Nal Gorgoth?

– Queria... descobrir... quem Bachel... enxofre... pedra.

– Como é que Draumar te apanhou? Foi quando terra tremeu?

Era muito difícil explicar na íntegra.

– Não... descuidei-me... depois da festa...

Ouviu Uvek mexer-se, e o Urgal fez um som zangado.

– Festa! Há quanto tempo em Nal Gorgoth, homem-Murtagh?

– Dois... dois dias.

– Porque não matar Draumar quando poder?

Murtagh forçou a abertura dos olhos.

– ... fiquei curioso. É importante saber antes de agir.

A testa de Uvek alisou-se, e então a sua cabeça pesada moveu-se para cima e para baixo.

– Ah. Isso sensato, homem-Murtagh. Mas agora preso como Uvek. Melhor agir mais cedo, evitar muita dor, muito...

A sua voz esvaneceu-se no esquecimento quando os olhos de Murtagh se reviraram, e ele caiu da cela, para baixo, para baixo, para baixo, através de um negrume sem fim, em direção às duras visões dos sonhos prometidos.

CAPÍTULO XVII



Fragmentos

Os cultistas regressaram.

A porta da cela abriu-se, e Murtagh acordou sobressaltado, confuso. Parecia-lhe estar a meio da noite, embora não houvesse como sabê-lo, naquele espaço sem janelas. Noite ou dia, o tempo tinha perdido todo o sentido de coesão. Durante alguns segundos dispersos, não fazia ideia de onde se encontrava ou do que estava a acontecer.

Braços levantaram-no do chão, e um par de homens vestidos de branco arrastou-o da cela no instante em que ele começou a protestar.

Os cultistas levaram-no de volta para a sala do tormento. Iluminada a carvão, manchada de sangue, o fedor tenso do terror agarrado às pedras cinzeladas com persistência obstinada e cruel.

Bachel aguardava-o, novamente enfeitada com um adorno na cabeça e uma máscara com aparência de dragão, a sua figura alta e temível, com um corvo empoleirado em cada ombro.

Murtagh debateu-se sem sucesso enquanto os cultistas o acorrentavam à mesa de madeira tosca. Murmurando suavemente, Bachel inclinou-se sobre ele, e o som da agonia de Murtagh ecoou pelas paredes indiferentes.



Havia uma certa monotonia na dor. Cada golpe trazia um novo desconforto – imediato, insistente e exigente da atenção de Murtagh –, e, no entanto, a dor possuía uma mesmice mortífera que se confundia numa única mancha de sofrimento. A repetição era quase tão insuportável quanto as próprias lesões. O processo era, todo ele, miseravelmente *previsível*. Detestava saber a direção das intenções cruéis de Bachel e detestava quão eficazes eram as suas ministrações não propriamente ternas. A experiência

não lhe providenciava proteção alguma; quando muito, tornava as suas provações mais difíceis de suportar, e a confusão constante instalada nos seus pensamentos só aumentava a tensão desumana de cada instante eterno.

No entanto, apesar de tudo, ainda conseguia evitar e confundir os ataques mentais de Bachel. E a bruxa ficava frustrada e usava a Respiração nele outra vez, e o tempo fraturava-se em torno dele, e ele não era capaz de ordenar os acontecimentos. Parecia saltar entre momentos, desamarrado de um presente constante, um naufrago atirado de um fragmento tempestuoso de tempo para outro, como um pedaço de destroços de crista espumosa em crista espumosa.

Murtagh agarrou-se à única coisa de que tinha certeza: o seu próprio sentido de si. Isso ele sabia. O núcleo do que ele sabia ser – a verdade do seu nome na língua antiga – dava-lhe força, mesmo nas profundezas do seu desespero.



A dor já não era só dele. Sentia agora tormentos adicionais, vindos de Thorn, que lhe agravaram a angústia. Amaldiçoou Bachel, mas a bruxa apenas se riu, como era seu hábito, e mais uma vez lhe exigiu a fidelidade.

Era um exercício inútil da parte dela, mas Murtagh sentiu lágrimas no rosto – a primeira vez que chorava por causa das inflições de Bachel – e chorou, não por si mesmo, mas por Thorn. O dragão não merecia a dor, *nunca* tinha merecido tal tratamento. *Falhei*, pensou Murtagh, e essa tomada de consciência foi esmagadora. Mais uma vez, fora incapaz de proteger o amigo. Mais uma vez, outro sofria por causa dos seus erros.

Desejava poder pedir ajuda a Eragon. Teria engolido o orgulho de bom grado se isso significasse que Eragon e Saphira voariam em auxílio deles. De que servia o orgulho quando se era reduzido à parte mais básica e mesquinha da existência? Orgulho, vaidade, ambição, raiva – nada lhe foi deixado. Apenas a necessidade de sobreviver. E de salvar Thorn, fosse como fosse.



Os cultistas estavam a atirar-lhe água, lavando-o, como já haviam feito. Velhos hábitos da corte fizeram Murtagh querer agradecer-lhes, mostrar que, embora estivesse à mercê deles, não o haviam despojado do seu autodomínio e das boas maneiras. Mas as palavras não lhe saíam da boca.



Thorn jazia no pátio, esmurrado e desgrenhado. Nunca Murtagh vira um dragão tão encolhido – um cão maltratado a retrain-se ao ver o dono. Vê-lo assim fez algo quebrar-se no peito de Murtagh e tentou falar.

Tudo o que conseguiu proferir, por entre os seus lábios gretados, foi um fraquíssimo:

– ... Thorn.

Os olhos do dragão fitaram-no sem vida nem brilho, e Murtagh sentiu um roçar da mente dele na sua. Por um momento, vislumbrou uma paisagem de pensamento escura e sombria, onde nenhuma centelha de esperança brilhava, e uma turvação cinzenta entrava de todos os lados.



Uvek falava:

– ... homem-Murtagh... Estás a ouvir, homem-Murtagh?... Pisca olhos se entender palavras.

Murtagh tentou rebolar para o lado, mas os músculos recusaram-se a responder-lhe. Caiu contra a parede, de olhos fechados, e fez um som de derrota. Com uma mão, gesticulou vagamente em direção ao Urgal.

Chegou-lhe um grunhido vindo de Uvek. Através das pálpebras semicerradas, Murtagh viu-o agachar-se ao lado das grades da cela.

– És forte, homem-Murtagh. Mais forte do que a maioria dos sem chifres.

– ... Cavaleiro. – A palavra veio como um coaxar da sua garganta ferida.

– *Hrmm*. É mais do que isso. A força vem daqui. – Uvek bateu no lado da cabeça. – E daqui. – Bateu no centro do peito.

Uma tosse súbita fez Murtagh gritar com dor no flanco. Parecia-lhe ter uma costela partida ou quase. Respirou fundo.

– O que... sabes... de... Azlagûr?

Uma nuvem escura instalou-se no rosto de Uvek, e os músculos dos seus antebraços ondularam e retesaram-se.

– Só que Draumar adora esse. Eu nunca ouvir nome antes de Nal Gorgoth, mas acho... Não, não sei o que acho. Bachel é louca, mas não significa que poder seja imaginado. Não.

– ... não. – Murtagh fez uma careta enquanto puxava o manto pelo peito. As pedras debaixo dele estavam insuportavelmente frias. – Eu estou sempre a sonhar... a sonhar com... – Perdeu a força e, com ela, a voz. Com um esforço, recompôs-se. – Com um sol negro com um dragão negro... acho... tem... algo que ver com... Azlagûr.

As fendas sombreadas no rosto de Uvek aprofundaram-se.

– É assim? Eu vejo sol negro também, homem-Murtagh. Todas as noites, perturba o meu sono. *Hrmm*. Sabes como Urgralgra acham que mundo vai acabar?

– ... como?

Uvek desnudou os dentes.

– O grande dragão, Gogvog, levantar-se-á do oceano e comerá o Sol, as estrelas e a Lua, e depois cozinhará o mundo com as suas chamas. Será mau momento para Urgralgra. E para sem chifres também.

O mais ténue dos sorrisos tocou os lábios de Murtagh.

– Imagino... que seja.

– Faz-me lembrar o sol negro. – O Urgal rodou os ombros. – Incomoda-me, homem-Murtagh. Este é um lugar ruim, eu acho. Muito ruim.

Murtagh não podia discordar. Os olhos fecharam-se-lhe, e ele sentiu-se como se estivesse à beira de desmaiar.

A voz de Uvek arrastou-o de volta à consciência.

– Faz mal dormir ferido assim, homem-Murtagh. Fechar os olhos e não voltar a acordar. Pode ser.

– Não consigo... ficar... acordado – murmurou Murtagh.

O Urgal bufou.

– Vou contar história, então. *Hrmm*. Vou contar como Draumar me apanharam. Gostarias?

– ... sim.

– Bom. Mantém olhos abertos, homem-Murtagh. História é esta... Catorze invernos. Catorze invernos eu sentar no topo da montanha. Eu penso. Eu sonho. Eu *escuto*. Pássaros e bestas, as pequenas abelhas que se

alimentam de flores primaveris, ouço-os, homem-Murtagh. Ensinaram muito sobre o mundo, e eu pensei que entender, mas... Guh! – Puxou as pontas dos chifres, e os seus lábios pesados enrolaram-se de desagrado. – Não entender. Fui tolo, mas não perceber. Saí do clã porque achei melhor ficar sozinho. Única maneira que eu poderia aprender sem distração. Única maneira eu ajudar Urgralgra sem favorecer este clã ou aquele. Única maneira de ficar à parte.

Uvek bateu com uma grossa unha amarela contra a barra de ferro à sua frente.

– Mais velho eu fico, homem-Murtagh, mais acho ser sábio é saber o quanto ainda não saber. Muito fácil ser enganado por pensar que conhecemos padrão, mas mundo, ela gosta de areia caindo no vento. Muito *zhar*. Muita aleatoriedade. *Hrmm...* Dois anos atrás, o Clã Vrekqna veio até mim, falou de sem chifres que os atacam, fazem prisioneiros, matam os seus guerreiros. Eles pediram ajuda, mas eu não saía do topo da montanha e mandei-os embora. Poucas luas depois, o Clã Thulkarvoc veio até mim com o mesmo pedido. Disse que sem chifres tinham magias estranhas contra as quais não podiam resistir. Disse que deixaram amuletos de crânios de pássaros. Disse que roubaram seus carneiros e queimaram suas cabanas. Ainda assim, eu não queria deixar topo da montanha. Orgulhoso de mais eu fui, de mais, de mais.

Seguiu-se um silêncio pensativo enquanto Uvek dedilhava no cinto, e Murtagh aproximava-se do sono, embalado pela quietude das suas celas.

Então o Urgal falou novamente:

– Duas luas atrás, Draumar foram minha cabana. Disseram-me para ir com eles. Eu digo *não*. Eles dizem *sim*, então lutamos, homem-Murtagh. Mas havia muitos, e eu estava sozinho. Não, não sozinho. Eu digo errado. Havia gralha. Ela visitava-me todos os dias, e eu falo com ela. Ela ouve, e eu dou-lhe sementes. Doze anos, homem-Murtagh, ela veio até mim. Kiskû, chamo-lhe. Ela tentou ajudar, atacar Draumar. – Uvek fez um som profundo e ondulante, como pedras a cair. – Mas Draumar matá-la. Aquele, Grieve, ele atirou pedra em Kiskû, atingiu-a. É uma coisa ruim a fazer, homem-Murtagh. Gralha não é como corvo. Gralha traz vida, sorte e notícias de longe. – Uvek balançou-se sem sair do lugar, e os seus chifres embateram nas barras da cela. – Draumar apanharam-me, homem-Murtagh, como coelho num laço, e trouxeram-me aqui, e aqui eu fico enquanto os sonhos

apodrecem minha cabeça. — O Urgal coçou-se debaixo do queixo. — Eis a tua história, homem-Murtagh. Agora saber como eu sou estúpido e como eu ser apanhado. *Hrmm*. Estava errado viver à parte. Eu não poder ajudar clãs, e clãs não poder ajudar-me. — Abanou a cabeça. — É melhor encontrar maneira de estar perto daqueles de quem gostamos, mesmo que nem sempre se encaixar facilmente. As abelhas sabem. Os lobos sabem. Agora eu sei.



Bachel estava a ficar cada vez mais impaciente, e, em resultado disso, os seus métodos tornaram-se cada vez mais cruéis.

Murtagh conhecia os seus limites, e atingira-os. Os seus feitiços de proteção já haviam desaparecido — aqueles que o protegeriam contra danos físicos, pelo menos —, tinha o corpo fraco e a mente numa névoa confusa. Às vezes, parecia que a bruxa lhe mantinha a consciência sob um controlo apertado. Noutros momentos, parecia-lhe ser ainda capaz de escapar aos ataques mentais dela. Mas era frequente não conseguir perceber se era ou não livre, e temia que os seus pensamentos já não fossem seus.

Quando ficava incapaz de responder como a bruxa desejava, ela tecia magia sem palavras e curava-lhe as feridas. Mas nunca todas, apenas o suficiente para restaurá-lo a uma aparência de consciência. Era a forma mais cruel de cuidado, e ele detestava a falsidade dela quase mais do que as próprias torturas.



Um corvo crocitou.

Era de noite. Início ou fim, ele não sabia dizer. As pedras debaixo dele estavam frias e húmidas. A respiração de Uvek era um som constante através da masmorra.

Murtagh olhou fixamente para a negritude. Padrões de luz formaram-se-lhe diante dos olhos, uma exibição iridescente de ornamentação caótica, laranjas e vermelhos e azuis pulsantes de uma pureza raramente encontrada na natureza.

Não conseguia dormir. Tentou compor um poema para aquietar a mente, mas as palavras escapavam-lhe. Até o próprio conceito do poema lhe escapava. O que ele não podia nomear, não podia descrever, e tudo parecia sem esperança.

Mais uma vez, o corvo crocitou.



Dois cultistas agarravam-no enquanto um terceiro lhe enfiava à força uma papa rala na boca. Ele engasgou-se e tentou cuspir, mas mantiveram-lhe o nariz tapado até ele engolir. A papa ardia como aguardente.



Os olhos arregalaram-se-lhe quando viu uma aranha brilhante, de corpo preto, deslizar nas pedras à sua frente. Gritou e tentou afastar-se, mas a dor fez os braços cederem, e caiu de lado.

A aranha desapareceu numa fenda na parede. Olhou para a fenda estreita, convencido de que dezenas, não, *centenas* de outras aranhas jorrariam de lá em qualquer momento. Cada toque das suas roupas fazia-o sentir-se como se tivesse insetos pelo corpo. Uma vez uma gota de humidade caiu do teto e aterrou-lhe na nuca, e ele coçou-se e esgadhanhou-se como se quisesse arrancar a própria pele.

Quando finalmente fechou os olhos, sonhou acordado, e as aranhas preencheram-lhe esse sonhar. Aranhas de corpo preto e branco, e ele julgou ouvir Nasuada sussurrar-lhe ao ouvido, instando-o a render-se. Olhou e viu-a ali, ao seu lado, mas depois o rosto dela transformou-se no de Galbatorix, e o rei sorriu à sua maneira vulpina. Murtagh gritou.



Enquanto estava nos extremos do sofrimento, Murtagh sentiu um estalo na mente, e uma enxurrada de emoções correu através dele. Mesmo no seu estado atordoado, reconheceu a sensação dos pensamentos de Thorn, e agarrou-se-lhes como um homem a afogar-se se agarraria a um galho que passasse por ele.

Imagens do pátio fluuavam diante dos olhos de Murtagh; era difícil dizer que parte de si estava no calabouço abaixo do templo e que parte estava lá em cima, deitada nas lajes. Thorn vivia num sofrimento equivalente ao seu, e de alguma forma a força do seu tormento compartilhado havia superado a resistência sufocante da *vorgethan* e da Respiração.

Chegou-lhe de Thorn reconhecimento e alívio e carinho. Arrependimento também e confusão, pois tudo era uma névoa difusa...



Murtagh viu Alín mais duas vezes de pé junto à porta da cela. A mulher parecia cada vez mais perturbada e falava-lhe numa voz que soava como se estivesse ao fundo de um longo túnel...

Ela deu-lhe comida. Disso, ele lembrava-se. Comida sólida, e ele estava grato por comer algo diferente da papa que os cultistas o obrigavam a engolir. Mas, sólida ou não, a comida ainda ardia com o odiado sabor da aguardente.



Bachel inclinou-se sobre Murtagh, o seu rosto distorcido, meio escondido, dourado com adornos berrantes pela luz da braseira de cobre. Conseguia cheirar-lhe o suor da pele e sentir-lhe o calor da respiração.

– Acabarás por me servir, e a Azlagûr através de mim – sussurrou. – Se eu não puder ter a tua obediência jurada na tua própria língua, tê-la-ei por outros meios. No final, curvar-te-ás diante de mim, meu filho, e cumprirás as minhas ordens neste fim dos dias.

– Nunca – conseguiu Murtagh coaxar.

– Nenhum ser é para nunca. Nem mesmo Azlagûr. Somos criaturas de mudança. Assim seja agora, Assassino do Rei. Muda. *Torna-te!*

A bruxa ergueu os braços, e o seu aspeto draconiano fortaleceu-se até parecer a Murtagh que estava a olhar nos olhos de uma besta imensa e flamejante. Bachel gritou com uma voz que não era a dela, e ele sentiu as forças da magia girando em torno de si. Ela atirou um braço para baixo. Esmagou um frasco no chão, e uma nuvem pegajosa de Respiração

envolveu-o. Então, as garras dela cravaram-se na sua carne rasgada com renovada selvajaria, e Murtagh gritou com tal violência que perdeu a voz e a garganta se lhe encheu de sangue.

Através dos olhos de Thorn, viu Grieve balançar um chicote de ferro, e o dragão rugiu com tormento espelhado.

As direções cima e baixo perderam todo o sentido. A razão e a lógica abandonaram Murtagh – e Thorn também –, deixando apenas a sensação, e o que sentiam era insuportável.

O que não podia continuar... não continuou.

Murtagh cedeu. Sentiu, soube, mas, naquele momento, não se importou. Tudo o que queria era que a dor cessasse. Não podia jurar fidelidade a Bachel, isso estava além dele, mas não conseguia continuar a lutar.

Então, parou.

Desistiu, e a sua mente recuou dos horrores da situação, e uma estranha concha de passividade formou-se em seu redor, anestesiando-lhe as emoções, entorpecendo-lhe os pensamentos. O que ele era encolheu até quase desaparecer.

Captava uma sensação de triunfo irradiando de Bachel. Mas não se importou. Não interessava.

Nada daquilo interessava. Só que a dor tinha parado.

E tinha. Pois Thorn também desistira, e estavam ambos nos respectivos lugares – acorrentados e agrilhoados –, a aguardar instruções.

CAPÍTULO XVIII



Infalível

Murtagh estava imóvel diante do trono de Bachel, um trono de espalda comprida, forrado de peles. Lá no alto, os farfalhares e sussurros de corvos escondidos ecoavam nas pedras do teto obscurecido: um som constante a acompanhar os acontecimentos no piso térreo.

Mantinha os olhos fixos, sem nada ver, enquanto os cultistas lhe despiam as roupas. Todos os seus ferimentos haviam sido tratados; onde Bachel lhe infligira torturas, a sua pele estava novamente lisa e sem marcas.

No seu assento elevado, a bruxa observava com um olhar impassível por cima de um cálice de latão amolgado. Grieve estava ao seu lado, de rosto empedernido.

– Vira-te para trás, meu filho – disse ela.

Ele virou-se.

No meio da câmara estava Thorn, de asas franzidas, ombros curvados, erguidos e tensos. Nenhum grilhão lhe prendia as patas cobertas de escamas, mas ele não se mexeu.

– Para.

Murtagh ficou de costas para Bachel, com os olhos fixos nos feixes pálidos de luz solar que se infiltravam pela cercadura da entrada, ao fundo. Sentia nos pés o chão de mosaico frio. Estremeceu, mas era um reflexo; nenhum pensamento acompanhou o movimento.

– Que desagradável cicatriz tem ele, Grieve.

– Em boa verdade, Oradora.

– Pergunto-me se devo remover-lhe aquele flagelo? Ele será o nosso reluzente paradigma, afinal. O nosso imaculado campeão. O nosso rei dos reis.

Os lábios de Murtagh tremeram, mas ele não conseguia falar.

– Se assim o desejar, Oradora.

– Humm. – Ouviu-se um som marulhado vindo do cálice quando a bruxa bebeu um gole de vinho. – Não, acho que não. É bom que ele se lembre de que não é infalível. E de que não é todo-poderoso.

– Muito sensato, minha Senhora.

Os membros de Thorn tremeram, e um som ínfimo escapou-se-lhe da garganta.

– Vira-te agora para mim, meu filho.

Murtagh virou-se.

A bruxa inclinou-se para a frente.

– És como mereces ser, Assassino do Rei. Nunca te esqueças disso. O ódio do teu pai marca-te, e não serei eu a aliviar-te desse fardo. Não enquanto não aceitares que eu, Azlagûr e os Draumar somos a tua família. Pois é isso que somos, e amamos-te mais do que imaginas. – Olhou então para Grieve. – Cuida de que ele seja bem vestido. Afinal, trata-se do nosso filho mais honrado.

A desaprovação atravessou o rosto de Grieve, mas a sua voz permaneceu deferente.

– Se é essa a sua vontade, Oradora.

– É, sim.

Durante algum tempo, Murtagh esteve totalmente exposto. A sua pele parecia-lhe estranha, e ele não sabia quem era nem o que era. Um sentimento inexplicável de tristeza formou-se profundamente no seu interior.

Em seguida, os cultistas trouxeram roupas para vesti-lo. Calças de lã elegantes – vermelhas e pretas –, botas de equitação de couro macio que chegavam até os joelhos e uma camisa fina com um justilho acolchoado sobreposto. Por cima disso, um tabardo de uma armadura de escamas arcaica, o metal cinzento-aveludado e a ponta de cada escama adornada com uma linha de ouro embutida a toda a volta. Um cinto cravejado de ouro cingiu-lhe a cintura, e sobre a cabeça colocaram-lhe um elmo em forma de coroa, o género de peça que um rei há muito esquecido poderia ter usado em batalha.

– Ora bem – disse Bachel, recostando-se no seu assento. – Agora tens a aparência que deves ter.

Murtagh não respondeu. As palavras pareciam-lhe sem importância. Atrás dele, ouvia a respiração pesada de Thorn enquanto aguardavam as ordens da bruxa.

Os olhos de Bachel mostravam-se frios quando ela os estudou – eles, seus vassalos, ela, sua soberana maternal. A voz de Bachel soou com uma determinação pétrea que se sobrepôs aos suaves crocitos dos corvos lá em cima:

– Chegou a hora. Não chegámos ao fim do fim, nem ao meio do fim, mas digo agora que este dia marca o princípio do fim. E será uma calamidade para todos os que se nos opuserem.



Muitas foram as coisas que Bachel mandou Murtagh fazer. Ele fez o que lhe foi dito – apático, sem resistir, com a mente abafada como se estivesse envolta em lã feltrada. Nas poucas ocasiões em que um pensamento coerente lhe ocorreu, perguntou-se se seria aquilo real.

As noites, passava-as na cela sob o templo. O Urgal à sua frente continuava a tentar conversar com ele, mas nenhuma das palavras da criatura ficava na mente de Murtagh. Não eram palavras de Bachel, e por isso ele não se lembrava delas.

Os dias, passava-os sentado à direita de Bachel, no santuário interno do templo – enquanto Grieve olhava para ele, carrancudo, do outro lado da câmara – ou então cavalcando ao lado da bruxa quando ela o conduzia pelo vale. À noite, banquetevam-se no pátio: festins de carne de javali assada, vinho envelhecido e cogumelos cozinhados de todas as maneiras possíveis. E Bachel sempre a falar com ele: falava, falava, falava, um fluxo interminável de palavras que lhe moldavam as ações e organizavam o mundo em seu redor.

Enquanto falava, Bachel pousava, por vezes, a mão no braço dele, não com paixão alguma, mas como faria a um bem valioso, e o cheiro dela misturava-se com o do sempre presente enxofre.

Thorn acompanhava-os na maioria das vezes, mas nem sempre. Por duas vezes, Murtagh viu Grieve subir à sela de Thorn e montar o dragão, bem alto, no céu acima de Nal Gorgoth. E uma vez voaram para fora da vista, além dos picos irregulares, e só voltaram várias horas depois.

Quando regressaram, Thorn aterrou no pátio e agachou-se, com frio, a tremer. Murtagh olhou fixamente para o dragão, infelicíssimo, embora sem meios para dar voz à sua infelicidade.

De entre os pilares da fachada do templo veio Alín, com um cântaro de água, um cesto de berganões e um pedaço de pano esfarrapado. Pousou a cesta diante da cabeça de Thorn e, em seguida, molhou o pano e começou a limpar a terra e o sangue seco das feridas que marcavam o lado de Thorn.

Os lábios de Murtagh tremeram, e ele agarrou-se com força ao cinto à volta da sua cintura.



A mando de Bachel, os cultistas começaram os preparativos para um grande festival a ser realizado dentro de uma semana.

– Tive uma premonição – anunciou ela à aldeia reunida. – Aproxima-se o tempo do Festival do Fumo Negro. Enviem grupos exploradores para que possamos reunir os meios para adorar adequadamente Azlagûr, o Devorador.

Então Nal Gorgoth tornou-se uma colmeia de atividade. Os cultistas enxameavam-se em constante e frenético desempenho dos seus deveres. Três grupos de guerreiros armados partiram a cavalo, gritando seu louvor e devoção a Bachel, lanças erguidas. Murtagh estava ao lado de Thorn, a vê-los partir, e desejou poder ir com eles – para escapar do vale e respirar ar fresco, não contaminado pelo enxofre.

Nesse dia, Bachel levou-o noutra caçada ao javali. Deu-lhe uma lança para empunhar, e ele pegou-lhe sem sentir, embora o peso da arma lhe despertasse um desejo obscuro.

A bruxa montou Thorn com Murtagh, sentando-se à sua frente, os cabelos presos em tufo emplumados, os braços descobertos ao vento, os dentes cintilando de intenso deleite. Parecia estranho haver mais uma pessoa a montar Thorn – parecia estranho a Murtagh e a Thorn. Mas nenhum dos dois se queixou.

A guarda de honra de Bachel seguia por terra enquanto Thorn voou de Nal Gorgoth para o vale carregado de cogumelos, onde os javalis se alimentavam e reproduziam.

A caça foi muito semelhante à anterior. A mando de Bachel, Murtagh assumiu a sua posição ao lado dela, encostou a lança ao arco do pé e esperou enquanto Thorn conduzia as feras na direção deles. Esperou, e nenhum medo lhe acelerou a pulsação, nem entusiasmo, nem alegria, nem qualquer forma de sentimento humano normal.

Observava o que acontecia como se o divisasse de uma grande distância, como se nada que visse pudesse afetá-lo, nem a si nem a Thorn, e, portanto, não tivesse consequência real alguma. As suas próprias ações pareciam pertencer a outra pessoa: um estranho sem nome que usava o seu rosto, mas não continha nada de si.

Os javalis percutiam no chão batido, um muro de carne de animal rosnando, bufando, com a intenção de passar por cima daqueles que lhes bloqueavam o caminho.

Um choque de impacto: sangue e calor e cheiro de vísceras.

Murtagh matou o seu javali, tal como Bachel matou o dela.

Depois, Bachel reclinou-se na liteira e fez Murtagh sentar-se aos seus pés, enquanto os seus guerreiros cuidavam dos feridos e limpavam as feras mortas. Rodeava-os um círculo de cogumelos destruídos, e o ar estava carregado daquele cheiro terroso.

Murtagh fitava o céu, sem pestanejar, além dos altos picos das montanhas, o vazio pálido que o atraía, impossível e inalcançável.

Dedos frios deslizaram-lhe entre o pescoço e o ombro e aí pousaram. Com uma voz baixa que parecia combinar com o cheiro dos cogumelos, a bruxa disse:

– Consegues imaginar, Assassino do Rei, seres abençoado com toda a força dos sonhos de Azlagûr quando ainda eras criança? O que o poder dessas visões te poderia fazer? Como as visões te poderiam mudar?... Quão solitário te sentirias ao conseguires ver o que os outros não conseguiam? Quando em todos os momentos sonhasses acordado? Consegues imaginar?

Murtagh virou-se para ela. A expressão da bruxa estava distante e contemplativa, uma disposição que ele até então nunca lhe vira. Ela bebeu do seu cálice amolgado. Tinha sangue salpicado no vestido, como que desenhando moedas irregulares, tal como ele tinha nas mãos e no justilho.

– Creio que consegues, Assassino do Rei. A minha mãe... ela não conseguiu. Os sonhos dela afastaram-na do seu povo e trouxeram-na para Nal Gorgoth, mas ficou com ciúmes quando Azlagûr falou comigo e os

Draumar compreenderam que eu seria a nova Oradora deles. A *mehtra* deles. Que bênção. No entanto, a minha mãe, carne da minha carne, achou-o insuportável. O ressentimento enlouqueceu-a, e ela virou-se contra mim. Com o tempo, não me restou alternativa senão derrubá-la.

Mais um gole.

– Recriminas-me por isso, Assassino do Rei? Não, penso que não. Terias matado Morzan se tivesses tipo oportunidade. Compreendes a minha decisão, creio. Parte, pelo menos. E quando chegar a hora do fumo negro, compreenderás melhor ainda.

Algo nas palavras dela lhe pareceu falso, mas Murtagh tinha dificuldade em perceber porquê. Teria ele matado Morzan?... *Sim*. Mas havia algo mais subjacente àquilo, e o toque dos dedos frios de Bachel fê-lo desejar enxotar-lhe a mão dela e fugir da presença dela.

Voltou a olhar para o pedaço de céu encaixado entre os picos cobertos de neve.

– Eu não sou o único Orador, sabes, Assassino do Rei. Houve inúmeros outros antes de mim, que remontam ao início dos tempos. Nem sou o único atualmente. Onde quer que se erga o fumo negro, encontrarás os Draumar.

Aquilo chamou a sua atenção de volta para Bachel. Ela ergueu uma sobancelha escura.

– Ah, sim, Assassino do Rei. Os Draumar têm feito parte da urdidura e trama do mundo muito mais do imaginas. E não foi por acaso. Por que razão achas que estava um Orador no Salão da Profetisa, sussurrando visões do que poderia acontecer aos ouvidos dos elfos? Há muito que a vontade de Azlagûr vem moldando o curso dos acontecimentos.

Esvaziou o cálice.

– Uma coisa te direi, Assassino do Rei. Há lugares subterrâneos onde os sonhos de Azlagûr se tornam realidade. É verdade. Os espectros adquirem substância, e as raízes das montanhas parecem mover-se, sendo difícil saber que caminho seguir. Um dia verás.

Em seguida, Bachel levantou-se e recolheu-se, não mais falou de tais coisas. Então, içaram a sua caça para as liteiras, e os cultistas arrastaram-nas de volta para Nal Gorgoth enquanto Murtagh e Bachel seguiram montados em Thorn.

Era de noite, e Murtagh deu por si a olhar para o espelho escuro de água que enchia o balde da sua cela. Não reconhecia a visão barbuda que lhe devolvia o olhar na superfície imóvel.

Sentiu um impulso e mexeu os lábios na tentativa de pronunciar o seu nome verdadeiro. Reconheceu as palavras, mas já não lhe soavam verdadeiras, e sentiu um desespero vazio quando percebeu que se tornara novamente um estranho para si mesmo.

Sentiu a ira irromper, atirou a água para o lado, espalhando o reflexo em mil direções diferentes.

A ira passou. Então, ajoelhou-se e molhou as mãos na água que restava no balde e lavou-as vezes sem conta. Parecia-lhe que o sangue do javali ainda se lhe agarrava à pele, por isso esfregou até ficar com a pele vermelha e assada, mas ainda assim parecia-lhe que o sangue não saía.

Sentou-se ajoelhado diante do balde, olhando para os arranhões nas mãos, e desejou... Não sabia bem o que desejava, apenas que lhe aliviasse de alguma forma o ardor no peito.



Os sonhos daquela noite foram os piores até então. Pareciam mais potentes e imediatos, mas também mais distorcidos e perturbadores. Aldeias massacradas ergueram-se diante dele, e as lembranças da batalha trouxeram-lhe suor frio à testa. Uma corrente de notas profundas – muito dissonantes para lhes chamar melodia – soava por toda parte e lembrou-lhe a sensação da mente de um dragão, só que muito maior e mais distorcida e alienígena do que o mais louco Eldunari.

Então, por entre a cavalgada de imagens sangrentas, veio-lhe uma lembrança. Uma memória verdadeira:

A sala de armamento cheirava a ferrugem, óleo, couro e suor. A luz da tarde derramava-se como mel pelas seteiras e iluminava as lâminas das lanças guardadas em suportes ao longo das paredes. Era uma sala de muitas esperanças... e de muitos medos.

Tornac puxou as fivelas dos lados do peitoral de Murtagh, verificando se estavam devidamente apertadas. Em seguida, deu-lhe uma palmadinha no ombro.

– Estás pronto. Mantém a respiração controlada e não terás nada a temer.

– Nada?

– Não de pessoas como Goreth. Ele é relativamente veloz, mas não tem técnica. – Tornac pôs-se à frente de Murtagh e deu-lhe uma olhada de cima a baixo. – Estás à altura.

As palavras eram mais reconfortantes do que a armadura, mas, ainda assim, Murtagh sabia que o determinado espadachim estava a forçar a valentia. Goreth era um dos duelistas mais temidos na corte do rei. Ferira três homens nos últimos quatro meses e, dos seus vinte e sete duelos, perdera apenas cinco.

Tornac leu os pensamentos de Murtagh com bastante facilidade. Sempre o fizera.

– Ânimo. É uma demonstração. O rei não te quer morto, tanto quanto não quereria ver um cavalo premiado ser abatido.

– Eu sei.

– Lembra-te do que te ensinei e comportar-te-ás com distinção.

Então, Tornac surpreendeu-o dando-lhe um breve abraço. Foi a primeira vez que o espadachim mostrou tamanha emoção – mas também era a primeira vez que Murtagh travava um duelo.

Afastaram-se, e Murtagh soltou uma gargalhada trémula.

O brilho da arena de areia obrigou-o a parar e fechar os olhos até a visão se adaptar. Estava um fresco dia de outono, mas a expectativa de combate havia-lhe acelerado a pulsação, e ele sentia-se já excessivamente quente na armadura.

As bancadas estavam lotadas de nobres, presentes para testemunhar o espetáculo do filho único de Morzan numa disputa de armas ostensivamente amigável contra Goreth de Teirm, o da espada de prata. O duelo fora ideia de Galbatorix. Calhara ter passado pelos campos de treino quando Murtagh estava a ter a sua aula diária com Tornac. Ao vê-los, o rei propôs que poderia ser apropriado um teste mais formal das capacidades de Murtagh. E, como sempre, o que o rei desejava logo se concretizava.

Murtagh viu muitos rostos familiares nas bancadas, mas nenhum amigável. Sabia que Tornac estava a assistir na sala de armamento, e isso dava-lhe coragem e deixava-o ainda mais determinado a não decepcionar o seu mentor. Isso, e também o facto de preferir morrer a envergonhar-se

diante daquele público. O menor indício de fraqueza resultaria numa vida inteira de escárnio na corte, e a sua posição já era difícil tal como se afigurava.

Goreth entrou pelo portão do lado contrário. O homem era alto e tinha os braços e as pernas bem proporcionados, com a graça sinuosa de um guerreiro experiente. Apesar das garantias de Tornac, não havia dúvida de que Goreth era um lutador formidável, e Murtagh sabia que seria pressionado até o limite das suas capacidades.

Saudaram o rei, uma forma sombria no seu trono sob um dossel de veludo. Depois, os arautos fizeram as suas declarações, e o marechal da arena leu as regras de combate: Proibido morder. Proibido pontapear enquanto um homem estava no chão. Proibido arrancar os olhos. Proibidos ataques à virilidade (o que significava não golpear abaixo do cinto).

No final da interminável conversa, soou uma buzina, o marechal largou o lenço, e o duelo começou.

Apesar do fogo nas veias, Murtagh sentia-se como se estivesse preso em areia movediça, mal conseguindo mexer as pernas ou balançar os braços. No entanto, evitou e esquivou-se e atingiu a espada do seu oponente como deveria. Eles não usavam escudos, já que a competição deveria ser um teste de espada pura, e Murtagh havia renunciado a avambrços para se conseguir mexer mais depressa. Confiava na sua cota de malha para lhe proteger os braços de cortes.

Na maioria das vezes, tê-lo-ia feito. Mas a ponta da espada de Goreth encontrou o punho da manga esquerda de Murtagh, e o aço afiado deslizou sob o jaquetão que ele usava debaixo da malha de ferro. Uma linha trémula, quente e fria e dolorosa, correu-lhe pela parte externa do antebraço.

Por instinto, puxou o braço para trás. Quando a espada o voltou a cortar no movimento de regresso, soltou um grito.

Os dedos da sua mão esquerda contraíram-se com espasmos e enrolaram-se num nó inútil. Não fossem os espectadores, teria cedido o duelo, mas o orgulho, o medo e a pura raiva teimosa proibiram-no.

Goreth aproveitou a vantagem e golpeou outra vez, veloz. Recuando, Murtagh evitou o ataque. Goreth pressionou-o com força com vários outros golpes e em seguida desferiu um ataque com balanço, e Murtagh foi

atingido de raspão na anca, sobre a malha de ferro. Numa tentativa desesperada de recuperar, deu balanço ao braço e atingiu o cotovelo de Goreth com a ponta da espada.

Goreth largou a lâmina.

Foi um golpe de sorte. Murtagh não conseguiria repeti-lo nem ao fim de uma semana de treino. Não hesitou e prosseguiu como Tornac lhe ensinara, fazendo deslizar a ponta da espada sob o braço de Goreth, picando-o na axila, onde a armadura não o cobria.

O ferimento era reduzido, mas suficientemente profundo para fazer Goreth gritar e cair ao chão, assinalando o fim do duelo.

Ou assim pensava Murtagh.

Com sangue a escorrer-lhe do braço esquerdo, olhou para o rei para obter o veredicto final. Era tradição ser Galbatorix a declarar o vencedor de qualquer concurso que ele testemunhasse; a palavra do rei era definitiva, e, até ele falar, nenhum resultado – nenhuma verdade – era oficial.

A sombra inclinou-se para a frente sobre o trono, e lampejos de luz apareceram nas pontas de sua coroa, mas o rosto do rei permaneceu demasiado escuro para se lhe ver a expressão.

– Acaba com ele, filho de Morzan.

No início, Murtagh não acreditou no que ouviu, mas a voz de Galbatorix propagava-se com uma força antinatural, e não havia como confundir as suas palavras. O público ficou tenso, e vários arquejos e gritos soaram entre as fileiras de assentos, mas ninguém se manifestou contra a ordem do rei. Ninguém era insensato a esse ponto.

Goreth não teve a mesma contenção. Começou a implorar num tom de voz agudo. Num ápice, a imagem do famoso guerreiro desapareceu, substituída pela de um mero soldado assustado rastejando no campo de batalha, apelando à misericórdia do inimigo a aproximar-se.

Murtagh hesitou. Perscrutou freneticamente a cercadura da arena, em busca de qualquer meio de fuga. Então, viu Tornac de pé no túnel de entrada para a arena, longe da vista do público, mas à vista de Murtagh. O rosto do espadachim estava pálido e tenso, e ele parecia querer falar, mas os seus lábios permaneciam cerrados, a expressão, severa. Ele abanou a cabeça, um único movimento curto, e Murtagh percebeu. Não havia escapatória. E também não havia ajuda.

– *Acaba com ele, filho de Morzan.*

Então Murtagh fez o que tinha de fazer, embora isso o deixasse agoniado. Aproximou-se de Goreth e tentou dar ao homem uma morte rápida com um corte no pescoço. Mas Goreth levantou o braço, e a lâmina de Murtagh deslizou no avambrado de ferro de Goreth. O homem não estava preparado para desistir e morrer. Por isso, Murtagh detestou-o tanto quanta a pena que sentia dele. Então, libertou-se de toda a contenção e começou a desferir uma enxurrada de golpes sobre Goreth, enquanto o homem continuava a tentar defender-se. Goreth continuava a gritar e a implorar, e Murtagh também gritava, sons absurdos para abafar a voz do homem.

Quando o fim chegou, havia sangue a manchar a areia batida ao longo de várias jardas em redor deles, e o corpo horrivelmente cortado e desfigurado de Goreth estava finalmente imóvel.

Murtagh caiu de joelhos e usou a espada como muleta para não soçobrar. Fora um esforço terrível para a arma, mas naquele momento ele não se importava com as reprimendas de Tornac por destruir o fio da lâmina.

Ouviu-se um bater de palmas solitário vindo trono, e Galbatorix pôs-se de pé. O resto dos espectadores levantou-se em resposta.

– *Bom trabalho, Murtagh.*

Gesticulou com um dedo, e Murtagh ofegou e segurou no antebraço ferido enquanto a pele e os músculos se contorciam como cobras e se recompunham. Então o rei disse, como um aparte para o marechal:

– *Traga-o aos meus aposentos, assim que se lavar e mudar de roupa.*

– *Meu soberano.*

O rei partiu, juntamente com os seus seguidores, e a arena rapidamente se esvaziou, deixando Murtagh sozinho com o cadáver da sua primeira morte. O marechal aproximou-se, mas, antes de poder dizer alguma coisa, Tornac apareceu ao lado de Murtagh.

– *Eu cuido de que ele vá ter com o rei – disse Tornac com voz ríspida, e o marechal não discutiu.*

Quando Tornac o guiou para fora da arena, Murtagh disse:

– *Eu... Eu... Ele não...*

– *Fizeste o necessário. Não penses nisso.*

Mas claro que Murtagh pensou naquilo. E foi depois de se encontrar com Galbatorix nos seus aposentos – onde o rei lhe impôs a tarefa de destruir uma aldeia que ele acreditava estar a dar abrigo a traidores dos Varden – que Murtagh, com o acordo sincero de Tornac, decidiu fugir da capital e do próprio Galbatorix.

Nunca mais falou do duelo.



Alguns dias depois de os cultistas começarem os preparativos para o festival, chegou a Nal Gorgoth um pequeno grupo de visitantes. Os homens vinham montados em cavalos garbosos e tocaram uma corneta em forma de chifre para anunciar a sua chegada. Estavam ricamente equipados, carregavam galhardetes com desenhos coloridos e tinham boas armas e armaduras.

No santuário interno do templo, Murtagh sentou-se numa cadeira de pedra ao lado do trono de Bachel. Mais cadeiras haviam sido montadas numa fileira dupla a partir do estrado do trono e nelas se recostavam os visitantes. Os homens pareciam ser uma mistura de nobres e, como evidenciado por suas finas vestes, mercadores. Os rostos pareciam nadar diante de Murtagh; tinha dificuldade em focar-se nas suas feições, e lembrar-se delas era-lhe quase impossível. Mas havia algo de familiar...

– Ora, Murtagh! Quem diria que te encontraria aqui! O que estás a fazer em Nal Gorgoth?

As palavras vieram de um jovem no primeiro lugar da fileira esquerda de cadeiras. Murtagh franziu a testa enquanto se esforçava para se concentrar. As feições do homem ficaram nítidas por momentos, e um nome destacou-se na mente de Murtagh: *Lyreth*.

Murtagh abriu a boca, mas depois fechou-a.

O jovem desatou a rir à gargalhada.

– Meu caro, pareces um peixe que foi atingido por um remo. – Mexeu a boca para demonstrar.

Os restantes visitantes também se riram.

Com um esforço supremo, Murtagh encontrou a sua voz.

– Não sei porque estou aqui.

– Terá de perdoá-lo – disse Bachel. Sobre o cálice de bronze, a sua boca enviesada esboçou o mais pequeno dos sorrisos. – O Assassino do Rei não está no seu melhor.

Os homens reunidos voltaram a rir, e os corvos lá em cima imitaram-nos com crocitos roucos e dialogantes.

Então, chegaram cultistas com comida. Redemoinhos de fumaça espessa e perfumada por sálvia subiam das braseiras próximas, entupindo o ar, e Bachel e os visitantes desataram a conversar com ávido desejo. Murtagh não conseguia acompanhar o diálogo. O incenso ardia-lhe nos olhos e enchia-lhe a garganta de catarro, e isso tornava-lhe ainda mais difícil concentrar-se. A comida distraiu-o, embora... desse por si estranhamente relutante em ingerir o corte de carne de javali que lhe foi apresentado. A carne já não lhe cheirava a doce e a salgado, o seu sabor já não o atraía.

O seu olhar continuava a voltar aos rostos à sua frente. Para além daquele que lhe falara, sentia-se como se... como se devesse conhecer o homem sentado no final, à direita. Algo nas feições daquele indivíduo permanecia na mente de Murtagh – uma irritação que não desaparecia.

Pousou a faca e olhou para o prato, para as fatias de carne que lhe haviam tirado o apetite.

Para lá das fileiras de cadeiras, nas sombras junto à entrada, estava Thorn, enroscado, no chão de mosaicos, cantarolando sem sentido enquanto Alín lhe dava pedaços de javali.

Murtagh olhou para cima. Lá no alto, na abóbada sombreada do teto, julgou ver os círculos claros dos olhos dos corvos olhando para baixo, para eles, frios e cruéis.

CAPÍTULO XIX



Escolhas

Era de manhã, e, embora a aldeia permanecesse quente como sempre, o vento das montanhas era fresco. O contraste fazia-o parecer pior ainda. Cortinas de neve fechavam-se sobre os flancos escarpados da Espinha, cobrindo os picos de branco, como se protegessem a sua virtude há muito desaparecida.

Murtagh estava ao lado de Thorn, um manto apertado à volta do pescoço; parecia-lhe familiar, mas não se conseguia lembrar de onde o obtivera. Um escudo pesava-lhe no braço esquerdo, e Bachel sorriu-lhe ao entregar-lhe uma espada de cor clara. Não era a Zar'roc – ele não via espada carmesim desde... desde *antes* –, mas era a primeira arma que se lembrava de empunhar... em... em...

Pestanejou.

– Avança agora, Assassino do Rei, e apoia os meus homens – disse Bachel, autoritária, triunfante, selvagem. A mão dura dela acariciou-lhe a face, e depois ela olhou para Thorn. – Também estás ao serviço, Dragão. Voa como te ordenarem e, quando chegares, poderás lutar ao lado do teu senhor.

Thorn tremeu e baixou a cabeça.

– *Sim.*

Era a primeira vez que Murtagh o ouvia ou sentia desde...

Grieve aproximou-se, vindo do lado oposto do pátio. Envergava uma cota de malha de ferro, uma maça pesada numa mão e um broquel na outra.

– Farás o que Grieve te disser – disse Bachel. – Nisto, ele fala em meu nome, e, como ele disser, tu farás.

Murtagh baixou a cabeça.

Em seguida, a bruxa retirou um frasco da manga do vestido preto, destapou-o e soprou o conteúdo vaporoso sobre ele e Thorn. À primeira inalação da Respiração, a cabeça de Murtagh ficou leve, e o pátio ficou ainda mais distante, como se ele o visse através de um óculo com os que tinham os anões.

– Minha Senhora – disse Grieve, descrevendo uma vénia profunda.

Nos lábios de Bachel desenhou-se um pequeno sorriso. A bruxa tocou no topo da cabeça de Grieve e mexeu os lábios silenciosamente antes de dizer:

– Agora vai, e regressa depressa, para que eu saiba que está feito.

– Às suas ordens.

A mando de Grieve, Murtagh guardou a espada na bainha presa ao cinto e subiu para o dorso de Thorn. A sela já estava colocada no devido lugar. Por hábito, deslizou as pernas pelas correias de ambos os lados e apertou-as.

Grieve também subiu para as costas de Thorn e instalou-se entre os espinhos atrás de Murtagh. A proximidade do homem era desconfortável, e ainda mais o sentiu quando Murtagh sentiu algo afiado pressionar-lhe as costelas. Olhou e viu que tinha um punhal encostado ao flanco.

– Mexa-se com cautela, Cavaleiro – disse Grieve por entre dentes cerrados. – Senão, não se voltará a mexer.

Murtagh não reagiu. De uma forma distraída e desinteressada, veio-lhe o pensamento de que gostaria de matar Grieve.

Grieve deu uma palmada no pescoço de Thorn.

– Agora voa, besta!

E, com um bater de asas, Thorn saltou do chão e levantaram voo.



Seguindo as instruções de Grieve, Thorn voou para fora da fenda onde ficava Nal Gorgoth e virou para norte, para seguir a costa da Baía de Fundor. Junto à foz do vale, onde o rio desaguava na baía, Murtagh viu uma embarcação atracada no cais de madeira: uma embarcação à vela alta, num estado impecável, com um casco trincado, como era comum em Ceunon.

Prosseguindo em direção ao norte, foram importunados por ondas de neve. O inverno estava a aprofundar-se; não tardaria muito que as montanhas ficassem intransitáveis para percorrer a pé.

Murtagh sentia um cheiro estranho no ar. Demorou muito tempo a perceber porquê: já não cheirava a enxofre. Em vez disso, era limpo, frio e fresco – revigorante na sua pureza.

Nunca o ar lhe parecera tão... tão delicioso.

Viam-se marcas de muitos animais no cobertor de branco por baixo deles: coelhos e veados e ursos e outros além desses. Os seus rastros traçavam padrões semelhantes a veias por toda a paisagem, um mapa dos movimentos da própria vida, mais aleatório do que o correr da água, mas de longe mais significativo.

Entre as trilhas da caça, uma única linha de terra escura e batida corria ao longo da costa. Demasiado reta e regular para ter sido feita por qualquer besta, não havia como confundir a sua natureza: um trilho feito pelo homem, limpo da neve por muitos pés. Um grupo a cavalo, talvez, ou então viajantes pedestres, o que parecia improvável dado o lugar e a estação do ano. Fosse qual fosse a resposta, o grupo não poderia estar muito à frente, caso contrário a neve já teria obscurecido o trilho, branqueando-o e dificultando o seu seguimento.

Uma gaivota soltou um grito rouco sobre a água e desviou-se para leste quando Thorn se aproximou.

Voaram durante metade da manhã, seguindo cegamente as ordens de Grieve. Quando ele disse para virar, Thorn virou. Quando ele disse para subir ou descer, Thorn obedeceu de igual modo. Durante todo esse o tempo, Murtagh seguia sentado, muito direito, na sela, de rosto inexpressivo, a pele do rosto tão fria que não a conseguia sentir.

Agia quando necessário – ou quando lhe era dito para o fazer –, mas, caso contrário, não havia nada para ele fazer além de existir.

Por fim, um grupo de cavaleiros apareceu junto à costa.

Quando viram Thorn, puxaram as rédeas aos seus corcéis.

– Aterra – ordenou Grieve.

Quando Thorn desceu, os cavalos esquivaram-se diante dele, e os cavaleiros tiveram de se esforçar para mantê-los no lugar. No terreno, a verdade tornou-se evidente: o bando de homens era um dos três grupos de guerreiros que Bachel despachara de Nal Gorgoth.

– Quão perto estão os Orthroc? – perguntou Grieve.

Um dos homens apontou para a frente, em direção a uma cumeada coberta de pinheiros.

– Do outro lado daquela elevação. Estão reunidos junto a um riacho enquanto os seus cavalos bebem, mas em breve estarão de novo em movimento.

Murtagh sentiu Grieve acenar com a cabeça, sem ver.

– Excelente. Atacarão ao meu sinal. O dragão e o Cavaleiro assumirão a liderança, mas deverão garantir que dão espaço ao dragão. Os vossos cavalos vão assustar-se, e eu não posso prometer que Cavaleiro e dragão se comportem como pretendido.

O guerreiro diante deles bufou, e os outros cavaleiros riram com um humor desdenhoso.

– Estão tão enfeitiçados que nem sabem onde estão – disse um deles, um homem de cabelos curtos loiros, nariz vermelho e pestanas cobertas de geada.

– Esquece isso – disse Grieve bruscamente. – Bachel espera por nós, não podemos dececioná-la.

Então, Murtagh voltou a sentir a pressão da adaga de Grieve nas suas costelas.

– Ora bem: o Cavaleiro e Thorn voarão para a frente e atacarão os Orthroc do outro lado desta crista. Fique com os seus mantimentos e mate todos os que tiver à sua frente, mas, se algum dos Orthroc fugir, não deverá persegui-lo. Deixe isso para os meus homens. Entendido?

– Entendido – Murtagh disse, e soltou as correias em torno das pernas.

– *Entendido* – disse Thorn.

– Então, vão! – Para os homens a cavalo Grieve fez um gesto e disse: – À carga!

Os guerreiros viraram os cavalos para norte, cravaram as esporas e começaram a galopar em direção ao cume.

Thorn esperou até o grupo se aproximar da elevação antes de se agachar e levantar voo atrás deles. Murtagh debruçou-se sobre o pescoço de Thorn enquanto o vento frio lhe soprava na cara, forçando-o a cerrar os olhos. Aquela ferocidade gelada aclarou-lhe a mente num grau ínfimo, como uma fina camada de pátina retirada de uma peça de prata manchada.

Thorn voou sobre o cume escarpado, sobre os cavaleiros, sobre os pinheiros carregados de neve e depois desceu novamente em direção a um amplo leito de riacho, quase seco no inverno. Junto do riacho, estava um

bando de figuras cobertas de peles entre uma longa fila de cavalos. A Murtagh, os Orthroc, nas suas vestes bárbaras, pareciam encorpados e ameaçadores, e viu chifres curvos nas cabeças de vários deles. *Urgais!*

Thorn rugiu. Os Orthroc estremeceram e desataram a correr, mas a neve atrapalhava-os. Eram muito lentos. Muito, muito lentos.

Os cavalos rincharam enquanto Thorn aterrou no chão diante deles. O som era de loucos, e os animais empinavam-se, atiravam-se uns contra os outros e corriam. Alguns caíram, esmagando os Orthroc que estavam por perto. Havia pacotes a deslizar para o chão e cordas a estalar, derrubando cavalos ou estalando como chicotes.

Murtagh não pensou. Não precisava. Havia combates a travar, e uma espada na mão dele, e inimigos que pretendiam matá-lo a ele e a Thorn. Era um problema simples.

Uma figura lançou-se contra eles, e Thorn acertou-lhe com uma pata, desfazendo o guerreiro.

Murtagh saltou para o chão. O impacto levou-o a ajoelhar-se, mas rapidamente recuperou e carregou em frente, com o broquel erguido. Uma flecha passou-lhe ao lado da cabeça, mal visível, como uma tira desfocada.

Um dos Orthroc ergueu-se diante dele, de lança na mão. Murtagh afastou a lança e cortou o sobretudo de pele de urso do guerreiro e o seu pescoço. O guerreiro sucumbiu, sangue jorrando numa fonte rubi do seu ferimento letal.

Murtagh já avançara. Dois Orthroc grosseiros convergiram para ele. Um cavalo deu um coice num deles, e ele caiu. O outro atacou Murtagh com um machado enferrujado. Ele saiu-lhe do alcance, esquivou-se de dois golpes e, em seguida, encurtou a distância entre eles e esfaqueou o Orthroc na barriga. Enquanto avançava, paralisou-o, atingindo-o com as costas da mão.

No início, a luta parecia totalmente separada de quem Murtagh era, do que ele era. Via-se mexer e não sentia nada. Mas os instintos da carne não seriam negados. Mesmo através da cortina da indiferença, sentiu a aceleração do sangue e o aprofundamento da respiração e o arder dos músculos sobrecarregados. E uma raiva sangrenta ergueu-se dentro dele, e com ela um medo de igual força, até lhe parecer que o coração estava prestes a rebentar, e...

tomp

Uma flecha atingiu-lhe o broquel, descendo-lhe pelo braço.

zing

Uma flecha atingiu-lhe o ombro, perfurando a armadura de escamas.

Não lhe restava qualquer feitiço de proteção contra ataques físicos. A ponta da flecha perfurou-lhe pele e músculo, enviando-lhe um choque de dor através dos ossos do braço e do ombro. Naquele instante, ficou frio como gelo, e a sua pulsação abrandou, e tudo o que via adquiriu um brilho azulado. Já não estava zangado nem com medo. Pelo contrário, era um instrumento de violência pura e implacável, desprovido de pensamento ou misericórdia ou qualquer coisa que se assemelhasse à emoção humana. Movia-se com uma perfeição técnica nascida de prática, experiência e intenção inconsciente.

Acima dele, um galhardete de chamas raiava o céu cinzento – o fogo de Thorn – e tingia o campo de corpos em luta com uma luz macabra.

Durante um período intemporal, Murtagh combateu. Tinha o braço esquerdo dormente e inutilizado, mas isso mal o abrandou. Fora treinado por um dos melhores espadachins da terra, fortalecido pelas batalhas mais ferozes da memória viva, e a sua força e velocidade haviam sido aumentadas pelo facto de ser Cavaleiro.

Os Orthroc não tinham qualquer hipótese contra ele. Chacinou-os como se cortasse molhos de trigo seco com uma foice, e a sua espada ficou vermelha de sangue. Os poucos Orthroc que tentaram fugir não percorreram mais do que alguns passos antes de Murtagh os apanhar e matá-los por trás, ignorando-lhes os gritos.

À medida que matava, uma alegria terrível enraizava-se dentro dele. Era como se os sonhos que tinha em Nal Gorgoth se tornassem reais e uma nova onda de força lhe percorresse os membros. Por que não haveria de conquistar e matar? Por que não haveria de assumir o trono e governar com Bachel ao seu lado? Porque não poderia moldar o mundo à sua vontade?

Por fim, não restavam mais Orthroc diante dele. O último estava deitado aos seus pés, murmurando um suspiro mortal.

Murtagh virou-se. Um caminho de neve manchada de sangue levava de volta ao riacho. Corpos jaziam espalhados pelo chão manchado e, dos Orthroc, apenas os cavalos ainda estavam de pé: longos dentes descobertos, olhos revirados mostrando-se brancos, cascos afiados escavando no chão.

Thorn estava agachado dentro de um círculo de cadáveres – entre Orthroc e cavalos. Tinha o focinho enrugado num rosnido, e os dentes, garras e patas dianteiras estavam salpicados e escuros com vísceras. O dragão estava ofegante e trêmulo, e pequenas pontas de chamas espreitavam-lhe das narinas a cada expiração.

Grieve ainda estava sentado no dorso de Thorn. O homem parecia abalado, mas triunfante.

Os outros Draumar reuniam-se no extremo do campo de batalha. Nenhum deles parecia ter ensanguentado as armas.

Ouviram-se um chocalho do Orthroc aos pés de Murtagh, e então o corpo coberto de peles ficou inerte. O movimento chamou a atenção de Murtagh. Pela primeira vez, olhou um dos Orthroc no rosto, e viu... não um Urgal, como esperava, mas um homem com o rosto queimado pelo vento, uma espessa barba ruiva, e tranças com contas que pendiam de ambos os lados da sua testa larga. Um homem como poderia ter sido encontrado em qualquer tribo nómada por toda a zona norte de Alagaësia.

Murtagh levantou o olhar e observou de novo para os cadáveres dos mortos. Todos humanos, e não apenas homens mas mulheres e... corpos menores também.

Começou a tremer quando, de súbito, a febre da batalha se transformou em repulsa doentia, e as promessas sedutoras de sonhos infames se tornaram realidade trágica. Bachel não os enviara para atacar uma caravana de guerreiros armados, mas um grupo de tribos, e a única razão que podia conceber para essas pessoas andarem em movimento no inverno era por procurarem pôr-se a salvo – dos Draumar, precisamente.

Mesmo no seu estado entorpecido, Murtagh sentiu vontade de vomitar. A dor da flecha no ombro veio à tona com força incapacitante, e ele ofegou sem querer. Queria negar a evidência dos seus olhos, mas tinha uma mente demasiado prática para a ilusão. Sabia o que as suas mãos tinham feito.

Não, não as suas mãos. *Ele*.

Olhou para Thorn e encontrou o dragão a observá-lo para ele com uma expressão assombrada que Murtagh reconheceu do seu tempo presos em Urû'baen. Os fogos morreram nas narinas de Thorn, e este estremeceu e soltou o mais leve gemido.

Thorn começou a dar um passo em frente e, do cimo dele, Grieve latiu:

– Quietos!

Thorn congelou.

Enquanto Grieve deslizava para o chão, Thorn e Murtagh continuavam a olhar um para o outro, sem esperança de quebrar a compulsão que os agrilhoava.

Ao avançar para Murtagh, Grieve esmagava sob as botas a neve ensanguentada. Examinou a flecha no ombro de Murtagh.

– Teria sido melhor se o matassem – disse, monocórdico.

Depois tirou um amuleto de caveira de pássaro de dentro do manto, encostou-o ao ombro de Murtagh e puxou a flecha.

A dor fez Murtagh perder a visão e dobrar os joelhos.

Ficou de gatas. Olhou: nenhum sangue lhe jorrou do ombro. A ferida tinha-se fechado e estava vermelha e franzida, como se tivesse passado uma semana de recuperação. Sentou-se nos calcanhares e mexeu o braço esquerdo. Ainda tinha pouca força, mas os músculos pareciam funcionar.

Voltou a estremecer

– De pé, vermezinho – disse Grieve, afastando-se.

Aos guerreiros a cavalo, gritou:

– Reúnam os mantimentos para que o dragão os transporte, e depressa. Bachel fica impaciente. Quando nós partirmos, juntem os cavalos que conseguirem e levem-nos para Nal Gorgoth.

Em grupo, os homens responderam:

– Tal como se sonha, assim será.



Murtagh sentou-se ao lado de Thorn e observou os cultistas empilharem mantimentos – comida, roupas, odres com bebidas – diante deles. Grieve poupou-o à tarefa de ajudar, não por misericórdia, mas porque o braço ferido de Murtagh significava que ele seria de pouca utilidade.

Voltou a olhar para os corpos deitados na neve espezinhada. Depois, deixou cair os olhos nas suas mãos manchadas de sangue e nos pés salpicados de Thorn.

Apertou ainda mais o manto em volta do corpo. Ainda não parara de tremer.

O focinho de Thorn tocou-lhe no ombro. O gesto devia ter-lhe proporcionado uma sensação de conforto, mas Murtagh não sentiu melhoras. O único pensamento que lhe veio à cabeça foi: *Não*. Uma declaração de negação, de rejeição. Não para o dragão, mas para as circunstâncias que os agridavam.

Os cultistas usaram cordas para amarrar os mantimentos. Depois, Grieve mandou Murtagh subir para as costas de Thorn – o que ele próprio também fez –, e Thorn agarrou nas cordas com as suas garras avermelhadas e descolou com batimentos laboriosos das asas.



O voo de regresso a Nal Gorgoth foi frio e silencioso, e não mais lento do que o voo de ida, apesar do fardo adicional de Thorn, pois o vento estava-lhes nas costas e facilitou-lhes o progresso.

Murtagh desejava que não estivesse.

Sob as nuvens, para oeste, estendiam-se dedos de um laranja baço, entrecortados pelos picos das montanhas, quando a aldeia se tornou visível.

Thorn aterrou no pátio do templo, e Bachel saiu para cumprimentá-los, juntamente com os seus portadores, guerreiros e servos. Alín estava junto à bruxa, de rosto pálido e recolhido, e os seus olhos arregalaram-se ao ver as patas de Thorn e as mãos de Murtagh.

Com Bachel e a sua comitiva estavam também os visitantes recém-chegados, e entre eles o homem que Murtagh não conseguia identificar, e...

– Murtagh! Parece que escorregaste e caíste no matadouro de um açougueiro! Um pouco trapalhão, não?

Lyreth. Lyreth nas suas ricas vestes bordadas, um cálice de vinho numa mão, a outra em torno da cintura de uma cultista. Outrora, as suas palavras teriam incomodado Murtagh. Agora eram como joio ao vento.

Quando Murtagh desmontou, Bachel ordenou aos seus guerreiros que o aliviassem da espada. Então, por ordem dela, levaram-no para ser lavado e, depois, arrastaram-no de volta à cela sob o templo.

Quando os cultistas iam a sair, um deles roçou na lanterna no final do corredor da masmorra, e a corrente de ar apagou a chama, deixando as celas mergulhadas na escuridão.

Murtagh deitou-se sobre as pedras, contas frias de água escorrendo-lhe dos cabelos para a nuca. A escuridão parecia-lhe um túmulo para a sua culpa; envolveu-o com uma força horripilante, revolvendo-lhe as entranhas e estrangulando-lhe a respiração.

Aquela força manteve-o petrificado na mesma posição por um período sem limites, a sensação de injustiça tão dolorosa quanto qualquer ferida.

A partir dela, formou-se uma verdade no centro da sua mente turvada, um núcleo duro de realidade inescapável: não podia continuar como estava, mas nem ele nem Thorn tinham a capacidade de mudar as coisas. Conseguilo estava além deles.

Um arranhar abrasivo soou pelo corredor, como se um peso extremo se arrastasse pelas lajes. Depois:

— Homem-Murtagh, que se passa?

Murtagh precisou de toda a acuidade mental recém-adquirida para forçar uma palavra a sair-lhe da boca. E disse:

— ... socorro.

CAPÍTULO XX



Qazhqargla

— **E**u não te posso socorrer, homem-Murtagh – disse Uvek com o que parecia uma voz triste.
— ... por favor ... socorro... eu...

Passos rápidos aproximaram-se junto à entrada do corredor e depois abrandaram, ouvindo-se uma suave exclamação de aborrecimento. Passado um bocado, escutou-se o som de sílex e ferro.

Murtagh esforçou-se por se sentar. Usando o braço direito, empurrou-se até ficar encostado às barras de metal. O ferro estava tão frio que parecia queimar. Ajustou melhor o manto em redor da fina camisola de lã.

Uma chama tremeluziu, acendendo-se na lanterna à entrada do corredor, e então Alín correu para a cela de Murtagh, carregando uma tigela de sopa aguada com meio pão lá dentro. Ela hesitou ao vê-lo.

— Sinto muito – sussurrou, empurrando a tigela por entre as barras de ferro. – Não deveria ser assim. – E apressou-se a ir embora, os seus passos leves como penas nas pedras.

Do outro lado do corredor, Uvek virou a enorme cabeça de volta para Murtagh. Iluminado de lado pela lanterna, o rosto engelhado do Urgal estava sombrio e desgastado, havendo uma tristeza sábia nos seus olhos amarelos.

— Foi muito mau, homem-Murtagh, o que te mandaram fazer?

— ... sim. – Murtagh abriu as pálpebras e, sem mexer a cabeça, olhou para o Urgal. – ... ajuda-me... eu... não... não aguento... mais...

Falar roubou-lhe toda a força restante, e depois ficou inerte e teve de se concentrar na respiração enquanto esperava que o chão estabilizasse debaixo de si.

— *Hmmm.*

Quando Murtagh recuperou o suficiente para voltar a abrir os olhos, viu Uvek observando-o com intenção preocupada.

O Urgal disse:

– O dragão-Thorn não consegue ajudar o homem-Murtagh? Dragão e Cavaleiro juntos? Dragões muito fortes.

– ... não... desta vez... não.

– *Hrrmm*. Não sei o que fazer. Eu sou xamã; falo com espíritos. Conheces espíritos, sim?

Murtagh conseguiu acenar.

– Falo com espíritos. Às vezes, eles responder. Mas não me ouvir agora. Não neste lugar, não com veneno na barriga.

Reunindo as suas forças, Murtagh disse:

– ... se eu pudesse... usar... magia... poderia... libertar...

Foi demasiado esforço. Não conseguia manter o foco mental por tempo suficiente para continuar a falar.

Uvek brincava com lábio inferior com uma unha em forma de garra.

– Olha, homem-Murtagh. – Do seu cinto de couro tosco, Uvek retirou um pequeno objeto: um pedaço de pedra negra talhada, com uma fina tira de cordão tecido. – Vês? Ter aqui amuleto. Sem chifres não levar porque pensar apenas pedra. *Hrr-hrr-hrr*.

Murtagh demorou algum tempo a perceber que o Urgal se estava a rir. Em seguida, Uvek segurou na pedra para que ela captasse a luz da lanterna. A superfície brilhava como se estivesse embutida com manchas de ouro.

– O amuleto é para curar. Poderia ajudar com Respiração, mas...

– ... mas?

– Mas não ter força no amuleto, homem-Murtagh. Eu costumava curar veados com perna partida. Eu tentar dar força ao amuleto, mas... – Uvek abanou a cabeça – ... encantamento não funciona. Mas talvez funcione contigo. Tu és Cavaleiro.

Um ténue lampejo de esperança formou-se em Murtagh.

–... talvez.

Tentou sentar-se direito, com dificuldade.

Uvek debruçou-se para a frente, segurando na pedra negra com a mão em concha, como se fosse frágil como um ovo de pássaro azul.

– Se escapares, homem-Murtagh, libertar a mim? Libertar Uvek fala-com-o-vento?

– ... sim.

– *Hrrmm*. Urgralgra muita má experiência com sem chifres. *Hrr*. E sem chifres muita má experiência com Urgralgra. Antes de dar amuleto, precisar que Murtagh jurar nunca faltar à palavra com Urgralgra.

– ... não posso jurar... não quero...

A expressão de Uvek permaneceu como pedra.

– Então eu não dar amuleto.

Frustrado, Murtagh deixou a cabeça cair contra as barras. Não tinha forças para continuar a lutar e, contudo, não podia desistir, por mais doloroso que fosse continuar.

– ... não posso... não posso jurar a... toda a raça... não posso... comprometer-me... – Fez uma pausa, tentando ultrapassar a névoa no seu cérebro. – ... comprometer-me dessa forma... outra vez. – A razão pela qual ele estava na cela, afinal, era por ele e Thorn se recusarem a dar a sua palavra a Bachel.

– *Hrrmm*. – Uvek fechou as mãos em redor da pedra negra enquanto se sentava, curvado, pensando. Então, disse: – Haver outra maneira, se quiser, homem-Murtagh, mas... – O Urgal encolheu ombros. – Não muitas vezes, e nunca com sem chifres. É rito de *qazhqargla*. Tornar-te irmão de sangue de Uvek. Então, tua palavra ser minha, e minha ser tua, e partilhamos a nossa honra.

Murtagh cerrou os dentes enquanto olhava para o teto escuro. Tinha poucas alternativas, e se ele e Thorn não se conseguissem libertar de Bachel... *Thorn*. Enviou a sua mente em direção ao dragão e, com a energia que ele conseguiu reunir, tentou imprimir em Thorn a natureza do seu dilema.

Em troca, recebeu uma resposta vaga, desfocada, tingida de compreensão e resignação. Murtagh sabia o que Thorn queria dizer. O dragão aceitaria qualquer escolha que Murtagh fizesse. Confiava em Murtagh, e Murtagh nunca, nunca queria trair essa confiança. Já se sentia suficientemente culpado por ter trazido Thorn para Nal Gorgoth e não ter partir mais cedo, quando Thorn havia sugerido...

– O que dizer, homem-Murtagh?

Murtagh fez uma careta enquanto se tentava endireitar.

– A minha honra... é questionada por... muitos. Poderás... não... a querer.

O lábio superior de Uvek ficou enrugado, mostrando as presas num sorriso grotesco.

– Vou arriscar, aceitar fardo, homem-Murtagh. Tu aceitar?

O ar frio subterrâneo acalmou a garganta de Murtagh enquanto ele enchia os pulmões e tentava limpar a cabeça. Não se sentia com inteligência suficiente para resolver o problema mais básico e, independentemente de como olhava para o assunto, não conseguia pensar noutra solução.

Os muros que ele e Thorn haviam construído sobre si mesmos não se manteriam de pé. Já não se podiam manter.

– Está bem – disse, rouco. – Eu... tornar-me-ei teu irmão de sangue.

– Não é tão fácil, homem-Murtagh.

– ... nunca é.

Uvek começou então a murmurar na sua língua nativa, balançando-se para a frente e para trás. Murtagh fechou os olhos e deixou as palavras ásperas percorrerem-no em ondas rítmicas. Passado um minuto, Uvek grunhiu.

– Isto tens de dizer, homem-Murtagh.

E disse várias frases em urgals, que, para Murtagh, poderiam muito bem ser um exercício complexo especificamente projetado para impedi-lo de completar o rito.

Durante o que pareceu ser a maior parte de uma hora, Uvek treinou-o na pronúncia adequada das palavras. Murtagh teve de descansar muitas vezes e, com a mesma frequência, esqueceu-se do que Uvek já lhe ensinara.

Por fim, o Urgal soltou um sopro de frustração e disse:

– Serve. Os deuses entender tua intenção.

Uma constatação tardia ocorreu a Murtagh.

– ... espera... Não me vais fazer jurar na... língua antiga?

Uvek inclinou a cabeça.

– Queres dizer palavras mágicas, homem-Murtagh? Não. Não serem de Urgralgra, para quê usar? Se homem ou Urgralgra não cumprir o juramento numa língua, não cumprir noutra.

O alívio e uma ligeira sensação de diversão fizeram Murtagh rir.

– ... acho que... tens razão.

Pensara que Uvek iria fazê-lo usar a língua antiga, o que era grande parte do motivo pelo qual estivera tão relutante.

– *Hmmm*. – Em seguida, Uvek bateu no antebraço e fez um movimento em direção a Murtagh. – Para terminar *qazhqargla*, dever juntar sangue e dizer palavras. Entender?

Murtagh fez um aceno cansado.

– Porque... porque é que é sempre... sangue?

– Sangue é poderoso, homem-Murtagh. Sangue é vida. Certamente sem chifres saber isto também?

– ... nós... sabemos. – Murtagh arregaçou a manga sobre o braço esquerdo e, em seguida, olhou fixamente para a pele nua por um momento. – ... problema... eu não tenho... faca.

As fartas sobrancelhas de Uvek projetaram-se.

– Porque precisar faca, homem-Murtagh? Usa unhas. – Ergueu o indicador esquerdo, mostrando a espessa unha em forma de pá que lhe saía da ponta do dedo.

Murtagh ergueu o próprio dedo.

– ... muito fracas.

– *Ghra*. Esqueci-me de como sem chifres são moles. E se...

– Espera. – Murtagh desapertou o fecho que lhe prendia o manto em volta do pescoço. Tinha um alfinete nas costas. Embora não fosse particularmente afiado, pensou que funcionaria. – ... Uso isto.

Uvek grunhiu.

– Ótimo. Corta aqui. – E traçou uma linha logo abaixo da mão. – Depois tocamos, partilhamos sangue.

Murtagh fez uma leve careta, mas assentiu. O corredor era suficientemente estreito para o conseguirem atravessar.

– Pronto agora, homem-Murtagh?

– ... pronto.

Na sua cela, Uvek debruçou-se sobre o braço e raspou a unha do polegar esquerdo no pulso direito com um movimento lento e calculado. O Urgal não mostrou sinal algum de dor quando a unha lhe cortou a pele grossa e uma linha de sangue negro lhe brotou da carne.

Murtagh desviou o olhar. Inspirou, cerrou os dentes, e então, tão depressa quanto conseguiu e com a força que lhe parecia necessária, arrastou a ponta do alfinete pela pele do pulso esquerdo, criando uma faixa vermelho-viva de dor.

Praguejou baixinho. O alfinete cortou-lhe apenas metade da pele. Voltou a cerrar os dentes e, sem parar para antecipar a dor, passou o alfinete pelo pulso uma segunda vez.

O sangue inundou a faixa vermelha irritada, e ele soltou a respiração num suspiro.

Então Uvek enfiou o braço entre as barras da sua cela – era mesmo à justa, mas, com alguma força, conseguiu –, e Murtagh fez o mesmo do seu lado, encostando os pulsos manchados de sangue. O braço do Urgal estava quente, e o seu sangue ardia na pele de Murtagh.

Uvek disse a sua metade do juramento em urgâlês, e depois foi a vez de Murtagh. Este não teve pressa, pronunciando as palavras como Uvek lhe ensinara e esforçando-se por evitar erros. O significado das palavras era, ou assim Uvek dissera, algo como:

– Eu, Murtagh, Cavaleiro do dragão, junto-me como irmão de Uvek fala-com-o-vento. Que o sangue dele flua nas minhas veias, assim como o meu flui nas dele. Isto eu juro a Svarvok Chifres-Grandes e, se não conseguir manter este vínculo sagrado, que todo tipo de infortúnio se abata sobre mim e a minha tribo. – O juramento podia não ter sido composto na língua antiga, mas era sério na mesma. Murtagh sentiu o peso das palavras ao proferi-las.

Após a conclusão, recolheram os braços e cuidaram dos ferimentos. Uvek grunhiu.

– O *qazhqargla* está completo. Agora somos irmãos, homem-Murtagh.

– ... irmãos.

Era estranho dizê-lo. O único irmão – meio-irmão, na verdade – que Murtagh conhecia era Eragon, e a relação dos dois mal tinha sido fraterna. Embora Murtagh se preocupasse com as obrigações que o seu juramento impunha, era... reconfortante, de certa forma, unir-se como tal a Uvek. Os costumes dos Urgais diferiam dos dos humanos, mas ele tinha a certeza de que, se pedisse ajuda a Uvek, o Urgal responderia sem hesitação.

Primeiro, é claro, teriam de escapar de Nal Gorgoth.

– Toma, homem-Murtagh. O amuleto da cura. Talvez te ajudar.

– ... talvez – murmurou Murtagh, aceitando a pedra negra de Uvek.

A pedra estava quente, e a tira amarrada em torno dela era agradavelmente texturizada. Tentou então duas coisas: primeiro, tirar qualquer energia restante na pedra. Nisso, encontrou um fracasso total.

Uvek dissera a verdade. Nem o menor resquício de energia havia ainda no amuleto. Segundo, imbuir um pouco da sua própria força na pedra negra. Mesmo não conseguindo lançar diretamente um feitiço, Murtagh esperava conseguir, pelo menos, usar a energia no seu corpo para alimentar o amuleto.

A esperança revelou-se vã. Por mais que tentasse, Murtagh não conseguia romper a barreira mental que o impedia de perder a energia que continha.

Uvek reparou na frustração dele.

– Não funcionar, homem-Murtagh?

– ... não... *Não!* – Murtagh fechou os olhos e sentiu lágrimas escorrerem-lhe dos cantos. – ... não... eu preciso de... força para o amuleto, mas...

– Não poder dar por causa de Respiração. – Uvek assentiu sabiamente e parecia perturbado. – Tive o mesmo problema. Não há solução?... Homem-Murtagh, ainda estás acordado?

Murtagh forçou a abertura dos olhos.

– ... sim... solução?... – Abanou a cabeça, infelicíssimo, e deixou-se descair até ao chão. As lajes estavam frias, por isso arrastou o manto para cima de si. – ... preciso de... pensar... dormir...

– Homem-Murtagh. Homem-Murtagh. Abre os ouvidos, homem-Murtagh. Tu...

Mas Murtagh não ouvia mais nada e, por uma vez, teve uma trégua dos pesadelos lívidos de Nal Gorgoth.



Quando Murtagh acordou, no início não sabia quem era nem onde estava. Olhou para o teto arqueado durante bastante tempo antes de a pulsação se lhe acelerar com memórias difusas e sanguinolentas da matança à beira do riacho, enchendo-o outra vez de culpa.

Rebolou com a intenção de se sentar e sentiu algo duro sob a anca direita. Olhou, pensando tratar-se do amuleto de pedra negra, mas tudo o que viu foi a ponta dobrada do seu manto.

Palpou-a.

Voltou a sentir um caroço duro do tamanho de uma avelã. Franziu a testa.

– O que é, homem-Murtagh?

Uvek estava agachado na mesma posição em que se encontrava quando Murtagh adormeceu. Não parecia ter-se mexido durante todo aquele tempo.

Ao ouvir a pergunta, Murtagh apercebeu-se de um latejar no pulso esquerdo. Tinha a sensação de ter sido marcado com um ferro em brasa. O ombro também lhe doía, e essa dor em particular trazia lembranças indesejadas.

Abanou a cabeça. Estava a deixar-se distrair. Voltou a olhar para o manto e palpou a ponta... mexeu com os dedos na bainha... e puxou um diamante amarelo, em forma de lágrima, que brilhava como uma conta de luz solar cristalizada na cela escura.

Uvek chupou o lábio inferior e soltou um som baixo ao vê-lo.

Murtagh demorou um bocado a lembrar-se do que era o diamante... e de onde ele o arranjava... *Wren... a porta de pedra...* Começou a sentir o entusiasmo tomar forma dentro de si e ergueu a joia para Uvek.

– ... energia – sussurrou.

O Urgal inclinou-se para a frente, com os olhos brilhando de fogo a condizer com o diamante.

– Suficiente, homem-Murtagh?

Ele assentiu com a cabeça.

– ... deve... ser.

Então Murtagh abriu a mente e estendeu os pensamentos em direção ao diamante. Conseguia sentir o redemoinho de energia que a joia continha: tão perto, tão tentador. Mas, independentemente de como tentasse, simplesmente... não conseguia... agarrá-la e canalizá-la através do seu corpo para o amuleto de pedra negra.

Gemeu de frustração e voltou a direcionar a mente para o diamante. Parecia-lhe estar a tentar agarrar gelo líquido; continuava a escorregar-lhe pelos dedos mentais, deixando-o atrapalhado no vazio.

–... não... adianta – disse, voltando a sentar-se nos calcanhares e abanando a cabeça. – Queres... tentar?

Uvek estendeu a mãozorra, e Murtagh, confiando no juramento que haviam feito, passou-lhe a joia.

Durante vários minutos, Uvek sentou-se a olhar para o diamante, com a testa franzida, a respiração lenta e pesada. Os músculos dos braços tensos, como se em esforço, carregando um peso enorme. Então, por fim, disse:

– *Guh*. Eu não conseguir tocar fogo em gema. Está sempre a escapar.

Devolveu o diamante a Murtagh, e Murtagh sentou-se encostado à parede da cela e olhou para a joia. Passado um momento, cerrou o punho, abanou a cabeça e apoiou a testa no braço.

– ... tem de haver uma maneira.

Ficaram em silêncio por um bocado. Durante todo esse tempo, Murtagh lutava contra a névoa sempre presente que lhe obstruía a mente. Se ao menos conseguisse pensar com clareza...

Franziu a testa. A Respiração de Azlagûr era o que lhe perturbava os pensamentos, mas era a *vorgethan* que o impedia de usar magia, embora talvez os efeitos de ambas fossem piores em conjunto. Se conseguisse remover uma ou outra, ele e Thorn – e Uvek – poderiam ter uma oportunidade

Sentou-se e olhou para Uvek.

O Urgal ergueu as fartas sobrancelhas.

– O que foi, homem-Murtagh? Ter ideia?

– ... talvez...

– É boa?

– ... talvez... espera...

Então, esperaram. Sem janelas na cela, Murtagh não podia ter certeza da hora exata, mas não acreditava ter dormido uma noite inteira. O seu corpo dizia-lhe que ou era muito cedo ou muito, muito tarde.

Permaneceu no chão, de olhos meio fechados, enquanto economizava energia, sabendo que precisaria muito dela.

Finalmente... passos ao fundo do corredor.

Alín, vindo buscar a tigela que lhe trouxera. Como ele esperava. A mulher vestida de branco lançou-lhe apenas um olhar breve e preocupado antes de se ajoelhar e esticar o braço por entre as barras para alcançar a tigela.

– ... espere... – disse Murtagh, e mexeu-se para lhe tocar no pulso. No último segundo, um instinto deteve-lhe a mão, embora ele não soubesse porquê.

Alín parou, de braço esticado, olhos arregalados e redondos como os de uma corça assustada.

–... pode... falar com Bachel... para trazer... trazer-me todas as minhas refeições?

Ele conseguia vê-la a tremer.

– Porquê, Assassino do Rei?– sussurrou.

–... para... poder... não lhes juntar a droga. – Olhou-a diretamente nos olhos, tão sério quanto conseguia. – ... Então... eu e Thorn poderemos... fugir.

Os tremores de Alín aumentaram, e ela abanou a cabeça, como se negasse as suas palavras, mas sem recolher o braço.

– Eu não posso.

– ... por favor... ajude.... Bachel irá... lavar o mundo... com... sangue... se puder.

Alín abanou outra vez a cabeça e então recolheu o braço e fugiu pelo corredor, com a túnica a esvoaçar atrás dela.

Com um gemido, Murtagh caiu de volta contra a parede.

– Ser boa tentativa, homem-Murtagh – disse Uvek.

– ... não suficientemente... boa.

– *Hrmm*. Logo veremos. Leva tempo acalmar animal selvagem. – O Urgal deitou-lhe um olhar conhecedor por baixo das sobrancelhas proeminentes. – Às vezes melhor deixar animal aproximar de ti. Caso contrário, assustar.

– ... não... temos... tempo...

– Nem mesmo os deuses saber o que futuro reserva.

Murtagh olhou para Uvek. A expressão do Urgal era impossível de ler, mas ele parecia tranquilo. Murtagh não conseguia decidir se a atitude de Uvek nascia do fatalismo ou da fé ou de algum outro aspeto da sua cultura ou personalidade, mas achava impossível ser-se tão calmo.

Calmo ou não, não tinha alternativa senão dar tempo ao tempo.... E à esperança. E nos recessos confusos da sua mente, as mesmas palavras continuavam a repetir-se: ... *por favor... socorro...*

CAPÍTULO XXI



Uma questão de Fé

Murtagh não teve de esperar muito tempo por que os cultistas viessem outra vez buscá-lo, escoltando-o até ao santuário interno do templo, onde Bachel recebia os seus visitantes.

O dia passou-se como muitos outros em Nal Gorgoth. Murtagh cumpriu o seu papel de companheiro silencioso da bruxa – um objeto de escárnio e nem de um pouco de medo por parte dos convidados – enquanto Bachel cuidava dos seus assuntos.

A certa altura, viu Alín entre a comitiva da bruxa, mas a mulher de cabelos loiros evitou o seu olhar e fugiu rapidamente.

Os Draumar ainda se preparavam para o festival que se aproximava rapidamente, e toda a aldeia zumbia de atividade. Penduraram-se estandartes escuros entre os edifícios decorados com padrões e envolveram-se as esculturas semelhantes a dragões em molduras talhadas, enquanto se preparava comida e bebida – muita da qual Murtagh reconheceu como despojos dos ataques sanguinolentos dos cultistas – em enormes quantidades.

Por duas vezes, Bachel deixou Murtagh sentar-se com Thorn no pátio, o que era um conforto para Cavaleiro e dragão. Uma vez que a sua comunicação mental lhes era tão difícil, Murtagh teve de recorrer à fala, lenta, desajeitada e totalmente desadequada à sua profundidade de sentimentos.

– ... como estás ... tu? – sussurrou.

O dragão colocou a cabeça ao lado da coxa de Murtagh, e este pousou a mão na testa coberta de escamas de Thorn.

Enquanto os Draumar se moviam pelo pátio, Murtagh via Thorn observá-los, e no olhar de Thorn detetou um ódio recente mas profundamente enraizado. A raiva do dragão emanava-lhe do corpo como

calor de uma forja. Outrora isso teria preocupado Murtagh. Agora, acolhia essa sensação. Compartilhava do sentimento, e uma parte dele pensou que havia uma hipótese de, se as emoções de Thorn tivessem força suficiente, conseguirem permitir que ele dissipasse a influência maligna da bruxa. Com dragões, nunca se sabia ao certo do *que* eram capazes.

Mas Thorn não fez uso inesperado de magia. Os dois mantiveram-se sentados, na lateral do pátio, muitas vezes relanceados, mas geralmente ignorados, e Murtagh olhou para os pedaços de céu azul por cima deles e desejou... desejou que ele e Thorn estivessem longe de Nal Gorgoth.



Naquela noite, os cultistas tinham acabado de o depositar na cela e virar costas quando Alín veio, furtivamente, pelo corredor. Tinha o rosto terrivelmente vermelho, a pele sob os olhos inchada e os cabelos soltos numa confusão emaranhada.

Ficou quieta por um bocado, olhando para Murtagh. Lembrando-se do conselho de Uvek, ele devolveu-lhe o olhar com uma expressão aberta e esperou que ela falasse.

Alín abraçou-se. Depois, disse:

– Não percebe... Como poderia? Mas não percebe. Não consegue. – O seu semblante tornou-se suplicante. – Eu acreditei em Bachel. Eu *acredito*. Ela não é uma falsa profeta. Ela fala com a autoridade de Azlagûr, e como pode alguém questionar Azlagûr quando vivemos com os Seus sonhos? Todos partilhamos o sonho de Nal Gorgoth e a visão do que pode vir. Quando essa visão se tornar manifesta... – Estremeceu violentamente. – O mundo será feito de acordo com a vontade de Azlagûr. – Esfregou os braços como se sentisse frio. – Sempre me perguntei o que haveria além deste vale. Bachel sempre nos falou dos males que habitam Alagaësia, da guerra e das injustiças. – Abanou a cabeça. – Mas o Assassino do Rei não é mau. Nem Thorn. E a forma como Bachel tratou Thorn... Vai contra tudo o que sei. Todos os princípios em que acredito. Tudo o que ela nos pregou ao longo dos anos!

Virou-se e caminhou entre as celas, perturbada. Ainda assim, Murtagh manteve-se calado. Com um olhar selvagem, ela rodou de volta para ele, os seus pequenos dentes desnudos como os de um animal encurralado.

– Os dragões são a força vital da terra, Assassino do Rei! Eles são a fonte de tudo o que é bom, a fonte da vida e da magia e... e... Eles devem ser adorados. Reverenciados. Homenageados. Servidos. E, no entanto, Bachel diz que esses maus-tratos a Thorn são necessários. Necessários. De acordo com a vontade de Azlagûr! Eu... eu... – Interrompeu-se e tremeu novamente, como se estivesse com febre.

Murtagh levantou-se, com as pernas instáveis, e foi até à porta da cela. Delicado e lento, disse:

– O que... quer?

Uma película de lágrimas cobriu os olhos de Alín.

– Quero ajudar Thorn. E... Não, é muito egoísta da minha parte.

– ... o quê?

– Quero ver a verdade do mundo antes que Azlagûr o lave.

– Então... ajude-nos.

– Não é assim tão simples, Assassino do Rei. Bachel é a Oradora. Ela é a nossa *mehtra*! Prestei juramento a ela e a Azlagûr. Não os posso quebrar, e se o fizer, oh! Se o fizesse, a minha alma estaria para sempre renegada. – A pele brilhava-lhe de suor, e ele conseguia sentir-lhe o cheiro acre do medo. – Pede-me para deitar fora a minha vida e com isso condenar o meu futuro eterno.

– ... por aquilo que está certo. – As palavras impressionaram-na. Ele conseguia vê-lo na tristeza da expressão dela. Esforçou-se para ordenar os seus pensamentos. – ... juramentos vinculam, mas... pode mudar ... libertar-se... Eu... sei. Eu fi-lo.

Alín olhou para ele com angústia.

– *Como?*

Ele não queria dizer, mas não tinha outro recurso senão o reservatório mais profundo da verdade.

– ... por causa ... de outra pessoa.

Os olhos de Alín arregalaram-se, e ele sentiu-se como se ela lhe visse o seu eu mais íntimo. Então, os ombros cederam, e ela abanou a cabeça e soltou um soluço baixinho.

– Não posso. Não tenho forças.

O chão pareceu inclinar-se por baixo dele, e a cela girar. Cambaleou e agarrou-se às barras de ferro como apoio. Respirou com firmeza, tentando manter uma aparência de clareza.

– ... família?

Alín abanou a cabeça.

– Não. Fui encontrada em criança. Como tantos outros Draumar.

Sangue no chão. Orthroc caídos em montes mutilados. Corpos grandes e pequenos. Um arrepio percorreu Murtagh. Conseguia adivinhar como as crianças tinham chegado a Nal Gorgoth. *Órfãos*. Inocentes.

A tristeza venceu-o, e ele aproximou-se da face de Alín, querendo apenas reconfortá-la.

Ela vacilou, mas não recuou.

Sentiu na mão a pele dela febrilmente quente. Soltou um pequeno grito quando ele lhe tocou, e Murtagh sentiu um tremor passar por ela, mas ainda assim ela não se afastou. De alguma forma ele sabia que aquilo era significativo. Fora ultrapassada uma linha que nunca poderia ser transposta.

Lágrimas desceram-lhe pelo rosto.

Num sussurro, ela disse:

– Eu quero... Quero um sonho melhor, de alegria, esperança e amor.

– ... então ajude-nos.

Alín olhou para ele com uma esperança tão angustiada quanto a dele, e ele não sentiu malícia alguma no coração dela.

– Se partir, leva-me consigo, Assassino do Rei?

– ... Sim... Eu juro.

Um momento, e então Alín afastou-se da mão dele e voltou a esfregar os braços. Abriu os lábios como se quisesse falar, mas, em vez disso, foi-se embora, apressada, antes de ele poder fazer qualquer coisa para detê-la.

Murtagh virou o olhar indefeso para Uvek, que estava a observar, como sempre.

– ... eu assustei... ela?

O Urgal grunhiu e coçou o pescoço.

– *Hrmm*. Talvez, mas...

Mais passos soaram, e Alín reapareceu carregando uma tigela e um cântaro. Evitou os olhos de Murtagh enquanto se ajoelhava e colocava os pratos do lado de fora da cela dele. Em seguida, fez um rápido aceno com a cabeça, como faria a Bachel, e partiu outra vez a correr.

– Está sempre apressada, aquela – disse Uvek.

Murtagh não respondeu, enquanto puxava os pratos para a sua cela. Provou cautelosamente o vinho diluído no jarro e, em seguida, o pão e a sopa na tigela. Nenhum deles o queimou como aguardente enquanto os engolia.

Olhou para Uvek e assentiu com a cabeça.

O Urgal ficou muito quieto, como se se estivesse a preparar para a ação:

– Quanto tempo, homem-Murtagh?

– Eu não... sei. Um dia? ... talvez mais... depende... quanta... me deram.

– O tempo do fumo negro apenas a um dia ou dois. Penso mau ainda estarmos aqui quando acontecer.

– ... já? – Ele não tinha percebido que o festival estava tão próximo.

– *Hrmm*. Cura-te mais depressa, homem-Murtagh.



Em todas as refeições seguintes, Alín trouxe a Murtagh comida livre da *vorgethan*. Ele esperava que o seu corpo purgasse a droga dentro de algumas horas, mas, para sua irritação e desilusão, o processo foi muito mais lento.

Outros cultistas continuaram a alimentar Uvek, e o Urgal permanecia sob os efeitos da *vorgethan*. Murtagh perguntou a Alín se também poderia ajudar Uvek, mas ela abanou a cabeça e explicou que um homem chamado Isvar preparava a comida de Uvek e que Isvar fora especialmente nomeado por Bachel e não renunciaria à honra.

Então, eles esperaram, e em cada poucos minutos que Murtagh estava acordado tentava aceder à energia no diamante amarelo para transferi-la para o amuleto de pedra negra. Em algum momento, *teria* de ter sucesso. A questão era se isso aconteceria antes do tempo do fumo negro.

Estava cada vez mais preocupado com o festival. De certos fragmentos que ouvira, parecia-lhe que Bachel estava a planear algo particularmente dramático, e ele temia que o plano os envolvesse a ele e a Thorn.

Mesmo sem ingerir *vorgethan*, sentia a mente tão turva como sempre. A bruxa continuava a usar a Respiração nele sempre que se encontravam, e o fedor do miasma giratório nunca lhe parecia sair das narinas.

Na manhã seguinte, Murtagh notou que uma boa parte dos convidados de Bachel estava de partida. Reuniram-se no pátio, nos seus belos cavalos, carregando os galhardetes coloridos, e saudaram Bachel. O homem que Murtagh sentia que devia reconhecer disse:

– Adeus, Bachel. Enviaremos notícias dos nossos planos em breve.

A bruxa brincava com a unha na borda do seu cálice amolgado.

– Era melhor que ficassem para o tempo do fumo negro.

O homem de rosto sombrio inclinou a cabeça.

– Vamos deixar essas coisas para si e seus seguidores. – Olhou para Murtagh com uma expressão de leve repulsa. – E para o que quer que tenha feito *dele*.

– Ah, mas eu e os meus companheiros ficaremos e far-lhe-emos companhia, muito honrada Bachel – disse Lyreth. Estava num canto do pátio juntamente com outros quatro homens. Todos tinham as faces vermelhas, como se fosse de bebida.

Bachel não pareceu impressionada. Ao primeiro homem, sorriu e gesticulou, como se lhe desse permissão.

– Vá, então, e viaje em segurança. Que o culminar dos nossos planos decorra com ligeireza.

– Minha Senhora.

E assim o grupo saiu de Nal Gorgoth, indo para a Baía de Fundor e para o navio que Murtagh sabia estar lá atracado.



A cada hora que passava, Murtagh sentia o corpo mais leve, mais reativo. Infelizmente, a mente não lhe seguia o exemplo. Cada pensamento dava trabalho, e era difícil concentrar-se na mesma coisa durante algum tempo. No entanto, conseguia sentir que a *vorgethan* lhe saía lentamente do corpo.

Mas não com a velocidade que desejava. Os aldeões estavam cada vez mais entusiasmados com a perspetiva do seu festival; até Grieve, com as suas fartas sobrancelhas, parecia animado.

Bachel dispensou Murtagh cedo naquele dia, pois estava preocupada com os preparativos para o festival. Ele não se importou. Quanto menos bruxa, melhor.

Uma vez de volta à cela, não se sentou ou deitou. Apesar da mente arrastada, obrigou-se a ficar em pé e caminhar. O movimento, tal como Tornac lhe dissera, limpava sempre o sangue. Então, moveu-se, na esperança de acelerar a passagem da *vorgethan* pelas suas veias.

Uvek assistia com paciência impassível. Só uma vez perguntou se Murtagh tivera sucesso com o diamante. À parte isso, o Urgal parecia satisfeito com a espera. Ao vê-lo agachado na cela, a luz cintilante projetando sombras profundas dos chifres de Uvek, Murtagh conseguia imaginar o Urgal numa caverna de alta montanha, tão imóvel e silencioso quanto uma estátua, um oráculo esperando que os fiéis se reunissem a seus pés.

E continuou a caminhar.

Estava perto de ser capaz de aceder à energia no diamante. Consequia senti-la: uma cócega delicada, como uma comichão no alto do nariz. Se ao menos...

Um barulho na entrada do corredor. Alín, trazendo-lhe a sua refeição da noite. Pão, uma sopa de carne de javali e vinho diluído.

Antes de ela se ir embora, disse-lhe:

– ... espere ... pode trazer ... a minha espada, Zar’roc?

Ela abanou a cabeça, o cabelo escondendo-lhe o rosto.

– Não posso – sussurrou.

– ... onde?

– Bachel guarda a sua espada e armadura no templo, no salão de visitas.

A resposta fazia sentido. Ele acenou com a cabeça lentamente.

– Estou quase... livre. Pode... ajudar a preparar Thorn?... Água... alimentos... sela... grilhões?

Alín hesitou. O cabelo ainda lhe cobria o rosto, e ela não fez nenhum movimento para o afastar. Com a suavidade de uma pétala caindo, disse:

– Vou tentar, Assassino do Rei.

– ... obrigada.... Dava jeito... alguns mantimentos... também... para nós.

Novamente uma pausa, e então ela afastou-se e partiu.

Murtagh permaneceu onde estava, observando.

– Ela ainda incerta, homem-Murtagh. – Era a primeira coisa que o Urgal dizia em horas.

Murtagh resmoneou enquanto se baixava sobre as pedras.

– Ela fará... o que está certo.

A cabeça de Uvek oscilou de um lado para o outro.

– Depende do que ela acha que está certo.

– ... depende... sempre.

Murtagh olhou para o Urgal. Sentia-se inexpressivamente cansado. A preocupação, a culpa e o esforço constante para pensar consumiam-lhe a limitada força. Apenas por um momento, queria esquecer Bachel e tudo o que tinha que ver com Nal Gorgoth.

– ... conta-me uma ... história, Uvek.

A testa pesada do Urgal enrugou-se quando ele ergueu o sobrolho.

– Que tipo de história?

– ... da tua gente.

– *Hrmm*. Tenho muitas gentes. Minha família. Meu clã que eu deixei. Os outros Urgralgra.

Murtagh acenou com a mão. Estava muito cansado para se preocupar com detalhes.

– ... escolhe... tu.

Durante um minuto, Uvek ficou em silêncio, ruminando. Depois, aligeirou-se-lhe a testa.

– Já sei. Vou falar-te do filho de Svarvok, Ahno, o Vigarista. Isto foi tempo do trevo vermelho, quando rios sabiam a ferro. Ahno transformara-se em veado, e Svarvok enviou lobos para persegui-lo bem de perto, mas Ahno riu do pai e transformou-se em lobo. Sete invernos Ahno correu com lobos, viveu como lobo, comeu como lobo. Fazia parte da alcateia. *Liderou* a alcateia. Ouves-me, homem-Murtagh?

– ... ouço.

– Bom. O problema era que lobos não escolheram Ahno. Não o queriam. Mas não conseguiam expulsá-lo da alcateia. Ahno demasiado forte, mesmo em forma de lobo. Mas... – Os olhos de Uvek brilhavam de sinuoso deleite, e as pontas das suas presas mostravam-se entre os seus lábios. – Lobos são astutos. Loba negra conhecida como Sharptooth foi uma noite ao ajuntamento de lobos sob lua cheia. Estava claro como dia com luz da lua na neve. Lobos uivam e rosnam, e Sharptooth convence matilha a ajudá-la. No dia seguinte, matilha de Ahno vai caçar veados. Eles correm nas profundezas da floresta, onde vivem sombras e grandes chifres. Então,

Sharptooth aproximou-se de Ahno e atraiu-o para longe da matilha. – A expressão de Uvek tornou-se bastante caprina. – Ele gostava da forma dela, do pelo e dos dentes. Entendes, homem-Murtagh?

– ... entendo.

– *Hrr- hrr.* Sharptooth correu e correu, e Ahno seguiu-a, até chegarem ao penhasco. Todas alcateias esperam lá, escondidas no mato. No penhasco, Sharptooth deixou Ahno aproximar-se. Então, ela morde Ahno, e outras matilhas vêm e ladram e rosnam e correm para Ahno, conduzem-no – Uvek fez um gesto de mergulho com a mão – à beira do penhasco. Cair não o matar, homem-Murtagh. Lobos sabem. Ahno, filho de Svarvok, muito difícil de matar. No fundo do penhasco havia caverna, e na caverna vivia *ûhldmaq*. Conheces?

Murtagh abanou a cabeça.

– ... não.

– É Urgralgra que se tornou urso. Muito perigoso. Conta-se nas histórias de antes dos tempos. Este *ûhldmaq* chamava-se Zhargog, e ele era muito velho, muito faminto. Chegou-se ao ferido Ahno e lutou com ele, e o chão tremeu e pedras caíram, e finalmente, Ahno teve de desistir da forma de lobo e voltar a ter chifres. Depois fugiu, e Svarvok falou com ele, disse: «Ho! Ora, Ahno! Abriste mão dos dentes, patas e pelos. O que aprender com isso, meu filho?» E Ahno rir apesar de dor e dizer: «Não é bom correr com alcateia que não me quer. Vou encontrar uma que me queira.» Então, transformou-se em águia e voou para longe. E a forma como Svarvok lidou com o filho é outra história. *Hmmm.*

Murtagh voltou o olhar para o teto.

– ... Existem... muitas... histórias de Ahno?

– Ah, sim, homem-Murtagh. Duram um inverno inteiro. Ahno muito esperto, meteu-se em muito sarilho. No final, deuses põem-no no cimo de montanha, amarram-no a pedra para não terem de ouvir a sua fala constante.

– E ele alguma vez... encontrou a sua alcateia?

– Durante um tempo, homem-Murtagh. Durante um tempo.



Naquela noite, os sonhos que chegaram a Murtagh ultrapassaram todos os limites da restrição normal. Possuíam um imediatismo tão vívido e horrível que a própria realidade parecia ter-se dividido em fragmentos flamejantes: cada um, uma imagem que continha um significado épico – significado que era compreendido perfeitamente, totalmente e sem palavras.

Mergulhou em alucinações da mais alta ordem, onde o ar parecia torcer-se e curvar-se, e cada emoção, cada medo, esperança e alegria tinham direito ao meu momento reluzente sob o céu do sol negro.

A noite parecia interminável, mas nem a própria eternidade podia durar, e por fim as visões basearam-se em algo que Murtagh conhecia demasiado bem e que, se tivesse escolha, preferia ter esquecido.

O ar estava frio com o último suspiro do inverno, e subia vapor dos excrementos no estábulo. Murtagh tentava não fazer barulho enquanto ele e Tornac corriam para selar os seus cavalos. Os animais batiam com os cascos e davam às patas impacientemente, ansiosos por se irem embora. Não andavam há mais de uma semana e estavam entusiasmados por se libertarem da cidade.

– Calma – disse Murtagh, acariciando o seu cavalo de batalha.

A espada estava sempre a atrapalhá-lo, entrelaçando-se-lhe as pernas, enquanto ele tentava pôr a sela no dorso do cavalo. Tanto ele como Tornac estavam armados e, sob o seu manto, Murtagh usava uma cota de malha fina.

Moviam-se com medo apressado. Cobertores, selas, arreios, sacos carregados com os mantimentos de que precisariam para se afastarem de Urû'baen.

– E se ele for à nossa procura? – sussurrou Murtagh. Ainda não conseguia acreditar que se iam embora da capital de uma vez por todas, deixando para trás tudo o que ele conhecera nos últimos quinze anos.

Tornac olhou por cima da traseira da montaria, uma égua ruana com uma estrela branca no peito. O rosto magro e tisonado do mestre espadachim estava profundamente sério, mas havia uma luz na sua expressão que antecipava expectativa e, talvez, uma dose de entusiasmo. O perigo acelerava sempre o sangue.

– Se for, escondemo-nos. Os olhos de dragão são aguçados, mas nem eles conseguem ver através de folhas ou ramos, e o rei não dispõe de tempo para vasculhar todos os bosques do Império. Enquanto conseguirmos

manter-nos suficientemente adiantados, ele não nos encontrará.

Murtagh continuava preocupado.

– E se ele usar magia? Deve ter feitiços para buscas. E ouvi dizer que consegue estender os pensamentos e encontrar uma pessoa, mesmo que esteja do outro lado de Urû'baen.

Então Tornac agarrou o ombro de Murtagh e fitou-o com um olhar firme.

– Os amuletos que eu trouxe da bruxa verde vão proteger-nos de qualquer tipo de espionagem. O rei não é todo-poderoso, Murtagh. Ninguém é. Se todos os rumores sobre Galbatorix fossem verdadeiros, os Varden teriam caído há muito tempo em seu poder. Assim como os elfos e os anões.

Murtagh puxou a cilha do cavalo, apertando-a na medida justa.

– Não devia ter dito o nome dele – murmurou.

Tornac fez uma pausa no seu próprio trabalho.

– Não queres ir embora?

– ... Quero.

Um aceno de Tornac, que voltou a ajustar os alforjes da ruana.

– Então chega disto. Precisamos de estar bem longe antes do amanhecer. – Murtagh resmoneou, e Tornac lançou-lhe um olhar atento. – Nós concordamos. Não podes ficar aqui. Se ficares, o rei...

– Se eu ficar, o rei transforma-me no meu pai. Transforma-me em mais um dos seus lacaios sanguinários, como Barst ou Yarek – disse Murtagh, sem tentar esconder a amargura.

– Não é só isso – disse Tornac. – Mesmo que não fosses filho de Morzan, este não é um bom lugar para ti, Murtagh. Aquelas sanguessugas da corte vão dar cabo de ti se ficares.

O orgulho fê-lo responder:

– Nunca as deixaria.

Tornac parou e olhou para ele sobre o dorso da ruana.

– Dizes isso agora, mas elas continuam a moer-te, ano após ano. Esse tipo de atenção fere a alma de um homem. Eu já vi isso acontecer. – Voltou a trabalhar nos arreios do cavalo. – Tens de ser livre. Livre de Galbatorix. Livre da corte. Livre para fazeres as tuas próprias escolhas. Só assim te tornarás o homem que sei que podes ser. – A preocupação na voz dele surpreendeu Murtagh, mas o rosto de Tornac estava escondido atrás do

flanco do cavalo. – Mereces a oportunidade de encontrares o teu caminho, e maldito seja eu se ficar parado e deixar que eles te transformem em algo parecido com Lyreth ou os da laia dele. Confia em mim. Partir é o melhor para ti.

Só então Murtagh percebeu que a verdadeira motivação de Tornac não tinha nada que ver com a oposição ao rei e sentiu uma súbita gratidão.

– Confio em si.

Uma vez prontos os corcéis – os cascos abafados com trapos –, partiram. O rapaz que dormia nos estábulos ainda estava mergulhado no sono, e o vigia cujo dever era andar por aquela parte da cidadela estava no extremo da sua rota. Tornac e Murtagh tinham planeado a sua fuga com muito cuidado.

Saíram pelo portão lateral da torre de menagem da cidadela, aberta e sem vigília durante a semana do festival, e dirigiram-se para a muralha exterior de Urû'baen. O tamborilar dos cascos dos cavalos fez-lhes companhia enquanto avançavam por entre as fileiras de casas adormecidas. O céu estava quase negro, e a grande extensão que pairava sobre a metade oriental da cidade bloqueava qualquer visão da primeira luz do amanhecer.

A distância relativamente curta até ao muro parecia pelo menos uma légua, pois tinham os nervos esticados a ponto de rebentarem, e, a cada leve sopro de vento, Murtagh esperava que a forma negra de Shruikan irrompesse da cidadela, com o rei a vir abordá-los.

Depressa chegaram ao portão situado na área traseira das defesas da cidade. Murtagh havia subornado um vigia para deixá-lo aberto, e assim o encontraram. Segurou as rédeas enquanto Tornac destrancava a porta, e então, juntos, correram pela saída escura, semelhante a um túnel, que levava através da enorme muralha.

Então, a consternação. O medo. A desesperança. A aguardá-los no campo, do lado de fora, estava um grupo de soldados. Doze lanceiros, com um capitão orgulhoso na dianteira, o capacete de plumas brancas a captar os últimos resquícios da luz das estrelas.

No início, ocorreu a Murtagh o irrefletido e terrível pensamento de que Tornac o traía. Mas depois viu o rosto do espadachim; Tornac estava tão angustiado quanto ele. Talvez mais.

– Com que então, as ovelhas tresmalhadas foram encontradas – disse o capitão com muita alegria. – O rei ficará satisfeito. Soltem os vossos corcéis, Murtagh, filho de Morzan, Tornac, filho de Tereth, e larguem as vossas armas, e nenhum mal vos será feito. Têm disso a minha palavra e o decreto real.

Não havia alternativa. Murtagh soltou as rédeas, assim como Tornac, e alcançou a fivela do cinto.

Se não conhecesse Tornac tão bem, ter-lhe-ia escapado a intenção do homem. A ligeira mudança de postura do mestre espadachim enquanto aterrava os pés, equilibrava o peso foi o único aviso que Murtagh recebeu.

Tornac simulou com a mão, primeiro parecendo agarrar o seu próprio cinto, mas depois, com velocidade mortífera, desviando para agarrar o punho da sua espada e empunhá-la.

O capitão mal conseguiu emitir a primeira nota de um grito agudo antes de Tornac lhe acertar na garganta com um golpe perfeitamente posicionado.

Os soldados gritaram e dispersaram-se enquanto Murtagh lutava para sacar a sua própria espada. Agarrou-se-lhe à bainha, e libertá-la levou segundos preciosos.

Nesse tempo, Tornac feriu mais dois soldados e começou a avançar sobre um terceiro. Os homens recuperaram então a coragem e rodearam o espadachim com as lanças a formar um matagal de pontas afiadas.

Então, a bainha soltou a espada de Murtagh, e ele caiu sobre os soldados pela lateral, e, pela segunda vez em dois dias, lutou e matou.

Nunca antes Murtagh se permitira uma combinação tão fria de crueldade e selvajaria desesperada. Mas não estava apenas a lutar por si – estava a lutar para ajudar Tornac, e mais depressa queria levar um golpe do que ver o seu mestre ferido.

Os soldados eram todos veteranos: combatentes treinados que tinham sido recompensados pela sua lealdade e cobiça com um posto guardando a cidadela de Urû’baen. Mas haviam sido surpreendidos, e o rápido abate de vários dos seus confundiu-os, fê-los recuar, e, de cada vez que hesitavam, Tornac ou Murtagh extraíam outra vida em troca.

Na maior parte do tempo, lutaram em silêncio, exceto alguns grunhidos e embates de metal e o ocasional grito rápido. Ninguém tinha fôlego para falar. Estavam ofegantes e temerosamente concentrados, e o suor escorria-

lhes sobre os olhos.

E, no entanto... apesar de toda a habilidade de Tornac, e de Murtagh também, os números falavam alto contra eles. Doze contra dois. Mesmo com o fator surpresa do seu lado, não era uma luta justa. Murtagh vislumbrou uma mancha de sangue no ombro direito de Tornac, e outra fluindo-lhe de um corte no couro cabeludo, e sentiu ele próprio um risco a arder-lhe algures na anca.

O espadachim lutava como um gato encurralado, torcendo-se e avançando e atacando com velocidade ofuscante. Nada de formas estilizadas usadas nos duelos da corte. Nada dos ângulos e distâncias perfeitos dos treinos. E, no entanto, era uma exibição deslumbrante, ousada e arrojada, que teria merecido aplausos até do público mais cansado. Naquele momento, Murtagh acreditava realmente que nenhum homem faria frente a Tornac.

Contudo, como todos os momentos perfeitos, mesmo nos sonhos, aquilo não podia durar.

Murtagh tropeçou e sentiu a ponta de uma lança nas costelas quando um soldado se precipitou sobre ele. Caiu. Antes de conseguir perceber o que estava a acontecer, Tornac estava de pé sobre ele, espada enterrada no flanco do soldado.

Em seguida, aproximou-se outro soldado por trás de Tornac e, com uma faca de lâmina longa, esfaqueou-o entre as omoplatas e atirou-o ao chão.

Murtagh ergueu-se num ápice e matou o soldado antes mesmo de ele retirar a faca das costas de Tornac. Seguiu-se mais um minuto de luta desesperada, enquanto combatia os últimos quatro soldados.

Os homens não estavam à altura de Murtagh, mas ele sabia que haviam feito os seus votos a Galbatorix com o mais solene dos juramentos. Não podiam recuar, tanto quanto ele não se renderia.

No final, sob a luz cinzenta do amanhecer, apenas ele restava de pé no meio dos corpos dispersos. A égua ruana fugira, mas o seu cavalo de batalha mantivera-se ao lado do portão, bufando e dando às pernas.

Angustiado, Murtagh cambaleou até Tornac e virou-o de lado. Escorria sangue espumoso dos lábios do mestre, mas os seus olhos ainda estavam abertos, e ele sorriu ao ver Murtagh.

– Acabaste com eles? – perguntou.

Murtagh assentiu, com dificuldade em encontrar fôlego suficiente para falar.

– Todos mortos.

Pegou nas mãos do espadachim. Estavam surpreendentemente frias.

Tornac sorriu novamente.

– Ensinei-te bem, Murtagh. – Então, o seu semblante esmoreceu, e o aperto da mão enfraqueceu. – Pede... pede desculpa por mim à Ola... Se tiveres oportunidade.

– Claro – disse Murtagh. Não suportava imaginar a mulher agradável e de bochechas redondas a receber a notícia.

– Ela vai odiar-me por isto. – Os olhos de Tornac vaguearam, e depois o seu olhar voltou a aguçar-se, e, por momentos, mostrou-se tão lúcido como sempre. – Vai. Tens de ir, raios. Leva o meu amuleto e deixa-me. Eu cheguei ao fim. Vai e sê livre e esquece... me...

Ouviu-se um chocalhar áspero no seu peito, o seu corpo ficou inerte, e o brilho desapareceu-lhe dos olhos.

Então, Murtagh chorou e não se envergonhou disso.

...

Uma disjunção, e Murtagh encontrou-se mais uma vez encolhido na planície desolada, no fim de todas as coisas, com o sol negro ondulando com tentáculos de chamas negras enquanto o dragão monstruoso, montanhoso e corcunda se erguia sem asas contra o horizonte, apagando luz e esperança.

...

Outra disjunção. Um campo de erva dourada cobria a curva suave de uma colina. De pé no meio da relva estava Nasuada, com um vestido de veludo vermelho. Virou-se para olhar para trás e estendeu a mão na direção dele, mas a sua expressão era sofrida e, por mais que ele tentasse alcançá-la, não conseguia.

Então o céu escureceu, e o sol perdeu o brilho, e a terra e o céu tornaram-se da cor do estanho manchado. Lágrimas traçaram linhas pelas faces de Nasuada, mas ele sentiu-as no seu próprio rosto, quentes de pesar e da dor da despedida.

Estrelas picavam o céu enegrecido, e uma sensação de desgraça iminente e inevitável esvaziava-lhe o peito. Então, ao longe, uma massa corcovada moveu-se ao longo do horizonte e começou a erguer-se para

comer o sol que derretia...



Murtagh acordou coberto de suor frio, desorientado, incerto do que era real e do que não era, ainda assim consumido por uma súbita convicção de que o tempo era desesperadamente escasso.

O choque de carrilhões, sinos e címbalos metálicos soou do lado de fora do templo, alto o suficiente para a comoção atravessar as pedras do edifício. E gritos selvagens e bárbaros também, como se toda a aldeia tivesse enlouquecido.

Do outro lado do corredor, um Uvek meio ensombrecido olhava para fora da cela com uma expressão soturna e pesada.

– Chegou tempo do fumo negro, homem-Murtagh.

O medo levou Murtagh a agir. Passou a mão pelo manto até sentir o diamante amarelo escondido dentro da bainha. Onde estava o amuleto que Uvek lhe dera? Onde? Onde? Onde? Por momentos, não se conseguiu lembrar. Depois, ocorreu-lhe: enfiado bem fundo na bota esquerda.

Agarrou o amuleto e procurou extrair a energia armazenada no diamante. O vórtice giratório fazia-lhe cócegas no cérebro, tentadoramente perto. Quase lhe conseguia tocar. A droga *vorgethan* devia estar quase completamente expurgada do seu corpo, mas ainda assim, por mais que tentasse, não conseguiu desbloquear o fluxo de energia.

Clang!

Fora da vista, abriu-se a porta ao fundo do corredor, e ouviram-se botas a avançar em direção às celas. Os cultistas vinham buscá-lo.

Murtagh tirou a mão da bota e pôs-se de pé. Amaldiçoou-se a si mesmo. Fora demasiado lento. O tempo esgotara-se. Agora, tinha de enfrentar o que os Draumar haviam planeado. Fumo negro. Sol negro. *Perdição.*

CAPÍTULO XXII



Fumo negro

— **V**ai ao festival? – perguntou um dos cultistas, um anão de barba ruiva que se dirigia a Murtagh através das grades da sua cela. – Claro que vai, Assassino do Rei. Claro que vai.

O anão e o homem que o acompanhava arrastaram Murtagh do seu confinamento. Murtagh não resistiu. Até conseguir mexer-se e pensar de moto próprio, estava à mercê de Bachel... e ela possuía muito pouca paciência.

Uvek permaneceu agachado, observando os cultistas levarem Murtagh, e Murtagh não lhe lançou nenhum olhar ou sinal de reconhecimento. Melhor que os Draumar não soubessem sequer que eles tinham conversado.

Enquanto os cultistas escoltavam Murtagh pelas escadas desgastadas e por corredores escuros até à frente do templo, ele notou que o fedor de enxofre, sempre presente, estava surpreendentemente mais forte. O miasma jazia sobre a aldeia, tão pesado quanto um cobertor, e fazia lacrimejarem-lhe os olhos e arder-lhe a parte de trás da garganta. Cada inspiração ameaçava fazê-lo vomitar.

Uma luz sangrenta atravessou-o quando o anão e o homem o guiaram entre pilares até ao pátio do templo. A fumaça enchia o vale. Um fumo negro, subindo das aberturas no chão e agindo como uma cortina sobre o céu: uma tela vermelha e laranja que reduzia o Sol a um disco baço, com menos brilho ainda que uma brasa numa fogueira a extinguir-se.

O pátio estava transformado. O trono esculpido de Bachel tinha sido movido para lá e colocado sobre o estrado numa das extremidades.

Havia uma mesa comprida perpendicular ao estrado e, no centro do pátio, antes da fonte destruída, os cultistas tinham colocado o grande altar cor de cinza. Murtagh não conseguia perceber como haviam eles movido

tão enorme bloco de pedra, a menos que Bachel tivesse empregado magia no esforço.

Estandartes pendiam dos pilares decorados com padrões que forravam o templo, e galhardetes de tecido com nós – semelhantes aos que os Urgais faziam – pendiam dos beirais dos edifícios ao redor.

Sentados à mesa estavam os visitantes que ainda lá haviam ficado. Lyreth tinha um cálice numa mão, enquanto a outra cirandava pelas costas de uma aldeã sentada ao seu colo.

Todos os aldeões estavam reunidos em torno do pátio, amontoados nas ruas como berganhões de conserva em barris. Entoavam cânticos e gemiam e tocavam tambores e sinos e e címbalos de latão que agitavam a fumaça com as suas colisões metálicas. As suas vestes eram diferentes: um traje completamente novo, como Murtagh nunca soubera que os plebeus possuísem. Em vez das suas roupas habituais, usavam justilhos com mangas, moldados e costurados a partir de escamas do tamanho de um prato feitas de couro lacado espesso, tingido de castanho-escuro. O resultado parecia-se com algo entre uma pinha fechada e a barriga de um dragão. O padrão das escamas continuava ao longo dos braços e das calças, também de couro. No rosto, os Draumar usavam meias máscaras moldadas que se assemelhavam à de Bachel, embora as deles não possuísem nenhum do poder transformador da sua. Até as crianças estavam vestidas da mesma forma, figuras furtivas por entre a floresta de pernas.

Bachel encontrava-se sentada no seu trono coberto de peles, os cabelos erguidos num edifício de tufos esfarrapados, as pálpebras e os olhos escurecidos com fuligem, os lábios vermelhos como sangue, e as odiadas garras de ónix nos dedos.

Um bando de corvos inquietos empoleirava-se nos beirais atrás do estrado, crocitando e cacarejando em resposta à cacofonia que os aldeões produziam. Formavam uma coroa escura acima da cabeça de Bachel: um símbolo sombrio da sua autoridade suprema.

À esquerda da bruxa estava Grieve, e, por uma vez, o homem mal-encarado exibia um semblante quase agradável. O festival parecia condizer com ele.

De tudo o que Murtagh via, era porém Thorn quem mais lhe atraía o olhar. O dragão estava acorrentado ao lado do estrado, asas presas por cordas amarradas, um açaime de ferro forjado preso em torno da sua longa

mandíbula. Murtagh sentia os grilhões do dragão como se estivessem apertados contra o seu próprio corpo, e o seu toque parecia queimar de tão gélido.

– *Em breve* – disse Murtagh a Thorn, e as palavras eram uma promessa, um juramento, um pedido de desculpas. Mas era como empurrar os pensamentos através de uma parede de lã. Ainda assim, as pálpebras do dragão piscaram, como se entendesse. Murtagh esperava que sim.

Os dois cultistas levaram-no perante Bachel, e ela inspecionou-o como se se tratasse de um cavalo premiado.

– Parece que a noite te tratou mal, Assassino do Rei. – Fez um gesto elegante com a mão indicando o seu lado direito, e ele ocupou obedientemente o seu lugar.

O seu olhar continuava a desviar-se para Thorn. O dragão ainda sofria os efeitos da *vorgethan*; Alín não podia levar-lhe comida ou água limpas sem levantar suspeitas. Murtagh conseguia sentir uma vibração baixa e entorpecida de infelicidade emanada do dragão. Infelicidade. Detestava aquela palavra...

Mais uma vez, Murtagh tentou aceder à energia no diamante amarelo. *Quase*. Mas quase nunca era suficiente.

Então, Bachel ergue-se e bateu palmas sobre a cabeça, e depois que a multidão se aquietou, ela proclamou:

– Que comece a recitação!

Formou-se uma fila no exterior do pátio, e um a um os cultistas apresentaram-se a Bachel e contaram-lhe as visões tidas nessa noite. Os sonhos eram muito mais variados do que o habitual: imagens e narrativas fantásticas que Murtagh dificilmente teria creditado como verdadeiras se ele próprio não tivesse experimentado algo semelhante. No entanto, havia pontos em comum entre as visões, promessas de derramamento de sangue, vinganças reivindicadas, premonições de um mundo arrasado e reconstruído – um mundo onde cada criatura viva adorava Azlagûr, o Devorador, ou morria.

A recitação demorou horas. Todos os membros da aldeia vieram diante de Bachel e tiveram uma palavra a dizer. Na mesa em frente ao trono, Lyreth e os outros convidados começaram a ficar inquietos e por várias vezes se levantaram e saíram por um bocado, regressando mais tarde e continuando a comer.

Numa dessas vezes, Lyreth aproximou-se de Murtagh e ficou diante dele enquanto roía uma perna de cordeiro. O jovem nobre estava febril e desgrenhado, e os seus movimentos tinham uma conotação brusca, como os dos pássaros, como se estivesse excessivamente entusiasmado.

– Gostaste dos sonhos da noite passada, Murtagh? Hem? – E tocou no peito de Murtagh com a ponta da perna de cordeiro. A carne deixou-lhe uma mancha de gordura no justilho de lã. Lyreth deu outra dentada, os olhos deambulando pelo pátio. – Foi uma experiência *singular*. Era por isso que eu queria ficar, para ver se o que Bachel disse era verdade. Sonhei com o meu pai e... – Um estranho sorriso levantou-lhe um canto da boca, e ele olhou de volta para Murtagh. – Chega disso. Como te sentes aqui, Murtagh? Cá estás tu, um servo fiel ao trono, novamente. Mesmo que te sentes no trono em Urû’baen, serás sempre o escravo e não o senhor. Tu e o teu dragão. – Riu-se de uma maneira muito desagradável. – Gostas de ver os alicerces do futuro, Murtagh? Estes *Draumar* podem ser material pouco auspicioso para alterar o curso da história, mas de pequenas sementes podem crescer árvores altas. – Voltou a tocar no peito de Murtagh e, em seguida, com um sorriso, regressou ao seu assento.

Murtagh, por sua vez, pôs-se de pé. Pôs-se de pé e continuou a tentar forçar a mente a aceder à energia no diamante amarelo. Seguramente já não teria *vorgethan* no corpo!

O disco opaco do Sol atravessou o céu. A fumaça nunca diminuiu, e nenhum sopro de vento surgiu para lhes dar alívio. Sob o sufocante manto de neblina, estava cada vez mais calor – como se a própria terra estivesse aquecida –, e toda a aldeia parecia trabalhar sob uma presença obsessiva. Murtagh não conseguia afastar a sensação que tivera no seu sonho, de se encolher na planície destruída diante da abominação crescente, bem longe...

As cerimónias prosseguiram. Ritos intermináveis, obscuros e sem significado para Murtagh, mas claramente de profundo valor para os cultistas. Bachel falava por vezes, da mesma maneira que muitas vezes fazia, das riquezas e recompensas destinadas àqueles que seguiam a sua fé. A música dissonante prosseguia e, entre isso e a fumaça, uma forte dor de cabeça instalou-se na base do crânio de Murtagh. Os seus globos oculares palpitavam a cada batida de tambor ou chocar de címbalo.

Então, as observâncias chegaram ao fim, e os aldeões começaram o banquete. Com isso, pelo menos, Murtagh estava familiarizado. Grandes porções de comida foram trazidas das cozinhas do templo e das habitações em toda a Nal Gorgoth. Carne de javali e veado e cogumelos preparados numa estonteante variedade de pratos. Vinho, também, e hidromel e berganões e gelatinas e pães frescos e muito mais. Empadões, salgados e doces. Pratos profundos de sopa cremosa, fatias de queijos duros e moles, tartes de bagas. Todo o tipo de comida sumptuosa.

Os servos de Bachel encheram-lhe o cálice de latão amolgado com vinho, e, agora com os pensamentos mais claros, Murtagh reconheceu o cálice como sendo o que encontrara na torre de Ristvak'baen. O pescoço retesou-se, e ele cerrou os dentes. A bruxa continuava a acumular presunção sobre presunção.

Durante toda a noite, Murtagh comeu quando lho ordenaram. Sabia que isso o ajudaria a manter as forças, mas não tinha vontade alguma.

Viu Alín de vez em quando, movendo-se pelo pátio, cuidando dos convidados, ajudando no serviço, correndo para obedecer às ordens de Bachel. Tal como os outros Draumar, envergava uma roupa de escamas, e isso dava à acólita uma aparência mais escura e séria do que Murtagh estava habituado a ver.



A festa continuou por horas. O bando de corvos permaneceu no mesmo sítio o tempo todo, olhos brancos fixos na abundância disposta à sua frente. Bachel parecia não ter interesse em alimentar as aves, mas elas não a desafiaram, levantando voo. Tal como lhes ordenara, obedeciam.

Lyreth e os companheiros consumiam taça após taça de vinho. Pareciam ver todo o festival como um assunto leve, não diferente das festas temáticas tão comuns entre os nobres da corte de Galbatorix. Murtagh sabia mais do que isso, mas não os teria avisado nem que pudesse. Alguma sabedoria, pensava ele, era mais bem adquirida através da experiência.

À medida que o disco escuro de fumo laranja do Sol se aproximava dos picos das montanhas ocidentais – visíveis apenas como silhuetas escuras sob o globo descendente –, os moradores retiraram a comida do pátio e acenderam as braseiras.

Então Bachel disse:

– Tragam as oferendas!

Seguiu-se um desfile de presentes. Peças de madeira talhadas, pequenas e grandes, naturais e pintadas, simples e complicadas. Parecia que os moradores haviam passado o ano inteiro a cinzelar um pedaço de madeira maciça nas horas vagas. As peças teriam horrorizado a maioria dos artistas de Alagaësia, independentemente da raça, pois tinham a forma de sonhos: distorcidas, angulares, estruturadas de acordo com uma lógica falha e desconfortável. Nelas, Murtagh reconheceu fragmentos dos seus próprios pesadelos nascidos do enxofre.

Bachel aceitou cada escultura com graciosidade e agradecimentos. Não fez qualquer distinção por qualidade; criar simplesmente uma peça parecia suficiente para satisfazer as tradições dos Draumar.

Quando o último aldeão apresentou a derradeira talha, os guerreiros de Bachel reuniram-nas numa pilha atrás do altar de basalto colocado diante da fonte destruída.

Bachel levantou-se e gritou:

– Por mais de sete meses, Azlagûr presenteou-nos com os Seus sonhos de profecia. Agora, durante o tempo do fumo negro, retribuímos a Sua generosidade com estas oferendas. Com estas esculturas nascidas do sonho. Azlagûr está bem satisfeito com os vossos esforços, Ó Draumar! Provaram a vossa devoção, e fazemos agora esta dádiva ardida para que Azlagûr continue a olhar para nós com favorecimento. Em troca, servimos Azlagûr com as nossas vidas, e que a destruição nos atinja e a todos os nossos se quebrarmos essa sagrada aliança.

Ergueu o braço pálido e apontou para o monte de esculturas. Não disse nenhuma palavra, mas o seu corpo ficou contraído como uma corda de arco puxada, e depois a tensão soltou-se, e um raio de fogo líquido saltou-lhe da mão e voou até às talhas de madeira.

Chamas amarelas engoliram as peças. Num instante, um ano de trabalho perdeu-se pelo fogo, carbonizado e queimado e logo reduzido a cinzas. Mas os moradores não ficaram consternados. Pelo contrário, aplaudiram a erupção, e Bachel parecia gratificada com a exibição.

Então, mais uma vez, ela bateu palmas.

– Tragam os iniciados!

Murtagh esperava ver uma fila de aldeões mais jovens, prontos a assumir as responsabilidades dos mais velhos. Em vez disso, os guerreiros de Bachel conduziram ao pátio os mesmos prisioneiros de aparência triste que haviam levado para Nal Gorgoth antes... antes de a Respiração de Azlagûr lhe ter emaranhado o cérebro e minado a vontade.

Entre os prisioneiros estava Uvek. Os pulsos e tornozelos do Urgal estavam agrilhoados, os lábios puxados para trás para mostrar as presas. A visão desencadeou um pico de alarme no interior de Murtagh. Tanto quanto sabia, os cultistas nunca haviam tirado Uvek da cela desde que Murtagh e Thorn tinham chegado à aldeia. Fazerem-no agora não pressagiava nada de bom.

Os prisioneiros foram reunidos em frente ao estrado. O monte de estátuas a arder iluminou-os por trás, um matagal contorcido de chamas, lançando as suas sombras famintas para norte.

Bachel olhou para os prisioneiros com atenção exagerada. Em seguida, retirou um pequeno frasco de cristal de dentro da manga do vestido, desceu do estrado, destapou o frasco e soprou o conteúdo giratório sobre os rostos dos trémulos cativos. O vapor agarrou-se-lhes às cabeças, e Murtagh viu-o derramar-se-lhes nas bocas e narizes enquanto o inalavam de forma inevitável.

Susteve instintivamente a respiração, esperando que nenhum pedaço de vapor fosse soprado na sua direção.

Com um ar satisfeito, Bachel regressou ao trono. Erguendo a voz rouca, disse:

– Sonhem agora, descrentes, como fazem todos os que vivem aqui, em Nal Gorgoth. Aqueles dispostos a jurar lealdade a Azlagûr, o Devorador, e preparados para se juntarem a nós como membros fiéis dos Draumar... deem um passo em frente agora.

Os prisioneiros desconcertaram-se e deslocaram-se e olharam uns para os outros com expressões atordoadas. Em seguida, três quartos avançaram num único grupo hesitante. Uvek não estava entre deles. Ficou para trás, de dentes descobertos, braços apertados nos grilhões, mãos em forma de garra.

Os cantos dos lábios de Bachel curvaram-se.

– Excelente. Aplaudo a vossa sabedoria. Serão apresentados aos mistérios da nossa ordem, e o véu da vida comum será arrancado dos vossos olhos pela verdade que partilhamos. Venham. Ajuramentem-se a

mim e a Azlagûr.

Um a um, os prisioneiros que tinham avançado ajoelharam-se diante de Bachel e prometeram a sua fidelidade. Embora não usassem a língua antiga, a sensação sufocante de uma qualquer presença aumentou, e os pelos dos braços e do pescoço de Murtagh eriçaram-se: sentiu uma ondulação no ar, como que um grande poder passando de Bachel para os seus novos seguidores.

Uma luz misteriosa iluminava os olhos dos homens e mulheres assim que terminavam os seus juramentos. A cada um, Grieve removeu os grilhões, e eles foram para junto dos outros cultistas ali reunidos, com uma expressão de espanto e – pensou Murtagh – medo nos rostos.

– E esses retardatários recalcitrantes? – perguntou Lyreth, com a voz a soar sobre o pátio. Gesticulou em direção a Uvek e aos outros prisioneiros que se haviam recusado a ceder.

– Um sacrifício a Azlagûr – disse Bachel. – No qual também estás incluído, Uvek fala-com-o-vento! O teu tempo chegou ao fim, e não vou desperdiçar mais energia contigo. Não agora que tenho um Cavaleiro para trabalhar para mim.

Levantou-se e pousou a mão no ombro de Murtagh, apertando-lho com força. Mesmo através das roupas, as pontas das suas garras de ónix afiadas magoavam-no.

– Vem, Assassino do Rei. Junta-te a mim na apresentação desta oferta sagrada a Azlagûr. Hoje vamos apaziguar o nosso temido mestre, tu e eu, juntos. Ver-me-ás empunhar a adaga que recebi de Saerlith e depois empunhá-la-ás por tua vez, e o sangue fluirá e fluirá, e a terra ficará negra, tal como ficará quando Azlagûr se levantar do Seu repouso e exercer a Sua vingança sobre a terra. – Os olhos ardiam-lhe de excitação. – Vem. Agora.

O coração de Murtagh começou a martelar quando a bruxa lhe pegou na mão e o conduziu ao altar. Os cultistas e prisioneiros separaram-se diante deles; a visão lembrava-lhe os casamentos na corte, com Galbatorix presidindo às cerimónias, uma figura sombria e ominosa esperando ao fundo do grandioso salão de visitas para ministrar a sua bênção real.

Do outro lado do pátio, Thorn agitou-se no seu agrilhoamento, um vão protesto de movimento. Sem olhar para ele, Bachel disse:

– Quietos.

Ele encolheu-se, mas os seus olhos brilhavam com fogo contido.

Não, pensou Murtagh quando viu a superfície manchada do altar. Não podia fazer aquilo, não podia ser obrigado a fazer aquilo. Não o permitiria. Não o...

Bachel bateu palmas, e os seus guerreiros arrastaram até ela o primeiro dos prisioneiros restantes. O homem era um plebeu de faces vermelhas, vestido com uma espécie de bata tosca e caseira. Tinha uma barba curta, não aparada, que fazia o queixo e o lábio superior parecerem sujos de terra. Trazia os dentes cerrados e a testa franzida, mas estava obviamente assustado, e a Respiração de Azlagûr ainda o mantinha dominado e parecia tê-lo deixado sem vontade de lutar ou fugir.

– Prendam-no e desnudem-lhe o peito – disse Bachel, com a voz alta e clara.

Os guerreiros arrastaram o prisioneiro para o altar e prenderam-no. Um deles usou uma faca para cortar a bata e expor o peito do homem, e este soltou um pequeno gemido.

Murtagh agarrou a ponta do seu manto com a mão direita e começou a puxar o tecido para cima com os dedos, procurando o diamante escondido dentro da bainha.

Os cultistas começaram a cantar, e o poder combinado das suas vozes era como um grande tambor batendo no ar e no chão. O som era sedutor, paralisante, avassalador; fazia Murtagh querer juntar-se à declamação rítmica, perder-se no grito da multidão e tornar-se uno com o grupo.

Movendo-se ao ritmo do cântico, Bachel tirou a adaga de lâmina preta da bainha à sua cintura e ergueu a arma acima da cabeça. De onde Murtagh estava, a faca ficou delineada contra o disco afundando do Sol, tão afiada como o dente venenoso de uma serpente.

O dedo dele tocou no diamante na bainha do manto.

O punhal de Bachel desceu, rápido como uma flecha em queda.

O prisioneiro soltou um grunhido baixo quando a lâmina lhe perfurou o coração, e todo o seu corpo ficou rígido. Debateu-se, mas os guerreiros mantiveram-no no lugar.

O sangue jorrou para o céu quando Bachel retirou a adaga. Então, ela baixou-se e, enquanto o homem gemia e ofegava o seu último suspiro, começou a abrir-lhe a barriga.

Murtagh assistia. Não tinha alternativa. Sangue e vísceras, por si só, não o incomodavam. Abrira a sua dose de animais enquanto caçava e vira – e realizara – mais do que a sua dose de atos sangrentos no campo de batalha. Mas ver um homem ser morto tão friamente, sem hipótese de se defender, era horrível. Aquilo trouxe-lhe de volta imagens de Goreth de Teirm deitado diante dele na arena de areia batida...

Sentia o diamante duro entre os dedos enquanto o agarrava com força esmagadora, através da bainha.

Transportou a mente para dentro da joia, tentando mais uma vez liberar a energia lá contida. O turbilhão de poder armazenado tremia sob o seu alcance mental, um redemoinho elétrico que lhe enviava pequenos choques através da consciência. Tentou com todas as suas forças, mas a barreira na mente continuava a resistir.

Bachel espalhou os intestinos sangrentos do prisioneiro pelo altar cinzento e estudou-os com grande teatralidade. Depois, ergueu as mãos manchadas e gritou:

– Azlagûr abençoou-nos! – Os cultistas troaram de aprovação. – O tempo dos Draumar está próximo! Ouçam! Vejo o nosso povo sair das sombras e marchar por toda a terra! Vejo os filhos e filhas dos traidores de Azlagûr levados à submissão! Vejo o Dragão Thorn e o Cavaleiro Murtagh voando à nossa frente! Sim, e derrubarão o falso herói Eragon, e com as suas garras, dentes e espada inaugurarão o fim desta era. Todos se curvarão diante do poder de Azlagûr, e o Seu reinado se firmará, e assim resistiremos, sim, até ao fim dos tempos. Tal como se sonha, assim será!

– Tal como se sonha, assim será! – gritaram os aldeões.

Então Bachel afastou-se do altar e gesticulou para o cadáver do homem:

– Levem-no para baixo e depositem o seu corpo no Poço dos Sonhos, para que Azlagûr saiba que o servimos.

Dois dos guerreiros arrastaram o cadáver, deixando riscas negras no altar.

Com um sorriso perverso, Bachel dirigiu-se a Murtagh. Este petrificou, e o seu coração deu um salto quando a bruxa lhe pegou na mão direita. Ela levantou-lhe a mão, e o diamante escorregou-lhe entre os dedos, e o manto descaiu. O sorriso dela alargou-se quando encostou a adaga de lâmina preta à palma da mão de Murtagh e lhe envolveu os dedos sobre o punho. O sangue na pele dela manchou-o também a ele.

– Agora é a tua vez de provar que és um servo fiel a Azlagûr, o Devorador – disse ela, e um tom de deleite doentio coloriu-lhe a voz. – Tragam outro!

Os guerreiros agarraram a prisioneira seguinte – uma mulher baixa, de cabelos castanhos – e levaram-na para o altar. Não obstante os efeitos atordoantes da Respiração, estava claramente aterrorizada. Tinha as narinas muito abertas, os pulmões chiavam como foles gastos, e um fino brilho de suor cobria-lhe a pele acinzentada.

Mesmo sem tocar no diamante, Murtagh deveria ser capaz de lhe extrair a energia. Em circunstâncias normais, tê-lo-ia conseguido. Tinha certeza de que, se se esforçasse o suficiente... Mas nem naquele momento, com o coração acelerado e o cheiro de sangue e morte nas narinas, conseguia convocar todas as suas forças.

Um dos guerreiros cortou a frente da túnica da mulher. Bachel saboreou a visão antes de se virar para Murtagh.

– Agora, Assassino do Rei. Sabes o que tem de ser feito. Agora, pela minha palavra, pela minha vontade, pela minha ordem, sacrifica esta descrente a Azlagûr, o Devorador! Fá-lo, e serás favorecido acima de todos os outros.

Um pedaço de fumo negro soprou no rosto de Murtagh enquanto ele inalava, e a fumaça sufocou-o e desequilibrou-lhe os pensamentos. O mundo distorceu-se, e o festival e até Nal Gorgoth pareceram encolher e oscilar.

A mão tremia-lhe em volta do punho da adaga.

Por um ínfimo instante, imaginou-se a aceitar. Ele e Thorn deixariam de ser párias. Pertenceriam aos Draumar, e os Draumar pertencer-lhes-iam, e onde quer que fossem, o que quer que fizessem, poderiam contar com os Draumar para obter ajuda, assim como os cultistas poderiam confiar neles. Ele levaria os Draumar à vitória contra o resto de Alagaësia. Sabia como o fazer. Bachel não estava errada nisso. E, na vitória, ele e Thorn ficariam, por fim, verdadeiramente seguros.

A perspectiva era extremamente tentadora.

No entanto, não conseguiu dar o primeiro passo nesse caminho. Os custos eram demasiado elevados. Ele e Thorn seriam na mesma escravos de Bachel, servos da sua causa obscura, e não havia certeza de conseguirem alguma vez superá-la. Além disso, almejar à ausência de perigo além de

todas as outras considerações era uma forma de loucura em si mesma. E, por mais que ele desejasse pertencer, importava *a quem*. Os Draumar, considerava ele, eram indignos da sua lealdade. Ele havia rejeitado o que Galbatorix oferecia – e através dessa rejeição ganhara a sua liberdade. Da mesma forma, rejeitava agora Bachel.

– Mata-a, Assassino do Rei! – insistiu Bachel. As chamas saltitantes de uma fogueira douravam-lhe as faces côncavas com ouro líquido. O canto dos cultistas cresceu em resposta às suas palavras, ascendendo até um frenesi demente.

Murtagh ergueu a faca. Tinha de o fazer. As palavras de Bachel não lhe deixavam alternativa. Mas, mentalmente, continuou a rebelar-se. O tempo quase acabara, e mesmo assim ainda não conseguira quebrar a barreira e aceder à energia no diamante.

Não o conseguiria sozinho.

O pensamento atingiu-o com uma força esclarecedora. Num ápice, desviou as suas energias mentais para Thorn – e depois para Uvek – e lançou-se contra a névoa antinatural que lhes separava as mentes, perfurando-a através da sua força de vontade.

– *Preciso da vossa ajuda!* – disse.

A faca começou a descer.

Thorn pestanejou, e Uvek rosnou, e ainda assim Murtagh não sentiu nada vindo deles. O desespero ferrou-lhe os dentes. Tinham perdido, e Bachel triunfara. Se ao menos...

Sentiu uma nova força derramar-se nele. Vinda de Thorn e de Uvek. A sua contribuição era limitada – nenhum deles conseguira superar totalmente as restrições da Respiração ou da *vorgethan* –, mas era mais do que ele tinha sozinho.

Com eles a apoiá-lo, Murtagh voltou a dirigir a mente para o diamante. Foram precisas todas as migalhas do seu poder conjunto, mas conseguiu abrir minimamente a reserva de energia encapsulada.

A torrente de potencial correu para dentro dele.

Direcionou-a para o amuleto da pedra negra. No mesmo instante, proferiu a palavra Urgal que Uvek lhe ensinara:

– *Shûkva. – Curar.*

Parecia-lhe estranho operar magia sem a língua antiga, mas a palavra serviu o seu propósito mesmo assim, e o amuleto manifestou-se.

Uma sensação de leveza passou por Murtagh, e uma nuvem pareceu erguer-se-lhe da mente à medida que visão e audição se aguçavam e os seus pensamentos ganhavam velocidade, como um garanhão motivado. Ocorreu-lhe que tivera sorte por as suas proteções restantes não terem bloqueado os efeitos do amuleto.

Interrompeu o movimento descendente do braço. A ponta da adaga de lâmina preta pendia à distância de um cabelo no centro do peito da mulher.

Bachel olhou para ele, e os seus olhos angulados começaram a estreitar-se.

– Não hesites, Assassino do Rei. Termina o que tens a fazer!

Murtagh sabia que as probabilidades estavam contra si. Os feitiços que o protegiam de danos físicos estavam exaustos. Tudo o que ele tinha era a força da sua mente e a força do seu corpo, e Bachel e a totalidade dos Draumar estavam dispostos diante dele – e bem protegidos por amuletos e encantamentos.

Os lábios enrolaram-se-lhe. *Uma boa luta, então.*

O primeiro relampejo de alarme atravessou o rosto de Bachel, mas, antes que ela pudesse agir...

– *Vindr!* – gritou Murtagh e avançou o punhal em direção ao coração da bruxa.

CAPÍTULO XXIII



Fogo e vento

Os Draumar estavam protegidos da magia, mas não dos *efeitos* da magia.

Ao comando gritado de Murtagh, uma torrente de vento feroz derrubou os cultistas e prisioneiros e até fez alguns deles rebolarem pelas lajes. Atrás dele, a fogueira rugiu a alturas repentinas, as chamas saltando vinte pés ou mais para o ar, e uma nuvem de brasas rodopiantes encheu o pátio enquanto sombras contorcidas se estendiam até aos edifícios circundantes.

Invocar tanto vento deveria estar além das forças de Murtagh, mas ele drenara o diamante amarelo até ficar vazio e apoiava-se em Thorn e Uvek, e o seu poder era maior do que o de qualquer homem, mesmo um Cavaleiro.

A ponta da adaga de lâmina preta ricocheteou no peito de Bachel, detida por um feitiço de proteção, e a arma voou-lhe da mão.

Depois, a bruxa desatou a gritar numa linguagem gutural e desconhecida enquanto se recompunha. Uma das suas garras de ónix apontava para ele.

– *Skölir!* – gritou Murtagh. *Escudo*. Era uma defesa genérica, tão vaga que era perigosa, mas só tinha tempo para aquilo.

Salpicos de escuridão incolor jorraram do dedo de Bachel e fluíram em torno de Murtagh como água em torno de uma rocha teimosa, desviadas pelo seu contrafeitiço.

Mais uma palavra, e ela poderia matá-lo. A sua defesa improvisada podia ser contornada de várias maneiras. Assim, ele fez o que devia ser sempre a primeira coisa num duelo entre mágicos: atacou a mente de Bachel com a sua. Agora livre da Respiração e da *vorgethan*, sabia que tinha uma hipótese de a superar, se conseguisse pelo menos....

Bachel riu-se, e não havia humor ou leviandade no som, apenas zombaria cruel e desdenhosa.

Ela deu um passo para trás, e uma nuvem de asas a bater e bicos estridentes e olhos brancos obscureceram-na quando o bando de corvos desceu para até ao pátio e cercou a bruxa. Então os pássaros avançaram, e Murtagh ouvia-os e sentia-os em todo o lado à sua volta, e eles taparam a luz.

Ao longe, Uvek rugiu, e o medo obscureceu-lhe os pensamentos.

No interior da tempestade de corvos, Murtagh sentia a mente da bruxa escapar-lhe, como uma pena ao vento. Tentou encontrá-la de novo, mas sem sucesso. As mentes dos pássaros voadores confundiam o seu olho interno, e ele sentia-se perdido e inseguro quanto ao seu equilíbrio.

Era uma posição insustentável. A qualquer momento, uma lâmina ou um feitiço poderiam acabar com ele.

Desesperado, Murtagh pensou no compêndio e proferiu a mais simples, e maior, das palavras mortíferas:

– *Deyja*. – Morrer.

Os corvos caíram como chuva escura e forte.

Ficou sozinho ao lado do altar. A prisioneira saía do bloco de basalto. Ao seu redor jazia uma roseta de corvos mortos, as penas espalmadas contra as lajes, como pétalas verde-negras.

Bachel desaparecera. Eclipsara-se. Tal como Grieve e metade dos convidados da mesa comprida.

Raios. Tinha de apanhar Bachel antes que ela conseguisse fazer mais malefícios. Mas antes disso...

Os cultistas reuniam-se na lateral do pátio, guerreiros e Draumar preparando-se para um ataque.

– *Vindr!* – Murtagh arredou-os com palavra e vento enquanto caminhava até Thorn.

Mais uma vez, a força do dragão manifestou-se como sua.

– *Kverst!* – Com outro comando arcano, arrancou grilhões e açaima a Thorn e depois tirou o amuleto de pedra negra da bota, encostou-o ao focinho de Thorn e disse mais uma vez:

– *Shûkva*.

A mudança no comportamento de Thorn foi instantânea. Arqueou o pescoço e rugiu, e uma ondulação brilhante cintilou ao longo do seu dorso sinuoso.

– *Finalmente!* – disse ele. E a sensação da sua mente, de novo inteira e sólida, encheu os olhos de Murtagh de lágrimas.

Foi trabalho de segundos operar uma cura semelhante em Uvek e libertá-lo dos seus grilhões.

O Urgal rodou os seus ombros enormes e arredondados e soltou um rugido a combinar com o de Thorn.

– É bom, homem-Murtagh. Muito tempo que não luto. Isso achar que gosto.

– Nada de crianças – disse Murtagh em tom duro enquanto devolvia o amuleto de pedra negra ao Urgal.

Um lençol ondulante de chamas disparou da boca de Thorn, expulsando a massa crescente de cultistas.

– *O mesmo para ti* – disse Murtagh mentalmente. – *Deixa os filhotes em paz.*

– *Vou tentar.*

Uvek levantou os chifres para mostrar a garganta.

– Farei como dizes, homem-Murtagh. E peço não matar mais corvos. É má sorte.

Murtagh acenou com a cabeça em troca.

– Prometo. Agora vamos...

Interrompeu-se quando viu Alín aparecer das profundezas entre os pilares obscurecidos da fachada do templo, correndo em direção a eles com a sela de Thorn e sacos empilhados nos braços. Enquanto ela cambaleava sob o peso, Grieve e dois acólitos de armadura surgiram por trás dela e agarraram-na.

A sela e os sacos caíram, e Alín debateu-se numa tentativa frenética de se libertar. Mas Grieve e os acólitos arrastaram-na de volta para as profundezas do templo, desaparecendo de vista no instante em que Murtagh preparava um feitiço.

Ele gritou de raiva e arrancou atrás dela.

Depois de dois passos, girou de volta para Thorn e deu-lhe uma palmada no flanco.

– Vai! Destrói! Queima! Deita este sítio abaixo.

A mandíbula de Thorn abriu-se num rosnar dentado, e a ponta da sua cauda estremeceu.

– *Estava a ver que nunca mais pedias.*

Então, voltou a rugir e saltou para o ar com um bater estrondoso das asas.

A corrente enviou redemoinhos de brasas pelo ar, cada um uma pequena tempestade de fogo rodopiante.

Quando Thorn se dedicou aos edifícios que rodeavam o pátio, ergueu uma parede de fogo entre Murtagh e a multidão em massa. Um molho de flechas perfurou a parede e passou ao lado da cabeça dele, arrastando galhardetes de chamas esvoaçantes.

Murtagh correu em direção ao templo no instante em que as chamas esmoreceram e os cultistas avançaram. Atrás dele, ouviu Uvek soltar um poderoso rugido: um grito de guerra capaz de fazer até o homem mais corajoso estremecer.

Então, Murtagh chegou às fileiras escuras de colunas facetadas. Correu pelas portas abertas de carvalho enegrecido, desceu pela passagem com as alcovas e entrou no átrio com a estátua do *sonho* indutora de pesadelos.

Ouviu um estrondo ensurdecador nas suas costas, e um enorme baque fez vibrar o chão. Voltou-se e viu uma nuvem de poeira subindo acima da frente do templo. Uma sombra escura varreu-o enquanto Thorn o sobrevoava.

– Pronto – disse Thorn. – *Ninguém te alcançará pela entrada. Bloqueei as portas com pedra.*

Enquanto falava, o dragão aproximou-se da Torre de Flint e começou a rasgar as telhas de ardósia que a cobriam. Um fluxo sinuoso de corvos furiosos, assustados e crocitantes voou pelos buracos e dispersou-se na fumaça que escurecia o vale.

Murtagh esboçou um sorriso tenso.

– *Obrigado. Tem cuidado.*

Thorn rugiu em resposta.

Em seguida, Murtagh virou à esquerda e começou a sair do átrio, indo em direção ao santuário interno do templo, onde provavelmente encontraria Bachel, Grieve e Alín.

Pelo caminho, pôs termo ao seu feitiço de blindagem. Era demasiado amplo para ser verdadeiramente eficaz e, embora *fosse* uma proteção, lançara-o com um efeito contínuo, que lhe estava a custar uma energia

preciosa, a qual sabia – ou melhor, temia – que precisaria de usar para superar Bachel. Melhor começar de novo com proteções adequadas, que só seriam acionadas quando realmente necessário.

Ao passar entre os pilares no extremo sul do átrio, esforçou-se para se lembrar da formulação exata dos seus primeiros feitiços de proteção. Já há algum tempo que não os lançava, e não adiantaria amaldiçoar-se acidentalmente. *Ah, é isso*, pensou, e abriu a boca para...

Algo pesado atingiu-o nas costas, entre as omoplatas. A cabeça ricocheteou-lhe para trás, uma dor atravessou-lhe o pescoço, e ele caiu para a frente no chão pavimentado. Faíscas brancas piscaram-lhe atrás dos olhos quando a sua testa embateu nas pedras.

Uma bota atingiu-o nas costelas, extraindo-lhe o ar dos pulmões. Depois, outra vez. E outra vez.

– Ora bem! É isso mesmo! Nunca passaste de um bocado de lixo de sarjeta! – gritou Lyreth.

O som da voz dele e a sensação dos golpes encheram a mente de Murtagh de lembranças da emboscada na escada em espiral, da cidadela de Urû'baen. Uma sensação instintiva de pânico e impotência tomou conta dele, e enrolou-se em caracol, tentando proteger cabeça e nuca.

Magia. Era essa a resposta. Se conseguisse lançar um feitiço...

Algo duro atingiu-lhe a têmpora. A sua visão estremeceu, e o chão pareceu inclinar-se e virar-se sob ele. Atordoado, tentou recompor-se, mas era-lhe impossível pensar, impossível mexer-se.

Perdeu o equilíbrio e rolou para o lado. Viu Lyreth de pé sobre si, um cálice de latão manchado de sangue numa mão, uma expressão maléfica, lupina, no rosto. Lyreth voltou a erguer o cálice e...

Algo puxou Lyreth para o lado e fê-lo desequilibrar-se e estatelar-se no chão. O cálice caiu e saltitou, emitindo vários tinidos agudos.

Então, Murtagh viu Uvek de pé ao seu lado, oferecendo-lhe uma enorme mão cinzenta. Na outra, o Urgal segurava uma lança retirada aos Draumar.

– Obrigado – conseguiu suspirar enquanto aceitava a ajuda de Uvek e o Urgal o puxava até o pôr de pé.

– Ora essa, irmão de sangue.

A vários pilares de distância, Lyreth levantava-se, algo instável. Olhou para Murtagh e para Uvek, e o medo arregalou-lhe os olhos. Começou a virar-se, como se fosse fugir, e Murtagh disse:

– Nem penses nisso, Lyreth. Poderia matar-te só com uma palavra.

O rosto do nobre ficou ainda mais pálido. Humedeceu os lábios.

– Disparate. A magia de Bachel protege-me.

Ah, ele tem um amuleto.

– Achas mesmo que isso me pode deter, Lyreth? *A mim?* Nem mesmo Galbatorix me conseguiu deter com os seus juramentos. Se não fosse por mim, ainda serias escravo da vontade dele. – Era *bluff*, mas Murtagh de alguma forma acreditava nas suas próprias palavras. Se tivesse de o fazer, tinha a certeza de que conseguiria arranjar maneira de passar pelas defesas do amuleto. *De alguma forma.*

Lyreth ergueu o seu queixo afilado.

– Então, mata-me. De que estás à espera? – Quando Murtagh não respondeu imediatamente, ele sorriu e começou a recuar. – Foi o que eu pensei. Uma ameaça...

– Não – disse Uvek, e a sua voz soava como pedras a serem trituradas. Apontou para Lyreth com uma garra. – Tu ficar. – Lyreth petrificou. Não tinha qualquer hipótese de escapar a um Urgal, e todos eles o sabiam. – Queres que mate este imberbe sem chifres por ti, homem-Murtagh?

Murtagh sentiu-se muito tentado. Mas abanou a cabeça.

– Não. Deixa-o. Melhor será prendê-lo. Vamos levá-lo a enfrentar os interrogadores de Nasuada.

O medo voltou a iluminar o rosto de Lyreth, mas depois ele assumiu a mesma expressão arrogante e desdenhosa que Murtagh aprendera a odiar quando era jovem.

– Achas que é fácil prender-me? Nunca me poderias superar na corte, Murtagh.

– E tu nunca me poderias superar na arena. Goreth de Teirm poderia confirmá-lo.

Algures na aldeia, um edifício desabou entre gritos e rugidos. Murtagh resistiu à vontade de olhar. Não sentiu dor de Thorn; o dragão estava seguro quanto bastava.

Lyreth fez um gesto de desvalorização.

– Não tens espada contigo, Murtagh, filho de Morzan, e se mandares esse teu Urgal de estimação apanhar-me e prender-me, és mais cobarde do que eu pensava. Aposto que não me consegues fazer dobrar um joelho. Aposto a minha vida.

Era uma provocação, e Murtagh sabia-o, mas não podia deixar o desafio passar sem resposta.

– Pode muito custar-te a vida – disse ele, num tom sinistro. Limpou uma linha de sangue da têmpora latejante. – Ninguém me chama covarde sem uma resposta à altura.

Uvek acenou com a cabeça, aprovando.

– Vou assistir, homem-Murtagh. É bom lutar. Limpa sangue, acrescenta honra a teu nome.

– E a minha honra é a tua honra. Sim.

O Urgal recuou vários passos quando Murtagh e Lyreth começaram a circundar-se por entre os pilares. A coragem inesperada de Lyreth intrigou Murtagh; ele nunca teria pensado em Lyreth como corajoso. Astuto, sim. Charmoso, quando necessário, sim. Cruel, certamente. Mas não o tipo de homem que agarrasse a oportunidade de liderar um ataque numa batalha.

Ele deve mesmo querer evitar ser capturado. O pensamento fez Murtagh refletir. Se essa era a verdadeira motivação de Lyreth, então...

Avançou. Se estivesse certo, o atraso seria letal. Com dois passos, cobriu a distância até Lyreth e, antes que o outro homem pudesse recuar, agarrou-o pelo ombro com uma mão enquanto o golpeava na mandíbula com um punho.

Lyreth aguentou o embate melhor do que Murtagh esperava e, um segundo depois, este sentiu um golpe de resposta contra o seu rim esquerdo. A dor fez-lhe os olhos lacrimejarem, e todo o seu corpo ficou rígido, exceto os joelhos, que se dobraram.

Então, Lyreth atirou-se contra ele, e caíram juntos.

Ouviram-se um estrondo enorme quando colidiram com o chão. Depois, durante um minuto, o único som era o das suas respirações irregulares, enquanto lutavam nas lajes. De perto, Lyreth cheirava a vinho e a um enjoativo perfume de pêssego que Murtagh achava distintamente desagradável.

O outro homem lutava com força desesperada, mas, desesperado ou não, era muito mais fraco do que Murtagh, e Murtagh logo ganhou a vantagem. Lyreth pareceu perceber o apuro em que se encontrava, pois recorreu à mais baixa das táticas e enfiou os polegares nos olhos de Murtagh.

A dor fez Murtagh balançar a cabeça para trás, e a sua visão relampejou em branco e vermelho, com estrelas cintilantes a explodirem-lhe nos pontos onde os polegares de Lyreth o haviam pressionado.

Afastaram-se um do outro e, um segundo depois, estavam ambos de pé, punhos erguidos, cabelos desalinhados, dentes descobertos. Murtagh piscou os olhos. O mundo palpitava de vermelhos e amarelos, cada linha e ângulo delineado com um halo brilhante.

Seguiram-se vários golpes rápidos, e então Murtagh ficou impaciente e lançou-se sobre Lyreth. Já não era nenhum jovem, e mais depressa se deixaria amaldiçoar a permitir que Lyreth voltasse a usá-lo.

Atirou Lyreth contra um pilar, e a cabeça do homem rachou-se contra a pedra esculpida.

Por um instante, Murtagh pensou que tinha vencido. Mas então, um clarão de prata ao lado do cinto do outro chamou-lhe a atenção: Lyreth a tentar tirar uma adaga de lâmina curta de baixo da túnica.

O alarme acelerou a pulsação de Murtagh. Saltou para trás, mas foi demasiado tarde: uma linha ardente cortou-o sobre as costelas quando Lyreth o atacou com a arma.

Murtagh resistiu ao impulso de se afastar. Em vez disso, avançou novamente e prendeu o braço de Lyreth entre os seus corpos. Segurou no pulso do homem e dobrou-lho para dentro até a adaga apontar para Lyreth e, antes de Lyreth conseguir soltar a arma, enfiou-lha profundamente no peito.

Lyreth retesou-se e soltou um grunhido, mas continuou a debater-se contra Murtagh, aparentemente não disposto a reconhecer a ferida. Murtagh sabia que lhe atingira o coração. Ele acabaria por se esvair em sangue, mas isso poderia demorar um minuto ou mais, e Lyreth lutava com a mesma tenacidade teimosa de um fanfarrão atingido no peito por uma flecha e recusando-se a cair.

Isto está a demorar demasiado tempo. O pensamento chegou a Murtagh com fria clareza. Alín precisava de resgate. Mais importante ainda, Bachel continuava à solta, o que significava que Thorn estava em perigo, mesmo que ainda mantivesse alguns dos seus feitiços de proteção. A disputa com Lyreth fora uma distração desnecessária e perigosa.

Libertou-se então de toda a ira e recuou, puxando o punhal do peito de Lyreth. Um esguicho de sangue carmesim atingiu-o, e o rosto de Lyreth perdeu a cor. O homem esbracejou e cambaleou atrás de Murtagh, para soçobrar apenas nos seus braços.

Segurando firmemente a adaga, Murtagh baixou Lyreth até ao chão. Conseguia já ver a luz desaparecer-lhe dos olhos. O seu primeiro instinto foi deixar o homem morrer. Mas não queria perder tudo o que Lyreth sabia.

– *Waise heill* – disse, e colocou a palma da mão esquerda sobre o ferimento no peito do homem. Era um feitiço arriscado; podia estar a tentar curar algo que ficasse além da sua força ou capacidade, mas não tinha tempo para mais nada.

O feitiço não surtiu efeito.

Lyreth riu-se. Parecia genuinamente divertido. Tinha sangue nos cantos da boca.

– Tenho um amuleto, lembras-te? Os teus feitiços... não vão... resultar.

Murtagh rasgou a frente da túnica de Lyreth, convencido de que veria um dos amuletos de caveira de pássaro de Bachel pendurado ao pescoço de Lyreth. Mas tudo o que encontrou foi a pele pálida e a linha vermelha da ferida no coração de Lyreth.

– O que fizeste? – perguntou, irado.

Lyreth riu-se novamente, desta vez com menos força.

– Proteções imbuídas em mim... Não há necessidade de... amuleto. – O seu olhar deambulou por um momento e depois recompôs-se e fixou Murtagh com indisfarçável rancor. – Tu sempre foste um... bastardo.

Então, ficou inerte, e um último suspiro soltou-se do seu corpo.

Murtagh levantou-se e olhou para o cadáver.

– Não – disse, por fim. – É Eragon o bastardo. Não sou eu.

– Uma boa caçada, homem-Murtagh – disse Uvek.

Murtagh resmoneou. Fez um gesto ao Urgal.

– É melhor apressarmo-nos.

CAPÍTULO XXIV



Grieve

Enquanto corria com Uvek em direção ao santuário interno do templo, Murtagh lançou rapidamente um feitiço de proteção básico contra danos físicos, e estava a começar a formular uma defesa que pudesse escudá-lo, ou a outros, da Respiração, quando chegaram à sala ecoante.

Lá, esperando por eles no salão de visitas, estavam Grieve e sete acólitos nas suas armaduras de escamas de couro. Grieve tinha na mão o seu bastão revestido a ferro; os acólitos empunhavam lanças e escudos de madeira redondos.

Nem Bachel nem Alín se viam.

Uvek bateu com os pés no chão e urrou, e o som do seu grito de guerra ecoou uma dúzia de vezes no teto alto.

– Onde está Bachel? – disse Murtagh, levantando a voz sobre os ecos. Voltou a agarrar na adaga de Lyreth. Era a única arma física que possuía.

– Não tem nada que ver com isso, Forasteiro – disse Grieve no seu tom ríspido.

– Discordo. Diga-me onde está Alín.

Grieve sorriu mordazmente.

– Com a Oradora. Ela tratará da traidorazinha. Agora, renda-se, Forasteiro, ou terá morte certa.

– Sabe que nunca me renderei. – Murtagh já se estava a preparar para a agressão mental que estava convencido que se seguiria.

Grieve bufou.

– Claro, mas as formalidades devem ser observadas. Agrada-me a oportunidade de me livrar de si, Cavaleiro. E de si também, Urgal.

Uvek soltou um rosnido baixo.

– Deve-me sangue, *shagvrek*, pela morte de Kiskû.

Um esgar desdenhoso atravessou o rosto de Grieve.

– O seu pássaro? Que coisa irritante. Uvek fala-com-o-vento, o maior xamã do seu povo, escolhe contudo sentar-se no topo de uma montanha e conversar com um pássaro durante anos a fio. Que desperdício.

A raiva escureceu o rosto de Uvek, e ele baixou a cabeça de uma forma que fez Murtagh pensar, por momentos, que ia atacar.

– É escravo do sonho, *shagvrek*. É pensar errado adorar Bachel ou Azlagûr. Rasteja diante deles, feliz por atenção. Como cão.

Grieve rosnou, com ódio espelhado no rosto.

– Não sou escravo, Urgralgra. – Cuspiu a palavra como se fosse ofensiva. – Sirvo aqueles que me aceitaram.

Uvek estendeu os braços largos.

– Então deixe-me dar abraço. Ver por quanto tempo aguenta boas-vindas.
Hrr-hrr-hrr.

Grieve ergueu o bastão e apontou-o a Murtagh e Uvek.

– Matem os descrentes. – E sacou de um frasco de cristal, atirando-o ao chão de mosaico.

Murtagh esperava exatamente aquilo. Assim que o frasco levantou voo, gritou:

– *Drahtr!*

O frasco deu uma volta para cima, falhando o chão por pouco, e pousou suavemente na mão esquerda de Murtagh. O rosto de Grieve contorceu-se de raiva e desatou aos berros enquanto os sete acólitos se lançavam sobre Murtagh e Uvek.

Murtagh não teve tempo de guardar o frasco na bolsa do cinto antes de o primeiro cultista chegar a ele. Desviou-se da lança do homem, avançou e enfiou-lhe a adaga de Lyreth na têmpora.

Ainda bem que não estão a usar capacetes.

Deixou a adaga onde estava e agarrou a ponta da lança do cultista quando o homem caiu. Segurando-a com uma mão, brandiu-a sobre os outros cultistas enquanto recuava. Isso deu-lhe tempo para guardar o frasco, e assim ficou com as duas mãos livres para agarrar a haste da lança. Um júbilo acirrado percorreu-o.

Ao seu lado, Uvek apanhou a lança de um homem e usou-a para esmagar o cultista contra a braseira ao centro da câmara. Faíscas e brasas incandescentes voaram como uma chuva de meteoros. Outro dos Draumar

golpeou Uvek no braço, mas a pele do Urgal era tão grossa que o corte não sangrou.

No minuto seguinte, Murtagh e Uvek lutaram lado a lado. Formavam uma boa dupla. O tamanho e a força bruta do Urgal – bem como a sua inesperada velocidade – permitiram que quebrasse a linha dos Draumar e os mantivesse na defensiva, enquanto Murtagh derrubava os seus oponentes com uma facilidade experiente.

Enquanto lutavam, Grieve mantinha-se no perímetro da batalha, agitando o seu bastão coberto de ferro. Mas permanecia à parte, satisfeito, por enquanto, com deixar os subalternos sem assistência no esforço contra Murtagh e Uvek.

Só quando já restavam dois dos cultistas, e o mosaico brilhante estava escorregadio por causa do sangue, Grieve atacou.

A sua agressão foi uma surpresa. Murtagh estava focado no Draumar à sua frente – um homem atarracado, de ombros descaídos, com uma faixa cinzenta no sobrolho – e quase não deu pelo bastão de Grieve lançado na sua direção.

Murtagh contorceu-se e conseguiu desviar o golpe devastador com a lança. Ao mesmo tempo, sentiu a mente do homem a dirigir-se contra a sua. E não apenas a sua; Uvek rosnou e disse:

– Não terás os meus pensamentos, *shagvrek*!

A adição de Grieve à luta transferiu a vantagem de volta aos cultistas, pois o conselheiro e braço direito da bruxa atacou com uma força que Murtagh não previra – parecia quase tão forte quanto um Kull – e, embora desajeitado, era rápido com os pés. Defleti-lo era como tentar esgrimir com um animal selvagem, determinado e desenvolto.

Os cinco manobraram em torno dos pilares e da braseira no centro do santuário, cada um tentando desferir um golpe mortal. Murtagh enfiou a sua lança no braseiro e atirou um amontoado de brasas contra um dos acólitos restantes. O homem esquivou-se, e Murtagh avançou, mas Grieve voltou a afastá-lo bramindo o seu pesado bastão.

Arrastou-se um impasse sofrido enquanto lutavam de um lado para o outro. Os seus golpes, estocadas e gritos ocasionais ecoavam pelo espaço, e um par de corvos desalojados esvoaçava junto à coroa do teto, crocitando aos combatentes lá em baixo.

Então, Uvek soltou um rosnido de frustração e, com uma mão, agarrou na braseira quente e virou-a. Espalharam-se brasas pelo chão ensanguentado, e o pesado prato de cobre aterrou nos ombros de um cultista, esmagando-o. Ouviu-se um retumbo de gongo.

– Profanadores! – gritou Grieve.

Murtagh aproveitou a oportunidade para avançar e atingir o outro acólito na garganta. Quando o homem caiu ao chão, gorgolejando e ofegando, Uvek enfiou a sua lança sob a braseira entornada e esfaqueou o homem que se debatia debaixo daquele peso. O homem ficou inerte, e a braseira não se mexeu mais.

– Por Azlagûr, eu te amaldiçoo – disse Grieve, e cuspiu no chão.

Murtagh bufou.

– Fui amaldiçoado por mais poderosos e vivi o suficiente para os ver tornarem-se comida de vermes. – Apontou a lança a Grieve. – Vamos a isto, cão. Enfrenta o teu destino.

Grieve endireitou-se, abrindo os ombros curvados, e revirou os olhos.

– Azlagûr, ouvi o apelo deste vosso seguidor, Grieve, o Primeiro. Deixai-me derrotar estes descrentes, e eu...

Uvek não o deixou concluir o contrato. O Urgal gritou:

– Não!

Correu para a frente e atacou Grieve com a haste da lança, usando-a como se fosse um bastão.

A haste de madeira dividiu-se em duas ao embater na túnica de Grieve, aparentemente partida pelo tecido estático. Mas Murtagh sabia a verdade: um feitiço de proteção. Não o surpreendia, mas era de lamentar.

Uma certeza sombria instalou-se sobre ele: Grieve não seria um adversário fácil.

Tentou, então, apoderar-se da mente do homem, assim como Bachel e Grieve haviam tentado apoderar-se da sua. Mas as defesas mentais de Grieve eram formidáveis, e, de qualquer modo, o homem deu a Murtagh pouco tempo para se concentrar, pois respondeu ao ataque de Uvek com uma chuva de golpes do bastão.

Uvek levou com um golpe no antebraço. A força do ataque teria partido o braço de um homem, mas o Urgal apenas grunhiu e recuou enquanto esgrimia os restos da sua lança para ganhar espaço para se recompor.

Murtagh assumiu a liderança em seguida, mas não teve mais sucesso. Golpeou, e Grieve amparou o golpe. Simulou um movimento... e Grieve quase lhe acertou com o bastão no topo da cabeça. Grieve parecia antecipar perfeitamente cada ataque de Murtagh.

O mesmo aconteceu quando Uvek tentou flanquear Grieve. Nem sendo dois contra um, conseguia algum deles invadir a guarda de Grieve, e ele continuou a desferir golpes com o seu bastão. Estes não magoavam Murtagh; tinha a sua proteção ativa, mas estava cansado e não sabia por quanto tempo conseguiria mantê-la. E *magoavam*, sim, Uvek; o Urgal estava agora a coxear e tinha um hematoma do tamanho de um prato no antebraço.

Ocorreu a Murtagh que estava a tratar Grieve como se o homem também fosse um mágico. Mas, até agora, não vira nenhum sinal nesse sentido. Se Grieve não pudesse lançar feitiços, então não havia razão para não o atacar com magia. Mas se pudesse... Fazê-lo poderia desencadear uma resposta desesperada e incrivelmente perigosa.

Crack! Grieve atingiu a lança de Murtagh mesmo no meio. A madeira estalou, como palha seca, e ele descaiu para trás.

Sangue de espectro! Chegava de cautela; valia a pena correr o risco de usar magia!

– *Kverst* – disse Murtagh, apontando a sua intenção para Grieve.

Sentiu uma rápida queda na sua força – como se tivesse subido uma colina a correr –, mas o feitiço não teve efeito algum no homem.

Grieve riu-se. Era um som verdadeiramente desagradável.

– Não conseguirá quebrar o poder da minha Senhora, profanador!

Com Thorn, Murtagh tinha certeza de que conseguiria, mas Thorn estava ocupado com outros assuntos, e Murtagh não ousou abrir a sua mente para a estender ao dragão. Independentemente disso, tinha a certeza de que Grieve lhe dera a resposta: teriam de derrotar as proteções do homem. E isso exigia energia, fosse mágica ou física. No final de contas, não havia diferença. Quando falhava a esperteza, a chave para superar feitiços era o *esforço*.

Murtagh arremessou a sua lança partida a Grieve e gritou, enquanto corria em direção ao fundo da câmara:

– Afasta-o de mim!

Atrás dele, Uvek rugiu, e os passos do Urgal troaram quando ele se aproximou de Grieve.

O trono de Bachel não se encontrava no estrado – fora transferido para que ela se pudesse sentar com toda a dignidade durante o festival do fumo negro. No lugar dele, o chão estava baço e encovado dos incontáveis anos a suportar a pesada cadeira de pedra.

Na parte de trás do estrado havia dois degraus baixos que desciam para uma área embutida onde estavam armazenados vários objetos cerimoniais: túnicas, velas, incensários de latão, o adorno que a bruxa usara na cabeça na primeira vez que ele a vira... Além disso, havia também uma arca de nogueira escura, e Murtagh esperava ali encontrar...

Abriu de supetão a tampa da arca.

Sim!

A Zar'roc estava diante dele, uma extensão reluzente de beleza metálica, vermelha como sangue, forte como o ódio, afiada como a sua vontade. O punho encontrou a sua mão, como um velho amigo, e ele arrancou a lâmina da bainha com um som de aço deslizante.

Finalmente, Murtagh sentia-se pronto para enfrentar os seus inimigos.

A espada não era apenas uma espada. Era também um repositório: um armazém de energia que ele cuidadosamente respigara, gota a gota, acumulando-a no grande rubi do seu punho.

Abasteceu-se nesse repositório e disse:

– *Brisingr!*

A seu mando, a espada irrompeu numa profusão de chamas carmesim.

Com a lâmina flamejante ao seu lado, caminhou para Grieve, cada passo carregado com a perdição iminente. Deu balanço, e a lâmina incandescente e escaldante desceu sobre a testa de Grieve – parando à distância de um cabelo, bloqueada pelos feitiços de proteção do homem.

Murtagh segurou a Zar'roc contra a superfície escorregadia e empurrou-a com mais força, enquanto despejava ainda mais energia no fogo que subia do aço colorido. O calor era intenso, e ele semicerrou os olhos enquanto o fedor de cabelos queimados enchia a câmara.

– Agora, Uvek! – gritou.

O Urgal baixou os chifres e avançou, levando um duro golpe do bastão de Grieve na sua testa reforçada. O impacto teria matado qualquer humano, mas Uvek nem sequer reagiu. Agarrou no bastão com uma mãozorra e segurou-o, imóvel, no ar enquanto atingia Grieve nas costelas e no ombro com a haste partida da lança.

Grieve gritava de raiva, o rosto como uma massa de sombras movediças sob a lâmina de fogo. Rodava o bastão, tentando inutilmente libertá-lo do punho de ferro de Uvek. Então, Grieve abandonou o bastão e moveu-se como se fosse baixar-se para se libertar da gaiola dos braços dos outros dois.

– *Brisingr!* – gritou Murtagh novamente e redobrou a força do feitiço. A lâmina em chamas brilhou com luz ofuscante, e gotas de fogo líquido caíram sobre as proteções de Grieve, onde dançaram como contas de água numa frigideira quente.

Uvek atingiu mais uma vez as costelas de Grieve: um golpe poderoso que sacudiu o homem e que Murtagh sentiu transferir-se para a sua mão através do punho da Zar’roc. Nisso, a pele de Grieve ficou cinzenta, e o seu feitiço de proteção entrou em colapso.

Murtagh sentiu um instante de terror avassalador vindo da mente do homem, e então a Zar’roc cortou a cabeça de Grieve, a lâmina encantada queimando o seu caminho através de carne e osso como se não fossem mais difíceis do que queijo fresco.

A remoção repentina da proteção dificultou a Murtagh o controlo da espada. Esforçou-se por deter a rápida descida da lâmina quando Uvek soltou Grieve e se afastou, girando, mas a aresta ardente e afiada da Zar’roc cortou a ponta do chifre direito de Uvek e tocou-lhe no ombro, perto da clavícula.

A expiração de Uvek saiu-lhe assobiada entre dentes, e ele rosnou como se quisesse atacar. Mas recuou e bateu com uma mão na ferida cauterizada.

O que restava de Grieve caiu ao chão.

A escuridão comprimiu-se em torno deles quando Murtagh pôs termo ao seu feitiço, extinguindo a Zar’roc.

– *Gzja!* – disse Uvek e cuspiu no corpo de Grieve. – Já não atirar mais pedras a pássaros. Agora Kiskû descansar tranquilo.

Murtagh gesticulou em direção ao ombro de Uvek.

– Deixa-me ver. Eu posso ajudar.

Uvek grunhiu e abanou a cabeça.

– Não está mau, homem-Murtagh. Um Urgalgra usa seus ferimentos com orgulho. Sobrevivo.

– Tens a certeza?

O Urgal parecia ofendido por Murtagh questionar a sua palavra.

– Claro, claro. Esta pequena ferimento. Tive muito pior de urso. Sobrevivo.

– Ótimo.

Com os dedos dos pés descalços, Uvek cutucou a ponta caída do seu chifre.

– Não ótimo perder chifre, mas chifre voltar a crescer.

Murtagh voltou à arca atrás do estrado.

– Imagino que só terás de viver numa caverna até estares outra vez apresentável.

– Que significar apresentável, homem-Murtagh?

– Agradável ao olhar.

Sentiu-se aliviado ao encontrar a sua armadura bem guardada dentro da arca. E, com ela, o compêndio da língua antiga, que era mais valioso para ele do que qualquer ouro ou pedras preciosas.

O Urgal riu-se enquanto Murtagh recuperava a cota de malha.

– Já não procuro companhia para viver, homem-Murtagh. Chifre partido não será grande problema.

Movendo-se com pressa nascida da necessidade, Murtagh colocou o seu capacete e elmo, prendendo depois as grevas e os avambrços. Decidiu não usar o peitoral; a mobilidade era mais importante do que a proteção contra martelos de guerra ou similares. Para isso tinha o feitiço de proteção. Prendeu a bainha da Zar’roc ao cinto e enfiou o compêndio da língua antiga na bolsa onde guardara o frasco da Respiração de Azlagûr.

Em seguida, perscrutou o chão de mosaico até encontrar o escudo de um dos acólitos. Pegando no escudo, voltou a juntar-se a Uvek, que ficara junto aos restos mortais de Grieve.

– O que é *shagvrek*? – perguntou Murtagh.

– Difícil dizer. É sem chifres de antes.

– Antes de quê?

– Antes de sem chifres encher a terra. Antes de elfos ter orelhas pontiagudas. Antes de anões ser baixos. Antes de dragões ter asas. Antes disso.

Espantado, Murtagh olhou para ele.

– Nunca ouvi falar em tal coisa.

Uvek assentiu com a cabeça.

– *Shagvrek* velho. Viver em cavernas. Queimar carne e comer mortos.

Antes de Murtagh poder fazer mais perguntas, soaram baques surdos do lado de fora do templo, e um fino véu de poeira escapou do teto. Abrindo a sua mente mais uma vez, sentiu a raiva deliciada e sanguinária de Thorn enquanto destruía os edifícios em Nal Gorgoth. Era uma pena, pensou Murtagh, perder estruturas tão antigas (aquelas talhas mereciam ser estudadas), mas não estava para permitir que isso o impedisse a ele ou a Thorn de arrasar com aquele lugar. Nal Gorgoth e aqueles que lá viviam eram uma abominação que Murtagh estava determinado a ver exterminada da face da terra.

Sentiu algumas dores em Thorn – flechas que se lhe haviam atravessado nas asas –, mas, à parte isso, o dragão parecia ileso.

– *Precisas de ajuda?* – perguntou-lhe.

– *Só se quiseses.*

Uvek deitou um olhar inquieto para a origem dos sons.

– Homem-Murtagh, há outros Ugralgra em Nal Gorgoth. Alguns prisioneiros. Alguns Draumar. Talvez Draumar não me ouvir, mas tenho dever de tentar.

– Vai. Se precisares de ajuda em alguma luta, chama por Thorn.

Uvek grunhiu e começou a sair. Então, voltou ao pé de Murtagh e baixou-se para encostar a testa à dele.

– É bom ter-te como *qazhqargla*, homem-Murtagh.

Um inesperado crescimento do sentimento de camaradagem encheu Murtagh.

– E a ti também, Uvek fala-com-o-vento.

– *Hmmm.*

Então o Ugral trotou para longe, os seus passos surpreendentemente silenciosos para o seu volume, e Murtagh ficou sozinho entre os cadáveres dispersos.

Ignorou-os. Fechando os olhos, enviou a sua mente por toda a aldeia enquanto procurava por Bachel, determinado a encontrar a bruxa e, de uma vez por todas, responsabilizá-la. A ideia de quebrar o poder dela era sombriamente atrativa. Tal como ela fizera com ele, ele faria com ela. Ela diminuirá-o, e ele queria vingança.

Além disso, queria ajudar Alín. Não, *tinha* de a ajudar.

Por toda a Nal Gorgoth, sentia um coro confuso de dor e terror, com os cultistas a fugirem diante de Thorn, ou então a tentarem, em vão, deter a fúria do dragão. Mas em lado algum, entre as mentes em pânico dos Draumar, detetou a forma familiar dos pensamentos de Bachel.

Mergulhou mais fundo. Estendendo a sua consciência às profundezas, procurou debaixo dos edifícios, entre a podridão dos túneis que corrompiam as raízes das montanhas.

Ali. Um aglomerado de faíscas, como pirilampos errantes presos muito abaixo da superfície. Alcançou o mais brilhante de todos, e a faísca avivou-se em resposta, recolhendo-se e encolhendo de seguida enquanto Bachel protegia os pensamentos dos dele.

Uma temível certeza solidificou-se no interior de Murtagh. A bruxa sabia que ele estava a chegar, e não estava sozinha. Estariam prontos para ele. O ideal seria prender Bachel, para conseguir, por fim, obter as suas respostas – mais especificamente sobre as atividades dos Draumar no reino de Nasuada – mas Murtagh suspeitava que a bruxa mais depressa morreria do que se lhe submeteria. Isso também seria aceitável. Bachel era tão perigosa que mantê-la em cativeiro seria como tentar conter uma fera raivosa com as próprias mãos. E matá-la não seria muito mais fácil, se é que conseguiria tal coisa.

Por um momento, foi assaltado pela dúvida. *Ainda podíamos ir embora.* Não havia nada que impedisse ele e Thorn de levantarem voo. Podiam ir em busca de reforços, e, com Eragon ou Arya ao seu lado, a bruxa dificilmente teria hipótese. Mas não havia nenhuma garantia de que Bachel ou os Draumar se manteriam em Nal Gorgoth quando eles partissem.

De qualquer forma, ele não podia abandonar Alín. Fizera-lhe uma promessa.

Pelo menos Bachel não fará tremer as montanhas enquanto estiver sob elas, pensou ele, e sentiu-se grato por essa ínfima misericórdia.

Escudo numa mão, espada na outra, trotou para fora do santuário do templo e em direção às traseiras. Lá, encontrou a porta que se abria sobre o relvado aparado adjacente ao lado oeste do templo. Espessas plumas de fumo negro erguiam-se de fendas no solo.

Um estrondo enorme fê-lo estremecer e virar-se. Um dos lados da Torre de Flint acabara de implodir, reduzindo a estrutura a um monte de escombros.

Para lá da torre, chamas iluminavam Nal Gorgoth. Metade dos edifícios não tinha telhado. As ruas estavam cobertas de pedras soltas e também de cadáveres.

Thorn passou em voo, escamas brilhando, fios de sangue quente saindo-lhe das asas.

Murtagh saudou-o, e o dragão rugiu em resposta. Depois, Murtagh começou a atravessar o campo, indo em direção ao bosque de pinheiros.

– *Vou ter com Bachel* – disse.

A primeira reação de Thorn foi uma preocupação desalentadora.

– *É demasiado perigoso.*

– *Eu sei, mas tenho de ir.*

– *Não vás sozinho. Leva Uvek contigo.*

– *Ele tem outras obrigações, e eu preciso que mantenhas os Draumar ocupados, aqui.*

Do outro lado da aldeia, Thorn rugiu novamente, desta vez com frustração.

– *Não me pedes para ir porque sabes que tenho muito medo.*

Murtagh parou por um momento, as suas próprias emoções num turbilhão confuso.

– *Não te queria incomodar. Só isso. És um ser tão corajoso quanto qualquer outro que eu conheça.* – Depois, mais suavemente: – *Provavelmente nem caberias nos túneis lá em baixo.*

– *Não sabes isso.*

– *Então, vem, se quiseres! Não estou a tentar impedir-te.*

Seguiu-se um silêncio desconfortável, e Murtagh sentiu a mente de Thorn agitada, com um misto de vergonha e ira.

Por fim, Murtagh disse:

– *Tenho de ir. Protege-te bem.*

– ... *Tu também.* – Em seguida, um rosar ecoou pelos telhados caídos. – *Faz a bruxa arrepender-se de nos ter aprisionado.*

– *Vou tentar* – murmurou Murtagh, recomeçando a caminhada.

Dois Draumar empunhando espadas correram do bosque na sua direção. Murtagh abateu-os um a seguir ao outro, com volteios decisivos da Zar'roc. A espada élfica estilhaçou a espada do segundo cultista em lascas prateadas.

Murtagh soltou um grito enquanto corria para a frente. Era mais um grito de guerra do que qualquer outra coisa: uma libertação da energia furiosa que o atravessava. Conhecia bem aquela sensação; era uma velha companheira sua. Alguns homens lutavam sob uma calma gélida, e ele dava valor a isso, mas a calma não o atraía minimamente naquele momento. Fora aprisionado, e agora estava livre, e cada pedaço encapsulado de raiva fervia de dentro dele, como vapor de uma rocha aquecida.

Outros Draumar atacaram-no quando entrou no bosque. Cinco deles, armados com lanças e espadas e um único arco. Murtagh apanhou uma flecha no seu escudo e depois já estava no meio dos cultistas, espancando, cortando e esfaqueando com intenção mortal.

Por mais perigosa que fosse, Murtagh achou aquela luta extasiante, e riu-se do medo dos homens. *Ótimo*. Era adequado que se encolhessem diante dele.

A escaramuça não durou nem um minuto. Quando o último corpo caiu ao chão, já ele avançava, com o coração a martelar-lhe no peito, os pulmões a chiar. Tinha os lábios puxados para trás para desnudar os dentes num sorriso sanguinário e sentia um certo poder a cobri-lo como um manto invisível.

Contudo, ainda assim, sabia que a sua confiança nascida da batalha era uma falsidade. Bachel não seria tão facilmente vencida como os seus carrascos. Seria necessário astúcia, tanto quanto força, para ter alguma hipótese de vencer. Assim, ao sair do bosque e avançar sobre a caverna escancarada na base das colinas, procurou no compêndio as palavras de que precisava para compor um feitiço que o protegesse contra a Respiração de Azlagûr. A magia filtraria o ar, como um pano filtraria água, e impediria que o vapor venenoso lhe entrasse nos pulmões.

Assim que encontrou o fraseado para o feitiço que o satisfazia, lançou-o, e um sorriso implacável tocou-lhe os lábios.

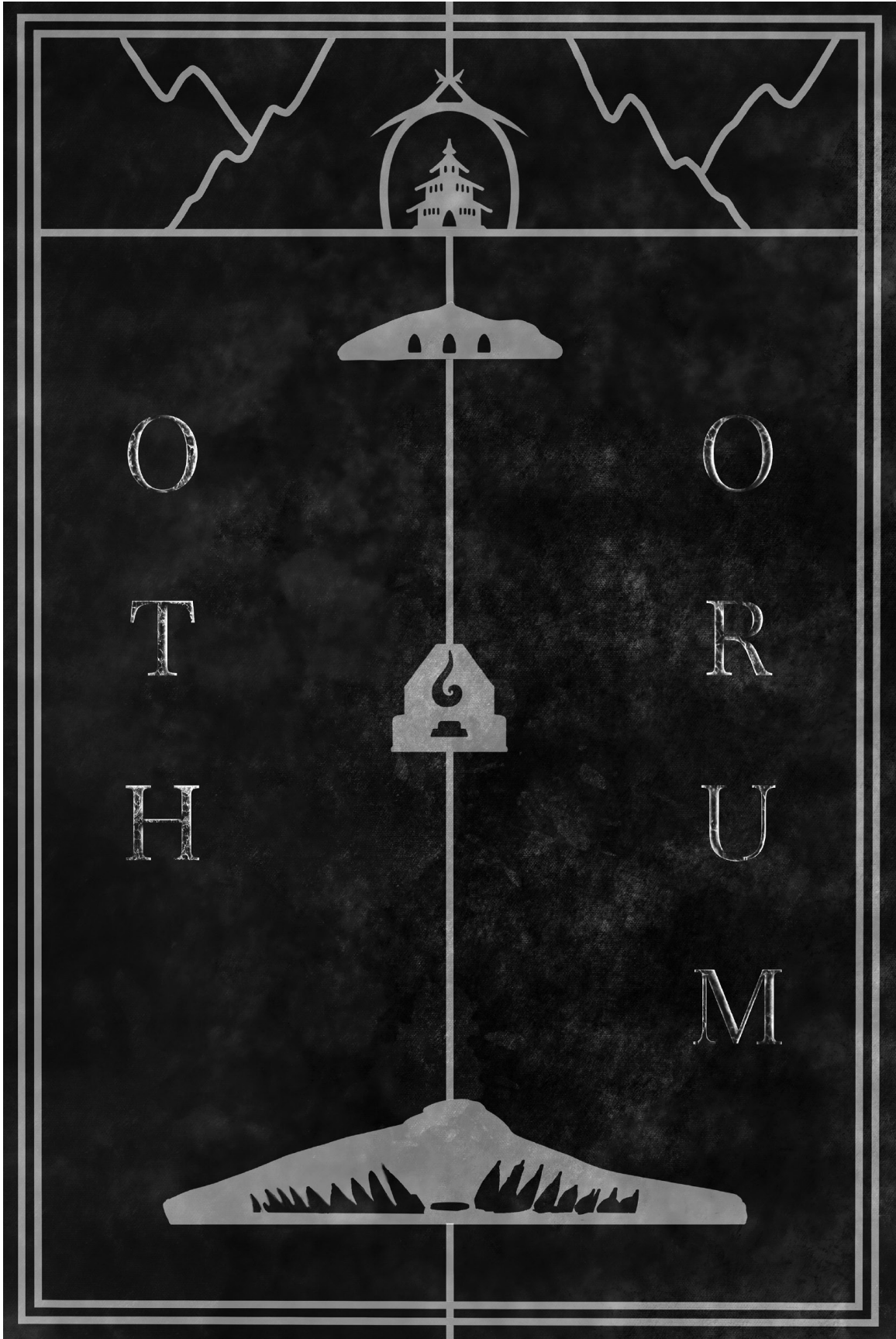
– Vejamos se gosta disto, Ó Oradora de mentiras – murmurou.

Tochas recentes ardiam em ambos os lados da caverna sinistra, e havia muitos rastros conducentes à abertura. Murtagh tomou-os como prova de que Bachel trouxera consigo um contingente de guerreiros.

Voltou a erguer a Zar'roc, preparando-se, e então avançou e permitiu que a escuridão o engolisse.

OTH ORUM





CAPÍTULO I



Criaturas das trevas

O ar na caverna estava quente e sufocante, e o calor parecia aumentar à medida que Murtagh descia as escadas de pedra cortada. Não se lembrava de estar assim tão quente durante a sua anterior aventura no covil escondido sob Nal Gorgoth. *Deve ser por causa do fumo negro*, pensou. Mas, claro, isso não esclarecia qual a origem do fumo em si.

Enquanto se apressava a descer, mergulhou a mente no rubi incrustado no punho da Zar'roc. Havia uma boa quantidade de energia armazenada dentro da gema facetada. Menos do que ele esperava, mas mais do que receava.

Ponderou lançar um feitiço para lhe iluminar o caminho, mas não se queria tornar um alvo óbvio. Além disso, lembrou-se do fungo brilhante que povoava as profundezas das cavernas. Podia esperar por aquela iluminação de origem duvidosa. Melhor ser um caçador perseguindo no escuro do que uma presa numa clareira ao luar.

Contas de suor começaram a escorrer-lhe da testa e sobre os olhos. Enxugou-as com o interior do antebraço, os anéis de malha de ferro duros contra a pele. Combater era um trabalho quente, e a temperatura sufocante da caverna só exacerbava a transpiração que já começara à superfície. Tal como a cota de malha. Os anéis de ferro eram o oposto de um tecido refrescante.

Com a consciência estendida, detetou um lampejo de vida à sua frente, ao lado das escadas. Um homem, pensou, mas...

Um zumbido atravessou a caverna, e uma flecha cortou o ar em frente ao seu nariz.

Murtagh estremeceu. Mesmo conhecendo a magia há tanto tempo, e estando com ela tão profundamente familiarizado, o instinto fê-lo reagir como se a flecha estivesse prestes a atingi-lo. Era uma constatação bastante

acutilante saber que, se não fosse o feitiço, teria acabado de morrer.

Não se deteve nesse pensamento.

Ajoelhado, pousou a Zar'roc nas escadas e palpou até os seus dedos encontrarem um pequeno e afiado pedaço de rocha. Ergueu-o na palma da mão e sussurrou:

– *Thrysta!*

A rocha disparou pelo ar, mais veloz do que aquilo que os olhos conseguiam ver, e – direcionada pela intenção dele – cruzou-se com a consciência do cultista que disparara a flecha.

Um baque surdo ecoou pela caverna, seguido do som inconfundível de um corpo caindo.

Cruelmente satisfeito, continuou em frente.



Quando Murtagh chegou à vasta caverna iluminada por lodo ao fundo da escadaria de pedra, outros três Draumar saíram a correr das sombras para atacá-lo.

O primeiro cravou-lhe uma lança na direção da anca. Murtagh amparou-a, desviou-se e perfurou o homem. A Zar'roc atravessou-lhe a armadura de escamas de couro como se não fosse mais grossa do que teias de aranha.

Recolheu a lâmina, virou-se e cortou o Draumar seguinte pelo pescoço. A cabeça do homem caiu ao chão por entre uma chuva de sangue verde e afastou-se em pequenos saltos, os cabelos a esvoaçar numa balbúrdia emaranhada.

A audição de Murtagh foi perturbada por um altíssimo retumbo quando a lança do cultista número três lhe embateu no escudo. O homem voltou a golpear, o seu rosto uma autêntica máscara de raiva. Murtagh desviou-se e decepou-lhe o braço direito.

O cultista uivou e cambaleou para trás.

Murtagh não lhe deu trégua. Prosseguiu com dois golpes rápidos: um entre as costelas e outro sob o queixo.

– Patético – disse Murtagh enquanto o cultista sucumbia.

Grieve fora um oponente satisfatório, mas, se aquela era a qualidade dos guerreiros de Bachel, Murtagh estava longe de se impressionar. Não tinham nem técnica nem magia, apenas fé cega para alimentar a sua violência.

Tornac não teria aprovado.

A testa de Murtagh enrugou-se. Porque se davam os cultistas ao trabalho de atacá-lo em número tão reduzido? Saberiam decerto que não tinham hipótese alguma de o deter.

Estão a tentar atrasar-me, percebeu. Ou para Bachel fugir ou para a bruxa e os seus subalternos se prepararem para a chegada dele.

Com um movimento do pulso, sacudiu o sangue da lâmina da Zar'roc. Com desprendimento, notou a aparência incomum do líquido; assemelhava-se ao verde escuro e iridescente dos besouros de água que se encontravam nos arredores de Urû'baen. De alguma forma, o brilho doentio emanado do lodo membranoso nas rochas da caverna alterava a cor do sangue. A sua pele também não parecia normal; apresentava-se terrivelmente doentia, como se o brilho do lodo a tivesse expurgado de toda a vitalidade.

Apressou-se pelo caminho de lajes, ansioso por chegar ao Poço dos Sonhos.

Os seus passos depressa o levaram aos três túneis na parede ao fundo da enorme caverna. Como fizera antes, escolheu o do meio, correndo pelo túnel forrado de azulejos parecidos com escamas.

Estendendo a sua mente, procurou Bachel e a sua comitiva. Mas não sentiu qualquer pensamento, e o seu olho interior não viu quaisquer faíscas brilhantes de existência por entre a escuridão circundante.

Quando invadiu a câmara revestida de mármore que abrigava o Poço dos Sonhos, encontrou-a vazia, desprovida de movimento, exceto pelas chamas que cintilavam nas alcovas ao longo das paredes. O poço em si estava aberto, a tampa gradeada puxada para o lado para expor o eixo que mergulhava em profundidades desconhecidas.

O fedor de enxofre jorrava do poço com uma força enjoativa. Quando Murtagh deu um passo na sua direção, uma coluna de fumaça negra irrompeu das profundezas, projetou-se contra o teto arqueado e, em seguida, atravessou as fendas estreitas na sua coroa, nas quais ainda não reparara.

Construíram isto na expectativa do fumo, pensou Murtagh. Tentou imaginar o que estaria lá em baixo. Brechas quentes repletos de pedra derretida ou algo do tipo. Ouvira falar de tais coisas nas Montanhas Beor: lugares onde as montanhas respiravam fogo e onde o fumo quente e as cinzas tornavam, por vezes, os arredores impossíveis de suportar.

Arriscou um rápido olhar sobre a boca do poço. O buraco parecia não ter fundo. Por momentos, perdeu o equilíbrio e imaginou-se a cair sem parar... para sempre perdido nas entranhas da terra.

Com uma imprecação, chegou-se para trás e olhou à sua volta.

– Onde está? – murmurou.

Voltou a estender a mente. Quando se sentiu confiante de que ninguém (nem *nada*) estava suficientemente perto para o poder emboscar, fechou os olhos e concentrou-se no seu olho interior.

Teve de ir mais longe e mais fundo do que esperava antes de localizar novamente a centelha branca e quente da consciência de Bachel. Esta estava abaixo dele – quase diretamente abaixo da abertura do poço – e a tal distância que uma pedra levaria muitos segundos a cair até lhe chegar.

– Raios.

Olhou para as portas de tamanho humano que levavam para fora da câmara. A perspectiva de se perder no subsolo não lhe agradava mais do que em Gil'ead. Mas não havia como evitá-lo; tinha de encontrar Bachel e impedi-la de escapar.

Certo. Dirigiu-se à porta correspondente. A maioria das pessoas era destra, por isso, se alguma das passagens conduzisse a algum lugar importante, deduziu que seria aquela. E se estivesse errado... Perguntou-se quão difícil seria usar magia para fazer explodir a rocha e abrir um caminho direto. Até Thorn teria dificuldade em reunir energia suficiente para escavar mais do que uma curta distância. As rochas eram pesadas, e não havia cânticos na língua antiga que mudassem isso.

Correu em frente.



O labirinto de túneis sob a câmara revestida de mármore era muito mais intricado do que Murtagh receara. Se não fosse a sua capacidade de sentir a mente de Thorn – mesmo à distância – teria num instante ficado irremediavelmente virado do avesso.

Não muito longe da câmara, voltou a chegar a passagens suficientemente espaçosas para Thorn. Os túneis seguiam em direções aparentemente aleatórias, atravessando tanto câmaras de formação natural como outras –

deparou várias vezes com o que pareciam ser santuários ou altares ou salas de guardas abandonadas – mas sempre conduzindo para baixo.

Embora o brilho do lodo fosse muitas vezes suficiente para lhe iluminar o caminho, alguns dos espaços eram tão negros quanto o vazio entre as estrelas. Para evitar que as manchas de escuridão ofuscassem o atrasassem inconvenientemente, Murtagh cedeu e criou um luminomem vermelho que flutuava alguns pés acima e à frente da sua cabeça. A combinação de cores do luminomem e do lodo pintava os tons mais hediondos. Tanto que às vezes tinha dificuldade em reconhecer a substância do que via. Quase alterou o luminomem para o branco puro do brilho do Sol ao meio-dia, mas prezava demasiado a sua visão noturna.

O ar foi ficando mais espesso à medida que descia, até lhe ficar pesado e húmido no nariz, na garganta e nos pulmões e ser-lhe necessário um esforço consciente para respirar. Às vezes, nuvens de fumaça pairavam sobre ele, e então dava graças pelo seu feitiço de proteção, pois parecia filtrar um pouco do mau cheiro.

A presença pesada que Murtagh sentira na aldeia era ainda mais forte nas cavernas. Envolveria-o como mel envelhecido, e ele sentia uma vontade inexplicável de se agachar e esconder, ou então fugir para longe, muito longe. Não havia nada de concreto a que pudesse atribuir aquela sensação, mas era tão inescapável quanto o ar sufocante.

A sua atenção começou a vaguear, e a visão também. Concentrar-se nalguma coisa por mais do que alguns segundos parecia... não impossível, mas o olhar ia-lhe escorregando, e, alguns passos depois, dava por si a perguntar-se o que vira e em que pensara nos instantes anteriores.

Estranho...

Abanou a cabeça para limpar a mente. O movimento foi um erro. O mundo inclinou-se à sua volta, e ele caiu de joelhos, assentando o escudo no chão para se equilibrar.

Passado um bocado, já se sentia com estabilidade suficiente para ficar de pé.

Poderia haver bebida no ar? Hidromel ou beberagens alcoólicas fortes pulverizadas numa névoa fina? Saboreou o ar: enxofre e nada mais. Contudo, lançou outro feitiço para purificar o ambiente à sua volta.

Não adiantou.

Preocupado, cambaleou em frente.

Começou a ser atormentado por alucinações: relampejos com as cores cintilantes do arco-íris, gemidos sofridos que serpenteavam pelos túneis e – raras no início, mas depois com frequência crescente – visões que lhe apareciam diante dos olhos e que, durante aqueles momentos atemporais, lhe pareciam tão reais quanto as rochas.

Viu Tornac à sua frente, empunhando uma espada de treino feita de madeira. O mestre espadachim acabara de ficar encarregado de Murtagh, e eles iam começar o treino... O embate, quando veio, foi rápido, e o resultado foi Murtagh sentado no chão com um hematoma a nascer-lhe sobre as costelas esquerdas. Esperara desprezo e escárnio de Tornac. Fora sempre isso que lhe recebera na corte. Mas nenhuma humilhação se seguiu. Em vez disso, Tornac aproximou-se dele, ofereceu-lhe uma mão e, num tom de voz inexpressivo, disse:

– É um começo.

A falta de rancor abriu o coração de Murtagh. Demorou a admiti-lo, mas, naquele momento, aprendeu a confiar e agarrou-se à instrução de Tornac – não, à sua liderança – como a única rocha estável numa vida revolvida pela tempestade.

Murtagh pestanejou, desorientado. Qualquer que fosse a estranheza que o afetava, não voltaria para atrás.

– É com isto que conta para a proteger, Bachel? – perguntou ele, a voz diminuta na vastidão da caverna. – Bem, não resultará. Prometo-lhe.

Com passos obstinados, continuou.

... planície do Sol negro varrida por um vento uivante que arrefecia a carne até ao osso... Um homem estava debruçado na terra estéril, com os braços enrolados em torno da cabeça enquanto se balançava para frente e para trás, gritando em voz alta e enrouquecida...

O túnel em que Murtagh seguia inclinou-se acentuadamente para baixo. Os seus passos aceleraram-se quando, aliviado, se deixou puxar pela descida. Manteve o olhar fixo em frente, na esperança de ver o fim do túnel, pois este deveria levá-lo para perto de onde Bachel o aguardava, se não para o lugar exato.

... um bando de dragões passou a voar, tão numeroso que ocultava o céu. As suas escamas brilhavam com todas as cores imagináveis, uma profusão de beleza aterrorizante, e o ar percutia como um tambor com a força das suas poderosas asas...

Os passos de Murtagh evoluíram para um trote. Tentou bloquear as visões recitando versos. Isso ajudou-o durante algum tempo, mas depois a sua atenção vagueou por um instante e...

... Nasuada jazia diante dele, acorrentada à laje cinzenta do Salão da Profetisa, tal como os prisioneiros haviam sido dispostos no altar em Nal Gorgoth. A súplica nos olhos dela soava tão alto quanto qualquer fala, mas cada um tinha os seus papéis a desempenhar, e ele não podia ajudá-la. O rei ordenara, ele obedecera, e ela sofria por causa disso. Todos eles sofriam.

— Não, não, não — murmurou Murtagh. Bateu com a borda do escudo contra a testa. O impacto ajudou a dissipar as imagens que ainda desfilavam atrás dos seus olhos.

O túnel abriu-se em mais uma caverna. Tal como tantas outras, esta era iluminado por lodo, e fileiras de cogumelos de chapéu roxo bordejavam uma pequena lagoa à sua direita. Espalhavam-se anéis pela superfície da água, como se algo tivesse acabado de saltar para dentro ou para fora da lagoa.

Um matagal de cogumelos maiores estava diante dele, como árvores atrofiadas e insalubres.

Enquanto ele abria caminho entre os caules lenhosos, um chiado agudo chamou-lhe a atenção. Avançou silenciosamente por entre os cogumelos e logo viu... uma *forma* estranha agachada sobre o corpo de um cultista caído.

Quando o brilho vermelho do luminomem tocou a criatura, ela virou-se para olhar para ele com um rosto de pesadelo. Uma língua negra reluzente tão comprida e grossa quanto um braço dos dele pendia-lhe de uma boca estreita e rasa, demasiado pequena para conter todo o músculo. Pele solta e flácida, tão rosada e pálida como a de um leitão — sem pelos, exceto uma ocasional cerda branca brotando de crescimentos verrugosos — pendurada em rugas repulsivas sobre ossos salientes. Do crânio estreito olhavam olhos sem pálpebras, não maiores do que um ovo de peixe e aparentemente demasiado sensíveis para suportarem o brilho suave da luz, pois a criatura piscava os olhos e recuava como se sentisse dor. O mais perturbador de tudo eram as patas dianteiras da besta, ou melhor... *mãos*. Tinha dedos longos semelhantes aos humanos, com unhas partidas e cheias de sujidade, manchadas com o sangue do cultista morto, e os dedos abriam-se e

fechavam-se como se quisessem espremer a vida de outra vítima infeliz. Arrastando-se atrás da besta, uma cauda espessa, como uma corda, tão inerte quanto uma minhoca morta.

A repulsa encheu Murtagh. A criatura – o *digi-rato*, ocorreu-lhe – parecia errada de uma maneira fundamental, como se a sua própria existência fosse uma perversão de tudo o que era bom e certo.

Estendeu a mente até à do rato. O que descobriu incrementou-lhe a repulsa: uma fome devoradora dominava a consciência do animal, e tudo em que parecia pensar era no prazer de comer a carne quente do homem por baixo dele e na sua raiva por ser interrompido. Os outros viriam em breve, e...

Outros?

Mais chiados se ouviram nas sombras. Aproximou-se uma horda de pálidos digi-ratos, palpando o seu caminho com os longos dedos, As caudas deslizando pelo chão da caverna como cobras sem escamas.

A criatura agachada sobre o cadáver proferiu um gemido descendente – Murtagh reconheceu o grito como um dos muitos sons que ouvira no complexo subterrâneo – e voltou a rasgar o corpo, usando a língua para esfolar a pele e os músculos do peito do homem.

– Desaparece, criatura medonha! – gritou Murtagh e avançou, bramindo a Zar’roc.

O digi-rato guinchou como uma criança ferida enquanto se encolhia. Em seguida, ciciou, mostrando fileiras de dentes translúcidos semelhantes a agulhas, e – com uma velocidade e agilidade chocantes – saltou em direção à garganta de Murtagh.

Murtagh caiu para trás e esfaqueou o ar à sua frente, na esperança de atingir a criatura.

A Zar’roc acertou-lhe, mas a espada não estava no alinhamento certo, e o punho torceu-se-lhe na mão, fazendo-o quase soltá-la.

Estremeceu quando o digi-rato embateu nele, cobrindo-lhe a cota de malha com o seu sangue quente. Os dentes da criatura chegaram-lhe à garganta, detidos apenas pelo seu feitiço de proteção. Então, atirou-o de cima de si, e ele caiu ao chão, quase cortado ao meio, guinchando e sacudindo-se nos seus estertores mortais.

O fedor das entranhas deu-lhe vômitos. Nisso, não teve ajuda alguma dos feitiços.

Os guinchos da besta ferida não serviram para dissuadir os seus pares de se aproximarem. Continuavam a rastejar, cada vez mais perto, através do matagal de cogumelos, enquanto proferiam sons de riso áspero que eriçavam os cabelos da nuca de Murtagh. Algo parecia desesperadamente errado com as criaturas, como se estivessem meio dementes por viverem no subsolo ou tão enlouquecidas pela fumaça constante que não tinham qualquer instinto de autopreservação.

– Não façam isso – disse Murtagh, mantendo a Zar’roc a postos. – Eu mato-vos a todos.

Mais digi-ratos apareceram da escuridão. Quantos eram agora? Trinta? Quarenta? Tentou contar, mas era impossível acompanhá-los individualmente, pois não paravam de se mexer.

– *Naina* – disse Murtagh, e a luz intensificou-se até ficar tão brilhante que baniu todas as sombras sob ela.

Os digi-ratos gritaram e começaram a rodar em círculos, como se uma abelha os tivesse picado nos seus flancos encovados.

– Desapareçam! – gritou Murtagh novamente. Foi um erro. O som da sua voz concentrou a atenção das criaturas; viraram-se para ele, línguas pendidas como tentáculos, bigodes branqueados a tremer, mãos nodosas esticadas.

– *Kv...*

A horda atirou-se a ele, mãos e patas a sapatear velozmente na terra e nas pedras do chão da caverna.

Murtagh abateu o rato da frente, mas depois o resto das criaturas enxameou-o, a estalar os dentes e a estender as garras e a chicotear as suas línguas pesadas. As proteções de Murtagh ativaram-se, e ele sentiu a força reduzir-se-lhe com uma velocidade alarmante enquanto os feitiços se esforçavam por protegê-lo.

Tentou falar, mas tinha a pele quente de um digi-ratos encostada à cara, impedindo-o de proferir um som sequer. Ou de respirar.

Os animais cheiravam a podridão e a almíscar e excrementos quentes.

Chega! Concentrou a sua força de vontade e disse, mentalmente:

– *Kverst!*

Os corpos dos digi-ratos caíram de cima dele como sacos de farinha.

Murtagh estremeceu. Não teria sido preciso muito mais para lhe esgotar as reservas imediatas de resistência, e aí os seus feitiços de proteção desativar-se-iam para o impedirem de perder os sentidos. Se os ratos tivessem pressionado um pouco mais, ou se ele tivesse hesitado mais alguns segundos, tê-lo-iam dominado.

Sentiu-se repleto de satisfação ao ver o monte de cadáveres. Não lhe agradava tal carnificina, mas, se tivesse tempo, teria caçado o resto dos comedores de carniça e garantido que nunca mais incomodariam ninguém.

Das sombras distantes ouviram-se mais chiados.

Mas não agora. Reduziu o brilho da luz ao seu nível anterior e apressou-se a seguir caminho. Talvez os cadáveres dos seus pares distraíssem os seus perseguidores não humanos, lhes dessem comida suficiente para não perderem tempo a segui-lo. Era uma esperança.

Enquanto caminhava, Murtagh reviu todos os animais que conhecia em Alagaësia. Nunca ouvira falar de bestas tão grotescas. Se tinham um nome na língua antiga, desconhecia-o, e nenhuma das histórias antigas falava de criaturas daquele tipo.

Viverão somente aqui ou em todos os lugares de culto dos Draumar? Poderia ele ter encontrado digi-ratos algures sob Gil'ead? A possibilidade perturbou-o.

Ainda assim, correu. E, embora os chiados se tivessem esvanecido, nunca desapareceram completamente. Por mais duas vezes, um digi-rato saiu disparado da escuridão e tentou mordê-lo. Em ambas as vezes, matou a criatura com um único golpe da Zar'roc.

Murtagh não conseguia afastar a sensação de estar preso num pesadelo acordado. Os sons constantes ecoando ao seu redor – e agora ele começava a questionar se alguns viriam de outras criaturas à espreita pelos labirintos subterrâneos –, os túneis aparentemente intermináveis, as distorções cintilantes flutuando diante dos seus olhos e o calor e o suor e a sensação esmagadora de uma presença... Tudo isso se conjugava numa pressão latejante na parte de trás do seu crânio e na convicção de não poder confiar em nada que o rodeasse.

... um corpo de dragão envolto em toda a terra, com espinhos tão altos quanto montanhas, dentes tão longos quanto torres, sangue fluindo como rios sobre planícies murchas...

Abanou a cabeça e acelerou.

Entre chiados e gemidos, um novo conjunto de sons tornou-se perceptível: um corte, como que de uma tesoura, e pequenas tinidos, como que de pregos de ferro dançando sobre a pedra.

Petrificou quando algo grande e angulado saiu de uma passagem lateral e subiu a correr até meio da parede curva de um túnel. A coisa parou e ficou ali agarrada, estática, de uma forma pouco natural.

– *Naina* – Murtagh sussurrou, embora quase não quisesse ver o que quer que fosse a criatura.

O luminomem iluminou-se para revelar... *o quê*, Murtagh não sabia. A criatura era do tamanho de um lobo grande. Um lobo *muito* grande. Mas assemelhava-se mais a um inseto do que a qualquer animal peludo ou emplumado. Tinha quatro pernas duplamente articuladas com espinhos nas articulações e depois outro conjunto de pernas – ou melhor, braços – preso ao seu peito estreito, logo abaixo da boca, sendo esta como que uma coleção de facas de açougueiro. Da mesma forma, os braços terminavam em pinças afiadas, e a criatura abria-as e fechava-as com o som de corte que Murtagh ouvira momentos antes. Cabeça achatada, tipo carraça, corpo segmentado, membros irregulares: todos eles cobertos com placas pretas de uma armadura natural, não muito diferente da carapaça de um besouro. A criatura não tinha olhos propriamente ditos: apenas uma fileira dupla de covas – não maiores que sementes – ao longo de ambos os lados da sua cabeça.

A monstruosidade parecia feita bocados de sombra dentados, combinados numa forma desagradável que lembrava demasiado a Murtagh a de uma aranha.

Murtagh ergueu-se da posição agachada. Não lhe apetecia acobardar-se diante daquele horror em particular.

– Não me agradas – disse, inexpressivo. – Se me atacares, mato-te.

A criatura inclinou a cabeça e fechou as lâminas da boca. Em seguida, desceu pela parede do túnel e, antes de Murtagh poder fazer mais do que dar meio passo para trás, desapareceu.

– Sangue de espectro – murmurou Murtagh. Quantos horrores não naturais espreitavam sob Nal Gorgoth?

Ao prosseguir, sentiu-se com pele de galinha no pescoço e nos braços.

CAPÍTULO II



Liberdade da miséria

Ainda não tinha avançado cem pés no túnel, quando a aranha gigante o atacou por trás.

Murtagh ouviu o fechar das unhas de ferro segundos antes de a criatura o atingir. Rodou a tempo de lhe bloquear uma perna com ponta de lança que mergulhava em direção ao seu coração. A lâmina da Zar'roc retumbou ao raspar pela carapaça da aranha, como se tivesse embatido noutra espada.

A aranha atacou outra vez. Mais veloz do que qualquer humano. Mais veloz do que qualquer elfo. As proteções dele bloquearam os ataques, mas depois a aranha varreu o chão com um membro, que enrolou à volta das pernas dele.

Murtagh caiu. Por instinto, cobriu-se com o seu escudo e, ao chegar ao chão, lançou novamente o feitiço letal:

– *Kverst!*

A magia não surtiu efeito.

Ficou tão surpreendido que, por momentos, nem conseguiu agir. Depois, usou o escudo para arrancar a aranha de si. Era incrivelmente pesada, como se tivesse metal na carapaça. Ainda assim, conseguiu arrancá-la e, enquanto ela se recompunha sobre as suas pernas escanzeladas para voltar à carga, ele balançou a Zar'roc com muito mais força do que teria usado contra qualquer inimigo humano.

Golpeou a aranha na cabeça achatada. A carapaça rachou sob a lâmina carmesim da Zar'roc, e dela escorreu sangue negro, espesso como alcatrão quente. A aranha estalava, perturbada, e as superfícies cortantes da sua boca esfaqueavam e roíam.

Murtagh atacou novamente, e, dessa vez, a Zar'roc dividiu a cabeça da criatura em duas. As pernas cederam, e ela desabou contra o chão.

Murtagh olhou para o monstro enquanto recuperava o fôlego. Por que motivo o feitiço não o matara? Teria proteções? Um animal num nível tão subterrâneo? Não era impossível, claro, mas a única explicação que fazia sentido era a própria Bachel ter encantado a aranha. A questão era: porquê? Para a criatura poder feri-lo ou atrasá-lo, como os cultistas? Seriam as criaturas igualmente escravas dela?

Ouviu chiados ecoarem ao longe.

Endireitou-se, com um semblante temível. Quaisquer que fossem os subalternos medonhos que Bachel tivesse nas cavernas, não o deteriam; disso tinha a certeza.

Determinado, retomou o seu curso.

Enquanto avançava pelas câmaras subterrâneas, os digi-ratos e as aranhas-sombra continuaram a atacá-lo. Um aqui. Dois ali. Um rato caiu sobre ele de uma fenda escondida no alto de uma parede infestada de lodo. Uma aranha saltou para cima dele de dentro de um abismo escuro. E mais. Muitos mais.

Reagiu a todos os assaltos, enfrentando a fúria selvagem com igual força. A lâmina da Zar'roc estava constantemente coberta de sangue, e as suas botas ficaram molhadas de entranhas, com os olhos a picar-lhe por causa do suor a gotejar. O cansaço atrasou-lhe os passos, e começou a preocupar-se com o que aconteceria se não conseguisse continuar a alimentar as suas proteções.

Era difícil ter noção do tempo ou da distância. A consciência de Thorn havia desaparecido da sua mente, e, quando Murtagh o procurou, percebeu que já não conseguia sentir os pensamentos do dragão. Demasiada pedra entre eles.

Alarmado, procurou Bachel. Se não conseguisse localizá-la, estaria realmente perdido... Mas não, voltou a sentir a força vital da bruxa. Só que ela não estava apenas abaixo dele, também estava atrás, no que parecia um bom quarto de milha. O desespero assolou Murtagh. Provavelmente invertera a direção num dos combates.

O caminho parecia interminável. E os chiados e as percussões e o som de corte de tesoura sempre a assombrá-lo. Não ousou baixar a guarda nem por um segundo, e o constante estado de vigilância era, por si só, extenuante.

Mesmo com a sua magia e a sua espada, Murtagh sentia-se como uma criança sozinha no escuro, com medo de monstros invisíveis à espreita para o atacarem. Mas, desta vez, os monstros eram reais, e não menos aterrorizantes para ele.

Visões e alucinações continuavam a atormentá-lo. Conseguiu ignorar a maioria – mesmo quando ocorreram em momentos inoportunos, como no meio de uma luta – mas, por fim:

Teto escuro, paredes escuras, piso de madeira com padrões desenhados... um fogo rugindo na lareira de pedra num dos lados do grande salão. Pratos espalhados pela mesa do banquete, de que todos os convidados há muito haviam fugido... Na cabeceira da mesa, a silhueta escura do pai, ainda envolto no manto de viagem, curvado, pensativo, o omnipresente cálice de vinho agarrado firmemente pela mão. Pairando atrás dele, a figura magra da mãe, falando em voz baixa e tensa.

Murtagh estava sentado à beira da lareira. Os sons dos pais a conversar distraíam-no por vezes – a voz do pai soava alta, brusca – mas depois a sua atenção regressava ao cavalo de madeira com que brincava. Pintado de castanho e branco, com cascos pretos, nítidos, tinha crina e cauda de pelo de cavalo verdadeiro. Murtagh fazia-o percorrer a lareira de um lado ao outro, acompanhando a corrida com pequenos sons. Levava o cavalo a saltar sobre rochas e sebes imaginárias e então, por acidente, aproximou-o demasiado do fogo, e uma faúlha caiu-lhe na cauda.

Acendeu-se uma chama no pelo do cavalo. Assustado, sacudiu o cavalo, e a chama apagou-se, mas o cheiro de cabelo queimado picava-lhe no nariz, e a cauda ficara estragada.

Começou a chorar. Disso, lembrava-se. O cavalo era tão bonito e agora estava estragado, e ele não tinha mais nenhum assim.

A voz do pai ergueu-se num grito furioso.

– ... se não calas aquele fedelho e a choraminguice dele, calo eu!

E ouviu-se o raspar de uma cadeira a ser empurrada para trás e um grito de terror da mãe, com um peso a atingir Murtagh nas costas e a lançá-lo contra a lareira.

A Zar'roc caiu ao seu lado com um estrondo, a borda da lâmina tão afiada que era invisível.

Murtagh sabia que gritava, mas não sentia dor, apenas uma sensação de frio e fraqueza enquanto o sangue se espalhava numa poça à sua volta. O rosto da mãe apareceu sobre ele, um semblante tolhido pelo medo, e foi isso que o perturbou, mais do que tudo. Não queria que ela se preocupasse, não queria que ela tivesse medo.

Então o salão ficou nebuloso, e a última coisa de que teve consciência foi da mãe murmurando numa língua desconhecida enquanto o terrível frio se lhe instalava nos ossos.

Murtagh parou junto a um monte de cogumelos e ofegou como se tivesse levado um golpe no estômago. Cerrou os dentes e olhou para o teto rochoso durante um bocado, enquanto lhe escorriam lágrimas dos olhos sem pestanejar.

– Isto não é por tua causa – murmurou para qualquer força que habitasse as cavernas.

Porque fora ele obrigado a reviver aquele momento em particular? Esforçava-se sempre muito para *não* pensar naquilo, embora a cicatriz nodosa nas costas fosse lembrança suficiente: uma lembrança tanto da crueldade do pai quanto do amor da mãe. Este último fora a razão por que ele preservara aquela marca. Não seria difícil remover a cicatriz com um feitiço, mas fazê-lo parecia repudiar o seu passado a tal ponto que mais valia declarar-se sem nome nem parentesco. Talvez o devesse ter feito. O legado de Morzan não lhe trouxera nada além de dor. Mas o da mãe... era mais complicado. Dela recebera a vida e amor, e lá por a sua existência ter sido difícil isso não negava o amor dela.

Ouviu passinhos leves e rápidos circundarem-no na distância sombreada. Ouviu, mas não se importou.

Murtagh olhou para a Zar'roc. Fez uma careta de repulsa incontida, e a mão tremeu-lhe. Com ou sem cicatriz, odiava a espada, odiava o que ela representava. *Zar'roc. Miséria.* O nome escolhido pelo pai, e adequado, dada a história de Morzan. Não era isso que Murtagh queria para a sua vida, e ainda assim havia tirado a espada a Eragon, para reivindicá-la como sua, como se de alguma forma isso o protegesse.

Em vez de o proteger, sentia que o definia. Zar'roc.

Miséria. Os nomes eram importantes, mesmo para as mais pequenas coisas. Ao nomear, pode obter-se compreensão. Mais ainda, pode-se reformular a própria natureza de uma coisa. Não o tinha ele mesmo

experimentado na cidadela de Urû'baen, quando o seu verdadeiro nome mudara?

Ocorreu-lhe uma ideia. Uma ideia brilhante e promissora que trazia consigo uma determinação feroz. Ele conhecia o Nome dos Nomes, a chave da língua antiga e o seu poder arcano. Através dele, podia usar, definir ou mesmo alterar as palavras da língua.

O que significava... que podia renomear a Zar'roc. Se quisesse.

Não precisou de parar para pensar. Queria.

Mas mudar para que nome? Se não Miséria, então Felicidade? Dificilmente o significado adequado para a sua espada ou qualquer uma. Além disso, Murtagh nunca tendera para a felicidade – não tinha certeza de saber exatamente o que era – e sentir-se-ia ridículo carregando uma espada chamada Felicidade.

Mesmo tendo pouco tempo, ficou parado no escuro e deixou a mente deambular enquanto classificava dezenas de nomes possíveis. No fundo, a questão era simples: o que queria ele que a Zar'roc representasse? Ou seja, a que valor queria dar um lugar de destaque no centro do seu ser?

Por todo o lado, continuava a ouvir as patas das aranhas-sombra predadoras. Mas mantinham-se distantes, e ele prestou-lhes pouca atenção, pois o problema com o qual se debatia era vasto e, sentia, crucial para a sua sobrevivência.

Por fim, a resposta chegou-lhe de dentro, como deve ser – da sua memória de Morzan a feri-lo e do seu nome verdadeiro, que viu com nova clareza: o que tinha sido e o que era agora. Porque era uma pessoa mudada. A dor a que se agarrara tão assiduamente já não o dominava; tinha novas preocupações e valores e estava determinado a persegui-los.

Movido pela inspiração, Murtagh abriu a bolsa do cinto, tirou o compêndio e, com uma mão, folheou as páginas de pergaminho até encontrar o que procurava.

Estudou a linha curta de runas. Tinha a certeza? *Sim*. Mais do que nunca.

O feitiço exigia uma energia que ele não tinha de sobra, mas, mesmo assim, recolheu-a do seu corpo e, com uma voz suave como uma pena caindo, proferiu a Palavra e, com ela, renomeou a espada:

– *Ithring – Liberdade*.

Enquanto falava, o glifo estampado na espada e na bainha brilhou e alterou-se para uma nova forma, um novo entendimento. E reconheceu o glifo como aquele que os elfos usavam para o novo nome da espada.

O ódio e a raiva que ferviam dentro dele acalmaram, tornando-se uma calma determinação. Assentiu com a cabeça. *Liberdade*. O pai escolhera espalhar *miséria* pela vida e pela terra. Talvez Murtagh pudesse fazer melhor.

Um sorriso enviesado cruzou-lhe os lábios. Não tinha ilusões. Sabia que tinha responsabilidades que o vinculavam. Se a mais ninguém, pelo menos a Thorn.

Mas eram responsabilidades que ele aceitara para si mesmo, não impostas de fora. A liberdade fora sempre o que ele desejara e o que sempre prezaria. A sua espada poderia ser um símbolo disso. Quando lutasse, como sabia que teria de fazer em breve, caber-lhe-ia conceder aos seus inimigos a libertação final. Além disso, poderia usar a Ithring para ajudar aqueles, como Alín, que precisassem de ajuda. Para cortar os seus grilhões e libertá-los, tal como ele e Thorn se haviam libertado dos juramentos de Galbatorix.

A mãe, pensou, teria ficado orgulhosa dele por isso.

– Ithring.

A palavra soava-lhe estranha na boca, mas apropriada, também. A espada em si parecia diferente: uma mudança inefável que lhe deixava a lâmina mais brilhante e limpa.

Murtagh também se sentia diferente. Guardou o compêndio e retomou a sua jornada com uma nova sensação de leveza, como se renomear a espada tivesse de alguma forma ajudado a repelir a presença opressora das cavernas. E, quando os habitantes escuros daquela cripta voltassem a atacá-lo – as aranhas-sombra e as suas lâminas rangentes e os digi-ratos apontando-lhe à garganta –, despachá-los-ia com uma eficiência calma que antes lhe escapara. Pois sabia quem era e porque estava ali e já não procurava lutar pela miséria, mas em busca da liberdade.

CAPÍTULO III



Resistir

Um brilho pálido apareceu à frente de Murtagh – derramando-se sobre uma dobra geológica –, e a sua pulsação acelerou. Finalmente!

Bachel estava ali perto. Consequia senti-la. E não só a ela, também a outros. Treze no total, pelo que contava.

Preparou-se com uma inspiração longa e lenta e um recolhimento mental. Bachel podia não ter uma legião de Eldunará para comandar, como Galbatorix, mas não era menos perigosa. Murtagh não tinha intenção de a subestimar. Ela já o havia derrotado uma vez; isso não voltaria a acontecer, independentemente da fonte do poder dela. Jurou-o a si mesmo.

Enviou um pensamento rápido a Thorn e depois continuou.

Pisava com suavidade a pedra, ao circundar a dobra geológica. Além dela, viu uma vasta câmara circular que parecia ter sido raspada no granito por uma grande mó. Mal reparou nas paredes com veios de lodo, pois viu um aglomerado de cristais brancos saídos do chão em vários ângulos. Os cristais eram semiopacos, translúcidos ao longo das suas arestas afiadas, e variavam em tamanho, desde pequenas saliências não maiores do que o espinho de uma rosa a enormes pilares tão grossos quanto um carvalho antigo. Grandes ou pequenos, os cristais brilhavam com uma radiância natural, branca e pura e bela.

No centro da câmara havia uma ampla clareira com um buraco no coração: um vazio com vinte passos de largura que se abria para profundidades ainda maiores.

No cimo da câmara havia outra abertura, e ele teve a sensação de que conduzia ao Poço dos Sonhos. Tanta caminhada, e fora dar diretamente abaixo de onde partira.

Bachel esperava-o junto ao vazio.

Ele mal a reconheceu. A bruxa ainda usava a meia máscara encantada que a transformava num ser sombrio e draconiano. Mas trocara o vestido por uma armadura que lhe cobria cada polegada do corpo, e a armadura não era feita de couro nem metal, mas de escamas de dragão.

As escamas eram preto-avermelhadas e cintilavam com uma luminescência oleosa. Emitiam um brilho fraco, brasas moribundas ainda pulsando com calor contido. As escamas deviam provir de um dragão velho, pois algumas pareciam ter sido recortadas de pedaços ainda maiores. Ao ver a armadura, Murtagh percebeu que o traje de couro que os cultistas haviam vestido para o festival do fumo negro pretendia assemelhar-se ao fantástico fato de Bachel.

Na mão, a bruxa segurava a Dauthdaert Niernen. A sua lâmina combinava com a luz do lodo ao longo das paredes.

Seis acólitos estavam à esquerda de Bachel e seis à sua direita, como duas grandes asas estendidas daquela que servia de corpo central. A impressão era ligeiramente prejudicada pelo par de acólitos que seguravam Alín entre si, com as mãos firmes em torno dos seus braços e pulsos enquanto a mantinham ajoelhada sobre a pedra.

Um hematoma avermelhado descoloria a bochecha de Alín, e havia sangue a manchar-lhe um canto da boca, mas ela tinha a cabeça erguida, e a esperança angustiada encheu-lhe o olhar ao contemplar Murtagh.

– Meu Senhor! – exclamou ela.

Uma ira sombria tomou conta de Murtagh quando viu a situação dela. Congratulou-se com essa emoção, sabendo que lhe serviria bem na luta que se avizinhava.

Os acólitos não carregavam espadas nem lanças, mas altos bastões de madeira nodosa, cada um embelezado com estranhas esculturas. Num instante bizarro, Murtagh lembrou-se de Brom. Em seguida, os cultistas bateram as coronhas dos seus bastões contra o chão, e o som ecoou repetidamente do teto abobadado. Então eles começaram a cantar num coro baixo que encheu a câmara de uma urgência crescente.

Murtagh escolheu o seu caminho entre os cristais, com o cuidado de evitar as arestas afiadas.

Quando se aproximou, Bachel levantou a Niernen e apontou-lhe a lança. Parecia não ter medo algum e disse:

– Estou impressionada, Murtagh, filho de Morzan. O poder dos sonhos de Azlagûr leva à loucura a maioria dos que se aventuram nas profundezas sob Nal Gorgoth.

– Mas não a si nem aos seus servos.

– Eu sou a Oradora. Sou a porta-voz escolhida por Azlagûr. A Sua proteção concede-me certos privilégios, bem como àqueles que escolho para meus assistentes.

Murtagh não tinha assim tanta certeza. Dispôs uma expressão casual e girou a Ithring na mão enquanto avançava, vigiando atentamente os cultistas.

– E aquelas... coisas nas cavernas? São também obra sua?

Por baixo da máscara, a boca de Bachel torceu-se de diversão.

– Não minha, Assassino do Rei. Ácaros e pulgas de Azlagûr, é o que são. Ferramentas úteis, nada mais.

Murtagh acenou com a cabeça, fingindo compreender. Os doze acólitos giraram os bastões para a posição horizontal quando ele parou cerca de dez passos à frente de Bachel. Se pudesse de alguma forma manobrar por trás deles, conseguiria conduzir Bachel em direção ao buraco no chão, e isso limitaria os movimentos dela...

Uma coluna de espesso fumo negro jorrou do buraco, tão barulhenta e rápida quanto uma queda-d'água gigante, só que no sentido ascendente. Seguiu-se o calor, tão intenso que Murtagh recuou um passo, e o fedor de enxofre era avassalador.

Bachel parecia não ser afetada. Estendeu a Niernen e deixou a ponta da lança entrar no fluxo de fumo. O brilho da lâmina iluminou a densa névoa por dentro, dando-lhe uma tonalidade sobrenatural.

Então, tão repentinamente quanto começara, a torrente cessou, e o que restava continuou a subir, erguido pelas correntes de ar aquecidas. Desapareceu nas sombras por cima deles, mas Murtagh sabia que, em poucos minutos, chegaria à superfície e daí se infiltraria pelo solo, misturando-se no ar poluído de Nal Gorgoth.

– Que lugar é este, bruxa?

Bachel levantou-se, olhos brilhantes de fúria, e a máscara emprestou-lhe à voz uma força aterrorizante.

– Diriges-te a mim pelo meu legítimo título, profanador! Este lugar é Oth Orum, o coração escondido do mundo, o centro de todo o ser, e a tua presença é uma afronta ao próprio Azlagûr. Nenhum forasteiro alguma vez aqui pôs os pés durante os muitos milhares de anos em que os Draumar o guardaram. Vir aqui não consagrado é convidar a morte, e a morte terás, a menos que percebas o teu erro e te ajoelhes diante de mim.

– Não me ajoelharei. Nem perante si. Nem perante Azlagûr. Nem perante ninguém.

A fúria de Bachel aumentou, mas controlou-se e, num tom frio, disse:

– Porquê, Assassino do Rei? Ofereci-te tudo, e ainda assim desprezas-me.

– Não, tirou-me, não me ofereceu. – Murtagh não pestanejou ao encontrar o olhar dela. – Eu sou autónomo. Por minha vontade, faço o meu caminho. Não permitirei a ninguém que me roube isso, muito menos a si, bruxa. Entregue-se agora, ou juro que os vermes se alimentarão de si neste mesmo dia.

– Profanador! – declarou Bachel. – Conspurcador! Lamentarás essas...

O chão tremeu sob eles, e um retumbo estrondoso ecoou pelas cavernas e túneis. Flocos de pedra caíram de cima, e bolhas de poeira cinzenta turvaram a câmara.

Murtagh caiu meio agachado, alarmado. Seria outra vez a magia de Bachel em ação?

Mas não, a bruxa e os seus subalternos cambalearam, como que surpreendidos, e então Bachel riu-se, num tom baixo, gutural, deliciado.

– Sentes isto, Assassino do Rei?! Sentes? Isto é Azlagûr a chegar para purgar os descrentes! Ele varrerá os indignos, como larvas diante da chama! Submete-te!

Uma certa preocupação minou a confiança de Murtagh. Ele ainda não compreendia completamente as forças com as quais estava a lidar; o que quer que estivesse no fundo do buraco, era preocupante.

Levantando a Ithring, apontou-a a Bachel, tal como ela lhe apontara a Niernen.

– Liberte Alín – disse ele, e sua voz soou mais alto. – Ela não tem nada que ver com a nossa querela.

– Ah, mas tem – disse Bachel. – Ela é minha vassala, e tu viraste-a contra mim e contra o próprio Azlagûr. Ela pagará pelos teus pecados, Cavaleiro. Pagará muito caro. O seu sangue será um sacrifício bem-vindo ao nosso temido deus.

– Mentirosa! – gritou Alín. – Hipócrita! Destruiu o nosso credo! Foi contra tudo o que nos disse que era sagrado! – Cuspiu no chão, na direção de Bachel. – É Bachel a conspurcadora! A profanadora!

Bachel virou-se, o mais ínfimo dos sorrisos sobre as suas feições distorcidas.

– Menina tola. Há verdades mais profundas do que aquilo que conheces. Tudo o que fiz foi ao serviço da vontade de Azlagûr. Atreves-te a questionar-me? Àquela que Ele escolheu como Sua Oradora?

O cabelo voou, selvagem, sobre o rosto de Alín enquanto ela abanava a cabeça.

– Como pode dizer isso? Durante toda a minha vida, adorámos os dragões, como nos ensinou. Disse-nos...

– Os *dragões*? – perguntou Bachel, com a voz tão alta que Alín se encolheu em submissão. A bruxa riu-se, e não havia nada de agradável naquele som. – Pretendes compreender o que fica acima do teu posto, *desgraça*, mas vou fazer-te a vontade desta vez. Azlagûr não tem consideração pelos pequenos vermes. Podem servi-Lo ou não, e, se não, a calamidade da Sua chegada varrê-los-á para o lado. É o que Ele deseja. É assim que deve ser. Os pequenos vermes não são deuses. São criaturas perniciosas, fracas, cegas e incivilizadas.

Os doze funcionários Draumar de bastão em riste não pareciam surpreendidos. Murtagh perguntou-se se pertenceriam ao círculo íntimo de Bachel, a par de informações escondidas do resto do culto.

– Não – disse Alín em voz baixa. Ela tremia. – Não pode ser. Porque...

Bachel bateu com a Niernen contra a pedra.

– Porque sim! Os pequenos vermes são aspetos de Azlagûr, mas *não* são o próprio Azlagûr. É ao Grande Devorador que adoramos acima de tudo. – A bruxa abanou a cabeça, com repugnância e estendeu a mão em direção ao Draumar mais próximo. – Dá-me agora a tua faca.

O acólito obedeceu retirando uma adaga de lâmina curta de dentro da manga do justilho. A lâmina de ferro parecia feita de veludo cinzento à luz dos cristais.

Bachel pegou na adaga e caminhou em direção a Alín.

– *Não!* – gritou Murtagh, e lançou os seus pensamentos à mente de Bachel, num ataque furioso.

Os passos da bruxa vacilaram, e ela parou. Murtagh esforçou-se para mantê-la no lugar enquanto avançava.

Bachel fez um gesto aos Draumar. Eles aumentaram o volume do seu cântico, e Murtagh tropeçou e caiu de joelhos quando a força total de mais doze mentes colidiu com a sua. As vozes deles enchiam-lhe os ouvidos com um ritmo palpitante. A cabeça parecia-lhe pulsar ao mesmo ritmo, e a escuridão insinuava-se-lhe na periferia da visão.

Era-lhe impossível mexer-se. A consciência de Murtagh sobre o seu corpo reduziu-se quando ele se concentrou para dentro e se blindou contra o ataque. O seu sentido de si mesmo tornou-se o centro da sua existência; era só nisso que se permitia pensar, só isso que se permitia imaginar. O que via, observava sem julgamento nem reação, como se estivesse a assistir a acontecimentos sem significado.

Bachel ergueu um braço e atirou um frasco na sua direção.

O vidro estilhaçou-se na pedra, junto à mão dele. Uma nuvem de vapor branco perlado flutuou até ao seu rosto e envolveu-se em torno dele. Mas ele não o cheirava, nem aquilo tinha efeito algum sobre ele – as suas proteções em ação.

A bruxa desnudou os dentes.

– As tuas magias não...

Outro tremor atravessou a montanha, e, por um momento, o chão pareceu erguer-se por baixo dele.

A perturbação proporcionou uma distração útil. Dois dos Draumar perderam a concentração, e Murtagh aproveitou a oportunidade para se dirigir profundamente às mentes deles. Mas apenas por um segundo. Depois, o poder combinado dos cultistas obrigou-o a recuar para dentro de si.

Bachel abandonou Alín e avançou na direção dele. A base da Niernen embatia no chão a cada passo da bruxa. Os guardas seguiram-na, dois dos quais arrastavam Alín entre si.

Bachel parou à frente de Murtagh, e os acólitos de bastão em riste fecharam-se em torno dele, formando um círculo apertado. O seu cântico aumentou de volume outra vez, uma dúzia de vozes batendo contra os seus

ouvidos, uma dúzia de mentes batendo contra a sua consciência.

– Porque te esforças tanto? – perguntou Bachel, a sua voz um ronronar baixo. – Entrega-te a mim, meu filho. Junta-te a nós. Junta-te a nós ao serviço de Azlagûr, e nunca mais serás atormentado pela dúvida. O teu lugar no mundo será assegurado, e o teu nome será cantado por mil gerações.

Junta-te a nós, cantavam os pensamentos dos cultistas, um refrão constante e enlouquecedor.

Murtagh sentiu-se fisicamente preso, segurado com demasiada força para se conseguir mexer ou até pensar. Corpos à volta dele, e vozes também, e todos os membros do grupo atacando-o em uníssono até lhe parecer que estava a lidar com uma única e enorme criatura determinada a derrotá-lo e constrangê-lo.

A mão tremia-lhe sobre o punho da Ithring. A mera ideia de se levantar e atacar chegou para que os cultistas ganhassem espaço na sua consciência. O peso das mentes deles pressionava-o, achatando-lhe o ser até a sua identidade se diluir e quase desaparecer, e era difícil dizer que pensamentos pertenciam a quem.

No entanto, ainda assim, recusava-se a render-se. Ele era soberano de si mesmo, e mais depressa morreria do que aceitaria que assim não fosse.

Um movimento súbito: Alín contorceu-se e libertou-se dos seus captores. Ela arrancou algo do pescoço do homem à sua direita, e depois seguiu em direção a Murtagh.

Bachel gritou e apontou para Alín. Uma lança de fogo saltou do dedo com garra da bruxa e atingiu Alín no peito.

O fogo passou inofensivamente à volta dela.

Com um grito desesperado, Alín chocou contra Murtagh, com os braços à roda dos ombros dele. Os dedos da jovem atarefaram-se na zona da nuca de Murtagh e...

Clareza. Alívio súbito. A pressão sobre a sua mente desapareceu, e ele levantou-se de um salto.

Um amuleto de caveira de pássaro pendia-lhe do pescoço.

A Ithring cantou pelo ar enquanto se balançava apontada ao cultista mais próximo. O homem não tinha feitiços a protegê-lo; a lâmina carmesim da espada atravessou-o quase sem resistência.

O cântico dissolveu-se num pânico discordante.

Murtagh acelerou até ao Draumar seguinte e separou-lhe a cabeça do corpo. Os cultistas estavam aglomerados perto dele, e ele movia-se com implacável eficiência entre eles, cortando braços e pernas e esfaqueando onde podia, determinado a mantê-los tão ocupados que não pudessem voltar a imobilizá-lo.

Bachel rosnou. Uma torrente de chamas disparou dela para Murtagh. Tal como aconteceu com Alín, as chamas envolveram-no sem ferimentos. O fogo arcano também não tocou em dois dos três Draumar atrás dele. No entanto, o terceiro cultista era o homem a quem Alín roubara o amuleto, e o fogo abateu-se sobre ele: a pele estalou-lhe, e os cabelos sumiram-se num clarão de faíscas laranja. Ele fugiu aos gritos, coberto por um manto de chamas.

Na sua cegueira, o homem atravessou a orla do grande buraco no centro da sala e caiu no vazio negro, as chamas atrás dele como bandeiras hasteadas no seu corpo.

Murtagh não parou para observar; em vez disso, acelerou a sua carnificina, ansioso por derrubar o resto dos guardas de Bachel antes que eles pudessem recuperar a vantagem.

Vários dos cultistas tentaram bloquear ou conter os seus ataques, alguns até o atacaram. Mas não se tratava de guerreiros treinados – não como Murtagh –, e dominou-os com facilidade.

Enquanto esgrimia, viu Alín lutar com um dos cultistas. O homem golpeou-a com o bastão, e ela caiu na pedra, inerte e imóvel.

A visão incentivou Murtagh a acelerar ainda mais. Na sua mão, a Ithring traçou uma linha de corte letal de corpo para corpo, um borrão sangrento rápido de mais para se acompanhar com o olhar. Os Draumar tombavam como ervas ceifadas.

O chão da caverna foi atravessado por um ribombo triturador. Mais poeira caiu de cima, enquanto se soltavam fragmentos dos cristais, aterrando por toda a parte numa cascata tilintante. Murtagh tropeçou e imobilizou-se, de braços estendidos.

Antes de o tremor diminuir, Bachel veio a voar na sua direção – uma forma escura perfurando as cortinas de poeira, a antiga lança empunhada diante dela.

Foi rápido a responder, mas a bruxa revelou-se mais célere ainda, pois tinha os reflexos de um elfo. A ponta da Niernen atingiu-o na lateral e, para espanto de Murtagh, furou-lhe a cota de malha e esfaqueou-o entre as costelas.

Bachel puxou a lança de volta, e ele caiu para trás, agarrado ao flanco. Ardia-lhe um fogo no peito, e, ao tossir, os seus lábios salpicaram-se de sangue. Então, Murtagh enregelou de medo, e os seus pensamentos tornaram-se duros e simples. A lâmina atingira-o num pulmão. Era um ferimento potencialmente letal, se não de imediato. Ele vira tais ferimentos no campo de batalha. O pulmão entraria em colapso ou encher-se-ia de sangue. De qualquer forma, morreria por falta de ar, a menos que se conseguisse curar.

A bruxa cantou.

– Não podes triunfar neste lugar, Assassino do Rei. Aqui *eu* tenho o poder supremo, pois *sou* a campeã de Azlagûr.

Um dos acólitos atacou Murtagh pelo lado. Ele esquivou-se de um golpe do bastão do homem e cortou-lhe o pescoço.

O cultista caiu, a gorgolejar e a espernear.

Murtagh olhou em volta, esperando outra emboscada. Não havia mais ninguém de pé no hemicírculo, a não ser ele e Bachel. Manchas escuras de sangue cobriam a pedra que rodeava os corpos dos onze cultistas caídos – o décimo segundo havia-se lançado no buraco.

A bruxa levantou a mão esquerda e fez um gesto a replicar um esmagamento. O amuleto de caveira de pássaro ao pescoço de Murtagh rachou-se e desintegrou-se num pó claro que lhe escorreu pela frente da cota de malha. Com isso, a proteção do amuleto desapareceu, e ele sentiu a bruxa lançar-lhe um novo ataque mental.

Posicionou-se contra a invasão.

Um sorriso arregalou ainda mais a boca de Bachel.

– Achavas que os meus próprios encantamentos me poderiam resistir, Assassino do Rei? – Enquanto falava, avançava para ele, como um grande gato a perseguir a sua presa.

Apesar da dor, Murtagh manteve a mente calma, clara e sem emoções. O pânico não o ajudaria. A bruxa atacou de novo, e ele amparou o golpe. O seu ferimento tornava-lhe impossível mexer-se com agilidade; deu um

esticação ao desviar a Dauthdaert, o que proporcionou a Bachel amplas oportunidades de evitar o seu contra-ataque.

– Esta resistência só te trará a morte! Ajoelha-te diante de mim!

– Não.

Mais uma vez, a bruxa dirigiu-se a ele, e Murtagh recuou à roda do buraco aberto no chão, tentando manter a distância entre os dois enquanto também afastava Bachel da forma imóvel de Alín. Pontos brilhantes de sangue caíam-lhe do flanco, deixando um rastro de manchas salpicadas, como uma linha de moedas vermelhas espalhadas atrás dele.

Nunca antes Murtagh se sentira tão desesperadamente em apuros. Nem mesmo durante a luta contra Galbatorix e Shruikan. Pelo menos nessa altura havia outros a ajudar. Ali, estava sozinho, sem Thorn, sequer, e o menor erro significaria a morte.

Poderia já estar morto.

A respiração chiava-lhe através do pulmão perfurado. Já lhe era agora difícil obter ar suficiente.

Bachel marchou sobre ele e golpeou-o com furiosa intenção: meia dúzia de facadas rápidas, que deixaram Murtagh com um pequeno corte na barriga da perna, logo acima da greva.

As suas proteções não conseguiam deter a Dauthdaert. Nenhum feitiço o conseguia. Galbatorix alegara que aquelas lanças eram as únicas armas que os dragões temiam. Murtagh acreditara nele. Ele próprio aprendera a temê-las.

Fingiu tropeçar, e quando Bachel se moveu para aproveitar a vantagem da suposta abertura... ele esquivou-se e talhou sob o braço estendido dela.

A Ithring deslizou sobre um feitiço de proteção. Mesmo sem a armadura, Bachel estaria bem protegida contra a sua espada.

Murtagh reavaliou a situação. Não derrotaria a bruxa através da força das armas, a menos que conseguisse de alguma forma quebrar-lhe as defesas mágicas.

Quando Bachel se virou de novo para ele, Murtagh dirigiu a mente contra a da bruxa com todas as partículas de força que conseguiu reunir. O ataque invisível foi tão forte que imobilizou Bachel. O rosto ficou-lhe rígido de tensão enquanto ela lutava para repelir os pensamentos intrusivos de Murtagh.

Nenhum dos dois se mexia; não lhes sobrava qualquer réstia de atenção.

A mente de Bachel era desconfortavelmente familiar a Murtagh. Quantas noites passara ela a torturá-lo, tentando quebrar-lhe a vontade na sala de horrores sob o templo?

Mas desta vez era diferente. Murtagh recuperara a sua identidade, e, embora não fosse elfo, a sua força de espírito equivalia à de qualquer elfo, assim como a sua determinação. Bachel não conseguiria afastá-lo facilmente, e cada triunfo seu sobre ela – por menor que fosse – alimentava ainda mais o seu ataque.

Ainda assim, a bruxa era forte e maliciosa. Tentar aprisionar-lhe a consciência era como tentar segurar uma fera a contorcer-se e a debater-se. Uma ínfima abertura permitiu-lhe deslocar o ataque de volta a Murtagh, e então ficou ele na defensiva até conseguir novamente começar a imobilizá-la.

Embora não se mexessem, as suas respirações tornaram-se pesadas, e escorria-lhes suor dos rostos, caindo ao chão. Murtagh sentia e ouvia o acelerado pingar de sangue do seu flanco. Cada inspiração era-lhe mais difícil do que a anterior.

Com todas essas dificuldades, fazia progressos contra Bachel. Sempre que ela se lhe escapava do alcance mental, o espaço que ele lhe dava para se mover era menor, e, pouco a pouco, Murtagh apertava mais os grilhões que cingia sobre o ser dela.

Quando Bachel percebeu o que estava a acontecer, entrou em pânico. Ele esperava que tal sucedesse. Mas em vez de o atacar ou esfaquear ou ter alguma dessas reações previsíveis, ela levantou a mão e apontou-a para Murtagh, e, para seu espanto, ele sentiu uma onda de energia na mente, e...

... fragmentos irregulares de gelo dispararam na sua direção de um terreno subitamente coberto de gelo. As pontas afiadas, como agulhas, estilhaçaram-se contra as suas proteções, mas o ar ficou dolorosamente frio nos seus lábios.

Ele rosnou. A bruxa recusava-se a aderir à única regra de um duelo entre feiticeiros: *não* usar magia até um deles deter o controlo sobre a mente do seu oponente.

O primeiro instinto de Murtagh foi atacar com os feitiços mais terríveis que conhecia – feitiços que exigiriam tanta energia dele que o poderiam matar, mas que também podiam ser a sua única hipótese de deter Bachel antes de ela o deixar sem vida. Ainda assim, hesitou. O suicídio não o atraía

– e ocorreu-lhe que Bachel tinha falta de disciplina, de treino. Ela não usava a língua antiga porque não a conhecia e estava a incumprir o protocolo de duelo por também o ignorar.

Isso não tornava a sua posição mais segura, mas significava que, se *ele* usasse magia, ela provavelmente não reagiria com força suicida, como faria qualquer mágico treinado.

Pelo menos, assim o esperava.

Mantendo a pressão sobre a mente da bruxa, gritou:

– *Brisingr!*

Com isso, permitiu que um fluxo cintilante de chamas carmesim saísse da ponta da Ithring. O fogo encantado derreteu num lampejo todos os bocados de gelo, envolvendo-se de seguida em torno de Bachel com uma intimidade intrusiva.

Pôs termo ao feitiço, vendo então a bruxa ilesa, a rir.

– Curva-te, infiel! – gritou ela.

Outro tremor sacudiu o chão. A distração permitiu a Bachel afastar ainda mais a mente da dele. Então, ela apontou-lhe a Niernen, e Murtagh sentiu uma súbita e drástica diminuição de força enquanto as suas proteções o defendiam de uma investida que ele não sentia nem via.

– *Thrysta!* – foi a sua resposta, e o feitiço teve um efeito semelhante em Bachel; o corpo dela descaiu quando o ataque de Murtagh lhe esgotou as reservas.

Lançavam feitiços com abandono selvagem, cada um tentando sobrecarregar o outro. Murtagh proferia palavras na língua antiga o mais depressa que conseguia: uma vez esgotados os meios mais óbvios de derrotar Bachel, a quantidade tornou-se mais importante do que a qualidade. A velocidade era essencial.

Nisso, Bachel tinha clara vantagem. Murtagh nunca antes percebera de facto o poder da magia sem palavras. A bruxa não precisava de parar para pensar em *como* enunciar os seus encantamentos; bastava-lhe desejá-los, e eles aconteciam. Conceitos que seriam trabalhosos ou impossíveis de expressar na língua antiga eram um assunto trivial para ela, e, na verdade, muitos dos ataques que ela lhe lançou eram de um tipo que ele teria tido dificuldade em replicar.

A limitação para ambos, claro, era a energia à sua disposição. Murtagh rapidamente esgotou o que restava no rubi da Ithring, ficando reduzido às reservas do seu corpo. E era fácil sobrecarregá-las.

Se Bachel tinha ou não reservas escondidas de energia, ele não sabia. Mas os lábios dela logo ficaram cinzentos, e a bruxa cambaleava levemente enquanto avançava sobre ele. Murtagh não se sentia melhor. Cada feitiço consumia-lhe outra porção de vitalidade, e uma letargia letal arrastava-se-lhe por braços, pernas e mente.

Entre eles cintilavam golpes avassaladores de calor e frio, luz e breu. Um vento uivava em rajadas brutais, desaparecendo um segundo depois, substituído por filamentos de noite líquida, ou então por forças invisíveis que procuravam cortar, esmagar ou induzir-se na frágil carne do inimigo. Certa vez, surgiu um duplo de Bachel ao lado de Murtagh – realista em todos os aspetos, mesmo nos poros da pele –, e a ilusão assustou-o de tal forma que a verdadeira bruxa quase conseguiu voltar a esfaqueá-lo.

Murtagh passara muitas horas, ao longo de muitos dias, pensando em ataques e contra-ataques para usar em combates contra outros mágicos. Mas nenhum dos esquemas que havia arquitetado teve sucesso contra Bachel. Nem os feitiços que ele já havia usado com eficácia no passado resultavam agora. Tentou até contornar as proteções da bruxa, como Eragon fizera com Galbatorix: ajudando-a. Também isso falhou.

Os ataques indiretos pareciam ter mais efeito. Quando um feitiço não funcionava sobre Bachel, mas sobre o ambiente ao redor dela, conseguia pressionar mais consistentemente as proteções da bruxa e, por vezes, ultrapassá-las até certo ponto.

Percebê-lo deu-lhe uma ideia.

Olhou em volta. Do outro lado da clareira, um enorme cristal branco debruçava-se sobre o espaço aberto, como uma árvore soprada pelo vento, quase a tombar. Não sabia quanto pesava o cristal, mas parecia-lhe que até Thorn teria dificuldade em erguê-lo.

Com a máxima rapidez que conseguiu, vasculhou o cérebro baralhado em busca das palavras de que precisava e, em seguida, murmurou:

– *Ílf kona thornessa thar fithrenar, thae stenr jierda.*

Era uma aposta, mas talvez...

Bachel rosnou, ficando a sua boca ainda mais descentrada.

– A tua magia não tem efeito contra mim, Assassino do Rei. Abandona o orgulho e ajoelha-te! Ainda não compreendes que não podes resistir a Azlagûr ou aos Seus discípulos? Entrega-te e serve!

Outro jato de fumo negro subiu pelo buraco no centro da caverna.

– Antes morrer.

Murtagh começou a recuar em direção ao cristal inclinado. Cambaleava e movimentava-se como se as suas forças quase tivessem cedido e estivesse prestes a desmaiar. Não era totalmente exagerado.

– Bah! – O rosto de Bachel distorceu-se numa figura repulsiva enquanto caminhava em direção a ele, de cabeça erguida, plantando a Niernen firmemente contra o chão de pedra a cada passo.

Ótimo. Estava confiante. Demasiado confiante.

Quando a bruxa se aproximou, Murtagh lançou outro feitiço, este uma tentativa de cegá-la torcendo a luz em torno do seu rosto. A magia resultou, mas apenas por um segundo, e depois Bachel acenou com a mão, e a sua força ergueu-se contra a dele. Coisa que ele não combateu.

Pôs termo ao feitiço. Mas servira o seu propósito de distrair a bruxa, de confirmar a expectativa que ela tinha de que ele continuaria a lutar até ela acabar com ele.

À medida que se aproximava do cristal, começou a surgir por cima dele o seu suave brilho.

Parou ali por um momento, apenas o tempo suficiente para Bachel se aproximar a poucos pés da sua posição.

Ela avançou, um sorriso cruel e triunfante nos lábios.

Ele deu um passo atrás.

Quando o pé de Bachel tocou na pedra diretamente sob o cristal, ouviu-se um grande estrondo, e os joelhos de Murtagh cederam devido ao dispêndio de energia exigido pelo feitiço.

O cristal partiu-se junto à base e caiu.

Bachel começou a saltar para fora do caminho, mas – mesmo com a velocidade que ela tinha – o enorme tronco de pedra facetada atingiu-a nas ancas e nas pernas e atirou-a ao chão.

Bachel foi rodeada de uma espécie de relâmpago, e, no mesmo instante, as suas proteções cederam, e os milhares e milhares de quilos de cristal esmagaram-lhe a metade inferior do corpo.

O impacto ergueu Murtagh no ar. Aterrou sentado, com um esticão doloroso, quase ensurdecido pelo som da derrocada.

Bachel gritava. Estava presa, armadilhada, e sobre ela espalhavam-se asas de borboleta de sangue carmesim. Um pedaço do cristal atingira-a na cabeça e derrubara-lhe a meia máscara. O reposicionamento parecia ter atrapalhado o efeito da máscara; o encantamento draconiano já não cobria Bachel com a sua aparência temível. Ela parecia apenas uma mulher novamente – mais pequena, diminuída, mas tão irada como sempre e longe de ser dissuadida.

– *Kverst!* – disse Murtagh, ao mesmo tempo que a bruxa gritou, em tom malévolo: – *Para!*

Os seus feitiços entrechocaram-se. Um contra o outro, e nem ele nem ela estavam dispostos a ceder. Um véu negro formava-se em redor da visão de Murtagh enquanto o calor lhe fugia do corpo. No entanto, arrastou-se até ficar de pé e deu os dois passos necessários para diminuir a distância até Bachel.

O rosto da bruxa estava torcido com o esforço, os lábios cinzentos puxados para trás num rosnido. Tinha o pescoço tenso, e as veias sobressaíam-lhe da pele como cordas emaranhadas sob a pele. Ainda segurava na Niernen, e, quando Murtagh se aproximou, ela recolheu o braço e esfaqueou-o com a lança.

Ele não tinha força nem velocidade para fugir.

A ponta da Dauthdaert escorregou-lhe no elmo com um guincho metálico, e a sua cabeça abanou enquanto absorvia a força do impacto.

Então, chegou ao alcance de Bachel. Ela já não podia voltar a atacá-lo com a lança.

Os olhos deles encontraram-se, um instante de calma em plena tempestade, e ele viu no olhar dela o reconhecimento e, pensou, a aceitação. Experimentava uma sensação de proximidade com ela, como se Bachel lhe fosse tão querida quanto Tornac ou Thorn, pois a chegada da morte destruía todas as fronteiras e todos os fingimentos.

Com o seu último resquício de força, balançou a Ithring. Um único e perfeito golpe, que atingiu Bachel na coroa da cabeça e lhe abriu o crânio.

A oposição dela desapareceu. O seu feitiço, *kverst*, surtiu efeito, e a bruxa deixou-se cair, puxando o punho da Ithring da mão dele.

Uma escuridão fria tomou conta de Murtagh, e a caverna inclinou-se em torno de si enquanto soçobrava, inconsciente.

CAPÍTULO IV



Islingr

Um estrondo profundo e triturador e o som da erupção de fumo foram as primeiras coisas de que Murtagh se apercebeu.

Depois vieram a dor, um frio tão intenso que lhe chegava à medula e uma imensa fraqueza. Precisava de comida e bebida, de tempo para recuperar. Não estava prestes a receber nenhuma dessas coisas.

Abriu os olhos. O teto abobadado estava escuro com fumo. Havia engrossado desde que ele desmaiara

Cerrando os dentes, rolou para o lado direito – onde lhe doía menos – e forçou-se a ficar de joelhos.

Olhou para o que restava de Bachel: a metade inferior presa sob os escombros cristalinos, o pescoço torcido num ângulo não natural, a Ithring ainda embutida no crânio, olhos cor de mel arregalados e sem vida. Não sentia nada, não pensava nada, só olhava para o que fizera. Era importante.

De longe, sentiu Thorn tocar-lhe a mente, um contacto longínquo mas urgente. A força de Murtagh decrescia, e os pensamentos deles fundiram-se. Por um instante, as diferenças entre ambos dissolveram-se, e ele contemplou o mundo como se fosse Thorn:

O ninho dos duas-pernas virado do avesso enquanto ele mergulhava as asas em direção às montanhas dentadas do pôr do sol. Muitas das conchas de pedra e madeira partidas e em chamas de língua quente, e as labaredas a lançar sombras cintilantes nas colinas circundantes. Corvos de olhos brancos gritavam, e cabras também, e um fluxo constante de duas-pernas de maus sonhos fugia a pé ao longo das margens da água clara, em direção à Baía de Fundor.

As asas doíam-lhe de muitos ferimentos de flecha, mas a dor não importava.

Sentiu a preocupação de Thorn. O dragão fez-lhe um pedido e deu-lhe uma ordem em simultâneo:

– *Cura-te!*

– *Eu...*

Outro estrondo sacudiu Murtagh, e do buraco ao centro da caverna vieram sons de rocha a ser esmagada e partida. A apreensão cresceu nele, e ocorreu-lhe que talvez fosse caso para ter pressa.

Pôr-se de pé exigiu-lhe um esforço concentrado da mente e do corpo, e quase voltou a desmaiar quando se levantou. Ficou quieto por um momento, instável, até que a visão clareou e o equilíbrio estabilizou. Havia largado o escudo em algum momento. Apanhá-lo do chão parecia-lhe tarefa que não valia o esforço.

Os onze Draumar jaziam do outro lado do buraco, os seus corpos tombados como bonecos partidos no meio de uma vasta poça de sangue oleoso. Alín também lá jazia, ainda imóvel.

– *Murtagh!* – A frustração de Thorn era palpável.

– *Não posso. Alín. Tenho de...*

Pressionando uma mão contra a ferida, cambaleou até à bruxa. Fez força com o pé esquerdo contra a cabeça dela e puxou a Ithring. A lâmina encravou, e ele teve de puxar mais duas vezes.

O desagrado e a pena fizeram Murtagh afastar o olhar dos seus restos mortais.

– Que sonhe para sempre – murmurou.

Ouviram-se mais sons de moagem vindos do fundo do buraco, e outro jato de fumo negro subiu pela abertura.

Com passos travados, deu a volta até chegar a Alín. Soltou um grito quando caiu de joelhos ao lado dela e o solavanco lhe causou dor no flanco.

A mulher tinha o cabelo coberto de sangue, mas ainda respirava.

Murtagh pousou a Ithring no chão e encostou a palma da mão à cabeça de Alín.

– *Wáise heill* – sussurrou.

A visão relampejou quando o feitiço surtiu efeito. Ele oscilou e caiu de lado, quase não conseguindo evitar que a cabeça embatesse na pedra. Os olhos fecharam-se-lhe.

...

O ar passava-lhe à volta da cabeça, assobiando, à medida que ele mergulhava em direção ao chão negro queimado, com as pernas encolhidas junto ao peito e à barriga. Pousou com o ribombo de um trovão. O duas- pernas-com-chifres-sem-espada virou-se para olhá-lo, surpreendido, assustado.

– Ajuda.

O duas-pernas-com-chifres compreendeu e correu para ele. Subiu-lhe para o dorso. Ele correu como um lobo até ao sopé da montanha-pedra-cinzenta.

...

Murtagh sobressaltou-se ao recuperar os sentidos, desorientado.

Junto aos joelhos dele, Alín gemia e as pálpebras tremiam-lhe.

Mais sons de embates de pedras emanaram do buraco, como se a montanha se estivesse a roer a si mesma, e a barulheira de toda aquela moagem era dolorosa.

O chão estremeceu sob Murtagh quando ele agarrou na Ithring e se forçou a levantar-se. Tossiu. Saiu-lhe um repuxo de sangue, molhado e pegajoso.

Também se queria curar, mas não tinha forças. Ainda não tinha. Mas sabia que, se não tratasse rapidamente da facada, perderia a oportunidade.

Um tremor violento fê-lo cambalear. Por toda a caverna, cristais racharam e estilhaçaram-se, embatendo no chão com notas de sino: uma cacofonia de música desconexa.

A apreensão escureceu até se tornar medo enquanto Murtagh tentava imaginar o que poderia fazer as montanhas tremerem. Bachel estava morta, por isso... Haveria alguma realidade nas crenças dos Draumar, algo além dos fumos fétidos que escoavam das rochas à volta de Nal Gorgoth?

Fixou o olhar no buraco. Ele tinha de saber.

A ponta da Ithring arrastava-se contra a pedra enquanto ele caminhava em direção ao vazio escancarado. Todos os passos lhe custavam, e sentia uma relutância crescente em olhar sobre a boca pedregosa e ver o que havia lá em baixo.

Todavia, ainda assim, aproximou-se, o corpo inteiro tenso de dor e medo.

Sentiu espasmos no chão sob os pés. Empurrou a Ithring para longe quando caiu de lado. A dor quente apertou-lhe os membros, e a visão ficou branca e depois negra.

...

A boca da montanha-pedra-cinzenta escancarava-se diante dele. Hesitou. No seu interior jaziam a dor e o medo e as correntes frias e o grilho apertado. Mas o Cavaleiro-Murtagh estava em perigo, precisava de ajuda.

Deu um passo em frente, para logo parar e gemer. Demasiado medo. Sentia no estômago um ardor-enjoo-comida-estragada.

– O que esperas? – gritou o duas-pernas-com-chifres.

Ele rosnou e rugiu e, em seguida, abanou a cabeça e girou para longe do buraco repugnante. Dois saltos de balanço, e voltou a erguer-se no ar, por cima da difícil-encosta-escancarada.

E odiou-se por isso.

...

Murtagh arfou. Onde estava?

Um pedaço de cristal do tamanho de um punho saltitou pelo chão perto da sua cabeça. Estremeceu. Usando a Ithring como bengala, fez força para se pôr de pé, agarrado ao flanco. Thorn não viria. Um pensamento quase tão doloroso quanto o seu ferimento. Desejava poder aliviar a angústia do dragão, mas tinha uma preocupação maior em mãos. Ainda assim, a ideia fixou-se como uma agulha farpada na sua mente.

Arrastou-se para a frente, desesperado, ofegante.

Um brilho prismático atravessou a visão de Murtagh. Por um momento, sentiu que estava noutro lugar, noutro *tempo*, numa planície coberta de ervas murchas, fustigada por ventos constantes...

Abanou a cabeça. *Não*. Com a sua derradeira força, cambaleou pelas jardas finais até ao buraco e deixou-se cair de joelhos diante dele.

Espreitou por cima da berma, desconfiado.

A negritude estendia-se lá em baixo, macia como asas de dragão e com uma impressão de imensa profundidade. No início, os seus olhos não conseguiam encontrar nenhuma forma no vazio, mas depois discerniu movimento, mal visível, como de um imenso rio ensombrecido a fluir.

Uma coluna de fumo retumbante emergiu.

Apesar do seu máximo esforço, a nuvem quente envolveu-o, fazendo-lhe arder os olhos e entupindo-lhe o nariz e a garganta.

Caiu para trás, sobre a pedra, e voltou a perder a noção do que o rodeava.

...

O duas-pernas-com-chifres gritava com ele e batia-lhe no ombro. Não ligou ao duas-pernas enquanto mantinha o olhar fixo na boca da montanha. O Cavaleiro-Murtagh estava a sofrer, e isso fazia-o sofrer.

O duas-pernas gritou mais alto, e, desta vez, ele ouviu as palavras:

– Que tipo de besta és tu? Dragão ou verme rastejante?! Volta atrás! Vá!

As escamas eriçaram-se-lhe, e ele rugiu enquanto a indignação lhe aumentava a ira. Em seguida, encolheu as asas, mergulhou e pousou na terra quebra-ossos, no sopé da montanha.

Antes que lhe faltasse a coragem, correu para diante, entrando no buraco-preto-húmido-cheiro-de-ovo.

Paredes de pedra cinzenta à sua volta. Ar pesado, sufoco. O espaço era muito pequeno, não se mexia, não pensava, muito perto. Como a prisão em Urû'baen. O Assassino de Dragões curvando-se sobre ele, mostrando pequenos dentes, anéis de ferro duros, chicotes a estalar...

Não conseguia prosseguir. Bateu com a cauda romba e choramingou.

Em seguida, o duas-pernas-com-chifres acariciou-lhe o lado do pescoço e disse:

– O teu cavaleiro precisa de ti, dragão. Pensa nele. Faz por ele, não por ti. Por outro, conseguimos ser fortes.

As palavras afundaram-se-lhe na mente, instalaram-se lá. Agarrou-se a elas com força desesperada. O Cavaleiro-Murtagh precisava de ajuda. E o Cavaleiro-Murtagh sempre o ajudara.

Só havia uma escolha. Era a única escolha que sempre houvera, mas ele temera enfrentá-la de verdade até àquele momento.

O primeiro passo foi impossível.

O segundo foi quase isso.

O terceiro foi apenas terrivelmente difícil.

O quarto veio rapidamente, e depois ele rastejava para a frente como quatro-pernas-sem-asas, farejando a presa. O medo da caverna não o deixara, ainda lhe parecia que o coração de sangue quente se lhe ia partir, mas conseguia mexer-se. Consequia lutar. Consequia ajudar.

Voltou a rugir.

...

Uma acidez cobria a parte de trás da garganta de Murtagh, acentuada, acre, venenosa. Acordou com um ataque de tosse seca, e cada convulsão purgante causava-lhe dores no peito.

Pestanejou para reter as lágrimas, mal se conseguindo concentrar. Thorn estava a caminho. A constatação trouxe-lhe tanto medo quanto orgulho e alívio. Se o que estava no buraco pudesse fazer mal a Thorn, Murtagh não seria capaz de protegê-lo.

Ajoelhou-se e voltou a espreitar sobre a berma do abismo, receando o que poderia ver. Tal como antes, apercebeu-se de um ténue movimento ponderoso no espaço obscuro e repleto de fumo sob a montanha.

Estendeu os seus pensamentos. Nenhum ser vivo estava lá em baixo. E no entanto... Ampliou a busca, abrindo a mente e espalhando a consciência o mais longe que conseguia através da profundidade. Alargou cada vez mais o seu terreno, até estar espraiado com a finura de uma película de sabão, e sentiu...

Sentiu uma mente.

Uma mente tão vasta como as próprias montanhas. Uma consciência tão distante da sua, como se ele fosse uma formiga agarrada a uma besta inimaginavelmente grande. Os pensamentos da mente eram como coisas frias e lentas – ilhas escuras de gelo à deriva numa corrente apática. Permeando tudo, uma sensação de terrível intenção, uma maldade antiga e calculada que pulsava como o bater de um coração monstruoso. Da mente sentiu fome, imensa e interminável, e uma raiva comprimida que não conhecia limites.

Choques de medo enregelante percorreram os membros de Murtagh.

Ao seu toque, a mente agitou-se, e os tremores e ruídos sob a caverna intensificaram-se. Murtagh sentiu a mente a voltar-se para si, concentrando a enormidade daquela consciência no único ponto do seu ser. Quando ela o encontrasse, quando o tivesse ao seu alcance, sabia que estaria perdido.

Não pensou. Não esperou. Valeu-se do que lhe restava de força e gritou o feitiço que já usara uma vez, nas planícies varridas pelo vento entre Gil'ead e a Espinha:

– *Vindr thrysta un lįjothsa athaerum!*

O ar sobre os cristais brilhantes ondulou-se como vidro e, num segundo, toda a luz da caverna se inclinou para dentro do buraco e formou uma única barra de iluminação ofuscante e branca: uma lança de fogo forjada a partir do próprio Sol.

Uma explosão de ar superaquecido atingiu Murtagh com a força de mil martelos. Atirou-o ao chão, e ele sentiu os seus órgãos deslocarem-se enquanto o mundo explodia sob ele.



Pestanejou.

Tudo ficara frio e silencioso. Cinzas desciam do teto de pedra, flocos cinzentos macios que caíam como neve.

Ergueu o troco, fazendo força com os braços contra o chão.

O buraco no centro da caverna tinha agora o dobro do tamanho, e a berma brilhava num tom vermelho fosco. Lá para baixo... nada se via. Nenhum indício de movimento além dos flocos cadentes. *Vazio.*

Um pedaço de pedra caiu do teto e saltitou pelo chão a vários metros dele. Que ele ouvisse, não fez qualquer barulho.

Tentou levantar-se, mas os seus braços e pernas não aguentavam o peso.

Procurou estender a mente, mas também isso estava além das suas capacidades. Sentia a garganta apertada e parecia-lhe estar a sufocar. A escuridão emplumava a periferia da sua visão.

Ele tentou.

Tentou tentar...

Não conseguia...

Enquanto a consciência se lhe escapava como água entre os dedos, a pedra por baixo de si tremia com o passo apressado de algo enorme e pesado a aproximar-se...

O seu último pensamento foi de arrependimento. *Se ao menos...*



Por cima dele movimentou-se uma vermelhidão cintilante, e também pinceladas brancas que se revelaram garras e dentes brancos.

Thorn. Tentou levantar-se, mas não teve forças.

Depois, tinha a silhueta com chifres de Uvek ajoelhada ao seu lado. O Urgal murmurou na sua língua gutural e encostou a dureza fria da pedra negra à testa de Murtagh.

Um bem-vindo alívio quando a dor nas costelas se esvaneceu, mas não lhe parecia mais fácil respirar, e permanecia tão fraco e indefeso como antes.

A voz do Urgal soou-lhe como que abafada por um forro de lã:

– Ele tem sangue de mais em pulmões, não suficiente no corpo. Tens de levá-lo a um dos vossos curandeiros, dragão. E depressa.

Houve então algumas sacudidelas e movimentações, e depois as formas da câmara inclinaram-se quando o Urgal lhe pegou e subiu para o dorso de Thorn.

Murtagh debateu-se com os braços do Urgal, querendo falar, mas as palavras não se lhe formaram. Frustrado, gemeu, pois havia algo que precisava de ser dito, algo importante.

O mundo ergueu-se sob ele quando Thorn se pôs de pé, e os seus olhos reviraram-se.



O ritmo familiar do trote de Thorn despertou Murtagh.

Um teto de pedra escura passou por cima deles, mais depressa do que conseguiria correr um homem. Estrondos profundos ecoaram pelo túnel – como se proviessem de um enorme tambor – e sons de rachaduras alarmantemente altos, e a montanha tremeu à volta deles.

Caíam flocos de pedra tão espessos quanto neve.

– Mais depressa! – rosnou Uvek enquanto pedras se entrechocavam sobre a sua cabeça e chifres.



Chamas apagaram-se diante deles quanto Thorn varreu o interior de uma caverna dentada por estalactites e estalagmites. Centenas de digi-ratos chiaram ao serem estorricados pelo fogo. A caverna encheu-se de um cheiro a pelos queimados que causava vômitos.

Mais daquelas grotescas criaturas subiram pelos lados de Thorn. Uvek balançou contra elas o seu punho, como se fosse um martelo, e elas caíram, desfeitas, no chão viscoso.

Thorn estalou os dentes e rasgou, e depois continuaram a avançar.

Por entre a chiadeira dos digi-ratos, Murtagh lembrou-se do que precisava de dizer.

– Alín – murmurou, mas ninguém pareceu ouvir nem querer saber.



O tempo tinha pouco significado. Estava acordado, mas a realidade aproximava-se e afastava-se da sua consciência: uma série de impressões desconexas que não lhe davam qualquer noção de lugar ou de progressão, como se estivesse e fosse ficar para sempre no dorso de Thorn, sujeito a acontecimentos sem razão nem explicação.

Sentia-se como se sufocasse. Cada inspiração era uma luta, e, quando ele perdia a luta, a escuridão invadia-o e mostrava-se-lhe uma outra ilha de realidade.

Nos seus breves momentos de consciência, continuava a tentar falar com Thorn, mas não conseguia chamar a atenção do dragão, e o fracasso era muito angustiante.

Viu cavernas e túneis sem fim. Câmaras abobadadas cheias de cogumelos a apodrecerem. Aranhas-sombra a correr sobre a pedra rachada, evitando o fogo de Thorn. Pilares de cristal e paredes com estranhas talhas que pareciam mais antigas ainda do que as ancestrais obras dos anões.

Os caminhos por que Thorn seguia eram diferentes daqueles que Murtagh tinha percorrido, e ele não reconhecia o que o rodeava.

A montanha continuava a tremer. Por duas vezes, ouviu enormes quedas de pedra, e Uvek gritou:

– Vira, vira!

E sempre a respiração arranhada de Thorn, como se o próprio dragão tivesse dificuldade em respirar.



Uma luz extremamente ténue apareceu acima deles, laranja e suave, como uma fogueira no alto de uma colina. Murtagh cerrou os olhos e tentou erguer a cabeça.

Uma fila de degraus toscos subia pela face da rocha diante de Thorn, erguendo-se em direção à abertura da caverna. Salvação. Liberdade.

Uvek gritou alguma coisa, e Thorn acelerou em frente, grunhindo enquanto saía das profundezas da montanha. Estrondos ocos ecoaram por toda a caverna em expansão, mais sonoros que nunca – ensurdecadores ribombos de trovões que vibraram através dos ossos de Murtagh.

Ele arfou e tossiu. Tinha sangue coagulado a obstruir-lhe a garganta; não conseguia deitá-lo fora, não conseguia obter o ar de que precisava.

Passos estilhaçados sob o peso de Thorn. A caverna estremeceu, e do teto desabaram pedregulhos, partindo-se e aglomerando-se à volta deles. Um bocado de pedra do tamanho de uma carroça raspou no ombro esquerdo de Thorn, derrubando o dragão para o lado. Este guinou, e a cabeça de Murtagh sofreu um esticão com o impacto.

Acenderam-se estrelas na visão de Murtagh, enquanto os extremos se cobriam de véus pretos.

Toda a caverna parecia estar a desmoronar-se. Lençóis inteiros de pedra soltavam-se e caíam até se desintegrarem numa chuva de lascas e escombros. O som era entorpecedor, estonteante, impossível de abarcar.

– Mais depressa, dragão! – gritou Uvek.

Os coágulos na garganta de Murtagh escorregaram na direção errada, e ele inalou-os. A respiração parou-lhe no peito. Não conseguia tossir, não conseguia emitir um som, não conseguia...

A cabeça atirou-se-lhe para trás quando Thorn saltou outra vez para diante. A boca da caverna encolheu quando o teto desabou, a luz laranja da liberdade diminuiu.

Uma rocha particularmente grande caiu na frente deles, e Thorn escorregou e caiu para a frente, sobre o peito.

O impacto foi brutal. A visão de Murtagh ficou branca, o seu peito convulsionou-se, e ele sentiu-se mergulhando no nada, enquanto retumbavam trovões à volta deles.

Não!, pensou.

O mundo deixou de existir.

REUNIÃO



CAPÍTULO I



Aceitação

S entia-se confortavelmente quente, e tinha um peso suave distribuído sobre ele, aconchegando-o com uma proximidade reconfortante. Sabia-o.

Uma névoa de brilho leitoso formou-se à sua frente. Pestanejou, incapaz de destringir qualquer pormenor no interior da mancha de luz.

Parecia-lhe importante levantar-se, mas os seus membros recusaram-se a reagir. Estava deitado, imóvel e inerte, excetuando a respiração.

O fluxo de ar entrava-lhe nos pulmões com suavidade e sem esforço.

Voltou a tentar mexer-se. Os seus braços moveram-se ligeiramente, e um pequeno gemido escapou-lhe da boca.

Uma mão – escura e macia – desceu para se lhe pousar no peito.

– Não te mexas. Ficaste gravemente ferido. Descansa enquanto puderes.
– A voz era suave, reservada, mas ainda assim firme.

Ele conhecia a voz. Quantas vezes a ouvira nos seus sonhos? Quantas vezes desejara (e temera) voltar a ouvi-la?... No entanto, perguntou-se: ainda estaria a sonhar?

Esforçou-se mais uma vez por se sentar, mas o esforço derrotou-o, e voltou a mergulhar na suavidade. Apesar do seu protesto interior, as pálpebras fecharam-se-lhe, e a escuridão que o esperava abraçou-o.

E não soube mais nada.



A luz dourada do final da tarde espalhava-se pelo teto de gesso. Um cheiro doce de flores permeava o ar, e havia água – como de um pequeno riacho – a correr por perto, enquanto pombas sonolentas arrulhavam suavemente por entre o farfalhar de folhas de árvore.

Uma brisa suave agitou um par de cortinas de musselina branca.

Murtagh estava deitado sob um cobertor pesado, numa grande cama de dossel. Não sentia vontade de se mexer. Tinha o corpo inteiro relaxado ao ponto da imobilidade.

Continuando a olhar para o teto, franziu o sobrolho. *Conhecia* aquele teto. Crescera a olhar para um teto igual àquele, e vê-lo novamente fazia-o sentir-se como se nada dos últimos anos tivesse de facto acontecido.

Quase acreditou nisso.

Ilirea. Estou em Ilirea. O seu estômago deu um nó ao pensar em voltar vê-la. *Mas como?*

Começou a levantar-se e ouviu:

– Ah, ah! Por favor, tenha cuidado, Assassino do Rei.

Arregalou os olhos e virou a cabeça para ver uma jovem mulher sentada ao lado da cama. Cabelo loiro preso numa trança perfeita e uma simples bata de criada, verde. Pele pálida ao redor dos olhos da cor de um céu de verão. Um hematoma com algum tempo e um par de arranhões manchavam-lhe a face e a têmpora do lado esquerdo, mas, à parte isso, tinha um ar fresco e bem alimentado, embora parecesse um pouco preocupada.

– Alín – disse numa expiração.

Atrás dela, estava Thorn agachado junto a uma enorme claraboia, com largura suficiente para o dragão lá passar. Assim que Murtagh o viu, o dragão levantou-se do chão e avançou cautelosamente sobre os tapetes típicos dos anões até aos pés da cama.

Alín levantou-se e alisou a bata.

– Deve estar faminto, Assassino do Rei. Descanse aqui, vou buscar-lhe alguma coisa.

Antes de Murtagh poder protestar, saiu apressada da sala, com a saia a balançar a cada passo. As pesadas portas de carvalho do quarto rangeram quando se abriram e fecharam. No corredor do lado de fora, Murtagh vislumbrou um par de guardas em pé.

Thorn estendeu o pescoço até o nariz tocar na mão estendida de Murtagh.

– *Estás vivo* – disse o dragão.

– *E tu também... Foste ter comigo. Dentro da caverna.*

Thorn entouu um som nasal, e os seus olhos brilharam com uma luz rubi.

– *Claro. Precisavas de mim.*

Murtagh sentia lágrimas ameaçarem escorrer-lhe pelo rosto.

– *Obrigado.*

Thorn baixou a cabeça.

– *Nunca mais terás de rastejar sozinho para caverna nenhuma. Não enquanto fores o meu Cavaleiro e eu for o teu dragão.*

Então, Thorn proferiu o seu nome verdadeiro, e Murtagh ouviu-o e sentiu a diferença no eu do dragão. O seu coração quase se partiu de alívio, e de orgulho também, por, depois de tanto tempo, o seu amigo mais próximo e parceiro de vínculo ter finalmente vencido o medo.

Então, caíram mesmo lágrimas dos olhos de Murtagh, e ele envolveu os braços em torno da cabeça de Thorn e abraçou-o com força.

– *Ah, isso deixa-me feliz. Também tenho uma coisa para te dizer.*

– *Hum?*

– *Eu também já não sou quem era nem o que era.*

E Murtagh proferiu o seu nome verdadeiro, em toda a sua defeituosa extensão, pelo que a sua própria essência foi posta a nu.

As pálpebras internas de Thorn fecharam-se com um estalido, e ele lambeu suavemente o braço de Murtagh.

– *Estás livre.*

– *Estamos ambos... Desculpa. Devia ter tido mais cuidado ao levar-nos para Nal Gorgoth.*

Um ligeiro rosnido soou no peito de Thorn.

– *O que está feito, está feito, a luta está terminada, e ainda temos a nossa liberdade. Não é assim tão mau.*

Agradecido, Murtagh encostou o peito à testa coberta de escamas de Thorn e saboreou a sua proximidade. Tudo parecia certo entre eles, e isso, mais do que tudo, era importante.

Por fim, largou Thorn e olhou ao redor do quarto.

Era uma das grandes câmaras na ala norte da cidadela, onde a estrutura tinha sido relativamente poupada pela autoimolação explosiva de Galbatorix havia mais de um ano. Murtagh lembrava-se vagamente de a divisão ser usada pelo chefe da Casa da Moeda Real, mas não conseguia ter a certeza.

Depois, olhou para si mesmo. Trazia uma camisa de linho branca que sentia suave, nas costas. Nenhuma ligadura enrolada no peito, e, embora se sentisse dorido e cansado, não tinha dores.

– *Quando é que...* – começou por dizer.

As portas do quarto abriram-se, e Alín entrou, carregando uma bandeja com pão, fruta e queijo, bem como um cântaro de barro ao lado de um cálice de cristal. Contornou Thorn, pousou a bandeja na pequena mesa ao lado da cama, e voltou a sentar-se.

Depois, pegou no cântaro e serviu vinho diluído no cálice, que lhe entregou.

– Tome. Uma bebida far-lhe-á bem, meu Senhor.

Murtagh obedeceu. Tinha razão; a sua garganta estava dolorosamente seca.

– Quatro dias – disse Alín. – É há quanto tempo está em Ilirea, Assassino do Rei. – Sorriu ligeiramente. – Pensei que poderia querer saber.

Murtagh pousou o cálice vazio na mesa lateral.

– Seria melhor se se abstivesse de me chamar Assassino do Rei aqui, Alín. Como título, não me vai favorecer em nada.

As faces dela rosaram-se, e ela baixou a cabeça.

– As minhas desculpas.

– Não é... Como é que chegámos cá? Como é que *a Alín* chegou cá? Pensei que tivesse ficado para trás em Oth Orum.

– Não, nada disso – disse Alín. – O Uvek encontrou-me e levou-me consigo para o dorso de Thorn. Estive sempre convosco.

– Não a vi.

Ela abanou a cabeça.

– Pois não, meu Senhor. Estava delirante por causa do seu ferimento.

Murtagh olhou em volta. Quase esperava ver o Urgal sair de trás de uma tapeçaria.

– E Uvek? Está cá?

– *Não* – disse Thorn, e Murtagh percebeu que o dragão falava para ambos. – *Foi ajudar o seu povo, mas convidou-nos para o seu coração, e para a sua casa, sempre que o desejarmos.*

Uma pontada de desgosto surpreendeu Murtagh. Teria gostado de agradecer pessoalmente ao Urgal.

– Compreendo.

Alín retirou da saia um pequeno pedaço de corda com um nó, áspera, castanha e desgastada, mas moldada com evidente perícia. Entregou-a a Murtagh. Intrigado, virou-a para um lado e para o outro.

Alín disse:

– Uvek deu-me isso para eu o guardar em segurança até lho entregar. Disse que significa *irmão* na língua dele.

– Irmão. – Murtagh olhou para o nó de corda e depois para o interior do seu pulso esquerdo. Para o sítio onde o corte que marcou o juramento de sangue com Uvek havia sarado. Mas não totalmente. Uma pequena cicatriz branca permanecia como um lembrete permanente. *Uma nova cicatriz para acompanhar uma antiga.* Não era um pensamento desagradável.

Com um sentimento de gratidão, enfiou o nó de corda na camisa. Sabia que iria guardá-lo em segurança para o resto da vida. A família, ao que parecia, tinha diversos formatos, e, por mais estranho que pudesse parecer, pensava no Urgal como família. Em seguida, voltou a atenção para Alín.

– Foi muito corajosa em Oth Orum. E antes, também. Se não fosse por si, nenhum de nós teria escapado.

– É muito bondoso, meu Senhor. – Apertou os lábios. – Bachel traiu as nossas crenças. Mesmo que ela estivesse a ser fiel a Azlagûr, mesmo que ela ainda servisse a Sua vontade, eu não queria participar disso.

– Ainda assim, o que fez não foi fácil. Obrigado.

As faces dela voltaram a ruborizar-se.

– O que o meu Senhor teve de suportar foi muito mais difícil.

Desconfortável, Murtagh mudou de assunto.

– Tem estado bem aqui? Trataram-na de forma justa? – *Ela* tratou-a de forma justa? Mas não expressou esse pensamento.

Alín assentiu, séria.

– Ah, sim. Muito bem.

– E Alagaësia é tudo o que esperava?

– Tudo e muito mais. Só que...

– Só que o quê?

Assumiu um semblante perturbado.

– Preocupo-me com os Draumar. Sei que Bachel morreu, mas será escolhido um novo Orador, e...

Murtagh pensou que conhecia a verdadeira fonte do seu mal-estar. Partilhava-a com ela.

– E o quê?

Alín olhou para ele com franqueza.

– Receio... – Engoliu em seco e baixou a voz para um sussurro. – E se Azlagûr se erguer mesmo?

Um arrepio infiltrou-se nos ossos de Murtagh.

– Não se preocupe. Eu e Thorn cuidaremos de que o assunto dos Draumar seja tratado. Quanto a Azlagûr...

Um ranger de dobradiças de ferro interrompeu-o quando as portas da câmara se abriram – empurradas por um par de aias – e Nasuada entrou na sala.

Como sempre, a visão dela teve um efeito físico em Murtagh: a pulsação acelerou, os músculos ficaram tensos, e ele sentiu uma alegria apreensiva. A luz das janelas emoldurava o rosto de Nasuada, enquanto ela o olhava com uma expressão séria e vigilante. Envergava um vestido de veludo vermelho com debrum dourado – uma peça tão requintada quanto as melhores que haviam agraciado a corte de Galbatorix –, com mangas curtas feitas sob medida para mostrar as cicatrizes estriadas nos seus antebraços. E uma coroa brilhante e lindamente trabalhada repousava sobre a sua testa, algo que não existia da última vez que ele a vira, no pátio diante da cidadela meia destruída de Ilirea.

Velhos hábitos fizeram Murtagh puxar o cobertor para trás e descer da cama para ficar de pé sobre as pernas instáveis. Ficou aliviado ao ver que tinha umas calças macias vestidas. Inclinou-se o melhor que pôde numa vénia.

– Vossa Majestade. – As palavras eram um eco inquietante das formalidades que observara com Galbatorix.

– Murtagh. – A expressão dela era-lhe indecifrável. Então, gesticulou para as suas servas. – Deixem-nos agora.

As aias curvaram-se e partiram. Da mesma forma, Alín levantou-se da cadeira e, com um ligeiro olhar contrito para Murtagh, saiu, apressada, da sala.

As portas fecharam-se com um pesado som perentório.

– *Não espera que eu saia, humm?* – disse Thorn, compartilhando os pensamentos com Nasuada.

A expressão da rainha não mudou.

– Claro que não. És um convidado bem-vindo, Thorn.

Murtagh perguntou-se se o mesmo se lhe aplicaria.

Uma onda de tonturas fê-lo oscilar, e Nasuada disse:

– Senta-te antes que caias.

Com alguma gratidão, Murtagh baixou-se até se sentar à beira da cama.

Observou, cauteloso, quando Nasuada se aproximou com passos perfeitamente medidos e se acomodou no assento recém-desocupado por Alín.

– Tens de ser cauteloso. Não havia a certeza de que sobreviverias. Estavas cego de febre e delirante quando Thorn te trouxe. Os meus feiticeiros tiveram de trabalhar muito, e com esforço, para te salvarem.

Murtagh pestanejou. As atenções dos Du Vrangr Gata não eram bem o que ele desejava, mas, afinal, estava vivo, e por isso ficou-lhes grato.

– Nesse caso, estou em dívida para com eles. E consigo. – Mais tarde, teria de usar o Nome dos Nomes para remover quaisquer encantamentos indesejados que os magos de estimação da rainha pudessem ter colocado nele. *Assim como Bachel*, pensou com súbito alarme.

Nasuada inclinou a cabeça.

– O trabalho não foi inteiramente deles. Foi-me dito – os olhos dela desviaram-se para Thorn – que o teu companheiro, o Urgal Uvek, usou um amuleto que foi suficiente para te impedir de morreres lá.

– Ele fez muito mais do que isso. – Murtagh pronunciou as palavras seguintes com cautela. – Quem mais sabe que eu e Thorn estamos em Ilirea?

Ela virou-se, tirou um damasco seco do prato na mesa lateral e deu-lhe uma minúscula dentada.

– Se queres saber se o povo da cidade está neste momento reunido do lado de lá destas paredes, clamando pela tua cabeça... Descansa, não está. Thorn foi cuidadoso na sua aproximação. Procurou-me mentalmente, durante a noite, e eu certifiquei-me de que ninguém ouviria as asas dele ao trazer-te para este mesmo quarto. – Aguardou enquanto ele bebia outro gole. – Só eu, as minhas servas e alguns dos meus feiticeiros sabemos que cá estás, e todos eles me juraram o máximo sigilo na língua antiga.

Isso fez Murtagh sentir-se melhor. Mas só um pouco.

– E o que dizer de si? – perguntou. – Quer reclamar a minha cabeça, Vossa Majestade? – Tremia ligeiramente, e não sabia bem porquê. Esperava passar despercebido.

A rainha demorou a responder.

– Isso depende. – A sua postura aligeirou-se então um pouco, e, pela primeira vez, um profundo poço de preocupação apareceu-lhe nos olhos. A visão deixou-o desequilibrado. Não estava habituado a tal consideração. – Murtagh... O que aconteceu? Thorn disse-me algumas coisas, mas nem todas faziam sentido, e Alín insistiu que não lhe cabia a ela contar. Que eu saberia o resto por ti. A verdade.

– A verdade... – Murtagh estendeu a mão, pegou no prato de comida da mesa lateral e colocou-o ao seu colo. – Se me permite.

– À vontade.

Arrancou um pedaço de pão e emparelhou-o com o queijo duro de ovelha. Mastigava sem pensar, sem sentir, apenas em busca de forças para dizer o que era necessário.

Nasuada esperou sem reclamar. Continha uma quietude não muito diferente da de Uvek: uma vigilância paciente e cuidadosa, como um caçador observando um animal perigoso.

Murtagh sabia que era esse animal.

Engoliu.

– Recebeu a minha carta? Enviei-lhe uma carta de Gil’ead.

Nasuada assentiu.

– Chegou dois dias antes de ti. Devo dizer que levantou mais perguntas do que respondeu.

– Ah. Pois bem... Por onde começar?

Começou pelo início, no dia em que eles se haviam separado – no dia em que Galbatorix morrera –, quando Umaroth o advertiu acerca do enxofre e do fogo, sem aprofundar muito. Falava devagar, com pausas, de início sentindo dificuldade em enquadrar as coisas nas palavras adequadas. Nasuada não o pressionou, e as palavras começaram a chegar-lhe mais facilmente à medida que avançava. Pelo menos por um tempo. Contou-lhe as suas suspeitas e as razões pelas quais as tinha perseguido, e como essa perseguição o levava a Ceunon e daí a Gil’ead.

Falou-lhe de tudo o que acontecera em Gil’ead, de Carabel e Muckmaw e do Capitão Wren e dos traidores dentro dos Du Vrangr Gata – de Lyreth e da caixa emaranhada, e da destruição que daí resultou.

Nasuada ouvia sem o interromper, mas ele via a expressão dela suavizar e endurecer, alternadamente, e muitas vezes não conseguia perceber porquê.

Depois, relatou a grande fuga dele e de Thorn para o norte. As montanhas e as manadas de veados e as aldeias dos Urgais. Ia bebendo e comendo conforme conseguia, mas perdeu o apetite quando chegou a altura de falar de Nal Gorgoth.

Murtagh vacilou, então, e as palavras voltaram a ser-lhe difíceis. No entanto, persistiu. Falou sem moderação da aldeia, e de Bachel, e dos seus erros, que haviam permitido à bruxa ludibriá-los e aprisioná-los, a ele e a Thorn.

Não fez qualquer tentativa de esconder o que lhes acontecera enquanto estavam sob o jugo de Bachel. Contou a Nasuada cada detalhe sórdido, e, enquanto falava da tortura, ela pousou a mão na de Murtagh, e a compreensão nos olhos dela doía-lhe mais do que aquela recordação.

– Deve odiar-me pelo que eu lhe fiz – disse ele com voz embargada.

– No início, mas só no início. Não tinhas alternativa.

Murtagh apertou-lhe os dedos, um agradecimento silencioso. Ainda assim, a sua culpa permanecia.

– Não sei como aguentou. Eu... Eu não teria aguentado.

– Ajudou saber que te preocupavas comigo.

Os olhos dele voltaram a encher-se de lágrimas, e olhou pela janela, incapaz de suportar a observação de Nasuada.

– Ela dominou-me. E não havia nada que eu pudesse fazer a esse respeito. Eu... – A voz falhou-lhe, e sentiu a garganta apertar-se-lhe como um punho cerrado.

Em seguida, contou-lhe o ataque aos Orthroc. As imagens que lhe enchiam a cabeça eram piores do que qualquer pesadelo, e quando tentou explicar quem havia matado – tentou descrever os corpos caídos, grandes e pequenos –, as suas emoções irromperam, e chorou abertamente, sem vergonha.

Nasuada mexeu-se, e ele sentiu a mão dela na parte de trás da sua cabeça e inclinou-se na direção dela enquanto a dor seguia o seu curso. Ela abraçou-o, e a presença de Nasuada era um bálsamo para a sua alma.

Passado algum tempo, encontrou forças para continuar.



– Achas que a criatura que sentiste era Azlagûr?

Estavam sentados junto à claraboia, olhando para um pequeno átrio com um freixo ao meio e um riacho artificial que ondulava por entre plantas perenes. Havia pombos empoleirados nos ramos do freixo, e um esquilo atrevido de cauda vermelha corria para cima e para baixo no tronco, tagarelando a cada movimento.

Depois de falar durante tanto tempo, Murtagh já não suportava estar na cama. Por isso, mudaram-se para o parapeito, ao lado de Thorn. As pernas de Murtagh estavam rígidas e fracas, mas Nasuada ajudou-o, sem fazer qualquer comentário, cingindo um braço apertado em torno da cintura dele.

O cheiro dela era completamente diferente do fedor de enxofre: doce, limpo e saudável. Isso dificultava-lhe a concentração.

– Não sei. Quando muito, acredito que era aquilo que os Draumar *acreditam* ser Azlagûr.

Nasuada ergueu o olhar sobre os muros do átrio, para o horizonte ocidental. O sol começava a pôr-se, e os edifícios de Ilirea projetavam longas sombras em direção à cidadela. A serenidade da cidade contrastava fortemente com a última vez que ele a vira: coberta de fumo, iluminada com fogo e ecoando o clamor discordante da batalha. Não muito diferente das suas últimas visões de Nal Gorgoth...

– Achas que o mataste? – perguntou ela.

– Espero que sim, mas... temo não o ter conseguido.

Nasuada voltou a olhar para ele, e Murtagh viu a preocupação espelhada nos olhos dela.

– Como pôde uma criatura tão grande passar despercebida durante tanto tempo?

– Não sei se passou. Os Draumar sabem da sua existência, e os dragões também, ao que parece. Alguns deles, pelo menos. – Coçou a barba. Estava a ficar maior do que gostava. – Preciso de falar com Eragon, de avisá-lo. E quero interrogar Umaroth e descobrir exatamente o que sabe ele e os outros Eldunarís. Pedir-lhe-ia que enviasse um mensageiro em meu nome, mas não confiaria isto a um pergaminho nem à mente de alguém. Além disso, um mensageiro seria muito lento e... Não, assim que estiver em forma, irei com Thorn ao Monte Arngor.

– Isso pode não ser preciso.

– Hum?

Nasuada gesticulou em direção à parte principal da cidadela.

– Antes de sair, Eragon encantou um espelho mágico, para eu poder comunicar com ele mais facilmente do que por mensageiro. Fez o mesmo a todos os reis e rainhas da nossa terra.

Murtagh permitiu-se esboçar um sorriso melancólico.

– Claro que encantou. Está a ficar esperto... Falou-lhe de mim?

– Desde que chegaste, não.

Ele assentiu.

– Certo. Bem, talvez o seu espelho seja suficiente. Eu preferiria evitar voar até Arngor, se esta criatura andar à solta em Alagaësia.

A preocupação ensombreceu o semblante de Nasuada.

– Quão grande ameaça achas mesmo que é?

– Não sei, mas... – Abanou a cabeça. – Se metade do que vi for verdade, Azlagûr pode ser mais perigoso do que Galbatorix alguma vez foi.

Nasuada apertou os lábios e, por alguns minutos, assistiram ao pôr do sol em silêncio. Ela era das pessoas que tinham uma verdadeira compreensão da crueldade e depravação de Galbatorix e testemunhara em primeira mão a extensão impressionante do seu poder. O rei humilhara-os a todos. Fora apenas através da maior das sortes – e não de uma pequena habilidade – que o haviam superado.

Ela virou-se para Thorn.

– E tu? Sentiste alguma coisa deste Azlagûr?

– *Não. Estava muito ocupado a arrasar Nal Gorgoth, e, quando encontrei Murtagh, as cavernas estavam vazias, à exceção dos vermes.*

– O que há a fazer – disse Murtagh – é encontrar El-harím e os túmulos de Anghelm e outros lugares onde haja fumo negro a sair do chão. Talvez demos com Azlagûr num desses sítios ou possamos pelo menos saber mais.

– El-harím – ponderou Nasuada. – Que estranho.

– Conhece?

– É o nome de uma rima antiga. – Fez uma pausa, considerando, e então recitou:

Em El-harím vivia um homem, um homem de olhos amarelos.

A mim, ele disse: «Cuidado com os sussurros, pois eles sussurram mentiras.

Não combatas os demónios das trevas,

*Pois na tua mente deixarão uma marca;
Não escutes as sombras das profundezas,
Pois te assombrarão mesmo enquanto dormes.»*

As palavras soaram a Murtagh com inesperada familiaridade. No início, não estava a situá-las, mas depois lembrou-se: o Salão da Profetisa, quando Nasuada permitiu que ele lhe tocasse na mente para lhe provar as suas intenções.

– Ah! Usou esse poema para blindar os seus pensamentos.

Nasuada assentiu, e ele viu uma sombra da memória nos olhos dela.

– Aprendi a rima quando era criança, em Surda, mas não me lembro de nada da sua origem.

Murtah fez uma cara desapontada.

– Na primeira vez, só apanhei bocados. Tinha-me esquecido completamente deles. – Abanou a cabeça, sombrio. – Mais uma prova de que alguma coisa dos Draumar é conhecida há muitos anos. Se tivéssemos os olhos apontados para ver, e os ouvidos para ouvir, poderíamos ter descoberto a sua existência há muito tempo.

– A tua menção aos olhos faz-me perguntar – disse Nasuada. – Seriam os de Grieve amarelos?

– Não. Amarelos não eram. Uma coisa é certa: os Draumar têm de ser erradicados, e as crianças que eles roubaram precisam de resgate. Também quero ter uma conversa com o Capitão Wren e pôr um ponto final naquela história dos filhotes de felinumano, seja lá qual for. Assim que conseguir, partiremos.

Nasuada levantou o queixo. O diamante incrustado no centro da sua coroa brilhava à luz avermelhada do pôr do sol.

– Esqueces que não te dei licença para deixares Ilirea.

Murtagh analisou-a, sem saber bem qual era a jogada dela. De uma forma descontraída, deixou o seu olhar vaguear pelo quarto. Haveria soldados ou feiticeiros escondidos atrás das paredes? Esteve prestes a procurar mentalmente, mas depois decidiu que não queria saber. Se Nasuada se voltasse contra ele, preferia deixar isso para o futuro. Ainda assim...

– *Thorn, conseguiste recuperar a Ithring quando me salvaste?*

- *Consegui, sim.*
- *Trouxeste-a para cá?*
- *Trouxe, sim.*

Murtagh voltou a olhar para Nasuada e, num tom de voz inexpressivo, disse:

- Por acaso não vejo a minha espada. Sabe onde está?

Um leve sorriso tocou os lábios de Nasuada.

– Pensei que acabarias por perguntar por ela. – De dentro de uma dobra do vestido, retirou um pequeno sino de prata que tocou duas vezes antes de o voltar a guardar.

Mais uma vez, as portas de carvalho abriram-se, e Alín entrou. Pousadas nos braços, ela carregava a Ithring e a Niernen. E não só. Por cima das armas estava o pacote de pano que Murtagh reconheceu como contendo a escama de Glaedr e, ao seu lado, um cálice de latão amolgado que lhe era familiar.

Alín trouxe os itens até Murtagh. Um a um, entregou-lhos, e depois fez uma vénia a Nasuada e disse:

- Vossa Majestade.

Preparava-se para regressar, mas Nasuada estendeu a mão num gesto de comando.

- Um momento, Alín. Diz-me, tens algum motivo de queixa de Ilirea?

Alín fez uma ligeira vénia.

- Oh, não, Vossa Majestade. De forma alguma.

– E estarias disposta a aceitar-me como tua rainha e servir-me como minha súbdita fiel?

Murtagh captou um relancear rápido e inseguro de Alín, mas depois ela disse:

- Se me aceitar, Vossa Majestade.

– Excelente – disse Nasuada com desenvoltura. – Então, está resolvido. Amanhã poderás ajuramentar-te formalmente a mim na corte. No entanto, há outra questão. Murtagh contou-me muito da tua história, e parece-me ser uma pessoa de espírito e coragem invulgares. Seria tolice da minha parte, como rainha, ignorar tais virtudes. Assim, pergunto: também estarias disposta a aceitar uma posição como uma das minhas empregadas reais?

Alín ficou muito quieta e, quando respondeu, fê-lo num fio de voz:

- É uma grande honra que me oferece, Vossa Majestade.

– É.

Um leve tremor perpassou Alín.

– E se eu declinar, Vossa Majestade?

– Então, desejar-te-ei boa sorte, e poderás seguir a vontade do teu coração aonde quer que te leve.

Alín ergueu a cabeça, os olhos brilhando.

– Nesse caso, aceito com orgulho.

Nasuada acenou com a cabeça em reconhecimento.

– A chefe da minha comitiva, Farica, falará contigo sobre as tuas funções e responsabilidades.

Mais uma vez, Alín fez uma vénia.

– Obrigada, Vossa Majestade.

– Agora, podes ir.

Enquanto se retirava, Alín deu a Murtagh um aceno curto com a cabeça e murmurou, aparentemente por hábito:

– Assassino do Rei.

Murtagh pestanejou, e o rosto da rapariga empalideceu quando ela se apercebeu do que dissera. Baixou a cabeça e saiu apressada.

Assim que Alín partiu e as portas se fecharam, Nasuada virou-se para Murtagh. Ele tinha dificuldade em olhá-la nos olhos, mas olhou-a nos olhos.

– Fiz bem? – perguntou.

– Fez – disse.

Sozinha e sem um nome de prestígio, Alín teria dificuldades fora de Nal Gorgoth sem patrocínio ou proteção, de um tipo que Murtagh não estava em posição de fornecer. Elevá-la a empregada real fora um ato de caridade por parte de Nasuada, mas ele sabia que havia mais do que isso. Reis e rainhas não se podiam dar ao luxo de pensar apenas em caridade. Alín era o seu elo mais forte com os Draumar, e a sua melhor fonte de informação sobre o culto. Era sábio da parte de Nasuada mantê-la próxima e ganhar a sua lealdade para que os outros não a virassem contra eles. *Muito bem feito, mesmo*, pensou.

– Ela tem-te em alta consideração – disse Nasuada, e não havia como não dar pelas arestas ligeiramente afiadas da sua voz.

Com indiferença, Murtagh respondeu:

– E eu tenho-a a ela em grande consideração. Se não fosse Alín, eu e Thorn ainda estaríamos à mercê de Bachel.

– Humm.

– E por isso lhe agradeço a gentileza que lhe demonstrou.

Depois de um momento, Nasuada cedeu.

– Era a coisa certa a fazer.

– Alín era muito dedicada a Bachel, mas Bachel traiu a confiança dela. Ela não voltará a entregar a sua lealdade facilmente, acho, mas, quando vir a sua justiça, honra e bondade de carácter, estou confiante de que será igualmente dedicada a si. Ela precisa de alguém a quem respeitar e em quem acreditar.

– E serás tu esse alguém?

Ele virou-se para a olhar de frente, com uma expressão franca.

– Não tenho nem motivo nem desejo de comandá-la, a ela ou a qualquer outra pessoa. Esses dias já lá vão.

– A sério? – Nasuada pegou um dos cálices pousados no parapeito e bebeu dele. – *Assassino do Rei*. Nunca tinha ouvido esse título antes.

– Nunca ambicionei ser chamado assim.

– Não? Desejaste muitas vezes a morte de Galbatorix. E escolheste matar Hrothgar.

Diante da sinceridade dela, não tinha defesa.

– Escolhi, sim. Estava... zangado.

Ela assentiu.

– O meu pai e Hrothgar eram amigos. Sabias? Mesmo quando estavam em desacordo, respeitavam-se mutuamente e, muitas vezes, encontravam tempo para falar sobre assuntos alheios às responsabilidades de governar. Eu conheci Hrothgar quase toda a minha vida. De muitas maneiras, ele era o mais aproximado que eu tinha de um tio.

Não havia acusação na voz de Nasuada, apenas uma afirmação de factos com tristeza subjacente.

Murtagh olhou para a Ithring e a Niernen.

– Recrimina-me por matar Hrothgar?

Ela demorou a responder, mas tinha a voz firme quando falou.

– Sim. Recrimino. – O coração de Murtagh afundou-se-lhe no peito, e ergueu o olhar, vendo-a olhar para ele com o mesmo nível de franqueza que Murtagh demonstrara. – Mas compreendo.

Ele não sabia como responder.

Para seu alívio, Nasuada desviou a atenção para a espada e estendeu a mão para tocar na bainha carmesim.

– Esta crista não é a mesma de que me lembro.

– Mudou quando lhe troquei o nome.

Nasuada ergueu as sobrancelhas.

– Da Zar’roc? Podes fazer isso?

– Posso. Fiz. – E disse-lhe o novo nome.

A expressão dela suavizou-se, então, e ela murmurou:

– Ithring. *Liberdade...* É um bom nome. Melhor que Zar’roc.

Murtagh ficou surpreso por a aprovação dela significar tanto para si. Pensativo, deslizou a mão pela frieza suave da bainha, ainda não acostumado ao novo significado associado à arma. Em seguida, pousou a espada, a escama de Glaedr e o cálice de latão no chão, ao lado da cadeira, e segurou na Niernen, com a ponta virada para o teto.

– Temo que possamos precisar mais da Dauthdaert do que da minha espada.

Nasuada olhou para a lâmina brilhante da lança.

– Vais usá-la?

– Acho que sim. Juntamente com a Ithring.

– Um cavaleiro empunhando uma lança destinada a matar um dragão.

Não creio que os elfos aprovem.

– Porque não? Contanto que não incomode Thorn...

– *Carrega quantos dentes ou garras precisares* – disse o dragão.

Murtagh inclinou a Niernen para Thorn em reconhecimento.

– Então, assim farei.

Nasuada uniu as sobrancelhas.

– Não explicaste como foi essa arma parar às garras dos Draumar.

– Se soubesse, teria explicado... Ah! – Murtagh mudou de expressão quando outra memória lhe ocorreu. – Espere. – Pousou a lança no chão, cuidadosamente, ao lado da Ithring. – Vi alguém entre os visitantes que foram a Nal Gorgoth. Alguém que reconheci como Varden. Alguém do seu círculo de conselheiros.

O sobrolho de Nasuada franziu-se mais ainda.

– Quem?

– Não sei. Não sei mesmo. Tentei lembrar-me, mas não consigo. Os efeitos da Respiração eram muito fortes. Thorn, tu...

O dragão abanou a cabeça comprida.

– Não. Sei de quem falas, mas não consigo nomeá-lo melhor do que tu.

– *Barzûl* – disse Nasuada.

Levantou-se e pôs-se a caminhar diante do parapeito, de braços cruzados, brincando com os dedos nos punhos de renda das suas mangas curtas.

– Alguém da sua corte viajou no último mês?

Nasuada parou junto à sua cadeira.

– Demasiadas pessoas, infelizmente. E não posso desatar a acusar os meus ministros mais fiáveis sem uma razão férrea. Tens a *certeza* de que não te recordas?

Murtagh estendeu as mãos.

– Se pudesse, recordaria.

Nasuada bateu com a mão no parapeito.

– Se voltasses a ver esse homem, achas que o reconhecerias?

Murtagh refletiu.

– Acho que sim.

Nasuada assentiu.

– Então vou ver como encontrar um esconderijo a partir do qual possas ver a minha corte.

Murtagh levantou-se também e juntou-se-lhe à janela. Sentia as pernas um pouco mais fortes.

– Não há como saber quem pode estar a trabalhar contra si.

– Achas que não sei? – disse Nasuada. – Estes Draumar parecem ter-se infiltrado em todo o meu reino. Alguns Du Vrangr Gata aliaram-se no culto, e agora nem sei se posso confiar nos capitães do meu exército. A cada esquina, vejo enredos, esquemas e facas à espreita nas sombras.

Ela mantinha-se controlada como sempre, mas a sua angústia era palpável. Murtagh não sabia como lhe responder. Incapaz de pensar em algo para dizer, ousou pousar-lhe a mão no ombro.

Uma rápida respiração de Nasuada, e esta descruzou os braços e olhou para ele com tal expressão que Murtagh não teve a certeza se ela achou o gesto reconfortante ou se estava prestes a chamar os guardas para que fosse arrastado dali.

Tirou a mão.

– Fica – disse ela com uma voz calma e tranquila.

– O que é que...

– Não vás à procura de Azlagûr. Por enquanto, não. Deixa-me enviar os meus homens. Fica cá, em Ilirea.

Murtagh sentiu um aperto na garganta.

– Como?

– Não perguntes *como*. Pergunta *por quê*. Por mim. – O olhar dela penetrou nele como se procurasse algum indício da sua reação. – És a única pessoa em quem posso confiar nestes assuntos. A única pessoa em relação à qual não tenho de recear que possa ser corrompida por ouro, magia ou promessas de poder.

Murtagh estava com tanta dificuldade em respirar quanto em Oth Orum.

– Nasuada... Como funcionaria isso? O seu povo odeia-me, especialmente depois do que eu e Thorn fizemos em Gil'ead.

– Ninguém precisa de saber que estás em Ilirea. Há maneiras. Confia em mim.

Escapou-lhe uma gargalhada agreste.

– Serei eu a sua vergonha secreta, então? O seu feiticeiro de estimação trancado numa torre, escondido de todos? E Thorn? Ele não pode...

Ela interrompeu-o pousando-lhe uma mão no centro do peito. Sentia o calor da pele dela através da camisa.

– Não pretendo enjaular-te, Murtagh. Nem a ti nem a Thorn. Só sugeri esconder a tua presença porque pensei que era esse o teu desejo. Se queres dar-te a conhecer, apoio-te perante toda a Alagaësia.

– Faria isso? – A pergunta fê-la retesar-se. – Já contou ao seu povo como ajudámos a matar Galbatorix?

Falando com cautela, Nasuada disse:

– Deixei claro que não és nosso inimigo, mas a palavra demora tempo a espalhar-se, e as pessoas tendem a acreditar no que é mais fácil. Fica nas sombras, se desejares, mas se, ou quando, te sentires confortável sob a luz, poderás mostrar-te, e ninguém (muito menos eu) te deterá. A escolha é tua. Da mesma forma, se quiseses partir, parte. Mas, por enquanto, fica.

Um momento de pausa, e depois, com uma voz ainda mais suave, acrescentou:

– Não to peço apenas por razões de Estado.

As palavras eram formais, mas ele reconheceu a sua intenção, e o seu coração disparou sob a mão dela. Pousou a sua mão na dela.

– Não jurarei fidelidade aos Du Vrangr Gata.

– Eu sei.

– Nem à coroa. Nem à tua nem à de ninguém.

Ela aproximou-se.

– Também sei disso.

Ele abanou a cabeça, mas não a afastou.

– Pedes-me para confiar em ti, mas como podes tu confiar em *mim* depois do que te fiz? – Não fez qualquer tentativa de esconder a sua angústia.

Ela inclinou a cabeça para trás. Tinha os olhos reluzentes de lágrimas.

– Porque posso. Confio.

Murtagh apertou os lábios, cada músculo do corpo tenso, como se se preparasse para fugir. Um ligeiro tremor atravessou-o, e ele sentiu um tremor semelhante através das costas da mão de Nasuada.

Olharam nos olhos um do outro, sem falar. Um novo entendimento chegou então a Murtagh, desdobrando-se camadas de revelação dentro de si.

Olhou para Thorn, e, em resposta ao seu pensamento inquiridor, o dragão cantarolou.

– *Sim.*

Uma trepidação imobilizou Murtagh. Temia falar, entrar no desconhecido. Mas era necessário, por isso deixou de lado as suas preocupações, embora se sentisse desnudado e indefeso, vulnerável ao menor arranhão.

– Em que ficamos, Murtagh? – perguntou Nasuada num tom de voz gentil.

A dor dele era tão forte que quase se riu.

– *Murtagh.* Filho de Morzan. Assim o mundo me conhece e por isso me amaldiçoa.

– Isso é porque não te conhecem como eu.

– E, no entanto, é quem eu sou. É quem tu queres que fi...

Os dedos de Nasuada apertaram-se contra o peito dele.

– Não és só isso.

– Não. – Respirou fundo, o ar entrecortado. – Não, tens razão.

Ela assentiu com a cabeça.

– É um bom nome. Murtagh. Gosto.

As palavras falharam-lhe. Durante um momento atemporal, ficaram como estavam, sem se quererem afastar, e nada mais existia além dos dois.

Então, Thorn bufou, e Murtagh pestanejou. Tinha humidade nos cantos dos olhos.

Nasuada baixou a mão. Murtagh sentiu a falta do toque dela com uma força quase física, uma ausência fria que o fez sentir uma dor no coração.

Ela virou-se, foi até à janela e contemplou os telhados de Ilirea. Tinha o pescoço e as costas impecavelmente direitos, mas a voz acusava uma ligeira hesitação.

– Então, o que decides?

Murtagh juntou-se a ela. Ficaram a olhar para o exterior, lado a lado.

A cidade estava quase mergulhada na sombra. Os altos muros exteriores bloqueavam a luz da noite, que se deslocava para oeste, e velas e lanternas brilhavam entre as ruas escuras, onde bandos de crianças descalças brincavam com cães. Muito além dos limites externos de Ilirea, o sol de aro vermelho assentava no extremo das planícies, e a terra parecia estranhamente desolada, uma lembrança desconfortável das suas visões em Nal Gorgoth.

Teve então uma premonição do perigo que se acumulava contra eles. Tempos difíceis se avizinhavam. Disso, tinha a certeza. No entanto, apesar de tal perspectiva, sentiu uma espécie de renascimento, vindo das ruínas reconstruídas do seu passado. E uma sensação de conforto, também, pois aqueles de quem mais gostava estavam junto a si, e isso era uma coisa nova e bem-vinda.

...

– Ficarei



APÊNDICE



Nomes e Línguas



SOBRE A ORIGEM DOS NOMES

Aos olhos do observador fortuito, os vários nomes que um intrépido viajante encontrará um pouco por toda a Alagaësia poderão parecer uma coleção aleatória, sem qualquer coerência, cultura ou história inerentes. No entanto, como em qualquer terra repetidamente colonizada por diferentes culturas – e, neste caso, por diferentes raças –, Alagaësia foi buscar os seus nomes a um vasto número de origens únicas, entre elas a língua dos Anões, dos Elfos, dos humanos e mesmo dos Urgais. Assim, temos o Vale de Palancar (um nome humano), o rio Anora e Ristvak’baen (nomes élficos) e a Montanha Utgard (um nome dos Anões), todos locais a meia dúzia de milhas uns dos outros.

Embora este aspeto possua grande interesse histórico, é frequente gerar confusão no que diz respeito à pronúncia correta. Infelizmente, não há regras definidas para os neófitos. É necessário assimilar cada nome nos seus próprios termos, a menos que se consiga situar de imediato a sua língua de origem. O assunto torna-se mais confuso quando nos apercebemos de que, em muitos locais, a população residente alterou a pronúncia e a escrita de palavras estrangeiras, adaptando-as à sua própria língua. O rio Anora é um exemplo perfeito. Originalmente, «anora» escrevia-se «äenora», que significa *largo* na língua antiga. Nos seus escritos, os humanos simplificaram a palavra para «anora», o que, aliado à alteração das vogais, em que «äe (ai-e)» passou a ser pronunciado mais facilmente como «a» (â), deu origem ao nome tal como aparece na época de Eragon.

Para facilitar a tarefa aos leitores, compilei a lista que se segue, com a ressalva de que são apenas linhas de orientação elementares para uma pronúncia real. O entusiasta deverá estudar as línguas de origem, de forma a dominar as suas verdadeiras peculiaridades.

Pronúncia

Alagaësia – Alâ-GUEI-zia
Arya – Á-ri-a
Azlagûr – AZ-lâ-gur
Bachel – Bâ-CHEL
Brisingr – BRISS-ing-guer
Carvahall – CÁR-vâ-ál
Ceunon – CI-u-nõ
Dras-Leona – DRÁS-li-OU-na
Draumar – DRÁU-mar
Du Wieldenvarden – Du-VEL-den-VÁR-den
Ellesméra – É-lés-MI-ra
Eragon – É-râ-GÓN
Farthen Dûr – FÁR-dên-DIURE
Galbatorix – Gal-bâ-TÓ-rics
Gil’ead – GUIL-i-d
Glaedr – GLÂI-dêr
Hrothgar – HROTH-gar
Ithring – ITH-ring
Lyreth – LÁI-reth
Murtagh – MÊR-tág
Nasuada – Na-SU-a-da
Niernen – Ni-ÉR-nin
Oromis – ÓR-â-mis
Ra’zac – RÁ-Á-zac
Saphira – Sa-FI-ra
Shruikan – CHRU-quin
Teirm – TIRM
Tronjheim – TRON-djim

Umaroth – U-MÁR-oth

Urû'baen – URU-bei-ne

Vrael – VREIL

Zar'roc – DZÁ-roc

Glossário

A LÍNGUA ANTIGA

Adurna thrysta – Atirar água

Atra esterní ono thelduin – Que a boa sorte te acompanhe

brisingr – fogo

Dauthdaert – Lança da Morte: nome dado às lanças dos Elfos,
forjadas para matar dragões

deyja – morre

drahtr – puxar

Du Eld Draumar – Os Velhos Sonhadores

Du Fells Nángoröth – As Montanhas Malditas

Du Vrangr Gata – O Caminho Errante

Du Waldenvarden – A Floresta Guardiã

eitha – vai; sai daqui

Eka fricai – Sou um amigo

Eldunarí – O coração dos corações; uma pedra como que preciosa na
qual os dragões podem armazenar as suas consciências

entha – quieto

flauga – voa

flautja – flutua

flautr – flutuador

gedwëy ignasia – palma da mão cintilante

Halfa utan thornessa fra joerda – Que este garfo não se parta

hvitra – branquear

Ílf adurna fithren, sving raehta – Se a água tocar, vira à direita

Ílf kona thornessa thar fithrenar, thae stenr jierda – Se esta mulher
tocar aqui, parte pedra

islingr – portador da luz/o que ilumina

islingr – liberdade
jierda – quebra; ataca
kverst – corta
Kvetha Fricai – Saudações, Amigo
ládrin – abre
Lethrblaka – membrana de couro
letta – parar
líjothsa – luz
lyftha – levantar
maela – silêncio
naina – faça-se luz
reisa – erguer
Reisa adurna fra undir, un ílf fithren skul skulblaka flutningr skul eom
edtha – Erguer água do fundo, e, se tocar em escama de dragão,
trazer escama até mim
skölir – escudo
slytha – dorme
sving – virar
Thrífa sem knífr un huilðr sem konr – Apreender aquela faca e agarrar
aquele homem
thrysta – atirar
Thrysta vindr – Comprimir o ar
vindr – vento; ar
Vindr thrysta un líjothsa athaerum – Comprimir o ar e reunir a luz
Wáise heill – curar
Wiol on – Para ti
zar’roc – miséria

A LÍNGUA DRAUMAR

mehtra – mãe
sehtra – filho

A LÍNGUA DOS ANÕES

Arngor – Montanha Branca
barzûl – amaldiçoar alguém com má sorte
Beor – urso das cavernas (empréstimo da Língua Antiga)
Fanghur – criaturas semelhantes a dragões, nativas das Montanhas
 Beor, mais pequenas e menos inteligentes do que os dragões;
 aparentados com os Nidhwal
Farthen Dûr – Nosso Pai
goroeth – lugar
Môgren – árvores coníferas de agulhas pretas, nativas das Montanhas
 Beor, conhecidas pela sua madeira dura e densa
Tronjheim – Elmo de Gigantes

URGALÊS

chukka – criatura semelhante à marmota, nativa da zona norte da
 Espinha
ghra – exclamação usada para exprimir dúvida ou uma certa
 desaprovação
gzja – exclamação usada para exprimir desprezo
qazhqargla – ritual que une dois Urgais como irmãos de sangue;
 também se pode referir aos próprios irmãos de sangue
shagvrek – antiga raça de sem chifres
shûkva – curar
ûhldmaq – Urgais que, segundo a lenda, foram transformados em
 ursos das cavernas
Uluthrek – Devoradora da Lua
Urgralgra – nome que os Urgais dão a si mesmos (literalmente «os
 que têm chifres»)
zhar – aleatoriedade

Runas humanas

Na imagem que se segue, o leitor pode ver o sistema de runas tal como era empregado pelos humanos de Alagaësia na época em que se desenrola esta história. Há exceções ao seu uso – sobretudo entre as tribos errantes dos confins do sul e das grandes pastagens a leste –, mas são estas as runas que se pode esperar encontrar mais frequentemente nos territórios ocupados por humanos.

Desconhece-se o génio originário por detrás deste sistema, e provavelmente permanecerá para sempre perdido nas profundezas do tempo. É possível que não seja apenas um indivíduo o responsável e que este modo de escrever tenha surgido através de uma amálgama de acidente e exigência – em vez de ser montado por um desígnio consciente –, da mesma forma que se juntam destroços de origens diferentes numa mesma costa pedregosa.

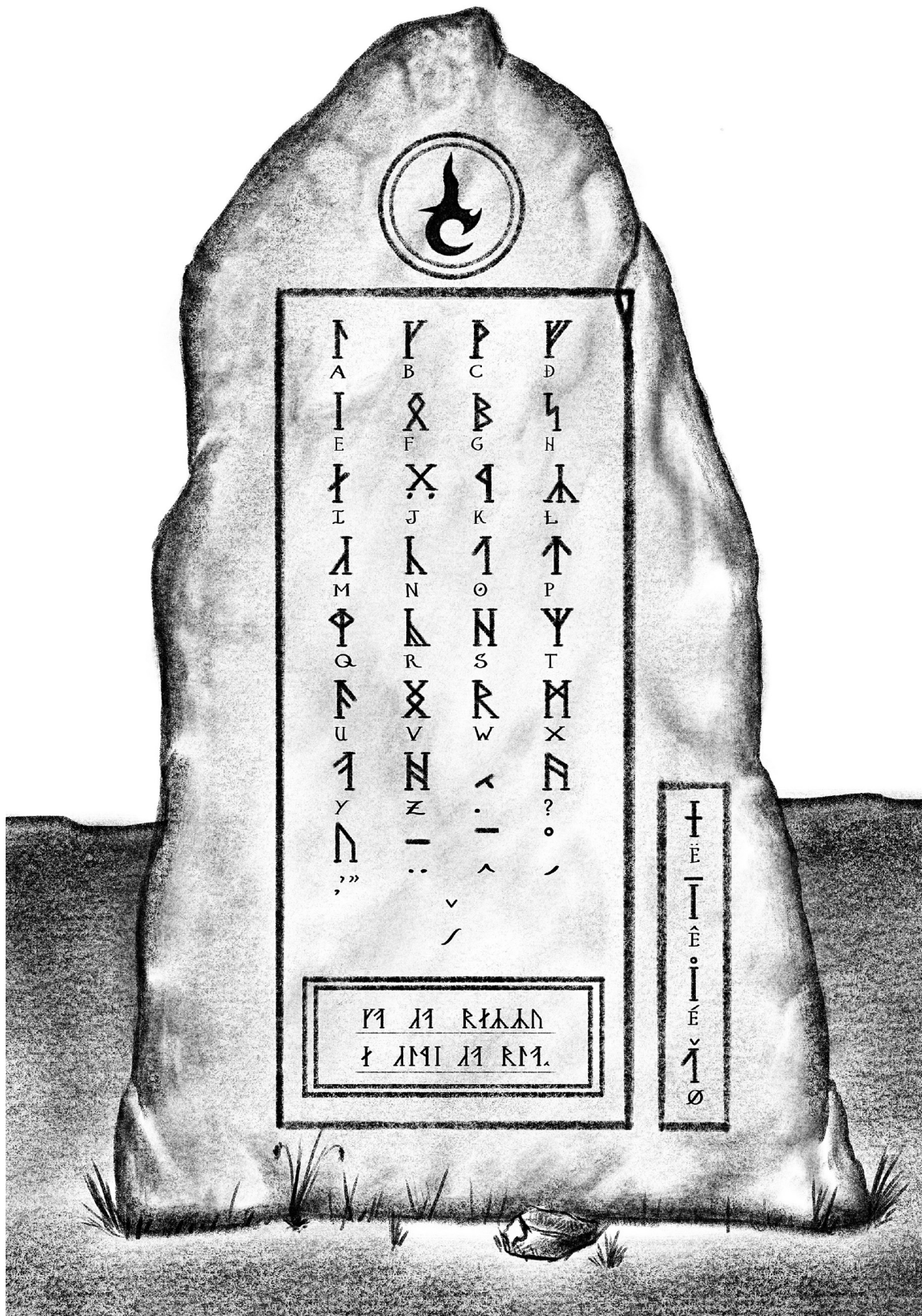
As runas são referidas através de muitos nomes, mas o principal é o Ullmark. Antes da chegada da humanidade às margens de Alagaësia, a sua raça era muito mais selvagem e inculta do que nas últimas eras, e eles empregavam um sistema totalmente diferente para registar informações, o que tem mais semelhanças com os estandartes de nós dos Urgais do que com qualquer modo de escrita nativo de Alagaësia. Desse sistema anterior, poucos exemplos sobram – restos e fragmentos espalhados por túmulos em ruínas e fortes há muito abandonados –, pois, sob a liderança do rei Palancar e dos seus muitos e diversos sucessores, os humanos rapidamente adotaram e adaptaram as runas dos anões, conhecidas como Hruthmundvik.

Os humanos, fiéis à sua natureza, não tiveram grande preocupação com a fidelidade aos Hruthmundvik e alteraram e reorganizaram livremente as runas para atender às necessidades da sua própria língua, chegando ao ponto de inventar runas de raiz. Ainda assim, permanecem algumas semelhanças. As runas para os sons *g*, *k*, *m*, *n* e *y* são as mesmas tanto no

Ullmark quanto no Hruthmundvik, embora o Ullmark contenha várias runas únicas, bem como runas para sons não encontrados na Língua dos Anões, como os do *p* e do *x*. Além disso – e aqui a mão de um ou mais escribas parece evidente –, runas de formas semelhantes foram atribuídas a sons que, de igual modo, possuem uma grande semelhança entre si. Assim, o espelhamento ou eco entre: *a* e *o*; *u* e *y*; *c*, *k* e *q*; *s* e *z*; *b* e *d*; *f* e *v*; e *m* e *n*. Desta e de outras peças de informação podem ser extraídas certas pistas sobre a pronúncia da língua humana no tempo do rei Palancar.

Para uma compreensão geral, todas as palavras (e alguns dos nomes) nos mapas deste volume foram traduzidas para línguas atuais e escritas como tal ou transliteradas para o Ullmark para ajudar a transmitir a aparência e o ambiente adequados do mundo de Murtagh.

Quanto à linguagem real que os humanos de Alagaësia usam, é uma questão a ser examinada noutro lugar e momento.



Posfácio e Agradecimentos

Kvetha Fricai. Saudações, Amigos.

Conseguiram. Parabéns. Respirem fundo, levantem os pés junto à lareira, deixem as emoções assentar. Espero que este relato da jornada de Murtagh vos tenha afetado tanto quanto me afetou a mim.

Talvez tenham algumas perguntas. Permitam-me que tente umas quantas respostas...

A inspiração inicial para Murtagh veio, de todos os lugares possíveis, de um *tweet*. Há alguns anos, quando eu estava a meio da reescrita do livro *Dormir num Mar de Estrelas*, um fã perguntou-me o que estava Murtagh a fazer naquele momento. Já passava da hora de dormir, eu estava um bocadinho ensonado e, como resultado, respondi da seguinte forma:

A certa altura (depois de *Herança*), Murtagh encantou um garfo de modo a ser tão letal como qualquer espada. Chamou-lhe Sr. Espetadela. Thorn não achou graça.

Por mais absurda que fosse, a ideia ficou comigo e, em 2018, quando decidi terminar uma coletânea de contos passada em Alagaësia, lembrei-me daquele *tweet*. Com alguma adaptação, serviu de base para a primeira história do que se tornou *O Garfo, a Bruxa e o Dragão*, o primeiro volume das *Histórias de Alagaësia*. (Haverá um segundo volume? Sem dúvida.)

Essa história, como muitos leitores se lembrarão, foi escrita do ponto de vista de Essie, não de Murtagh, mas, mesmo assim, senti o esboço de uma história maior formar-se a partir desse núcleo, que poderia servir como um regresso adequado e em tamanho real a Alagaësia.

E assim foi. Depois de *Dormir num Mar de Estrelas* ter sido finalmente lançado e de ter passado alguns meses a rever e editar *Fractal Noise* (uma prequela de *Dormir num Mar de Estrelas* que escrevi originalmente em 2013), senti-me pronto para regressar a Alagaësia.

À medida que desenvolvia o enredo e aprofundava cada vez mais as personagens de Murtagh e Thorn, encontrei um terreno fértil em que trabalhar. De facto, a riqueza surpreendeu-me. A minha primeira conceção de *Murtagh* estava mais de acordo com o tipo de romance de aventura antiquado que Edgar Rice Burroughs poderia ter produzido (e de que ainda gosto muito).

No entanto, quanto mais pensava, tramava e escrevia, mais pena sentia de Murtagh e Thorn e mais percebia que este livro oferecia uma oportunidade perfeita para explorar as questões com as quais eles estavam a lidar após os eventos do *Ciclo da Herança*, bem como as da própria infância trágica de Murtagh.

A escrita em si prosseguiu com agradável rapidez. Ter um plano claro faz toda a diferença. Comecei em outubro de 2021, e o primeiro rascunho estava pronto a 30 de janeiro de 2022. Não é muito mau. É claro que houve ajustes, mudanças e edições a seguir, mas as principais peças estavam no seu lugar.

Gostei muito de voltar a Alagaësia com mais doze anos de vida e experiência de escrita no meu currículo. E, tal como em *O Garfo, a Bruxa e o Dragão*, visitar essas personagens pareceu-me um regresso a casa depois de uma longa ausência. Foi bom para a minha alma, é o que estou a tentar dizer. Lançar este livro no ano do vigésimo aniversário de Eragon não faz que adoçar a experiência.

Agora, há dois pontos adicionais que precisam de ser abordados:

Primeiro, embora *Murtagh* surja como uma entrada independente neste mundo, os leitores sem dúvida notarão que certas histórias estão longe de concluídas. É intencional, e, embora eu não possa revelar os meus planos exatos neste momento, fiquem tranquilos, pois tenho muito mais para escrever em Alagaësia (e arredores).

Em segundo lugar, embora *Murtagh* seja o quinto romance completo que escrevi neste mundo, não é o Livro V. Ou melhor, o livro que sempre pensei como Livro V. Essa história em particular passa-se um pouco antes, e ainda tenho toda a intenção de a escrever.

Então, sim, há muito mais por vir, tanto em Alagaësia quanto no Fractalverso. Tenho histórias para contar, pessoal!



Como todos os romances que escrevo, Murtagh não teria sido possível sem a ajuda de muitas pessoas. Alguns de vós estão cá desde o início; outros são novos na equipa. Contudo, juntos, devo graças a:

Em casa: À minha esposa, Ash, pelo seu amor e apoio e por me dar o tempo e o espaço de que eu precisava para escrever, editar e promover *Murtagh*. Obrigado! Sei que foi difícil. Além disso, aos nossos dois filhos, que, embora não entendessem o que eu estava a fazer, me deram uma imensa alegria todos os dias.

À minha mãe, pelo seu olhar aguçado no que toca à edição, bem como por ajudar com os negócios e a família. E ao meu pai, por manter tudo em funcionamento, mês após mês, para que eu pudesse ficar de cabeça enfiada no livro.

Às minhas assistentes impressionantemente competentes, Immanuela e Holly, pelos seus próprios comentários editoriais (muito úteis), bem como todo o trabalho árduo em *sites*, redes sociais, *merchandising* e muito mais. Nada disto era possível sem vocês!

Na Writers House: Ao Simon Lipskar, por ser um agente maravilhoso. Vinte anos, e continuamos juntos! Brindemos a mais vinte. (Ainda lhe devo um jantar de *sushi* por perder a aposta de que conseguiria que este livro tivesse menos palavras que o *Eragon*.)

Também à assistente de Simon, Laura Katz, que faz um excelente trabalho ao facilitar todo este processo. E, claro, muito apreço a Cecilia de la Campa e toda a equipa de direitos da Writers House, por garantir todos os muitos contratos de publicação para *Murtagh* em todo o mundo.

Na Knopf/Random House Children's Books: Em primeiro lugar, à minha incrível editora, Michelle Frey. O seu conhecimento íntimo de Alagaësia e das personagens que a povoam ajudou-me a elevar este livro além do que

eu pensava ser possível. Estou para sempre em dívida para consigo. Nenhum autor poderia pedir uma melhor relação de trabalho. É difícil acreditar que temos a sorte de ainda estar a fazer isto passado tanto tempo.

Também na Edição: À diretora editorial da Knopf, Melanie Nolan, a Andriannie Santiago e à leitora veterana Michele Burke.

Revisão: Ao incomparável Artie Bennett, à dedicada e olho-de-águia Alison Kolani, a Janet Renard e a Amy Schroeder (mestres de toda a gramática, pontuação e continuidade).

Gestão editorial: A Janet Foley e a Jake Eldred, heróis na gestão (e regestão) de todas as partes móveis necessárias para manter o livro no caminho certo.

Design: A April Ward e a Michelle Crowe (o livro é lindo, por dentro e por fora!).

Marketing: A John Adamo, a Kelly McGauley, a Jules Kelly, a Regina Andreoni, a Katie Halata, a Mike Rich, por terem idealizado uma campanha que excedeu em muito a fasquia já elevada que estabeleceram com o *Ciclo da Herança*.

Produção: A Tim Terhune – As minhas desculpas por cortar coisas tão perto do fio. É só para o manter alerta!

Publicidade: Aos incansáveis Dominique Cimina e Josh Redlich, pelo seu entusiasmo e energia em divulgar *Murtagh*.

Editora: À editora da RHCB, Barbara Marcus, à minha amiga de longa data e defensora Judith Haut (que viagem desde Luling!), a Gillian Levinson, a Erica Henegen e a Rich Romano, por ajustarem toda a logística editorial.

Vendas: A Amanda Close, a Joe English e a toda (a *incansável*) equipa de vendas. Das grandes às pequenas lojas e passando por todos os intermediários, obrigado por me acolherem há tantos anos. Murtagh e Thorn não poderiam estar em melhores mãos.

E há *muito* mais pessoas na RHCB que trabalharam no *Ciclo da Herança* e no *Mundo de Eragon* ao longo dos anos, e que contribuíram para *Murtagh*, especificamente. Um verdadeiro exército, na verdade. Os meus sinceros agradecimentos a cada um de vós. Estou imensamente grato pelos vossos esforços. Nada disto seria possível sem vocês!

Agradecimentos especiais: A Rebecca Waugh, Amanda D’Acierno, Orli Moscowitz e Taro Meyer, na Listening Library, pelo seu trabalho na produção e gravação do audiolivro. E, claro, a Gerard Doyle, que voltou a narrar *Murtagh*, tal como narrou todo o *Ciclo da Herança*. Que mimo!

A música é para um audiolivro o que os mapas e ilustrações são para a versão impressa, e Malte Wegmann fez um trabalho maravilhoso dando vida a Alagaësia no audiolivro através das suas composições (poderão encontrar as faixas *online* gratuitamente). Já são três livros seguidos, Malte!

A John Jude Palencar, por mais uma vez produzir uma pintura deslumbrante para enfeitar a capa do meu livro. É a... décima (?) pintura que faz para mim ao longo dos anos (houve muitas capas alternativas e peças de arte interior). Que privilégio.

E por último, mas não menos importante, a Alex Lopez, Mike Macauley, Hellomynameis99, ibid-11962 e a todos os outros leitores que tanto fizeram pelo *fandom* do *Ciclo da Herança*. Vocês ajudaram a promover uma comunidade animada, acolhedora e próspera, e estou-vos muito agradecido.



Ora bem. Mais uma vez, chegámos ao fim do caminho. Um enorme obrigado a vocês, meus fiéis leitores, por se juntarem a mim nesta jornada.

Foi uma honra e um prazer. Espero que a vida vos trate bem e que derrotem tudo o que possa vos atrapalhar no escuro. Lembrem-se de que não estão sozinhos. Cada um de nós tem uma luz dentro de si, e é importante partilhar essa luz com os outros.

Avancem, sejam incríveis e, como sempre... *Atra esterní ono thelduin*.

Christopher Paolini
7 de novembro de 2023

Table of Contents

1. [Ficha Técnica](#)
2. [Dedicatória](#)
3. [O mundo de Eragon](#)
4. [Premissa](#)
5. [PARTE I: Ceunon](#)
 1. [Capítulo I: Maddentide](#)
 2. [Capítulo II: O Fulsome Feast](#)
 3. [Capítulo III: Garfo e lâmina](#)
 4. [Capítulo IV: Conclave](#)
 5. [Capítulo V: Voo de dragão](#)
6. [PARTE II: Gil'ead](#)
 1. [Capítulo I: Território hostil](#)
 2. [Capítulo II: Perguntas para uma gata](#)
 3. [Capítulo II: Criaturas tumultares](#)
 4. [Capítulo IV: Histórias de pesca](#)
 5. [Capítulo V: Muckmaw](#)
 6. [Capítulo VI: Trabalhar no duro](#)
 7. [Capítulo VII: Em abono das mentiras](#)
 8. [Capítulo VIII: Máscaras](#)
 9. [Capítulo IX: Uniformes](#)
 10. [Capítulo X: Lenta e furtivamente...](#)
 11. [Capítulo XI: A porta de pedra](#)
 12. [Capítulo XII: Caminhos para a escuridão](#)
 13. [Capítulo XIII: Confronto com uma gata](#)
 14. [Capítulo XIV: Duelo de inteligências](#)
 15. [Capítulo XV: A caixa emaranhada](#)
 16. [Capítulo XVI: Rescaldo](#)
 17. [Capítulo XVII: Exílio](#)
7. [PARTE III: Nal Gorgoth](#)
 1. [Capítulo I: A aldeia](#)
 2. [Capítulo II: Bachel](#)

3. [Capítulo III: A Torre de Flint](#)
4. [Capítulo IV: Sonhos e augúrios](#)
5. [Capítulo V: Recitações de Fé](#)
6. [Capítulo VI: A Corte dos Corvos](#)
7. [Capítulo VII: Presa e lâmina](#)
8. [Capítulo VIII: Misericórdia da Mãe](#)
9. [Capítulo IX: Ponto de rutura](#)
10. [Capítulo X: Reviravolta](#)
11. [Capítulo XI: Expectativa](#)
12. [Capítulo XII: O mau «dorme bem»](#)
13. [Capítulo XIII: Pesadelo](#)
14. [Capítulo XIV: Uvek](#)
15. [Capítulo XV: Obliteração](#)
16. [Capítulo XVI: Sonhar acordado](#)
17. [Capítulo XVII: Fragmentos](#)
18. [Capítulo XVIII: Infalível](#)
19. [Capítulo XIX: Escolhas](#)
20. [Capítulo XX: Qazhqargla](#)
21. [Capítulo XXI: Uma questão de Fé](#)
22. [Capítulo XXII: Fumo negro](#)
23. [Capítulo XXIII: Fogo e vento](#)
24. [Capítulo XXIV: Grieve](#)
8. [PARTE IV: OTH ORUMN](#)
 1. [Capítulo I: Criaturas das trevas](#)
 2. [Capítulo II: Liberdade da miséria](#)
 3. [Capítulo III: Resistir](#)
 4. [Capítulo IV: Islingr](#)
9. [PARTE V: REUNIÃO](#)
 1. [Capítulo I: Aceitação](#)
10. [APÊNDICE](#)
 1. [Nomes e Línguas](#)
 2. [Pronúncia](#)
 3. [Glossário](#)
 1. [A LÍNGUA ANTIGA](#)
 2. [A LÍNGUA DRAUMAR](#)
 3. [A LÍNGUA DOS ANÕES](#)

4. [URGALÊS](#)
11. [Runas humanas](#)
12. [Posfácio e Agradecimentos](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)
4. [Glossary](#)
5. [Acknowledgments](#)